(CS) BECKER – Capital humano – Neo-feudalismo – Mercado de órgãos.

Gary Becker – Capital humano – Neo-feudalismo.

Escola de Chicago.

"Capital humano" (1964). Escreve "Human Capital" (1964), que se torna uma referência durante muitos anos.

Capital humano meio físico de produção. Capital humano na mesma categoria que os "meios físicos de produção", por ex., fábricas e máquinas.

Forma de propriedade, substituível mas não transferível. Ou seja, capital humano é uma forma de propriedade, um meio de produção, onde investimento adicional dá rendimentos adicionais. Pode-se investir em capital humano (através de educação, formação, tratamento médico) e os rendimentos dependem em parte do retorno dado pelo capital humano que é detido, propriedade. É substituível, mas não transferível, como terra ou máquinas – um conceito interessante, no novo feudalismo.

Gary Becker – Capital humano – Nobel da Economia 1992.

Nobel, a premiar doutrina do capital humano. Nobel Memorial Prize in Economic Sciences, 1992 a premiar a doutrina do capital humano.

Gary Becker – Capital humano – Mercado de órgãos.

Leva a teoria do capital humano à conclusão óbvia. Gary Becker & Julio Elias, "Introducing Incentives in the market for Live and Cadaveric Organ Donations".

Mercados de órgãos, derivativos. De modo consistente com a ideia de capital humano, uma das grandes propostas desta pessoa é a de montar um mercado livre para órgãos humanos. Ou seja, bancos e companhias de seguros também podem montar um negócio de derivativos nessa área, onde inúmeras pessoas pobres venderiam os seus rins e sabe-se lá o que mais, em troca de subsistência para uns poucos meses.

China na ponta de lança desta área inovadora e vibrante. O Sudeste Asiático já está na ponta de lança desta área vibrante de negócio, onde o estado chinês já funciona como "facilitador privilegiado" para um mercado de órgãos, a partir dos órgãos de prisioneiros políticos.

BM

(CS) Escola de Chicago – LSE – Utilidade racional egoísta.

Os “austríacos de Von Mises, Hayek, etc.

Austríacos mas acima de tudo ingleses, LSE. São “austríacos” o que é pervertido o suficiente per se, mas também são ingleses, o que é mais; nomeadamente, representam a London School of Economics.

Experiência a estourar e a corporativizar países, como Chile. Têm bastante experiência a estourar e a fascizar países, como acontece, por exemplo, com o Chile.

Utilitarismo egoísta como paradigma comportamental. A escola que procura reduzir o comportamento humano a julgamentos egoístas de maximização de utilidade.

(CS) FOGEL – Escravatura.

Robert Fogel – Comunista – Nobel 1993 – Escravatura.

Passado comunista. Passado comunista, com a American Youth for Democracy, e como organizador para o Communist Party.

Nobel da Economia 1993, com Douglass C. North. 1993 Nobel Memorial Prize in Economic Sciences.

Análise histórica quantitativa. Prémio recebido por «*for having renewed research in economic history by applying economic theory and quantitative methods in order to explain economic and institutional change*»

Escravatura como modelo económico eficiente. Que tipo de trabalho está aqui em causa? Bom, a magnum opus de Fogel é “Time on the Cross”.

Civil Rights Act 1964. Publicado uma década após o Civil Rights Act de 1964.

Charlatanismo e manipulação de variáveis. Charlatanismo estatístico, incluíndo a manipulação de variáveis, como mencionado por Herbert Gutman em “Slavery and the Numbers Game” (1975).

Advocacia da escravatura como modelo vibrante, lucrativo, eficiente. Este parece ser um dos grandes focos de preocupação. O livro tenta provar que a escravatura era uma instituição económica lucrativa, vibrante, eficiente. A produção é racionalmente organizada por forma a maximizar a produtividade. Economicamente eficiente, especialmente para produção de bens em larga escala, como algodão, açúcar e café. As grandes plantações de escravos eram mais eficientes e produtivas que as pequenas quintas familiares.

Escravatura era humanitária qb. Fogel assevera que muitos escravos eram encorajados a casar e até a ter as suas pequenas casas, com pequenos jardins. Tinham boas dietas e bons cuidados de saúde. Após a emancipação, a esperança de vida dos escravos diminuiu em 10%, e o nível de doenças aumentou em 20%.

Práticas de RH – Trabalho em equipa, capatazes, etc. Trabalho em equipa, monitorizado de perto. Mais eficiente que trabalho baseado em tarefas específicas (como o sistema industrial, de oficina, ou de quinta pequena). Um dia de descanso para repor energias aumenta a eficiência do escravo. Muitos escravos eram escolhidos para ser capatazes.

O tipo de paradigma premiado na economia global – Benchmark para o século 21.

Robert William Fogel & Stanley L. Engerman (1974). “Time on the Cross: The Economics of American Negro Slavery”. Little, Brown and Company.

ANOS 70 – A corporação multinacional

É um braço técnico especializado da banca.

Corporações crescem em redor dos bancos – crédito ilimitado. Estas corporações cresceram em redor dos bancos, e têm acesso a crédito ilimitado por parte das casas-mãe.

Braços especializados para sectores específicos. São braços especializados que se debruçam sobre mercados específicos.

Protagoniza o processo de globalização.

Controla vastas quantidades de recursos naturais. O comércio mundial é dominado pelas corporações multinacionais, que controlam vastas quantidades de recursos naturais.

Controla circuitos económicos, globais e regionais, bem como R&D. Monopoliza a produção de bens e os circuitos económicos que são vitais às nossas vidas diárias, tal como comida e energia, e domina a pesquisa e desenvolvimento de nova tecnologia.

Descendente directa das companhias mercantis e de monopólio.

As novas Companhias das Índias.

Mesmo conceito – por vezes, a continuação directa. O conceito da multinacional é precisamente o mesmo que estava em vigor com as velhas companhias mercantis e de monopólio. Em muitos dos casos são, aliás, as mesmas (ou descendentes directas) dessas antigas companhias, criadas na Europa e na América do Norte durante a expansão da banca.

Entidades para-estatais, globais, com aparatos de segurança privados. São, portanto, entidades com poder paralelo (geralmente superior) ao do estado, com forças de segurança privadas, e estatutos comerciais de privilégio.

Visa corporativismo – Não é uma entidade competitiva – Prefere PPPs.

Visa controlo económico exclusivo sobre circuito económico. São entidades que visam controlo económico exclusivo sobre os aparatos de produção e de comércio.

Envolve-se na vida política e regulatória – procuram ditar termos ao estado-nação. Para assegurar o estabelecimento de mercados cativos, envolvem-se na vida política e regulatória, estabelecendo alianças com as autoridades regulatórias – nacionais, regionais, globais. Chegaram ao ponto de ter a capacidade de impor abertamente termos a governos, nacionais e regionais – isto inclui as suas próprias condições tarifárias, estatutos de isenção fiscal, subsídios, condições regulatórias privilegiadas (por ex., de cartel ou monopólio), etc.

Prefere PPPs. Onde é assegurada à organização privada a concessão de direitos exclusivos de exploração comercial sobre X ou Y, e é assegurado que o sector público compensa prejuízos, preserva infrastruturas, e subsidia todo o esforço.

Corporativismo multinacional e regional. O que existe agora é uma forma de "corporativismo multinacional". Onde o estado (ou federação regional) e capital multinacional partilham controlo de cartel sobre valências económicas.

Corporativismo global – no futuro? Não é difícil antecipar um futuro no qual temos monopólios globais a assegurar a governância económica de sectores específicos de uma economia mundial unificada e integrada. Dentro em breve, apenas estas companhias e corporações globais, geridas pela elite anglo-europeia-americana, vão existir.

A economia morta-viva – Imagens

Omoletes e ovos [esquizofrenia]. Nestas alturas [austeridade] é costume dizer-se que não se fazem omoletes sem partir ovos. Ou seja, para obter as omoletes é preciso fazer todo o género de sacrifícios e ser muito austero, e isso é partir os ovos. O problema com estes cozinhados organizados pelos banqueiros é que as omoletes são obviamente reservadas aos rapazes no topo da mesa, e as cascas ressequidas são miseravelmente redistribuídas pelo resto. Depois, as pessoas são ensinadas a gostar das cascas, a acreditar que são nutritivas, e até a lutar entre si pelos pedaços maiores; e essa é a parte mais miserável de todas.

Enquanto o Titanic se afunda [esquizofrenia]. Enquanto o Titanic se afunda, o capitão foge para aquela ilha tropical com o ouro que ia a bordo, a tripulação pole o casco. Os passageiros são deixados a dançar no salão de bailes e lutam entre si, para ver quem fica com o melhor quarto e com a melhor mesa de jantar, num navio a afundar-se. É isto que acontece a uma sociedade esquizofrénica, em colapso.

A mentalidade da oligarquia [sociopatia]. Esta é a mentalidade da oligarquia. Dá-se-lhes um aperto de mão, e eles não se limitam a tirar o relógio de pulso, também vão ao colar de pérolas e aos brincos.

A economia morta-viva

O vampiro e a sua presa.

Se vampiro é convidado a entrar, pode sugar a sua vítima, torná-la numa serva. Nas velhas lendas de vampiros da Europa de Leste, o vampiro tem de persuadir a presa a convidá-lo a entrar em sua casa, na sua vida [sequências do Nosferatu][imagem de notas a serem passadas]. A partir do momento em que fosse convidado a entrar, podia chupar todo o sangue da sua vítima e fazer o que quisesse com ela. Depois, a vítima transformava-se numa escrava morta-viva, patética, servil e sem vontade própria, em tudo disponível para cumprir a vontade do seu mestre, o vampiro.

Chupar todo o sangue, deixar o cadáver, e o cadáver move-se nos termos do vampiro. Ou seja, a ideia é chupar todo o sangue, deixar o cadáver, e o cadáver move-se nos seus termos, como um morto-vivo.

Um morto-vivo – Ocidente passa a receber o tratamento de terceiro-mundo.

A sociedade morta viva é...

...transforma estado numa agência de saque e taxação.

Repressão de pequena e média iniciativa económica.

Morte do capitalismo industrial e da classe média. Ou seja, os últimos representantes institucionais de uma sociedade produtiva com algum carácter de mercado livre.

Níveis astronómicos de taxação. Sobre todas as classes, mas essencialmente sobre as classes médias e pobres, com impostos sobre produção e consumo.

Criminalização da vida diária, para taxação. A criminalização de tudo permite recolher fortunas em multas e taxas.

Artigos. If you've done nothing wrong, you have everything to worry about (Canadá); NYPD's 'Operation Sentinel' To Track EVERYTHING; Criminalizing everyone; The Criminalization Of Everyday Life

“Even your home garden’s gonna be against the law”.

...passa pelo saque e desmantelamento da estrutura de estado.

Serviços sociais são fechados.

Ex., saúde colapsa. Austeridade significa que a qualidade dos cuidados de saúde cai precipitosamente.

Privatização em massa do sistema, incluíndo PPPs.

Activos financeiros transferidos para privados (segurança social, etc). Activos financeiros com *alguma* viabilidade, como sejam fundos de pensões, fundos de segurança social, e outros seguros do âmbito público. Isto é feito em nome de resolver défices e problemas orçamentais – eufemismo para transferir esses fundos para os bancos.

Territórios, recursos naturais, infraestruturas, serviços, etc. As campanhas de privatização estão até mesmo a ser direccionadas para territórios, como Dover em Inglaterra e Corfu na Grécia.

Muitos países estão prestes a descobrir que têm bastantes recursos naturais. Muitos países ocidentais estão prestes a descobrir que têm bastantes minas por explorar, e outros recursos naturais. O que vai acontecer é que agora vão ser privatizados e explorados a condições de saldo.

... tem uma estrutura feudal-totalitária.

Estrutura sócio-económica corporativizada.

Vida económica dominada por monopólios e cartéis.

Economia trancada com aparato repressivo. Ou seja, ultra-regulação e saque.

Senhores feudais – classe intermédia imperial – Servos. No topo, temos os novos senhores feudais, e no fundo, os servos. Numa posição intermédia, uma classe intermédia de gestores e subgestores assalariados, que trabalham para os grandes grupos económicos e para as agências regulatórias que os servem. Esta classe intermédia, os guardiães, são o que resta da classe média, entretanto cooptada e transformada em funcionários imperiais.

...tem um discurso expiatório infantil e pré-fascista.

Ambiente mental infantil, pré-fascista, dominado por agitadores a contrato.

Desinformação distrai com pequenos factores, distraíndo de realidade mais lata. No panorama sócio-político de hoje, dominado/protagonizado por provocadores e facilitadores, e definido por campanhas de desinformação, é comum culparem-se as

crises económicas nos salários dos políticos, nos bónus dos banqueiros, ou em casos esporádicos de corrupção envolvendo esta ou aquela empresa, ou este ou aquele governo local. Mas estas coisas são brincadeiras de creche, comparadas com a real actividade predatória que define o sistema bancário em si.

Retórica anti-parlamentar, anti-política.

Casos esporádicos de corrupção.

Culpar população – excesso de benefícios, "boa vida", etc.

...uma sociedade tecnocrática, unida [autoritária].

Crescente autoritarismo de estado.

Unidade nacional, tecnocracia, etc. Num país sul americano é possível usar ditadores militares, mas no mundo ocidental a situação é mais complexa. Especialistas técnicos, tecnocratas, comités especiais de peritos, vindos directamente dos quadros dos bancos, é um sistema que funciona melhor com a psique europeia e americana.

→ O exemplo da tecnocracia italiana, sequela lógica do Machtergreifung. A consagração de um governo anti-democrático em Itália, com tecnocratas a assumirem as rédeas do poder, para atalharem os veios de transmissão, é apenas outra sequela disto.

Os lobos colocam as suas próprias crias a gerir o galinheiro. Este é o padrão do futuro, em que os lobos colocam as suas próprias crias na gestão do galinheiro, sob títulos pomposos como "tecnocracia".

...uma sociedade austera.

...é dominada por fome, miséria, doenças, desespero, destituição social.

À medida que as velhas estruturas sócio-económicas colapsam.

...é uma sociedade degradada – tudo colapsa.

Degradação infraestrutural. Comunidades e infra-estrutura local são destruídas, e tudo o que fica no caminho são destroços humanos.

...o colapso é acompanhado de bastante diversão e entretenimento.

Distracção, diversão, distrair e divertir a atenção do adversário. Este é um processo gradual e, durante todo o processo, há muita diversão, e diversão é um termo com origens militares: significa distrair o adversário. E isso é feito com muito desporto, muita televisão, muito sexo.

...um sítio onde a vida humana é barata.

A vida humana torna-se um mercado – à venda por desespero.

Corpo, partes do corpo e alma. Vender o corpo (prostituição), partes do corpo (órgãos), ou até a própria alma (espionagem civil).

...um sítio onde a vida humana é barata [idosos].

Deixa de ser rentável cuidar de idosos.

Reformas são necessárias para apostar em derivativos sobre seguros de vida. Austeridade significa que os idosos deixam de ter direito a reformas – porque a banca de investimento precisa desse dinheiro, para apostar em derivativos sobre seguros de vida.

"Geriatric deadbeats" – FMI declara guerra aos idosos ocidentais. Dentro deste panorama, o FMI publica artigos genocidas como "Geriatric Deadbeats". Segundo este artigo, a principal ameaça para o FMI são os idosos e reformados de cada país, que contam ter o direito de receber aquilo para que descontaram toda a vida: pessoas ingratas esperam realmente vir a receber reformas, cuidados de saúde, em vez de se aceitarem sacrificar por Wall Street. E que, portanto, podem vir a bloquear pagamentos de "dívidas" ao sistema bancário internacional. Ao contrário das gerações mais jovens que têm a tendência de ser mais dóceis e domesticadas com este género de coisas.

...um espaço onde a mão-de-obra é barata, medievalizada – "Arbeit macht frei".

Sindicatos anulados, quebra radical das condições laborais. Quebra definitiva dos sindicatos, que são tornados irrelevantes. Salários baixos, benefícios e prestações cada vez mais próximos do zero, quebra de cuidados de saúde. A idade de reforma aumenta.

Novos normais – desemprego e precariedade. Os novos normais passam a ser desemprego (a taxa de desemprego explode), e uma força de trabalho barata e desesperada.

Trabalhos não-remunerados voltam a ser uma opção. "*Unpaid jobs, the new normal*" – um regresso a padrões medievais. Uma outra marca da medievalização do sistema é a

proliferação acelerada de estágios não-remunerados, à semelhança dos velhos trabalhos de aprendiz servil.

Neo-medievalismo – aprendizado e servilismo feudal. Feudalismo financeiro e empresarial, com os trabalhadores na vez de servos. Medievalização da força de trabalho, com a quebra radical das condições laborais.

Sequências naturais disto – trabalho comunitário, dormitório colectivo, Arbeitslager.

Mas existem sempre apelos à "procura de sucesso" – "Arbeit macht frei". Apelos à procura de "sucesso" aumentam sempre em eras de decadência geral. Servem como soporífero, a ilusão calmativa. Fórmula essencial usada durante decadência das economias ocidentais.

Ghent – "the extolling of individual "success". «*A powerful auxiliary to the preaching of the sanctity of custom is the extolling of individual "success." At the very time when socio-industrial processes are settling to a fixed routine and socio-industrial forms to a fixed status, when day by day there is found less room at the top and more room at the bottom, the chorus of exhortation to the men of the land to bestir themselves reaches its highest pitch. Meddle not with custom and the law, is the injunction; leave those to abler and wiser heads meaning, of course, the present formulators and manipulators thereof… Meddle not with things as they are, but while your companions sleep, "toil upward in the night," and carve out a career for yourself among the stars. Put no faith in general social changes, except such as result from the combined effect of each unit concerning himself solely with his own material salvation*» William James Ghent (1902). "Our Benevolent Feudalism". London, NY: Macmillan.

...incentiva caos e tumulto no domínio público.

Motins de rua, violência urbana, conflitos étnico-religiosos. Significa que conflitos étnicos e religiosos começam a expressar-se na forma de motins de rua e de violência urbana.

Conflito é incentivado, para facilitar saque e neo-feudalização. Durante todo este processo, um tumulto continuado alimenta o saque do sistema financeiro. Ou seja, confusão e caos são incentivados, na sociedade, para permitir o saque da economia. Dividir para reinar.

Securitização acolhida por população, e depois tranca-a com aparato repressivo. Depois, o que resta de uma classe média, assustada exige segurança, e o estado privatizado fica feliz em dar, essa segurança – na forma de esquadrões de polícia militarizada. A iniciativa popular é trancada, e até proscrita, sob repressão de estado policial.

...incentiva caos e tumulto em relações externas.

Ou seja, conflitualidade crescente entre sociedades e nações.

A primazia do capital financeiro na globalização

Capital financeiro domina globalização.

Fluxo de capitais é o sangue da economia mundial. O mundo é completamente dependente do fluxo de capitais, que é o sangue do próprio sistema.

Grandes potências mundiais – Consórcios financeiros, megabancos. As grandes potências já não são países, mas sim os conglomerados financeiros que dominam este fluxo, e os seus canais e veios de transmissão. As firmas de investimento continuam a ter supremacia, e mega-bancos dominam o panorama económico e geopolítico de todas as regiões do planeta. Esse domínio estende-se ao mundo inteiro, e é isso que se chama globalização.

Gigantesca estrutura de controlo sobre fluxo mundial de capitais. Este domínio marca a existência de toda uma gigantesca estrutura de controlo sobre o fluxo de capitais pelo mundo fora.

Sistema global de duas classes – acompanha distribuição de *net worth*.

Pequena oligarquia domina a vasta maioria da riqueza. O mundo actual tornou-se aquilo que pessoas como Lincoln temiam. Uma pequena elite domina a vasta maioria da riqueza, na forma de acções, obrigações, propriedade, recursos naturais, bens tecnológicos e industriais, e outros investimentos.

Mais de 90% da população não tem *net worth*, apenas papel. Por contraste, mais de 90% da população não tem qualquer valor agregado de mercado, ou *net worth* – apenas dívidas e valores de papel, baseados em papel.

A globalização financeira tem uma hierarquia.

City, Wall Street, Paris, Frankfurt, Genebra. Os centros essenciais.

(1) Firmas de investimento.

(1a) Megabancos, seguradoras, hedge funds.

(2) BIS – Banco Mundial – FMI – OCDE. Neste ponto, relembre-se que o BIS foi criado com a colaboração de banqueiros nazis antes da II Guerra Mundial.

(3) Bancos Regionais de Reconstrução e Desenvolvimento.

(4) Bancos centrais regionais.

(5) Bancos centrais nacionais.

O BIS é o epicentro tectónico do sistema financeiro internacional.

Agência privada que funciona como a cabeça do sistema. O Banco é uma agência privada que funciona como a cabeça do sistema. Este Banco de Acordos Internacionais, na Suiça, é o centro do sistema de governação económica internacional, estabelecido em parceria com banqueiros nazis, antes da guerra.

Coordena acções de bancos centrais e agências financeiras (FMI, OCDE, BM).

É instrumental em várias catástrofes financeiras globais desde anos 30. É aqui que começam todos os terramotos catastróficos que devastaram economias e sociedades, desde os anos 30.

Globalização → Interdependência → Dependência total.

Globalização significa interdependência – dependência total. Globalização significa interdependência económica global que, por sua vez é a negação de auto-suficiência nacional, significando dependência total.

Interdependência significa que nenhum país pode ser auto-suficiente, em nada. A ideia de auto-suficiência nacional foi rejeitada em prol da noção mercantilista de interdependência internacional. Nenhum país pode ser auto-suficiente em nada e para nada. Não se pode alimentar sozinho, não pode cuidar sozinho de si próprio, não pode produzir ou distribuir sozinho, etc.

Dependência face à comunidade global. O estado-nação tem de tornar-se completamente dependente da "comunidade global" para tudo.

Agências financeiras e de governância são mediadoras e árbitras. Ou, arbitrárias. Tudo tem de ser feito através de agências e mediadores financeiros.

Strands, networks, webs of cooperation [predador]. Esta linguagem é tão usada que dir-se-ia que existe algum predador envolvido [ou, veneno no final] e sem dúvida, existe mesmo.

O estado neo-colonial, subordinado à alta finança – Lionel Curtis.

Na economia global, todos os estados-nação são subordinados à alta finança. Todos os estados estão em dependência e subordinação para com banca. Ou seja, todos são, de uma forma ou outra, estados neo-coloniais, controlados de uma forma mais ou menos directa por consórcios bancários.

Aquisição de controlo sobre líderes políticos dos países recipientes. A aquisição de controlo efectivo sobre os líderes políticos dos países recipientes, à medida que se tornam dependentes do fluxo de dinheiro.

Estado neocolonial pode ter muitos mestres – FMI, consórcios, multinacionais. O estado neocolonial pode ter muitos mestres: o FMI, governos ocidentais, consórcios bancários, corporações multinacionais.

3º mundo – Descolonização abre portas a neo-colonialismo financeiro. O estado neo-colonial é aparentemente soberano mas dirigido a partir de fora. Os países de 3º mundo foram mantidos "cooperantes" através da substituição do velho colonialismo por neo-colonialismo. Formalmente, o estado neo-colonial é politicamente independente mas, na realidade, o seu sistema económico e consequentemente a sua política económica é dirigida a partir de fora.

Lionel Curtis, o ideólogo de descolonização deste estado de coisas. O ideólogo deste estado de coisas foi Lionel Curtis, o Inglês, i.e., esta é a expressão do seu programa de "descolonização federativa".

Globalização significa controlo político, e convergência política global.

"Convergência política global", com uma elite política transnacional. Também cria a aparência de "convergência política global", com uma elite política multinacional.

Condição essencial para que os povos aceitem governância por estrangeiros.

Aceleração e desintegração sócio-cultural

Anos 70 – Aceleração e desintegração sócio-cultural.

Desconstrução sócio-económica e cultural acelera nos 70s.

Aceleração, na grande corrida para o fundo. Mudança permanente, construída sobre grandes pilhas de nada, na grande corrida para o fundo.

Velocidade, velocidade – speed – aceleração – desintegração lenta – explosão final.

Mais consumo, menos produção.

Trocar papel, dados, sound bytes, imagens, ilusões.

Arte – Desconstrução e nihilismo. A arte estava a desconstruir-se e a tornar-se nihilista.

Arquitectura – Pós-modernismo e fluxo. A arquitectura torna-se cada vez mais pós-moderna e abstracta – apta para uma era onde tudo está em fluxo e nada é permanente, a não ser a própria mudança.

Música – Simplificação, aceleração e brutalidade emocional. Tendência progressiva para simplificação, aceleração e violência. Os anos 70 e 80 são a era da música de elevador, da música enlatada e da música cocainada de discoteca. No reverso da medalha, temos o punk rock ou o heavy metal, seguidos nos anos 90 por grunge rock e death metal. Três acordes, batida animalizada, brutalidade emocional. O século 21 vem consagrar o conceito de hipnose em massa: batidas monótonas, reciclagem, minimalismo, instintividade.

Reciclagem. Na música, na arte, na identidade, na sociedade em geral.

Ambiente social – Desumanização e artificialização. Progressivamente mais violento, despersonalizado, artificializado, superficializado. Automatização da interacção humana.

Identidade [flexível e automatizável] e estados de espírito [narcotizados]. Flexível e facilmente ajustável, como tudo o resto. Com o tempo, torna-se uma farsa teatral, dependendo do contexto e das circunstâncias. As emoções e os estados de espírito podem ser comprados na farmácia ou no dealer da esquina.

Speeds e cocaína – Ritalina – Desintegração neuronal. [Velocidade – speed – speeds] Tornam-se as drogas da era. Speeds, ou anfetaminas, são hoje em dia distribuídos avulso pelas gerações mais jovens, na forma de Ritalina ou Aderall. Ajuda à concentração, é dito. Uma das consequências da aceleração de um corpo é a

desintegração lenta desse corpo, e é precisamente isso que acontece aos neurónios infantis, sob o efeito de speeds.

Irracionalização, bestialização. Não pensar, não criticar – aceitar o momento, viver o momento. Valores emocionais, sensation-seeking. If it feels good just do it. ~~Moral~~ – ~~ética~~ – feel-good.

Plastificação do self – desligamento e apatia. Sorrisos plásticos, momentos plásticos, relações plásticas, identidades plásticas e flexíveis. Implantes de silicone. Dependência, *desligamento* e *apatia* face à vida real.

Fim de preocupação com liberdades políticas. Início do fim da preocupação com liberdades (privacidade, propriedade, etc).

Sexo, desinibição, promiscuidade. Aceleração nas relações.

Aceitar mudança permanente. Condicionamento para aceitar a mudança apenas por ser mudança.

Egocentrismo extremo vs pensamento de grupo – síntese dialéctica. Segmentação social em paralelo com pensamento de grupo. Criação de uma cultura egocêntrica, segmentada, baseada em sensation-seeking, onde as pessoas são egoístas, mas ensinadas a funcionar em colmeia, sob dedicação ao grupo, decisões colectivas e não individuais. Ou seja, a síntese de movimentos contraditórios: egocentrismo extremo e colectivismo.

Desconstrução moral – Tentativa de substituir o Decálogo por feudalismo. [por exemplo, Manifesto Humanista II, co-assinado por pessoas como Julian Huxley, BF Skinner ou Joseph Fletcher]. O Decálogo são os Dez Mandamentos. O texto dos Dez Mandamentos começa com “Eu sou o Senhor, teu Deus, que te tirou da terra do Egipto, de uma casa de escravidão. Não terás outro deus para além de Mim”. Depois, a essência dos Dez Mandamentos é honestidade, integridade, coragem, respeito e amor pelo próximo – os valores indispensáveis para uma sociedade livre. Hoje em dia há uma tentativa de erradicar tudo isso e substituir o texto por algo como “eu sou o teu senhor feudal, que quer globalizar o Egipto, a minha casa de escravidão. Não terás outra divindidade para além de mim e dos meus associados”. Desonestidade, falta de carácter, cobardia e indiferença genérica para com o destino próximo são os novos mandamentos; os valores inevitáveis de uma sociedade de escravos.

Anos 70 – Aceleração e desintegração sócio-cultural – Reflexões sobre singles.

SEX PISTOLS – Sociopatia, vacuidade e “no future”. Perto da City, em 1977, os Sex Pistols proclamam o início de uma nova era: a era da destruição, dominada por sociopatia, calculismo e ausência de sentido moral. Nesta era, o futuro não tem futuro – “no future”. O futuro acabou-se – não penses no teu futuro, porque não tens um. Isto passa por transformar as pessoas em criaturas vácuas e superficiais [“*pretty vacant*

people who just don't care"] e pior, que sabem que são vácuas e superficiais, mas simplesmente não se importam – "*useless fools who stand in line in blind acceptance*".

TALKING HEADS – A estrada sangrenta para a Utopia. Em 1985, perto de Wall Street, David Byrne. Pessoas auto-conceituadas, mimadas, sem memória nem espírito crítico, que pensam em grupo e limitam-se a viver o momento – crianças adultas sem noção de passado ou de futuro. Esse é o material humano para a grande viagem para lado nenhum – a utopia global – *a Cidade do Homem*, cada vez mais próxima –, e este é um espaço vazio, brutal, sangrento. Mas está tudo bem – relaxa, descontrai-te, confia – aprecia a viagem e obedece a tudo o que te disserem – farão de ti um tolo [ou, aceita ser o tolo voluntário] ; mas está tudo bem – baby it's alright.

DEAD KENNEDYS – "Holiday in Cambodia". O yuppie auto-intitulado e hipócrita, apaixonado pela miséria do bairro de lata negro, amante de sustentabilidade. Ir de férias para a Utopia verde, o Cambodja de Pol Pot, onde o povo está unido, "*where they get things done*" e "*where the slum's got so much soul*". Ofertas especiais: trabalhar num campo de concentração, escravo para soldados por uma taça de arroz por dia e ser finalmente decapitado e adicionado à "unidade popular".

DEAD KENNEDYS – "California Über Alles". O hino do III Reich era "Deutschland über alles". O hino do IV Reich, o Reich global, é "California über alles". O futuro é sustentável e controlado por hippies, que são agora fascistas New Age. Portanto, faz bastante meditação, faz muito jogging, e mantém sempre a cara feliz ["mellow out or you will pay"]. Caso contrário, a polícia privatizada leva-te para o campo, onde até os duches usam gás ecológico.

PINK FLOYD – "Welcome to the machine" – Produção fabril – "My generation". Uma das bandas que mantém qualidade musical são os Pink Floyd. Em "Wish You Were Here", a grande disputa na vida pós-moderna parece ser um «*lead role in a cage*», com «*lost souls swimming in fishbowls*». Depois existem "High Hopes", onde somos informados que «*the ringing of the division bell had begun*». Em "Welcome to the Machine", é colocada em perspectiva toda a prática de engenharia social sobre as novas gerações. A sociedade organizada é uma máquina, e precisa de peças previsíveis. Cada pessoa é uma peça, logo cada pessoa tem de ser previsível. Portanto, cada pessoa é fabricada numa grande linha de produção, onde lhe são incutidas gostos, expectativas e necessidades. Isto é a programação essencial do software. Quem conhece as linhas de programação do software, pode manipulá-lo. Da mesma forma, quem conhece os vários nichos de necessidades e expectativas que caracterizam uma geração, pode manipular essa geração. Mas o ego é preenchido durante todo o processo – a criança é uma estrela por direito próprio, e sai da linha de produção sem qualquer ideia de alguma vez ter estado numa linha de produção. Pensa que é esperta e que todas as ideias que tem são genuinamente suas – da "my generation".

CLASH – Vince White e a promoção de comunismo. As pessoas têm de ser habituadas a gostar de coisas como autoritarismo, pobreza, genocídio e escravatura; antes de serem elas próprias sujeitas a essas coisas.

BOB DYLAN – Union Sundown (1983). Com a vitória do outsourcing, a ideia de desenvolvimento é deitada janela fora e o emprego que antes era teu, agora foi dado a um escravo em El Salvador. O 3º mundo ficará onde está e o mundo ocidental irá ter com ele, em breve – and even your homegarden's gonna be against the law. Um homem com fome faz tudo aquilo que lhe ordenarem, e existe muito território para explorar. Antes o Kansas cultivava comida, agora querem cultivá-la na Lua e comê-la crua.

ALTA FINANÇA – Banca, guerra e "balance of power".

Bancos mercantis gerem vastas redes de recolha de informação.

Serviços secretos e de espionagem. Isto incluía os mais sofisticados serviços secretos e de espionagem internacional, incluíndo dentro dos próprios governos nacionais. Entre outros elementos, este sistema providenciava-lhes conhecimento prévio sobre eventos importantes e esse conhecimento era precioso para guiar decisões de investimento.

Serviços combinados com intelligence imperial. Estes serviços acabam por fundir-se, em vários casos, com os serviços estatais, ou ser colocados ao dispor dos mesmos.

Capacidade de colocar qualquer nação em xeque, financeira ou militarmente. Qualquer nação que seguisse uma rota inconveniente podia rapidamente ser colocada em xeque financeiro, através da restrição de fundos ou da indução de perturbações nos mercados financeiros e cambiais. Ao mesmo tempo, todas as outras nações podiam ser mobilizadas para a atacar militarmente.

"Balance of Power" – Banqueiros estimulam tensão, duplo-financiamento.

Manter militarização e tensão – manter todas as partes em xeque. Isto deu origem à tradição de financiar uma construção militar vigorosa em todos os países europeus, de modo a mantê-los em xeque mútuo.

Encorajar a subsidiar todas as partes, até paridade relativa. Portanto, todas as partes tinham de ser encorajadas e subsidiadas, até um nível de paridade relativa.

Financiamento de ambos os lados de guerras desde 1800. Desde esse período que as grandes casas de investimento, que estavam acima das potências imperiais, têm sistematicamente financiado ambos os lados de guerras.

COFFMAN – "Since 1800, banking cartel funding both sides of wars".

Coffman – since 1800, banking cartel funding both sides of wars (The banking cartel, since about 1800, have funded basically every sides of almost every war. And of course they're getting the interest off the loans, from those wars they've helped stimulate and create)

"Balance of Power" – A doutrina britânica.

A estratégia de tensão no "Great Game". A intrigante táctica avançada pelos Negócios Estrangeiros britânicos, em nome dos banqueiros, de "equilíbrio de poder".

Manter equilíbrio de forças, aos níveis militar e económico. Esta doutrina tresloucada prescreve que há que manter um equilíbrio de força militar e económica entre as várias partes presentes num mesmo território regional, de modo a que nenhuma das partes venha a obter domínio absoluto.

Fortalecer os fracos para derrubar os fortes, e depois derrubar os fracos. Uma das aplicações práticas desta política é a de ajudar e manipular os países mais fracos, para que se juntem a ela contra os competidores mais fortes, e depois destruir os próprios países mais fracos, antes que eles próprios se tornem fortes.

"Perfidious England" – Napoleão, Sun Yat-Sen. Até Napoleão falou da "pérfida Inglaterra", traiçoeira e manipulativa. Sun Yat-Sen descreveu o processo na perfeição, comparando o processo à relação que um silk farmer tem com as suas silkworms: "After all the silk has been drawn from the cocoons, they are destroyed by fire or used as fish food".

WATT – "Perfidious England". ***jun16 - 'perfidious england'*** (england used to be called perfidious england, because it would create an ally, use the ally, then dump the ally, and turn around and kill him – very very commonly)

"Balance of Power" – Os resultados.

Século XIX: Guerras ininterruptas e inconclusivas na Europa. O resultado disto foi a proliferação de guerras entre potências de poder aproximadamente similar, "conflitos entre iguais". Estas guerras eram bastante destrutivas, provocavam dívida e desperdício, mas eram deliberadamente inconclusivas.

Guerras civis, territoriais, mercantis, coloniais, etc. Surgiram múltiplos conflitos artificiais e mesquinhos, motivados por disputas territoriais, rotas comerciais, territórios coloniais, e todo este género de coisas.

Dívida e desperdício.

Despotismos militarizados. Favorece o crescimento de tiranias competidoras.

Radicalização étnico-cultural psicótica. Para permitir este estado de coisas, as nações tinham sido radicalizadas, com uma cultura de estilo prussiano, psicótica, movida pelo orgulho nacional inflacionado e belicismo extremo para com qualquer elemento exterior.

"Balance of Power" – Os resultados (2) – Império Britânico em guerra contínua.

Inglaterra em conflito permanente. Nos 126 anos entre 1689 e 1815, a Inglaterra esteve em guerra durante 63 deles, ou seja um em cada dois anos em combate. Os restantes anos eram passados em preparação para combate.

Marinha britânica e Redcoats dominam o cenário geostratégico global. A Marinha britânica "ruled the waves", e os Redcoats eram o exército profissional mais temível em todo o mundo.

1689-1697 The War of the League of Augsberg

1702-1713 The War of Spanish Succession

1739-1742 The War of Jenkin's Ear

1744-1748 The War of Austrian Succession

1754-1763 The French and Indian War

1793-1801 The War against Revolutionary France

1803-1815 The Napoleonic Wars

Os conflitos britânicos preservam o "balance of power" no Continente.

Acabassem em vitória ou derrota. O resultado meramente preservava ou restaurava o "equilíbrio de poder" na Europa.

A guerra é um casino onde a casa ganha sempre.

Guerra como casino, onde a banca ganha sempre. A guerra como casino. Os jogadores debatem-se enquanto conseguem obter crédito para mais fichas, e o real vencedor é sempre a casa – os banqueiros que financiam ambos os lados da guerra.

Guerra intensifica e expande dívida nacional. Enquanto o mecanismo de banca central existir, será uma tentação irrestível converter dívida em guerra perpétua e guerra em dívida perpétua (já que um dos resultados mais evidentes da guerra é o de criar dívidas enormes, para uma nação que entre numa).

Lucros com empréstimos e concessões posteriores. Financiar guerras consegue ser muito rentável, não apenas pelo empréstimo em si, mas também devido ao favoritismo governamental em garantir subsídios comerciais e monopólios.

Destruição de infrastruturas, arresto de recursos, reconstrução e reorganização. Nações e populações são apenas peões neste jogo. Milhões morrem em guerras, infraestruturas são destruídas e, enquanto o mundo faz luto, os banqueiros contam os seus ganhos e planeiam os investimentos de reconstrução do pós-guerra. As guerras são os mais rentáveis de todos os empreendimentos capitalistas, e permitem à elite bancária definir vencedores, processos de reconstrução, e configurações geoestratégicas.

Guerra – Instrumento de desperdício deliberado [ver 1984].

Doutrina de "Balance of Power", adaptada pelos EUA, mantida no pós II Guerra.

Subsidiação de URSS e China. Isto foi alcançado com a subsidiação da URSS e, mais tarde, da China. Ou seja, o país devotou-se imediatamente a esforços de desarmamento e subsidiação dos rivais,para reestabelecer o "equilíbrio de poder".

Desperdiça dominância americana. Sob qualquer perspectiva linear, isto seria uma estratégia tresloucada, uma vez que desperdiçava toda a dominância que os EUA tinham alcançado no panorama internacional.

O "Balance of Power" é visto de forma pós-moderna e apologista.

Pintado como uma pré-condição para democracia. O retrato que é pintado desta estratégia aparentemente insana, nos livros de história, é o de que a mesma é uma espécie de fenómeno natural, um tropismo da acção humana, que veio de algum modo beneficiar e promover a saudável coexistência entre nações. Uma espécie de pré-condição para democracia.

Na verdade, esta doutrina favorece florescimento de tiranias competidoras... e de guerra. Todos estes absurdos sentimentais ignoram, claro, o modo como esta doutrina permitiu o florescimento de regimes tirânicos, bem como o recurso contínuo a confrontações militares virulentas, "entre iguais".

Dinheiro fraccional/fiat e guerra.

Guerras geralmente financiadas com dinheiro fraccional.

São evitadas taxação e confiscação de recursos. As guerras raramente são financiadas por taxação e confiscação dos recursos nacionais. Se os estados fizessem isso, depressa arruinaríam as respectivas economias, uma vez que a guerra é um dos mecanismos mais dispendiosos existentes.

Custo diluído em dívida agregada e inflação. Regra geral, são financiadas através de dinheiro fraccional, com o custo a ser diluído em dívidas agregadas e em inflação.

Elemento essencial para perceber tolerância de banqueiros fraccionais. Este é um elemento essencial para perceber porque é que os governos toleram esta classe de banqueiros. Uma classe privilegiada de banqueiros tem trabalhado continuamente com os governos, para financiar todo o género de projectos, incluíndo guerras.

Guerra seria reduzida ao mínimo sem dinheiro fiat. A maior parte das guerras teriam sido reduzidas em severidade, ou talvez nem sequer combatidas, sem dinheiro fiat. É a capacidade dos governos de adquirir dinheiro sem taxação directa que torna a guerra moderna possível, e um banco central torna-se a maneira preferencial de alcançar isso.

Mais de 150 conflitos armados desde fim da II Guerra.

Dívida governamental crescente, criação global extrema de fiat. Os períodos de prevalência de dinheiro fiat e fraccional são, regra geral, períodos onde os conflitos armados prosperam. Como exemplo, existiram mais de 150 conflitos armados desde o final da II Guerra, com a contagem de corpos já em 20 milhões e a aumentar continuamente. De notar que este período também foi um período de dívida governamental crescente, acompanhada da criação global de dinheiro fiat.

ROTHSCHILD – "When there's blood on the streets, buy property".

«*When there's blood on the streets, buy property*» – Baron de Rothschild

QUIGLEY e WATT – Aceleração de mudanças sociais e culturais.

Quigley – Muda mente humanas e acelera mudanças que demorariam décadas.

«***Any war performs two*** *rather contradictory* ***services for the social context in which it occurs****.* ***On the one hand, it changes the minds of men****, especially the defeated, about the factual power relationship between the combatants. And,* ***on the other hand****, it alters the factual situation itself, so that* ***changes which in peacetime might have occurred over decades are brought about in a few years***» Carroll Quigley (1966), Tragedy and Hope: A History of the World in Our Time.

WATT – Objectivos económicos, culturais, imperiais.

Alan Watt – A guerra tem muitos propósitos diferentes: económicos, mudança cultural, criação de império.

RON CHERNOW – Intervenção militar em nome dos bancos. Comentando um exemplo relativamente moderno deste princípio, Ron Chernow explica...

Aliança entre banqueiros e políticos mutuamente vantajosa.

Washington coage governos a abrir mercados ou adoptar políticas pró-EUA.

Os bancos, por sua vez, usam tropas para forçar pagamento de dívidas.

Episódio da Kuhn, Loeb & Co: "Your marines and ours".

«*The new alliance* [between bankers and politicians] *was mutually advantageous. Washington wanted to harness the new financial power to coerce foreign governments into opening their markets to American goods or adopting pro-American policies. The banks, in turn, needed levers to force debt repayment and welcomed the government's police powers in distant places. The threat of military intervention was an excellent means by which to speed loan repayment. When Kuhn, Loeb considered a loan to the Dominican Republic, backed by customs receipts, Jacob Schiff inquired of his London associate Sir Ernest Cassel, "If they do not pay, who will collect these customs duties?" Cassel replied, "Your marines and ours*"» Quoted by Jacques Attali, translated by Barbara Ellis, A Man of Influence: Sir Siegmund Warburg, 1902-82 (London: Weidenfeld, & Nicolson, 1986), p. 57.

ALTA FINANÇA – Banco de Inglaterra – City – Paraísos fiscais

Banco de Inglaterra – William Paterson.

William Paterson cria o Banco de Inglaterra.

Traficante de escravos, corsário, patrono do Capitão Morgan. William Paterson faz a sua fortuna pessoal como traficante de escravos e como proprietário de uma frota corsária, que ataca os galeões espanhóis nas Caraíbas. Era, aliás, o patrono do temível Capitão Morgan, a partir do qual foi criada a história de Barbarossa, o pirata.

Em 1694, pensa em criar um banco central para a Coroa. Em 1694, Paterson lança-se num novo nicho de negócio, a banca internacional. A ideia de Paterson é a de criar um banco privado que emitisse dinheiro para a entidade mais poderosa de todas, a Coroa britânica.

Banco de Inglaterra – Processo de emissão de crédito.

O primeiro banco central de sempre. Entidade incorporada como "The Governor and Company of the Bank of England".

(1) Emissão de notas contra IOUs governamentais, por juros. A troco do pagamento de juros, o Banco emite notas bancárias que circulam como moeda nacional. As notas são emitidas contra o colateral de obrigações governamentais de dívida, IOUs.

(2) Reserva fraccional de ouro. Isto é feito sob um sistema fraccional: as notas são emitidas usando uma fracção do seu valor em ouro como reserva – a partir de uma reserva privada de ouro.

(3) Notas *alugadas à economia*. Através do estado e dos bancos comerciais, que colocam o dinheiro em circulação.

(4) IOUs servem de reserva para criação de crédito adicional.

(5) Bancos comerciais emitem sob um rácio de reservas. Os próprios bancos comerciais, por sua vez, são submetidos a um rácio de reservas que orienta as suas práticas de empréstimos.

Banco de Inglaterra – Dívida nacional permanente.

O Banco de Inglaterra cria a dívida nacional permanente. Com este sistema, foi consagrado o princípio de que o funcionamento da economia não estava alicerçado em

reais mais valias, mas sim em dívida; assim nasceu a Dívida Nacional permanente. [***Dívida nacional britânica: valores***]

Pagamento de dívida estatal com rendimentos estatais. O pagamento da dívida estatal sobre este dinheiro contrafeito era assegurado por colecta fiscal e por outras fontes de rendimento estatal, dinheiros públicos, assegurados pelos IOUs passados como colateral.

Banco de Inglaterra – O primeiro empréstimo do Banco de Inglaterra.

Usando fraccionamento de reservas. O primeiro empréstimo do Banco de Inglaterra ao governo foi de £1,200,000, a a uma taxa de juros de 8%; mas apenas £720,000 de dinheiro real estavam em reserva.

Banco pode duplicar duplicação [empréstimos adicionais]. Para além do mais, o Banco recebeu o privilégio de criar uma quantia igual de dinheiro, na forma de empréstimos ao públicos. Portanto, após emprestar o capital ao governo, ainda tinham a capacidade de emprestar uma segunda vez.

Ganhos totais em juros, 22%. Um empréstimo honesto de £720,000 a 8% teria rendido £57,600 em juros. Em vez disso, os juros recebidos foram sobre £1,200,000 – e isto dá £96.000 – mais ganhos sobre 9% de juros em empréstimos de £720.000 ao público – o que dá £64.800. Portanto, os ganhos totais em juros foram de £160,800; ou seja, mais de 22% dos £720,000 realmente existentes em cofre. Portanto, a taxa de juro real foi de +22%, o que significa que os shareholders receberam £22.333 por cada £100.000 investidas.

Banco de Inglaterra – City of London.

Banco de Inglaterra, a máquina de dinheiro da Coroa e da oligarquia. Quando o Banco de Inglaterra é estabelecido, torna-se a máquina de fazer dinheiro da Coroa e dos grandes negócios desenvolvidos à volta da Coroa.

Financiamento de operações à custa da população. Por meio da qual estas entidades podiam financiar todas as operações que quisessem, à custa de todos os outros. Podiam financiar as suas guerras e as suas companhias público-privadas, para expansão ultramarina. [***quase em nota de rodapé***]

Estabelecido sob protecção especial na City of London. Portanto, é estabelecido sob protecção especial da Coroa, num distrito de Londres que não faz parte do território britânico, não estando sob a autoridade das autoridades civis – a City.

City of London, hoje.

City of London Corporation – "The Firm". A *City of London Corporation* é um distrito independente, privado, livre de interferência das autoridades civis, sob a protecção directa da Coroa, no coração de Londres. É o espaço mais rico do planeta, o centro financeiro do mundo, por vezes tratado pela Rainha como "The Firm".

Epicentro do sistema financeiro global, acima de Basel, NY, Paris ou Frankfurt. Hoje em dia, este distrito é o centro do sistema financeiro global.

Todos os caminhos são digitais e vão dar à City. Bancos privados e centrais, corporações, fundos de investimento, dívidas nacionais, municipais – há 2000 anos atrás, todos os caminhos iam dar a Roma; hoje em dia, os caminhos são digitais e financeiros, e todos vão dar à City.

City of London, uma doca de operações corsárias, hoje como ontem. Nos tempos de William Paterson, quando os piratas de Sua Majestade aportavam em Londres, iam aos pubs da City. 500 anos depois, muito pouco mudou, neste capítulo. A City of London é o centro da economia mundial, as docas de onde partem os empreendimentos destinados aos sub-centros financeiros, ao sistema de bancos centrais, aos paraísos fiscais, e por aí fora.

City of London – Paraísos fiscais.

Oligarquia anglo-holandesa sedeada na City controla paraísos fiscais.

Circulação irrestrita de dinheiro sujo. Ou seja, os centros bancários fechados a qualquer inspecção, através dos quais todo o tipo de dinheiro sujo circula.

Localizações – Bases corsárias e outros sítios. Nas mesmas bases que eram usadas pelos piratas, conjuntamente com algumas sátrapas mais recentes. De entre estes centros temos: Londres; Suiça (não é considerada offshore, mas é assim que na prática funciona); Andorra; Liechtenstein; Monaco; Bahamas; Barbados; Bermuda; Caymans; Netherlands Antilles; Panama; Trinidad and Tobago; Kuwait; Qatar; UAE; Bahrein; Libya; Oman; New Hebrides; Singapore; Hong Kong; Lebanon; Liberia.

ALTA FINANÇA – Consolidação, economias totalitárias.

Alta finança, uma classe que pensa e age à escala global.

Alta Finança, potência a par de qualquer império nacional. No século XIX, a Haute Banque europeia é uma potência paralela aos impérios, em vários aspectos acima deles.

Uma classe que pensa e age à escala global. Uma classe inteiramente aparte, que vê nações e populações como peões.

Representações transnacionais, livre trânsito através de fronteiras. Tinham ramos e representações em todos os centros políticos e financeiros de destaque na Europa. Os banqueiros e os seus serviços de correio privado tinham o poder inédito de circular através de fronteiras sem perturbações, mesmo durante guerras.

Lidam directamente com estados e com grandes empreendimentos. Ao passo que a generalidade dos banqueiros lidava com pequenos e médios empreendimentos, esta classe de banqueiros lidava directamente com grandes empreendimentos e, especialmente, com governos.

Financiamento de estados, questões de dívida nacional. Estavam directamente envolvidos no financiamento dos estados, e coordenavam questões de dívida nacional.

Consultores permanentes em matérias de política nacional e internacional. Tinham um lugar à mesa em todos os governos imperiais europeus, como conselheiros e financiadores e colocavam os seus próprios homens em posições de topo e influência. Como tal, tinham uma perspectiva internacional e tinham sempre uma palavra a dizer em matérias de política nacional e internacional.

Bancos assumem linguagem de governo – "oficiais, governância" [Schulze-Gaevernitz]. «*Thirty years ago, businessmen, freely competing against one another, performed nine-tenths of the work connected with their business other than manual labor. At the present time, nine-tenths of this "brain work" is performed by officials. Banking is in the forefront of this evolution*» [Schulze-Gaevernitz, "Die deutsche Kreditbank" in Grundriss der Socialekonomik, Tübingen, 1915, cit in. Vladimir Illyich Lenin (1916), "Imperialism, The Highest Stage of Capitalism".

Transição de mercado livre para monopólios e cartéis (1880s).

De mercado livre para monopólio (1880s). Pelos 1880s, está completa, em toda a Europa, a transição de um capitalismo de livre competição para um novo tipo de capitalismo – capitalismo de monopólio.

Concentração industrial ou financeira. Monopólio surge através de concentração industrial ou financeira – combinação monopolista, cartéis, “sindicatos”, “trusts”.

Monopolização de recursos e matérias-primas. Depois, asseguram captura de fontes de matérias-primas – energia, metais, etc.

Combinações de cartel.

Entente e concertação entre grupos – Comissões executivas. Grupos económicos juntam-se e coordenam-se entre si, por forma a impor políticas conjuntas ao mercado. Operam sempre por comissões executivas, onde se juntam em mesa redonda.

Partilhar mercados – acertar condições de mercado. Centralizar e coordenar controlo sobre produção, preços, condições de venda de produtos, . Empresas em cartel dividem o mercado entre si.

Directorados comuns – Participações conjuntas. Formas de reforçar os laços incestuosos entre instituições. Nesta segunda, é normal que cada grupo esteja inteiramente casado com os restantes, pela partilha de grandes “equity stakes”, participações, uns nos outros. Ou seja, uma grande família feliz, de piratas.

Eliminar competição – monopólio de cartel. O cartel elimina empresas competidoras através de ataques na bolsa, ou no próprio ambiente de mercado. Os lucros são garantidos por esta eliminação da concorrência. Se um cartel dominar todo o mercado, estabelece condições de monopólio. O desafio deixa de ser, como ultrapassar adversários, mas sim como *impedir novos adversários* de entrar no campo.

“O óptimo é inimigo do bom”. Ou seja, num cartel, todas as companhias ganham menos do que poderiam estar a ganhar se o mercado fosse competitivo. Mas a taxa de lucro é mais estável, ao nivelar as flutuações do mercado.

Usar poder estatal para cartelizar – Protecção regulatória.

Usar acção governamental para destruir mercado livre. Capitalismo de monopólio procura preservar-se a si próprio pela destruição de capitalismo de mercado livre, i.e., pela eliminação da concorrência. Para isso, é utilizado o poder policial do estado.

→ Protecção para o cartel – intervenção contra concorrentes. Ou seja, utilizar protecção governamental para salvaguardar os seus interesses, e intervenção para manter competição fora de negócio.

→ Usar poder do estado para obter capitalismo de monopólio/cartel. Por outras palavras, os governos ajudam a criar concentração, através de *concessões especiais*.

Ter o legislador do seu lado. Para obter protecção especial do estado.

Controlo de agências regulatórias. O cartel torna-se poderoso o suficiente para colocar os seus próprios homens nas agências regulatórias, e definir as suas próprias regulações. Estas são distribuídas por sector, indústria, profissão, actividade.

Aderência compulsiva de concorrentes. Aderência compulsiva dos muitos pequenos empreendedores aos ditames dos poucos que decidem que planos são adoptados e seguidos.

Regulação selectiva – Poder policial estatal em prol de grupos selectos.

Parcerias, concessões e condições regulatórias preferenciais. De modo a obter domínio sobre um ou mais sectores da economia.

Subsidiação de ineficiências.

Destruição regulatória de operadores comerciais.

Negar licenciamento de operação. Fechar indústria a novos competidores.

Taxação e regulações abusivas e extremamente apertadas. I.e., que sejam quase impossíveis de cumprir.

Acção selectiva. [“selective enforcement”] Por exemplo, encerrar pequenas quintas por questões de higiene e segurança, e deixar as grandes operar, mesmo com piores condições.

Outras formas de hostilização. A ideia é perturbar, dificultar, afugentar.

Comprar, desmantelar, consolidar, regionalizar.

O padrão económico europeu, adoptado por Wall Street.

Comprar, em vez de construir. Estes banqueiros possuíam vastos impérios produtivos que, porém, não tinham construído – tinham comprado.

Desmantelar – consolidar, confederar. Amalgamavam os empreendimentos que lhes interessavam em grandes consórcios e desfaziam-se de tudo o resto, através de desmantelamento industrial de larga escala.

“Racionalizar”, regionalizar, criar interdependência. Deslocalizar e centralizar a produção em pólos específicos, i.e., criar interdependência. Estabelecer “racionalização de produção”. Quando a máquina é interdependente, o operador comanda as peças. Isto pode ser feito pela criação de redes de interdependência, onde uma região fica com produção X, dominada pelo monopólio A, outra com produção Y, feita pelo monopólio B, e por aí fora. Isto assegurava que o tecido económico de cada país era dependente da rede total. Nenhuma região tinha o poder de ser economicamente autónoma.

Produção e circulação de bens são secundários... Estas pessoas não estavam necessariamente interessadas em produção e circulação de bens.

...mas especulação é essencial – em produção e desmantelamento. Mas sim em negócios financeiros especulativos que pudessem derivar dessas instâncias: venda de títulos sobre produção, venda de títulos sobre desmantelamento da produção. Por outras palavras, não era a produção de aço que interessava, mas sim a venda de títulos sobre essa produção de aço; e a venda de títulos sobre a quebra da produção, durante operações de desmantelamento.

Escassez artificial – lucros obtidos por restrição de bens. Procuravam restringir a produção, de modo a manter os preços elevados e as suas holdings financeiras líquidas. Ou seja, os lucros não são obtidos pela elevada disponibilidade de bens, mas sim pela restrição dos movimentos de bens.

TARPLEY – Oligarca financeiro gosta de assett stripping, liquidação.

(**WT – 3:10**) O oligarca financeiro vê a indústria como um objecto de assett stripping. Algo que pode liquidar, para fazer um monte de dinheiro no processo.

Eliminar competição – Violência, boatos e rumores.

Violência – Mercenários, actos terroristas, sabotagem. Usar tropas ou mercenários, como numa invasão. O bom velho "método americano", com dinamite, para rebentar fábricas competidoras ou pegar fogo a poços de petróleo [e rebentar as refinarias competidoras], como o velho Rockefeller costumava fazer.

Boatos e rumores – manipular confiança pública. Espalhar boatos e rumores sobre concorrência – ou sobre si mesmo. Os mercados funcionam com base em confiança. Um boato positivo, ou negativo, pode fazer ou desfazer uma companhia.

Eliminar competição – Dumping.

Países ou mercados competidores. Visa mercados controlados por outras forças.

Sistema de dumping – i.e., usando diferenciais de preços. Exportar bens a preços de saldo, a baixas taxas – i.e., dumping. Nos restantes mercados, vender bens a preços elevados, de monopólio.

[Quando um governo permite que isto aconteça ao seu próprio país... a intenção é cortar sectores internos].

Crédito ilimitado – Controlo financeiro, industrial, sócio-económico.

Crédito ilimitado. Estas pessoas tinham o derradeiro cartão de crédito: capacidade de emissão monetária ilimitada. Podiam imprimir dinheiro a partir do ar, para fazer o que queriam, com este crédito ilimitado: comprar concorrentes, controlar mercados, controlar partidos políticos e, após o nascimento das relações públicas, controlar a opinião pública.

Domínio sobre vastas redes financeiras, internacionais.

Firma de investimento – Entidades financeiras – Banca central. Dominam banca central, Europa fora. Consequentemente, controlavam a emissão de crédito e estabeleciam taxas de câmbio, de juros, de desconto. Deste modo, definiam o ambiente económico para cada país. No topo das redes, a firma de investimento. Abaixo, o banco central e uma série de entidades financeiras: bancos comerciais, seguradoras e outras agências financeiras.

Companhias mercantis – sistemas industriais. Em posição dependente companhias mercantis, indústria (incluíndo comunicação social), etc. Todas estas firmas eram controladas através de directorados comuns, holding companies, e bancos menores.

Dominam mercados financeiros, fluxos de capitais. Controlavam as bolsas e os fluxos de capitais nos mercados financeiros e, como tal, controlavam os fluxos de capitais e e de investimento nos seus próprios países e pela Europa fora.

Estabelecem um único sistema financeiro internacional. Todos estes elementos foram organizados num único sistema financeiro organizado à escala internacional, que manipulava a quantidade e o fluxo de crédito em circulação.

Capacidade de controlar realidade sócio-económica e política dos países envolvidos.

Capacidade de controlar a evolução económica do país. Desta forma, conseguiam dominar os sistemas financeiros e industriais dos seus países pela sua influência sobre o fluxo de fundos correntes, através de disponibilização de crédito, ajustamentos de taxas, etc. Não era que estes homens controlassem toda a riqueza da nação; mas sim que tinham em seu poder monopolizar as grandes transacções financeiras. Ou seja, eram capazes de controlar a distribuição de recursos numa nação, assim controlando as grandes linhas de evolução económica da mesma.

Domínio sobre investigação e desenvolvimento tecnológico. Com crédito virtualmente ilimitado, bancos podem dominar investigação. Instituem sociedades e institutos de investigação, e os benefícios revertem apenas para empreendimentos industriais amigáveis.

Terrorismo financeiro, nepotismo. Eram capazes de ditar os créditos que seriam extendidos ou negados. Portanto, funelavam capital para empreendimentos que aceitavam ser subservientes, e impediam o fluxo de capitais para aqueles que resistiam.

Alta finança, adeptos de economias de guerra.

Economia planeada – Comando e controlo – Autoritarismo. Planeamento central, controlo planeado de toda a economia. Sob condições autoritárias, o sistema pode impor as suas próprias regras à sociedade e ao mercado, e simplesmente pisar aqueles que não se submetem à sua vontade.

Governação oligárquica – os "poucos" vivem à conta dos muitos. Capitalismo de monopólio implica uma classe governante de capitalistas poderosos que controlam o aparato de estado. Ou seja, toda a ideia é que uns poucos vivam na sociedade à conta dos esforços dos muitos.

Sufoco económico – Dívida, taxação, controlo estatal, dependência. Economias sufocadas por elevados níveis de dívida, e consequentemente sujeitas a elevados níveis de taxação e de controlo estatal sobre todas as actividades económicas eram o melhor dos mundos para os banqueiros. Este tipo de economias permaneciam territórios controlados e dependentes, sem a capacidade de aquisição de independência económica.

"Mobilização, unidade, sacrifício, concertação nacional". Estes são os chavões de economias de guerra. Estes são os chavões que economias controladas pelos banqueiros usam sempre. Numa economia de guerra 'legítima', o objectivo é dar a vitória de um grupo sobre outro. Na economia de guerra conduzida pelos bancos, o objectivo é só um: dar a vitória aos bancos. [ou – *Numa guerra, o objectivo é a vitória; vitória aos bancos*.] É precisamente este o conceito que impuseram ao mundo.

Socialismo totalitário, modelo ideal para alta finança.

Socialismo é um modelo totalitário. Tanto o modelo nacional-socialista/fascista como o modelo internacional-socialista são absolutamente totalitários, baseados em autoritarismo e coerção.

Estado totalitário é um modelo ideal para alta finança – mercado consolidado e cativo. O estado socialista totalitário é um mercado cativo perfeito para capitalistas de monopólio. A revolução e a finança internacional não são de modo algum inconsistentes se o resultado da revolução for estabelecer mais autoridade centralizada.

Única questão – Assegurar aliança entre alta finança e "comissários". A questão é somente a de estabelecer alianças com os detentores de poder nesses sistemas socialistas. A diferença entre um monopólio empresarial e um monopólio de estado está apenas na identidade do grupo que controla a estrutura de poder.

Alta finança – Crescimento na Europa – Parceria com estados imperiais.

Banca fraccional institucionaliza-se e ganha nomes respeitáveis.

Sistema ganha prestígio institutional, nomes respeitáveis. Incrivelmente, este sistema nunca foi banido. Pelo contrário, generalizou-se e tornou-se cada vez mais sofisticado, com cada século. Ganhou prestígio institucional e nomes respeitáveis. “Banca de reservas fraccionais”, “piramidação de depósitos”, “capacidade de multiplicação de crédito”.

Banca fraccional elimina e absorve bancos pequenos.

Elimina banca honesta. Os que procuraram permanecer honestos, foram simplesmente eliminados, com o tempo.

Bancos pequenos, eliminados ou absorvidos – tornam-se banca afiliada. Neste último caso, os bancos grandes não se limitavam a absorver os bancos pequenos; anexavam-nos, subordinavam-nos, integravam-nos no seu próprio grupo, como sucursais afiliadas.

→ Restrições ou expansões, através do sistema de crédito. Através do sistema de circulação de crédito. Só sobreviviam os empreendimentos que fossem servis.

→ Boom and bust – Reconstrução, reorganização, aquisição de capitais. Durante os períodos de depressão, negócios pequenos e mais fracos deixam de existir. A alta finança adquire holdings nos mesmos, comprando-as por uns poucos tostões, ou participa em esquemas lucrativos para “reconstrução” e “reorganização”. Ou então, participação de capitais, com a aquisição de holdings de capital.

Banca fraccional cresce na Europa.

Inventar dinheiro usando população como colateral – ganha popularidade. Esta ideia, de criar dinheiro a partir do nada, com o esforço e a propriedade da população a servirem de colateral, ganha sucesso e acaba por se espalhar por toda a Europa, com os banqueiros de investimento a assumirem controlo sobre o sistema.

Mecanismo espalha-se Europa fora com banqueiros mercantis à cabeça. Tornam-se potências nacionais e internacionais, com a capacidade literal de inventar dinheiro a partir do ar.

Firmas incorporadas e bancos centrais. O Banco de Inglaterra serve de modelo para a generalidade dos países europeus. Este mecanismo espalhou-se pela Europa fora e, no início do século XX, estava generalizado.

Banca fraccional cresce na Europa em parceria com estados imperiais.

Simbiose relativa com iniciativas imperiais da época. A partir do século XV, e especialmente durante os séculos XVII-XIX, a banca de reservas fraccionais prosperou na Europa, através das actividades destes bancos comerciais que funcionavam como bancos de emissão. Regra geral, estes mecanismos cresceram em simbioses relativas com as iniciativas imperiais da era.

Holanda – Grã-Bretanha – Prússia – França – etc. A banca fraccional holandesa nunca teria ganho preponderância sem a Companhia das Índias, e o mesmo pode ser dito das bancas fraccionais britânica, francesa, ou prussiana. A França tinha o Banque de France, a Prússia tinha o Banco da Prússia, que se veio a tornar no Reichsbank, e surgem organismos similares para vários outros países.

Cartéis e monopólios industriais.

Empreendimentos militares.

Empreendimentos coloniais e imperiais.

Alta finança conduz Europa para imperialismo colonial (1870s).

Capitalismo de monopólio torna-se força dominante na Europa. O capitalismo de monopólio entra em força a partir dos 1860s e 1870s e já é a força dominante nos 1880s, acabando na prática com o mercado livre.

Transforma potências europeias em impérios colonizadores. Transição para capitalismo de monopólio transforma nações em impérios interessados em dominar partes não-civilizadas do mundo, em nome dos monopólios e cartéis dominantes.

Impérios como "firmas" rivais – Partição e organização do mundo. Impérios como firmas rivais que competem pelos mesmos objectivos, na luta pela partição territorial e organização do mundo.

O protagonista é a alta finança.

ALTA FINANÇA – Europa e EUA – De Rothschild a Wall Street

A aristocracia europeia era transnacional, em sangue e perspectiva. A Europa era governada por famílias reais e aristocráticas que eram transnacionais em natureza e em perspectiva. Viam o mundo como o feudo privado da sua classe e, mais importante, estavam ligadas por vínculos de sangue.

Um novo subgrupo: banqueiros mercantis. Em breve, a antiga aristocracia reconfigura-se numa nova classe, de banqueiros mercantis, para criar uma aristocracia transnacional aperfeiçoada.

<u>Opera a máquina financeira e monetária da Europa</u>.

As dinastias de banqueiros mercantis. Dinastias como: Baring, Lazard, Erlanger, Warburg, Schroder, Seligman, os Speyers, Mirabaud, Mallet, Fould e, acima de todos os outros, Rothschild; nomes que perduram até hoje em dia.

<u>Rothschild</u>: Londres, Frankfurt, Paris, Viena, Nápoles; e, mais tarde, o mundo inteiro, geralmente através de agentes locais, como foi o caso de JP Morgan nos EUA.

<u>Lazard</u>: Lazard Brothers. Franceses. New Orleans, San Francisco. Londres, Paris.

<u>Baring</u>: Londres.

<u>Erlanger</u>: Paris.

<u>Warburg</u>: Alemanha, Londres, NY.

<u>Schroder</u>: Alemanha, Londres

<u>Seligman</u>: NY, San Francisco, New Orleans, Londres, Paris, Frankfurt.

<u>Speyers</u>: NY, Londres, Frankfurt

<u>Mirabaud</u>: Genebra.

<u>Mallet</u>: Mallet Fréres & Cie. Genebra, Paris.

<u>Fould</u>: Paris.

Rothschild.

Rothschild, a grande força na Europa do século XIX. Nesta constelação de dinastias bancárias, a principal era a dinastia Rothschild.

Banqueiros globais – De Portugal à Rússia aos EUA à Índia. Durante a primeira metade do séc. XIX, os irmãos Rothschild conduziram transacções importantes em prol dos governos de Inglaterra, França, Prússia, Áustria, Bélgica, Espanha, Nápoles, Portugal, Brasil, vários estados germânicos e outros pequenos países. Eram os banqueiros pessoais de muitos dos monarcas da Europa. Faziam grandes investimentos, em mercados tão distantes como os Estados Unidos, Índia, Cuba e Austrália.

DEREK WILSON – O poder da dinastia Rothschild.

Mais poderosa que qualquer império financeiro precedente.

Internacional, independente, não-controlável, não-responsabilizável.

Controlo de crédito.

Controlo de serviços diplomáticos, que alugam a governos.

Controlo de nomeações, intercâmbio diário com decision-makers.

«*But the house of Rothschild was immensely more powerful than any financial empire that had ever preceded it. It commanded vast wealth. It was international. It was independent. Royal governments were nervous of it because they could not control it. Popular movements hated it because it was not answerable to the people. Constitutionalists resented it because its influence was exercised behind the scenes-secretly. (...) Clandestinity was and remained a feature of Rothschild political activity. Seldom were they to be seen engaging in open public debate on important issues. Never did they seek government office. Even when, in later years, some of them entered parliament, they did not feature prominently in the assembly chambers of London, Paris or Berlin. Yet all the while they were helping to shape the major events of the day: by granting or withholding funds; by providing statesmen with an official diplomatic service; by influencing appointments to high office; and by an almost daily intercourse with the great decision makers*» Derek Wilson, Rothschild: The Wealth and Power of A Dynasty (New York: Charles Scribner's Sons, 1988), pp. 79, 98-99.

BENJAMIN DISRAELI – Sidonia. Benjamin Disraeli, PM de Inglaterra, escreve Coningsby em 1944, onde imortaliza Lord Nathan Rothschild como Sidonia, o banqueiro.

Empresta a toda a Europa.

Tinha franchises em quase todas as capitais principais.

Senhor e mestre do mercado monetário do mundo e, via disso, de tudo o resto.

Homem sem afectos – O indivíduo não o tocava.

Para ele, o homem era uma máquina, a mulher um brinquedo.

«*He reaped the due reward of his sagacity. Europe did require money, and Sidonia was ready to lend it to Europe. France wanted some; Austria more; Prussia a little; Russia a few millions. Sidonia could furnish them all… Sidonia had become one of the most considerable personages in Europe. He had established a brother or a near relative in whom he could confide, in most of the principal capitals. He was lord and master of the money-market of the world, and of course virtually lord and master of everything else. He literally held the revenues of Southern Italy in pawn; and monarchs and ministers of all countries courted his advice and were guided by his suggestions. (…) He was a man without affections. It would be harsh to say he had no heart, for he was susceptible of deep emotions, but not for individuals…the individual never touched him. Woman was to him a toy, man a machine*» Benjamin Disrae1i, Coningsby (1844), London: Henry Colburn, Publisher, p. 259-264.

Batalha de Waterloo – Colapso e aquisição da London Stock Exchange. Um dos episódios mais espectaculares de sempre. Quando um dos seus correios entregou as primeiras notícias de Waterloo, Nathan espalhou rumores de que a Inglaterra tinha sido derrotada, provocando o colapso da bolsa. No espaço de poucas horas, na London Stock Exchange, Nathan tinha adquirido a porção dominante das obrigações inglesas, da dívida inglesa, a uma fracção mínima do seu valor.

Rothschild – Apoio a ambos os lados dos conflitos.

Financiamento de ambos os lados dos conflitos. O facto de vários ramos da rede Rothschild providenciarem fundos ao inimigo também era convenientemente ignorado. Portanto, aí começou uma tradição antiga entre financeiros, a de financiar ambos os lados de conflitos.

Livre movimento através de fronteiras – Tráfico ilegal de bens durante guerras. Os Rothschilds também se tornaram mestres na arte do tráfico em larga escala, geralmente com o apoio tácito dos governos cujas leis violavam. Isto era percebido por todas as partes como um bónus não-oficial pelo financiamento necessário que recebiam, durante a guerra.

O estado de guerra permanente na Europa dos séculos XVIII e XIX providenciou excelentes oportunidades para lucrar a partir de piratear bens de consumo escassos, através de bloqueios militares.

Dado que os Rothschilds costumavam financiar ambos os lados dos conflitos, e eram conhecidos por terem grande influência política, a mera vista do escudo vermelho numa bolsa de couro, numa carruagem, ou na bandeira de um navio, bastava para assegurar que o mensageiro e a sua carga passariam imperturbados por qualquer bloqueio ou ponto de inspecção militar. Esta imunidade permitia-lhes negociar num próspero mercado negro, em algodão, tabaco, açúcar, café. E moviam-se livremente através das

fronteiras de Alemanha, França, Inglaterra, Escandinávia, Holanda, Espanha; mesmo durante as Guerras Napoleónicas.

Esta protecção governamental era um benefício que gerava muito maiores lucros comerciais que os juros referentes a dívidas governamentais.

US – Eastern Establishment.

Famílias de Nova Inglaterra. Nos EUA, o establishment é essencialmente composto pelas famílias, predominantemente inglesas e holandesas, que dominaram a colonização em Nova Inglaterra, e prosperaram a partir desse ponto. A larga generalidade vive nos arredores de Boston, Massachussets.

Internacionalistas, anglófilos e oligárquicos. Encaram o modelo oligárquico britânico como um exemplo a seguir e a imitar. A Ivy League é, aliás, uma cópia aproximada da estrutura oligárquica britânica centrada em Cambridge e Oxford.

"Os Lowells só falam com os Cabots e os Cabots só falam com um deus". There's a New England saying that "the Lowells only talk to the Cabots and the Cabots only talk to God."

Algumas das famílias do Eastern Establishment. Acheson – Astor – Brahmin – Bundy – Cabot – Chafee – Coffin – Davison – Dodge – Gilman – Gugenheim – Lord – Lovett – Lowell – Norton – Payne – Perkins – Phelps – Pillsbury – Pratt – Putnam – Russell – Sage – Sinclair – Sloane – Stimson – Taft – Vanderbilt – Wadsworth – Weyerhaeuser – Whitney (banca)

Morgan, Rockefeller, Carnegie, Ford, Harriman – adições posteriores. Depois, existe uma classe autorizada de pequenos agentes, especialmente na área da alta finança e da indústria, como foi o caso de JP Morgan e Rockefeller. Estes eram/são encarados pelo establishment como meros novos ricos, rudes, deselegantes, embora úteis.

Eastern Establishment – "Membership in this patriciate..." [NELSON ALDRICH]

Riqueza.

Dominação das instituições culturais e educacionais, controlo dos média.

Tratamento privilegiado pelas autoridades.

Vantagens fiscais e legais.

Vastas oportunidades para avanço financeiro.

Todas estas vantagens eram hereditárias.

«*Membership in this patriciate brought with it much besides wealth, of course: complete domination of all educational and cultural institutions, ownership and control of the news media, exceptionally favored treatment at the hands of political and civic officers, al the legal and fiscal advantages that money and prestige can command, and vast and varied opportunities for further financial gain. AII these assets were hereditary. There were, in fact, few other ways to get them*»

Nelson W. Aldrich [grandson of Senator Aldrich of Rhode Island, who was one of the principal architects of the Federal Reserve system], Old Money.

Wall Street – "Robber Barons" – Estrutura feudal, ligada a Londres.

Ascensão definitiva dos "robber barons", após morte de Lincoln. Pessoas como Andrew Carnegie, John D. Rockefeller, JP Morgan, Kuhn, Loeb & Co. (Warburg e Otto Kahn), du Pont, Mellon, Harriman (Union Banking Corporation, Brown Brothers Harriman).

"Lived for market conquest, plotted takeovers like military strategy". Homens que "*lived for market conquest, and plotted takeovers like military strategy*.", como foi escrito por um comentador, Matthew Josephson, no seu livro de 1934, "Robber Barons".

Uma estrutura feudal, ligada a Londres – dominada por Morgan e Rockefeller. Ligada a Londres, centrada em Nova Iorque, com grupos provinciais em Boston, Cleveland, Chicago, e Pittsburgh. Esta estrutura feudal funcionava como um clube fechado e era dominada por dois nomes, Morgan e Rockefeller, que estavam em cooperação constante, e dominavam não apenas Wall Street, como também vastas proporções do tecido económico americano.

Influência económica – Banca, seguros, transportes, energia, indústria. Desde esta altura que Wall Street controla o grosso do sector bancário, dos seguros, dos transportes (marítimos, ferrovias), da energia (electricidade, petróleo), e das firmas industriais. Dentro da órbita de cada um destes grupos, estava um intrincado sistema de firmas de investimento, bancos comerciais, e bancos de aceitações.

Wall Street – JP Morgan.

Parceria com Rockefeller em finança, comércio, indústria. Juntamente com Rockefeller, dominava a finança, o comércio e a indústria.

Império Morgan começa em Londres, com Peabody. O império JP Morgan começa em Londres, com George Peabody, da City. Peabody muda-se para a América e estabelece uma parceria com o patriarca da família, JS Morgan. A família Morgan vai estabelecer um império económico sem precedentes.

Finança. Guaranty Trust Company, First National Bank of New York, Bankers Trust, National Bank of Commerce, Chase National Bank, New York Trust Company, Metropolitan Life Insurance Company, New York Life Insurance, Equitable Life

Energia. General Electric Company; Continental Oil; Consolidated Gas of New York, United Corporation Group, Electric Bond and Share

Aço. US Steel

Exploração mineira. Kenecott Copper; Reading Coal and Iron

Construção naval.

Ferrovias. Mais de 5 sistemas de ferrovias, incluindo o New York Central railway system; Van Sweringen railway system; Northern system; Southern Railway;

Comunicações. American Telephone & Telegraph Company; International Telephone and Telegraph, Radio Corporation of America

Outras. Phelps Dodge, Montgomery Ward,

Automóveis. General Motors; Baldwin Locomotive

Armamento e pólvora.

Media.

Partidos.

Wall Street – Rockefeller.

Energia (petróleo) e petroquímica. Os interesses Standard Oil e a Atlantic Refining Co.

Farmacêuticas.

Finança. Ligações próximas a Chase National Bank, National City Bank, United States Trust Company, Hanover National Bank, Equitable Life and Mutual of New York.

Exploração Mineira.

Tabaco.

ROCKEFELLER – "Competition is a sin".

alan watt – competition is a sin – cartel formation (19:40) (O próprio John D. Rockefeller disse uma vez que concorrência era um pecado. Isto não era uma das suas habituais piadas. Para um homem como este, competição era mesmo um pecado. Os cartéis que foram formados desde essa altura tornaram-se muito maiores, e podem até comandar governos a ir para a guerra em seu nome)

Wall Street – Mellon – Kuhn, Loeb – Harriman – du Pont.

MELLON – Finança, Energia, Exploração Mineira, Aço. Gulf Oil, Koppers, Alcoa, Westinghouse Electric, Union Trust Company, Mellon National Bank, Jones and Laughlin Steel, American Rolling Mill, Crucible Steel, bem como outras firmas.

KUHN, LOEB – Finança, Ferrovias, Comunicações. De Warburg e Otto Kahn. Domina várias ferrovias, como a Pennsylvania, a Union Pacific, a Southern Pacific, a Milwaukee, a Chicago Northwestern, a Katy (Missouri-Kansas-Texas Railroad Company), e a Delaware and Hudson. O grupo também domina o Bank of Manhattan e a Western Union Telegraph Company.

HARRIMAN – Finança, Comércio Naval.

DU PONT – Indústria química.

WALL STREET – Um historial de crime e violência.

Impérios construídos sobre crime e sangue.

Fraude, roubo. Fraude monetária, roubos de terra (aos índios e a outros americanos)

Violência.

Incendiar os poços de petróleo dos adversários.

Metralhar grevistas. Houve vários episódios deste género, como o massacre dos mineiros, por JD Rockefeller, usando a Pinkerton, uma companhia de mercenários.

Tinham gangs de mercenários em acção.

JAY GOULD – "I can hire half of the workers to kill other half". Jay Gould gabou-se uma vez que «*I can hire one half of the working class to kill the other half*».

ALTA FINANÇA – França, Rússia, Alemanha

Haute Banque – França.

Haute Banque francesa domina o Banco de França e o total da economia francesa. Em França, a Haute Banque representava o controlo conjunto de cerca de 40 famílias, com destaque para grupos como Rothschild, Mirabaud, Mallet, Neuflize, Davillier, Vernes, Hottinguer, Lazard, Worms, Lubersac. As casas dominantes, porém, eram duas: Rothschild e Mirabaud, com o Banque de France a funcionar como corporação de fachada para estas firmas privadas.

Economia francesa – Cartéis, monopólios, confederações industriais. O centro do sistema era a Confédération générale du patronat français. A economia francesa era dominada por gigantescos monopólios: indústria metalúrgica, química, utilidades eléctricas, têxteis, carvão.

Sistema Paribas. Neste retrato, destacava-se o sistema Paribas, dominado por Rothschild, que controlava porções incríveis da economia: muitos empreendimentos coloniais e estrangeiros, utilities, marinha mercante, vias aéreas, construção naval, e comunicações.

LYSIS – "A plutocracia, domina governo e imprensa".

Os grandes bancos franceses. Credit Lyonnais, Comptoir National, Societe Generale, Union Parisienne, Paris et Pays-Bas [Paribas].

"A República Francesa é uma monarquia financeira, que domina governo e imprensa".

«*Fifty persons, representing a capital of 8,000,000 francs, can control 2,000,000,000 francs deposited in four banks… the French Republic is a financial monarchy… it is the complete domination of the financial oligarchy; the latter dominates over the press and the government*», Lysis, *Contre l'oligarchie financiere en France*, cit. in Vladimir Illyich Lenin (1916), "*Imperialism, The Highest Stage of Capitalism*".

Haute Banque – Rússia.

Comparativamente fraca, face a restantes países europeus.

Predominantemente sob holdings alemãs, britânicas e francesas.

Lista de bancos russos. Siberian Commercial; Russian Bank for Foreign Trade; St. Petersburg International Commercial Bank; Discount Bank; Commercial and Industrial; Russo-British; Russian-Asiatic; St. Petersburg Private; Azov-Don; Union Moscow; Russo-French Commercial; Moscow Merchants; Volga-Kama; Junker and Co.; St. Petersburg Commercial; Bank of Moscow; Moscow Discount; Moscow Commercial; Moscow Private.

Alta finança – Alemanha.

Início do século XX.

Banca Alemã dominada pelos 4 Ds de Berlim. Os quatro bancos "D" de Berlim: Disconto-Gesellschaft, Deutsche Bank, Dresdener,...

Deutsche Bank, o maior grupo alemão. O grupo Deutsche Bank era o maior dos grandes grupos bancários alemães. Entre os bancos controlados pelo Deutsche Bank estavam o austríaco Wiener Bankverein, e os russos Siberian Commercial Bank e Russian Bank for Foreign Trade. No total, o grupo Deutsche Bank incluía, directa ou indirectamente, parcial e totalmente, 87 bancos.

Directorados partilhados. Seis dos maiores bancos de Berlim eram representados pelos seus directores em 344 companhias industriais, e pelos seus membros do quadro executivo em outras 407, num total de 751 companhias. Em 289 destas companhias, ou tinham 2 dos seus representantes em cada um dos respectivos Quadros de Supervisão, ou detinham os postos de presidente.

SCHULZE-GAEVERNITZ (1915) – Dominância de cartel sobre economia.

Grandes bancos de Berlim e afiliados controlam 83% do capital bancário total alemão.

«*At the end of 1909, the nine big Berlin banks, together with their affiliated banks, controlled… about 83 per cent of the total German bank capital. The Deutsche Bank, which together with its affiliated banks controls nearly 3,000,000,000 marks, represents, parallel with the Prussian State Railway Administration, the biggest and also the most decentralized accumulation of capital in the old world*» Schulze-Gaevernitz (1915), cit. in Vladimir Illyich Lenin (1916), "*Imperialism, The Highest Stage of Capitalism*".

DIE BANK (1914) – Consolidação e monopólios dominam toda a sociedade.

Consolidação bancária acelerada na Alemanha.

"300 homens governam Alemanha".

“A tempo, serão reduzidos a ainda menos pessoas”.

“O movimento de consolidação vai continuar e abarcar toda a sociedade”.

“Um belo dia, só veremos monopólios à frente”.

“Até os monopólios estatais serão substituídos por monopólios privados”.

Comentando o aumento de capital do Disconto-Gesellschaft para 300,000,000 de marcos, o Die Bank escreve: «*Other banks will follow this same path and in time the three hundred men, who today govern Germany economically, will gradually be reduced to fifty, twenty-five or still fewer. It cannot be expected that this latest move towards concentration will be confined to banking. The close relations that exist between individual banks naturally lead to the bringing together of the industrial syndicates which these banks favor.... One fine morning we shall wake up in surprise to see nothing but trusts before our eyes, and to kind ourselves faced with the necessity of substituting state monopolies for private monopolies. However, we have nothing to reproach ourselves with, except for having allowed things to follow their own course, slightly accelerated by the manipulation of stocks*», A. Lansburgh, "Die Bank mit den 300 Millionen" in *Die Bank,* 1914, p. 426, cit. in Vladimir Illyich Lenin (1916), “*Imperialism, The Highest Stage of Capitalism*”.

Frankfurter Zeitung – Cartéis bancários restringem competição.

Concentração bancária visa restringir competição industrial.

Cartéis bancários procuram impedir competição, concentrar e controlar tudo**.**

Movimentos de companhias industriais ficam restringidos.

O *Frankfurter Zeitung*: «*The concentration movement of the banks is narrowing the circle of establishments from which it is possible to obtain credits, and is consequently increasing the dependence of big industry upon a small number of banking groups. In view of the close connection between industry and the financial world, the freedom of movement of industrial companies which need banking capital is restricted. For this reason, big industry is watching the growing trustification of the banks with mixed feelings. Indeed, we have repeatedly seen the beginnings of certain agreements between the individual big banking concerns, which aim at restricting competition*» [Quoted by Schulze-Gaevernitz, cit. in Vladimir Illyich Lenin (1916), “*Imperialism, The Highest Stage of Capitalism*”.

HEYMANN – Consolidação em pirâmide – Concentração de toda a economia.

Cada vez maior concentração industrial, dirigida por meia dúzia de bancos de Berlim. «*...concentration goes on further and further. Individual enterprises are becoming*

larger and larger. An ever-increasing number of enterprises in one, or in several different industries, join together in giant enterprises, backed up and directed by half a dozen big Berlin banks» [Hans Gideon Heymann, cit. in Vladimir Illyich Lenin (1916), "*Imperialism, The Highest Stage of Capitalism*".

HEYMANN – Consolidação em pirâmide – Controlo de sectores inteiros.

Holdings permitem grandes pirâmides organizacionais.

Companhia mãe, várias subsidiárias, e depois ainda outras, e por aí fora.

"If this interlocking is extended, it is possible with 1M to control 16M, 32M, etc".

«*The head of the concern controls the principal company" (literally: the "mother company"); "the latter reigns over the subsidiary companies" ("daughter companies") "which in their turn control still other subsidiaries" ["grandchild companies"], "etc. In this way, it is possible with a comparatively small capital to dominate immense spheres of production. Indeed, if holding 50 per cent of the capital is always sufficient to control a company, the head of the concern needs only one million to control eight million in the second subsidiaries. And if this 'interlocking' is extended, it is possible with one million to control sixteen million, thirty-two million, etc*» [Hans Gideon Heymann, *Die gemischten Werke im deutschen Grosseisengewerbe,* Stuttgart, 1904, pp. 268-69.]

JEIDELS e DIE BANK – Nepotismo com governo.

"União pessoal" entre bancos, indústria e governo. «*Seats on Supervisory Boards… are freely offered to persons of title, also to ex-civil servants, who are able to do a great deal to facilitate relations with the authorities… Usually, on the Supervisory Board of a big bank, there is a member of parliament or a Berlin city councillor*» Jeidels, cit. in Vladimir Illyich Lenin (1916), "*Imperialism, The Highest Stage of Capitalism*".

Nepotismo plutocrático destrói liberdade (Die Bank, 1911). Em 1911, Eschwege escreve um artigo intitulado "Plutocracy and Bureaucracy", onde expõe o caso de um oficial alemão chamado Volker, que era um zeloso membro de um Comité Regulador de Cartéis e que, acabou por obter uma posição lucrativa no maior destes cartéis, o Steel Syndicate. Este e outros casos semelhantes forçam o autor a admitir que «*the economic liberty guaranteed by the German Constitution has become in many departments of economic life, a meaningless phrase*». Sob o reino da plutocracia, «*even the widest political liberty cannot save us from being converted into a nation of unfree people*» [*Die Bank, 1911,* 2, p. 825; 1913, 2, p. 962., cit. in Vladimir Illyich Lenin (1916), "*Imperialism, The Highest Stage of Capitalism*".

STILLICH (1907) – Terrorismo e prepotência, com dependentes.

Uma carta de um banco de Berlim ameaça cortes de crédito.

"Façam aquilo que nós queremos, ou perdem financiamento". Por esta altura, era frequente que os círculos industriais e comerciais se queixassem do "terrorismo" e prepotência dos bancos. Por exemplo, a 19 de Novembro de 1901, um dos grandes bancos de Berlim escreve ao Quadro de Directores do German Central Northwest Cement Syndicate nos seguintes termos: *«As we learn from the notice you published in a certain newspaper of the 18th inst., we must reckon with the possibility that the next general meeting of your syndicate, to be held on the 30th of this month, may decide on measures which are likely to effect changes in your undertaking which are unacceptable to us. We deeply regret that, for these reasons, we are obliged henceforth to withdraw the credit which had been hitherto allowed you.... But if the said next general meeting does not decide upon measures which are unacceptable to us, and if we receive suitable guarantees on this matter for the future, we shall be quite willing to open negotiations with you on the grant of a new credit»* [Dr. Oscar Stillich, *Geld und Bankwesen,* Berlin, 1907, cit. in Vladimir Illyich Lenin (1916), "*Imperialism, The Highest Stage of Capitalism*".

ALTA FINANÇA – Oligarquia anglo-europeia – Sustentabilidade

A oligarquia britânica.

Barões, proprietários feudais, oligarcas feudatários. Por britânicos, não se deve entender o povo, ou sequer o governo do Reino Unido, mas sim as famílias governantes da oligarquia britânica, que governam o país desde 1660 sem oposição.

Controlo de todo o aparato de poder no Império Britânico. Controlo sobre os recursos do império, comércio, terras, forças armadas, burocracia, igreja anglicana, tribunais e as estruturas de governo (incluíndo o Parlamento). Controlo político, religioso e social das aldeias.

Acesso hereditário ou meritocrático. O acesso à aristocracia é condicionado por serviço ao império ou por riqueza. A oligarquia inglesa de pares não é nobiliárquica per se. Ou seja, não restringe o acesso de comuns às suas fileiras, contando que sejam ricos, ou que tenham aumentado significativamente a riqueza de uns quantos oligarcas. Ao mesmo tempo, em cada família, apenas o primogénito tinha direito a assumir as propriedades e fortunas da família. Todos os irmãos mais novos tinham de partir mundo fora para construir as suas próprias fortunas. Este é um dos determinantes do impulso para o imperialismo colonial britânico.

Educação – Sistema educacional caro, exclusivo e espartano. Centrado nas escolas de rapazes de Eton, Harrow e Winchester, e nas universidade de Cambridge, para a velha aristocracia, e de Oxford, para as classes médias altas, os funcionários imperiais.

TARPLEY – Oligarquia veneziana, transferida para Grã-Bretanha com os Whigs.

(**WT2 – 30:30**) This oligarchy is inherited from Venice, from the Venetian republic of the Middle Ages, and it's transfered into Britain between 1500-1600 in the form of the Whig Party, the top aristocratic party, which rules Britain from the early 1600s to 1832, the reform bill.

TARPLEY – Mudanças de nome: Welfen → Guelf → casa de Hanover → Windsor.

(**WT3 – 16:50**) What is the name of this family. Today they call themselves Windsor. They decided that in 1916/17. Up until that time, they were the ruling house of Hanover. But the real name of it is Saxe-Coburg-Gotha, of Guelf, die Welfen.

TARPLEY – Edward VII, their greatest activist, a genocidalist.

(**WT3 – 11:45**) King Edward VII. Since Victoria had been a recluse for 40 years, he was in effect the acting king. (12:50) This is the person who basically organized most of the historical tragedies from about 1860 until his death, and WWI is really his

handywork: he's the guy who created the Triple Entente, Britain, France and Russia against Germany, the encirclement of Germany. So he set up this alliance system, this idea that in 1914 when something happened in Europe, the only thing that was possible was if France started to mobilize, then everybody else would have to mobilize, and after that a war was the foregone conclusion. Edward VII was the guy who set that up. He did a number of things like this. He's the indispensable person for causing WWI. The entire pattern of world history is shaped as a tragedy since this person: WWII, communism, nazism, the Cold War. He is considered their greatest activist, their most successful political guy since William The Conqueror.

Oligarquia anglo-europeia – Mentalidade feudal.

Britânicos, italianos, prussianos, Hapsburgs, castelhanos, portugueses, etc.

Mentalidade oligárquica anglo-europeia – Feudatária. Passada de geração em geração através de sistemas educacionais fechados, a mente do aristocrata britânico – tal como a do seu comparsa italiano, holandês, Hapsburg, e outros – é moldado pela crença na suprema preferibilidade dos dias das mansões senhoriais e das propriedades feudais, quando apenas a nobreza, o clero e os servos existiam, em relações rígidas e hierarquicamente definidas.

(a) Clonagem em série.

(b) Feudalismo, medievalismo, organização por castas.

(c) Disciplina e esprit de corps. Espírito oligárquico, com fidelidade de grupo, desdém por confortos físicos, devoção ao dever, sentido de liderança. Preparação para devotar bastante tempo e energia às causas da oligarquia.

(d) Uso arbitrário e oligárquico do poder, contra a sociedade. Ou seja, uso contra o povo e a favor da oligarquia, e nunca o oposto. O princípio moral aqui é o eterno e indisputável favorecimento da classe oligárquica enquanto todo colectivo.

Oligarquia anglo-europeia – Londres, o centro operacional e de comando.

Londres, o centro de comando da euro-oligarquia. A oligarquia britânica funciona como centro de comando para a nobreza feudal europeia e para interesses financeiros associados.

Alta finança, instituições e OSCs.

→ RIIA, IISS, CFR, AI, CoR, etc. A política da oligarquia é formulada e veiculada através de instituições como o Royal Institute of International Affairs, o International Institute of Strategic Studies e nos EUA através de organizações prestigiosas como o CFR ou o Aspen Institute, entre outras.

Pensamento de longo termo. Os oligarcas britânicos não pensam em termos de meses ou anos, mas sim em termos de décadas e até de séculos.

Oligarquia anglo-europeia – Evangelho de atraso e subdesenvolvimento.

O trauma do estado-nação e da Revolução Americana. Desde a era de Carlos Magno, a mais grave ameaça às famílias nobres da Europa tem sido o estado-nação soberano, com uma liderança devotada ao desenvolvimento da cidadania e da economia. Como a Revolução Americana provou, uma população educada não vai tolerar o governo da oligarquia e o seu regime de subdesenvolvimento forçado.

Política da **era neo-medieval**. A nova era das trevas, à escala global.

(1) Atraso, subdesenvolvimento, desindustrialização.

(2) Visão bestial do ser humano.

(3) Obscurantismo, ignorância e cultismo religioso. Inclui a mais rude rejeição de ciência e tecnologia.

(4) Anti-parlamentarismo, anti-liberalismo. Liberdade e democracia são negativos, a ser restritos apenas a uma oligarquia pretensamente iluminada e "responsável".

(5) China como modelo para o mundo – bestialização, feudalismo e "estabilidade". Os britânicos e os seus seguidores (Clube de Roma, etc) são os principais advogados de que a China é o modelo ideal de desenvolvimento para os países do Terceiro Mundo. Na visão britânica do mundo, o modelo chinês de grandes populações bestializadas, a trabalhar sob condições feudais, é a única forma estável de organização social.

Oligarquia anglo-europeia – Sustentabilidade e crescimento negativo.

Imperialismo britânico torna-se "crescimento zero" global. Política britânica de atraso e subdesenvolvimento.

Sustentabilidade, i.e., neo-feudalismo global.

"Pós-industrial", "crescimento zero", "sustentabilidade". Esta política depois ganha controlo sobre o aparato de tomada de decisões nos EUA e na Europa, incluíndo ao nível governamental. É a política por detrás de slogans como "sociedade pós-industrial", "crescimento zero", "ambientalismo".

Alta finança, cartel bancário [Vários] – VIDEOS.

RUSSO – Quem faz o dinheiro, faz as regras.

São muito arrogantes, fazem o que querem.

Para parar com isso, é preciso negar-lhes a capacidade de emitir dinheiro.

(***AR – 37:15***) Esta gente controla o dinheiro, logo faz as regras.

(***AR – 51:00***) São muito arrogantes, podem fazer tudo aquilo que querem – demos essa autoridade a esta gente através da capacidade de criar dinheiro, que lhes permite controlar tudo. E para parar com isso, é preciso negar-lhes a capacidade de emitir dinheiro.

RUSSO, WATT – It's not about money, it's about institutional power.

RUSSO – It's not about money, they have all they want.

It's about their vision, "We the institutions, by the institutions, for the institutions".

(***AR – 1:16:00***) They have all the money they want. It's not about money...it's about the world, this vision for it. Mundo dominado por instituições, e não por indivíduos. "*We the institutions [and corporations], by the institutions, for the institutions*".

WATT – Dinheiro, uma ficção na qual temos de acreditar.

Essencial que pessoas parem de fazer trocas directas, ou trabalhar para elas próprias.

Elite tem todo o dinheiro e recursos no mundo. Não precisam de dinheiro.

Mas precisam que público acredite, para ser taxado de quase tudo o que ganha.

(***AW – NEWH, 29:45***) O dinheiro é um instrumento em que temos de acreditar para os servir. É essencial que as pessoas parem de fazer trocas directas ou de trabalhar para elas próprias. A elite tem todo o dinheiro e recursos no mundo. Não precisam de dinheiro. Mas precisam que o público acredite que é a única coisa que devemos usar. Hoje em dia, o poder da bolsa é usado ao máximo, para taxar ao público quase tudo o que ganham.

WATT – The games of international bankers.

"Who needs international bankers, why would any government agree to use them".

alan watt - who needs international bankers (porque é que qualquer governo aceitaria usar banqueiros internacionais?)

"They've run world economy for 250 years". ***alan watt - they've run world economy for 250years***

"Nations come and go, rise and fall – they knew debt can never be recuperated".

(***AW – FOTR, 14:04***) Sabiam da história que civilizações sobem e caiem, e sabiam os motivos pelos quais isso acontece)

(***AW – FOTR, 16:00***) – "nations rise and fall...they knew how debt could never be recuperated"

RUSSO – América perdida por sistema bancário.

É pelo sistema bancário que a América foi perdida.

(***AR – 15:15***) A raíz do problema é o sistema bancário – É por isso que a América foi perdida.

TARPLEY – Banking cartel – The fascist corporate state.

"You wanna be in it, you gotta join the cartel".

(***WT – 48:10***) That is in effect the fascist corporate state – banking is a state-sponsored, compulsory cartel – you wanna be in it, you gotta join the cartel.

América, do Colonial Scrip à Reserva Federal

Inglaterra do século XVIII, um sistema deflacionário de duas classes.

Imposição de escassez de crédito à economia.

Duas classes, subprodução, pobreza, desemprego. É isto que acontece num sistema de duas classes rígido: a riqueza é acumulada pela classe alta e pelos funcionários imperiais, e o resto da sociedade é subjugado sob o peso de subprodução, pobreza e desemprego.

Sistema financeiro como buraco negro de recursos e taxação. Ao mesmo tempo, o sistema financeiro funcionava como um buraco negro, que consumia e acumulava continuamente os recursos da sociedade e exigia progressivamente mais taxação. Isto é um dos modos como se usa um sistema económico para controlo social.

Colonial Scrip (1) – Coroa força colónias a recorrer ao Banco de Inglaterra.

Coroa proíbe cunhagem de moeda própria, bancos locais. O Banco tinha feito uso da sua influência com a Coroa para proibir as colónias de cunhar as suas próprias moedas, ou estabelecer bancos locais.

Colonos dependentes de notas deflacionárias do Banco de Inglaterra. Isto significava que, se os colonistas quisessem papel-moeda, eram forçados a usar as notas emitidas pelo Banco de Inglaterra, sob condições deflacionárias.

Governos coloniais são inventivos e emitem o seu próprio fiat. Ninguém tinha antecipado que os governos coloniais seriam inventivos ao ponto de emitir o seu próprio papel-moeda, por resposta às condições deflacionárias impostas por Inglaterra.

Colonial Scrip (2) – Funcionamento – O sistema americano de crédito.

Adoptado pelas colónias americanas a partir de 1691. A primeira colónia a fazê-lo é o Massachussets.

Torna colónias independentes dos bancos ingleses.

"Notas de crédito", "notas do Tesouro", IOUs. O seu governo local foi o primeiro a emitir o seu próprio dinheiro, na forma de papel-moeda, que era uma 'nota de crédito', 'nota do Tesouro', ou IOU.

Pagamento por impostos futuros e/ou por pagamento de juros a "land banks".

Taxação livre de juros, como tarifas de importação. As notas de dívida podiam ser pagas de volta ao governo através de impostos futuros, sem juros [*por exemplo, tarifas de importação, o que evitava a taxação do público nacional e protegia a produção interna*].

Ou através de baixas taxas de juro, com "land banks". Ou através de juros, por meio de 'land banks'. A maior parte das colónias usaram ambas as maneiras. No segundo sistema, um 'land bank' era um departamento governamental de empréstimos, que emitia papel-moeda e emprestava-o aos residentes (geralmente agricultores) a baixas taxas de juro. Os juros pagos entravam nos cofres públicos, de modo a financiar o governo. Era a maneira preferida de assegurar uma moeda estável.

<u>Pensilvânia, o maior caso de sucesso</u>.

Juros e tarifas de importação. Departamento de empréstimos é estabelecido em 1723. Durante mais de 25 anos não recolheu impostos à cidadania. Providenciou receitas adequadas, suplementadas pelas taxas de importação de licores.

Emissão controlada, reciclagem do crédito – Estabilidade precista. Durante todo o período, os preços permaneceram estáveis. O segredo estava em não emitir demasiado papel-moeda e em reciclar o dinheiro de volta ao dinheiro, na forma de pagamentos de principal e de juros sobre empréstimos emitidos pelo governo.

Fiat governamental sem impostos e sem inflação. Este raro exemplo demonstrou que era possível, para um governo, emitir novo dinheiro na ausência de impostos, sem inflacionar preços.

<u>Sistema de crédito é o sistema americano, por oposição a monetarismo privado europeu</u>. Antes das colónias americanas, mais ninguém tinha feito esta experiência a tão larga escala. O fiat governamental de larga escala é um sistema americano por excelência, um sistema de crédito, por oposição ao sistema monetarista europeu, baseado em notas bancárias emitidas por bancos privados.

Colonial Scrip (3) – O fim do Colonial Scrip.

<u>A independência monetária das colónias indigna os banqueiros britânicos</u>. A independência monetária das colónias deixou os banqueiros britânicos (e os seus associados nas Américas) profundamente indignados.

<u>"Prosperidade dos coloniais é pecaminosa, ausência de solidariedade com Inglaterra"</u>. Em Inglaterra*, os directores do banco central alegaram que a prosperidade das colónias americanas era pecaminosa, numa altura em que Inglaterra passava por taxas de desemprego e de pobreza agudas*. Todos tinham de sofrer pela mesma medida.

<u>Especulação e irresponsabilidade levam a inflação do colonial scrip</u>. Um sistema fiat saudável depende de uma condição essencial: honestidade humana, com controlo

apertado sobre as instituições de emissão. Na ausência disto, o que acontece é, inflação. Em vários casos, os governos expandiram artificialmente a emissão de dinheiro, para custear investimentos e privilegiar especuladores. Pelo final dos 1750s: a inflação de preços estava em 800% para o Connecticut, 900% para as Carolinas, 1000% para o Massachusetts, 2300% para Rhode Island.

Inflação leva a agitação, desemprego, controlos de preços. Agitação política, desobediência civil, percas de propriedade, desemprego. Isto foi acompanhado de leis monetárias para forçar a sua aceitação geral, *legal tender laws*, e de medidas como controlo de preços.

Ouro e prata são absorvidos por estrangeiros, que exigem pagamento em espécie. Por meados do século XVIII, o ouro e a prata tinham quase desaparecido de cena. A maior parte tinha sido absorvido por mercadores estrangeiros, que exigiam pagamento em espécie.

Inglaterra bane o Colonial Scrip e qualquer outra forma de dinheiro colonial. Em 1751, o Rei George II baniu a emissão de mais papel-moeda, de modo a forçar as colónias a pedirem emprestado aos banqueiros britânicos. Mais à frente, o Banco de Inglaterra faz com que o Parlamento passe uma Currency Act, a banir a emissão de qualquer forma de dinheiro próprio, pelas colónias.

Desemprego e pobreza assim gerados contribuem para Guerra Revolucionária. A medida cria desemprego e pobreza, e é um dos factores precipitantes da Guerra Revolucionária.

Continental.

Fiat emitido pelos revolucionários americanos. Dinheiro fiat emitido durante a Guerra Revolucionária pela Confederação, pelos estados e pelo Exército Continental.

A desvalorização contínua do Continental. No início da guerra, em 1775, a quantidade de dinheiro em circulação era de $12 milhões, e cada Continental comprava $1 em ouro. Apenas 5 anos depois, valia menos de um cêntimo e deixou de circular como dinheiro. A desvalorização foi de 5000%, correspondendo a dinheiro emitido pela Confederação, pelos estados e pelo próprio Exército, na forma de certificados passados para a compra de mantimentos. A frase "not worth a Continental" tem a sua origem neste período, no qual um par de sapatos veio a custar $5000 e um fato $1M.

Os banqueiros britânicos e Wall Street atacam o Continental – contrafacção e shorting. Para a desvalorização rápida do Continental, contou a guerra económica que os financeiros fizeram sobre o mesmo, através da inundação do mercado com papel-moeda contrafeito e através de especulação por meio de short-selling, através da qual faziam sucessivas compras a preços de desconto, de modo a desvalorizar a moeda.

Coinage Act de 1792 – A prosperidade da nova república.

O Coinage Act de 1792 retorna a emissão monetária a ouro e prata.

Moedas de ouro e prata com gramagens pré-definidas. Esta lei acertou o valor relativo do câmbio ouro-prata para 15:1. Depois, autorizou o governo federal a emitir moedas de ouro chamadas Eagles, e especificou que o seu valor seria de $10, com cada Eagle a valer 10 moedas de prata. Cada moeda de prata teria 371.25 gramas (grains) de prata refinada, com 10 moedas a conterem 3,712.5 gramas. O conteúdo da Eagle era de 1:15 dessa quantia, ou 247.5 gramas.

Sanidade monetária – Moeda estável, emissão restrita ao Congresso. É difícil encontrar na história um corpo legislativo tão competente como os Founding Fathers, que compreendiam fenómenos monetários e os males inerentes à manipulação do crédito. O novo sistema reflectiu esse corpo de preocupações: consagrava o direito de emissão de moeda ao Congresso, retirando-o dos banqueiros privados; e procurava estabelecer uma moeda de valor consistente e estável, ao longo do tempo.

Excelente volume de exportações, excedentes de balança. As exportações aumentaram exponencialmente, de $19 milhões em 1791 para $93 milhões em 1801. O défice nacional desapareceu totalmente, sendo substituído por um excedente, que era quase tão grande como o todo da despesa estatal.

CELENTE – Jefferson – Jackson – Fight over US against central bankers.

"EUA têm lutado desde fundação para que banqueiros centrais não tomem conta".

"É por isso que pessoas reverenciam Jefferson ou Jackson".

"As tomadas de poder acontecem, e é uma tomada de poder empresarial".

celente - fight over US by central bankers (A luta que este país tem travado desde a sua fundação é para que os banqueiros centrais não tomem conta do país. É por isso que pessoas como Andrew Jackson foram eleitos. E é por isso que as pessoas têm reverência por pessoas como Thomas Jefferson e outros. As tomadas de poder acontecem, e é uma tomada de poder empresarial...)

Andrew Jackson.

Luta contra o banco central de Nicholas Biddle.

“Den of vipers and thieves”. «*You are a den of vipers and thieves. I have determined to rout you out, and by the Eternal God, I will rout you out!*» Andrew Jackson, “Andrew Jackson and the Bank of the United States” (1928), Philadelphia.

“Jackson And No Bank”. Slogan para Andrew Jackson

Guerra fria entre banqueiros e EUA durante século XIX.

Banqueiros europeus cercam EUA como abutres durante 100 anos. Durante mais de 100 anos, os banqueiros europeus circularam em redor da nova república como aves de rapina a pairar sobre uma presa.

Financiam guerra de 1812.

Estimulam Guerra Civil.

Procuram estabelecer dois bancos centrais. Tentam estabelecer dois bancos centrais, derrotados primeiro por Thomas Jefferson, e depois por Andrew Jackson.

Enviam agentes e estabelecem alianças em Wall Street. Do mesmo modo, usaram os seus aliados locais, em Wall Street e noutros centros financeiros para desestabilizar a economia interna, e enviam toda uma série de agentes da City, como Carnegie ou Peabody.

Guerra Civil.

Britânicos estimulam antagonismo entre Norte e Sul, prelúdio para guerra civil. Estimulam a divisão dos EUA em dois blocos (União versus Confederação), como prelúdio para uma guerra civil.

Operam através do eixo Wall Street-Sul. No Norte tinham os seus aliados de Wall Street e, no Sul, os cartéis comerciais do algodão e do tabaco.

Sul – BEIC – Oligarquia, feudalismo, escravatura, “tradição”. Convém referir que o sul estava initimamente ligado à British East India Company, no circuito comercial dos têxteis (algodão confederado – mercadores ingleses – fiações britânicas em Inglaterra e Índia). O Sul era largamente apreciado em Inglaterra, onde era visto como um exemplo de civilização e responsabilidade, com feudalismo, supremacismo racial e escravatura – o modelo oligárquico britânico.

“Os sujos Yankees” – Igualdade, democracia e desenvolvimento económico. O real alvo aqui era o Norte, que era o coração da nova República. Por oposição ao “modelo civilizacional” da Confederação, havia todo um ódio pela “sujidade Yankee”, com o seu cartismo e desenvolvimento económico.

Inglaterra e França do lado da Confederação. França e Inglaterra do lado do Sul (França no México, Inglaterra no Canadá, o alvo eram os estados Yankee).

Rússia do lado da União. O bloqueio naval russo evita intervenção anglo-francesa e ao mesmo tempo atrasa a guerra de atrição contra o Império Russo, através do apoio à secessão dos seus satélites na Europa de Leste e nos estados bálticos.

Gideon Welles, "God bless the Russians!" Gideon Wells, US Secretary of the Navy, 1863-64, "God bless the Russians!"

Von Bismarck, sobre Guerra Civil.

Divisão dos EUA em federações antagonistas decidida pela alta finança europeia.

Banqueiros receavam o desenvolvimento económico de uma América unida.

Iria perturbar o seu domínio sobre a Europa e o mundo.

Substituir uma República vigorosa por duas democracias débeis e endividadas.

Daí, os financeiros fizeram tudo para provocar a Guerra Civil.

«*The division of the United States into federations of equal force was decided long before the Civil War by the high financial powers of Europe. These bankers were afraid that the United States, if they remained in one block and as one nation, would attain economic and financial independence, which would upset their financial domination over the Europe and the world. Of course, in the "inner circle" of Finance, the voice of the Rothschilds prevailed. They saw an opportunity for prodigious booty if they could substitute two feeble democracies, burdened with debt to the financiers... in place of a vigorous Republic sufficient unto herself. Therefore, they sent their emissaries into the field to exploit the question of slavery and to drive a wedge between the two parts of the Union.... The rupture between the North and the South became inevitable; the masters of European finance employed all their forces to bring it about and to turn it to their advantage*» Otto von Bismarck, Chancellor of Germany [This statement was quoted by Conrad Siem, a German who became a U.S. citizen and who wrote about the life and views of Bismark. It was published in *La Vieille France,* No. 216, March 17-24, 1921, pp. 13-16]

LINCOLN – "Two great enemies, the South and the bankers". «*I have two great enemies – the Southern Army in front of me, and the financial institutions in the rear. Of the two, the one in the rear is my greatest foe*» Lincoln [citação atribuída]

Lincoln – "Money power preys upon the nation".

CELENTE – "Money powers prey… Wall Street has killed Main Street".

celente - lincoln quote (...foi algo de que Abraham Lincoln avisou. E creio que esse é o motivo pelo qual foi assassinado. "The money powers prey upon the nation...until the wealth is aggregated in a few hands, and the Republic is destroyed". Wall Street has killed Main Street)

LINCOLN – "The money power preys upon the nation".

"Preys in times of peace, conspires in times of adversity".

"More despotic than monarchy, insolent than autocracy, selfish than burocracy".

"Corporations have been enthroned, an era of corruption will follow".

"Until wealth is aggregated in a few hands, and the republic destroyed".

«*The money power preys upon the nation in times of peace and conspires against it in times of adversity. It is more despotic than monarchy, more insolent than autocracy, more selfish than bureaucracy. I see in the near future a crisis approaching that unnerves me and causes me to tremble for the safety of my country. Corporations have been enthroned, an era of corruption will follow, and the money power of the country will endeavor to prolong its reign by working upon the prejudices of the people, until the wealth is aggregated in a few hands, and the republic destroyed*»

Abraham Lincoln, A letter to William F. Elkins, November 21, 1864. Archer H. Shaw, ed., The Lincoln Encyclopedia: The Spoken and Written Words of A. Lincoln (New York: Macmillan Co., 1950), p. 40.

Lincoln e as greenbacks (1) – Lincoln, critérios a seguir para fiat estatal.

O governo não tem de pedir emprestado a juros.

Pode emitir crédito e evitar inflação com taxação, redepósitos e outras técnicas.

Há que desenvolver meios para prevenir flutuações indevidas no valor do dinheiro.

Aí, dinheiro deixará de ser o mestre, e passará a ser o servo da humanidade.

«*Government possessing the power to create and issue currency and credit as money and enjoying the right to withdraw both currency and credit from circulation by taxation, redeposit and otherwise, need not and should not borrow capital at interest… [Also], means must be developed to prevent undue fluctuations in the value of money… [Then], money will cease to be master and become the servant of humanity*» Lincoln, quoted by Owen (1939), "National Economy and the Banking System of the United States", Committee on Banking and Currency, United States Senate, Washington: Government Printing Office, p.91.

Lincoln e as greenbacks (2) – Da guerra civil ao pump priming da economia.

Greenback Law (1862) – Governo emite US Notes. Lincoln faz passar o Legal Tender Act (também conhecido como Greenback Law), que permitia ao governo criar o seu próprio dinheiro, na forma de notas do Tesouro, as United States Notes, ou US Notes.

Guerra civil – As greenbacks inflacionam e o poder de compra decai. Durante a guerra, a quantidade de dinheiro em circulação aumentou 138%, o poder de compra das Greenbacks caiu em 65% (os preços quase duplicaram – subiram 183%), e os salários subiram apenas 54%. Ou seja, o público entregou ao governo e aos bancos mais que metade de todo o dinheiro que ganhavam ou poupavam durante esse período – isto sem contar com impostos pagos. Pelo fim da guerra, tinha sido emitido um total de $432 milhões em greenbacks.

Após guerra civil, greenbacks usadas para pagar dívidas (juros entre 24-36%). As novas notas para pagar as dívidas da Guerra Civil a tropas e a financiadores externos, como os próprios banqueiros europeus. Essas dívidas estavam colocadas a taxas de juro entre 24-36% e teriam enredado o país numa teia de dívida, não fosse o uso de greenbacks.

Greenbacks usadas para investir em desenvolvimento.

Investimento governamental e crédito barato para produção. Através das greenbacks, a economia foi revitalizada através de um aumento de 600% em gastos governamentais e de crédito barato dirigido à produção. Mais tarde, Roosevelt viria a tentar fazer a mesma coisa com dinheiro emprestado.

América transforma-se na maior potência industrial do mundo. Ao mesmo tempo, foi durante esta fase que a América se transformou na maior potência industrial do mundo, com uma gigantesca indústria de aço e um sistema nacional de caminhos de ferro. A produtividade laboral aumentou exponencialmente.

Educação, ciência e tecnologia. O Land Grant College system estabeleceu educação superior gratuita. O governo suportou todos os ramos da ciência e da tecnologia.

Desenvolvimento agrícola. O Homestead Act deu aos pioneiros direitos de propriedade e encorajou novo desenvolvimento de terras.

Lincoln e as greenbacks (3) – Os banqueiros odiavam as greenbacks.

Perdem habitual lucro sobre dívida governamental. As greenbacks foram odiadas pelos banqueiros, que viram negado o seu habitual lucro sobre a emissão de dívida governamental.

TIMES OF LONDON (1865) – "This mischievous financial policy".

"Mischievous financial policy originated in the North American Republic".

"That government will furnish its own money without cost, debt-free"

"It will pay off debts, carry on its commerce, become prosperous beyond precedent".

"The brains and wealth of all countries will go to North America".

"That government must be destroyed or it will destroy every monarchy on the globe".

«*If that mischievous financial policy which had its origin in the North American Republic [debt-free money] should become indurated down to a fixture, then that government will furnish its own money without cost. It will pay off its debts and be without a debt to the International Bankers. It will have all the money necessary to carry on its commerce. It will become prosperous beyond precedent in the history of the civilized governments of the world. The brains and wealth of all countries will go to North America. That government must be destroyed or it will destroy every monarchy on the globe!»* – Times of London newspaper, 1865

VON BISMARCK – EUA sobrevivem a guerra civil, morte de Lincoln é decidida. O Chancellor alemão Otto von Bismark (1815 - 1898) escreveu em 1876 que...

«*The Government and the nation escaped the plots of the foreign bankers. They understood at once that the United States would escape their grip. The death of Lincoln was resolved upon*»

National Bank Act – Os banqueiros voltam a lucrar com IOUs governamentais.

Os banqueiros odiavam as greenbacks e exigiam o seu próprio fiat privado. Estavam ansiosos por ter este fiat governamental substituído pelo seu próprio fiat bancário.

National Banking Act 1863-65 – Bancos nacionais. O Secretário Salmon Chase faz a vontade aos bancos, quando faz passar o National Bank Act a 25 de Fevereiro de 1863, que estabelece um novo sistema de bancos nacionais. Os poderes da lei foram gradualmente aumentados ao longo dos anos seguintes.

Estrutura similar a banca central – IOUs governamentais convertidos em dinheiro. A estrutura era similar à de um sistema de banca central. Estabelecia um mercado para obrigações governamentais e depois transformava essas obrigações em dinheiro para circulação.

(1) Banco nacional adquire IOUs, recebe US Bank Notes. O banco nacional comprava IOUs e retornava-as ao Tesouro, que as trocava por uma quantidade igual de "United States Bank Notes". Estas notas eram declaradas moeda legal para impostos e taxas, estatuto que as fazia ser usadas como moeda de circulação. O custo do banco nacional por estes IOUs era zero, dado que recebiam pagamento imediato por ele.

(2) Banco nacional recolhe juros dos IOUs, e empresta notas a juros. Tecnicamente, continuavam a possuir os IOUs e recolhiam juros sobre eles, mas também tinham o uso

de uma quantidade igual de dinheiro em notas, que também podia ser emprestado a juros. Ou seja, era apenas mais uma variante do esquema antigo, em que dívida governamental era convertida em dinheiro, e os banqueiros recolhiam juros substanciais pelo seu papel no sistema.

(3) Lei permite a mesma operação a bancos privados, sob fracção 12%. O National Banking Act de 1863 exigia que os bancos privados mantivessem uma média de 12% de moedas de ouro em reserva. Isso significava que um banco com $1 milhão em depósitos de moedas podia usar aproximadamente $880,000 ($1 milhão menos 12%) para comprar IOUs governamentais, trocar os IOUs por notas bancárias, emprestar as notas, e recolher juros tanto sobre as obrigações como sobre os empréstimos. Ou seja, o banco privado podia agora recolher juros sobre os $880,000 emprestados ao governo na forma de moedas, mais juros sobre os $880,000 emprestados aos clientes na forma de notas bancárias. Isso duplicava os rendimentos do banco sem a inconveniência de ter de trabalhar por isso.

National Bank Act depressa autoriza bancos e emitir o seu próprio papel-moeda a juros. O National Bank Act começou por ser uma medida de contingência para pagar despesas de guerra, mas rapidamente foi transformado em legislação pró-bancária, que autorizava os bancos a emitir e a emprestar o seu próprio papel-moeda a juros. Em Junho de 1874, é passada legislação que permite que os bancos sustentem as suas notas inteiramente com obrigações governamentais.

Da Guerra Civil à Fed, 40 anos de fiat privado, quatro pânicos.

National Banking Act resulta em pobreza, desemprego, instabilidade financeira.

40 anos de volatilidade, ciclos, booms e busts. O período entre o final da Guerra Civil e o estabelecimento da Reserva Federal foi marcado por volatilidade e caos económico, com uma série de expansões e contracções da emissão monetária, levando directamente a booms e busts económicos.

Currency drains levam a pânico e contração – 1873, 1884, 1893, 1907. Houve quatro contracções destacadas durante este período, os pânicos de 1873, 1884, 1893, e 1907. Todos eles foram caracterizados por reservas bancárias insuficientes e a suspensão de pagamento em espécie. Foram em larga medida uma consequência da criação excessiva e piramidal de depósitos nos bancos de reserva urbanos. Estes pânicos foram despoletados por *currency drains* que ocorreram nos períodos de relativa prosperidade, que ocorreram quando os bancos estavam a criar excessos de crédito. No total, nos EUA, houve 1748 falências bancárias em 20 anos, antes da criação da Fed.

Período de consolidação para Wall Street. Este foi um período de imensa consolidação, nas mãos de firmas como JP Morgan e outras.

RUSSELL MEANS – Congresso transfere poder para bancos (1870s-1913).

(**RM – 8:05**) Nos 1870s, é aí que o Congresso começa a dar aos bancos, o direito de governar. Em 1913, é aí que dão o poder da economia aos bancos.

Bankers' Manifesto de 1891 prepara recessão de 1893.

Em 1891, temos uma citação atribuída, onde é planeado um pânico para 1894. Na prática, o que acontece é o pânico de 1893.

"A 1 de Setembro de 1894, faremos uma contração".

"Podemos confiscar milhares de quintas a saldo".

"Os agricultores tornar-se-ão rendeiros, como em Inglaterra".

«*On Sept 1st, 1894, we will not renew our loans under any consideration. On Sept 1st we will demand our money. We will foreclose and become mortgagees in possession. We can take two-thirds of the farms west of the Mississippi, and thousands of them east of the Mississippi as well, at our own price... Then the farmers will become tenants as in England…*» 1891 American Bankers Association as printed in the Congressional Record of April 29, 1913

Marcha de Jacob Coxey.

Final do século XIX.

Coxey's Army exige moeda livre de dívida e de juros. A depressão foi grave o suficiente para estabelecer um precedente de protestos de rua e a primeira marcha de sempre a Washington. Esta foi organizada e encabeçada por Jacob Coxey, um homem de negócios que levou o seu Coxey's Army (500 pessoas) à capital da nação, para exigir o retorno a uma moeda livre de dívida e de juros. Portanto, havia uma certa consciência real em relação a sobre quais assuntos protestar.

Anschluss.eu – VÍDEO.

FARAGE – Commies in EC – Prison of Euro, protectorates, millions will suffer.

Common denominator of this commission, the number of them that were communists.

It must feel like a return to the good old days.

60 years ago, an Iron Curtain fell across Europe, today we have the iron fist of the EC.

In 1968, Breznev doctrine, limited sovereignty; now, shared values pooled sovereignty.

Article 121, Greece turned into protectorate, trapped inside economic prison of Euro.

Same will happen to Spain, Portugal, Ireland.

Millions in Europe will go through pain as to keep this disaster of the Euro.

We must put the people in every member state through free, fair referendums.

farage - comunistas na CE, gov economica - e não vai ser só grécia mas tb portugal, espanha, etc, breznev doctrine 'shared values' (Now I'm struck that the common denominator of this commission is the sheer number of them that were communists, or were very close to communism: barroso, ashton, callas, etc. But we have 10 communists in this commission, and it must feel like a return to the good old days, there must be a certain nostalgia amongst the communists. *Whilst 60 years ago, an Iron Curtain fell across Europe, today we have the iron fist of the european commission.* Article 121 and Greece being turned into a protectorate, trapped inside the economic prison of the Euro. *In 1968 we had the Breznev doctrine of limited sovereignty; today we have shared values and pulled sovereignty.* It's not just Greece, the same will happen to Spain, Portugal, Ireland. *Millions of people in Europe will be put through pain as you attempt to keep together this disastrous project that is the Euro.* It will fall to pieces and as far as the peoples of Europe are concerned, the sooner the better. We must put the people in every member state through free and fair referendums)

HIGGINS – UE destrói a sociedade em favor de alta finança.

I voted against resolution establishing permanent crisis mechanism for Eurozone.

In Ireland and Greece we see reality – to bail out finance at expense of society.

Institutionalizing the doctrine that society must pay for the crisis.

The Irish government has already turned our country into a vassal state for the IMF.

Joe Higgins (EUL-NGL) the EU is destroying Ireland (I voted against the resolution establishing a permanent crisis mechanism for the Eurozone because in Ireland and Greece we see the reality, that such mechanisms are to bail out a crisis ridden financial system dominated by speculators and assorted profit seeking sharks at the expense of the working people, the pensioners and the poor (…) thus institutionalizing the doctrine that society must pay for the crisis. (...) The Irish government has already turned our country into a vassal state for the IMF)

FARAGE – UE a comprar a própria dívida significa crise de dívida do BCE.

We can't go on buying our own debt. The next debt crisis will be the ECB itself.

Nigel Farage EU buying its own debt will mean ECB debt crisis (We can not go on as a European Union buying our own debt. If we do, the next debt crisis won't be a country, it will be a debt crisis of the ECB itself)

BLOOM – Crise de derivativos – Banca central a perpetuar activos tóxicos.

Our commercial banks buy and redistribute junk debt, repackaged at triple A ratings.

Central banks are now doing the very same thing.

Buying junk bonds, repackaged as triple A.

Get rid of establishment support for commercial banks, and get rid of central banks.

Central banks are a part of the problem, not the solution.

Get rid of Central Banks - Godfrey Bloom MEP (And our commercial banks have got themselves into a terrible problem because they buy junk debt, they redistributed junk debt, repackaged at triple A ratings. What are our central banks now? The very same thing. They're buying in the secondary market, they're buying junk bonds, repackaging it as triple A, and this is how we got into this pickle to start with. If you wanna get out of this mess, you wanna get rid of the political establishment support for commercial banks, and get rid of central banks, which are actually part of the problem, not the solution)

FARAGE – Euro is a failure, living on borrowed money.

The Euro is living on borrowed money.

Chorus of EU and IMF reinforces failure, raises questions about European project.

Farage ECB and IMF reinforcing failure in Greece Barroso says No Plan B (We have all the presidents of the EU ahead of us, telling us that everything's ok. Sorry, it won't wash. The Euro is living on borrowed time, it's living on borrowed money. This chorus of unanimity from EU leaders and the increasingly appalling IMF is just reinforcing failure, and raising questions about the whole European project)

FARAGE – The Debt Union – Prisão económica para Sul e Norte da Europa.

You're using crisis as massive power grab to take us towards fiscal union.

If you succeed, get rid of European Union, call it the Debt Union.

You'll trap southern countries inside economic prison, suffering will be untold.

The north will pay forever a massive bill at interest rates that are far too high.

No one believes you, public don't support you, I hope and pray the markets break you.

It is plain that Greece, Portugal and Ireland do not fit inside the Euro.

We should introduce a plan B, to allow competitive devaluations.

What we're doing with this policy is killing them off.

European Union - Call it the Debt Union - Nigel Farage (You're using the crisis as a massive power grab to take us towards fiscal union. If you succeed, then we should change the name. Get rid of European Union, call it the Debt Union. And if you do succeed, you will trap those southern countries inside an economic prison for which the suffering of people will be untold, and the north will find itself paying forever a massive bill at interest rates that are far too high for their own economies. We've reached a point in this where actually it doesn't matter what any of you say. Nobody believes you. The public don't support you. I hope and pray the markets break you. I did say a decade ago that you could not have Greece and Germany put together in the same monetary union and that it would not work. It is absolutely as plain as a pikestuff that Greece, Portugal and Ireland do not fit inside the Euro and that we should be doing is to introduce a plan B, to allow these countries to go back to their own currencies to have competitive devaluations and to have a chance, because what we're doing with this policy is killing them off)

Anschluss.eu

Interdependência – Hush hush, we all fall down.

<u>Todos se afundam quando um vai abaixo</u>. Interdependência financeira significa também que todos se afundam quando um vai abaixo. Uma espécie de prisão, na prática.

<u>Hush hush, we all fall down</u>. «*Hush hush hush hush / We all fall down*», Old nursery rhyme

O Anschluss, na Europa, resulta em "closer union".

<u>BCE e Bruxelas assumem domínio económico sobre Europa</u>.

Integração de estruturas financeiras e económicas europeias sob ECB, Bruxelas. Integração das estruturas económicas e financeiras da Europa sob o ECB e demais guildas burocráticas europeias.

Centralizam sistema de bailouts e estímulos aos bancos. Na Europa, o Anschluss dá-se com o BCE e os burocratas de Bruxelas a assumirem domínio económico sobre a Europa, e a centralizarem um sistema de bailouts, aos bancos, por via de nações.

<u>Protectorados fiscais – Sob emergência, estados em falha tornam-se domínios da CE</u>. Sob estatutos de emergência, estados em falha tornam-se domínios fiscais da Comissão Europeia. Cada um destes domínios é governado por uma subcomissão de burocratas europeus. Estados-nação são colocados na dependência dos eurocratas e do BCE.

<u>Centralização, federalização, "closer union" – governo pan-europeu</u>. Esta é a fase de consolidação final da UE, na qual os estados-nação são colocados na dependência directa dos tecnocratas e do banco central em Bruxelas.

<u>Depressão global acelera Processo de Lisboa</u>. O Tratado de Lisboa avança a completa federalização da Europa sob as agências regulatórias pan-europeias e cria um governo europeu *de facto*. O processo de integração sob esta entidade pan-continental foi apenas acelerado através da depressão global.

PIIGS.

<u>A boa velha misantropia europeia</u>. Isto é um termo que poderia ter sido atribuído durante os bons velhos tempos do Império Britânico, ou do Império Prussiano.

(1) Portas-giratórias de crédito – Bruxelas → PIIGS [dívida acumulada] → Bancos. O sul da Europa e a Irlanda (carinhosamente apelidados de PIIGS) tornam-se a principal porta giratória para estas transferências de subsídios directos aos bancos.

(1a) Fiador (Norte da Europa) sobrecarregado com dívidas deste processo.

(2) Liquidação e privatização – sob o peso da dívida acumulada.

(3) Vanguarda para o resto da Europa.

Blitzkrieg sobre IOUs mediterrânicos.

Campanhas de short-selling e destruição de confiança. Destruição de confiança através de campanhas na imprensa e campanhas de short-selling, nos mercados financeiros.

"The walls of Jericho" – Edifícios frágeis de IOUs estatais. As dívidas nacionais são a versão estatal das hipotecas subprime. Este edifício de dívidas tóxicas subprime, expressão de toneladas de IOUs sem qualquer valor ou cobertura, pode agora ser deitado abaixo, para tomar conta destes mesmos estados.

Ataques a IOUs nacionais, actos de chantagem política e económica. Em larga medida, isto tem de ser visto como um sistema de chantagem para impor agendas políticas.

IOUs caiem → Agenda da alta finança é aceite → IOUs sobem. Fazem-se cair os valores dos IOUs até à aceitação dos programas respectivos, e depois fazem-se subir esses valores após os programas serem aprovados. Esta é uma técnica típica de imposição de programas bancários.

Blitzkrieg sobre IOUs mediterrânicos – Rating agencies.

Downgrades seguidos de penalizações de juros.

Ou seja, a Moody's faz um downgrade e o Barclays pode exigir mais juros. When these private fake agencies, like Moody's, downgrade you, then their cousins, the banks, can give you a higher interest rate for your debt.

ARBATOV – Oficial soviético, sobre o "bolchevique FMI".

Georgy Arbatov – FMI, neo-bolcheviques.

Georgy Arbatov caracteriza os oficiais do FMI como... «*…neo-Bolsheviks who love expropriating other people's money, imposing undemocratic and alien rules of economic and political conduct and stifling economic freedom*» – Cit. in Samuel P. Huntington (1996). "The Clash of Civilizations and the Remaking of World Order". Simon & Schuster.

Arbatov tinha motivos para saber...

Era filho de um dos mais proeminentes bolcheviques, Arkady Arbatov.

Foi um dos homens mais importantes do estado soviético durante toda a Guerra Fria.

Talvez não pareça, mas isto foi um elogio – cínico e dissimulado, mas um elogio. Isto foi um elogio – apesar de não parecer um elogio. A arte de falar com língua bifurcada.

Georgy Arbatov.

Filho de Arkady Arbatov. Georgy Arkadyevich Arbatov (1923 – 2010), filho de Arkady Arbatov, um bolchevique proeminente, actor nas várias missões comerciais dos planos de 5 anos, durante os anos 30.

IRIM, ISKRAN. Estudou no Instituto de Relações Internacionais de Moscovo. Fundador e director do Instituto dos EUA e do Canadá da Academia Russa de Ciências (ISKRAN, de 1965 a 1995); o instituto soviético para o estudo dos dois países.

Apparatchik de topo na URSS. Consultor para cinco Secretários-Gerais do PCUS, e para o Comité Central do PCUS sobre questões americanas em 1964-67. Fez parte do Comité Central e do Soviete Supremo.

Galardões do estado soviético. Galardoado com duas Ordens de Lenin, uma Ordem da Revolução de Outubro, duas Ordens da Bandeira Vermelha do Trabalho, e vários outros galardões.

BAIL-IN: Roubo de depósitos, do Chipre para o mundo.

BAIL-IN, o novo instrumento de confiscação bancária [CHIPRE].

Artigo de Patrick Wood – Os cinco sistemas de confiscação financeira. Artigo muito importante, debruçando-se sobre próxima fase de confiscação bancária, agora por *bail-in*.

QE, bail-out, bail-in, financialização de recursos, colateralizar fundos de pensões.

Bail-in, ensaiado no Chipre. «*...the three stages of self-imposed financial insulation that global banks have installed around themselves to stay alive: 1. Demand funds directly from governments and their treasuries; 2. Order central banks to "inject liquidity" via Quantitative Easing; 3. Confiscate funds directly from depositor's accounts… There at least two other variations of the above schemes that have not been tried yet: Converting pension and retirement funds [isto não é verdade, já foi feito em várias instâncias] and directly attaching national physical assets such as real estate and mineral rights… With relation to number 3 above, Cyprus has been the model testing ground. With only one million citizens and a tiny economy, Cyprus is no physical threat to anyone no matter how vociferously they protest against being plundered… This is the new paradigm that will likely sweep the world as fast as a prairie fire driven by a strong wind*» ["Beware: New Global Bank Paradigm" Patrick Wood, Findings & Forecasts, The August Review, April 3, 2013]

BAIL-IN: Roubo e reciclagem de capital, coerção, controlo de capitais.

Sistema de *bail-in* para Canadá: "Risk Management for Systemically Important Banks".

Consagração de "systemically important banks", "too big too fail". Chamemos-lhes SBI. Um SBI é um zombie bank afundado em dívidas, sem qualquer valor real, a não ser no que respeita ao capital em depósito; e mesmo aí, apenas em parte, já que esse capital é quase todo virtual. É uma instituição bancarrota, cancerosa, com dívidas sistémicas no aparato financeiro. Tudo isto a torna numa força para interdependência financeira. Se este zombie bank colapsa, as ondas de choque do colapso atingem toda a economia, devido à extensão dos seus tentáculos de dívida e virtualidade. A única solução é liquidar por inteiro estas instituições, e o seu sistema de dívida virtual e lixo financeiro. No documento, como habitual, estas entidades corruptas e corruptoras são elevadas ao nível de epicentros da economia – o mundo ao contrário.

BAIL-IN: confiscação e reciclagem contínua de capital em depósito. Sob bail-in, o dinheiro já não vem de fora (bail-out) mas sim do interior do próprio banco, em auto-alimentação. O banco pode reciclar os depósitos em si existentes em fundos para

investimento, i.e. *roubo* directo de capital depositado [os banqueiros orgulham-se de violar todos os Mandamentos]. Isto é o que o Tesouro do Canadá denomina de "*Very rapid conversion of certain bank liabilities [depósitos] into regulatory capital [capital para investimento]*". O Tesouro exige um aumento de, ou "capital requirements", "equity capital", e isso dá início ao processo de *bail-in*, já que é feito pela confiscação directa de depósitos. Depois, este procedimento é simplesmente perpetuado em loops contínuos ao longo do tempo.

Depositante recebe garantia de pagamento, i.e. mais dívida securitizada. Em troca, o depositante receberá uma garantia, uma nota promissória, em como vai receber o dinheiro de volta. Isto será mentira para a larga generalidade dos capitais garantidos, e é claro que estas notas promissórias são algo que também poderá ser empregue no mercado de securitizações.

Sistema **internacional**. O sistema é internacional, como indicado pelo Tesouro, "*This framework will be consistent with reforms in other countries and key international standards*".

Sistema automatizado – Controlo de capitais – Coerção regulatória ao uso de bancos. "*Very rapid conversion*" implica que o sistema vai ser automatizado e sem avisos prévios. Em primeiro lugar, isto implica que os bancos vão ter de impor limites rígidos sobre levantamentos, por forma a evitar "bank runs" e, que esse vai ser o novo normal. É claro que isso é um desincentivo a manter o dinheiro no banco. Portanto, tudo isso será obviamente acompanhado de bullying governamental-regulatório, a forçar a pessoa média a ter dinheiro no banco (e.g. salários serem forçosamente pagos por transferência bancária; transferências de capitais terem de ser forçosamente mediadas pelo sistema bancário). Também implica controlo de capitais estrito, pelos governos em parceria com os bancos (na prática, pelos bancos, usando as suas franchises .gov).

Citação do Tesouro Canadiano. «*A 442-page government report titled "Jobs, Growth and Long-Term Prosperity: Economic Action Plan 2013" was submitted on March 21, 2013 to the House of Commons in Canada by the Canadian Minister of Finance James Flaherty. Chapter 3.2, beginning on page 154, states: "**Establishing a Risk Management Framework for Domestic Systemically Important Banks…** Economic Action Plan 2013 will implement a comprehensive risk management framework for Canada's systemically important banks. Canada's large banks are a source of strength for the Canadian economy. Our large banks have become increasingly successful in international markets, creating jobs at home. The Government also recognizes the need to manage the risks associated with systemically important banks — those banks whose distress or failure could cause a disruption to the financial system and, in turn, negative impacts on the economy. This requires strong prudential oversight and a robust set of **options for resolving these institutions without the use of taxpayer funds, in the unlikely event that one becomes non-viable.** The Government intends to implement a comprehensive risk management framework for Canada's systemically important banks. **This framework will be consistent with reforms in other countries and key***

international standards, such as the Financial Stability Board's Key Attributes of Effective Resolution Regimes for Financial Institutions, and will work alongside the existing Canadian regulatory capital regime. *The risk management framework will include the following elements:*

- *Systemically important banks will face a higher capital requirement, as determined by the Superintendent of Financial Institutions.*
- ***The Government proposes to implement a "bail-in" regime*** *for systemically important banks. This regime will be designed to ensure that, in the unlikely event that a systemically important bank depletes its capital,* ***the bank can be recapitalized and returned to viability through the very rapid conversion of certain bank liabilities into regulatory capital. This will reduce risks for taxpayers.*** *The Government will consult stakeholders on how best to implement a bail-in regime in Canada. Implementation timelines will allow for a smooth transition for affected institutions, investors and other market participants.*
- *Systemically important banks will continue to be subject to existing risk management requirements, including enhanced supervision and recovery and resolution plans.* [**emphasis added**]»

["Beware: New Global Bank Paradigm" Patrick Wood, Findings & Forecasts, The August Review, April 3, 2013]

Bail-In Eurozone

Bail-In Eurozone: Gradualismo dialéctico para a economia bancária integrada.

Após gradualismo dialéctico, surgirá o modelo FMI.

Too big to fail – Derivativos – Aderência compulsiva – Controlo de capitais – Fascismo.É claro que, na prática, após muito gradualismo dialéctico, isto acabará por ser o sistema avançado pelo FMI, anunciado pelo Banco do Canadá, em que todo o sistema bancário é integrado à volta dos too big to fail ("sistemicamente importantes") e o dinheiro de ***todos*** os depositantes (não shareholders e não os maiores bondholders) é reciclado em bail-ins, contra garantias (mais derivativos de tipo CDS para alimentar a estrela da morte global de derivativos). É claro que isto implica controlo de capitais a toda a linha na economia, em sistema PPP (privados e governo) bem como medidas para forçar a passagem de todas as transacções pelo sistema bancário [algo no coração de Fascismo Corporativo]. Isso já é o caso com a larga maioria da economia europeia mas não é a regra no espaço transatlântico, e.g. em 2008 só 25% dos fluxos de capitais US passavam pelos bancos.

Bail-In Eurozone: Artigos.

Bail-in de Chipre, "com *primeiros* controlos capitaiseurozone" e saque, bastante saque.

Barclays, "The rules are, there are no rules".

«*…the Cypriot episode, which hit uninsured deposits and required the eurozone's first capital controls, have brought new urgency to the talks on a common resolution framework, which ministers will discuss on Tuesday… As one post-Cyprus Barclays research report was titled: "The rules are, there are no rules"…*» ["Cyprus bailout traumaclouds EU bank bail-in plans", Alex Barker, Financial Times, May 12, 2013]

Noonan, ministro das finançasirlandês: "Bail-in is now the rule". «*Irish Finance Minister Michael Noonan described the deal as "a major milestone in our effort to break the vicious link between the banks and the sovereigns." "Bail-in is now the rule," he said*» ["EU Deal Protects Taxpayers in Bank Bailouts". Der Spiegel, 06/27/2013]

Só deverá haver um sistema EU em 2018.

[De certeza que haverá muitos países pioneiros até lá – sistema EU será consagração].

Suposta tripartição em bail-in.

(1) shareholders, (2) bondholders, (3) depositantes segurados acima €100 mil.

Depois ainda há um "fundo de resolução" para cobrir 0.8% de depósitos segurados.

«*But a final agreement will need to clinched with the European Parliament and even then the plans would not come into force until 2018… "This is a very long term prospect," said economists at SociétéGénérale. "The new bail-in regime is set to become law from 2018 only and the new resolution funds will be completed 'within 10 years'," the SocGen economists added… Under the regime being created, a clear pecking order for collapsing banks is set out: shareholders are first; certain types of bondholders; and then customers who have deposits over the guaranteed level of €100,000 (£85,000). These three types of creditors would need to take minimum losses of 8% of a troubled bank's total liabilities. The next 5% would come from a resolution fund which has to be built up over 10 years and cover 0.8% of the insured deposits in any given country*» ["EU agrees banks' bail-in deal", Jill Treanor, The Guardian, 27 June 2013.]

Só se aplica a "bancos sistemicamente importantes", como no modelo do Banco do Canadá. «*The rules on bail-ins would only be applied to larger, systemically relevant banks that are in need of restructuring and are closely interlinked with other banks*» ["EU agrees banks' bail-in deal", Jill Treanor, The Guardian, 27 June 2013.]

Discussões dialécticas entre supostos países sobre quem deve, ou não, ser segurado. «*Perhaps the most striking upshot is a change of heart from the European Central Bank and European Commission over what protection is necessary for depositors to prevent future financial panics from hobbling banks… Brussels initially proposed that almost all creditors – including depositors – should share the pain equally if losses are imposed, with guarantee schemes reimbursing deposits under €100,000. It spread the burden to avoid alarming senior bondholders and driving up bank funding costs… Now Frankfurt and Brussels are pushing hard for US-style "depositor preference", ensuring uninsured deposits are last in the line of fire, and hit only once. "If it can be avoided, uninsured depositors should not be touched," said Mario Draghi, the ECB president… The main downside is for senior bondholders, whose loses increase more than threefold on average, according to a commission study circulated to ambassadors (see chart). When faced with a 25 per cent haircut, senior unsecured creditors will see loses rise from 24 per cent to 83 per cent under depositor preference… Many nations are still to be convinced and prefer other models. Denmark, the Netherlands and Finland favourharmonised rules with no special treatment for uninsured deposits in order to reduce legal uncertainty for investors. Spain, meanwhile, is pressing for deposits to be excluded from bail-in. A motley coalition led by France and the UK ideally want – for different reasons – national authorities to have flexibility to spare some creditors when using bail-in, depending on the circumstances. "A tool that is rendered unusable because it is too prescriptive ex-ante will not be credible," the UK argues in a position paper… Support is building among finance ministers for depositor*

preference, but so far primarily for insured deposits. Since Cyprus commission officials have been convinced that relying solely on the guarantee for deposits under €100,000 is insufficient to preserve financial stability and the risk of bank runs remains if bigger deposit holders are not reassured…» [“Cyprus bailout traumaclouds EU bank bail-in plans”, Alex Barker, Financial Times, May 12, 2013]

Artigo CNN Money, prémio de supinismo. “Europe bank rescue plan would hit investors” (extra, podeserútil).

Bailouts, TARP, $24T para derivativos – VÍDEO.

TARP – Tarpley, Keiser, Black.

Tarpley – “Paulson exige 700B em bailouts, num briefing histórico”.

Keiser – “Wall Street são arsonists, e o Congresso deu-lhes fósforos e gasolina”.

Black – “Não mudem a nossa gestão e contabilidade, deixem-nos mentir”.

(***WT, MK, WB – FOTR, 46:40***) Paulson aparece com um briefing histórico perante o Congresso e diz, nós os banqueiros exigimos 700B de dólares em bailouts. E o Congresso disse, sim, nós damo-vos todo o dinheiro que precisam. Estes são arsonists, e estão a pedir por mais fósforos, e o Congresso diz, ok, a quem enviamos os estes fósforos, uma tonelada de fósforos é suficiente? Podemos enviar-vos alguma gasolina para acompanhar estes fósforos? Sim por favor. Não mudem a nossa gestão, paguem-nos muito mais do que os nossos activos valem, não nos façam usar contabilidade honesta, permitam-nos mentir.

CONGRESSO – $24T para Wall Street, derivativos.

RON PAUL – Quem vai absorver os derivativos, as pessoas normais.

(***RP – FOTR, 25:28***) Quem vai absorver os derivativos? As pessoas normais claro está.

MCHENRY – Tune of 23.7T worth of taxpayer exposure for bailouts, quite striking.

McHenry (NC) (***FOTR – 54:50***) “Thank you Mr. Chairman. The tune of 23.7T dollars worth of taxpayer exposure for the bailouts is quite striking”

KUCINICH – “Working hard, for whom”.

kucinich-kashkari -- banks&tarp money -- working hard, for whom (***OD-1:15:15***)

TARPLEY – $24T para Wall Street, derivativos – Apenas finança, não produção.

Obama a dar $24T directos a Wall Street.

With Obama, $24T as a line of credit to financial institutions.

0% de juros, mas nunca para produção, apenas para lixo.

(***WT – 47:20***) “Obama giving 24 trillion to Wall Street, including 1 trillion direct from the Treasury”

(***WT – 54:50***) “The calculation right now is that with Obama we've got 24T dollars as a line of credit available only to financial institutions. 24T dollars!”

(***WT – 50:25***) Fed com 0% de juros, mas nunca para produção – apenas para derivativos, cartões de créditos, securitizações, etc.

NEWMAN – O início das bailouts, com ML 1, 2, 3.

A Fed emite triliões para amigos nos bancos, através de Maiden Lane 1, 2, 3.

Depois os bancos puderam comprar lixo de coisas como AIG, Bear Sterns.

Isto colocou toneladas de dinheiro nos bolsos de Goldman Sachs, JP Morgan.

A Fed começou a fazer bailout a toda esta gente e os insiders fizeram uma fortuna.

(**AN – 00:50**) The Fed was printing trillions of dollars and giving it to their friends at the banks (**AN – 1:10**) .. so they printed tons and tons of money and handed it out to their friends. (**AN – 1:25**) The NY Fed...they have information about these companies that they created...there was Maiden Lane1, 2 and 3, LLCs, the Fed printed money out of thin air, gave it to these companies, and these companies started buying up garbage from companies like AIG and Bear Sterns. What these did was it just put tons of money into the pockets of banks like Goldman Sachs, and JP Morgan. (**AN – 2:50**) …what happened here was the Fed started bailing out all these companies...and insiders made a fortune, because they knew what was gonna happen, what actions the Fed was gonna take.

NEWMAN – Várias formas de bailout – $24T para derivativos.

(1) Fed dá dinheiro a bancos comerciais, que emprestam de volta a Fed, recebem juros.

(2) Taxas de juro ultra-baixas, com bancos a pedir emprestado a Fed a quase 0%.

(3) Bancos compram títulos do Tesouro a quase 0% e com isso emprestam ao governo.

(3a) Depois fazem fortuna à base dos impostos dos contribuintes.

(4) Fed coloca-nos na linha por $27T de riscos potenciais, $75.000 por pessoa.

(4a) Para colocar isto em perspectiva, o nosso PIB é de $13T.

(**AN – 4:25**) ...and the ways that they're bailing out the banks are too many to count. You have the Fed giving the banks money, and the commercial banks put the money back with the Fed and the Fed pays them interest. You have the Fed with interest rates extremely low right now, obviously artificially, and the banks are taking this debt money at virtually no interest, and they're buying US Treasury securities with it. So the

taxpayer is basically funding profits for the banks, because a Treasury security they have much higher interest rates than what the Fed is charging right now for commercial banks to borrow from them. It's not even a bailout, it's just a theft. They're just taking money from the taxpayers by doing nothing. By taking money from the Fed at almost no interest, and just loaning it out to the US government and making a fortune off the backs of the people who pay their taxes.

(**AN – 10:15**) It's estimated now at 27T in potencial liabilities that the Fed has put us on the line for. To put this in perspective, the US economy, our GDP is in the neighborhood of 13T. That makes 75.000$ per person, including children. And now you're on the line to pay for it all. This should really outrage people.

BLACK – Bailouts e estímulos, a maior fraude da história.

By order of magnitude, the biggest fraud in history.

(***WB – FOTR, 54:30***) “This is by probably an order of magnitude, the biggest fraud in history”

Banca mercantil [notas]

Aristocracia medieval sofre um rift, determinante para progressão futura de eventos.

O rift medieval entre aristocracia rural e aristocracia urbana. Durante a Idade Média, veio a surgir um rift, que se tornou progressivamente mais pronunciado, entre a parte da aristocracia que estava ligada à terra (proprietários rurais) e aquela que se devotava a negócios urbanos (especialmente no que respeita a guildas mercantis urbanas). Esta é uma distinção largamente artificial. Em primeiro lugar porque ambos os tipos de actividade estavam integrados no sistema hierárquico feudal. Mas também porque havia muitos casos de sobreposição (o mesmo aristocrata tinha holdings rurais e uma concessão portuária na cidade) e, a média das famílias aristocráticas estava envolvida em ambos os tipos de actividade. Isto não impediu que começasse a haver animosidade crescente entre ambos os "grupos"; geralmente de primo para primo.

Duas gestalts identitárias distintas.

Estabilidade volkish vs oscilações do gulden. Com o tempo, vieram a formar-se duas grandes *gestalts* identitárias aristocráticas. Uma, ligada à terra, "*volkish*", devotada a actividades guerreiras e à imposição de "bons costumes" aos seus servos rurais. Outra, devotada a "negócios", com as atenções centradas nas rotas do Mediterrâneo e nas oscilações do *gülden* em Antuérpia.

A liberalidade da aristocracia urbana: meritocracia, cosmopolitanismo, patronagem artística. A aristocracia urbana era, por tendência, mais liberal que a rural. Isso expressava-se em hábitos de negócio meritocráticos, dos quais o mais importante era a patronagem de plebeus favorecidos, que eram elevados a estatutos importantes e autorizados a montar os seus próprios negócios mercantis. Em larga medida, é daqui que surge aquilo que é conhecido como *alta burguesia*. A liberalidade da aristocracia urbana era também expressa no exercício de funções de patronagem em campos como as artes e a literatura. As cidades, mesmo sob o ambiente fechado da Idade Média, eram ambientes muito mais cosmopolitas que as vilas rurais. Esse cosmopolitanismo era acompanhado e, com frequência, patrocinado pelas oligarquias urbanas. Isso faz com que qualquer grande cidade mercantil medieval (Antuérpia, Bruges, Lisboa, Veneza, Génova e assim sucessivamente) tenha sido também um centro de cultura. Isso veio a ser determinante para o Renascimento, que teve os seus focos nos centros mercantis, Itália e Países Baixos.

Aristocracia rural despreza liberalidade urbana. O primo do campo via este tipo de fenómenos a ocorrer e desaprovava. O seu familiar tinha-se tornado gordo, lasso, e já não dava importância a

justas ou a adquirir mestria em artes militares. Para além do mais, era demasiado liberal com os plebeus; esses não eram os valores que tinham construído o poder da Casa familiar. Perante este tipo de comportamento, poderia até acusá-lo de estar infectado com degeneração urbana plebeia, e chamar-lhe "bourgeois" – o que contribuiu para a indistinção histórica típica entre aristocracia feudal urbana e alta burguesia.

A competição entre as duas tradições – cavalaria e conquista vs consolidação comercial. Este rift veio a tornar-se definidor para a história europeia, a partir daí marcada pela competição entre duas grandes tradições. De um lado, uma tradição apegada a valores de conquista militar, belicismo, elitismo, puritanismo e hierarquia estrita, que tem a sua origem nas fratrias guerreiras da aristocracia rural, que eram também as principais fontes de elementos para as classes clericais. Do outro lado, a tradição originada na aristocracia feudal urbana, devotada a negócios, à obtenção de lucro, ao patrocínio das artes, e à anexação comercial e militar de mercados.

A Síntese: consolidação económica militarizada [de Colonialismo a Socialismo e a Utopia]. Ambas as tradições se viriam a encontrar e a agir como companheiras indissociáveis a partir do século 19, com a ascensão da segunda grande vaga de imperialismo colonial europeu, a partir dos 1870s (a primeira tinha começado durante o século 15). Esse encontro dá origem àquilo que caracteriza a acção europeia nas novas colónias: consolidação de mercado apoiada em brutalidade militar. Depois, é trazida de volta para o continente europeu, na forma das grandes ideologias de consolidação económica militarizada: Fascismo e Comunismo. Hoje em dia, esse casamento está presente na ascensão de tecnocracia autoritária e internacionalismo utópico, e na sua imposição através de governância multilateral privatizada.

A ascensão de uma alta burguesia, ligada a negócios mercantis.

Alta burguesia: companhias mercantis e alta finança. Algumas partes da burguesia vieram a tornar-se muito ricas. Algumas advinham das próprias aristocracias feudais. Outras não, mas vieram a assumir um poder paralelo ao destas aristocracias; ou, ainda, a fundir-se com as mesmas e a tornar-se indistintas delas. As maiores concentrações de aristocratas urbanos vão ser obtidas nos grandes negócios mercantis (guildas corporativas mercantis) e na alta finança, um sector que vai crescendo de modo ininterrupto do século 12 em diante, começa a atingir supremacia sócio-económica em várias regiões nos séculos 16 e 17 e, daí em diante, vem a tornar-se na potência dominante na Europa.

Aristocratas mercantis contratam plebeus e estabelecem meritocracias. As aristocracias feudais urbanas dedicavam-se geralmente a actividades mercantis. Estas actividades são complexas e exigem o exercício de funções administrativas especializadas. Como tal, era costume que os aristocratas mercantis contratassem plebeus educados para administrar e organizar os negócios das suas companhias. Uma companhia/empresa é um millieu no qual o critério preferencial de desempenho é sempre a obtenção de resultados e mais-valias. Como tal, estes sistemas de

organização são tendencialmente meritocráticos, especialmente ao níveis dos quadros executivos. É a esse nível que um quadro administrativo correspondia, na corporação mercantil medieval. As baronias mercantis medievais tornaram-se naturalmente meritocráticas e vieram a ganhar uma fama de liberalidade; o que, no mínimo, é uma boa prática de negócio (para além de ser uma boa prática humana). Já Giacomo Machiavelli dizia que o patrono que sabe reconhecer e premear os méritos dos seus subordinados, não só aumenta o seu próprio capital social, como favorece a obtenção de melhores desempenhos no futuro.

Alta burguesia: enriquecimento, companhias subsidiárias, adopção na aristocracia. Muitos dos plebeus contratados vinham a enriquecer com os negócios da companhia. Muitos destes eram depois patrocinados para a criação das suas próprias companhias e, por vezes, dos seus próprios impérios mercantis. Estes negócios e impérios eram geralmente fiéis e/ou subordinados à companhia-mãe; e esta era outra boa prática de negócio. Muita da alta burguesia tem as suas origens neste fenómeno. Mas muitos destes plebeus também se casavam, sob condições mais ou menos extraordinárias, nas famílias aristocráticas que os patrocinavam; e eram, desta forma, adoptados na aristocracia. Ao mesmo tempo, a própria aristocracia urbana passou, na generalidade dos casos, a ser confundida e misturada com a alta burguesia que ajudou a criar.

Classismo é um particularismo fútil e simplista – typos de acção é mais útil. A história humana nunca é linear, e é impossível estabelecer qualquer demarcação estanque e impecável entre "classes", especialmente nas *borderlines*. E, é um exercício indesejável. Ajuda a estabelecer uma forma de particularismo, na qual um grupo de pessoas é arbitrariamente rotulado como sendo de classe X e, como tal, tendo atributos Y e Z. Esse tipo de demagogia irracionalista foi, durante muito tempo, usada pela aristocracia (ainda é) contra as classes médias e baixas. Depois, foi usada contra as classes médias, por pessoas oriundas das classes médias/altas, que procuravam estabelecer-se como únicas classes altas, mas fingiam provir das classes baixas (e aqui estamos, claro, a falar dos movimentos jacobinos de esquerda). O que é possível, legítimo e desejável, definir e diferenciar são os tipos de organização e os frutos de acção. Nesse particular, verificamos que os velhos conceitos gregos (tirania, oligarquia ou oclocracia – mas especialmente, o de *oligarquia*) são infinitamente mais úteis e esclarecedores que as correspondências arbitrárias de classe/personalidade/acção que são introduzidas pelas tradições neofeudais do prussianismo, do hegelianismo, e do marxismo.

Ascensão burguesa e a "questão judaica". Como foi mencionado, muitos dos altos funcionários da aristocracia urbana eram plebeus educados que, por virtude do seu trabalho em prol dos patronos, foram "promovidos" pelos seus patronos àquilo a que se veio a chamar de alta burguesia. Este ponto é de particular relevância para a compreensão daquilo a que as tradições obscurantistas europeias vieram a chamar de "questão judaica". Nomeadamente, é por aqui que surge o mito de que *burguesia equivale a judaísmo*. Muitos dos "plebeus educados" da Idade Média eram judeus, pelo simples facto de a cultura judaica privilegiar a preservação do conhecimento, bem como a sua transmissão ao longo de gerações. Isto contrasta com a norma europeia da altura, deliberadamente devotada à manutenção de condições de iliteracia e

obscurantismo. Portanto, muitos judeus exerciam profissões liberais; ou eram empregues pela aristocracia mercantil para o exercício de funções administrativas elevadas. Desta forma, muitos judeus ascenderam na escada meritocrática do ambiente mercantil, e vieram a adquirir a riqueza, a influência e a patronagem que eram necessárias para estabelecer um negócio nessa área. Como é evidente, isto não foi um exclusivo judaico. Mas a presença de muitos judeus entre a alta burguesia foi historicamente usada pelos antagonistas da burguesia em si como uma forma de exercer demagogia incendiária, numa Europa caracterizada por uma longa tradição de anti-semitismo.

A ascensão da alta finança a partir da era medieval.

Banca medieval: do prestamista de esquina ao banqueiro internacional. A actual alta finança europeia encontra as suas origens directas na Idade Média. Este é o meio no qual o casamento entre aristocracia feudal e alta burguesia se veio a tornar mais notório e mais influente. Durante a era medieval, havia muitos tipos de banqueiros, desde o prestamista de esquina até ao indivíduo que organizava os câmbios em Bruges ou em Veneza. O *typos* mais relevante entre todos eles é o dos *banqueiros internacionais*: financeiros com acção transversal a nações, reinos e impérios, que lidavam directamente com as grandes companhias mercantis e com os tronos da Europa.

Fraternidades teutónicas, os primeiros banqueiros internacionais europeus. [Ver notas sobre ordens teutónicas]

Alta finança cresce em cidades mercantis. Durante a Idade Média europeia, a alta finança acompanhou (em certos casos, moldou) a actividade mercantil do continente. Os grandes centros de operações financeiras ao longo da Idade Média contam-se pelo número de grandes cidades mercantis, com destaque para Antuérpia, Bruges, Veneza, Génova. A actividade em si ganha relevância do século 12 em diante.

Bancos mercantis fazem *pooling* de capital e financiam companhias mercantis. Em todos estes casos, o que temos a acontecer é o *pooling* de capital aristocrático e "bourgeois" em grandes instituições bancárias, que serviam de mediadoras de investimento. Regra geral, estas instituições, os bancos mercantis, surgiam com o propósito de financiar as iniciativas mercantis das companhias sedeadas na cidade. É aqui que começa o sistema de lucros-dividendos.

Bancos mercantis, integrados no sistema feudal. Um banco medieval tinha uma estrutura humana similar à de uma companhia mercantil. Era uma iniciativa concessionada pelo sistema feudal municipal, tipicamente operada por aristocratas, assistidos por administrativos plebeus. Nalguns casos, os plebeus assumiam controlo sobre o banco ou seguiam para montar os seus próprios bancos. Estes plebeus, com frequência, eram elevados ao nível da aristocracia. Todos estes cenários são mais apreciáveis nos grandes centros mercantis/bancários medievais – as cidades-estado italianas e a Flandres medieval – onde os banqueiros são aristocratas locais ou plebeus

promovidos a esse estatuto. A história da banca europeia é muito complexa, mas incrivelmente relevante. Os grandes banqueiros mercantis vieram a tornar-se *na sua própria classe*. Uma classe composta de membros da aristocracia e da alta burguesia mas, ao mesmo tempo, distinta de ambas. Ao mesmo tempo, os bancos mercantis vieram a tornar-se nas *principais* forças do continente.

A ascensão da alta finança: especulação, opacidade e os ciclos de boom/bust.

<u>Sistema complexifica-se: especulação, bancos menores, opacidade institucional</u>. A partir de uma certa altura, começou a ser habitual que uma boa parte dos investimentos fosse feita em pura e simples especulação financeira; e.g. sobre flutuações em valores de títulos. À medida que o sistema crescia, complexificava-se. Em breve, os bancos mercantis dos grandes centros comerciais operavam lado a lado com dependências menores, bancos especializados em depósitos e empréstimos comerciais, a entidades que não as grandes companhias mercantis. As instituições bancárias foram ganhando poderes progressivamente maiores, e a assumir a opacidade institucional que era característica às estruturas integradas no establishment feudal. Começaram a cometer actos de fraude. Isto acontecia com alguma frequência nas valências especulativas; é a época em que algumas cidades-estado italianas ganham a má reputação de “arranjar” valores de títulos, taxas e por aí fora.

<u>Expansão e contracção, o ciclo de negócios</u>. Mas a prática fraudulenta que se vem a tornar mais generalizada, e também mais relevante do ponto de vista histórico, é aquela que vem a ser conhecida como *fraccionamento de reservas* e da indução artificial e deliberada de ciclos de *boom & bust*, *expansão e contracção*. Aquilo a que, mais tarde, veio a ser intelectualizado e academizado como o *ciclo de negócios*, um fenómeno fraudulento perpetrado pela manipulação deliberada da emissão de crédito privado à economia. O modo como isto funcionava, com início no contexto medieval e extensão para a era moderna, é o que se segue. Por cada conjunto de moedas de ouro que um cliente depositava no banco, recebia um *certificado* correspondente, que podia depois usar para fazer transacções na economia real. O que os bancos começaram a fazer foi emitir certificados/recibos em multiplicado, e a colocá-los em circulação por meio dos empréstimos feitos. Esses recibos em multiplicado são aquilo a que mais tarde se veio a chamar de *notas bancárias*. Correspondem ao papel-moeda que é emitido em excesso do número de *certificados* reais. Quando o excesso de recibos entrava no mercado, o que acontecia era que, em breve, havia bastante dinheiro em circulação, o que dava origem a pequenos *booms* de mercado, períodos de expansão. Durante os *booms*, era gerado mais *net growth* na economia, e isso por sua vez estimulava o pedido e a concessão de mais e mais empréstimos. O que os bancos começaram a fazer foi estimular essa procura artificial, esperar pelo auge de mercado e, depois, puxar literalmente o tapete debaixo dos pés da economia como um todo. Eram criadas condições muito favoráveis ao endividamento (e.g. juros baixos), em breve o mercado estava a operar com base no crédito privativo do banco, e a prosperar com isso, à medida que os maiores níveis de

circulação de dinheiro incentivavam um aumento temporário da actividade económica geral. Quando o mercado tinha atingido um nível confortável de *net growth*, os bancos faziam uma de duas coisas: começavam a exigir o repagamento dos empréstimos, geralmente na forma de espécie (moedas, e não haveria moedas suficientes em circulação para fazer isso); ou pura e simplesmente começavam a congelar a concessão de novos empréstimos. O resultado era um pequeno *crash* e um período de *bust*, contracção económica generalizada. Durante esse período, o banco surgia como o grande vencedor na crise. Fazia arrestos de propriedade em massa (em retorno de empréstimos insolventes), para o que contava com a colaboração das autoridades militares municipais – o início da grande aliança histórica entre poder financeiro e poder militar. Ao mesmo tempo, era uma das únicas entidades com crédito à disposição (capital em reserva, emissão de mais recibos, valores arrestados) e usava esse poder para se lançar em venturas de aquisição em massa. Adquiria tranches inteiras da economia a preços contraccionários e reorganizava áreas e sectores em torno dos seus próprios interesses. Por norma, o banco era a entidade que mais prosperava durante estes períodos, genericamente caracterizados por colapso e miséria colectiva. Não existe nada de novo debaixo do Sol mas, agora, as coisas são feitas com números num computador: dinheiro digital e valores derivativos fictícios. Este sistema de aquisição económica hostil por meio da indução de ciclos de expansão e contracção veio a dar bastante poder aos grandes bancos mercantis europeus.

Banca central e crédito privado – Ciclo de negócios – Crescimento a par do estado.

Banca mercantil acaba por dominar vida europeia. Os bancos mercantis vieram a tornar-se nas *principais* forças do continente.

Três motivos essenciais: Crédito privado – Ciclo de negócios – Assistência estatal. Isso veio a acontecer por três ordens de factores. Os banqueiros mercantis conseguiram impor o seu sistema de crédito privatizado às economias europeias. Usaram essa forma de dominância para mergulhar as economias em perpétuos ciclos de contração/expansão, e consolidação de mercado. Para isso, contaram com a assistência de casas Reais e companhias mercantis.

(1) Bancos mercantis impõem crédito privado às economias europeias.

A introdução de bancos centrais privatizados. Os banqueiros mercantis conseguiram impor o seu sistema opaco de crédito privado às economias europeias, em particular a partir da introdução do sistema de bancos centrais privatizados, nos séculos 16/17 (Estocolmo, Amsterdão, Londres, e assim sucessivamente). Estes bancos centrais eram, regra geral, parcerias entre as Coroas e o capital mercantil. As suas operações eram sempre definidas pelos interesses mercantis nos quais se baseavam e os seus lucros de operação eram distribuídos pelos vários *shareholders*. Isso reforçava grandemente o poder deste complexo de interesses.

Bancos centrais assumem-se como proprietários da economia. O banco central é a entidade que emite crédito para utilização na economia e que, consequentemente, define todo o ambiente económico para o território. Quando emite crédito, está na prática a alugar o uso desse crédito (através da cobrança de juros) a toda a economia. Se o banco central estiver privatizado, o que acontece é que toda a economia está a pagar aos shareholders do banco pelo direito de *existir* e *operar*. Isso significa que os banqueiros centrais privados assumem a posição de proprietários da economia, e todos os agentes que operam nela, ficam na posição de rendeiros.

William Paterson, o Banco de Inglaterra e a economia de sharecropers para o banco central. O modelo dos bancos centrais privatizados é aquele que está a vencer o processo de globalização. O benchmark para a banca central moderna é o Banco de Inglaterra, estabelecido por William Paterson, um aristocrata que, antes de se devotar à banca, devotava-se a pirataria e a tráfico de escravos nas Caraíbas. O Banco de Inglaterra lançou o paradigma de base para a operação dos bancos centrais modernos: instituição semi-privatizada, respondendo a um conjunto de firmas de investimento da City, que emite crédito a juros em troca de IOUs governamentais. A existência de juros, por sua vez, assegura a criação da dívida nacional permantente, devida a estes interesses privados. Por outras palavras, a criação de Paterson assume-se, dessa forma, como a proprietária do governo britânico, e como a proprietária de todo o ambiente económico das ilhas. Toda a economia tem de pagar indulto ao Banco para existir e funcionar. E, por sua vez, o Banco tem os seus próprios proprietários.

Banca central "pública": portas giratórias, reciclagem de crédito privado, garantias públicas. Regra geral, o estatuto privado do banco central mantém-se mesmo quando o mesmo é tornado "público"; foi isso que aconteceu com a maior parte dos bancos centrais europeus durante o século 20, na sequência do "exemplo" dado pela Grã-Bretanha. A generalidade destes bancos centrais "públicos" continuam a ter *shareholders* privados e são administrados por banqueiros privados que alternam liberalmente entre "serviço público" no Banco, e "funções privadas" no seu respectivo *hedge fund* ou firma de investimento – on and off. Isto reflecte-se no facto de todos estes bancos centrais "públicos" estarem invariavelmente sob inteira dependência titular dos bancos mercantis/de investimento pelos quais foram criados. Funcionam como parcerias público/privadas. Uma forma muito importante pela qual isto acontece é pelo facto de os bancos centrais emitirem uma parte muito significativa da moeda a partir de IOUs privados detidos pelos bancos de investimento. A partir do momento em que esse crédito é emitido a partir de IOUs privados, é recirculado de volta para a alta finança que, por sua vez, o multiplica por "n" factores, consoante o rácio de reservas em vigor. Dado que neste momento esse rácio anda por volta de 0%, isso significa remultiplicação infinita de crédito, limitada única e exclusivamente pelo grau de sanidade da administração do banco privado que faz essa remultiplicação. Por sua vez, esse crédito multiplicado é multiplicável ainda mais "n" vezes por meio do mercado de derivativos. Em tudo isto, o banco central funciona apenas como uma espécie de pivot terciário, uma ponte de passagem legalista de crédito privado reciclado "n" vezes. Mas é um pivot terciário importante, uma vez que é a instituição cuja mera existência garante que toda a dívida privada

gerada entre bancos e agências financeiras é garantida e continuamente subsidiada pelo sector público.

(2) **Ciclo de negócios** – Mais tarde expandido com o sistema de banca central. A consolidação do sistema de crédito privatizado permitiu a imposição do sistema de ciclos permanentes de expansão/contração, processo que foi usado inumeráveis vezes por todo o continente europeu ao longo dos séculos. Com cada novo ciclo, os bancos mercantis, as suas subsidiárias e os seus parceiros de negócios preferenciais (grandes companhias mercantis) aumentavam o seu poder, o que se traduzia em consolidação sócio-económica e política. Com a introdução do sistema de bancos centrais, passou a ser possível fazer isto de modo concertado sobre a totalidade de grandes zonas monetárias.

(3) Reinos, impérios e companhias mercantis – Crescem com crédito privado elástico.

Linhas de crédito elásticas e colateralizáveis permitem ultrapassar limitações orçamentais. Em tudo isto, foi importante a assistência de grupos poderosos, como casas Reais e complexos de companhias mercantis. Estes grupos abraçavam a vantagem de poder recorrer a linhas de créditos virtualmente ilimitadas (para os standards da época). Até aí, estes grupos estavam dependentes de fontes limitadas para a obtenção de recursos financeiros: exploração de recursos, produção material, colecta fiscal, saque militar, etc. A riqueza agregada era medida em unidades monetárias limitadas e inelásticas (a proverbial moeda de ouro). Quando essa riqueza agregada acabava, surgiam problemas financeiros, reflectidos na dificuldade de pagar soldos, investir em novas soluções e por aí fora. O recurso às linhas de crédito elásticas, renováveis e colateralizáveis dos bancos mercantis permitiu ultrapassar essas limitações. O reino ou a companhia mercantil ganhavam capacidades redobradas de investimento e expansão, em todos os domínios.

Expansão do estado central e dos grandes consórcios mercantis – Império Holandês. Este facto veio a reflectir-se na enorme expansão do estado central e das grandes companhias mercantis, especialmente a partir do século 16. O Império Holandês não o teria sido sem o Banco de Amsterdão.

Império Britânico, a libra esterlina e expansão imperial baseada em dívida, austeridade. Depois, esse Império (Holandês) colapsa e os restos fundem-se com o emergente Império Britânico, que nunca o teria sido sem o Banco de Inglaterra. É esta instituição (a par de outras, como o Midlands Bank ou o Bank of Scotland) que permite a expansão monetária indefinida que lança as companhias mercantis da Coroa na senda da conquista imperial de metade do mundo, do Canadá a Hong Kong. Essa expansão é, claro, colateralizada com os lucros da expansão, mas também por meio da imposição de miséria permanente ao povo britânico, que é afectado por cargas fiscais insuportáveis durante o espaço de quase 300 anos. A Libra esterlina, emitida na City ou pelo Midlands domina o mundo; mas o inglês médio vive sob austeridade permanente. A situação só se inverteria parcialmente a partir do fim da II Guerra, com a substituição definitiva

do Império pela Commonwealth, e com a adopção de políticas de crescimento virtualizado, por meio de especulação e endividamento permanente.

O poder das firmas mercantis.

Darwinismo sócio-económico consolida e centraliza classe bancária. O processo de darwinismo social que o sistema bancário veio a impor às economias europeias reflectiu-se na própria classe financeira. Os ciclos artificiais de expansão/contracção não funcionam como meras armas de aquisição da economia não-bancária; são armas usadas *entre bancos*. Assim, e ao longo da história, miríades de bancos mais imprevidentes deram por si a ser falidos e absorvidos pelos seus competidores. Isto não foi/é feito apenas através do ciclo de negócios; mas esse é o instrumento mais relevante.

No século 19, já existe um cartel bancário europeu. No século 19, já existia algo como um *sistema bancário europeu*: uma estrutura cartelizada, organizada, hierarquizada, detendo poder e influência sobre múltiplas áreas sócio-económicas.

O poder das firmas mercantis (2).

Merchant banks no ápice do sistema financeiro. O ápice deste sistema era/é um conjunto muito limitado e muito selecto de bancos mercantis. Hoje em dia, estes bancos são conhecidos como *merchant banks*, na Grã-Bretanha, ou como firmas de investimento, na generalidade do mundo. É preciso esclarecer que uma firma de investimento não é um banco comercial, ou um *hedge fund*, ou uma seguradora; apesar de lidar com, e deter, múltiplas destas instituições.

Alta finança, haute banque, merchant banks, investment firms. Estas firmas vieram a receber todos estes nomes, incluíndo a designação geral de "alta finança". Entretanto, este título começou a ser atribuído a alguns dos bancos e interesses menores, subalternos. Mas a verdadeira alta finança em si é composta destas firmas discretas, de número bastante limitado.

Banqueiros de investimento lidam directamente com dívidas nacionais e multinacionais. Uma firma de investimento lida com empréstimos e negócios de altos montantes – dívidas nacionais e financiamento de grandes empreendimentos multinacionais. Negoceia directamente com governos, consórcios multinacionais e outras instituições transnacionais.

A Goldman é uma potência e pode derrubar governos – mas a Morgan-mãe está acima. Hoje em dia, na economia globalizada, a Goldman Sachs ou o Barclays Bank são, indubitavelmente, potências. Têm o poder de desestabilizar mercados, derrubar governos, induzir governos a agir militarmente em seu favor, financiar golpes e revoluções. Ao mesmo tempo, é muito difícil anulá-las. Se a Goldman Sachs fosse banida de todo o mundo ocidental, ressurgiria triunfante na

China umas meras horas depois, e reabriria no dia seguinte no mundo ocidental sob outra denominação, e sob mudanças técnicas parciais. Com efeito, na sequência da recessão global com início em 2007/08, a Goldman veio a assumir controlo efectivo sobre os cargos políticos mais importantes na UE, nomeando os seus próprios executivos para o topo do BCE, para posições de topo na CE e, até, para cargos de PM – como em Itália ou Grécia. Porém, é um erro pensar que estas instituições estão no topo da arquitectura da economia global. Morgan, a discreta e muito pouco publicitada firma mercantil, a firma-mãe dos interesses Morgan, está no topo. A Goldman Sachs, não.

As dinastias de banqueiros mercantis.

A figura do banqueiro internacional europeu surge durante a Idade Média. A actual alta finança europeia encontra as suas origens directas na Idade Média. Este é o meio no qual o casamento entre aristocracia feudal e alta burguesia se veio a tornar mais notório e mais influente. Durante a era medieval, havia muitos tipos de banqueiros, desde o prestamista de esquina até ao indivíduo que organizava os câmbios em Bruges ou em Veneza. O *typos* mais relevante entre todos eles é o dos *banqueiros internacionais*: financeiros com acção transversal a nações, reinos e impérios, que lidavam directamente com as grandes companhias mercantis e com os tronos da Europa. As ordens teutónicas são os primeiros banqueiros internacionais europeus e, a única questão, é se alguma vez abandonaram o domínio sobre a área.

Banqueiros mercantis tornam-se numa classe aparte.

Aristocratas e plebeus. Um banco medieval tinha uma estrutura humana similar à de uma companhia mercantil. Era uma iniciativa concessionada pelo sistema feudal municipal, tipicamente operada por aristocratas, assistidos por administrativos plebeus. Nalguns casos, os plebeus assumiam controlo sobre o banco ou seguiam para montar os seus próprios bancos. Estes plebeus, com frequência, eram elevados ao nível da aristocracia. Todos estes cenários são mais apreciáveis nos grandes centros mercantis/bancários medievais – as cidades-estado italianas e a Flandres medieval – onde os banqueiros são aristocratas locais ou plebeus promovidos a esse estatuto. A história da banca europeia é muito complexa, mas incrivelmente relevante.

Banqueiros mercantis tornam-se na sua própria classe, acima das restantes. Os grandes banqueiros mercantis vieram a tornar-se *na sua própria classe*. Uma classe composta de membros da aristocracia e da alta burguesia mas, ao mesmo tempo, distinta de ambas. Ao mesmo tempo, os bancos mercantis vieram a tornar-se nas *principais* forças do continente.

Instituições dinásticas – Lazard, Schroeder, Barings, Rotshchild, Morgan, et al. As firmas de investimento eram, e são, instituições dinásticas. São propriedade privada de famílias específicas, representando os seus próprios grupos de interesse estabelecidos. A configuração actual desta constelação de famílias ultra-poderosas já era evidente durante o século 19, com

nomes como Lazard, Barings, Fould, Mirabaud, Morgan, Schroeder ou, acima de todos os outros, Rothschild. Os membros destas dinastias bancárias encontravam geralmente as suas origens nas antigas aristocracias europeias; ou tinham ascendido por meio de uma forma ou outra de patronagem. Um bom exemplo deste último é o grupo Rothschild, que depende da protecção de vários príncipes alemães, primeiro, e da Coroa britânica, depois, na sua ascensão meteórica para o topo da alta finança europeia. Para além do beneficio providenciado por esses patrocínios, o grupo teve o cuidado de manter sempre o dinheiro e o poder na família; todos os seus membros se casam com mulheres da família.

Membros da família apadrinham partners. As firmas de investimento são caracterizadas por um funcionamento interno onde existe uma divisão entre membros da família e *partners* aceites. Muitos desses *partners* são depois patrocinados para fundar os seus próprios empreendimentos.

O exemplo da Casa de Morgan – De Junius à General Motors a Thomas Lamont. Um bom exemplo deste princípio é-nos dado pelo caso de Morgan. Junius S. Morgan começa como *partner* de George Peabody (que por sua vez, tinha ele próprio ascendido como *partner* na banca mercantil da City). Depois, vai dar origem à firma mercantil mais poderosa da América, que ganha esse estatuto durante o período do filho, John Pierpoint Morgan. E é claro que toda a história do século 20 vai ser parcialmente moldada pelos interesses Morgan; que incluem, entre muitos outros, bancos comerciais, ferrovias, aço, industrias pesadas, companhias multinacionais como General Electric e General Motors. Um dos *partners* de J.P. é um jovem chamado Thomas Lamont, que se vem a tornar num dos personagens mais interessantes do século 20: organizador financeiro em Wall Street, apoiante da esquerda comunista americana, financeiro de Mussolini em 1926, muito influente na elaboração do Young Plan de 1929 e do posterior sistema de cartéis industriais da Alemanha Nazi.

Firmas mercantis: Impérios económicos.

Banca central, comercial, seguros, indústria, comunicação, transportes, agro-alimentar, etc. A influência das firmas mercantis no panorama europeu aumentou continuamente até ao século 19, século no qual se torna transversal e determinante. É durante os 1800s que o poder destes bancos surge em todo o seu esplendor terreno, na forma de vastos impérios abrangendo banca central, banca comercial, seguros, indústria, comunicações, transportes, agro-alimentar e todos os restantes campos de actividade dos quais uma sociedade moderna possa depender.

Dirigismo relativo, descentralização na tomada de decisões, competitividade. Estes impérios não eram monolíticos. Eram baseados na noção de autonomia relativa. Um banco comercial ou um grupo industrial era livre de tomar as suas próprias decisões e competir com opositores da forma que entendesse, contando que apresentasse resultados e nunca desafiasse as directivas gerais de funcionamento do "imperium".

Banqueiros mercantis preferem “estabilidade”, concertam-se para monetarismo unificado. Ao nível do topo, havia um elevado nível de concertação entre banqueiros mercantis que, já na altura, eram ferozes adeptos de “estabilidade”, “concertação”, “parceria”. Os seus grupos podiam competir entre si nas mais variadas situações, mas a tendência geral era para uma concertação cada vez maior de acções, particularmente ao nível monetário. Durante o século 19, isto tinha a sua expressão máxima na gestão partilhada dos bancos centrais europeus. Mais à frente, expressa-se em múltiplas tentativas de criar um sistema monetário integrado para todo o continente europeu; com as primeiras tentativas a serem feitas no campo de um gold standard deflacionário (por ex., no pós I Guerra) e, depois, com sistemas como o EUA e o ECU, que dão origem ao Euro.

Firmas mercantis: Domínio político e governamental [ex. do “balance of power”].

Imperiums da banca mercantil dominam governos, do século 19 em diante. Estas organizações, e as suas redes de operação, eram e são inteiramente transnacionais; lidando com múltiplos governos e, na prática, estando acima deles. Uma firma de investimento tinha/tem o poder de derrubar um governo numa questão de horas, especialmente através de operações financeiras. Sob o sistema monetário e financeiro internacional (hoje em dia, global), que foi criado por estas organizações, os governos dependem da boa vontade das mesmas para prosperar, subsistir, ou até existir, financeiramente. Isto é tão verdade hoje (ou, ainda mais hoje) como o era durante o século 19; a era dos grandes governos imperiais. Com efeito, os grandes governos imperiais cresceram, em si, em parceria com estes impérios financeiros. É aliás daqui que surge a segunda grande vaga de imperialismo europeu, dos 1870s em frente, com as armadas imperiais europeias a serem as pontas de lança para os empreendimentos da banca mercantil e das suas subsidiárias.

Governos nacionais, subsidiários da banca mercantil? O ex. do “balance of power”. A grande questão que é legítimo colocar é se estes governos nacionais não funcionavam, em si, como subsidiários destes sistemas mais vastos; com a mesma liberdade de agir autonomamente e competir entre si que qualquer surrogado na banca comercial ou em transportes navais. E, com efeito, competiam entre si, estivessem em posição subsidiária ou não. O século 19 é o século do “balance of power” e das guerras perpétuas em solo europeu. Essa situação nunca afectou os banqueiros mercantis. Pelo contrário, era tradição que cada casa mercantil tivesse interesses montados ao longo de toda a Europa, e esses interesses eram deixados imperturbados. Um dos melhores exemplos é dado uma vez mais pela dinastia Rothschild, com franchises da *firma* (já sem mencionar as subsidiárias) em todos os grandes centros financeiros europeus: Londres, Paris, Frankfurt, Nápoles. Estas franchises lidavam directamente com os governos respectivos, negociando acordos de dívida, desenvolvimento do território e, também e em lugar proeminente, construção militar. Tenha sido deliberado ou não, a banca mercantil foi determinante para a concretização do “balance of power” europeu do século 19, pelo qual vários blocos antagonistas são construídos (militarmente e não só), mantidos sob tensão e, finalmente, lançados para se

devorarem mutuamente. Após o derramamento de sangue, a reconstrução recomeça, e assim sucessivamente. Esta foi a dinâmica permanente na Europa durante todo o século 19. Passa depois para a escala global durante o século 20, com os antagonismos europeus que levam às guerras mundiais; e também com a Guerra Fria.

O novo "balance of power" dos banker boys é tripolar. Hoje em dia temos a nova realidade tripolar, uma nova Guerra Fria sintética (NATO/China/Rússia), sob a qual existe a continuação deste fenómeno, pelo qual as grandes casas mercantis e os seus grupos não só têm livre passe assegurado entre os diferentes blocos, como contribuem *activamente* para a sua construção. Enquanto EUA, Rússia e China se degladiam sobre espaços na Ásia Central, nos primeiros anos do século 21, o governo federal americano passa garantias financeiras para a transferência dos restos miseráveis de indústria automóvel americana para Rússia e para China. A somar, claro, a todos os negócios e contratos, pelos quais a larga generalidade da indústria ocidental foi deslocalizada, sob tratado (GATT, ONU/OMC) e com *subsidiação pública*, para o grande rival, China. Estes são meros exemplos do tipo de deboche financeiro que acontece nesta fase, pela qual não existem quaisquer limites ao fluxo de riqueza entre estes blocos *teoricamente* antagonistas. É ***evidente*** que não o são (só os *footsoldiers* o são). É preciso manter sempre tensão e conflito no ar, uma ambiência geral de ameaça e guerra iminente, para justificar medidas de controlo interno (da economia, ao sector político, à supressão de liberdades constitucionais) e também para desfazer o resto do planeta em *proxy wars* e suposta competição por recursos.

Tentativas de controlar todos os competidores ao sistema político – o ex. de Morgan. Este princípio pode ser ilustrado, por interesse de tempo, com um único caso anedótico, o da Casa de Morgan, nos EUA do início do século 20 [*use-se a imaginação e, alguma leitura, para conceber como é que as coisas são feitas nos restantes países e épocas*]. JP Morgan fazia pessoalmente parte das mais altas esferas do Partido Republicano e tinha controlo (directo e indirecto) uma boa parte das actividades e resoluções que eram tomadas, por via da influência que tinha sobre fontes de financiamento, oportunidades de carreira para políticos aposentados, e outros factores. A sua firma incluía toda uma série de *partners*. Morgan coloca um dos seus partners a cumprir funções similares no Partido Democrático. Contrata uma equipa de especialistas para determinar quais são os jornais politicamente mais importantes no país, e compra a dezena de jornais principais, em muitos casos mudando as próprias equipas editoriais. Isso motiva inquéritos especiais no Congresso, mas não muda a situação em si (e devia, é para casos como Morgan que existe anti-trust). Ao mesmo tempo, Morgan patrocina a directamente o Partido Progressista de Theodore Roosevelt e, tem um outro *partner* a dirigir-se a grupos populistas no Midwest. Depois ainda há Thomas Lamont, também um *partner*, a fazer a ronda da extrema-esquerda. Lamont financia grupos comunistas e socialistas, propagandeia a favor dos bolcheviques russos e publica a New Republic, uma magazine socialista pró-britânica. É com a New Republic que começa o alinhamento pró-britânico da esquerda americana que, até aí, era decididamente anti tudo o que fosse britânico; como, aliás, era o caso de todos os movimentos políticos no país. Ainda nesta altura, Morgan organiza negócios de ouro-por-divisas-e-recursos para Lenin, através da

American International Corporation (AIC) e lança as bases para a organização do Ruskombank, o banco de investimento do estado soviético, que será dirigido por uma equipa de três banqueiros centrais russos e, perto de uma dezena de banqueiros privados ocidentais, o que inclui uma forte participação Guaranty Trust Company, i.e. Morgan. Ao mesmo tempo, JP está envolvido no apoio a uma série de associações pró-bolcheviques, como a American League to Aid and Cooperate with Russia e, Lamont é uma figura importante neste circuito. Enquanto isto acontece, o grupo Morgan está a organizar a United Americans (UA), uma associação proto-fascista, que organiza "americanos preocupados" (essencialmente, desempregados e criminosos) para acção anti-sindical e anti-cooperativas rurais. O grande mote da UA é a ideia de que os russos comunistas vão invadir os EUA a qualquer momento, usando o ouro do Czar (que Morgan estava a comerciar com a AIC), usando o apoio da extrema-esquerda americana (que Thomas Lamont tinha no livro de cheques). Seja como for, apenas uns poucos anos mais tarde, em 1926, o benjamin de Morgan, Thomas Lamont, volta a aparecer em cena para oferecer $100M a Mussolini e às suas brigadas de meliantes.

Alta finança: Impérios psicossociais.

Os vastos impérios psicossociais das firmas mercantis. Já durante o século 20, as grandes firmas mercantis lançaram-se de um modo sistemático num novo campo de empreendimento: o controlo do panorama social, cultural e psicológico das populações sobre as quais, *de facto*, governavam.

Fundações tax-free, institutos, think-tanks, ONGs – do nível nacional ao ECOSOC. Isto é feito por meio do estabelecimento de grandes *fundações*. Estas organizações usufruem de um estatuto pró-social, o que as leva a ser tax-free e a ter espaço para organizar vastas redes organizacionais de institutos, ONGs e outras *non-profits*. E é precisamente isso que foi feito. Ao longo do último século, as fundações bancárias vieram a estabelecer vastas redes de influência "soft", aos níveis nacional e transnacional. As organizações criadas estenderam-se ao longo dos mais variados domínios: governamental (think-tanks e outros), académico, educacional, religioso, caritativo, acção popular. Todo este aparato multiversado de "soft power" foi, entretanto, generalizado à escala global; de múltiplos institutos público-privados e think-tanks que prestam consultoria a governos nacionais, ao ECOSOC da ONU, a influência deste aparato é endémica e generalizada.

Carroll Quigley e o poder imperial da banca mercantil. O historiador Carroll Quigley, de Georgetown, fez uma excelente caracterização do poder para-imperial destas instituições durante o século 19 e na transição para o século 20.

"Global control of credit, industrial systems, governments".

"Bring off finance coups, keep their word, remain cool in crisis, share winner opportunities".

«*The substantive financial powers of the world were in the hands of these investment bankers (also called 'international' or 'merchant' bankers)… This dominance… was based on their control over the flows of credit and investment funds in their own countries and throughout the world. They could dominate the financial and industrial systems of their own countries… they could dominate governments by their own control over current government loans and the play of the international exchanges. Almost all of this power was exercised by the personal influence and prestige of men who had demonstrated their ability in the past to bring off successful financial coups, to keep their word, to remain cool in a crisis, and to share their winning opportunities with their associates*» (p.245)

"Central bank surrounded by ruling investment firms".

"Commercial banks on the second ring".

"Savings banks, insurance firms, trust companies, on the third ring".

«*In most countries the central bank was surrounded closely by the almost invisible private investment banking firms… which they, in fact, often dominated… In a secondary position, outside the central core, are the commercial banks… Outside this secondary ring is a third, more peripheral, assemblage of institutions that have little financial power but do have the very significant function of mobilizing funds from the public. This includes a wide variety of savings banks, insurance firms, and trust companies*» (p.55)

"Heads of central banks, mere technicians and agents for merchant bankers".

«*It must not be felt that these heads of the world's chief central banks were themselves substantive powers in world finance. They were not. Rather, they were the technicians and agents of the dominant investment bankers of their own countries, who had raised them up and were perfectly capable of throwing them down*» (p. 245) Carroll Quigley (1966), Tragedy and Hope: A History of the World in Our Time.

Reece Committee e o poder das grandes fundações bancárias.

Controlo sobre governo, sociedade civil, difusão de ideias e de conhecimento. Os propósitos das fundações bancárias foram colocados em perspectiva por uma investigação do Congresso americano em 1954, conduzida pelo Reece Committee. O Comité determinou que estas fundações e as suas redes organizacionais estavam a assumir um franco controlo sobre as funções de governo, a sociedade civil e os campos de criação e difusão de ideias e conhecimento.

Promoção de internacionalismo, tecnocracia, colectivismo. Estavam envolvidos numa tentativa deliberada de promover internacionalismo, tecnocracia e colectivismo; o tipo de predicados

sócio-políticos que são naturalmente favorecido por oligarcas internacionais. Os excertos que aqui ficam são apenas uma amostra dos resultados da investigação.

"Education, social and political concepts, academic opinion, public opinion". «*The power of the individual large foundation is enormous. It can exert immense influence on educational institutions, processes, educators. It is capable of invisible coercion through the power of its purse. It can materially predetermine the development of social and political concepts, academic opinion, thought leadership, public opinion*»

"Technocracy – Social engineering – 'Elite' – The presumption of Fascism". «*…the foundation executives consider themselves elite groups, entitled to guide the people by financing and propaganda… The term "social engineering" appears frequently in the foundation-financed literature… The people are no longer to direct their own welfare. "Scientists" must be trained to lead us, to "engineer" us into that better world, domestic and international, which only these experts are capable of determining. It is again the concept of an elite group determining what is good for the people; it smacks so closely of the fascist principle of a guiding party that we find it distasteful and indigestible. The presumption of it all is quite astounding*»

"Propaganda – government infiltration – World economic system, world government". «*What we see here is a number of large foundations using their enormous public funds to finance a one-sided approach to foreign policy and to promote it actively among the public by propaganda, and in the Government through infiltration… foundations have exercised a strong effect upon our foreign policy. This has been accomplished by vast propaganda, by supplying executives and advisers to government and by controlling much research in this area through the power of the purse. The next result of these combined efforts has been to promote 'internationalism' directed toward 'world government'. Foundations have supported a conscious distortion of history, propagandized blindly for the United Nations as the hope of the world… The presumption is that a global economic system is desirable. Such a system could not exist without some form of coercive supervision*»

"Foundations extensively involved in politics, on the side of globalism". «*These foundations and their intermediaries engage extensively in political activity, not in the form of direct support of political candidates or political parties, but in the conscious promotion of carefully calculated political concepts... It may well be said that a majority of the 'experts' in the international field are on the side of globalism. It would be amazing if this were otherwise, after so many years of gigantic expenditure by foundations in virtually sole support of the globalist point of view*»

"Tax-Exempt Foundations", Report of the Special Committee to Investigate Tax Exempt Foundations, House of Representatives, 83rd Congress, 2nd Session House Report No. 2681, 16 Dec. 1954.

Barclays (2013): “The rules are, there are no rules”.

Após o bail-in de Chipre, banker boys festejam nova era de saque nihilista. «*As one post-Cyprus Barclays research report was titled: “The rules are, there are no rules”*» [“Cyprus bailout traumaclouds EU bank bail-in plans”, Alex Barker, Financial Times, May 12, 2013]

BIDDLE (1833) – Manipular o ciclo monetário.

Nicholas Biddle.

Director de banco central. Viria a ser o director do banco central durante o tempo de Andrew Jackson.

Tongue-in-cheek para banqueiros – lição sobre ciclo de negócios. Neste artigo, Biddle explica a banqueiros como provocar o ciclo de negócios numa economia, através da emissão excessiva de notas e da sua retirada deflacionária.

Nicholas Biddle (1833) – Inflação.

A tendência dos bancos é a de circular demasiadas notas.

Isso pode ser prejudicial, através de inflação precista.

«*The currency… consists of coin, and of Bank notes promising to pay coin. The constant tendency of Banks is, therefore, to lend too much, and to put too many notes in circulation. Now, the addition of many notes… may be injurious, because the increase of the mixed mass of money generally occasions a rise in the price of all commodities*»

Nicholas Biddle, President of the United States Bank, Essay [National Gazette], In W. M. Gouge (1833), "A Short History of Paper Money and Banking in the United States". Philadelphia.

Nicholas Biddle (1833) – Deflação.

A operação é como se segue.

Não se emitem mais notas – exige-se retornos dos devedores.

Isto torna o dinheiro mais caro, reduz o valor dos bens.

Ou seja, as comodidades podem ser compradas a saldos.

«*The operation proceeds thus: by issuing no new notes, but requiring something from your debtors, you oblige them to return to you the Bank notes you lent them, or their equivalents. This makes the Bank notes scarcer—this makes them more valuable—this makes the goods for which they are generally exchanged less valuable—the debtor, in his anxiety to get your notes, being willing to sell his goods at a sacrifice—this brings down the prices of goods, and makes every thing cheaper*»

Nicholas Biddle, President of the United States Bank, Essay [National Gazette], In W. M. Gouge (1833), “A Short History of Paper Money and Banking in the United States”. Philadelphia.

Catherine Austin Fitts – VÍDEO.

CAF – GATT, "giant sucking sound", PPPs, governo privatizado.

GATT transfere toda a capacidade produtiva para fora, desde 80s.

Isso não acontece por eficiência, mas sim para mudar o proprietário, quem controla.

(***CAF – 24:55***) Temos transferido toda a economia (capacidade produtiva) para fora, desde os anos 80. Existe o mito de que isso acontece, porque é mais eficiente. E isso nem sempre é verdade. Muitas vezes isso acontece porque é a melhor maneira de mudar o proprietário, quem a controla. Não há dúvida que todo o processo GATT é aterrorizador.

GATT muda regras de fluxos de capitais – "giant sucking sound".

Transferência de capital para fora, compra do planeta a preços da chuva.

Capital estatal torna-se privado com internacionalização, subsidiação, parceria.

Perda de soberania, e nova governância – por corporações privadas.

Riscos transferidos para governos nacionais, bens para corporações privadas.

(***CAF – 10:40***) Com o GATT, surgiram mudanças nas regras para fluxo de capitais ao nível internacional. O "giant sucking sound", com a transferência de capital para fora, e a literal compra do planeta a preços de chuva. Um dos aspectos aqui é o fluxo de dinheiro público, estatal, para fora, com o dinheiro a mudar de proprietário pelo meio para pessoas privadas, através da capa de subsidiação e parceria. Com isso, perca de soberania nacional, e mudança total da forma de governância. Passamos a ser governados por corporações privadas. Já não somos governados por países que se coordenam entre si, mas sim por corporações privadas.

(***CAF – 12:25***) Neste processo, os riscos são transferidos para os governos nacionais, e os bens para corporações privadas.

CAF – Offshoring de empregos, capital – Deixar derivativos, papel e dívida.

Troca do dinheiro real por derivativos e promessas sem valor.

(**CAF – 13:00**) Troca do dinheiro real de pensões, segurança social, por papel derivativo sem valor. Uma vez que tenhamos tirado todo o dinheiro real para fora, eles vão ficar sem nada a não ser papel sem valor, e promessas passadas uns aos outros.

Criar bolhas, tirar dinheiro do país, tomar controlo sobre PMEs através de corporações.

Famílias encorajadas a assumir dívida que bancos e corporações sabiam ser insolúveis.

(***CAF – 16:00***) Enquanto toda a gente estava a ver TV, criar bolhas, tirar todo o dinheiro do país, tomar controlo sobre os negócios pequenos através das corporações. As famílias americanas médias foram encorajadas a assumir dívidas que não sabiam que não poderiam pagar, mas que os bancos e as corporações sabiam que estas não poderiam ser capazes de pagar. [Precedente logo antes, quando se fala de criar uma mortgage bubble]

"Mr Smith, we're using your savings to let Morgan Chase move all these jobs abroad".

"When we these jobs are all moved, you'll probably lose yours. But take on more debt".

(***CAF – 18:20***) "Mr Smith, you're keeping your savings in this bank, and we're using your savings to loan to JP Morgan Chase to move all these jobs abroad. All your jobs, we're moving to India. When we get these jobs all moved, you'll probably lose your job. But take on more debt"

CAF – A economia-ténia – Socializar perdas, privatizar lucros.

Diminuir retorno total e maximizar retorno para investidor, através do governo.

Logo, Goldman Sachs enriquece, mas toda a economia fica diminuída.

Hospedeiro morrer não é um bom plano. Portanto, expulsa-se o parasita.

(***CAF – 42:30***) As coisas foram artilhadas de modo a maximizar o retorno para o investidor, através do governo. Ao mesmo tempo, o retorno total foi diminuído. Portanto, os rapazes da Goldman Sachs enriquecem, mas toda a economia fica diminuída. Se a ténia continua a sugar o corpo, o corpo morre. O hospedeiro morrer não é um bom plano. Portanto, expulsa-se o parasita.

Riscos transferidos para governos nacionais, e bens para corporações privadas.

(***12:25***) Neste processo, os riscos são transferidos para os governos nacionais, e os bens para corporações privadas. Portanto voltemos para a bailout.

Ténia cada vez mais forte, hospedeiro cada vez mais fraco – a economia-ténia.

Media alimentam-nos informação sobre o que é bom para ténia, mau para nós.

Cliques obtêm subsidiação externa constante, de modo tal a aumentar a sua riqueza, e reduzir riqueza total no sistema.

(***7:10***) A imagem da ténia, que fica cada vez mais forte, e o hospedeiro fica cada vez mais fraco. Imagem do que Eisenhower falou, sobre o mundo corporativo tornar-se cada

vez mais dominante. A economia-ténia. Os média alimentam-nos informação sobre o que é bom para ténia, e mau para nós. Somos encorajados a fazer coisas que fortalecem as corporações, de um modo que nos enfraquece, de modo que elas ficam mais ricas, e nós mais pobres. Quanto mais se alimenta a ténia, mais poderosa ela se torna, e mais perdemos. A economia-ténia é uma economia onde cliques podem obter subsidiação constante do exterior, de um modo tal que aumenta a sua riqueza, mas reduz a riqueza total no sistema – literalmente, o hospedeiro fica cada vez mais fraco.

Your whole life can be engineered to serve the corporations, and not you.

(***CAF – 56:15***) “Your whole life can be engineered to serve the corporations, not you”

Tipos na Goldman Sachs, auto-intitulados, não fazem ideia do que é mérito.

(***CAF – 48:05***) Os tipos na Goldman Sachs não competiram com base em mérito as suas vidas inteiras, e não sabem o que isso é, e o que é pior, não sabem que não sabem.

CAF – Bailouts e estímulos, um golpe de estado financeiro.

Sob crise sistémica, dinheiro deveria ir para a economia real, não para Wall Street.

Em vez disso, está a ir todo para Washington e Wall Street, e não volta para trás.

(***CAF – 1:50***) Metáfora do organismo humano: numa crise sistémica, o corpo retira sangue das partes não-essenciais (por ex., dedos dos pés), e envia-o para as partes essenciais: cérebro, coração, pulmões. O que está a acontecer hoje é o contrário, à medida que o "sangue" é retirado da economia real. (***CAF – 3:10***) Como com uma barragem, envia-se água para Washington e Wall St., mas ele não volta para trás.

Dívida americana, $12T desde fundação até 2008.

Depois, no espaço de 18 meses, outros $12T, aos bancos.

Para refinanciar papel tóxico – e financiar uma leveraged buyout de país e mundo.

As bailouts foram um golpe de estado financeiro.

(***CAF – 9:05***) Dívida americana, desde a fundação até 2008: isso foi 12 triliões de dólares. E depois em 18 meses, demos ou emprestámos outros 12 triliões, aos bancos. Esses 12 triliões refinanciaram papel tóxico, que foi emitido durante os anos 90 e depois, para literalmente financiar uma leveraged buyout do país e do planeta. É por isso que lhe chamo um golpe de estado financeiro, e é isso que as bailouts foram.

CAF, RUSSO – Crime ~~pays~~ has good credit.

Crime compensa, na economia-ténia – cometer crimes com respeitabilidade social.

População acredita que crime compensa – na prática, tem compensado.

No desfecho, muitos que pensavam isto começam a descobrir que é ao contrário.

(***CAF – 29:00***) O crime compensa sempre, neste modelo económico. O que temos nesta economia é uma situação em que as pessoas podem cometer coisas nefárias, mas manter a sua respeitabilidade social.

(***CAF – 48:15***) A população acredita que o crime compensa. Porque, na prática, tem compensado. E estamos a vir a um desfecho, no qual muitas pessoas que têm seguido os criminosos pensando que compensava começam a descobrir que talvez não o faça.

RUSSO – "Fed, a criminal organization with good PR and prestige".

(***AR – 1:22:00***) "It's definitely a criminal organization, but one that has prestige". People look down on Greenspan as being a hero. Criminals with good PR.

CAF – Destruição sócio-económica – Global plantation, Agenda 21, GMO.

Destruição da classe média, reformulação da produção e dos empregos.

Transferência de dinheiro para corporações.

Maior perigo, criação de direito corporativo de criar patentes sobre vida.

Mudar 2 a 3 biliões de pessoas (matando-as ou metendo-as em cidades).

Controlar todo o fornecimento de comida, e as sementes, tornando a comida em GM.

Escravatura planetária a um grau nunca antes imaginado.

(***CAF – 24:55***) O maior perigo nem sequer reside na destruição da classe média, ou na reformulação da produção e dos empregos, ou na transferência de poder do dinheiro para as corporações. O aspecto mais perigoso é a criação de um direito corporativo de criar patentes sobre a vida. Mudar 2 a 3 biliões de pessoas (matando-as ou metendo-as em cidades). E daí controlar todo o fornecimento de comida, e as sementes, tornando a comida em GM. Quando se pega em 50% da população mundial e se retira o seu direito à auto-suficiência, com comida saudável, coloca-se as pessoas na dependência de corporações, com fornecimento de comida não-saudável. Escravatura planetária a um grau nunca antes imaginado.

CAF – Controlo corporativo total – Soluções para isto.

Corporações – ID cards, war on terror, terminator seeds.

Acabe-se com supressão de tecnologia – riqueza fabulosa.

“We're gonna create a few big corporations and we're gonna control everything”.

Acabar com isto – colocar sistema financeiro na linha.

Capitalismo, mercados livres (e não crime organizado), dessuprimir tecnologia.

Criar uma cultura de confiança.

The wealth creation would be phenomenal.

(***CAF – 44:00***) Se se acabar com a supressão de tecnologia, que está à espera nos laboratórios, existe riqueza fabulosa. As corporações dizem: "We're gonna make money by controlling life" – ID cards, war on terror, terminator seeds. "*We're gonna create a few big corporations and we're gonna control everything*". Acabar com isto: alinhar sistema financeiro com interesses do público; escolher capitalismo, mercados livres (por oposição a crime organizado, que não é capitalismo), dessuprimir tecnologia; criar uma cultura de confiança. Let businesses compete on not who has Goldman Sachs but on who is productive, the wealth creation would be phenomenal.

CIR (1915) – Concentração – Anti-sindicalismo – Pressão e violência.

CIR (1915) – Concentração financeira e industrial.

Commission on Industrial Relations (1915). "V. The Concentration of Wealth and Influence", p. 116.

"Centralização do controlo de crédito numas poucas firmas financeiras".

"Segue-se concentração industrial".

Todas as indústrias básicas são dominada por monopólios ou concentrações de crédito.

[**Edit**] «*...control of credit is centralized in a comparatively small number of enormously powerful financial institutions... The final control of American industry rests, therefore, in the hands of a small number of wealthy and powerful financiers... With few exceptions each of the great basic industries is dominated by a single large corporation, and where this is not true, the control of the industry through stock ownership... and through credit is almost, if not quite, as potent*»

[**Original**] «*...**control of credit is centralized in a comparatively small number of enormously powerful financial institutions**. These financial institutions are in turn dominated by a very small number of powerful financiers... **The final control of American industry rests, therefore, in the hands of a small number of wealthy and powerful financiers...** The concentration of ownership and control is greatest in the basic industries upon which the welfare of the country must finally rest... **With few exceptions each of the great basic industries is dominated by a single large corporation, and where this is not true, the control of the industry through stock ownership** in supposedly independent corporations **and through credit is almost, if not quite, as potent**... For example, in the United States Steel Corporation, which had in 1911 approximately 100,000 shareholders, 1.5 per cent of the stockholders held 57 per cent of the stock, while the final control rested with a single private banking house*»

"Final Report of the Commission on Industrial Relations", House of Representatives, 64th Congress (1915), p.116.

CIR (1915) – Pressão económica, violação da lei, astúcia e violência.

Ataques contínuos a organizações e indivíduos [Rockefeller]. É reportado como atacar outras organizações e indivíduos com "*economic pressure, violation of law, cunning and violence*" (p.261) são métodos habituais. Porém, aqui está-se a falar apenas do grupo Rockefeller, e da sua fundação.

CIR (1915) – Anti-sindicalismo.

Grandes corporações têm política anti-sindical violenta.

Existem sistemas elaborados de espionagem.

Empregados suspeitos de actividade sindical são despedidos.

[**Edit**] «*Almost without exception the employees of the large corporations are unorganized, as a result of the active and aggressive "nonunion" policy of the corporation managements… In order to prevent the organization of employees for the improvement of working conditions, elaborate systems of espionage are maintained by the large corporations which refuse to deal with labor unions, and employees suspected of union affiliation are discharged*» "Final Report of the Commission on Industrial Relations", House of Representatives, 64th Congress (1915), pp. 116-118.

[**Original**] «***Almost without exception the employees of the large corporations are unorganized, as a result of the active and aggressive "nonunion" policy of the corporation managements…*** *The lives of millions of wage earners are, therefore, subject to the dictation of a relatively small number of men… These industrial dictators for the most part are totally ignorant of every aspect of the industries which they control, except the finances, and are totally unconcerned with regard to the working and living conditions of the employees in those industries. Even if they were deeply concerned, the position of the employees would be merely that of the subjects of benevolent industrial despots…* ***In order to prevent the organization of employees for the improvement of working conditions, elaborate systems of espionage are maintained by the large corporations which refuse to deal with labor unions, and employees suspected of union affiliation are discharged***» "Final Report of the Commission on Industrial Relations", House of Representatives, 64th Congress (1915), pp. 116-118.

CLINTON ROOSEVELT (1841) – The power of the banking system.

Clinton Roosevelt (1841) – "Real government is the banking system…all submit".

As formas externas de governo são máscaras para o real governo, os bancos.

Em todos os países, quem comanda mais fundos e propriedade é o real governo.

Editores, legisladores, juízes e juristas, com poucas excepções, submetem-se.

«*…the outward forms of government are not of much importance.*

They are used as masqueraders use their dresses – to disguise their persons. There is a power behind the throne – the banking system.

In all countries, enquire who it is who can command the greatest funds and property, and there you will find the government. The outward pageantry is used merely to amuse the vulgar, who look only at externals-music, songs, banners, carriages. Editors, coachmen, legislators, judges, and counsellors at law, alike with few exceptions, all quiet their consciences in the mean time, on the plea of absolute necessity and say, I submit» Clinton Roosevelt (1841), "The science of government, founded on natural law". New York: Dean & Trevett.

Clinton Roosevelt (1841) – "A man is bought if to crush him would be dangerous".

Em Inglaterra e EUA, homens de influência moral são comprados, tornados pares.

Se não puderem ser esmagados.

«*Thus in England also, when a man has moral influence, he is bought over by a place or pension, if to crush him would be dangerous. If very great, he then is made a peer, and all his opposition ceases*» Clinton Roosevelt (1841), "The science of government, founded on natural law". New York: Dean & Trevett.

Cloward-Piven, exigências lunáticas, terrorismo

Estratégia Cloward-Piven – Crise, colapso, rendimento anual garantido.

Cloward & Piven, em The Nation, 1966, "The Weight of the Poor". Andrew Cloward and Frances Fox Piven, dois sociólogos da Columbia University. Escrevem um artigo para a Nation em Maio de 1966, intitulado "The Weight of the Poor: A Strategy to End Poverty", onde delineiam a estratégia.

Usar exigências impossíveis para sobrecarregar e colapsar governo e economia. Usar os pobres e desavantajados como tropas de choque sacrificiais – o "peso dos pobres". Usar organizações radicais para fazer exigências cada vez mais abusivas sobre todos os níveis de governo. Sobrecarregar e sabotar o funcionamento e a operação do governo, usando exigências impossíveis, até ao ponto em que o sistema simplesmente colapsa. Sobrecarregar sistemas eleitorais com vagas sucessivas de novos eleitores, muitos deles falsos. Exigir empréstimos e subsídios até ao ponto de exaustão financeira.

Exemplo, NYC 1975. Um exemplo disto em acção ocorre em 1975, quando NYC é inundada de pedidos de segurança social, o que leva o governo local à bancarrota. O governo federal teve de entrar com uma salvação financeira de última hora.

Provocar crise e colapso. O objectivo, provocar a queda do governo e do sistema capitalista. Crise e colapso económico, político, e social.

Forçar mudança política através de crise orquestrada.

Rendimento anual garantido. A ideia era substituir o sistema de segurança social com um sistema nacional de rendimento anual garantido.

Tendência geral para terrorismo e exigências lunáticas.

Milhares de atentados terroristas nos EUA, de 1969 a 1970. De Janeiro de 1969 a Abril de 1970, ocorrem cerca de 4330 bombardeamentos terroristas nos EUA, de acordo com o Senate Subcommittee on Investigation.

Bill Ayers e os Weatherman, protagonistas [Obama]. Um dos protagonistas disso é Bill Ayers, terrorista dos Weathermen e confidente de Obama.

Commodity Bubbles – Petróleo, Comida

Após 1991, commodity bubbles tornam-se lugares-comuns.

De 1936 a 1991, regulação impede especulação financeira em comodidades. Desde 1936 até 1991, os mercados de comodidades estiveram largamente limitados à influência da oferta e da procura, devido a regulação que impedia a especulação financeira.

Com os anos 90, comodidades tornam-se activos para bolhas especulativas. Os anos 90 viram a alteração disso. Em 2008, um mínimo de três quartos da actividade nas commodity exchanges era especulativa. Portanto, com a GS a comandar a carga, os mercados de comodidades tornaram-se gigantescos salões de apostas, e bens essenciais à vida tornaram-se em fichas de casino.

Goldman Sachs Commodities Index. O seu GS Commodities Index – que segue os preços de 24 das maiores commodities, mas é particularmente inclinada para o petróleo – tornou-se o local onde fundos de pensões, companhias de seguros e outros investidores institucionais podiam fazer enormes apostas longas, apostas de longo termo, em preços de comodidades.

Petróleo – Inflação artificial de preços, através de especulação nos futuros (2008).

Desregulação possibilita especulação em futuros petrolíferos. O inflacionamento de preços de produtos petrolíferos pode ser feito de diversas maneiras, a mais evidente das quais é através de especulação nos futuros. A onda de desregulações financeiras que marcou as últimas décadas possibilita isto.

Crash de 2008, desvalorização do dólar levam a fuga para comodidades. Um caso bastante evidente foi a inflação de 2008, que aconteceu em conjunção com o credit crunch, com a desvalorização do dólar e com a crise do mercado imobiliário. Todos estes aspectos facilitaram a fuga para as comodidades.

→ Comida e energia, particularmente petróleo.

Futuros do petróleo escalam vertiginosamente. Os futuros do petróleo, em particular, escalaram vertiginosamente; o preço do barril subiu de cerca de $60 em meados de 2007 para $147 no Verão de 2008 (quando houve o auge da bolha do petróleo). Nos EUA, a gasolina chegou a $4.11 o galão.

Argumentos – Direita culpa escassez de produção, esquerda culpa peak oil. Da direita, disse-se que o preço do petróleo tinha aumentado por causa de escassez na produção, e

em geral (o fantasma do peak oil); da esquerda, também se trouxe o fantasma do peak oil e o fantasma do consumo exagerado, e foi exigido investimento governamental em carros híbridos.

Procura decresce – mas financeiros especulam em futuros petrolíferos. Porém, tudo isto era falso. Nos seis meses antes da subida dos preços, a produção diária aumentou de 85.24 milhões de barris por dia para 85.72 milhões. Durante o mesmo período*, a procura decresceu de 86.82 para 86.07*. Portanto, em condições normais, os preços deveriam ter decaído. O que aconteceu foi que a GS e outros megabancos *persuadiram fundos de pensões e outros grandes investidores institucionais a investir em futuros petrolíferos* – concordando comprar petróleo a um certo preço numa data específica. Este movimento transformou o mercado do petróleo em *algo sujeito a apostas, como uma acção*. Entre 2003 e 2008, a quantidade de dinheiro especulativo em comodidades cresceu de $13 biliões para $317 biliões, um aumento de 2.300%.

Em 2008, um barril era trocado 27 vezes em média antes de ser entregue e consumido.

Especulação, neste caso, funciona em program buying – media incentivam subida. Agora, isto traz duas dificuldades essenciais: 1) estes especuladores são na sua maioria *investidores de longo prazo, significando que apostam no crescimento dos preços* (o tipo de coisa que se veria num mercado de acções) – este tipo de coisa, claro, puxa os preços para a subida; 2) e, para piorar a coisa, a própria GS estava a incentivar este estado de coisas, com os seus 'especialistas' e 'analistas' nos media a preverem super subidas nos preços, anunciando a subida para $200 o barril.

Bolha implode para 1/5 do valor de pico. Finalmente, no final do Verão de 2008*, a bolha implodiu, os preços caíram precipitosamente, de $147 para $33*. Uma vez mais, os grandes perdedores foram pessoas normais.

RAJAN (FMI) – “We should expect to live with high and volatile oil prices”. Raghuram Rajan, o economista chefe do FMI, disse que, «*We should expect to live with high and volatile oil prices (...) In short, it's going to be a rocky road going forward*».

Comida – Especulação nos futuros – Fome, motins, Arab Spring (2008).

Subida precipitosa resultante de bolha das comodidades leva a catástrofes. No sector da comida, os estragos foram igualmente graves – a subida precipitosa dos preços, guiada pela bolha das comodidades, levou a catástrofes pelo planeta fora.

Fome, motins, e o despoletador para a Revolução Árabe. Forçando cerca de $100 milhões de pessoas a fome e levando a motins de comida pelo 3º mundo fora, como imediatamente antes das revoluções na Tunísia e Egipto.

Da Depressão Agrícola à Grande Depressão

Depressão Agrícola de 1920-21.

Lindbergh, Sr. – "This is the first scientifically created panic".

«*Under the Federal Reserve Act, panics are scientifically created; the present panic is the first scientifically created one, worked out as we figure a mathematical problem*» Charles A Lindbergh, Sr. The Economic Pinch (1923 rpt. Hawthorne, California: Omni Publications, 1968), p. 95.

Jogo expansão-contração – Ensaio geral para Grande Depressão. A Depressão Agrícola de 1920-21 foi uma repetição do jogo de expansão/contração, e foi também um ensaio geral para a Grande Depressão.

I Guerra faz prosperar pequenos e médios agricultores – Bancos de poupanças. Com a guerra, o tecido agrícola americano, baseado em pequenos e médios empreendimentos (regra geral, quintas familiares) prosperou a níveis nunca antes vistos. Paralelamente, prosperaram os bancos de depósito onde estes agricultores colocavam as suas poupanças – bancos pequenos e geralmente honestos. Isto era inaceitável para os bancos dos grandes centros.

Jogo de expansão-contração. Portanto, a ideia foi:

1) Extensão de crédito excessivo a condições irreais. Estender crédito fácil aos agricultores para os induzir a entrar em dívida elevada (com compras de maquinaria e propriedade);

2) Contracção, provocando limitação drástica de empréstimos. Contrair repentinamente a emissão de crédito, de modo a diminuir os rendimentos dos agricultores ao ponto em que não conseguissem fazer pagamentos. Nesse ponto, os bancos rurais ver-se-iam na posse de empréstimos impossíveis de pagar (por parte dos agricultores) e de propriedade arrestada que não conseguiriam vender sem percas tremendas.

3) Os dominós caiem. Em 1921, os agricultores e os bancos agrícolas estavam a cair como dominós.

ROBERT OWEN, 1939 – "Fed provocou Depressão Agrícola". Os detalhes de como este pânico foi criado foram explicados em 1939 por Robert Owen, Senador e Chairman do Senate Banking and Currency Committee:

"Agricultores estavam prósperos, mas em dívida, governamentalmente incentivada".

"Sob acção da Fed, surge uma contração violenta monetária e de crédito".

“$15B de perdas de produção – milhões no desemprego – perda imobiliária de $20B”.

«*In May 1920 ... the farmers were exceedingly prosperous .... They were paying off their mortgages.* ***They had bought a lot of new land, at the instance of the government****-had borrowed money to do it-and then they were bankrupted by a sudden contraction of credit and currency, which took place in 1920.... The Federal Reserve Board met in a meeting which was not disclosed to the public-they met on the 18th of May 1920; it was a secret meeting-and they spent all day; the minutes made 60 printed pages, and it appears in Senate Document 310 of February 10, 1923....* ***Under action taken by the Reserve Board*** *on May 18, 1920, there resulted a* ***violent contraction of credit****.... This contraction of credit and currency had the effect, the next year, of* ***diminishing the national production $15,000,000,000****; it had the effect of* ***throwing millions of people out of employment****; it had the effect of* ***reducing the value of lands and ranches $20,000,000,000***» 1. U.S. Cong., Senate, Special Committee on the Investigation of Silver, *Silver,* Part 5, 76th Cong., 1st sess. (Washington, DC: GPO, 1939), April 7, 1939, pp. 196-97.

A inflação dos anos 20 – Fed inflaciona para favorecer Inglaterra e Europa.

Má condição da libra gera perda de ouro, quebras de produção, endividamento. A má situação da libra após a I Guerra resultou em dificuldades económicas para a Inglaterra, nomeadamente transferência de ouro para fora, quebras de produção, endividamento.

Strong, Norman, Rist e Schacht decidem tornar EUA menos competitivo – comunicam a Mellon. A ideia foi elaborada entre Benjamin Strong, Montagu Norman, Charles Rist e Hjalmar Schacht, e comunicada a Andrew Mellon, que era Secretário do Tesouro.

Inflacionar economia EUA. Em resposta, a economia americana foi mobilizada, pela Fed, para transferir riqueza para Inglaterra; como se fosse uma tranfusão de sangue. Isto foi feito através de inflação monetária a uma taxa superior do que a britânica.

(1) Poder de compra em trocas internacionais move-se para países menos inflacionários. Neste tipo de método, bastante sofisticado, o que acontece é que o poder de compra real, em termos de comércio internacional, é transferido do país mais inflacionário para o país menos inflacionário. No primeiro, os preços sobem tornando-se, portanto, menos competitivos nos mercados mundiais.

(2) Reduzir competitividade das exportações americanas. Redução da competitividade das exportações americanas, com subsequente perca de mercados.

(3) Pedir emprestado a baixos juros nos EUA, investir na Europa a taxas mais elevadas. Tornou-se possível pedir emprestado a baixas taxas nos EUA e investir o dinheiro na Europa a taxas e valores mais elevados.

(4) Gerar transferências de ouro para Grã-Bretanha e Europa. Transferência de reservas de ouro para Europa.

ROTHBARD – Público americano condenado a carregar fardo para salvar economia britânica. Como Rothbard observou: «*In short, the American public was nominated to suffer the burdens of inflation and subsequent collapse [the crash of 1929] in order to maintain the British government and the British trade union movement in the style to which they insisted on becoming accustomed*»

A inflação dos anos 20 – Expansão de crédito, redução de taxas de juro.

Fed gera uma expansão de crédito de +60% (1921-29). Em apenas 6 anos, a emissão monetária americana (banco central e bancos comerciais) foi expandida em $10 biliões. De 1921 a 1929, a quantidade de dólares *aumentou em 61.8%,* dois terços, substancialmente mais que o aumento no produto nacional.

Redução drástica das taxas de juro sobre papel financeiro.

A inflação dos anos 20 – Especulação.

Expansão de crédito em papel especulativo.

70% da expansão de crédito é em papel especulativo. Entre 1921 e 1929, enquanto os empréstimos comerciais permaneceram constantes, *o total de empréstimos bancários aumentou de $24,121 milhões para $35,711 milhões*. Empréstimos sobre securities e propriedade subiram a perto de **$8 biliões**. Portanto, *cerca de 70% do aumento durante este período foi em investimentos especulativos*. E esse é dinheiro que foi criado pelos bancos.

Expansão ocorre em obrigações e contratos de empréstimo. Durante esse mesmo tempo, a quantidade de moeda em circulação permaneceu virtualmente inalterada, significando que a expansão consistiu inteiramente de substitutos monetários, tais como obrigações e contratos de empréstimo.

Monetização exagerada de obrigações – Monetização de aceitações.

Bancos comerciais deixam de ser serviços financeiros, passam a ser especuladores. Um processo de corrupção acentuada. Os bancos comerciais eram os intermediários neste jogo. Pelo fim da década, estavam a funcionar mais como especuladores do que como bancos. Em vez de servirem como casas de serviços financeiros, tinham-se tornado jogadores essenciais no mercado.

Média de preços de acções aumenta em 597%. De Agosto de 1921 a Setembro de 1929, a média industrial de preços de acções (industrial stock-price average) do Dow Jones

subiu de 63.9 para 381.17, um *aumento de 597%.* O crédito era abundante, os empréstimos eram baratos, os lucros eram grandes.

~~Produção de bens e serviços~~ – Especulação em acções e em propriedade urbana. Os empréstimos a empreendimentos comerciais para a produção de bens e serviços perdem terreno para empréstimos destinados a especulação no mercado de acções e em propriedade urbana.

Investimento é deslocado da economia real para especulação – criação de desemprego. Isto resultou na deslocação do investimento, de produção e distribuição para especulação auto-alimentada de valores fictícios. O dinheiro era deslocado de coisas reais para passar a circular de um lado para o outro, a inflacionar o valor de títulos inúteis. Especulação, com e sobre todo o papel inútil criado.

A inflação dos anos 20 – Aceitações.

Mais de metade da emissão de crédito da Fed durante 20s foi em aceitações. Em 1929, o volume de aceitações era de 1.7 triliões de dólares. Durante todos os anos 20, era mais de metade de todo o novo dinheiro que era criado pela Fed – mais que todas as outras compras no mercado aberto somadas a todos os empréstimos a bancos comerciais na janela de descontos.

Apostas especulativas sobre securitizações – derivativos. As aceitações eram apostas especulativas arriscadas e pouco transparentes.

Populares na Europa. Eram commumente trocadas na Europa.

A Fed cria e subsidia o mercado de aceitações nos EUA. Não tinham mercado nos EUA. A Fed “resolveu” a situação ao colocar a taxa de desconto sobre aceitações a um nível tão baixo que os signatários teriam sido tolos se não tivessem tirado vantagem disso. A um desconto muito baixo, podiam adquirir fundos de curto prazo que podiam depois ser investidos a uma taxa superior de retorno. Assim, as aceitações tornaram-se rapidamente um mercado próspero nos EUA.

Taxa de desconto a valores irrisórios – Fed como compradora essencial de aceitações. Para além de manter a taxa de desconto de aceitações a níveis artificialmente baixos, a Fed prometeu comprar todas as aceitações que eram oferecidas, e tornou-se no principal comprador destes títulos.

A inflação dos anos 20 – Aceitações (2) – Wall Street e a alta finança europeia [McFadden].

Sidney Warburg [NY Fed] – IAB – WAB – AAC. Este mercado tinha sido implementado nos EUA por Sidney Warburg, o fundador e Chairman do International

Acceptance Bank of NY, e era também director dos seus vários “competidores” mais pequenos, como o Westinghouse Acceptance Bank. Do mesmo modo, era fundador e Chairman do American Acceptance Council.

Mercado transatlântico de aceitações repartido entre Wall Street e europeus. Sidney Warburg era o ponta-de-lança do mercado de aceitações nos EUA, em nome do cartel de Wall Street. Wall Street dominava o espectro americano deste consórcio de sugadores financeiros, em parceria com investidores europeus, entre os quais se destacam as firmas de Rothschild (em Londres) e dos Warburgs (Alemanha). Por exemplo, no caso do IAB, o capital total de investidores americanos era de $276 milhões, por comparação com $271 milhões de participação estrangeira.

Firmas de Wall Street – Bancos e seguradoras.

Morgan, Warburg, Rockefeller, Kuhn Loeb. A lista de companhias que controlava os vários bancos de aceitações inclui: Kuhn, Loeb and Co.; New York Trust Co.; Bank of Manhattan Trust Co.; American Trust Co.; New York Title and Mortgage Co.; Chase National Bank; Metropolitan Life Insurance Co.; American Express Co.; The Carnegie Corp.; Guaranty Trust Co.; Mutual Life Insurance Co.; Equitable Life Assurance Society of New York; First National Banks of Boston, St. Louis, and Los Angeles.

MCFADDEN (1932), sobre aceitações.

“Fed a comprar dívidas de estrangeiros contra estrangeiros com crédito americano”.

“Worthless paper drawn by foreign swindlers as means of getting gold out of this country”.

“Treated as better security than the note of an American farmer living on American land”.

“Acceptance racket, developed by Fed and predatory European bankers who taught our own brand of pirates how to loot the people”.

“The magnitude of the acceptance racket, in the neighborhood of $9,000,000,000 a year”.

[**Original**] «*It is none the less extraordinary to see those twelve private credit monopolies buying the debts of foreigners against foreigners in all parts of the world and asking the Government of the United States for new issues of Federal Reserve notes in exchange for them… I see no reason why a worthless acceptance drawn by a foreign swindler as a means of getting gold out of this country should receive the lowest and choicest rate from the Federal Reserve Board and be treated as better security than the note of an American farmer living on American land… The magnitude of the acceptance racket, as it has been developed by the Federal Reserve banks, their foreign correspondents, and the predatory European-born bankers who set up the Federal Reserve institution here and taught our own brand of pirates how to loot the people -- I*

say the magnitude of this racket is estimated to be in the neighborhood of $9,000,000,000 a year. In my opinion, it has amounted to several times as much» Congressman Louis T. McFadden, June 10, 1932, Congressional Record.

A inflação dos anos 20 – Esquemas em pirâmide, pump and dump.

Proporção da economia consistindo de pirâmides especulativas explode exponencialmente.

Pirâmides de holdings financeiras, insolventes – companhias temporárias e descartáveis. São constituídas múltiplas pirâmides de corporações financeiras, sob a forma de holdings, com o único propósito de permitir especulação insolvente. Estas holdings eram companhias temporárias e descartáveis. Desta forma, milhares de holding firms e corporações foram criadas com o único propósito de serem afundadas e descartadas, assim que tivessem perdido a sua utilidade.

Inflação de papel especulativo → short-selling → estouro. Este esquema especulativo funcionava da maneira convencional, através da inflação de uma bolha baseada em papel-sobre-papel e do estourar da bolha assim que tivesse atingido o pico. Durante a ascensão, era necessário um fluxo contínuo de investimento, como em qualquer esquema em pirâmide. Este estouro era feito através de operações de short-selling, entre outras. Portanto, os banqueiros ganhavam (como ainda hoje), na subida e na descida, no efeito de montanha-russa. Quanto mais excessiva a descida, e mais catastrófica a bancarrota, tanto maiores eram os lucros.

Lucros sobre especulação [subida e descida], comissões, juros. Para além dos lucros sobre a especulação de títulos, estas operações também davam excelentes retornos aos mediadores – bancos e firmas financeiras – através de comissões e juros sobre os investimentos.

Modesto aquecimento para FERs e derivativos. As possibilidades de malfeitoria e fraude eram intermináveis, e isto foi apenas um modesto aquecimento para o posterior espectáculo das floating exchange rates e dos derivativos.

O exemplo da Goldman Sachs Trading Corp.

GSTC inflaciona valor de papel puramente especulativo. A Goldman Sachs entra neste jogo de casino com a GSTC. A GSTC emite shares, compra-as a todas com o seu próprio dinheiro, e depois vende 90% ao público por um preço $4 acima do valor de emissão. Mencione-se aqui que a GSTC não produzia nada, à semelhança da generalidade destes empreendimentos. A sua única actividade era emitir papel, e vendê-lo. Após a primeira campanha de venda, a GSTC começava depois a fazer novas operações de compra sobre si mesma, de modo a escalar continuamente o preço.

Lucros transferidos para holdings laterais [Shenandoah, Blue Ridge, etc]. Entretanto, os lucros sobre esta bolha, estavam a ser transferidos para holdings laterais. Logo após esse processo, a GSTC cria a Shenandoah Corporation que, por sua vez, patrocina a criação de uma nova trust, a Blue Ridge Corporation. Das 7.250.000 shares da Blue Ridge, 6.250.000 eram propriedade da Shenandoah que, claro, era parcialmente detida pela GSTC. Desta forma, cada uma destas firmas fictícias servia como fachada para a anterior, numa pirâmide interminável de investimento. O que acontecia era que os ganhos de uma (durante a ascensão) podiam ser transferidos para a outra, as firmas podiam fazer going long e/ou selling short umas sobre as outras, etc.

Short-selling – estourar a bolha e lucrar na descida. Quando a escalada finalmente pára, a GSTC faz dumping das acções e estoura a bolha, arruinando os vários pequenos e médios investidores que tinham investido nisto.

A inflação dos anos 20 – Fed, Mellon e Keynes elogiam o dólar especulativo.

Fed e Mellon anunciam que a economia nunca tinha estado melhor. Enquanto isto acontecia, a Fed e pessoas como Andrew Mellon, o secretário do Tesouro, fazem anúncios públicos para o efeito de que a economia nunca tinha estado melhor.

Keynes aclama gestão do dólar como "triunfo" do homem sobre o dinheiro. John Maynard Keynes, o socialista, que aclamava a gestão do dólar pela Fed como sendo um "triunfo" do homem sobre o dinheiro.

Fed e BoE espalham pessimismo, limitam a circulação de crédito.

De 1928 a Setembro de 1929, Fed quebra confiança, contrai crédito.

Fed expressa preocupações e aumenta taxas de juro. Durante a Primavera de 1928, a Fed expressou preocupações sobre a especulação no mercado de acções, iniciando uma campanha progressiva de destruição de confiança. Em seguida, começou a aumentar as taxas de juro por forma a limitar a expansão de crédito. Mais tarde, aumentou a taxa de desconto para 6%. Simultaneamente, a Fed começa a vender obrigações no mercado aberto, de modo a contrair ainda mais a circulação de crédito.

Banco de Inglaterra junta-se à contração. Alguns dias depois, o Banco de Inglaterra também aumenta a taxa de desconto. As reservas em ambos os países começaram a encolher e, com elas, a emissão de crédito.

A Fed faz avisos confidenciais para liquidação de holdings e fuga do mercado.

Rockefeller, Morgan, Baruch, Dillon. A 6 de Fevereiro de 1929, a Fed emitiu um destes avisos aos seus bancos membros, para liquidarem as suas pertenças (holdings) no

mercado. Entre os personagens que receberam estes alertas, contam-se John D. Rockefeller, J.P. Morgan, Joseph P. Kennedy, Bernard Baruch, Henry Morganthau, Douglas Dillon.

Crash de 1929.

Mercado atinge pico e começa a cair – Queda gradual até ao crash. Em 19 Setembro a 1929, o mercado de acções atingiu o seu pico, após o que começou a cair progressivamente. A queda foi gradual mas sistemática e, cinco semanas depois, a 24 de Outubro o crash aconteceu, quando milhares de accionistas tentaram vender. Os preços colapsaram. Treze milhões de acções trocaram de mãos. Mas foi apenas 5 dias depois que o fundo chegou.

O fundo é atingido a 29 de Outubro. A 29 de Outubro, uma avalanche de vendas, sem compradores, destruiu definitivamente o mercado. No fim do dia, mais de 16 milhões de acções tinham sido vendidas por qualquer preço disponível. Num único dia, milhões de investidores foram arruinados.

$40B evaporam no espaço de 12 meses. Algumas semanas depois, $3 biliões de riqueza tinham desaparecido. Em 12 meses, $40 biliões tinham evaporado. Milhares passaram de imediato de riqueza imaginada (no Kansas) para pobreza (em Oz).

“Too Big To Fail” subsidiados pela FDIC, enquanto a economia agoniza.

Um terço dos bancos vai à falência. De 1929 a 1933, um terço dos bancos (especialmente os mais pequenos) foram à falência.

FDIC assegura depósitos até $5000 e salva os “too big to fail”. Em vez de fecharem a Fed e levantarem investigações criminais contra os envolvidos, o Congresso limita-se a criar a FDIC, para prevenir um novo colapso. Na altura, a FDIC assegurou depósitos até $5000 e salvou alguns bancos, mas não todos. O processo era aplicável aos ricos e poderosos, os 'too big to fail'.

A quebra contínua do mercado (1929-1933) – Wall Street consolida o mercado.

O mercado quebra até 11% dos níveis de pico.

Colapso gradual do tecido sócio-económico americano. Processo de morte lenta da economia, com falências em massa, desemprego, pobreza, desespero social.

Especuladores institucionais lucram nos 4 anos de descida. O ciclone de dívida não poupou ninguém, excepto quem o tinha provocado. O crash de 1929 aconteceu durante 3 dias mas na prática continuou durante perto de 4 anos, alimentado por especuladores

que fizeram enormes lucros não apenas na ascensão do mercado mas também durante a sua queda para 11% dos valores de pico.

Após o crash, Wall Street consolida o mercado.

Desmantelamento, assett-striping. Este foi um período de desmantelamento de capacidade produtiva, assett-striping, com lucros especulativos sobre estas operações de desmantelamento.

Eliminação de concorrência e consolidação . Enormes montantes de riqueza migraram da antiga classe média para os grandes conglomerados de capital. Para cada vendedor, existe um comprador. Os insiders que tinham transferido os seus investimentos de títulos para ouro e dinheiro eram os compradores. Esta foi uma fase de consolidação, em que muitas companhias e investidores foram pura e simplesmente eliminados, deixando as companhias mais sólidas para serem consolidadas em poucas mãos, em compras de saldo, por fracções dos preços anteriores (e, dos próprios preços reais). Nesta altura são criadas gigantescas companhias de holding (holding companies) para o efeito, como foi o caso da Marine Midland Corporation, da Lehman Corporation, da Equity Corporation, ou da trust alimentar Standard Brands, de JP Morgan. Antes de 1929, o controlo de mais de metade de toda a indústria americana já estava sob o controlo de aproximadamente 200 companhias. Durante a depressão, esta tendência apenas se intensificou.

CURTIS DALL – "Calculated shearing".

Curtis Dall, o sobrinho de FDR.

"Tosquia calculada do público, após a contração planeada de crédito em NY".

«*…it was the calculated "shearing" of the public by the world money powers, triggered by the planned sudden shortage of the supply of call money in the New York money market*» Curtis Dall, "Franklin Delano Roosevelt: My Exploited Father-in-Law" (1970).

ANDREW MELLON – "Liquidate everything".

Infante dos Mellons de Boston. Andrew Mellon era um dos infantes Mellon, de uma das mais velhas dinastias bancárias do Eastern Establishment.

Um dos arquitectos da inflação, no Tesouro. Foi um dos arquitectos da depressão, na qualidade de Secretário do Tesouro.

Herbert Hoover descreve a reacção de Mellon.

"Liquidate labor, liquidate stocks, liquidate the farmers, liquidate real estate".

"It will purge rottenness out. High living will come down".

“People will work harder, live a more moral life, values will be adjusted”.

“Enterprising people will pick up the wrecks from less competent people”.

«*First was the "leave it alone liquidationists" headed by Secretary of the Treasury Mellon, who felt that government must keep its hands off and let the slump liquidate itself. Mr. Mellon had only one formula: "Liquidate labor, liquidate stocks, liquidate the farmers, liquidate real estate." He insisted that, when the people get an inflation brainstorm, the only way to get it out of their blood is to let it collapse. He held that even a panic was not altogether a bad thing. He said: "It will purge the rottenness out of the system. High costs of living and high living will come down. People will work harder, live a more moral life. Values will be adjusted, and enterprising people will pick up the wrecks from less competent people." He often used the expression, "There is a mighty lot of real estate lying around the United States which does not know who owns it," referring to excessive mortgages*» Herbert Hoover (1952). “The Memoirs of Herbert Hoover: The Great Depression 1929-1941”.

Culpar a vítima é um fenómeno recorrente com psicopatas e sociopatas.

Causar calamidade → lucrar → culpar a vítima pela sua própria desgraça. Causar a calamidade, lucrar da mesma, e depois culpar a vítima pela sua própria desgraça.

Rematar com citação de Cleckley. [aqui, rematar com citação ***de Harvey Cleckley***]

O mito infantil de Depressão causada por público e indústria – **fórmula habitual**. [Aqui, fazer observações sobre como o mito infantil de “Grande-Depressão-criada-pelo-público-e-pela-indústria” foi difundido, e é a fórmula rotineira para este tipo de coisas]

Sociopatas (banqueiros) culpam sempre vítimas – Da Grande Depressão a século 21. Pode-se facilmente imaginar alguém a dizer o mesmo, na Reserva Federal em 2008 ou no Banco Central Europeu em 2009. Um fenómeno recorrente entre sociopatas é o de culparem sempre as vítimas, pelos crimes que eles próprios cometem.

MCFADDEN (1932) – Reserva Federal – Depressão.

Reserva Federal – um nicho de piratas e predadores.

“Agents of foreign central banks – use our money for benefit of foreign principals”.

“Dark crew of financial pirates…would cut a man’s throat to get a dollar”.

“Predatory European-born bankers who set up the Fed here, and taught our own brand of pirates how to loot the people”.

Depressão – Uma lei para os bancos, outra para o resto – “They’ll sell the flag”.

"Hoover, with a white face, asked to levy a tax on the people, on behalf of banks".

"Most Americans thought it was the other way around".

"Is there one law for the looter in his limousine and another for the poor?"

"What happens when a country forsakes Constitution, gives sovereignty over public currency to private interests".

"Give them the flag and they will sell it".

O povo americano foi gravemente prejudicado.

Ficou sem casas, propriedade confiscada, perderam as suas crianças.

Foram deixados a morrer, sem tecto, comida, roupa ou medicamentos.

[Nota lateral: hoje em dia, a larga maioria das bandeiras americanas, e de todos os outros países, são made in China].

«*The Federal Reserve banks are agents of the foreign central banks. They use our bank depositors' money for the benefit of their foreign principals…*

In that dark crew of financial pirates there are those who would cut a man's throat to get a dollar out of his pocket… the predatory European-born bankers who set up the Federal Reserve institution here and taught our own brand of pirates how to loot the people…

A few days ago, the President of the United States, with a white face and shaking hands, went before the Senate on behalf of the moneyed interests and asked the Senate to levy a tax on the people… most Americans thought it was the other way around… Is there one law for the looter who drives up to the door of the United States Treasury in his limousine and another for the… veterans who are sleeping on the floor of a dilapidated house…?

The people of the United States are being greatly wronged. If they are not, then I do not know what "wronging the people" means. They have been driven from their employments. They have been dispossessed of their homes. They have been evicted from their rented quarters. They have lost their children. They have been left to suffer and to die for lack of shelter, food, clothing, and medicine. Their property has been taken from them…

That is what happens when a country forsakes its Constitution and gives its sovereignty over the public currency to private interests. Give them the flag and they will sell it» Congressman Louis T. McFadden, June 10, 1932, Congressional Record.

McFadden (1932) – Transferências de ouro durante Grande Depressão.

Biliões de dólares roubados pela Fed, em nome de patrões estrangeiros.

EUA foram saqueados e pilhados.

Transferências de ouro para Alemanha quase todas as semanas.

Cada nota de $10 custa ao Tesouro dos EUA $10 em ouro.

Única alternativa é governo abandonar o gold standard.

O governo e o povo dos EUA foram enganados por vigaristas deluxe.

A aquisição de ouro americano tornou-se muito fácil.

Basta escrever uma aceitação inútil no estrangeiro, enviá-la à Fed, a Fed aceita-a.

Fed dá dinheiro por ela, e depois basta trocar o dinheiro por ouro e enviá-lo.

Em poucos meses, enviados $1.3B ouro americano para os patrões estrangeiros.

Dinheiro enviado para pagar as dívidas de jogo da Fed.

«*The Federal Reserve Board invited the world to come in and to carry away cash, credit, goods, and everything else of value that was movable. Values amounting to many billions of dollars have been taken out of this country by the Federal Reserve… for the benefit of their foreign principals. The United States has been ransacked and pillaged... Almost every week there is a shipment of gold to Germany… when you hold a $10 Federal Reserve note in your hand you are holding a piece of paper which sooner or later is going to cost the United States Government $10 in gold [although]… it is protected by a reserve of 40 per cent or $4 in gold*»

«*The Government and the people of the United States have been swindled by swindlers deluxe to whom the acquisition of American gold or a parcel of Federal Reserve notes presented no more difficulty than the drawing up of a worthless acceptance in a country not subject to the laws of the United States, by sharpers not subject to the jurisdiction of the United States courts, sharpers with a strong banking "fence" on this side of the water -- a "fence" acting as a receiver of the worthless paper coming from abroad, endorsing it and getting the currency out of the Federal Reserve banks for it as quickly as possible, exchanging that currency for gold, and in turn transmitting the gold to its foreign confederates… In the last several months, they have sent $1,300,000,000 in gold to their foreign employers, their foreign masters, and every dollar of that gold belonged to the people of the United States and was unlawfully taken from them… Our people's money to the extent of $1,300,000,000 which has within the last few months been shipped abroad to redeem Federal Reserve notes and to pay other gambling debts of the traitorous Federal Reserve Board and the Federal Reserve banks*» Congressman Louis T. McFadden, June 10, 1932, Congressional Record.

NRA – Plano Swope.

Plano Swope – Impor modelo fascista na América.

Apoiado pelos mesmos interesses que suportam totalitarismos europeus. Em 1932, os interesses que estavam a suportar o modelo totalitário para a Europa e para a Rússia, organizam o Swope Plan, que visa implementar o mesmo tipo de modelo nos EUA. O Plano Swope-NRA foi recebido com agrado pelos socialistas da época, cuja única objecção foi apenas a de que deveriam ser eles, os socialistas, a gerir a implementação do plano.

Bernard Baruch, Hugh Johnson, Gerard Swope. A ideia foi protagonizada por Bernard Baruch, Hugh Johnson e Gerard Swope (GE).

NRA – National Recovery Administration.

Impor estado corporativista na América – centralizar, cartelizar, confederar, consolidar.

Confederações, associações industriais, ordens profissionais. A ideia era impor a centralização e a cartelização de todos os sectores económicos, sobre um conjunto de confederações, associações industriais e ordens profissionais.

Colocar toda a economia na sujeição de grandes conglomerados. Isto colocaria pequenos e médios negócios sob a sujeição dos grandes negócios, colocando toda a economia sob o controlo dos grandes conglomerados, e toda a gente a trabalhar sob a coordenação do sistema bancário.

Eliminar concorrência, consolidar hierarquia de poder, maximizar lucros. Quem não quisesse pertencer a esse sistema seria pura e simplesmente impedido de praticar, colocado fora de negócio. Este programa mascarava-se (mascara-se) de 'serviço público' quando, na verdade, o objectivo é maximizar lucros, consolidar uma hierarquia de poder e eliminar concorrência de mercado.

Cenoura para os trabalhadores, um sistema de welfare. Ao mesmo tempo haveria uma cenoura para os sindicatos e para o operariado, na forma de um sistema de welfare.

Códigos regulatórios abusivos e inconsistentes sobre as PMEs. Encontrou enorme resistência desde o início, à medida que os grandes negócios (previsivelmente) tentavam passar códigos abusivos e inconsistentes que oprimiam os pequenos e médios competidores.

National Recovery Administration chumbada. A NRA foi extinta pelo Supremo Tribunal em 1935, com base em objecções constitucionais.

NRA – Hugh Johnson – Frances Perkins – Herbert Hoover.

Hugh Johnson, nomeado para gerir NRA. Hugh Johnson, braço-direito de Bernard Baruch, é nomeado para gerir a equipa de Wall Street na National Recovery Administration.

HERBERT HOOVER – "This stuff was sheer Fascism". Hoover é abordado pela equipa Swope enquanto decorre a batalha eleitoral com FDR.

"Henry Harriman, president of the US Chamber of Commerce, approached me".

"Said Mr. Roosevelt had agreed to these measures".

"I tried to show this was sheer fascism; a remaking of Mussolini's "corporate state"".

"He informed me business would support Roosevelt with money and influence".

«*Among the early Roosevelt fascist measures was the National Industrial Recovery Act (NRA) of June 16, 1933. The origins of this scheme are worth repeating. These ideas were first suggested by Gerard Swope (of the General Electric Company) at a meeting of the electrical industry in the winter of 1932. Following this, they were adopted by the United States Chamber of Commerce. During the campaign of 1932, Henry I. Harriman, president of that body, urged that I agree to support these proposals, informing me that Mr. Roosevelt had agreed to do so. I tried to show him that this stuff was sheer fascism; that it was merely a remaking of Mussolini's "corporate state" and refused to agree to any of it. He informed me that in view of my attitude, the business world would support Roosevelt with money and influence. That, for the most part, proved true*» Herbert Hoover, *The Memoirs of Herbert Hoover: The Great Depression, 1929-1941,* New York: The Macmillan Company, 1952, p. 420

FRANCES PERKINS – NRA, baseada em Gentile e Mussolini.

"Baruch and Johnson came in with Gentile's book".

"We all read it with great care".

«*At the first meeting of the Cabinet after the President took office in 1933, the financier and adviser to Roosevelt, Bernard Baruch, and Baruch's friend General Hugh Johnson, who was to become the head of the National Recovery Administration, came in with a copy of a book by Gentile, the Italian Fascist theoretician, for each member of the Cabinet, and we all read it with great care*» Mrs. Frances Perkins, Secretary of Labor under FDR.

Business Plot.

Face a chumbo da NRA, Morgan e associados contemplam golpe militar. Perante o falhanço da NRA, Morgan e outros interesses não se dão por vencidos. Em 1934, começam a fazer preparativos para um golpe de estado nos EUA, e para a instalação de uma ditadura militar.

JP Morgan, Du Pont e National City Bank organizam golpe militar. Os organizadores foram John Davis e Grayson Murphy, directores da Guaranty Trust Co. O crédito para o estabelecimento do novo exército era cedido por Morgan, pelo NCB e pelos Du Pont; as armas eram fornecidas pela Remington Arms Co.

"Business Plot", "Butler Affair". Estes seriam alguns dos termos usados para denominar o golpe falhado, que tomaria lugar em Setembro de 1934.

Wall Street queria o modelo fascista europeu.

(1) Presidência como cargo cerimonial. FDR ficaria com um cargo essencialmente honorário.

(2) Ditadura militar liderada por um secretário-geral. A gestão do país ficaria entregue a uma ditadura militar, chefiada por um Secretário-Geral (Hugh Johnson ou o próprio Butler).

NRA – Centralização absoluta – O domínio vingativo de Wall Street. Este Secretário-Geral procederia à centralização absoluta do sistema, e implementaria as resoluções da National Recovery Administration à força, deste modo entregando a economia nas mãos ávidas e gordurosas de Wall Street. O pretexto dado para justificar isto seria a necessidade de contrariar uma hipotética revolução comunista nos EUA.

As S.A. americanas, lideradas por Smedley Butler. A ideia era criar um exército irregular de 500.000 homens, baseado em veteranos da Legião Americana, que seriam comandados pelo Gen. Smedley Butler. Essa força irregular seria organizada numa milícia modelada com base nos Camisas Negras de Mussolini e nos S.A. de Hitler.

Business Plot falha quando é denunciado por Smedley Butler ao HCUA.

Artigo no NY Times sobre testemunho de Butler. Em 21 de Novembro de 1934, o New York Times deu primeira página à história de Butler, como contada ao House Un-American Activities Committee, dando-lhe o seguinte parágrafo principal: «*A plot of Wall Street interests to overthrow President Roosevelt and establish a fascist dictatorship, backed by a private army of 500,000 ex-soldiers and others, was charged by Major Gen. Smedley D. Butler, retired Marine Corps officer. . . .*» O artigo adicionava que o General Butler «*...had told friends...that General Hugh S. Thompson, former NRA administrator, was scheduled for the role of dictator, and J.P. Morgan & Co. as well as Murphy & Co. were behind the plot*»

Business Plot é suprimido pelo Congresso, distorcido pelos media ["Liberty League"]. Vergonhosamente, o Congresso suprimiu a investigação, e a imprensa corporativa distorceu o testemunho de Butler – ficou no ar a ideia de que o BP tinha sido uma iniciativa de inimigos políticos de FDR, situados à extrema-direita. A patética Liberty League foi apresentada como a grande organizadora do golpe.

Business Plot – Testemunho Butler perante HCUA.

Relata conversa com organizadores do golpe, MacGuire e Doyle.

"Agora temos o Presidente connosco, ele tem de obter mais dinheiro".

"Ou obtém mais dinheiro de nós, ou arranja outra forma de financiar o governo".

"Vamos certificar-nos que isso não acontece".

"Ele terá um secretário de assuntos gerais, alguém para levar com as culpas".

"Temos os jornais... o estúpido público americano vai aceitar o novo regime".

"O trabalho de FDR será fazer inaugurações, beijar bebés".

[**Edit**] «*We have the President with us now. He has got to have more money... Eighty percent of the money now is in Government bonds, and he cannot keep this racket up much longer… He has either got to get more money out of us or he has got to change the method of financing the Government, and we are going to see to it that he does not change that method. He will not change it."*

…We might have an Assistant President… a secretary of general affairs… somebody to take the blame… We have got the newspapers… the dumb American people will fall for it in a second."

"Yes; and then… the President will go around and christen babies and dedicate bridges, and kiss children. Mr. Roosevelt will never agree to that himself."

"Oh yes; he will. He will agree to that"»

Maj. Gen. Smedley Butler, November 24, 1934, to the McCormack-Dickstein Committee (1934). Public Hearings before the Special Committee on Un-American Activities, U.S. House of Representatives, 73rd Congress, 2nd session, (Washington, D.C.: Government Printing Office, 1934).

[**Original**] «*BUTLER. I said, "What do you want to do with it when you get it up?"*

*"Well," he said, "**we want to support the President**."*

"The President doesn't need the support of that kind of an organization; and, besides, since when did you become a supporter of Roosevelt; the last time you were here you were against him?"

*He said, "**Well, he is going to go along with us now**."*

"Is he?"

"Yes."

"Well, what are you going to do with these men, suppose you get these 500,000 men in America? What are you going to do with them?"

"Well," he said, "they will be the support of the President."

I said, "The President has got the whole American people. Why does he want them?"

*He said, "Don't you understand the set-up has got to be changed a bit? Now, we have got him—**We have the President with us now. He has got to have more money**. There is no more money to give him. **Eighty percent of the money now is in Government bonds, and he cannot keep this racket up much longer**. He has got to do something about it. **He has either got to get more money out of us or he has got to change the method of financing the Government, and we are going to see to it that he does not change that method. He will not change it**."*

*I said, "**The idea of this great group of soldiers, then, is to sort of frighten him, is it?"***

"No, no, no; not to frighten him. This is to sustain him when others assault him."

He said, "You know, the President is weak. He will come right along with us. He was born in this class. He was raised in this class, and he will come back. He will run true to form. In the end he will come around. But we have got to be prepared to sustain him when he does."

I said, "Well I do not know about that. How would the President explain it?"

*He said: "He will not necessarily have to explain it, because we are going to help him out. Now, did it ever occur to you that the President is overworked? **We might have an Assistant President, somebody to take the blame; and if things do not work out, he can drop him**."*

*He went on to say that it did not take any constitutional change to authorize another Cabinet official, somebody to take over the details of the office—take them off the President's shoulders. He mentioned that the position would be **a secretary of general affairs—a sort of super secretary**.*

CHAIRMAN [Congressman McCormack]. A secretary of general affairs?

*BUTLER. That is the term used by him—or a secretary of general welfare—I cannot recall which. I came out of the interview with that name in my head. I got that idea from talking to both of them, you see. They had both talked about the same kind of relief that ought to be given the President, and he said: "**You know, the American people will swallow that. We have got the newspapers. We will start a campaign that the President's health is failing. Everybody can tell that by looking at him, and the dumb American people will fall for it in a second**." And I could see it. They had that sympathy racket, that they were going to have somebody take the patronage off of his shoulders and take all the worries and details off of his shoulders, and then he will be like the President of France. I said, "So that is where you got this idea?"*

He said: "I have been traveling around looking—around. Now, about this super organization—would you be interested in heading it?"

I said, "I am interested in it, but I do not know about heading it. I am very greatly interested in it, because you know, Jerry, my interest is, my one hobby is, maintaining a democracy. If you get these 500,000 soldiers advocating anything smelling of Fascism, I am going to get 500,000 more and lick the hell out of you, and we will have a real war right at home. You know that."

"Oh, no. We do not want that. We want to ease up on the President."

He is going to ease up on him.

"Yes; and then you will put somebody in there you can run; is that the idea? The President will go around and christen babies and dedicate bridges, and kiss children. Mr. Roosevelt will never agree to that himself."

"Oh yes; he will. He will agree to that"»

Maj. Gen. Smedley Butler, November 24, 1934, to the McCormack-Dickstein Committee (1934). Public Hearings before the Special Committee on Un-American Activities, U.S. House of Representatives, 73rd Congress, 2nd session, (Washington, D.C.: Government Printing Office, 1934).

Business Plot – Testemunho Paul French perante HCUA.

Paul Comly French, repórter, sobre conversa com MacGuire. Butler discutiu as ofertas com um confidente jornalístico desde o início das suas conversas com MacGuire and Doyle. Esse confidente era Paul Comly French, repórter para o The Philadelphia Record e para o The New York Evening Post. French testemunha perante o McCormack-Dickstein Committee sobre uma reunião que ele próprio veio a ter em NY com MacGuire, a 13 de Setembro do 1934.

National City Bank, JP Morgan & Co, Du Pont.

“We need a Fascist government in this country”.

Montar regime militarizado estilo SA, usando modelo fascista e Nazi.

Um homem num cavalo branco, um ditador.

O Presidente é reduzido a estatuto cerimonial.

Trabalho forçado, para resolver questão do desemprego – inspirado por Nazis.

MR. FRENCH. «*[I saw] Gerald P. MacGuire* ***in the offices of Grayson M.-P. Murphy & Co.****, the twelfth floor of 52 Broadway, shortly after 1 o'clock in the afternoon. He has a small private office there and I went into his office. I have here some direct quotes*

*from him. As soon as I left his office I got to a typewriter and made a memorandum of everything that he told me. "**We need a Fascist government in this country,**" he insisted, "**to save the Nation from the communists who want to tear it down and wreck all that we have built in America. The only men who have the, patriotism to do it are the soldiers and Smedley Butler is the ideal leader. He could organize a million men over night.**" During the conversation he told me he had been in Italy and Germany during the summer of 1934 and the spring of 1934 and had made an intensive study of the background of the Nazi and Fascist movements and how the veterans had played a part in them. **He said he had obtained enough information on the Fascist and Nazi movements and of the part played by the veterans, to properly set up one in this country**.*

*He emphasized throughout his conversation with me that the whole thing was tremendously patriotic, that it was saving the Nation from communists, **and that the men they deal with have that crackbrained idea that the Communists are going to take it apart**. He said the only safeguard would be the soldiers. At first he suggested that the General organize this outfit himself and ask a dollar a year dues from everybody. We discussed that, and then he came around to the point of getting outside financial funds, and he said that it would not be any trouble to raise a million dollars. During the course of the conversation he continually discussed the need of a **man on a white horse**, as he called it, a dictator who would come galloping in on his white horse. He said that was the only way; either through the threat of armed force or the delegation of power, and the use of a group of organized veterans, to save the capitalistic system.*

*He warmed up considerably after we got under way and he said, "**We might go along with Roosevelt, and then do with him what Mussolini did with the King of Italy**." It fits in with what he told the general [Butler], that we would have a Secretary of General Affairs, and if Roosevelt played ball, swell; and if he did not, they would push him out.*

*The testimony of Paul French was also censored by the House Committee. Witness the following extract from French's testimony referring to **John W. Davis, J.P. Morgan, the Du Pont Company, and others in Wall Street** and which strongly corroborates General Butler's testimony:*

At first he [MacGuire] suggested that the General [Butler] organize this outfit himself and ask a dollar a year dues from everybody. We discussed that, and then he came around to the point of getting outside financial funds, and he said it would not be any trouble to raise a million dollars. He said he could go to John W. Davis [attorney for J.P. Morgan & Co.] or Perkins of the National City Bank, and any number of persons to get it. Of course, that may or may not mean anything. That is, his reference to John W. Davis and Perkins of the National City Bank. During my conversation with him I did not of course commit the General to anything. I was just feeling him along.

Later, we discussed the question of arms and equipment, and he suggested that they could be obtained from the Remington Arms Co., on credit through the Du Ponts.

I do not think at that time he mentioned the connections of Du Pont with the American Liberty League, but he skirted all around it. That is, I do not think he mentioned the Liberty League, but he skirted all around the idea that that was the back door; one of the Du Ponts is on the board of directors of the American Liberty League and they own a controlling interest in the Remington Arms Co ... He said the General would not have any trouble enlisting 500,000 men.18

(...)

Mr. FRENCH. That is precisely the impression I gained from him. He had a very brilliant solution of the unemployment situation. He said that Roosevelt had muffed it terrifically, but that he had the plan. He had seen it in Europe. It was a plan that Hitler had used in putting all of the unemployed in labor camps – or barracks—enforced labor. That would solve it overnight, and he said that when they got into power, that is what they would do; that that was the ideal plan»

Pump priming.

PUMP PRIMING – Injectar dinheiro na economia – Programas governamentais. A estratégia de FDR para combater a Depressão. O processo de recuperação foi um período de intervenção governamental sem precedentes. Hoover lançou uma multitude de programas governamentais para aumentar salários, impedir a queda de preços, recuperar firmas em falência, estimular a construção, garantir empréstimos para habitação, proteger depositantes, salvar os bancos, subsidiar os agricultores, e fazer obras públicas. FDR continuou este programa intervencionista com o New Deal.

Tratar os sintomas, e não as causas. *A ideia foi tratar os sintomas em vez das causas* da depressão, e gastar muito pouco ortodoxamente nesse esforço.

FDR combate a Depressão com endividamento e taxação.

Pede emprestado aos mesmos bancos que tinham causado Depressão. Por sua vez, esse dinheiro vinha de taxação e de empréstimos bancários ao governo – provenientes dos mesmos bancos que tinham provocado a própria Depressão. O New Deal permitiu aos banqueiros criar o dinheiro, emprestá-lo e gastá-lo.

Roosevelt nunca recorre à criação de fiat do Tesouro. Durante os 12 anos em que esteve na Casa Branca, Roosevelt teve sempre a autoridade de emitir dinheiro do Tesouro – na forma de greenbacks impressas pelo governo sem recurso aos bancos – de modo a injectar crédito livre de dívida na economia e revitalizá-la, mas nunca fez uso desse poder.

New Deal aumenta dívida nacional e taxação. Tudo isto aumentou o poder do estado central sobre a economia, aumentou drasticamente a dívida nacional aos bancos, e impôs níveis de taxação nunca antes visto.

Após 4 anos de ‘pump priming’, Depressão apenas foi agravada – estagnação. Em 1937, FDR parou o gasto de dinheiro. Em vez de recuperar, a economia voltou a colapsar. O peso adicional do crescimento do estado sobre a economia, combinado com níveis esmagadores de taxação e um nível de dívida nacional nunca antes visto nos EUA, mantêm o país naquilo, na melhor das hipóteses, pode ser descrito como estagnação.

VANDERLIP [US Treasury], “Borrowing our way to recovery doesn’t work”.

“We’ll only emerge when fatal defects of our money system have been corrected”.

“To those defects, more than to any other cause, I attribute the depression”.

“We need government issued fiat”.

«*We have already tried borrowing and spending our way to recovery. We have made numberless hopeful and well-meant experiments, aimed to bring us out of the depression. Thus far we have not emerged, nor will we – until the fatal defects of our money system have been corrected. To those defects, more than to any other cause, I attribute the depression… What is it we want of our currency? We want money in which we will have unshaken confidence; confidence that it will be stable in its value. We want a dollar that will, in the language of the President, "not change its purchasing and debt-paying power during the succeeding generation*"» Frank A. Vanderlip, former Assistant Secretary of the Treasury (1935), *In* Owen, Robert L. *National Economy and the Banking System.* Washington, D.C.: U.S. Government Printing Office, 1939.

MORGENTHAU – “Pump priming doesn’t work”.

“We are spending more money than ever before and it doesn’t work”.

“I have just one interest, to see this country prosperous”.

“We’ve never made good on our promises”.

“After eight years we have as much unemployment… and an enormous debt to boot”.

«*We have tried spending money. We are spending more than we have ever spent before and it does not work… And I have just one interest, and if I am wrong… somebody else can have my job. I want to see this country prosperous. I want to see people get a job. I want to see people get enough to eat. We have never made good on our promises… After eight years of this Administration we have just as much unemployment as when we started… and an enormous debt to boot*» Henry Morgenthau, Jr., May 9, 1939. *Morgenthau Diaries*.

Pump priming – Só funcionaria com o Sistema Americano.

Recuperação exigia economia produtiva. Para todos os efeitos práticos, a recuperação só seria possível com o regresso a uma economia produtiva: voltar a ter produção, reabrir fábricas, colocar a agricultura a funcionar em pleno.

Recuperação implicaria fiat governamental, redução drástica do endividamento. Acabar com o esquema de empréstimos e especulação no vácuo, que marcaram os anos 30.

O Lend Lease e a entrada na II Guerra resolvem a Grande Depressão.

Capacidade produtiva dos EUA reestabelecida. Foi preciso o início de uma guerra mundial para voltar a ter algo parecido com uma economia funcional. Durante este período, a capacidade produtiva dos EUA foi reestabelecida.

País constrói a maior e mais bem equipada força militar de sempre. O país não só construiu a maior e mais bem equipada força militar de sempre.

Equipa e financia URSS e Grã-Bretanha. Equipou e financiou uma subdesenvolvida e industrialmente miserável Rússia soviética, e manteve a Grã-Bretanha à tona.

Forças Aliadas da II Guerra eram um empreendimento essencialmente americano. É bastante realista afirmar que a quase totalidade da força Aliada que combateu na II Guerra era, económica e logisticamente, um empreendimento americano.

“Economia de guerra” permanece desde anos 30, nos EUA.

Elevados níveis de endividamento e taxação, elevada actividade regulatória.

Economia americana subsiste no topo com supremacia produtiva dos 50s e 60s...

...e com especulação e auto-alimentação do dólar, a partir dos 70s. E estas são as marcas de uma economia de guerra, ou seja, pelo final da Depressão os banqueiros tinham conseguido colocar os EUA numa posição semelhante à dos países europeus. De tal como que, tecnicamente, só é possível à economia americana ter uma posição de dominância, ou sequer de existência, por via das mudanças económicas globais do pós-guerra e, especialmente, pós-1970, com o dólar a assumir uma posição de auto-alimentação.

Da I Guerra ao B.I.S.

Os banqueiros na I Guerra (1).

I Guerra, precedida por guerra fria e corrida às armas na Europa. Esta mini-guerra fria tinha vindo a ocorrer desde, pelo menos, a Guerra Boer. Formam-se blocos de alianças militares (genericamente, Inglaterra, França e Rússia de um lado, Alemanha e Império Austro-Húngaro do outro). A corrida aos armamentos prolonga-se durante uma série de anos. São recrutados e treinados grandes exércitos, de ambos os lados.

Assassinato de Franz Ferdinand é apenas despoletador – não causa. Quando o assassinato de Franz Ferdinand acontece (por parte da Mão Negra da Sérvia, ligada aos serviços secretos ingleses e franceses), funciona apenas como despoletador, não como causa da guerra.

Casas editoriais lideradas pela banca incentivam belicismo. Em ambos os lados, as publicações de propaganda controladas pelas grandes casas financeiras procuram acirrar os ânimos junto da população que, normalmente, não estava interessada numa guerra.

QUIGLEY – Times, The Round Table, e o despoletar de sentimentos anti-germânicos. Quigley, sobre a invulgar honestidade do Milner Group.

«*The policy of that paper (The Times) was* ***anti-German from 1895 to 1914*** *and as such contributed to the worsening of Anglo-German relations and thus to the First World War. This charge has been made by German and American students, some of them of the greatest diligence and integrity, such as Professors Sidney B. Fay, William L. Langer, Oron J. Hale, and others. The recent History of The Times devotes considerable space and obviously spent long hours of research in refuting these charges, and fails to see that it has not succeeded. With the usual honesty and industry of the Milner Group, the historian gives the evidence that will convict him, without seeing that his interpretation will not hold water.* ***He confesses that the various correspondents of The Times in Berlin played up all anti-English actions and statements and played down all pro-English ones; that they quoted obscure and locally discredited papers in order to do this; that all The Times foreign correspondents in Berlin, Paris, Vienna, and elsewhere were anti-German, and that these were the ones who were kept on the staff and promoted to better positions; that the one member of the staff who was recognized as being fair to Germany (and who was unquestionably the most able man in the whole Times organization), Donald Mackenzie Wallace, was removed as head of the Foreign Department and shunted off to be editor of the supplementary volumes of the Encyclopedia Britannica (which was controlled by The Times); and that The Times frequently printed untrue or distorted information on Germany****. All of this is admitted and excused as the work of honest, if*

hasty, journalists, and the crowning proof that The Times was not guilty as charged is implied to be the fact that the Germans did ultimately get into a war with Britain, thus proving at one stroke that they were a bad lot and that the attitude of The Times staff toward them was justified by the event» Carroll Quigley (1966). "Tragedy and Hope: A History of the World in Our Time".

Os banqueiros na I Guerra (2) – EUA entram na guerra.

Wilson assina acordo com Grã-Bretanha para entrada dos EUA na guerra. Wilson foi reeleito em 1916 sob a promessa de não entrar em guerra, apesar de já ter feito um pré-acordo com os britânicos em como faltaria à sua palavra.

A entrada de diário de Lord Esher (1917). Lord Esher era um elemento essencial na sociedade de Milner. A 11 de Agosto de 1917, escreve no seu diário que: «*Mr. Henry Morgenthau asked me to call on him.... (He) was one of the principal supporters of President Wilson in the campaign for the Presidency, and he possesses the friendship and confidence of the President.... They are ready to sacrifice the lives of American citizens.... Mr. Morgenthau realizes the importance upon the morale of the French army and the French people of cementing the Alliance by shedding American blood at the earliest possible moment. If many lives have to be sacrificed, the influence upon the American people can only be beneficent*» – Journals and Letters of Reginald Viscount Esher, Ivor Nicholson & Watson Ltd., London, 1938, vol 4, p. 135.

Morgan propagandiza para a entrada dos EUA na guerra. Em 1917, JP Morgan e os seus associados controlavam 25 dos jornais mais influentes dos EUA. Este controlo foi procurado e assumido com o propósito explícito de difundir propaganda para lançar os EUA na guerra. Quando os EUA entram na guerra, isso acontece sob a influência propagandística das publicações de JP Morgan, que eram o maior lobby de opinião pública para a entrada na guerra.

Os banqueiros na I Guerra (3) – Financiamento fiat de ambos os lados.

Os banqueiros financiam ambos os lados durante a guerra. Os únicos agentes que ganharam realmente com a guerra são os banqueiros internacionais que, fiéis à sua prática costumeira, financiam ambos os lados do conflito. Os Rothschilds fazem isso através das suas várias filiais: Londres, Paris, Frankfurt, etc.

Na América:

- Kuhn, Loeb & Co. eram considerados os financeiros naturais do Kaiser; e o Chase National Bank, de Morgan, empresta 3 milhões de USD à Alemanha.

- O caso mais espectacular é protagonizado por JP Morgan, através da Guaranty Trust Co., que transfere capital da bolsa de valores em Londres para as suas sucursais da

América do Sul que, por sua vez, transferem o dinheiro para o Deutsche Bank. Enquanto financia o governo alemão desta forma, JP Morgan também surge como agente financeiro para França, Inglaterra, Rússia, Canadá e Itália.

- A AIC (de Morgan e Rockefeller), por sua vez, estava envolvida no financiamento da espionagem alemã nos EUA, através da sua subsidiária Amsinck & Co. Simultaneamente, vendia equipamento militar aos EUA através da American International Shipbuilding Co. (contractos com a US EFC) e da Symington Forge Corporation (produção de bombas e explosivos).

Os banqueiros emitem crédito ilimitado para financiar despesas de guerra. Por outro lado, os bancos deixam de estar limitados na quantidade de crédito que podem criar, na medida em que já não têm de redimir o mesmo por uma quantidade pré-definida de ouro. Portanto, a criação de dinheiro na forma de crédito bancário é limitado apenas pelos pedidos de empréstimos. Como resultado, a inflação tornou-se vertiginosa.

I Guerra Mundial, uma guerra insana. Uma guerra insana, travada por motivos insanos e com métodos insanos, liderada por generais e políticos insanos. A I Guerra Mundial foi uma guerra travada por motivos insanos, por generais insanos, usando métodos insanos.

QUIGLEY – Milner Group pretende usar I Guerra para impor legislação iliberal.

Guerra podia ser usada para impor regime económico iliberal.

«*But with the outbreak of war, the Milner Group and the Cecil Bloc wanted to come to power and wanted it badly, chiefly because control of the government in wartime would make it possible to direct events toward the postwar settlement which the Group envisaged. The Group also believed that the war* ***could be used by them to fasten on Britain the illiberal economic regulation of which they had been dreaming*** *since Chamberlain resigned in 1903 (at least)*» Carroll Quigley (1966). "Tragedy and Hope: A History of the World in Our Time".

A devastação do pós-guerra, depressão económica, agitações sociais.

No final da guerra, a Europa está devastada. Alguns estados simplesmente deixaram de existir, ou passaram a estar permanentemente incapacitados. A devastação de propriedade é calculada em mais de 400 biliões de dólares. Em todas as frentes na guerra inteira, perto de 13,000,000 de homens das variadas forças armadas morreram de feridas e doença. Outros 33,288,000 ficaram feridos. A geração que passa pela guerra é tão reduzida e traumatizada que é lembrada como a geração perdida. A fome, a miséria

e a doença são o lugar comum. A gripe espanhola, que se desenvolve nas condições sub-humanas das trincheiras, fará mais 20 milhões de vítimas.

Impacto psicológico – Pessimismo relativamente ao ser humano. O impacto psicológico e social da carnificina acompanhou as mudanças em termos financeiros e de organização económica. Foi criada a noção pessimista (mais tarde reforçada pela 2ª guerra) de que o ser humano é essencialmente um animal violento que, não obstante sublimar a sua violência latente em formas semi-pacíficas de organização, não é capaz de suster a estabilidade desse estado de 'civilização', regressando rotineiramente ao estado primal de violência e agressão.

QUIGLEY – "The war sped up processes of change". «*Some states were destroyed or permanently crippled. There were profound modifications in finance, in economic life, in social relations, in intellectual outlook, and in emotional patterns. The war… sped up processes of change*» – Carroll Quigley (1966), Tragedy and Hope: A History of the World in Our Time.

Depressão económica generalizada – inflação e dívidas públicas galopantes. Em todos os países, os preços e as dívidas públicas continuaram a subir. Na maior parte dos países, os preços subiram entre 200 a 300% e as dívidas públicas aumentaram 1000%. Ambos os problemas, inflação e dívida pública, continuaram a crescer, mesmo depois de as hostilidades cessarem, devido à disrupção contínua da vida económica e à necessidade de pagar por dívidas passadas.

Os banqueiros rejeitam fiat governamental – exigem taxação e empréstimos. Durante a Guerra, os banqueiros internacionais tinham emitido dinheiro fiat mas, no pós-guerra, insistiram que os governos não tinham o direito de pagar de volta com o seu próprio dinheiro fiat – que consideravam dinheiro altamente imoral. Portanto, exigiram que as dívidas de guerra fossem pagas com recurso a taxação e a empréstimos bancários de altos juros. Ou seja, o problema da dívida pública continuou a agravar-se, e o estado-nação foi colocado num colete de forças.

Consolidação económica sob os banqueiros. Durante todo este período, temos a centralização do controlo económico europeu, nas mãos dos banqueiros.

Financial Times sobre o poder dos bancos em 1921. A 26 de Setembro de 1921, o FT escrevia que, «*Half a dozen men at the top of the Big Five Banks could upset the whole fabric of government finance by refraining from renewing Treasury Bills*».

Problemas económicos do pós-guerra arruinam classes médias europeias. Este processo económico inflacionista arruinou as classes médias, através do aumento dos preços e da destruição do valor das poupanças e de níveis incrivelmente elevados de taxação.

Perturbações sociais. O resultado destes processos foi a insatisfação em massa, com protestos, motins populares, greves.

(1931) Início da crise deflacionária na Europa.

Falência do Credit-Anstaldt. Após o crash de 1929, os dominós começam a cair e, em menos de dois anos, devastam as economias europeias. Isto tem o seu pleno início em Maio de 1931 com a falência do Credit-Anstaldt, que tinha interesses em cerca de 70% da indústria austríaca.

Áustria → Alemanha → Inglaterra e França. O banco reclama todos os seus valores em bancos alemães, que começam a colapsar. Por sua vez, estes pedem aos bancos londrinos o que têm lá, e estes também começam a colapsar. Seguem-se os bancos franceses, pela mesma altura.

Depressão dá ainda mais poder a Haute Banque e confederações de cartel.

Banca é "salva" por intervenções governamentais. Isto não afectou propriamente a haute banque, que não estava dependente dos mercados especulativos; afectou os seus braços de empréstimo e especulação que, de qualquer das formas, foram 'salvos' pela habitual intervenção governamental.

Estado-nação europeu, um pântano económico – consolidação e centralização. A crise deflacionária dos anos 30 transforma o estado-nação europeu num pântano económico dominado pela Haute Banque e por confederações de cartel. Seguiu-se a habitual consolidação e centralização de mercado, por toda a Europa. Em França, isso foi expresso na expansão definitiva do Eixo Lille-Lyons, do sistema Paribas/Rothschild e dos empreendimentos de Schneider e Mirabaud. Na Alemanha, houve a ascensão dos três grandes cartéis industriais: AEG/General Electric, Vereinigte Stählwerke, e IG Farben/Standard Oil.

Ataques a parlamentarismo, ascensão de autoritarismo.

A democracia parlamentar é demonizada. A população em geral não estava ciente das reais causas dos seus problemas, e estava aberta a todo o tipo de demagogia que os jornais se dispunham a publicar. Regra geral, ninguém falou do papel dos banqueiros na situação, e as culpas foram atiradas para cima dos políticos, e do sistema parlamentar em si, que foi demonizado como sendo fraco e inconsistente.

Apelos a autoritarismo – "rigor, estabilidade, sacrifício, direcção". Era preciso um sistema forte e que trouxesse ordem, segurança, protecção. Começam todo o tipo de apelos a demagogia autoritária. Fala-se de rigor, estabilidade, responsabilidade, da necessidade de sacrifício colectivo. Por toda a Europa, este apelo faz adeptos, especialmente entre as classes altas oligárquicas, algumas classes médias, e entre núcleos de veteranos de guerra.

Ascensão do autoritarismo europeu. A insatisfação assim gerada deu origem, durante as décadas de 20 e 30, à ascensão de regimes autoritários, pela Europa fora, com destaque para a Alemanha e para os regimes Fascistas do Mediterrâneo: Itália, Portugal, e mais tarde Espanha.

KAUTSKY – Fascismo – Anti-parlamentarismo leva a fascismo – O espelho.

Classes médias e trabalhadores perderam esperança no sistema parlamentar.

Partir espelhos dá 7 anos de azar, e neste caso, vários de fascismo.

«*Large numbers of persons, especially among the middle classes and including a great many workers, saw and felt the misery of the times very keenly. They rebelled against it… They lost faith in all the major political parties who took part in the parliamentary struggle and who sought to assert themselves in parliament and through parliament. They looked for the cause of the misery… in the parliamentary system itself. They were vexed with the image of political and social relationships as reflected in parliament. And they thought they could improve the image by breaking the mirror*» – Karl Kautsky (Various Dates). "Social Democracy versus Communism". (Translated by David Shub and Joseph Shaplen), Rand School Press, 1946.

Breve "overview" dos regimes totalitários – sem esquecer URSS.

Fascismo.

Fascismo italiano – Veteranos apoiam o provocador socialista Mussolini. O ex-libris disto foi a Itália de Mussolini, um dos países onde havia mais insatisfação, particularmente visível entre as massas de veteranos de guerra que tinham ficado desempregados, e culpavam agora o sistema parlamentar pela ruína do país. Exigiam ordem e estabilidade. Eventualmente, estes veteranos congregaram-se em redor de um antigo militante socialista, conhecido como provocador para os Negócios Estrangeiros britânicos, Benito Mussolini, que agora inaugurava uma nova forma de socialismo: Fascismo. A ditadura de Mussolini começa em 1925.

tarpley – fascism is gutter up

Concertação social, corporativismo, comunitarismo e o fascio. O mote para o sistema fascista é dado pelo próprio símbolo: a união de todos os ramos da sociedade num único *fascio*. O motes do fascismo são "estamos todos juntos", "todos no mesmo barco", "trabalho colectivo", "responsabilidade colectiva". As decisões são tomadas em concertação social, em mesas redondas. Sindicatos sentam-se com patrões. A comunidade unida toma todas as decisões em conjunto. As decisões são tomadas por consenso, em mesas redondas. Não há disputas ou greves, só acordos. União, harmonia.

MUSSOLINI – Corporativismo, fusão de poder estatal e corporativo. «*Fascism should more appropriately be called Corporatism because it is a merger of state and corporate power*» – Mussolini

Estado policial para impor rigor – bodes expiatórios – campos. É um sistema de impor “rigor”, à sociedade, com patrulhas militarizadas, milícias estatais, estado policial. E, em vez de punir os reais culpados, impõe-se ordem junto de bodes expiatórios, o que leva inevitavelmente ao campo de concentração.

“Bolchevismo de direita”. Era visto, junto de algumas classes, como uma forma de criar um sistema bolchevista de direita, que estimulava e usava o fanatismo colectivo de trabalhadores e veteranos em prol do establishment.

O sistema fascista dava ainda mais poder aos banqueiros e aos seus cartéis. Este tipo de regime era uma maneira de assegurar a dominância de mercado destes interesses e defendê-la com bastões e milícias fanatizadas. E, com efeito, o fenómeno fascista foi largamente apoiado pelos mesmos.

O establishment pretendia autoritarismo político. Durante os anos 20 e 30, o establishment estava a piscar o olho a todas as formas de autoritarismo – a ideia do estado forte que pode organizar o território à força e forçar as populações a trabalhar sob quaisquer condições que sejam desejadas.

Fascismo – Wall Street apoia fortemente a Itália fascista.

Lamont, o financeiro de Mussolini. Com destaque para Thomas W. Lamont, do grupo JP Morgan e da GTC. Lamont coloca todo o apoio financeiro e institucional da rede bancária JP Morgan no apoio a Mussolini, e o próprio Lamont surge como consultor financeiro do governo fascista. De entre os apoios, encontramos um empréstimo de $100M em 1926, numa altura particularmente crucial para os fascistas.

Otto Khan. Otto Kahn (AIC, Kuhn, Loeb & Co.), por sua vez, diria que “*American capital invested in Italy will find safety, encouragement, opportunity and reward*”.

Ivy Lee. E Ivy Lee, o responsável de PR de Rockefeller, fez toda uma série de observações optimistas sobre a Itália Fascista.

Brookings Institution publica “The Way Forward” (1932). Onde elogia as vantagens do fascismo italiano.

«*Although Italy is an autocracy under the dictatorship of the Duce, every economic interest of the country is afforded opportunity for discussion and negotiation so that they may, by mutual agreement, arrive at a fair compromise of their differences. The government will not permit, however, either through lockouts or strikes, any interference with the productivity of the nation, and if, in the last analysis, the groups fail to agree among themselves, the government through its minister or the labor court*

determines the solution of all problems. In Italy as elsewhere, however, the autocracy of capital seems to exist, and the general feeling among the working classes is that government favors the employers» Brookings Institution (1932), The Way Forward

International Conciliation – "Conciliação" entre explorados e exploradores. Advoga que tem de haver a conciliação entre exploradores e explorados, todos a remarem no mesmo sentido. Isto é, os liliputianos tinham de ser intensamente propagandeados e paliatizados, por forma a aceitarem o "feudalismo benevolente" dos seus literais proprietários.

International Conciliation (Carnegie) aceita artigos de Il Duce. Mussolini escreve para a International Conciliation, a publicação do Carnegie Endowment for International Peace.

Mussolini defende o "valor racial da guerra".

«*And above all, Fascism, the more it considers and observes the future and the development of humanity quite apart from political considerations of the moment, believes neither in the possibility nor the utility of perpetual peace... War alone brings up to its highest tension all human energy and puts the stamp of nobility upon the people who have the courage to meet it*» Cit. in Major General Smedley D. Butler, USMC (1936). "War is a Racket".

Modelos totalitários (soviete, fascio) apresentados como exemplos para EUA. Os modelos totalitários (soviético e fascista) são intensamente propagandeados nos EUA. São mostrados como sistemas ordeiros e tranquilos, harmoniosos, por contraposição ao suposto caos da vida americana.

Technocracy Inc – O tecnato e o tecnocrata. Enquanto tudo isto acontece, os Algumas associações locais, como a Tech Inc., procuram demonstrar as vantagens de um totalitarismo tecnológico, o tecnato, um regime onde tudo seria ordenado de um modo perfeito por técnicos e engenheiros, os tecnocratas. Onde nazis e fascistas encontravam raças superiores, os tecnocratas americanos namoravam o culto soviético do "*spetz*" e falavam da classe superior, o tecnocrata.

O poder da banca nos anos 30.

Os bancos são a autoridade máxima na Europa dos anos 30. E esta é a era em que um homem como Montagu Norman é conhecido como o "currency dictator of Europe".

QUIGLEY – O poder dos bancos centrais nos 30. «***Each central bank****, in the hands of men like Montagu Norman of the Bank of England, Benjamin Strong of the New York Federal Reserve Bank, Charles Rist of the Bank of France, and Hjalmar Schacht of the Reichsbank,* ***sought to dominate its government by its ability to control Treasury loans, to manipulate foreign exchanges, to influence the level of economic activity in***

the country, and to influence cooperative politicians by subsequent economic rewards in the business world» Carroll Quigley (1966), Tragedy and Hope: A History of the World in Our Time.

Bank of International Settlements.

Young Plan (1930-31) – Representa auge do poder bancário. Representa o auge do poder dos banqueiros, na mesma altura em que a Grande Depressão é conflagrada nos EUA.

Protagonistas – Schacht, Young e Norman, Addis e outros. Os protagonistas da criação do BIS foram Hjalmar Schacht, Owen Young e Montagu Norman. A ideia foi concebida por Hjalmar Schacht, e não Owen Young. Os detalhes foram trabalhados numa conferência presidida por Jackson Reynolds, "one of the leading New York bankers", juntamente com Melvin Traylor do First National Bank of Chicago, Sir Charles Addis, anteriormente da Hong Kong and Shanghai Banking Corporation, e vários banqueiros Franceses e Alemães.

Banco internacional de pagamentos. O Young Plan clamava por um banco internacional de pagamentos – o BIS. O BIS era essencial sob o plano como meio de providenciar um instrumento para a promoção de relações financeiras internacionais, protagonizadas entre bancos centrais e as mais proeminentes casas de financiamento privado, dos dois lados do Atlântico.

"O banco central dos bancos centrais" – em nome da Haute Banque. Instituição privada controlada pelos governadores dos 7 maiores bancos centrais, que formavam o seu quadro de governação. Surge como um sítio onde os banqueiros centrais se podem sentar em mesa redonda, para concertar políticas e consequentemente tomar decisões de cartel, em nome dos seus mestres, os banqueiros de investimento.

B.I.S. – Basileia substitui Londres, como epicentro da economia global.

Nova capital, para um sistema globalizado. O simbolismo aqui é o da transferência do papel de coordenação central, de Londres para um sistema global.

Após I Guerra, o Gold Exchange Standard era centrado na libra esterlina, BoE. O GES usava a libra esterlina como fiel da balança, de modo a que todos os países baseavam o valor das suas moedas, não em ouro per se, mas sim na libra. Deste modo, inflacionavam e deflacionavam em conjunto, sob a coordenação do Banco de Inglaterra. Esta situação resultou do papel central que a Inglaterra detinha na Liga das Nações.

O ápice do Gold Exchange Standard é transferido, de Londres para on B.I.S. O próximo passo foi transferir o papel de coordenação central para o BIS, que passou a ser o "banco central dos bancos centrais".

QUIGLEY – Objectivos e poderes globais do B.I.S.

Criar uma economia global feudalista.

"Powers of finance capital aimed to create a world system of financial control".

"To dominate political system of each country and economy of the world as a whole".

"System was to be controlled in a feudalist fashion by central banks of the world acting in concert – private meetings and conferences".

O poder do BIS e dos bancos centrais, corporações privadas.

"Apex – the BIS, private, owned by world's central banks; also private corporations".

"The power of central banks rests on its control of credit, loans, gold flows".

"BIS made decisions on economic future of the chief areas of the globe".

[**Edit**] «*In addition to these pragmatic goals, the powers of financial capitalism had another farreaching aim, nothing less than to create a world system of financial control in private hands able to dominate the political system of each country and the economy of the world as a whole. This system was to be controlled in a feudalist fashion by the central banks of the world acting in concert, by secret agreements arrived at in frequent private meetings and conferences. The apex of the system was to be the Bank for International Settlements in Basle, Switzerland, a private bank owned and controlled by the world's central banks which were themselves private corporations…*

In each country the power of the central bank rested largely on its control of credit and money supply. In the world as a whole the power of the central bankers rested very largely on their control of loans and of gold flows. The B.I.S. as a private institution was owned by the seven chief central banks and was operated by the heads of these, who together formed its governing board. They made agreements on all the major financial problems of the world, as well as on many of the economic and political problems, especially in reference to loans, payments, and the economic future of the chief areas of the globe» Carroll Quigley (1966), Tragedy and Hope: A History of the World in Our Time.

B.I.S. – Relações com o III Reich.

Nazis ocupam posições de topo no BIS – Schacht, Funk, Puhl, Schmitz, Schroeder. O representante do Reichsbank no BIS, logo ao início, foi Hjalmar Schacht, o génio financeiro de Hitler.

De 1933 a 1945, o B.I.S foi largamente operado por Nazis de topo, gente como:

- Walter Funk, Ministro da Economia de Hitler;

- Emil Puhl, director e vice-presidente do Reichsbank (e, nessa qualidade, responsável pela movimentação de ouro nazi);

- Herman Schmitz, director da IG Farben, do Deutsche Bank. Foi director do BIS entre 1936 e 1939;

- Kurt von Schroeder, proprietário do Schroeder Bank e chefe (head) do J.H. Stein Bank, o banco que geria os depósitos da Gestapo. Foi representante alemão no BIS imediatamente após a subida dos nazis ao poder, em 1933.

O B.I.S. manteve-se à parte da II Guerra – Staff inteiramente misto. O BIS manteve-se à parte da guerra, com um staff verdadeiramente internacional, o que era uma situação incrivelmente anómala, em tempo de guerra. Um Presidente Americano tratava dos negócios diários do banco através de um Director-Geral Francês que tinha um Director-Geral Assistente Alemão, ao passo que o Secretário-Geral era Italiano. Outras pessoas, de outras nacionalidades, ocupavam outros cargos. Todas estas pessoas estavam, claro, em contacto diário umas com as outras.

O B.I.S. foi um veículo financeiro privilegiado para os Nazis. Antes e durante a guerra, o BIS torna-se um túnel monetário pelo qual fundos britânicos e americanos podiam fluir para os cofres nazis para ajudar Hitler a construir a sua máquina de guerra. Ao mesmo tempo, o ouro que é saqueado de países invadidos pelos nazis é colocado em cofres controlados pelo BIS. Naturalmente que, durante todo este processo, Sir Otto Niemeyer e Montagu Norman permanecem no quadro do BIS.

Em 1944, John M. Coffee, Washington State Congressman, objecta ao facto de dinheiro americano estar a ser investido no banco: “*The Nazi government has 85 million Swiss gold francs on deposit in the BIS. The majority of the board is made up of Nazi officials. Yet American money is being deposited in the Bank*”.

Após a guerra, várias partes exigem liquidação do B.I.S. Dado o seu papel em ajudar a Alemanha Nazi a pilhar a Europa ocupada durante a guerra. Em 1948, o banco é finalmente forçado a devolver uns simbólicos £4 milhões aos Aliados e, claro, nunca foi dissolvido.

RUSSO – B.I.S continua a ser o epicentro da banca central mundial.

“Private banks all work together, through the BIS – central bank of central banks”.

(**AR – 23:18**) "*The private banks all work together*"

(**AR – 1:19:50**) Os bancos centrais do mundo trabalham em conjunto através do B.I.S., o banco central dos bancos centrais.

DAVID KORTEN – "When corporations rule the world".

Em 1995, David C. Korten publica "*When Corporations Rule the World*".

Korten tinha sido responsável por um projecto da Ford Foundation em Manila.

Entrevista com Joan Veon, a 11 de Maio, 1996.

Extensão moderna do processo colonial, aplicado a recursos e mercados.

Instrumentos primários – GATT e NAFTA.

OMC a impor uma estrutura global de governo, em prol de multinacionais.

"***The global financial system… when the folks in power realize that if they do not gear their policies to cater to the international financiers and corporations, they'll create a run on the currency, with devastating consequences for the economy"***.

«*What we're talking about is the modern extension of the colonial process, colonizing resources, colonizing markets…. Internationally, the primary instrument has been the GATT, NAFTA, and now the World Trade Organization (WTO), and essentially the WTO is creating a world government in which one organization which is totally unelected, wholly secretive… with the power to virtually override any local or national laws if those in any way inconvenience global corporations…. There are new efforts now under way to create new agreements globally which will make it illegal for any country or any locality to give any preference to any local business…. It essentially is a process of guaranteeing the rights of global corporations to move anywhere, do anything, without accountability for the consequences. And they systematically drive out the smaller local business that function as part of the community. We see it in the United States, of course, very dramatically in the WAL-MARTS spreading across the country and squeezing out local business, but on a larger scale the same thing is happening in nearly every industry and it's happening throughout the world…. It was a terrible shock (to those of us who supported Bill Clinton) when Clinton came in and GATT and NAFTA became the centerpieces of his policy, both for his foreign policy and his domestic employment policy. And in a sense, there was almost a seamless transition from President Bush to President Clinton in that regard…. The global financial system and the money that moves unregulated, uncontrolled, through the global system creates a kind of financial referendum that when the folks in power realize that if they do not gear their policies to cater to the international financiers and corporations, that they'll create a run on the currency and with devastating consequences for the economy. The other side of this, of course, is the uncomfortable reality that our democracy has been rendered meaningless by big money. The truth is there are politicians [who] are owned lock, stock and barrel by the big money interests… Our elections create, to some extent,*

a façade of choice…. We need to localize economies, not globalize economies… in a world in which we're protected from others colonizing our resources»

Death Bonds

DEATH BONDS – Your death is profitable for Wall Street – Genocídio médico.

Literalmente, “obrigações de morte”, “derivativos de morte”. Todos os derivativos são letais, mas aqui a imagem é levada a um extremo pitoresco.

Aproveita a senescência dos baby boomers. Este é um produto que aproveita o facto de os baby boomers estarem a chegar à idade de reforma.

Segurado vende apólice de vida a comprador – seguradora, banco. O modelo de negócio não podia ser mais simples. Os segurados, geralmente pessoas acima de 65, concordam em vender as suas apólices de seguros de vida a investidores financeiros (regra geral, bancos ou seguradoras), geralmente a um terço do seu valor.

Comprador securitiza apólices em CDOs. Depois, o comprador “securitiza” essas apólices na forma de pacotes tipo CDO, em que centenas ou milhares de apólices formam uma única obrigação.

Comprador paga premiums sobre CDO – ou vende CDO a investidores, que os pagam. O comprador responsabiliza-se por pagar os premiums. Os títulos também podem ser revendidos a investidores, como grandes fundos de pensões.

Apólice paga com morte da pessoa. Por fim, recolhe o pagamento da apólice quando a pessoa segurada morrer.

Lucros tanto maiores quanto mais rápidas forem as mortes. Portanto, quanto mais depressa a pessoa morrer, tanto melhor para os investidores, que pagam menos premiums e recolhem o dinheiro mais depressa; i.e., tanto maior será o retorno, ao passo que, se a pessoa viver mais tempo que o esperado, os investidores obtêm pobres retornos, ou podem mesmo perder dinheiro. Ou seja, o investidor está a apostar que a pessoa vai morrer mais cedo, ao passo que a seguradora está a apostar que a pessoa vai morrer mais tarde.

Abrir a porta a **genocídio medicalizado**. Como é que isto funciona quando os serviços de saúde estão a ser financializados e securitizados – e controlados por estas entidades financeiras – e há a maior das facilidades em trocar e relacionar dados? Ou seja, quando o prestador de cuidados de saúde (a seguradora) também é aquele que tem interesse numa morte rápida, e esse tipo de selecção pode ser feito caso a caso, muito rapidamente com bases de dados integradas?

Goldman Sachs oferece um “index de mortalidade”. Como precursor à oferta de “death bonds”, literalmente “obrigações de morte”, a Goldman lançou o seu próprio “index de

mortalidade", que segue a expectativa de vida de pessoas com 65 com apólices de vida. O index depois permite que os investidores comprem derivativos associados.

Goldman Sachs, Credit Suisse e outros. Cortesia Credit Suisse e Goldman Sachs, que são os pioneiros neste campo. De resto, Bear Sterns, Deutsche Bank, Lehman Brothers.

Mercados de Carbono – Derivativos Carbónicos

Cap and trade mete o mundo a comprar e a vender ar quente – CO2 é ar quente.

Anedota entre banqueiros sobre ar quente. Em tempos existiu uma anedota famosa entre banqueiros: era a de que conseguiriam convencer qualquer um a comprar ar quente, se um dia lhes apetecesse.

É isso que CO2 é. Cada crédito de carbono representa uma tonelada de ar quente.

Kyoto origina vasta rede institucional para promoção de mercados de carbono.

Vasta rede institucional, centrada no Banco Mundial e na GEF. O processo redundou na criação de uma vasta rede institucional, que estimula o crescimento dos mercados de carbono, e que se estende da ONU até cada pequena localidade, passando por entidades como a UE, o WRI e a OCDE. Entre os promotores institucionais disto, temos Banco Mundial e OCDE, WRI, ou ainda o World Energy Council, que envolve 90 países, e reúne-se de 3 em 3 anos no World Energy Congress.

Banco Mundial, o epicentro.

Trabalha para um mercado mundial, regulado por si. O epicentro disto é o Banco Mundial que, em Junho de 2005, começa a trabalhar na criação de um mercado mundial de carbono, a ser regulado pelo próprio Banco.

Super-agência de promoção de carbon trading. Hoje em dia, é o principal promotor neste campo (funciona como super-agência regulatória mundial, para carbon trading).

Carbon Finance Unit – Climate Investment Funds entre bancos multilaterais. É neste título que opera uma Carbon Finance Unit. Em 2008, o Banco Mundial estabelece os Climate Investment Funds, entre os bancos de desenvolvimento multilaterais.

ONU, FMI, OCDE, WEC, UNFCCC, UNEP, UNDP.

OSCs e fundações – WRI, IUCN, WWF. Uma data importante neste aparato foi a de 15 de Março de 2007, na qual a OCDE e o WRI organizam um evento conjunto, "From Kyoto to Chicago", em Washington DC, que consagra o princípio das trocas de carbono como prioridade para o mundo.

UE, governos nacionais, localidades.

Carbon offsets [CERs] – Al Gore, que paga indulgências a si próprio.

O modelo dos CERs – Investimento "eco-amigável" compensa pecados carbónicos. Há ainda a notar as carbon offsets (compensações de carbono) que são mais do mesmo: uma firma financeira (as "Eco-Securities") serve de intermediária na disponibilização de "novos créditos", que reflectem actividades que são vendidas como sendo eco-amigáveis. Em contrapartida, estes novos créditos são vendidos a "poluidores carbónicos".

Al Gore, compra carbon offsets a si mesmo – GIM, na City e em Washington. Um dos magnatas deste formato de banca de investimento é Al Gore, que compra carbon offsets à sua própria firma, a Generation Investment Management LLP, estabelecida em 2004, com escritórios na City e em Washington, D.C.

TARPLEY – "Carbon offsets – A scam to cleanse your guilt for your eco-sins".

tarpley - carbon offsets *(We're now told you have to buy carbon offsets, in other words if you have sinned, by having a carbon footprint, you have to buy a carbon offset – which is usually a scam, someone claims he planted an acre of grass in the 3rd world, it never happened, they take your money and laugh all the way to the bank – to cleanse your guilt, you have to buy an offset)*

CEO da Royal Dutch Shell exige a criação de sistema global de cap and trade.

"Get more cap and trade schemes around the world and merge them".

"For more impact the system must be global".

A 15 de Fevereiro de 2007, Jeroen Ven der Veer, CEO da Royal Dutch Shell, apelou à criação de global cap and trade: «*The best news would be to get more cap and trade schemes around the world and merge them post 2012...for more impact the system must be global*».

Três blocos comerciais, fundidos sob o GEF.

Três grandes mercados regionais – EU, UNANOR, ASEAN. A ideia é ter três grandes mercados regionais: Europa, América do Norte e Ásia/Oceânia.

Coordenação por Banco Mundial, GEF, UNFCCC. Blocos coordenados pelo Banco Mundial e por coisas como a UNFCCC – deste complexo surgirá uma entidade global, baseada na OMC, senão a própria, a coordenar todo o intercâmbio de créditos.

Fusão num único regime carbónico global, sob GEF.

Firmas e consórcios (1) – Enron, BP, Exxon.

Enron, BP, Exxon exigem cap and trade – Têm destaque no mercado. O sistema de cap and trade começou por ser exigido por entidades como Enron, BP e Exxon, que ainda hoje estão entre os principais investidores nas redes financeiras devotadas a isto.

TIM BALL – Reunião 1998 entre Ken Lay, Gore, Clinton, Lord Brown.

tim ball - enron, bp, al gore *(A meeting in 1998 in the White House between Ken Lay, Lord Brown, Al Gore, Clinton. And Lord Brown was of course the head of the largest oil company in the world – now the oil companies are the biggest green companies around)*

SCALISE – Gore, Ken Lay, Enron, Goldman Sachs and the Wall Street firms.

Scalise - Enron, Ken Lay, Goldman Sachs *(It's my understanding that back in 97 when you were VP, Ken Lay of Enron helped come up with this trading scheme – 'I don't know' – Cap and trade energy tax – you knew him well enough for him to create this trading scheme – As well as Goldman Sachs – Enron clearly had an interest in doing this and you know what they did – and these Wall Street firms as well)*

Firmas e consórcios (2) – Lobbying activo por cap and trade.

Fundações e ONGs.

Firmas multinacionais – Sectores energético e extractivo. Como General Electric ou Rio Tinto.

Megabancos e seguradoras – derivativos carbónicos. Todos os grandes conglomerados financeiros, envolvidos no mercado de derivativos, estão também activamente envolvidos em *carbon trading*. Os 'mega-bancos' (considere-se, bancos que fundem valência comercial com investimento) – gente como Goldman Sachs, JP Morgan, Credit Suisse, , Barclays, etc. – são os principais lobbistas para o cap and trade.

Intermediários financeiros. Estão na posição de intermediários financeiros para toda e qualquer transacção envolvendo estes derivativos.

Holdings regulatórias e especulativas. Criaram toda uma gigantesca indústria regulatória e especulativa, devotada a este negócio: eco-securities, firmas de classificação ambiental imobiliária, companhias tecnológicas 'verdes', e todo o resto deste desfile de obscurantismo neo-medieval.

"Corporate governance and climate change – insure the weather". Em 2006, surgem duas publicações CERES, que fazem a ligação entre aquecimento global e mercados financeiros: "*Corporate Governance and Climate Change: Making the Connection*"; e "*From Risk to Opportunity: How Insurers Can Proactively and Profitibly Manage Climate Change*".

Os mega-bancos são os principais financiadores do movimento de acção climática. Através das multitudes de ONGs que as suas fundações financiam e operam.

Firmas e consórcios (3) – Exemplos de consórcios investidos em cap and trade.

Blood & Gore – GIM. Generation Investment Management PLC, de Al Gore e Richard Blood [ex-Goldman Sachs], sedeada na City.

Lord Rothschild – e3.

Sandor – Climate Exchange PLC. De Richard L. Sandor, o apóstolo dos derivativos e dos futuros, Chicago. A CE é sedeada na City.

Bancos e seguradoras – European Carbon Fund. Formado em 2006, sedeado no Luxemburgo, para *carbon trading*, formado por banqueiros e seguradores.

Bancos, seguradoras, fundações – CERES. Criada em 1990 como uma "national network of investors, environmental organizations, and other public interest groups working with companies and investors to address sustainability challenges such as global climate change".

Bancos e seguradoras – INCR. Investor Network on Climate Risk (INCR), lançada em 2003 numa cimeira das Nações Unidas. Os membros institucionais da INCR gerem mais de $3 triliões em 'bens', genericamente derivativos tóxicos.

Multinacionais – USCAP. US Climate Action Program (US CAP), um consórcio de 10 multinacionais devotado a fazer lobbying pela Climate Bill apresentada por Barkey, em 2009.

Multinacionais. Por ex., General Electric, Alcoa, Rio Tinto.

Banca de investimento – Todos os conglomerados envolvidos em derivativos. Goldman Sachs – JP Morgan Chase – Bank of America – Merrill Lynch – Morgan-Stanley – Credit-Suisse – Bank of New York Mellon – Société Générale – Nomura – Barclays – RBS – Citibank – Deutsche Bank [Ex.: "FACTBOX: Investment banks in carbon trading | Reuters, 14 September 2009"]

→ "Climate finance" em qualquer firma de NY, City, Paris, etc. Todas as firmas financeiras de Wall Street, City, Paris ou Frankfurt têm os seus departamentos de Climate Finance, onde montaram operações de carbon trading.

Elevada adesão de hedge funds, investidores institucionais, fundações [ex., GIIN]. Os créditos de carbono tornaram-se um bem tão rentável que os especuladores de mercado – *hedge funds*, bancos e fundos de pensões – compram entusiasticamente estas miseráveis obrigações de ar quente circuladas pela UE e pela ONU.

→ GIIN [Rockefeller]. As fundações estão altamente investidas no circuito de investimento 'carbónico', através de veículos como a Global Impact Investing Network, liderada pela Fundação Rockefeller.

Volume de negócios esperado, projecções.

$2T até 2020. É estimado que, até 2020 (i.e., numa fase inicial), o cap-and-trade atinja um volume de negócios à volta de cerca de $2 triliões.

NY Mellon e Point Carbon – "Mercado tripolar, $3T até 2020". A NY Mellon e o Point Carbon são mais hábeis a vender esta marca de peixe, mencionando que um mercado conjunto de Europa, América do Norte e Ásia/Oceânia pode atingir $3 triliões até 2020.

"GUARDIAN – Carbon market could surpass oil market, according to City".

→ "Schemes such as the ETS will expand around the globe".

De acordo com uma reportagem recente, «*the carbon market could become double the size of the vast oil market, according to the new breed of City players who trade greenhouse gas emissions through the EU's emissions trading scheme... The speed of that growth will depend on whether the Copenhagen summit gives a go-ahead for a low-carbon economy, but Ager says whatever happens schemes such as the ETS will expand around the globe*» [Terry Macalister, Carbon trading could be worth twice that of oil in next decade, The Guardian, 28 November 2009]

REDSHAW (Barclays) – "Carbon will be world's biggest commodity market".

→ Louis Redshaw, chefe de mercados ambientais no Barclays Capital.

→ "Barclays thinks carbon market could grow to $1 trillion within a decade".

«*Every major financial house in New York and London has set up carbon trading operations. Very big numbers are dancing in their heads, and they need them to replace the "wealth" that evaporated in the housing bust. Louis Redshaw, head of environmental markets at Barclays Capital, told the New York Times, "Carbon will be the world's biggest market over all." Barclays thinks the current $60 billion carbon market could grow to $1 trillion within a decade. Four years ago Redshaw, a former electricity trader, couldn't get anyone to talk to him about carbon*» (Mark Braly, The Multibillion Dollar Carbon Trading, RenewableEnergyWorld.com, 5 March 2008)

KYOTO – Cap-and-trade, créditos de carbono – ETS – CDM – REDD.

Conferência de Kyoto em 1997 – Obscurantismo, histeria e cap and trade. Conderência devotada a obscurantismo científico e histeria política, inaugurou o sistema de cap and trade e estabeleceu a unidade neo-monetária dos créditos de carbono.

Protocolo de Kyoto entra em vigor em 2005.

Vincula estados desenvolvidos a redução de GHG – Daqui saiem três sistemas.

(1) UN CDM. O "Clean Development Mechanism" da ONU.

(2) ETS. O "Emissions Trading Scheme' da UE, centrado na ECX, City de Londres.

(3) REDD. Da ONU.

ETS – Emissions Trading Scheme, o mercado de derivativos carbónicos da UE.

Londres, 2002, o primeiro sistemas de trocas. O sistema começou a ganhar ímpeto em 2002 no UK, com o estabelecimento do primeiro sistema de trocas.

ETS e ECX (City), 2005. Torna-se lei internacional na UE a 1 de Janeiro de 2005, com o estabelecimento do seu Emissions Trading Scheme, com 25 estados-membro. Neste ponto, temos a European Climate Exchange, localizada no meio da City of London, num grande edifício de aspecto anónimo. Cerca de 98% das trocas de carbono na Europa são feitas a partir deste edifício, com mais de 25 milhões de toneladas de carbono a serem trocadas diariamente.

Tectos de emissões.

Planos nacionais de alocação – Energia, agro, indústria, infraestruturas. Cada estado-membro tem de preparar um plano nacional de alocação. Este plano deve declarar quantos créditos são disponibilizados a que companhias – companhias que não entrem neste plano, não têm autorização para operar, claro (alocação selectiva; ou seja, só negócios autorizados poderão emitir). Os sectores visados são energia, utilidades, agricultura, indústria, trânsito e transportes, infraestruturas e construção.

Alocação de licenças de emissão de CO2, por companhias. As indústrias e companhias têm de ter licenças de CO2 para o emitir. Portanto, existem limites para centrais energéticas, utilidades, distribuidores de gás natural, e numerosas outras indústrias, sobre a quantidade de emissões de carbono que podem emitir por ano. Cada uma destas companhias recebe uma quantidade limitada de créditos de carbono (i.e., toneladas de emissões de CO2). No fim de cada ano, as emissões da companhia têm de corresponder aos créditos atribuídos.

Cada crédito corresponde a uma tonelada de emissões de CO2.

Compra ou venda de créditos de carbono nos mercados financeiros – ex., ECX. Se as emissões da companhia ultrapassarem os créditos que lhe foram inicialmente alocados, a companhia tem de comprar mais créditos. Créditos que restem podem ser vendidos pela companhia em mercados especulativos, através das agências de trading de créditos. Ou seja, de forma mais resumida, companhias que cortem as suas emissões podem vender os seus créditos remanescentes no mercado. Se, por outro lado, excederem as

suas quotas de emissões, têm de adquirir créditos. Os créditos são trocados em mercados tais como o ECX, e tornaram-se uma parte estabelecida do mundo financeiro, que envolve os maiores bancos europeus e americanos, como a Goldman Sachs, JP Morgan, RBS, Barclays Bank.

Custos instantaneamente passados aos consumidores. Logo ao início, a maior parte das companhias passaram os custos dos créditos aos próprios consumidores, apesar de terem recebido os créditos de graça – o que lhes deu lucros fantásticos.

Grã-Bretanha – Energéticas fazem $1B de lucro a partir de créditos grátis (2005). Na Grã-Bretanha, só em 2005, as companhias de energia fizeram $1 bilião de lucros a partir destes créditos gratuitos, de acordo com um estudo do governo britânico.

Chicago Climate Exchange (CCX), Chicago Climate Futures Exchange (CCFE).

CCX (2003) – Gore, Strong e Sandor, o apóstolo dos futuros. A CCX é fundada em 2003, por Al Gore e por Richard L. Sandor, o apóstolo dos derivativos e das trocas de futuros. No quadro de directores da CCX, encontramos Maurice Strong.

CCX – Goldman Sachs, GIM, Climate Exchange (Sandor). Proprietários: Goldman Sachs, Generation Investment Management PLC (Al Gore e Richard Blood), Climate Exchange PLC (dirigida por Sandor, sedeada em Londres).

CCFE – Organizada sensivelmente pelo mesmo grupo.

UN CDM – Um sistema hipócrita para transferência de riqueza e produção.

Clean Development Mechanism –Kyoto, UNFCCC. O Clean Development Mechanism (CDM) é estabelecido em 1997 pelo Tratado de Kyoto, e é administrado pela UNFCCC.

Transferir riqueza e produção do 1º para o 3º mundo.

Emissão de CERs a companhias no 3º mundo, por “reduções”. São emitidos CERs, estes valores inventados a partir do ar, a companhias no 3º mundo que alegam reduzir emissões, ou que instalam novas tecnologias para reduzir emissões.

Emissão de CERs a companhias no 1º mundo, por “investimento em reduções”. Ao mesmo tempo, também são emitidos CERs a companhias multinacionais no 1º mundo que investem nestes esquemas globais de redução de carbono; isto é, que optem por investir capital e tecnologia em projectos de 3º mundo para reduzir emissões de carbono.

Companhia no 1º mundo usa CERs para fazer offset das suas próprias emissões.Por sua vez, estes CERs ajudam-nos a compensar, ou fazer offset, de emissões.

O exemplo da GFL-Ineos. Sob o UN CDM, a GFL instalou nova tecnologia para capturar e reciclar HFC23. A tecnologia foi fornecida pela Ineos, UK. Ambas as companhias beneficiaram enormemente deste esquema. Ao instalar a tecnologia, a GFL ganhou €27 milhões em créditos de carbono no último trimestre de 2006 – o triplo dos seus lucros para o mesmo período no ano anterior. A Ineos também recebeu uma soma substancial de créditos, por ajudar uma companhia no 3º mundo a cortar as suas emissões.

Companhias podem acumular créditos no 3º mundo e vendê-los por lucro. Uma vez que no 3º mundo não existem tectos de emissões, estas companhias podem simplesmente vender créditos acumulados no mercado mundial. Portanto, isto permite que empresas no mundo em vias de desenvolvimento que reclamassem ter reduzido as suas emissões de gases de estufa pudessem receber créditos de carbono, e fazer biliões pela venda destes créditos a firmas no mundo desenvolvido (que, sob o tratado, estariam forçadas a reduzir as suas emissões). Por exemplo, também podemos ter uma multinacional com um braço na Índia que vende CERs ao outro braço em França.

'Clean Development Mechanism' é um **un-clean** development mechanism. Também se lê, *UN-Clean*.

Lucrar com CERs sobre CO2 e investir em enxofre. Dado que os países em vias de desenvolvimento não têm quaisquer limitações sobre emissões de substâncias realmente nocivas, as companhias podem pegar no dinheiro que recebem em créditos de carbono, sobre os cortes de carbono numa fábrica, e usar o dinheiro para construir novas fábricas poluentes. Portanto, sob o CDM, empresas incrivelmente poluidoras podem emitir todo o tipo de poluentes venenosos para os solos, água, e atmosfera, envenenar as populações locais e o ambiente, sendo recompensadas por isso pela ONU, desde que reduzam as suas emissões de dióxido de carbono. O grau de hipocrisia destes esquemas é pura e simplesmente impressionante.

Ex. – "Why are we paying the Third World to Poison Its Environment". Daily Mail.

Ex. – "Rich countries to pay energy giants to build new coal-fired power plants". Um exemplo disto é a construção de 20 centrais energéticas a carvão, altamente poluentes, com o pretexto de que vão emitir menos CO2 que as antigas. 12 companhias candidataram-se à UNFCCC por centenas de milhões em CERs para subsidiar a construção de centrais na China e na Índia. Isto dar-lhes-á ganhos na ordem dos £3.5 biliões, aos actuais preços do carbono.

Conjugação ETS/CDM subsidia deslocalização global de produção.

Redução progressiva de tectos de emissões bloqueiam produção no ocidente. O estado emite um número finito de créditos, e cada vez são emitidos menos créditos. Isto significa que será cada vez mais difícil ter um negócio ou uma fábrica na Europa.

Escassez artificial e cartelização. Nas quais apenas um conjunto de agentes de mercado carteliza a emissão e distribuição de divisas, tornando-as incrivelmente caras. Desta forma, é possível manter toda a sociedade em condições de destituição e dependência.

Empresa fecha na UE → Créditos ETS → Reconstrói no 3º mundo → Recebe CERs. Sob este sistema combinado, uma empresa pode fechar instalações na Europa, receber créditos de carbono por isso (da UE), e depois reconstruir a mesma fábrica no 3º mundo, e receber créditos de carbono também por isso (do CDM).

Companhias europeias simplesmente subsidiam os seus braços estrangeiros. E é precisamente isso que está a acontecer, em que as companhias europeias envolvidas no mercado de carbono estão a subsidiar directamente os seus concorrentes nos países em vias de desenvolvimento – i.e., estão apenas a transferir-se para fora.

O exemplo do PachauriGate.

Pachauri, presidente do IPCC... e do TERI. Enquanto é chairman do IPCC, Pachauri é também chairman do Tata Energy Research Institute (TERI), criado pelo conglomerado multibilionário Tata, de energia e aço. Em 2003, o Instituto, chefiado por Pachauri desde 1981, foi renomeado "The Energy Research Institute".

TERI fecha na Grã-Bretanha, recebe créditos ETS. Foi o que aconteceu com a Tata, uma multinacional com ligações de negócio a Rajendra Pachauri, o chairman do Painel Climático da ONU, o IPCC. O Grupo Tata fechou a metalurgia Corus Redcar na Grã-Bretanha, com 1700 despedimentos. O ganho antecipado é de quase $2 biliões, com cerca de metade do valor a resultar dos créditos de carbono da UE. Os créditos de emissões da Corus estavam estimados a $650 milhões. A isto acresce-se a "não-emissão" de 6 milhões de toneladas de CO_2 (talvez $325 milhões) pelo fecho da fábrica, e pela não-produção de 3 milhões de toneladas de aço.

Transfere-se para Índia, recebe CERs. Acresce-se ainda os ganhos resultantes do CDM, pela transferência de produção de aço para a Índia.

TIM BALL – Kyoto – Apenas nações desenvolvidas são forçadas a cumprir objectivos.

Tim Ball – Kyoto, apenas as nações desenvolvidas são forçadas a cumprir objectivos, processo nos EUA *(O que foi interessante em Kyoto foi de que todos os países tinham de participar, em Kyoto, mas nem todos tinham de tomar acção – só os países desenvolvidos tinham de tomar acção)*

SOROS – "Cap and trade can be gamed".

Seminário LSE – "That's why financial types like me like it". Num seminário que deu na London School of Economics, George Soros afirmou que «*The system can be gamed (...) That's why financial types like me like it – because there are financial opportunities*».

Os mercados de carbono são mercados especulativos de derivativos.

SANDOR e MASTERS – Depois de CDOs e CDSs, derivativos de carbono. Um dos mais selvagens ideólogos dos derivativos e das trocas de futuros é Richard L. Sandor, que surge agora como fundador do novo mercado de derivativos. Outra presença notável neste ramalhete de predadores é a Bruxa Má do Oeste londrino, Blythe Masters, uma das mentes brilhantes por detrás da invenção dos CDS. Blythe aparece agora como coordenadora de *carbon finance* para os seus empregadores tradicionais, JP Morgan.

Redução progressiva de tectos de emissões. O estado emite um número finito de créditos, e cada vez são emitidos menos créditos.

Escassez artificial – Subidas de preços mandatadas a priori. Ou seja, o preço deste ar quente vai aumentar progressivamente mais, por decreto regulatório, deste modo limitando cada vez mais a produção e a distribuição de bens. Ao contrário dos mercados de futuros ou dos CDOs, que têm de ser 'estimulados' com injecções constantes de capital, o que acontece com estes novos derivativos é que têm subidas de preço asseguradas à partida.

O melhor dos mundos para as hienas especulativas. Isto é, o jogo já estará viciado à partida, sem ser necessário grande esforço extra por parte das hienas nos *hedge funds*. Isto significa que será cada vez mais difícil ter um negócio ou uma fábrica na Europa, mas também que os especuladores podem entreter-se a puxar os preços para cima. Tudo isto significa que os créditos de carbono que serão distribuídos pela economia vão ser tornados progressivamente mais escassos e caros, com o passar do tempo.

Principal bem a ser trocado será escalada progressiva de preços. Por outras palavras, o principal bem que vai ser trocado será tempo, a subida de preços ao longo do tempo. Isto é o melhor dos mundos em qualquer cenário especulatório, em que investidores (fundos de pensões, fundos de investimento, etc) que sejam recrutados para o efeito podem trocá-los como comodidades num mercado.

Carbono empacotado em virtuais CDOs, segurados com CDS. Portanto, o que acontece com os créditos de carbono é que são empacotados em unidades semelhantes a CDOs, e segurados com literais CDS.

Desde o início, ideia foi adaptar carbono a mercado de derivativos. Há todo um novo mundo de futuros, *swaps* e *options*, envolvido nisto. Desde o início que a ideia foi adaptar o carbono aos mercados de derivativos, desenhando e comercializando contratos de derivativos que visam segurar riscos de preços no longo termo (vertente CDS) e vendendo produtos financeiros de carbono a investidores (vertente SIV, CDO, etc.).

CO_2 é um composto ubíquo nas actividades económicas humanas.

Derivativos carbónicos afectará todos os restantes mercados de comodidades. O carbono é um produto tão ubíquo na actividade humana que o sistema financeiro que vai ser construído à volta dele vai tocar em literalmente tudo. Dado que todos os sectores económicos envolvem carbono, todos vão ser afectados por esta nova montanha de dívida tóxica.

Energia, comiga, água, metais preciosos, etc, todos vão flutuar com carbono. esde os preços do combustível até aos preços de metais preciosos, comida, água, e tudo o resto (e isto mesmo foi afirmado por um responsável da JP Morgan à Bloomberg) – todos vão oscilar (e aumentar) com cada novo aumento nos preços do carbono.

Nada terá a ver com níveis reais de oferta e procura. Ou seja, a consagração de CO2 como um produto de investimento e, pior que isso, um derivativo, coloca a classe dos bens nas mãos de hedge funds cujo único propósito existencial é especulação, manipulação de preços no vazio e em papel. Se a especulação sobre futuros já desvirtua os preços de comodidades, na actualidade, a adopção de derivativos carbónicos fá-lo-à a uma escala virtualmente inconcebível; nada terá a ver com os reais níveis de oferta e procura.

Derivativos carbónicos, pragas exterminadoras sobre a civilização humana.

Créditos de carbono, um empreendimento de, pelos, e para financeiros. Ou seja, todas estas coisas são empreendimentos dos financeiros, pelos financeiros, para os financeiros.

Benefício ambiental é zero. Estes esquemas não fazem nada para beneficiar o ambiente (na prática, prejudicam-no, encorajando a proliferação de produção suja através do CDM).

Mas permitem especulação, saque, desindustrialização. Fazem tudo para tosquiar o contribuinte, diminuir drasticamente o nível de vida geral, e tornar uma mão cheia de investidores ainda mais rica.

A bolha global de ar quente que envia o mercado de derivativos para a estratosfera... Por outras palavras, este é o balão de ar (quente), a nova bolha global, que mantém o mercado de derivativos vivo e o expande a níveis surreais.

...e a civilização humana para um abismo negro e insondável.

Cap-and-trade visa abertamente usar derivativos para cortar produção. Um mecanismo de mercado pelo se usa o mercado de derivativos para limitar as emissões totais de CO2 ou de outros gases de estufa produzidos pelo sector privado.

Cap-and-trade rentabiliza desmantelamento industrial e produtivo à escala global. Um mercado de derivativos onde a principal moeda de troca são custos acrescidos sobre produção é a consagração definitiva do desmantelamento do tecido produtivo.

Produção humana devastada numa tempestuosa espiral recessionária. O carbono é o factor onde todos os tipos de produção de comodidades se encontram, para serem sangrados e devastados numa tempestuosa espiral recessionária, artificialmente imposta.

Ponto onde barbarismo especulativo visa retornar o mundo à era medieval. Este é o ponto onde a especulação selvagem coloca definitivamente em causa a existência de qualquer civilização humana, ou ainda, é o sítio onde a especulação pós-moderna casa com o regresso à era medieval.

Alocações nacionais de emissões e o desmantelamento da civilização.

UK Climate Change Bill exige 80% de redução de emissões até 2050.

Fórmula garantida para devolver um país à Idade da Pedra. Ou seja, esta é a fórmula garantida para devolver um país à Idade da Pedra. Sem qualquer revolução tecnológica sem paralelo na História, este alvo nunca será imaginável sem destruir quase toda a economia industrial, mudando o modo de vida de uma nação para além de qualquer apelo. [The real climate change catastrophe]

Taxas Verdes

UE, FMI e OCDE exigem impostos verdes.

FMI e OCDE – "Austeridade fiscal". Para novas e aumentadas fontes de receita fiscal.

UE – "Usar taxas verdes para criar harmonização fiscal" – colateral. A ideia é criar harmonização fiscal pan-europeia à base deste tipo de impostos, por meio de um corpo central europeu, que usará esta nova fonte de receita para colaterais financeiros.

Taxas verdes – Garantia fiscal e colateral para proliferação financeira.

Fonte de colateral para créditos de carbono. A ideia é usar a taxação pública como forma de garantir cobertura das obrigações de dívida, o colateral, em que os créditos de carbono consistem, ou seja, uma nova fonte de receita para colaterais financeiros.

Fonte de investimento estatal directo em derivativos carbónicos.

Energia, o sangue que mantém o corpo económico dependente.

Controlar energia é controlar a economia. A energia é o sangue do corpo económico. Quem controlar o abastecimento de energia, controla a economia.

O vampiro mantém a presa morta-viva, ao mantê-la sob dependência energética. O vampiro que mantém a presa morta-viva [dependência energética]. O vampiro subjuga a presa ao mantê-la entre a vida e a morte, em dependência energética.

Taxas verdes (1) – Impostos ubíquos e internacionais, centrados sobre consumo.

Paradigma – "Racionamento energético", "austeridade e eficiência energética".

Centenas de novos impostos, internacionais. Taxas fiscais para redução de emissões de CO2 sobre actividades produtoras do mesmo.

Taxas de licenciamento e/ou taxas acrescidas. Ou seja, dois géneros de taxas – taxas para licenciar o início de uma actividade, ou taxas acrescidas sobre uma actividade já licenciada. As taxas incluem taxas de licenciamento para veículos mais poluidores e taxas acrescidas sobre combustíveis fósseis ou aviação.

Ubíquos – Envolvem **todos** os agentes e actividades na economia. Literalmente todas as actividades económicas humanas envolvem algum género de gasto de CO2: produção agrícola, industrial, transportes, electricidade, tudo.

Taxar toda a economia produtiva e distributiva, para limitar e restringir. Taxam-se sectores e actividades específicas para os restringir. Para limitar actividades. Quando se taxa o carbono, isso é uma declaração de restrição forçada sobre toda a economia produtiva humana.

Do indivíduo e da família à indústria. Este sistema não pode funcionar eficientemente, a não ser que envolva todos os agentes numa economia – todos. Por isso mesmo, a sua maior componente é individual, na forma de PCAs, impostos familiares sobre energia, e todo este género de coisas.

Centrados sobre o consumo. Cortam a produção pelo ataque à valência de consumo, i.e., tornar tudo infinitamente mais caro e dispendioso.

Taxas verdes (2) – Taxas verdes, por temas.

Energia. Combustíveis fósseis, derivados de petróleo e gás natural; electricidade.

Alimentação. Carne, peixe, produtos agrícolas.

Transportes, individuais e comerciais. Deslocações automóveis, viagens aéreas, viagens marítimas.

Actividades mineiras. Exploração de solos, actividades mineiras.

Indústria produtiva de escala. Petroquímica, metalurgia, farmacêutica, utilidades, etc.

Taxas verdes (3) – Sistemas de rastreamento de consumos.

Smart meters – invasão de privacidade, interferência – prejudiciais à saúde. A ideia é usar estes smart-meters para quantificar usos de energia em habitações e negócios, i.e., controlar exactamente quais os gastos energéticos de quais aplicações electrodomésticas, e executar redução constante de consumos. Dão à rede acesso ao sistema eléctrico doméstico e a capacidade de interferir com ele (por ex., desligando este ou aquele aparelho). São prejudiciais à saúde, devido ao elevado nível de ELF que emitem.

Transponders automóveis – taxar circulação à milha. Na maior parte dos países europeus, já é possível monitorizar toda a circulação automóvel, e isso vai ser aproveitado para implementar um sistema no qual as estradas são monitorizadas de tal modo a poder registar-se quantos quilómetros são conduzidos, de modo a aplicar a taxa correspondente, e penalizar o condutor que conduza mais do que a sua “justa porção”.

Taxas verdes (4) – Seguros e certificados energéticos.

Seguros energéticos – indexados a derivativos – premiums sobre “poluição”. Sobre casas, carros, electrodomésticos, máquinas, etc. E é claro que tudo isto será indexado ao mercado especulativo de derivativos. “Clientes mais poluidores” pagam maiores premiums: quando maior o consumo energético, tanto maior o custo do seguro.

Certificados energéticos.

Casas e negócios. Sob estas políticas, uma casa não poderá ser comprada ou vendida sem ter uma certificação energética, e um negócio não pode operar sem certificações energéticas semelhantes.

Agências privadas, montadas por consórcios financeiros. A certificação energética é atribuída por agências privadas, subcontratadas para esse efeito. Tal como na época do boom existiam múltiplas agências financeiras para ceder créditos selvagens, na era do bust estas agências de saque organizado são exponencialmente multiplicadas.

Critérios progressivamente mais apertados. Os critérios tornam-se cada vez mais apertados, à medida que o tempo passa.

Certificados energéticos deturpam valores de mercado. As certificações energéticas também vão entrar, claro, nos esquemas de derivativos, em relação com hipotecas e valores imobiliários.

Inspecções caseiras. As inspecções são feitas por agentes policiais, e são pagas pelas vítimas, dessas inspecções.

→ SCALISE – 'Global Warming Gestapo – Unlawful occupancy'.

Steve Scalise - Global warming gestapo *(In this bill we're actually creating a global warming police – they can come in, inspect your house and send you the bill – each day of unlawful occupancy is considered a separate violation, and you will be subject to federal civil fines – a global warming Gestapo – so now living in your home is considered unlawful according to this bill)*

Taxas verdes (5) – "Personal Carbon Allowance" – Racionamento.

Taxação individualmente específica. Com a PCA, a ideia é a de implementar este esquema de taxação aos próprios indivíduos – forçar o envolvimento directo de todos nos mercados de carbono e na confiscação de riqueza subjacente.

Sistema de racionamento individual de energia.

Indivíduo recebe créditos limitados, progressivamente reduzidos – Smartcard. A ideia é que cada indivíduo recebe um número limitado – progressivamente reduzido, ano após ano – de créditos individuais de carbono, que pode usar. Estes créditos são alocados num cartão – BI ou multibanco, talvez uma fusão dos dois.

→ UK-ECI, Oxford – PCA para assegurar corte de 60% de emissões. A ponta de lança para este modelo obscurantista é dada pelo UK-ECI, de Oxford, que afirma pretender assegurar um corte de 60% de emissões no Reino Unido até 2050. Isto implicaria que as emissões anuais per capita seriam reduzidas de 9ton para 2 ton.

Pontos verdes descontados da conta pessoal em cada transacção. Desta forma, quando vai comprar um produto X, os créditos de carbono correspondentes à transacção são-lhe descontados do cartão. O mesmo é válido para as emissões de carbono geradas no lar e na transportação.

Créditos cambiáveis no mercados – na agência financeira. Estes créditos são cambiáveis no mercado e têm de ser comprados em bancos. Ou seja, quando os créditos do indivíduo Y se acabarem, é forçado a ir ao banco Z comprar créditos adicionais, ao valor definido pelos especuladores para esse dia.

Taxas verdes (6) – Micro-gestão, austeridade e totalitarismo.

Economia de carbono significa micro-gestão totalitária. Estas coisas vão-se generalizar a todo o mundo ocidental; têm a ver com micro-gerir cada aspecto das nossas vidas, bem como cada aspecto da economia.

Com economia de carbono, custo de vida vai ser incrivelmente dispendioso. Vídeos [integrar este ponto ao longo de pontos anteriores].

Sistema sócio-económico de duas classes, expresso também em consumo energético.

LEGATES – Limitar uso de energia é um instrumento totalitário.

"Limitar acesso de energia aos ricos – é isso que é proposto".

david legates - limiting energy to the wealthy (aquilo que é geralmente mencionado como medidas anti-AGW consiste apenas em limitar o acesso a energia – torná-la mais cara, limitá-la a certos indivíduos, aqueles que a podem pagar)

"Limitar energia para manter pessoas ignorantes e separadas – instrumento totalitário".

david legates - limiting energy, tool of totalitarians (Quando a energia se torna limitada, muitas liberdades tornam-se restritas. Uma das coisas que permite a regimes totalitários prosperar é o manter as pessoas ignorantes e separadas)

Carbon Standard

Carbon standard – 'Universal carbon currency'.

Ar quente, CO2, é convertido em medida de valor universal.

Valores universalmente expressos em energia. Tudo terá o seu valor expresso em carbono, alegadamente com base na quantidade de energia que a produção e o transporte do produto implicou.

Restantes comodidades indexadas ao valor do ar quente.

Créditos de carbono como 'Universal Carbon Currency' (UCC). A ideia é usar os créditos como moeda de troca entre regiões e indivíduos. Se o uso energia pode dar origem a derivativos, então esses derivativos podem depois ser usados para fazer trocas financeiras e monetárias.

Mecanismo monetário universal – Deflação, alocação, racionamento, compra e venda. Aplicável a estados, indústrias, indivíduos. Os únicos que prosperam a partir disto são uma progressivamente menor clique de financeiros no topo dos mercados especulativos.

Carbon standard – UCC – HG Wells, Technocracy Inc.

HG Wells, 1906. Este sistema começa por ser proposto por HG Wells em 1906, “A Modern Utopia”.

Technocracy Inc, 30s.

Totalitarismo, restrição do uso de recursos – um melhor e mais avançado soviete. Esta é uma reedição clara e explícita das ideias da Technocracy Inc., um grupo que advogava totalitarismo e restrição do uso de recursos para o mundo inteiro, como forma de criar uma sociedade controlada – o Tecnato.

Socialismo americano, ou fascismo americano. Para o movimento tecnocrático, toda a vida tinha de ser mecanizada e tornada exacta, cada pequeno aspecto gerido por especialistas técnicos ao serviço do estado totalitário, e as pessoas tinham de ser reduzidas a drones, como o sistema fascista e o sistema soviético tentaram fazer.

Moeda totalitária, baseada em energia. O modo de alcançar isso seria através de uma moeda totalitária, baseada em consumo – consumo de energia. Seria totalitária precisamente porque tocava em todo e qualquer ponto da economia.

Cartões de distribuição de energia – Certificados energéticos. Todas as ideias que estão agora a ser implementadas têm o seu precedente neste movimento tecnocrático dos anos 30, que foi o primeiro a falar de quotas individuais de carbono, com Cartões de Distribuição de Energia, e Certificados Energéticos.

Cap and trade, carbon tax – VÍDEO

MONCKTON – ECX e CCX.

“Chicago, home of the futures market, jumped at it – Al Gore, Lehman Brothers”.

monckton - cap&trade2 - CCX, lehman bros, al gore (Then Chicago, the home of the futures market said, why can't we get onto this, and the likes of Al Gore and Lehman Brothers went into this)

“Extraordinary scam – EU first to jump to it – Let’s shut our economies down”.

monckton - cap&trade1 – EU (Quite an extraordinary scam – the EU was among the first to jump on the wagon – "we must show how good we are in shutting our economies down")

Derivativos carbónicos – VÍDEO.

US CONGRESS – Derivativos de carbono favorecem abutres especulativos.

“Se as pessoas gostaram dos CDS e da manipulação dos futuros no petróleo...”

“...então vão adorar as carbon swaps e as carbon future swaps”

“Big winners will be people who destroyed our financial market”.

“Companies like Enron helped come up with this trading system”.

***Congress - Credit default swaps, carbon swaps** (Se as pessoas gostaram dos CDS, então vão adorar as carbon swaps e as carbon future swaps – passámos o verão passado a falar da manipulação dos futuros no petróleo – "we're gonna create a new similar system")*

***scalise - big winners will be ppl who destroyed market** (There will be big winners and big losers. But some of the big winners are some of the very financial experts that helped destroy our financial market – and it should be noted that companies like Enron helped come up with this trading system)*

WATT – “These guys all work together”.

“Lord Rothschild coming along promoting the AGW scam”.

“Which his bank in Switzerland will run”.

“*Why shouldn't they run the economic system for the next few hundred years?*”

***alan watt (FOTR, 16:15) – these guys all work together, rothschild, e3** (So these guys all work together. That's why it's no surprise that today you have Lord Rothschild coming out, pushing the latest scam or religion that we must all believe in, which is global warming, which his family's bank in Switzerland will be in charge of. They've run the whole economic system of the world for the last 250 years, so why shouldn't they run the system for the next few hundred years?)*

AL GORE – “Cap and trade, carbon tax”.

“Put a price on the carbon – Tax it, or use cap and trade”. ***Al Gore – "Put a price on the carbon, a tax is the best way, cap and trade can also do it"***

“Pass both cap and trade and the carbon tax”. ***al gore, 2007 - pass both cap and trade & carbon tax*** ("podemos fazer ambas, sou a favor de ambas")

“Tax CO2, otherwise consequences will be very bad”. ***al gore, 2007 - tax co2, otherwise consequences will be bad*** ("as consequências vão ser catastróficas se não agirmos")

OBAMA – Cap and trade.

“Congress, give me cap and trade” ***obama to congress -- give me cap and trade***

“My plan makes electricity rates skyrocket – Costs passed to consumers”. ***Obama: My Plan Makes Electricity Rates Skyrocket*** (Under my plan of a cap and trade system, electricity rates would necessarily skyrocket – whatever the industry was, they'd have to retrofit their operations – that would cost money, they would transfer that to consumers)

UKIP – Taxas verdes, harmonização fiscal europeia – VÍDEO.

BLOOM – Green taxation, EU thieves’ cartel, harmonization.

“The powerful stealing money from ordinary people… now supposed to be pro-bono”.

“To perpetrate myth, we invent periodic scares, to terrify people”.

“If we don't cough up green taxes, we will all boil to death – pay up or burn in hell”.

“Tax harmonization, to make sure no govt steals too little, a sort of thieves cartel”.

“For harmonization, then bureaucracy, commission must be taxed as electorate is”.

Godfrey Bloom - Green taxation, EU thieves' cartel, harmonization (Taxation as a concept, the rich and the powerful stealing money from ordinary people to make their lives more comfortable. What has changed is that it's now supposed to be pro-bono. In order to perpetrate this myth, we invent periodic scares, to terrify people into submission. The latest of these scares is of course that if we don't cough up green taxes, we will all boil to death. Reminiscent of the medieval religions isn't it – pay up or burn in hell. Tax harmonization is a concept dreamed up by the modern political class, to make sure no govt steals too little from its people, a sort of thieves cartel if you will. If you want tax harmonization, make sure the bureaucracy and the commission pay the same taxes as the electorate)

BLOOM – The AGW myth - CO2, taxation -- co2 as a pollutant.

“Planet actually cooling, flat since 1998”.

“Members talk of CO2 as a pollutant, makes me doubt they had a formal education”.

“This is about stealing, taxes, control, politics and big business, this bogus scam that CO2 is causing global warming”.

“Enough please, before we damage irrevocably the global economy”.

Godfrey Bloom - The AGW myth - CO2, taxation -- co2 as a pollutant *(as independent science as now confirmed, the planet is actually cooling and has been doing so flat since 1998. So we're talking about something here that isn't happening.* ***I've heard members here talk of CO2 as a pollutant, which makes me doubt they had a formal education – CO2 a life giving natural gas. Isn't this all about coming up with ways to steal, get more tax, isn't this about political control, politics and big business, this bogus hypotesis and scam that CO2 is causing global warming. Enough please, before we damage irrevocably the global economy***)

NUTTALL – You hijacked environmentalism, for control, taxes, justify EU's existence.

Paul Nuttall - Greenland, CRU, arrefecimento (politicians have hijacked the environmental agenda, to raise taxes, to exert control, to justify the EU's existence)

UKIP – CRU, consensus, vegetarianism, WTO green tariffs.

"Scientists in the CRU manipulating data to try and prove AGW".

"Consensus eroding – Manhattan Declaration – Senate report – German scientists".

"Nicholas Stern urges us to become veggie, to stop cows farting".

UKIP - CRU, consensus, vegetarianism, wto green tariffs (In my english constituency this week it was discovered that scientists in the East Anglia CRU were allegedly manipulating data to try and prove AGW, what a giveaway that was – the consensus is fastly eroding – 30.000 sceptical scientists in the Manhattan Declaration – 600 in the US Senate report – even German scientists this year writing to Angela Merkel – meanwhile the author of the key UN report on this, Sir Nicholas Stern, urges us to become veggie, to stop cows farting – maybe it's not just certain cows that have gone mad – I worry about a drift towards green tariffs, justified on the basis of such spurious claims – they are just barriers to trade, and they punish the poor, they have no justification whatsoever.)

"Carbon tax, cap and trade, to destroy production" – VÍDEO.

TARPLEY – "Ultimate goal of the carbon tax, cap and trade, to destroy production".

tarpley – carbon tax to destroy production (FOTR, 1:27) *("the ultimate goal of the carbon tax, cap and trade, is to destroy production")*

TARPLEY – "Carbon tax on real production, to shut down industrial economy".

tarpley - a carbon tax on real production *(it is of course a carbon tax on economic activity, farming, manufacturing, real production – it would tend to shut down even those miserable remains of an industrial economy that still remain)*

D'ALEO, AVERY – Carbon tax visa destruição económica.

→ “Tax that contracts everything – nothing would be left of society we have today”.

D'Aleo, Avery - carbon tax, cost of living will skyrocket (It becomes a tax that propagates all the way down, increases the costs of transportation, etc – so everything goes up in price – it would go up enormously, nothing would be left of the society we have today)

SCALISE – “Custos passados a consumidores”.

Opiniões divergentes na ciência, mas não na economia.

Orçamento espera 646B USD de receita fiscal, custos passados a consumidores.

scalise - custo economico 600+B USD tax revenue (opiniões divergentes na ciência. Na economia, não houve o mesmo tipo de divergência. O orçamento presidencial espera a geração de 646B USD de receita fiscal, custos esses que serão passados aos consumidores)

US CONGRESS – Debate sobre cap and trade bill – VÍDEO.

US CONGRESS – Elitismo ambiental despreza os pobres, aqui e no 3º mundo.

“Muitos ambientalistas radicais são ricos e elitistas, não se preocupam com pobres”.

“Logo, não se preocupam quando destroem empregos e aumentam preços”.

“Escalar preços de comida no 3º mundo”.

“85% da continental shelf, petróleo, off limits para exploração”.

Environmental Radicals Driving up Gas Prices (Noto que muitos destes ambientalistas radicais vêm de famílias ricas. São elitistas, e por isso não se preocupam quando as suas políticas destroem empregos e aumentam preços, já que quem estão realmente a magoar são os pobres. Agora as políticas ambientalistas estão a fazer escalar os preços de comida no 3º mundo, e mais uma vez os ambientalistas não se preocupam, porque estão a magoar pessoas pobres. 85% da continental shelf, petróleo, estão off limits para exploração. O mesmo com o Alaska. Toda esta produção podia ser feita em meios ambientalmente seguros)

STEVE KING – Example of Spain – Cap and trade, most colossal mistake ever.

Steve King - Cap and Trade could be the most colossal mistake in history of Congress (We've seen the example of Spain, it's a colossal mistake there. This could be the most colossal mistake ever in the history of the US Congress)

US CONGRESS – Cap and trade radicals hurt middle class.

“Maior parte de radicais ambientais são ricos”.

“Magoam os pobres ao destruir empregos e aumentar preços”.

“Preparam-se para legislar ainda mais aumentos e custos”.

“China vai saltar de alegria, lei vai deslocalizar ainda mais empregos para fora”.

“Só os big money environmental groups e big businesses vão beneficiar da bill”.

Cap & Trade Radicals Hurt Middle Class (A maior parte destes radicais ambientais vêm de famílias ricas. Provavelmente não percebem como magoaram os pobres ao destruir empregos e aumentar preços. Agora os supostos amigos dos pobres preparam-se para passar legislação que vai magoar ainda mais os mesmos. Algo que vai aumentar os preços de gasolina, utilidades, custos para negócios pequenos, quintas, etc. Os negócios na China vão saltar de alegria, já que isto lhes dá ainda mais vantagem. Os licenciados deste país perguntam-se porque é que não conseguem arranjar bons empregos, e vão ter de trabalhar em funções desqualificadas, e esta bill vai deslocalizar ainda mais empregos para o estrangeiro. Espero que as pessoas votem pelos pobres, e não pelos big money environmental groups e pelos big businesses que vão beneficiar da bill.)

BACHMANN – Liberty or tyranny – Loss of 2.5M jobs, federal control over lives.

Bachmann -- Liberty and Tyranny -- Warns Against Cap-and-Trade (We know this will result in a loss of 2.5M jobs, this will result in a reduced level of living for Americans. The fed govt will have control over every aspect of lives for the american people. It's time for us to choose. What will we choose today? Will we choose liberty or will we choose tyranny?)

GOHMERT – Cap and trade magoa pobres, death nail para mães solteiras.

Gohmert Says No to Slamming Americans with Job-Killing Cap and Tax (magoaram imensa gente com esta lei; vamos ouvir das mães solteiras que não conseguem pagar gás e gasolina... this is gonna be their death nail)

DELINGPOLE – Carbon industry, big oil, backs obscurantism for carbon profits.

“Climate ‘deniers’, to make us look like Holocaust deniers”.

“The fact is the carbon industry and big oil, they sponsor eco-conferences”.

“They're heavily exposed to carbon trading markets, see AGW as a cashcow”.

Delingpole – climate 'denial', big oil (The people who are pushing AGW haven't got any facts or arguments on their side, so all they can do is resort to throwing out these accusations, for example, that deniers, so called deniers – that's to make us look like

holocaust deniers – we are sponsored by big oil. Any scientist that speaks out against man-made global warming, they instantly say, “he's in the pay of the carbon industry”. Well the fact is that the carbon industry and big oil, they sponsor eco-conferences, they're heavily exposed to the carbon trading markets. They see AGW as a big opportunity to make money. That's how big companies operate. They're just vultures, picking over whatever they can)

Deslocalizações e outsourcing – GATT – OMC

Deslocalizações e outsourcing.

Deslocalização de capacidades produtivas – Tratados e fluxos de capital. O primeiro passo foi o de articular fluxos de capital com tratados internacionais para tornar as nações interdependentes.

Capital desloca-se para onde custos são mais baixos. Movem a produção para as zonas económicas mais baratas – por exemplo, áreas de baixos salários –, providenciando maiores margens de lucro; ou seja, o capital vai para onde os custos são mais baixos. Empregos de manufactura e trabalhos de alta tecnologia são enviados para países com baixos salários. Trabalhos domésticos de baixa qualificação são feitos por trabalhadores importados.

Redução de despesas sem geração de mais-valias. Reduzir drasticamente custos e despesas sem criar mais-valias no mundo real.

GATT – Realocação global da produção e do trabalho.

Tratados GATT começam em 1947.

Redistribuição global do trabalho e dos meios de produção. Internacionalização, realocação e homogeneização do trabalho dos meios de produção e transacção.

GATT – Regionalização económica – UE e Schengen, tubos de ensaio.

A UE e Schengen foram tubos de ensaio regional para globalização económica.

Desmantelamento e redistribuição, sob arbitragem central. Sobre a redistribuição de capacidades produtivas, o desmantelamento geral das economias, e o estabelecimento de entidades arbitradoras, de comércio e produção.

Consolidação de poder económico nas mãos de consórcios. Ao mesmo tempo, e como resultado inevitável dos pontos anteriores, sobre a consolidação de poder económico nas mãos de conglomerados selectos.

GATT – “From the US and Europe with love – to China”.

Spots rápidos e monótonos nos telejornais. Durante décadas, ano após ano, os contribuintes ocidentais ouviram falar de mais uma ronda de assinaturas dos tratados GATT, em spots rápidos e monótonos nos telejornais, mas raramente foram avisados da natureza destes tratados.

País desenvolvido subsidia deslocalização. Estes são tratados de transferência de capacidade produtiva, de deslocalização de produção. Através do sistema GATT, um país "rico" compromete-se a deslocalizar X% da sua capacidade produtiva no sector Y para o país Z, subdesenvolvido, e a subsidiar a deslocação [ilustrar com esquema de uma transferência].

Pagar para perder o emprego. Ou seja, literalmente pagar para perder o emprego.

Deslocalizações em massa para a China. Foi assim que a maior parte da produção ocidental foi deslocalizada para países como a China: durante todo o processo, os empresários ocidentais foram encorajados e subsidiados pelos seus governos para o fazerem.

China injecta capital no G7 com importações (anos 90).

(1990s), China surge como força equalizadora na economia globalizada. Durante os anos 90, a China surge como uma força equalizadora na "economia global".

Injecta promessas capitais no ocidente quando importações G7 estão a colapsar. Injecta capital nos países ocidentais através de importações em massa, precisamente numa altura em que as importações G7 estavam a colapsar.

Ou seja, a transição especulação-desindustrialização é facilitada.

GATT – O circuito tripartido – Extracção, produção, serviços.

Três tipos de países – Extracção, produção e retalho. O panorama do capitalismo de monopólio global tem sido marcado por esta distribuição tripartida.

Países extractivos – 3º mundo. Grupos de países que servem essencialmente para extracção de matérias-primas.

Países produtivos – Trabalho barato. Países onde essas matérias-primas são transformadas com mão de obra barata e fábricas.

Países retalhistas e de serviços. Países onde os bens são vendidos, i.e., devotados essencialmente ao consumo – os países ocidentais.

GATT – Regionalização económica – Sistema global de duas classes.

Circuito comercial global é radicalmente alterado, para século XXI.

Regiões ricas e pobres trocadas por **classes** ricas e pobres. Com a "sociedade global", deixará de haver esta distinção entre países ricos e pobres, e passará antes a haver uma distinção marcada entre classes ricas e pobres. Ao mesmo tempo, o mundo passa a estar organizado de acordo com as 10 regiões económicas especializadas da OMC.

Fundir nações em regiões, com funções económicas especializadas. Em seguida, as nações são fundidas entre si para dar origem a várias grandes regiões económicas, com cada região a assumir funções específicas.

América do Norte – Agro, recursos naturais, mid-tech. Produção agro-alimental – Recursos naturais – Manufactura intermédia ("Mid-tech manufacturing").

Japão – High e mid-tech – Pescas. Alta tecnologia – Tecnologia intermédia ("mid-tech manufacturing") – Pescas.

Europa – Finança e high-tech. Serviços – Finança – Alta tecnologia.

China – Low-tech. Baixa tecnologia ("low-tech manufacturing").

África e Médio Oriente – Recursos naturais.

OMC – A "star chamber" da economia global – "Free trade".

OMC, anos 90 – Regulam acordos GATT. Nos anos 90, os acordos GATT passam a ser regulados pela Organização Mundial de Comércio.

Globalização, alocação global de recursos. A OMC é criada nos anos 90, sob a bandeira da globalização: comércio global, partilha global, alocação global de recursos.

A OMC veio sistematizar a deriva mercantilista. Em essência, é a consagração e sistematização das tendências mercantilistas que tinham vindo a globalizar-se desde o final dos anos 50.

OMC – Tribunal mundial de comércio, "star chamber" mercantil. Funciona como um tribunal mundial de comércio, que define quem pode vender o quê a quem. A OMC tem o poder de impor regras comerciais aos estados-membro, o que inclui estatutos tarifários, e qual é a multinacional que recebe contrato X ou Y. Ou seja, assume-se como mediadora de acordos com corporações e bancos selectos, como acontecia com o velho sistema mercantilista, no qual um árbitro define a distribuição e os agentes de comércio.

Star chambers, lordes e guildas mercantis → OMC e consórcios multinacionais. Usa os princípios das antigas *star chambers*. Nos velhos tempos, os impérios europeus tinham câmaras de comércio, que funcionavam à porta fechada, e que decidiam qual era o lorde que tinha direitos de exploração sobre os recursos desta ou daquela colónia. A

Organização Mundial de Comércio é isso hoje, para o planeta inteiro, e os lordes dos dias de hoje são companhias multinacionais.

“Free trade” – Doublespeak para comércio restrito, regulado, consolidado. O conceito de “comércio livre”, como é usado pelas Nações Unidas, significa precisamente o contrário do que diz.

Comércio restrito a grupos selectos, sob arbitração OMC. Significa comércio restrito a grupos selectos de multinacionais, sob a arbitração de um regulador global, que é a Organização Mundial de Comércio.

OMC – 3º mundo – Guerras tarifárias e restrições de produção.

Sob “free trade”, 3º mundo está sob assalto constante.

Eliminação de tarifas e protecções, restrições de produção.

Eliminação de subsídios, destruição de produção, favorecimento de multinacionais. Onde organizações como FMI e OMC a restringir a produção local, o que inclui a eliminação de quaisquer subsídios para a produção local e, por vezes, a própria destruição dessa produção e a alienação de recursos, em prol de multinacionais.

Exemplo – Guerras tarifárias UE/OMC/FMI no sector agrícola. Por exemplo, organizações como a OMC e o FMI forçam os países pobres de África, América Latina e Ásia a eliminar quaisquer subsídios para a produção local e a eliminar tarifas de importação sobre produtos europeus enquanto, ao mesmo tempo, os estados europeus subsidiam fortemente as produções agrícolas internas (baseadas em capital multinacional) e constroem barreiras à importação de produtos externos. Isto resultou na destruição da agricultura africana.

Destruição da produção no Ocidente

Destruição da produção no Ocidente (1) – Transferência activa.

Transferência activa de recursos económicos. Capacidade produtiva e riqueza.

(1) Deslocalizações. Tratados, acordos, subsidiação de realocações.

(2) Mecanismos de redistribuição de capitais. FMI, Banco Mundial.

Destruição da produção no Ocidente (2) – Erradicação gradual de PMEs.

Trancar economia – Erradicação progressiva de PMEs. Erradicação progressiva dos pequenos e médios operadores de mercado.

(1) Regulações abusivas e impostos elevados. Regulações abusivas e excessivas sobre as PMEs, e impostos elevados a toda a linha.

(2) Subsidiação para deixar de existir – ex. de pescas e agricultura. Com o exemplo europeu, onde agricultores foram pagos para destruir colheitas e sair de negócio, em prol de companhias produtivas de larga escala. Diga-se ainda que a produção em larga escala é altamente destrutiva para o ambiente, quer no que diz respeito à pesca (com produtos piscícolas de baixa qualidade), quer no que diz respeito à agricultura (com o favorecimento de comida geneticamente modificada, associada à multiplicação de cancros e esterilidade).

(3) Uso de demagogia ambiental para deslocalizar ou bloquear indústria. Limitar expansão industrial no ocidente sob pretextos ambientais, apenas para ver essa produção deslocar-se para países como a China, onde nem sequer existem standards ambientais mínimos.

Destruição da produção no Ocidente (3) – Favorecimento de mega-consórcios.

Eliminação selectiva de barreiras tarifárias, "free trade". Para facilitar "comércio livre".

Tarifas eram a base da colecta fiscal.

Aumentos IVA e IRS compensam perca de colecta tarifária. Antes, as tarifas eram a base fiscal da maior parte dos estados. A partir deste momento, foram introduzidos aumentos IVA e aumentos de IRS, para compensar a perca de colecta fiscal tarifária. Ou seja, o assalto económico de companhias multinacionais é pago pelo aumento de impostos sobre a cidadania.

Concessões, privatizações em massa, PPPs.

PMEs: “Se fores uma PME e quiseres sobreviver, torna-te uma franchise”.

Desumanização do trabalho [RH, AH]

De recursos humanos para capital humano para activos humanos.

Pessoal/staff/trabalhadores → RH → Capital humano. A partir dos anos 50, as pessoas começam a ser referidas como "recursos humanos". A partir dos anos 70 e 80, o termo começa a ser "capital humano". [e.g., o livro de Lester Thurow, (1970)."*Investment in Human Capital*", Wadsworth Pub. Co.].

No século 21, surge uma nova expressão, "activos humanos".

Isenções fiscais para a City, aulas nocturnas para os "activos de carteira".

Aulas nocturnas para uns... Quando indivíduos médios e PMEs são confrontados com os efeitos da globalização, é-lhes dito que têm de se adaptar a um mundo em transição, que assumam um espírito de sacrifício, e que vão tirar aulas nocturnas, *porque o mundo é complicado e competitivo*.

...isenções fiscais e regulatórias para outros. Quando os especuladores encontram dificuldades, é-lhes dado estatutos de isenção fiscal, subsídios, mudanças de regras e regulações, etc.

Competição, violência, precariedade.

Só os mais aptos vencem. O local de trabalho darwinista, onde só os mais aptos vencem.

Mais tempo de trabalho, menos compensação.

DIE BANK (1912) – Monopólios e PPPs nunca beneficiam público, ou estado.

Die Bank fala sobre monopólios e PPPs.

“PPP: monopólio eléctrico entregue a “monopólio privado controlado pelo estado’”.

“Monopólios nunca procuram, ou conseguem, beneficiar consumidor”.

“Nem entregar ao estado parte dos lucros”.

“Apenas facilitam recuperação de indústrias privadas às custas do estado”.

«*…the electricity monopoly… will also have to be handed over to a 'private monopoly controlled by the state,'… It is time our state socialists, who allow themselves to be blinded by a beautiful principle, understood, at last, that in Germany the monopolies have never pursued the aim, nor have they had the result, of benefiting the consumer, or even of handing over to the state part of the promoter's profits; they have served only to facilitate at the expense of the state, the recovery of private industries which were on the verge of bankruptcy*», Die Bank, 1912, cit. in Vladimir Illyich Lenin (1916), “Imperialism, The Highest Stage of Capitalism”.

Ditesco Mori: Roma Imperial

ROMA – Técnicas imperiais – Fase de desmantelamento e feudalização.

Guerra e comércio – Marte e Mercúrio caminham de mãos dadas. O império foi conquistado militarmente, nalguns casos, e por subversão e guerra económica, noutros. Era mantido através de pressões económicas e de assimilação e estandardização cultural – Guerra, comércio e cultura. Marte, o deus da guerra, caminhava de mãos dadas com Mercúrio, o deus do comércio e do saque.

Concentração da população em centros de trabalho escravo. Milhões de seres humanos foram retirados das suas aldeias, exportados, e submetidos a escravatura nos centros de produção romanos: pedreiras, minas, quintas gigantes.

Vias de comunicação como armas. Há 2000 anos atrás, todos os caminhos iam dar a Roma. Estradas: milhares de quilómetros de estradas ligavam Roma aos seus domínios imperiais, e eram o maior testemunho da marcha do Império pelo mundo conhecido. Ligavam os centros de produção entre si, e permitiam o fluxo rápido de tropas, mercadorias e escravos.

Subdesenvolvimento e dependência económica. Uma arma essencial era a recessão; manter os territórios do Império controlados através de dívida permanente e escassez artificial. Se um território fosse sempre mantido sob a ameaça do colapso económico, teria muito mais dificuldades em revoltar-se.

Propaganda e guerra psicológica, fora e em casa.

Em casa, "pane et circensis". Mas estes princípios também eram aplicados em casa. A população romana era mantida dividida, violenta, distraída. Mesmo nas piores épocas económicas, os engenheiros sociais certificavam-se que havia sempre pão e circo. A máquina de propaganda imperial também era imbatível – Roma ia civilizar os bárbaros, etc.

Fora, guerra cultural e psicológica – dividire regnere. Roma conquistou todo o mundo conhecido porque os seus especialistas percebiam que o campo de batalha não era apenas físico; era também cultural e psicológico. Roma celebrizou o ditado 'dividir para reinar'. Roma especializou-se em em guerra psicológica e cultural. Incentivava lutas internas, guerras civis – no final, podia aparecer vitoriosa, sobre as facções desfeitas. Noutras ocasiões, dividir para reinar significava controlar os líderes, ou colocar os seus próprios líderes à frente de um povo. Esse líder podia alegar ser o maior aliado dos romanos, enquanto fazia precisamente aquilo que o Império queria.

Desmantelamento, feudalização, saque interno.

Um império é um veículo temporário.

Liquidação e saque interno. Depois de atingir o seu apogeu, o império entrou em liquidação. As fronteiras tinham sido definidas; a partir de agora, o saque seria interno.

A máquina burocrática e militar que antes tinha conquistado o mundo conhecido virava-se agora para dentro, e comia tudo à vista. O colapso do império foi um processo lento, que demorou mais de 200 anos. A classe média foi destruída, sob o peso dos impostos. Foi criada uma sociedade de duas classes.

Desmantelamento, privatização, mercenários. Tudo foi privatizado e desmantelado, até os exércitos. Vagas de mercenários góticos eram contratados para saquear territórios. Havia motins rurais e urbanos constantes.

Famílias ricas abandonam Roma e vão para Bizâncio. Quando o colapso estava consumado, as famílias mais ricas abandonaram Roma como se fosse um trapo velho e mudaram-se para a zona imperial do Oriente, que continuaria durante os 1000 anos como Império Bizantino.

O processo de desintegração lenta do Império Romano. O Império Romano desintegrou-se lentamente, resultado de mais de 3 séculos de corrupção endémica, guerras civis e políticas económicas medíocres, baseadas em limitação e redistribuição de riqueza, por oposição a geração de riqueza. O mundo em redor era caótico. As velhas cidades romanas colapsavam. O território estava a saque por hordas bárbaras, que estabeleciam os seus próprios feudos e reinos independentes. Esse padrão tinha começado pelo menos dois séculos antes, com as guerras intermináveis da aristocracia imperial. Generais viravam-se contra generais, facções contra facções, regiões contra regiões, cidades contra cidades, num padrão interminável de confrontações e guerras civis, ocasionalmente intercaladas com choques com grupos e impérios estrangeiros. Nesse contexto de conflito endémico que marca os últimos 2/3 séculos de império, a pobreza, a fome, a doença e a brutalidade começaram a tornar-se padrões comuns. As próprias legiões tinham-se tornado forças de saque e feudalização interna. Com o tempo, começaram a ser reforçadas nesses exercícios por unidades mercenárias contratadas no exterior; mais notavelmente, as unidades germânicas de *foederatii*. Perto do final, as tradicionais legiões já tinham sido substituídas por exércitos semi-caóticos e por mercenários internacionais. Ao mesmo tempo, os exércitos de Roma eram cada vez mais as forças privadas deste ou daquele senador, desta ou daquela facção oligárquica; e eram usados para saquear cidades romanas, destruir território adversário e por aí fora. Este estado de caos abre as fronteiras do Império a vagas crescentes de migrantes germânicos, em busca de melhores oportunidades de vida; e em fuga de hordas ostrogóticas e, mais tarde, hunas. O influxo destas massas desapoderadas veio complicar ainda mais as coisas num Império já de si em colapso e veio agravar o alastrar da pobreza e da violência. Quando o jovem Augustulo é demovido por Odoacro, o antigo Império já era um território retalhado de reinos, feudos, principados. As antigas rotas comerciais desapareciam e, com elas, desapareciam também os antigos standards de civilização. Os velhos edifícios greco-romanos começaram a ser desmantelados para serem usados na construção de bairros de lata improvisados. A fome e a peste generalizaram-se. Algumas zonas perderam toda a população; outras foram reduzidas a fracções. Passado 3/4 gerações, a população total do antigo território imperial tinha sido reduzida, de acordo com as estimativas *mais conservadoras*, para metade. Os padrões de caos, divisão e emiseração que Roma tinha exportado para terras distantes durante séculos tinha voltado a casa. A Idade das Trevas tinha começado.

Ditesco mori

Rejeição de desenvolvimento global.

Até anos 70, globalização era alicerçada em desenvolvimento. Até aos anos 70, houve pelo menos a pretensão de estimular o crescimento de estados-nação liberal-democráticos, com desenvolvimento económico e mercado livre.

Estado-nação soberano – Liberal-democracia – Desenvolvimento económico.

Capitalismo de classe média – Proteccionismo.

Deslocalizações, privatização e especulação – "Ditesco mori".

"Ditesco Mori – I enrich myself with death".

Controlo oligárquico constrói-se com "contracção e convergência". O controlo oligárquico sobre a economia (neste caso, global) não se constrói com crescimento real.

Desde anos 70 que capital financeiro procura retorno de crescimento negativo. Desde os anos 70 que o capital não procurou crescimento através do aumento de produção, mas sim pela extracção de retornos cada vez maiores a partir de níveis de produção relativamente estáveis ou até diminuídos: os lucros são procurados por meio de outsourcing, privatização, especulação.

(1) Privatização em massa e PPPs. Transfere para privados os fluxos de receita que iriam para tesouros nacionais.

(2) Especulação sobre câmbios e derivativos. Criar a ilusão de riqueza e prosperidade a partir da mera troca de papel.

(3) Deslocalização e outsourcing de capacidades produtivas.

Máscaras temporárias para desmantelamento de capacidade produtiva. Todos estes factores permitiram ocultar temporariamente o estado de destituição económica em que o mundo ocidental estava a ser colocado. Mas os resultados tornar-se-ão progressivamente mais evidentes na depressão global que, agora, entra.

GATT, OMC – Globalização, o processo de aquisição hostil do mundo.

Fachada de RP não esconde realidade da aquisição hostil. Por detrás da miserável fachada de RP, que nos fala de construção e harmonia, músicas do mundo, reside a face

real e parasítica – um processo de aquisição hostil do mundo, e de todos os recursos e de todas as pessoas nele.

Aquisição hostil do mundo e de todos os recursos nele – incluíndo genes. Incluíndo recursos humanos, a vida das pessoas, em todos os sentidos, até genético.

Mercado mundial governado por consórcios globais em aliança com reguladores. O sistema de mercado livre já foi completamente abandonado. A economia mundial é controlada por monopólios e cartéis não-competitivos que alicerçam o seu poder nas parcerias com os governos nacionais, com estas agências globais a servirem de facilitadoras para o processo.

Controlo global de um pequeno cartel de predadores financeiros. Mega-bancos, hedge funds e corporações, pelo mundo fora – os tubarões das águas financeiras.

Mecanismo GATT/OMC promove aquisição hostil, consolidação, centralização. O processo GATT foi o instrumento preferencial e sistemático por meio do qual foi expandido o controlo global deste pequeno cartel dominante.

Do colapso de 2008 ao Global New Deal

Colapso de 2008.

Cronologia parcial do colapso de 2008, e processo subsequente.

Colapso da AIG.

Bailout à AIG, para pagar dívidas CDS. Quebra e a bailout da AIG, com o dinheiro a ser investido nos CDS venenosos detidos pela companhia, de modo a ser pago aos credores destes derivativos, como a Goldman Sachs. No caso da GS, a AIG dá-lhe cerca de $8 biliões do dinheiro das bailouts.

Após a quebra da AIG, os dominós iniciais começam a cair.

Bear Sterns, Washington Mutual e Merryll Lynch, absorvidos. Absorção da Bear Sterns e da Washington Mutual pelo JP Morgan Chase, e da Merryll Lynch pelo Bank of America.

Colapso da Lehman Brothers gera efeito dominó na finança internacional. A Lehman Brothers entra em falência no dia anterior à bailout da AIG, provocando uma onda de choque pelo mundo fora, especialmente na Europa. O falhanço do banco criou um efeito de dominó entre outros bancos internacionais.

Quebras sistémicas – Cortes na cedência de crédito.

Campanhas de bailouts e estímulos.

G20 Londres – Global bailout da alta finança, governância global. O G20 Londres consagra interdependência financeira global, subsidiação da alta finança à escala mundial, e governância internacional para gerir o sistema.

Global New Deal – Globalização financeira, governância global FMI.

O colapso de 2008.

Colapsos nos EUA – AIG, Lehman, Bear Sterns, WM, Merryll Lynch. Bear Sterns, Washington Mutual (absorvidas pelo JP Morgan Chase), Merryll Lynch (absorvida pelo Bank of America), Lehman Brothers (colapsa), AIG (salva pelo Tesouro).

Colapso da Lehman Brothers gera efeito dominó na finança internacional. A Lehman Brothers entra em falência no dia anterior à bailout da AIG, provocando uma onda de

choque pelo mundo fora, especialmente na Europa. O falhanço do banco criou um efeito de dominó entre outros bancos internacionais.

Quebras sistémicas, seguidas de cortes imediatos na cedência de crédito.

Bailouts e estímulos.

Fundos ilimitados, sob poderes de emergência.

Fundos ilimitados, secretismo, responsabilização zero, sob poderes de emergência.

TARP – Paulson exige $750B, poderes de emergência. Henry Paulson exige 750B USD, controlo absoluto sobre o processo, poderes de emergência para agir imediatamente, secretismo total, responsabilização nula.

Sucessão interminável de injecções de crédito público, pelo mundo fora. Isto começa um processo de "bailouts unlimited". Pelo mundo inteiro, as injecções de capital foram feitas sob estatutos de emergência financeira, com secretismo, controlo executivo dos processos, nenhuma responsabilização.

Subsídios selectivos a "too big to fail" e multinacionais.

Injecções subsidiam selectivamente megabancos e multinacionais. A essência do processo consistiu em subsidiar os "too big to fail", os megabancos (que movimentavam mais de 90% do mercado de derivativos, entre bancos) e as suas multinacionais, à custa de todos os outros.

Processo opacos e não controlados – Bankstergate. As bailouts e os estímulos foram atribuídos a firmas selectas, em processos opacos e não-controlados, como no caso do Bankstergate, que protagonizou a Fed e os mega-bancos de Wall Street, e seus congéneres europeus. Neste caso, a Fed recusou-se a divulgar quais os bancos que tinham recebido estas "ajudas".

Aquisições e absorções.

Aquisições por meio de crédito público.

Bear Sterns, Washington Mutual e Merryll Lynch, absorvidos. Absorção da Bear Sterns e da Washington Mutual pelo JP Morgan Chase, e da Merryll Lynch pelo Bank of America.

Bancos e seguradoras mais pequenos, falidos ou absorvidos. Outro alvo destes programas foram os bancos mais pequenos, muitos dos quais tinham boas práticas e não estavam envolvidos em esquemas criminosos, apesar de serem forçados a estar investidos no sistema financeiro maior. Foram punidos pelas suas boas práticas, já que no mundo ao contrário, todo o dinheiro foi para as entidades criminosas, os "bancos sistemicamente importantes", "too big to fail".

Distribuição offshore de capitais.

Internacionalização de bailouts e estímulos. Um dos resultados imediatos foi a transferência de capital para aplicações offshore, como por exemplo, a paraísos fiscais e a bancos sediados noutros países. Ou seja, dar a um banco num país para o dinheiro ir ajudar ramos noutros países.

TARPLEY – US bailout financia contrapartes europeias da Goldman Sachs.

(***WT & GC – 53:37***) Bancos estrangeiros: Societe Generale, 10 billion. Deutsche Bank, 12 billions. Barclays Bank, 10 billion. Portanto, quase 50 biliões para bancos estrangeiros que eram contrapartes de derivativos da AIG, e da Goldman Sachs.

Os megabancos deveriam ter sido liquidados, os banqueiros presos.

Um jogo fraudulento e virtual que, como tal, pode e tem de ser cancelado.

TARPLEY – "Zombie banks should have been seized – Triage the derivatives".

(***WT – FOTR, 49:35***) O que deveria ter acontecido é que estes bancos comerciais e de investimento deveriam ter sido seized. Estes são zombie banks. Estas são instituições zombie. Insolventes, na bancarrota. Deveriam ter sido colocadas em processos de bancarrota e liquidação. E, acima de tudo, faça-se a triagem aos derivativos nos livros deles. Não há maneira de resolver um buraco negro de 1.5 quadriliões de dólares em derivativos.

TARPLEY – "Bankers should have gone to jail, or bankruptcy, but were bailed out".

"That is the fascist corporate state represented by Obama".

(***WT – 48:55***) The zombie bankers would have gone to jail, or into bankruptcy, had they not been bailed out with billions of dollars of public money – that is the fascist corporate state – that's what Obama represents.

Em vez disso... bónus para executivos bancários.

Para pagar um trabalho bem feito, aos arquitectos da crise. E é claro, algum do dinheiro foi para pagar um trabalho bem feito, na forma de biliões de dólares em bónus aos engenheiros da crise, os executivos bancários.

Bailouts e estímulos são injecções financeiras em derivativos.

Da LCTM à AIG – Confirmação – Estrutura de apostas derivativas é sempre salva. A tendência que se tinha vindo a consolidar desde os anos 90: nos momentos de contração, a estrutura de apostas derivativas é preservada pela injecção de dinheiro dos contribuintes. Em 2008, essa tendência começa por ser confirmada com a AIG, que usa o dinheiro recebido para pagar as suas dívidas CDS.

Bailouts, estímulos – Investimentos em derivativos, garantidos pelos contribuintes.

Recapitalizações, investimento em activos tóxicos. Na generalidade dos casos, o dinheiro das bailouts e dos estímulos foi usado para comprar participações financeiras a preços exagerados (recapitalizações) e activos tóxicos das firmas financeiras.

Injecções incondicionais de crédito público para garantir estrutura de derivativos. A essência das bailouts: adquirir dívida tóxica, derivativos, no buraco negro, sob a capa de recuperar a economia. Isto são apenas injecções formidáveis de capital para manter estes esquemas em pirâmide à tona. São garantias e créditos públicos, incondicional e livremente atribuídos aos bancos.

Resolução zero – Buraco negro de derivativos é alimentado e expandido. Tudo o que fazem é alimentar e fazer crescer um grande buraco negro de nada, e assegurar que arrasta tudo o resto consigo.

Contribuintes assumem dívidas da Goldman Sachs e do Credit Suisse. As injecções de capital permitiram a transferência de dívidas bancárias para estado e contribuintes. Estas garantias e créditos públicos não resolvem nem melhoram nada, mas colocam cada homem, mulher e criança em cada país na posição de fiadores e devedores, para pagar todo este dinheiro conjurado a partir do ar. A partir de agora, já não é a Goldman Sachs que deve triliões em dívidas – são os contribuintes do mundo interdependente.

Cheques em branco – Acesso ilimitado a garantias e a linhas públicas de crédito. Sob estatutos de emergência financeira, os bancos e as suas multinacionais passaram a ter acesso ilimitado a créditos e garantias do domínio público – dos bancos centrais e de outras linhas públicas de crédito, garantidas pelos contribuintes.

EUA – $23.7 triliões. Só nos EUA, em Fevereiro de 2009, os contribuintes americanos já estavam empenhados em 9.7 triliões de dólares. Mais tarde, este valor ascenderia para $23.7 triliões, sob créditos e garantias, e continua a crescer.

Dívida pública unlimited.

Orçamentos nacionais já estavam esgotados, sem reservas disponíveis para injecções. Os orçamentos nacionais já estavam esticados até ao extremo, e certamente não tinham reservas disponíveis para as bailouts.

Estados endividam-se para atribuir pacotes de estímulos. A transferência de dinheiros públicos para os bancos, com as bailouts, foi rapidamente complementada com os pacotes de estímulo financeiro, à base de biliões, emprestados pelos bancos centrais dos EUA e Europa aos respectivos estados, bem como pelos próprios bancos privados.

Injecções de capital investem totalmente os estados em derivativos. Os programas de bailout e estímulos investem os estados da forma mais completa, no buraco negro dos derivativos.

Enormes défices públicos como resultado das bailouts. É deste modo que foram criados níveis inauditos de dívida, consagrados como bens de endividamento estatal, com estas bailouts e estímulos de 2008-2012.

Sob injecções de capital, estado-nação é colocado sob dívida perpétua. Através das bailouts, os governos ocidentais entregaram as suas nações aos bancos, e colocaram-nas em dívida perpétua aos banqueiros; e a relação deveria ser ao contrário.

Banqueiros passam a ditar orçamentos nacionais. Com os governos em dívida profunda, os banqueiros têm a capacidade de ditar os termos dos orçamentos nacionais, como condição para manter as linhas de crédito abertas. Dizem o que pode, e o que não pode ser financiado.

Socializar as perdas, privatizar os ganhos.

Socializar riscos e perdas, privatizar lucros e mais-valias. O que foi feito foi a socialização dos riscos e a privatização dos lucros e as mais-valias.

Enquanto população perde tudo, governos recapitalizam veneno. Enquanto as suas populações estavam a perder casas e empregos, os governos estavam demasiado ocupados a usar o crédito público para recapitalizar estas instituições venenosas.

Institucionaliza tendência de décadas para domínio da alta finança sobre estados. As bailouts, estímulos e a depressão global resultante, apenas vieram institucionalizar e consolidar uma tendência política que tinha vindo a crescer durante décadas: o total e completo domínio do capital financeiro sobre a sociedade humana. Consolidar, centralizar, colocar toda a sociedade sob o domínio deste cartel, é o que está a acontecer.

Enquanto isso, Soros canta vitória – "I'm having a very good crisis".

Soros fala em nome de todos os necrófagos. E Soros estava apenas a falar em nome dos necrófagos e vampiros de Wall Street e da City, neste ponto.

Pressão e chantagem.

Pressão e chantagem (1) – Shorting, destruição de confiança.

Destruição de confiança, ataques de shorting. Quando querem exigir mais e mais dinheiro recorrem a ameaças e chantagem, destruíndo confiança nos mercados (algo que regra geral é anátema, para esta classe) e atacando directamente nações.

Os banqueiros comportam-se como crianças mimadas, bullies e terroristas. Quando se cede às exigências de um bully, ele apenas vai escalá-las.

Usam a fórmula do fascismo – pânico, acção colectiva imediata. Ao mesmo tempo, é usada a fórmula fascista, com a criação de pânico constante, antes de cada fórum ou tratado de integração económica: colapso e crise se não houver *acção colectiva imediata*. Todos no mesmo barco, temos todos de remar para o mesmo lado, acção agora.

Pressão e chantagem (2) – Bailouts, o maior bluff da era moderna.

Poker e roleta russa. As bailouts consistiram apenas em bluff em larga escala, no grande jogo de poker que é a vida financeira moderna.

Apontar uma arma à cabeça dos contribuintes e forçá-los a pagar pelo jogo. Tudo isto foi essencialmente o mesmo que apontar uma arma à cabeça dos contribuintes de todo o mundo, num jogo de roleta russa, e forçá-los a pagar pelo “privilégio” de jogarem este jogo.

Pressão e chantagem (3) – TARP.

A tónica, chantagem sobre legisladores – “Sem bailouts, Grande Depressão global”. Ou seja, foi feita chantagem sobre os legisladores: inacção não era uma opção, o colapso do sistema bancário americano estava iminente e arrastaria consigo o sistema monetário global, empurrando as economias do mundo para uma segunda Grande Depressão.

1º chumbo do TARP leva a piores percas da história. Quando o TARP foi chumbado da primeira vez, o mercado teve as suas piores percas de 1 dia em toda a história – e a lei acabou por ser passada.

Bancos – "Uma nova Grande Depressão, se o TARP não for aprovado". Foi dito pelos bancos que o mundo entraria numa nova Grande Depressão, se os estados não aceitassem dar-lhes dinheiro, cumprir as suas exigências, destruíndo ainda mais a confiança.

Paulson – Exige TARP, sob ameaças de caos e lei marcial. Imediatamente após a bailout da AIG, Paulson exige a passagem do TARP (Troubled Asset Relief Program) e faz as suas ameaças de caos económico e lei marcial.

Bush – "Caos e uma nova Grande Depressão". Bush (com o seu discurso) ameaça uma nova depressão, e caos, caso o programa não seja passado.

SHERMAN – "Paulsen threatens martial law on bailout bill".

brad sherman – martial law threat on bailout bill (***OD, 1:11:40***)

BOYLE – Congresso ameaçado com lei marcial – Democracia perto de estado policial.

(***FB – 48:15***) Temos pessoas no governo a ameaçar lei marcial e coisas deste género para verem as suas vontades cumpridas, o ramo executivo a usar isto para ameaçar o Congresso. Se pusermos estes sinais juntos, não tem um bom aspecto. Apesar de ainda sermos uma democracia, estamos a um passo de nos tornarmos num estado policial.

Pressão e chantagem (4) – G20 de Londres.

Antes do G20 de Londres, mais ameaças e histerismo.

Lamy (OMC) – "Iminência do maior colapso do pós-guerra". Antes do G20, surgem as ameaças de Lamy e Strauss-Kahn. Lamy, o director da OMC, dizer que se estava na iminência do maior colapso financeiro do pós-guerra.

Strauss-Kahn (FMI) – "Governância global, ou uma nova Depressão global". Strauss-Kahn do FMI, por seu lado, vociferou que haveria uma nova grande depressão global, mais destrutiva que a dos anos 30 (e seguida de guerra e caos social) no caso de não haver uma reforma alargada do sistema financeiro global.

Strauss-Kahn (FMI) – Instabilidade sócio-política, guerras civis. Dominique Strauss-Kahn: «*It is a recovery beset by tensions and strain, which could even sow the seeds of the next crisis (...) Global unemployment remains at record highs, with widening income inequality adding to social strains (...) We could see rising social and political instability within nations – even war*»

Uma recessão simultaneamente inflacionária e deflacionária.

Na economia real, contração de crédito, deflação, recessão.

Economia real sob crédito diminuto, elevadas taxas de juro. Por seu lado, a economia real foi colocada sob condições deflacionárias, com baixíssimos níveis de disponibilização de crédito e elevadas taxas de juro.

Bancos privados restringem severamente cedência de crédito à economia real. Também surgem restrições severas de crédito, por vezes até congelamento, com os bancos a conterem drasticamente actividades prestamistas. O pretexto é o de que o ambiente económico é demasiado instável e inseguro para que os bancos se arrisquem a investir nele com o ímpeto fulgurante que caracterizou décadas passadas.

Na economia pós-industrial, todos dependem do fluxo de crédito. Mas, na economia pervertida desenhada pelos bancos, toda a gente depende do fluxo contínuo de dívida, e é impossível uma normalização sem que esse crédito volte a ser estendido.

Sufoco de capital sobre economia real devasta indústria não-alinhada e PMEs. Com o capital a ser retirado da economia real, e o peso de garantias e crédito a sufocar a mesma, um dos resultados essenciais do processo é a destruição progressiva da pequena e média economia, PMEs.

Insolvência, falências, desemprego, quebra de preços em vários sectores. Insolvência, i.e., incapacidade de saldar dívidas.

Colete-de-forças sobre investimento produtivo.

"Be a franchise or die". Este é o grito selvático emitido pelas multinacionais, que tiveram no Machtergreifung financeiro uma chance inaudita para eliminação e aquisição de concorrência.

Nos mercados financeiros, Quantitative Easing.

QE, taxas de juro interbancárias próximas de 0%. Impressionante volume de emissão de divisas monetárias, com as taxas de juro interbancárias a aproximarem-se do zero.

1º mundo – QE financia défice, mercados especulativos. EUA, UE, UK e Japão estão a financiar os seus défices orçamentais através de seignoriage. Por outro lado, isto é dinheiro que está a circular nos mercados financeiros e nas contas dos fundos de investimento, a criar e a alimentar derivativos.

É isto que se chama "quantitative easing". Onde os bancos centrais compram IOUs nacionais para manter a estrutura financeira à tona.

Injecções são papel baseado em papel, num terminal informático. As injecções financeiras contínuas consistem em papel baseado em papel; são dinheiro-fantasma, criado num terminal informático de um banco central (Fed, BCE, etc), multiplicado até à exaustão.

Cenário de colapso – Europa arrasta o mundo.

Quebra gradual de economias consumidoras degrada economias produtoras.

[Cenário tentativo].

Quebra europeia arrasta Ásia, América Latina, África. A economia global continua a deteriorar-se, o sistema bancário na Europa de Leste colapsa e lança ondas de choque pela Europa Ocidental (os bancos europeus ocidentais dominam os bancos da europa de leste). A quebra no consumo na Europa Ocidental arrasa os países produtores da Ásia, da América Latina e de África.

EUA vêm a seguir.

Hiperinflação.

Estatuto do dólar torna os EUA propícios a hiperinflação.

Dólar só é preservável enquanto moeda de reserva global. Enquanto o dólar se mantiver em uso como moeda de troca, a actual estabilidade relativa da moeda continua.

O cenário de dumping em massa do dólar. Mas quando chegar o dia em que os estrangeiros largam o dólar, os EUA são atirados numa depressão incrivelmente pior que qualquer outra vista antes. Nesse dia, triliões de dólares localizados em países estrangeiros voltam rapidamente para as costas americanas, à medida que governos, empresas e bancos no estrangeiro tentam convertê-los em objectos de valor

(propriedade, fábricas, e outros tangíveis) o mais rapidamente possível, antes que percam todo o valor.

Torrente de dólares provoca inflação e, depois, hiperinflação. À medida que esta torrente de dólares puxar os preços para cima, vai surgir inflação e, mais cedo ou mais tarde, hiperinflação.

Ou seja, o défice nacional será só mais um efeito, não a causa. Quando isso acontecer, não será por causa do défice de balança, mas sim porque o défice de balança foi financiado apenas com dinheiro fiat. Não fora isso, o défice de balança nem sequer teria acontecido. É a causa e o combustível.

Quantitative easing gera desvalorização, aproxima sistema de hiperinflação.

Emissão em massa de crédito gera desvalorização. O aumento contínuo da liquidez do mercado financeiro é uma bomba relógio à espera de explodir, num festival de desvalorização e inflação.

Aumento de liquidez financeira, um aumento da dívida governamental em circulação. Este aumento de liquidez nos mercados financeiros é também um aumento exponencial da quantidade de dívida em circulação.

Dinheiro vindo do nada, que não produz nada.

Desvalorização progressiva das moedas. O que já está a acontecer é a desvalorização progressiva das moedas.

Paralelo com Weimar, anos 20. Quando este método é usado para pagar dívidas especulativas, e para manter o circuito da especulação a funcionar (sem produzir nada de valor na economia), estamos num paralelo directo com o que se passou na Alemanha de Weimar.

Aproxima sistema de hiperinflação. Não se pode criar imenso dinheiro a partir do nada, que não produz nada, sem arriscar hiperinflação e a destruição da economia mundial.

"Global Bankers Have Unleashed Inflationary Holocaust" e outros artigos. [Dollar Will be Utterly Destroyed – Strategist; Hennecke - Trillion Dollar Bailouts Will Lead To Destruction Of Western Currencies; Rogers - Global Bankers Have Unleashed Inflationary Holocaust; Europe on the brink of currency crisis meltdown; European bank bail-out could push EU into crisis; The Weimar Hyperinflation, Could it Happen Again]

“Global New Deal”.

G20 de Londres lança bases para o “global new deal”.

G20 assume postura de governância global. A internacionalização das bailouts já reflectia per se um sistema globalista – o próximo passo seria a concertação ao nível G20, com este corpo a assumir postura de governância global.

(1) Subsidiação ilimitada à alta finança.

(2) Redistribuição global de capitais.

(3) Estrutura de governância financeira global.

Subsidiação ilimitada à alta finança.

[(1) Financiar derivativos].

Consagra princípio de que todas as economias devem subsidiar mercados financeiros. O G20 assume-se como um corpo de governância mundial, e consagra, sob emergência financeira, o princípio de que todas as economias devem subsidiar os mercados financeiros.

Alta finança está acima de tudo o resto, no mundo interdependente.

Todos os habitantes no planeta como fiadores perpétuos para pirâmide de derivativos. Ou seja: cada homem, mulher e criança no planeta é colocada como fiadora perpétua para a pirâmide global de derivativos.

Consagração de dívida sistémica global, à alta finança. A maior vitória desta classe é a consagração do princípio de dívida sistémica, em que o planeta inteira fica enterrado sob pilhas desta dívida cancerosa e destrutiva, ainda mais dependente dos bancos.

Estados comprometem-se a financiar banca, sob protocolos de ajuda e emergência. Todos os estados-nação se comprometem a conformar-se a regulações globais que implicam cheques em branco contínuos à banca, sob protocolos de ajuda e emergência financeira.

Este é o cheque em branco máximo.

Subsidiação ilimitada à alta finança (2) – “IMF says good life is over”.

Ex – OCDE e FMI, FEM, exigem taxação e colapso, em nome de bancos. Neste cenário, FMI, OCDE, FEM e outros surgem a exigir rebalaceamento de dívidas,

recapitalização de instituições financeiras, e tudo o resto que personagens desta categoria exigem, bem como o aumento de impostos para financiar todo este fluxo de promessas e garantias.

“IMF says good life is over”.

Redistribuição global de capitais.

[(2) Motor global de transferência de capitais].

Sistema de redistribuição adoptado pelo G20.

Derivativos alimentados → Economia colapsada → Riqueza extraída offshore. Alimentação dos derivativos, enquanto economia é colapsada e riqueza é transferida para offshore. O propósito essencial das injecções de capital é o de alimentar as pirâmides de derivativos e permitir a extracção gradual, mas segura, de capital; enquanto o colapso gradual e orwelliano se arrasta.

Transferência de capitais, do 1º mundo para outras regiões do planeta. Transferência intensificada de capital, do 1º mundo para outras zonas do planeta; isto não significam pessoas necessitadas.

Por ex. – “Subsidiação inter-estatal a projectos no 3º mundo”.

Projectos, bancos, multinacionais, fundações, ONGs. Com acesso a fundos ilimitados, suportados pelo crédito público, os consórcios vitoriosos nos programas de bailout e estímulo podem agora fazer transferir massas gigantescas de capital pelo mundo fora, realocando-as para os seus próprios projectos, multinacionais, e fundações.

Outras vezes – Pagar dívidas nacionais, em vez de produção. Modo como 'ajuda externa' actual, 'solidariedade financeira', serve para pagar dívidas nacionais, e não para qualquer tipo de fim produtivo.

I.e., desmantelar 1º mundo, redistribuir riqueza por entidades multinacionais. Ou seja, é o desmantelamento selvático e impiedoso de tudo o que reste e que tenha algum valor, roubar todo o capital e redistribuí-lo por estas entidades multinacionais.

Redistribuição global de capitais (2) – Barkey em Berlim.

“O grande cenário de cooperação” de Barkey. É isto que significa o grande cenário de cooperação mencionado por Barkey no seu discurso de Berlim.

EUA e Europa são fiadores de últimas fases de expansão corporativa global. Os EUA e a Europa, nesta ideia, têm de ser os que mais se empenham, no sentido literal de serem

fiadores. "*Americans and Europeans alike have to do more, not less…partnership and cooperation among nations are not a choice, they are the only way*".

OBAMA – "Partnership is not a choice, there's no other way".

obama – discurso em berlim (1:21:23) (americanos e europeus terão de fazer mais, não menos; parceria e cooperação entre nações não é uma escolha; é a única via)

Governância financeira global (1) – As campanhas de histeria histriónica.

"A única salvação possível" – Uma nova ordem económica global. Dentro das campanhas de histeria e chantagem histriónica que têm caracterizado a vida financeira e política desde 2008, surge a cereja no topo do bolo, com os banqueiros a encetarem o seu plano para governo global. Oferecem a solução, a 'única salvação possível', aqui a que chamam uma 'nova ordem económica global'.

"Nova arquitectura financeira mundial", "Global New Deal". Começam a repetir-se apelos para uma "nova ordem mundial", uma "nova arquitectura financeira mundial", "controlo supranacional", um "New Deal" para o mundo.

LAMY (OMC) – "Global crisis accelerates new architecture of global governance". O Director-Geral da OMC, Pascal Lamy, disse num discurso publicado pela OMC no dia 9 de Novembro de 2009 que, «*The global economic crisis we are witnessing has accelerated the move towards a new architecture of global governance*».

Governância financeira global (2) – Ditadura financeira global, sob FMI.

FMI como banco central mundial, epicentro de um Anschluss global. Dentro deste esquema, o FMI passa a assumir-se como uma espécie de banco central dos bancos centrais, regulador da economia global, o centro de uma ditadura financeira global.

Constituição financeira global.

Emissão de nova unidade de reserva – SDRs. Os SDRs surgem como algo cada vez mais perto do bancor, de Keynes, um "*basket of currencies*" e ou outros valores (por ex., comodidades), uma moeda global.

Estabelecimento e coordenação de taxas de juro.

Poderes de intervenção generalizados a todos os países. Assumindo poderes de intervenção generalizados a todos os países, policiando contas públicas de todos os estados do mundo, controlando o pagamento de dívidas.

Governância financeira global (3) – Gordon Brown, "…a new world is emerging".

Gordon Brown, no G20 de Londres.

“A new world, biggest restructuring ever”. Gordon Brown, no G20 em Londres afirma que “*a new world is emerging*”, que esta é a “*biggest restructuring of world order ever*”.

“G20 leading world – World constitution for global financial system – IMF SDRs”. Diz também que G20 está a conduzir o mundo, na gestão do processo de globalização, que o IMF tem de ser empoderado através da emissão de SDRs e outros, e que é precisa uma “*world constitution for the global financial system*”.

“The countries that will succeed”. Lista os vários atributos politicamente correctos.

“All continents to make cash injections to boost economies”.

“Universal banking reforms, changes to international bodies”. «*It would require all continents to make cash injections to boost economies, all countries to adopt green policies, universal banking reforms and changes to international bodies, he suggested*»

Artigo. Sky News - Global Governance deal requires ‘all continents’ and ‘all countries’ to conform.

“Global new deal”, o Machtergreifung global da alta finança.

O G20 de Londres é o Machtergreifung dos banqueiros. Se a crise em Wall Street tinha sido o incêndio do Reichstag, então o G20 de Londres foi realmente o momento da tomada do poder, o Machtergreifung, onde os banqueiros adquirem poder ilimitado para aceder às contas públicas do mundo.

Atribuição de poder directo à oligarquia, através do seu veículo, o FMI. Por outras palavras, o que acontece é o fim definitivo da soberania nacional, dando poderes directos à oligarquia financeira mundial através do seu veículo de acção, o FMI.

Fim de estado-nação – Transição para poder privado transnacional. “Global New Deal” representa o fim do estado-nação e a criação de uma estrutura de controlo global. Um golpe decisivo é infligido à soberania do estado nação, e isso é seguido de uma transição para um sistema de poder privado por parte de elites transnacionais.

DotCom, Derivativos, Hipotecas

A máquina de comer volta ao ocidente.

Economias ocidentais serviram de base para globalização. Durante décadas, as economias ocidentais foram a base fiscal para esta tomada de poder, e o dólar foi a moeda de reserva para este exercício.

Agora, a máquina volta a casa.

Pum and Dump – DotCom Bubble.

Virtualidades inflacionadas nos mercados e nos média. Foi um excelente exemplo de pump and dump. Companhias sem qualquer tipo de valor são classificadas como sendo de 1ª qualidade, colocadas em IPOs, propaladas nos media, e vendidas em público por milhões, depois de os seus valores serem inflacionados através de manipulação especulativa (laddering, spinning). Era como se os bancos estivessem a atar fitas decorativas à volta de melões, a atirá-los do 50º andar, e a abrir as linhas para aceitar ofertas. Neste jogo, só se ganhava dinheiro quando se saía do jogo antes do melão acertar no chão.

Desregulação permite venda de maus activos. Isto foi permitido por mudanças no ambiente regulatório. Tudo passou a ser possível, e portanto, deixou de haver critérios reais em relação a que companhias eram válidas, ou não, para venda nos mercados.

Perdas de triliões de dólares. A distorção e inflação dos preços foi tão destrutiva que, no final, as perdas foram de $5 triliões, apenas no NASDAQ. Os bancos responsáveis pela manipulação do mercado, como no caso da Goldman Sachs, apenas receberam multas simbólicas.

A DotCom foi apenas um ensaio para as maiores bolhas de derivativos. A DotCom era apenas uma demonstração, uma test drive, do que vinha por aí.

[Anos 70s] Inflação e desregulação, como nos anos 20.

Desregulação e emissão ininterrupta de dólares, estabelecem cenário para 2006.

Fed reencena papel dos anos 20 – emissão descontrolada a baixas taxas. Durante todo o processo de fluxo que perdura desde os anos 70, com o início da desindustrialização do ocidente e com o

uso do dólar como moeda fiat global, a Fed reencenou o papel que tinha tido durante os anos 20. Ou seja, emitiu toneladas de papel a baixas taxas de juro e de desconto.

Desregulação – Abolição do Glass-Steagall abre portas a especulação desenfreada.

Glass-Steagall separa banca comercial de investimento, impede apostas derivativas. O Glass-Steagall Act reflectia o conflito essencial entre banca de investimento – apostada na aquisição de propriedade – e banca comercial – que lidava com depósitos e empréstimos. Deste modo, impedia que houvesse uma fusão entre ambas; ou seja, que o mecanismo de criação de empréstimos fosse usado para fins de investimento, como acontece no caso de seguros ou apostas de futuros.

Abolição permite usar empréstimo de bens em depósito para apostar em futuros (CDOs) e securitizar apostas (CDSs). Passou a ser possível usar bens em depósito, e o mecanismo de emissão de empréstimos, para fazer apostas sobre desempenhos futuros (por ex., CDOs) e securitizar essas apostas (por ex., CDS).

Usar depósitos como reserva para investimento em especulação derivativa. Ou seja, repelir o Glass-Steagall permitiu aos financeiros usar capital em depósito como reserva para emitir quantidades ilimitadas de crédito para investimento em gigantescos esquemas especulativos, na forma de derivativos.

Lei abolida com o apoio de esquerda e direita. A lei foi abolida no Senado, com o apoio de democratas e republicanos.

TARPLEY – Glass-Steagall separa banca de investimento de banca comercial.

(**WB – FOTR 37:25**) A Glass-Steagall afirmava que existia um conflito claro entre a banca dedicada a empréstimos e a banca dedicada a propriedade – i.e., comercial vs de investimento – logo, separava estes dois tipos de banca. (**WT – FOTR 37:56**) Podia ser-se um banco comercial, ou uma casa de investimento, mas não ambas – à medida que os 90s se arrastam, as hienas de Wall Street exigiram que esta proibição fosse abolida.

TARPLEY – "Left and right mean nothing, are you working for people or Wall Street".

(**WT**) Esquerda e direita não significam nada. Está-se a trabalhar para Wall Street, ou está-se a tentar defender o povo contra os financeiros? (***multidões com aplausos para Obama***)

CELENTE – "Obama's change is to bring in Glass-Steagall dismantlers".

(**GC – OD-38:50**) About this Obama, with change – look at the people he's put in, to mastermind the economic recovery. Larry Summers, another brilliant one! He's the one who helped dismantle the glass-steagal. The banking act that was put in place in the 1930s, to prevent the banks from

becoming the banksters that they've become. (GC – OD-39:30) Another Glass-Steagal dismantler is Geithner, former chairman of the NY Fed, which is as federal as Federal Express. Wall Street has hijacked Washington in broad daylight.

Derivativos – VÍDEO.

TARPLEY – Tipos e volume de derivativos.

1.5 quadriliões de dólares a esmagar economia com depressão mundial.

Títulos tóxicos, fictícios, inflacionados, insolventes, faça-se a triagem.

CDS, SIV, CDO, MBS, etc.

(**WT – 58:00**) Temos agora 1.5 quadriliões de dólares em derivativos a esmagar a economia mundial, a causar a depressão mundial. Futures, options, indices, e especialmente OTC: CDS, SIV, CDO, MBS, e por aí fora. Derivativos desregulados destruíram a economia mundial mais do que qualquer outro factor financeiro.

(**WT – FOTR, 26:43**) Estes são os tais títulos sinistros tóxicos, os instrumentos financeiros complexos que eles mencionam, mas nunca nomeiam. São papel baseado em papel. They're CDS, CDO, MBS, ABS, SIV, ARS e por aí fora. [Futures, options, indices, e especialmente OTC: CDS, SIV, CDO, MBS, e por aí fora.] Uma imensa massa de papel especulativo, canceroso, fictício inflacionado em valor, impossível de pagar. Faça-se a triagem dos derivativos nos livros dos bancos. É impossível pagar 1.5 quadriliões de dólares em derivativos.

BLACK – CDS, exotic derivative, allow insane gambles, accounting fraud.

(**WB – FOTR, 40:50**) CDS are an exotic derivative – sold on a bright shining lie that they were supposed to make markets more efficient – in fact, they allow utterly insane gambles – They're really great devices for accounting fraud, as well.

TARPLEY – Derivativos são o centro da crise.

(**WT – OD, 1:13:50**) “derivatives are the center of the crisis”

TARPLEY – Bolha começa nos 90s – Fundadores reclamam ser agora salvadores.

Bolha de derivativos começa nos 90s.

Fed, Greenspan, pessoas que estão de volta na administração Obama.

Pessoas que reclamam ser as salvadoras da economia, os que criaram todas as crises importantes nos últimos 100 anos, a Reserva Federal.

(**WT – OD, 39:20**) In the 1990s, you had the beginning of the derivatives bubble, thanks to people like Alan Greenspan, Rubin, Summers, a lot of the people who are now back in the Obama administration and the derivatives I think are the center of the problem today.

(**WT – OD, 1:02:10**) ...now they [Fed] are the cause of the derivatives crisis, since they are the ones who inflicted derivatives on the world with Alan Greenspan.

(**WT – OD, 1:02:10 – OD-1:03:40**) E estas são as pessoas que reclamam ser as salvadoras da economia, as pessoas que criaram todas as crises importantes nos últimos 100 anos, a Reserva Federal. E agora são a causa da crise de derivativos, porque foram eles que infligiram derivativos ao mundo, com Alan Greenspan.

Derivativos.

Mundo exótico, esotérico e bastante ininteligível.

Valores fictícios – apostas especulativas – bolhas artificiais e insolventes. Um mundo no qual se fazem apostas especulativas sobre o valor (imaginário) de pacotes insanamente inflacionados de dívida. Bolhas artificiais de dívida que são impossíveis de pagar.

Valor zero, mas com níveis impensáveis de valorização. Logo ao início, a economia de derivativos permitia ganhos fantásticos (FOTR, 38:35 – gráfico), a partir de algo que não tinha qualquer tipo de valor, e era apenas mantido com especulação, ao contrário do que aconteceria, por exemplo, com acções (que se referem a bens reais). Valor zero, mas com níveis a 50x, 100x, 200x, o PIB.

Lucros – Especulação, taxas e comissões. Lucros obtidos a partir do inflacionamento destas bolhas, de comissões sobre serviços prestados, e dos pagamentos que são saldados sobre estas dívidas em cadeia.

Pacotes de dívida reservas para criação exponencial de dívida – Dívida em cadeia. Criação exponencial de dívida. Ao mesmo tempo, estes pacotes de dívida são usados para servir de reserva à criação de mais dívida. Ou seja, dívida em cadeia.

Volume – O céu é o limite – 4Q. Quando jogadores não-regulados podem apostar qualquer quantidade de dinheiro que queiram, e quando os mercados trabalham bem para si, o céu é o limite. Hoje em dia, esse limite é marcado em 4Q de USD.

Mundo de apostas e malfeitoria mascaradas de investimento AAA. Portanto, temos todo um mundo de apostas, especulação e malfeitoria, mascarados de investimento de alta qualidade e baixo risco.

Mercados financeiros perdem função legítima – transformados em casinos de alto risco. Os casinos vêm consagrar a transformação dos mercados financeiros em nada mais que casinos de alto nível de risco inundados por papel, casas de apostas, baseados em apostas sobre virtualidades e na criação exponencial de dívida. Em vez de cumprirem a sua real função, que é assegurar a troca honesta de bens legítimos.

Wall Street detinha 97% dos derivativos US (2006). Em meados de 2006, o Office of the Controller of the Currency anunciou que cerca de 97% dos derivativos US detidos por bancos eram detidos pelos cinco principais bancos – JP Morgan Chase, Citigroup, etc.

Collateralized Debt Obligations (CDOs).

Pacotes de "bens" financeiros, contendo todo e qualquer IOU. Pacote de "bens" financeiros, mais especificamente, obrigações de dívida. Podem consistir em qualquer obrigação deste género: referente a hipotecas, empréstimos financeiros, empréstimos automóveis, empréstimos industriais, dívidas nacionais, dívidas empresariais, empréstimos de cartão de crédito, ou até mesmo outros CDOs.

Alguns IOUs vão rentabilizar – risco distribuído – tranches de referência AAA. A ideia de investir nestes pacotes de lixo financeiro é a de que os devedores deverão pagar as suas dívidas e, à medida que o fizerem, o dinheiro fluirá para dentro da caixa. Mais especificamente: *alguns* devedores deverão pagar as suas dívidas. Se for suposto um CDO render €100 por mês, no seu pleno, e só entrarem €10, continua a entrar dinheiro, mesmo que faltem €90 – i.e., independentemente de quão insolventes forem as obrigações em causa, haverá sempre algum dinheiro a entrar. O que os inventores destes pacotes fizeram foi dividir cada pacote em grupos de investidores e pôr os €10 fiáveis no seu próprio nível, ou tranche, que fica como tranche de referência para o CDO. Depois convenceram agências de rating financeiro, como a Moody's ou a S&P a dar a essa tranche de topo classificações AAA – significando que o CDO, no seu todo, tinha zero riscos de crédito – ou seja, o risco estava distribuído e o CDO, "no todo, era saudável".

Ratings inflacionadas permitem rentabilizar tóxicos financeiros. A partir da atribuição de ratings inflacionadas a estes pacotes infernais de veneno pós-moderno, os bancos passaram a ter uma maneira de converter os seus piores bens em valores de investimentos de alta qualidade.

Investidores institucionais compram CDOs AAA em massa. O próximo passo foi vender estas colecções de lixo a investidores institucionais, como fundos de pensões, companhias de seguros, municipalidades, fundos estatais e outros, que são forçados pelos reguladores a manterem os seus portfolios de investimento o mais seguros que possível – isso significa, AAA. Ou seja, os investidores institucionais deram expressão de mercado aos CDOs.

Pacote tóxico insolvente → AAA → vender a um PPR → fazer apostas. Com isto, tornou-se possível fazer um empréstimo a um toxicodependente para comprar uma casa de $1M, depois rotular esse empréstimo como AAA e vendê-lo a um investidor (por ex., um trabalhador, com o seu PPR, ou uma família, com a sua conta a prazo familiar), fazer apostas sobre o resultado desse empréstimo, vender essas apostas e criar novas apostas, e por aí fora. Ou seja, puro jogo de casino. Quando uma pessoa coloca as suas poupanças de vida num PPR, mal sabe que o seu dinheiro está a ser investido em virtualidades sem qualquer valor – está a ser investido em apostas sobre uma montanha infinita de dívidas, contraídas por terceiros.

CDOs são reservas para criação de mais empréstimos, outros CDOs, e por aí fora. Estes CDOs podem depois ser usados como reservas para a criação de mais empréstimos, mais dinheiro; por sua vez, esses empréstimos podem ser depois empacotados para criar mais CDOs, e por aí fora.

CDOs, um esquema em pirâmide. De cada vez que um empréstimo é vendido, empacotado, securitizado e revendido, os bancos recolhem os seus próprios lucros de transacção, e os fundos que compram esses activos esperam vir a recolher lucros sobre os mesmos. Para o fazer, os bancos precisam da entrada contínua de mais dinheiro, e tiram dinheiro à conta A para pagar dívidas à conta B, e por aí fora, num gigantesco esquema em pirâmide.

Esquemas em pirâmide precisam da entrada contínua de mais dinheiro. Tudo o que é preciso haja sempre dinheiro a entrar, e empréstimos a serem feitos. Quando um desses dois factores falha, o esquema em pirâmide quebra.

Gerar explosão exponencial de endividamento, inter-bancário e junto da população. A partir do momento em que estes activos exóticos entraram em jogo, um dos objectivos do jogo passou a ser precisamente o de aumentar a oferta. Logo, um sistema financeiro que, na sua versão de relações públicas, seria destinado a minimizar os efeitos de endividamento de larga escala, expressa a sua real identidade como uma forma de tornar rentável uma explosão exponencial de endividamento, inter-bancário e junto da população.

O maior esquema em pirâmide de sempre (global) – Expansão de crédito. Este era o maior esquema em pirâmide de sempre, um no qual toda a economia global iria participar; e, para manter a pirâmide a crescer, havia que assegurar que a base da mesma era continuamente alimentada por meio de crédito fácil. Desta forma, começa a corrida para oferecer créditos fáceis sem cobertura, frequentemente a baixos juros, de modo a multiplicar e avolumar estes pacotes financeiros de nada.

Fed – Greenspan corta taxas e abre as portas a dilúvios de liquidez.

Desde 2001, Fed liberta uma tempestade de liquidez interna. Após o rebentar da DotCom, o pânico do Y2K e os ataque do 11 de Setembro, Greenspan cometeu a pior ofensa do seu reino monetário de terror de 20 anos: iniciou uma série de cortes nas taxas de juro, que trouxe a taxa de Fundos Federais a 1% em 2004 e deixou-a a esse nível por um ano.

Criação da bolha imobiliária, inflação dos derivativos. Isso criou deliberadamente a bolha imobiliária de 2004-2006, por ordem a incentivar artificialmente a economia americana após as percas financeiras do início do século. O excesso de liquidez libertado por Greenspan resultou na inflação do monstro dos derivativos, na criação da bolha imobiliária, e no colapso financeiro de 2008.

Boom de empréstimos predatórios – Cartões de crédito, subprime, etc. Começa o boom das agências de crédito, do empréstimo predatório e irresponsável, e os bancos começam a oferecer American Express' e Barclays Cards pelo correio. Nos EUA, a oferta de hipotecas subprime explode, com a atribuição de milhões de empréstimos hipotecários a indíviduos e famílias insolventes.

O buraco apocalíptico – empréstimos inter-bancários e estatais. Mas o principal buraco, o abismo dantesco do dia do julgamento, estava a ser aberto no campo dos empréstimos inter-bancários, com estas entidades a trocarem gigantescas massas desta matéria peganhenta e cancerosa, chamada CDOs. A situação iriam piorar em breve, com os seguros subprime, ou CDS.

Máquina global de criação de dinheiro, alicerçada em lixo financeiro. Deste modo, a criação de derivativos gerou nada menos que uma gigantesca máquina de criação de dinheiro, baseado em lixo, valorizado como um bem de primeira qualidade.

Credit Default Swaps (CDS).

Joe Cassano (AIG) e Blythe Masters (JP Morgan), a bruxa má do oeste londrino. Com a introdução dos CDO e similares, só faltava segurar o risco destes investimentos, e foi aqui que entraram as grandes seguradoras, com destaque para a AIG e Joe Cassano; porém, estes esquema foi inventado por Blythe Masters, a bruxa má do oeste londrino, na JP Morgan, anos 90.

O segurado aposta que o devedor vai falhar – O segurador aposta que não. Um CDS é apenas uma aposta num resultado. Suponhamos que o Banco A atribui um empréstimo de €1 milhão a um comprador. O Banco A quer limitar o seu risco, para o caso de o comprador não conseguir fazer os seus pagamentos mensais, portanto compra protecção CDS do Banco B, através da qual paga um premium de 1000 dólares ao mês durante 5 anos. Em troca, o Banco B compromete-se a pagar ao Banco A o milhão de euros, para o caso de haver falha de pagamento. Em teoria, os riscos do Banco ficam cobertos através deste mecanismo. Por outras palavras, um CDS é essencialmente uma aposta entre Banco A e Banco B: o Banco A (segurado) aposta que o devedor vai falhar no pagamento, e o Banco B (segurador) aposta que não.

"Protecção CDS" legitima ainda mais liquidez de mercado. Quando a JP Morgan apresentou este esquema, argumentou que, a partir do momento em que outro banco lhes comprasse CDS para os seus investimentos, estavam a segurá-los, e a eliminar o risco sobre os seus empréstimos. *Logo,*

deveriam poder emprestar ainda mais dinheiro, sem reservas para o cobrir. A ideia foi aceite, e a prática tornou-se generalizada. Isto aumentou drasticamente a capacidade dos bancos de libertar liquidez para o mercado, deste modo aumentando a capacidade de empréstimo dos mesmos.

CDS são seguros inteiramente insolventes, sem cobertura possível. O que as agências seguradoras que entraram neste mercado, como a AIG, fizeram, foi vender biliões de dólares em CDS, sem ter bens reais para pagar os seguros, no dia em que o sistema finalmente implodisse.

"Naked CDS" é levar o conceito à insanidade total em apostas. Adicionalmente, começaram a vender o que se chama "*naked CDS*". Num "*naked CDS*", nenhuma das partes detém o empréstimo em questão. Por outras palavras, o Banco B vende protecção ao Banco A pela sua hipoteca, mas também vende essa protecção ao Banco C pela mesma hipoteca; o que pode ir até ao Banco Z, todos a apostar na hipoteca inicialmente feita pelo Banco A.

AIG completamente insolvente mas rotulada AAA, vende biliões em CDS. No espaço de apenas 7 anos, a AIG vendeu $500 biliões de CDS, em que um mínimo de $64 biliões estavam ligados ao mercado das hipotecas subprime. A AIG não tinha nem uma fracção disto em reserva, para cobrir as suas apostas; mas a sua dívida estava classificada como sendo de alta qualidade (AAA), significando que não precisava de apresentar muito dinheiro para vender protecção CDS.

A economia de derivativos é um buraco negro pós-moderno, à escala global.

Sistema sem qualquer medida real de valor – inflação de valores fictícios. Essencialmente está-se a falar de uma transição para um sistema onde já não existe qualquer medida de valor dependente do mundo real – apenas valores fictícios e inflacionados, de nada sobre nada.

Tudo passa a estar indexado a estas apostas de casino. Tudo, desde hipotecas e cartões de crédito até a fundos de pensões ou aos títulos de dívida nacionais, ficaram indexados ao sistema dos derivativos. Toda a economia passou a estar refém dos financeiros, através de derivativos, e a vida pós-moderna é decidida por fichas de casino.

A economia global é uma teia de aranha, onde as fiadas são valores especulativos. O valor passa a ser encontrado nestas teias gigantes de bens negativos imaginários, que cobrem ominosamente toda a vida económica do planeta, e se confundem com ela. Se a economia global for vista como uma teia gigantesca, moedas e títulos de propriedade são as fiadas de sustentação, e as restantes fiadas são uma gigantesca e cancerosa massa de derivativos, à qual tudo o resto está ligado. Com uma aranha gorda sentada no topo (big fat spider sitting on top).

A economia de derivativos implica injecções contínuas de dinheiro e dívida. Uma economia baseada em derivativos implica que o fluxo de dinheiro e a quantidade de dívida que entram no buraco negro no fundo da pirâmide continuem a aumentar, exponencialmente e ad aeternum.

O resultado do buraco negro é absorção total e catástrofe. Isso é um cenário obviamente impossível, portanto o resultado da continuidade é a ruptura do sistema em sucessões catastróficas de insolvência.

Derivativos – WMDs financeiras, terrorismo de mercado.

Armas financeiras de destruição massiva. Warren Buffet providenciou uma boa imagem para definir os derivativos, quando lhes chamou "*financial weapons of mass destruction*".

Terrorismo financeiro, protegido pelo estado moderno. Durante todo este período, as agências de segurança ocidentais espiavam emails e chamadas telefónicas, à procura de árabes com bombas, e o Iraque era bombardeado de uma ponta à outra, para encontrar armas de destruição massiva imaginárias. Enquanto isso, o mundo estava sentado sobre a verdadeira arma de destruição maciça, uma bomba atómica de lixo financeiro – e isso não preocupou as agências de segurança ou os estados. Não havia qualquer mecanismo para fiscalizar ou parar este tipo de terrorismo financeiro, com o poder de destruir civilizações. Pior que isso, fundos de poupanças, fundos de reforma, dívidas estatais, virtualmente tudo foi denominado neste lixo tóxico. O estado pós-moderno está aqui para trazer segurança, certo?

"Leave it to the experts", "enriquecer em dívida", e outras ideias subprime.

Derivativos – "Veículos exóticos, criativos e sofisticados". São inaugurados alguns slogans; os derivativos não são pilhas de dívida cancerosa e infecciosa, mas sim "*Veículos de investimento modernos e sofisticados*", "*Activos exóticos*", "*Exemplos resplandescentes de engenho e criatividade*" e claro, "*Um mundo de vantagens e oportunidades*", capaz de abrir as portas a prosperidade nunca antes vista.

"Leave it to the experts". Enquanto tudo isto acontecia, não faltava todo o género de peritos académicos – economistas, professores universitários, etc – que eram lançados em horário nobre, para promover este admirável mundo novo, e todas as suas maravilhosas vantagens e oportunidades. Muitos outros emprestaram a sua própria credibilidade a estas coisas, chegando ao ponto de inventar fórmulas e modelos matemáticos que previam que estes instrumentos nunca falhariam; sendo recompensados com bolsas académicas recheadas e posições de consultoria em firmas financeiras.

"Confiança": uma sociedade tem sempre de colaborar com a sua própria destruição. Todo este mundo de virtualidade pura, pirâmides de papel e dívida, sem qualquer valor real, só podia ser sustentado enquanto continuasse a entrar capital e investimento para manter as bolhas a funcionar. No momento em que esse investimento parasse, as bolhas implodiriam. Ou seja, era preciso confiança. Os investidores tinham de ter confiança no mercado, e continuar a investir as

reformas, poupanças, etc, no mesmo. A partir do momento em que essa confiança fosse desfeita, o investimento parava, e havia uma contracção de crédito. A sociedade tem sempre de colaborar com a sua própria devastação, e é precisamente isso que aconteceu.

Fórmula habitual para vender banha da cobra. Portanto, foi esta a ideia que foi vendida ao público: confiem em nós, invistam em nós, apesar de não fazerem ideia de em que é que estão a investir. Nós somos os especialistas. Sempre que esta combinação de factores acontece, é porque está a ser vendida banha da cobra, e foi precisamente isso que aconteceu aqui.

"Prosperidade exige endividamento, muito endividamento". Em paralelo com estas campanhas de terrorismo económico, é propalado o mito de que a prosperidade, só é possível com endividamento – muito endividamento.

Para indivíduos, companhias e estados.

"Quando maior o endividamento, maior o investimento, e os rendimentos". Quando maior o endividamento, maior o investimento, e maiores os rendimentos. Toda a gente, de indivíduos a Tesouros nacionais, deveria manter o seu AmEx sempre à mão e comprar o máximo possível.

"Basta pagar os juros sobre as dívidas e continuar na cadeia de dívida".

O ensaio geral com a insolvência de Ford e GM (2005).

Dívidas Ford e GM downgraded a junk rate. O primeiro ensaio a uma quebra no sector dos derivativos deu-se em Maio de 2005, quando as dívidas da Ford e da GM foram desvalorizadas/downgraded/despromovidas ao nível de junk/lixo.

Fed outros bancos centrais inundam mercado com liquidez. Fizeram-se avisos contra uma gravíssima crise de derivativos. Para adiar a crise, a Fed e outros bancos centrais inundaram o mercado com liquidez – mantendo o esquema a funcionar mais alguns anos.

Bloomberg avisa de possível colapso no mercado de derivativos. Em Novembro de 2005, a Bloomberg reportava que o mercado de crédito de derivativos estava vulnerável a uma crise, no caso de um dos principais bancos falhar no pagamento de contratos que seguravam os credores das falências de companhias.

Hipotecas subprime – Destruição de confiança – The bubble pops.

A bolha hipotecária nos EUA começa em 1979-81, com desregulação da área.

Agrava-se com derivativos – Fannie Mae, Freddie Mac. Agrava-se quando Fannie Mae e Freddie Mac são autorizados a especular em derivativos e outros títulos especulativos baseados em

hipotecas; ao fazê-lo, incorrem em enormes riscos. Esta torna-se a maior bolha imobiliária da história.

FREEMAN, 2002 – "Housing bubble, something one would find at a gambling casino". Em Junho de 2002, Richard Freeman escreve "*Fannie and Freddie Were lenders – US Real Estate Bubble Nears Its End*". No artigo, cita a maior bolha imobiliária na história, tornada ainda maior pela manipulação de F&F e declara: «*…what started out as a simple home mortgage has been transmogrified into something one would expect to find at a Las Vegas gambling casino. Yet the housing bubble now depends on (highly speculative derivatives as new) sources of funds*»

Bancos oferecem hipotecas subprime e vendem-nas como CDOs.

Ausência de qualquer tipo de critério, ao contrário do que acontecia até aí. Durante décadas, uma pessoa que quisesse comprar uma casa tinha de comprovar um bom estado financeiro, para além de uma identidade real. De repente, os mega-bancos começam a oferecer hipotecas sem qualquer tipo de critério.

Bancos empacotam hipotecas subprime em CDOs AAA, segurados com CDS. Os bancos de investimento, como a Goldman Sachs, começam a empacotar centenas de hipotecas medíocres em CDOs, e venderam aos investidores a ideia de que, dado que uma série dessas hipotecas iriam pagar, não havia razão para preocupação relativamente às insolventes – o risco estava distribuído e o CDO, no todo, era saudável. Deste modo, hipotecas de péssima qualidade foram transformadas em investimentos AAA. Depois, seguraram este lixo financeiro com mais uma camada de lixo financeiro – CDS, essencialmente da AIG.

Venda de lixo derivativo a investidores institucionais. O resultado final foi a venda em massa de todo este lixo tóxico a investidores institucionais, como companhias de seguros, municípios, e a fundos de pensões. Isto criou um mercado em massa para este género de dívida tóxica. Em 2006, no pico do boom da habitação, a Goldman assinava $76.5 biliões de títulos baseados em hipotecas – um terço das quais eram subprime.

Derrubar os dominós – Destruição de confiança (2007).

Banqueiros começam a dizer mal de derivativos, hipotecas, e do próprio dólar. No final de 2007, chegou a altura de começar a colapsar o mercado de derivativos. Isto significava destruir a confiança no mercado. Com este propósito em mente, os banqueiros começaram a dizer mal dos mercados de derivativos e de hipotecas (a Goldman até ganhou dinheiro com isso), e também começaram a apoucar a moeda que suportava o funcionamento de todo o mercado mundial de derivativos, o dólar.

Greenspan troveja contra o dólar em tour terrorista pelo Médio Oriente. O protagonista foi o próprio arquitecto do estado do dólar, Alan Greenspan, que trovejou contra o dólar na sua campanha pelo Médio Oriente. Greenspan tinha sido também um dos responsáveis pela

economia de derivativos, e tinha passado anos a assegurar que todo este fluxo de lixo financeiro era a garantia de que a economia estava fundamentalmente saudável, onde o risco estava distribuído de um modo equitativo.

Goldman Sachs sinaliza que o dinheiro está em posição short contra hipotecas. Em 2007, David Viniar, o CFO da Goldman Sachs gabou-se em público que «*The mortgage sector continues to be challenged... As a result, we took significant markdowns on our long inventory positions… However, our risk bias in that market was to be short, and that net short position was profitable*». Por outras palavras, o dinheiro estava em apostar contra as hipotecas. No caso, através dos seguros feitos com a AIG, CDS, sendo que a decisão foi feita em Dezembro de 2006. Nessa mesma altura, a GS resolveu livrar-se de muitos dos seus títulos mais arriscados, vendendo-os no mercado.

BLACK – Hipotecas subprime, fraude hipotecária conduzida pelos bancos.

(**WB – 28:00**) O motivo essencial da crise actual é acounting control fraud. Isto são fraudes conduzidas pelos CEOs das instituições emprestadoras e dos maiores bancos e compradores institucionais de produtos tóxicos. Isto começou com hipotecas. O FBI avisa que havia uma epidemia de fraude hipotecária, e que 80% estava a ser induzida pelos credores, e não pelos devedores. A indignação deveria ser dirigida contra essas instituições, e não contra os devedores.

Bolha imobiliária atinge pico e implosão em 2006/07 – arrasta economia consigo. A bolha do imobiliário atinge o pico em 2006, depois implode e arrasta o resto da economia consigo.

O colapso da bolha da habitação deu início à Maior Depressão.

Colapso de Bear Sterns, Merryll Lynch, Lehman Brothers, AIG. Os efeitos da bolha da habitação são bem conhecidos: foi o principal factor no colapso da Bear Sterns, da Merryll Lynch (ambos absorvidos por outros bancos), do Lehman Brothers e da AIG.

Economia neocolonial 21

Processo – Ocidente pode agora ser afundado ao nível de 3º mundo.

Ocidente foi a base para globalização financeira. Durante todo o processo dos últimos 150 anos, o ocidente tinha sido a grande base de produção industrial e financeira, que tinha sustentado a aquisição geopolítica e económica do resto do mundo.

Agora deixa de ser necessário, podendo ser feudalizado. Pelo ano 2000, havia muito poucas nações que se escapavam ao domínio dos banqueiros. A partir daqui, ocidente deixa de ser necessário, podendo ser reduzido ao nível standard, de servitude terceiro-mundista, neo-feudal.

Processo – A morte lenta e transicional do sistema capitalista.

Capitalismo, submetido a morte lenta e transicional. O capitalismo não morreu uma morte natural, mas foi isso sim submetido a uma morte lenta e transicional.

Anos 70 em diante – Centrado em finança, subdesenvolvimento e morte. Primeiro foi adulterado e tornado numa arma de subdesenvolvimento e expansão através de globalização, privatização e especulação, com destaque para derivativos.

Colapso – Ajudas dadas a capital financeiro – não ao industrial. E, quando o colapso planeado finalmente ocorreu, não foi o capitalismo industrial que foi ajudado, mas sim o capitalismo financeiro, os bancos – e isto também foi planeado.

2008 em diante – "Global New Deal".

→ "American Capitalism Gone With a Whimper". [preceder com poema de Yeats sobre "will man go out with a bang or with a whimper"]. Quem sistematizou melhor o processo foi um artigo no Pravda, de todos os jornais, que apontava claramente esta aberração histórica. Colocar citações do artigo.

Processo – Oligarcas a ajudar oligarcas, a essência da nova ordem.

Oligarcas no estado e oligarcas financeiros usam servos como colateral. Esta é a essência da nova ordem: oligarcas no estado a ajudar oligarcas na banca, usando os servos como colateral.

A economia gangster. O tipo de coisas que se concebe em Chicago, anos 30, ou num país de 3º mundo: o estado gangster, acoplado a uma economia gangster, onde tudo está viciado.

Democracia dos financeiros, pelos financeiros, para os financeiros.

Processo – Passos semelhantes a Grande Depressão (1929-33).

(1) Crise financeira.

(2) Recessão económica – Maior concentração oligárquica de capital.

(3) Crescente autoritarismo de estado – Conflitos sociais – Mais guerras.

Processo – Pump and dump orwelliano gera economia morta-viva.

(1) Gerar dependência e dívida em massa – o que incluiu as bailouts e os estímulos.

(2) Pump and dump orwelliano para gerar a economia morta-viva. O que se está a passar é um gigantesco pump and dump orwelliano, em que os poderes instituídos roubam dinheiro através de manipulação de mercado, mas nunca deixam o sistema colapsar; deixando-o antes a funcionar de modo tal que leva a um regime e a uma economia altamente totalitários.

(3) Ónus das dívidas (públicas e privadas) transferido para contribuintes. Portanto, o estado e os bancos criaram as dívidas, e agora transferem todo o peso das mesmas, sejam elas públicas ou privadas, para os contribuintes.

Contribuintes tornam-se tecnicamente escravos dos credores, os bancos.

Canibalismo económico, descapitalização da economia real. Com aumento exponencial de impostos e taxas. Tudo isto é vendido como a forma de recapitalizar o país com saúde financeira.

Confiscação em massa de recursos nacionais. Durante a destruição por pump and dump, basta exigir que os credores e os detentores de obrigações sejam compensados por meio da confiscação em massa dos recursos nacionais.

(4) Transferência de riqueza para o topo da pirâmide e para contas offshore. Na prática, é apenas saquear o país através da transferência de riqueza para o topo da pirâmide e para contas offshore.

(5) Estado-nação, liquidado e comprado com o seu próprio crédito – Saque neo-feudal. O que tem vindo a acontecer, e vai apenas intensificar-se, é uma "criminal leveraged buyout" de países inteiros, por meio da qual um país é comprado a preço de liquidação com as suas próprias promessas de capital. Neste tipo de configuração, oligarcas podem

abertamente controlar governos e comprar influência, enfraquecer sistematicamente qualquer regulação financeira, e saquear a sociedade à vontade, aquirindo tudo o que tem de valor.

BM

ELLEN BROWN – "Conquest by debt, silent and insidious".

The conquered don't even realize they have new masters.

On surface nothing changed, there's just a new management.

«*Conquest by debt can occur so silently and insidiously that the conquered don't even realise they have new masters. On the surface nothing has changed. The country is merely under new management*» Ellen H. Brown, "The Web of Debt" (2008). Louisiana: Third Millenium Press, p.47.

Especulação e endividamento

ECONOMIA-CASINO – Desregulação, aceleração, ilusão.

Desregulação, ilusão de prosperidade – Guerra económica.

A quinta fecha e a fábrica é deslocalizada – o casino abre.

Especulação sobre câmbios e derivativos – Ilusão de prosperidade.

Mercados especulativos geram ilusão de crescimento na ausência de produção. E daí os *mercados de derivativos e de câmbios*, especulação, que criaram a ilusão electrónica de crescimento económico, sem que nada estivesse realmente a ser produzido no mundo real.

Lucros baseados em flutuações de valores – troca de papel e valores virtuais. Ou seja, os lucros fazem-se com base em flutuações nos valores de moedas, títulos e por aí fora; pela troca de papel e de valores virtuais nos mercados financeiros, sem que isso corresponda a produção no mundo real. Criar a ilusão de riqueza e prosperidade a partir da mera troca de papel.

"Livre movimento de capitais financeiros" – Casino e especulação selvagem. Fluxos de capital sem controlo, supervisão ou regulações, nos mercados financeiros. A partir deste ponto, as economias iriam flutuar e competir num ambiente de casino.

Abertura a predadores financeiros – manipulação e ataques especulativos concertados. A partir do momento em que passou a ser possível ter livre movimento de capitais através de fronteiras, tornou-se possível usar bancos internacionais e hedge funds em concertação para manipular os mercados e conduzir ataques financeiros concertados, por meio de especulação.

Aceleração – Injecções ou subtracções repentinas – Selling short – Etc.

Um trilião diário para praticar guerra económica sobre planeta. Ou seja, apesar de soar bem, este conceito significa apenas que alguém pode entrar num país, espalhar o caos, e sair calmamente com os lucros no bolso. O fluxo de mais de $1 trilião diário que foi possibitado é usado para praticar guerra económica sobre o mundo inteiro.

Desregulação financeira – arte plástica nietzschiana. Desde os anos 70 que há a desregulação progressiva dos mercados financeiros, permitindo aos bancos fazer artes plásticas com a vida de sociedades inteiras, algo que Nietzsche teria encarado com admiração.

<u>DESREGULAÇÃO – Abandono do GES – Floating Exchange Rates</u>.

Abandono do GES e fiatização do dólar, 1971.

<u>Emissão ilimitada de SDRs implica fiatização do dólar</u>. O dólar era a principal moeda de base para a emissão de SDRs. Estando sujeito ao GES, tinha uma medida objectiva de valor, ouro. Isto implicava que a emissão de SDRs estava dependente do ouro GES. Para que os SDRs pudessem surgir como o embrião de uma moeda global, e o FMI como o equivalente para um banco central global, essa "limitação" tinha, portanto, de ser ultrapassada, o que implicava a fiatização do dólar.

<u>GES abandonado em 1971 – Nixon</u>. O Gold Exchange Standard é definitivamente abandonado em 1971, com a desvinculação do dólar ao ouro. Isso foi obtido a 15 de Agosto desse ano, quando Nixon assinou uma ordem executiva declarando que os EUA já não redimiriam os seus dólares de papel por ouro.

<u>PCR – Dólar torna-se puro fiat com abandono do ouro</u>.

(**PCR – 27:50**) O dólar tornou-se uma moeda fiat. Começou por ser suportado por ouro e por prata. Podia ser redimido em metais preciosos, até aos anos 30, quando FDR fez com que entregassem o ouro (**30:50**). Papel que pode ser imprimido indefinidamente.

(**PCR – 29:15**) Dos anos 30 aos 70, o dólar ainda era redimível por ouro, para agentes financeiros estrangeiros [*processo de saque do ouro americano, iniciado em 1929 – durante esta fase, o dólar pode ser usado para comprar tudo, ao mesmo tempo que o ouro americano pode ser internacionalizado*]. Nos anos 70, Nixon acaba com a ligação do dólar ao ouro [*começa a fase fiat, em que vastas quantidades de dólares são usadas para comprar o mundo, basicamente*].

GES substituído por flutuação anárquica de valores – FERs.

<u>Dólar deixa de ter uma medida objectiva de valor</u>. Após esse evento, o dólar deixou de ter uma medida objectiva de valor, passando a ser apenas uma moeda aberta a fiatização extrema, bolhas, e caos económico.

<u>Valoração das moedas estava dependente do dólar GES</u>.

<u>Com fim do GES, deixa de haver um critério objectivo para medir valores monetários</u>. O ouro não era um sistema perfeito mas, ao menos, permitia um grau de objectividade na valoração das moedas e no estabelecimento de relações cambiais. Com o final do GES, deixa de haver qualquer sistema objectivo de medida.

Início das Floating Exchange Rates em 1971.

FERs – Modelo de guerra económica – PROCESSO.

(1) Câmbio fixo → Flutuação.

(2) Desvalorização → Hiperinflação → Reforma.

FERs – Um instrumento de guerra económica.

Casino e especulação selvagem entre moedas. A partir deste ponto, as moedas iriam flutuar e competir entre si num ambiente de casino.

Maior parte dos países adere a FERs após 1971.

Ficar de fora, not allowed. Resistência pode implicar sanções, embargos, invasões, etc. Os que resistirão, ou resistem, são bastante vulneráveis, e podem ser coagidos através doutras formas – sanções, embargos, aumento de preços, etc.

Abertura a predadores financeiros – manipulação e ataques especulativos concertados. A partir do momento em que passou a ser possível ter livre movimento de capitais através de fronteiras, tornou-se possível usar bancos internacionais e hedge funds em concertação para manipular os mercados e conduzir ataques financeiros concertados, por meio de especulação.

Países ficam abertos a ataques financeiros externos.

Guerra económica por short-selling – Desvalorização forçada é uma arma. É relativamente fácil destruir a moeda de um país por meio de campanhas de short-selling, especialmente quando as moedas do mundo inteiro estão fiatizadas, desde a introdução das floating exchange rates. A desvalorização forçada da moeda, por sua vez, provoca inflação galopante, quando produtores, retalhistas e vendedores têm de aumentar preços para cobrir custos.

(1) Nações de 3º mundo à mercê de gigantes económicos. As floating exchange rates são um sistema muito pior que a ligação ao ouro, especialmente para nações em vias de desenvolvimento, que passam a estar à mercê de gigantes económicos com a capacidade de forçar desvalorizações através de short-selling. A inflação de nações em vias de desenvolvimento foi causada essencialmente por especuladores institucionais globais que atacaram as moedas locais, provocando desvalorização forçada.

(2) O mesmo no 1º mundo – O exemplo da Black Wednesday. George Soros tornou-se famoso, ao "quebrar o Banco de Inglaterra", na BW (16 de Setembro de 1992), quando vendeu short mais de $10B de libras esterlinas (ou seja, quando fez short selling contra a libra britânica). No total, Soros fez mais de 1B USD de lucro. **A** moeda perdeu 20%

do seu valor em menos de 24h e o custo da Black Wednesday para a Grã-Bretanha foi, aparentemente, de £3.3B.

Permite manter nações inteiras como reféns, obter concessões. Livre movimento internacional de capitais é um instrumento de guerra económica que permite manter nações inteiras reféns e pode forçar a obtenção de concessões altamente generosas para a alta finança e para os seus consórcios multinacionais.

FERs – Ataques especulativos contra moedas fracas – "Size matters".

Sob FERs, força monetária de uma área, proporcional ao seu volume de transacções. A força de uma área monetária está em proporção com o tamanho da área, medido pelo domínio de transacções.

Sob FERs, modelo de banca central nacional generaliza-se. Em 1900, existia apenas à volta de uma dúzia de bancos centrais no mundo. Agora, cada país tem o seu próprio banco central, que produz a sua própria moeda.

Moedas fracas, acessíveis a ataques especulativos.

→ Em termos de poder de compra, maior parte das moedas não tem grande valor. «*In terms of purchasing power, they are not large: Bill Gates could afford to buy up the entire money supplies of half of the countries in the world*» – Robert A. Mundell, "The International Monetary System and the Case for a World Currency". Leon Koźmiński Academy of Entrepreneurship and Management (WSPiZ) and TIGER Distinguished Lectures Series n. 12, Warsaw, 23 October 2003.

Exemplos de ataques especulativos concertados contra pequenas áreas monetárias.

→ América Latina, Caraíbas, países de Leste durante transição. O México tem 22 anos de taxa de câmbio fixa, depois a moeda desvaloriza e é flutuada. A consequência é hiperinflação, e depois reforma monetária. A experiência do México é duplicada por toda a América Latina, Caraíbas, e países de Leste após o colapso da URSS.

DÓLAR – Petrodólar – Expansão financeira – Défice e desindustrialização (EUA).

Petrodólar – Absorve desvalorização do dólar após 1971.

Após 1971, emissão de dólares aumenta precipitosamente. Após 1971, o dólar começou a ser emitido livremente, em enormes quantidades.

Desvalorização é absorvida – Dólar é a moeda de reserva, e entra o petrodólar. A partir daí, o seu valor começou a decrescer continuamente, mas de modo controlado. Qualquer outra moeda teria sido desvalorizada precipitosamente, mas com o dólar isso não aconteceu, e isso foi suportado por dois factores.

Dólar continua a ser a moeda de reserva da economia mundial. Pela posição central dos EUA na economia mundial, a destruição do dólar teria destruído a própria economia mundial. Portanto, isso ofereceu uma motivação a outros países para continuarem a adquirir dólares.

Adopção do petrodólar.

Petrodólar – Estabelecido em 1974 por Kissinger e os al-Saud.

Kissinger e a OPEP estabelecem o petrodólar (1974).

Petróleo vendido apenas por dólares. Ou seja, com o petrodólar, qualquer entidade que queira comprar petróleo, passa a ter de o fazer em dólares e, consequentemente, a pedi-los emprestados.

"Oil standard". Este mecanismo garante que o valor do dólar passaria a ser suportado por petróleo, após a exclusão do ouro.

Petrodólar – O circuito do petrodólar – Dívida e especulação – Peak Oil.

Dinheiro OPEP → Wall Street → Nações de 3º mundo → OPEP. Reciclagem de dinheiro petrolífero árabe para Nova Iorque, daí para as nações de Terceiro Mundo, depois de volta às nações árabes em pagamento por petróleo, e por aí fora.

Wall Street e a City tiram uma porção de cada barril de petróleo. Os banqueiros de Wall Street e da City lucraram fabulosamente com os lucros sobre empréstimos e depósitos de petrodólares. De cada vez que um barril é vendido e transaccionado, estes rapazes recebem uma fatia do bolo, como intermediários.

Petrodólar agrava prisão de dívida para nações de 3º mundo. Um dos maiores ganhos do petrodólar é a sua reciclagem como empréstimos para nações de 3º mundo em vias de desenvolvimento, que, para assegurar as suas compras, têm de adquirir dólares, aos banqueiros.

Países inteiros passam a ser dependentes do dólar.

Teoria do "peak oil" [CoR] permite especulação sobre petrodólar. Com cada aumento nos preços do crude, tanto mais petrodólares passam a ser precisos para o pagar, e tanto mais é aumentada a dimensão da teia de dívida. Não é coincidência que tenha sido a partir daí que o estabelecimento do petrodólar tenha coincidido com a introdução da

conversa sobre limites e escassez, e da teoria obscurantista e desacreditada do peak oil, lançada pela campanha histérica do Clube de Roma em 1976 (? – confirmar ano).

Dólar fiat permite expansão ilimitada da alta finança.

Com FERs, importância do dólar como moeda internacional aumenta. Portanto, com a introdução de flutuações, o dólar torna-se a moeda internacional por predefinição, e a sua importância aumenta, em vez de ser diminuída

Alta finança (mediadores, especuladores) torna-se central na economia global.

Alta finança usa dólar para expansão ilimitada de dívida e especulação. O dólar tornou-se o combustível de uma rede global de dívida e especulação, dirigida por um cartel bancário internacional.

Criação de dependência e empobrecimento de todas as partes.

Durante 1970s, empréstimos feitos sob desvalorização do dólar. Não esquecer que, durante os anos 70, estes empréstimos estavam a ser feitos com a desvalorização do dólar, o que significa confiscação de riqueza aos contribuintes americanos – os grupos económicos que mediavam estes acordos ganhavam, os recipientes também; quem perdia eram os contribuintes dos EUA e os contribuintes dos países de destino.

I.e., pedir emprestado caro, pagar barato.

Mediadores e grupos recipientes ganham – contribuintes perdem.

Megabancos com fundos contrafeitos ilimitados compraram o mundo. Uma mão cheia de financeiros puderam comprar o mundo a preços de saldo, através da pura e simples possessão de dólares contrafeitos, dinheiro produzido nas suas próprias máquinas de impressão.

Podem ser equiparados à máfia. Podem aqui ser equiparados à máfia mas, ao contrário da máfia, têm acesso a fundos ilimitados, e estão essencialmente livres de investigação e acusação criminal.

Dólar – As crises dos anos 70 – Desvalorização, choques, stagflation.

Desvalorizações, inflação de dois dígitos. Quebra do dólar, aumento drástico do preço do ouro. Duas desvalorizações do dólar, em 1971 e 1973, inflação de dois dígitos nos EUA.

Problemas sobre petróleo (1973-74). Embargo de petróleo em 1973 e choques precistas de petróleo em 1974.

Aumento radical de carga fiscal. Resultando de um acentuado IRS progressivo num ambiente inflacionário.

"Stagflation" – elevados níveis de desemprego e inflação. Esta é a década (70s) durante a qual uma nova palavra, stagflation, é inventada para descrever a combinação de elevado desemprego com elevada inflação.

EUA – Défice e desindustrialização disfarçados com venda de dólares.

A dívida reciclada dos EUA. Reciclada por países como China, Japão, árabes, etc.

Vendas de dólares financia défice nacional americano. Portanto, apesar de o dólar estar a ser emitido a taxas incríveis, a procura por esse dinheiro por estrangeiros era infindável.

EUA tornam-se o maior importador do mundo e exportam dólares em troca. O resultado foi o de que uma das maiores exportações da América passaram a ser dólares, e o país continuou a financiar o seu défice de balança à base de dinheiro; um feito que teria sido impossível a qualquer outra nação no mundo. Portanto, com esta operação, os EUA tornam-se o maior importador do mundo, e exportam papel desvalorizado em troca, ou seja, gastam muito mais do que o que ganham.

Venda de dólares disfarça desindustrialização – "Dorothy still thinks she's in Kansas". A prosperidade aparente que resultou destas operações, permitiu ocultar temporariamente os efeitos de desindustrialização imparável e permanente.

(1990s) Dólar perde 90% do poder de compra em 100 anos. Ao longo dos últimos 100 anos, o dólar sofreu uma inflação progressiva de 1000%, que destruiu 90% do seu poder de compra. Por exemplo, em 1990, um rendimento anual de $10.000 era requirido para comprar aquilo que custava apenas $1000 em 1914.

IMPÉRIO AMERICANO.

PCR – Império americano ascende enquanto EUA são destruídos.

Império americano, neocons afirmam o dever de os EUA se imporem ao mundo.

(**PCR – 18:15**) O império americano foi justificado pelos neoconservadores com a ideia de que o povo americano é o povo virtuoso, especial, que tem não apenas o direito, mas também o dever, de se impor ao mundo.

Offshoring – Explosão do défice – Destruição do dólar e da classe média.

(**PCR – 18:20**) Esta forma de império é nova. Coincide com o início de:

- Offshoring em larga escala;

- Devido a todo o offshoring, o trade deficit explode, o que coloca pressão sobre o dólar.

Essa é a parte engraçada sobre esta nova forma de império. Ascende enquanto a classe média e o dólar são destruídos.

Aventuras militares expandidas.

Guerras americanas financiadas por China, Japão, árabes – que fazem reciclagem do dólar.

(**PCR – 20:45**) Começa-se a expandir as aventuras militares. E pode-se dizer que as guerras americanas são financiadas pela China. Como é que se pode ser realmente uma superpotência quando se está dependente de credores? Portanto, a ideia neoconservadora de império estava a ser minada no preciso momento em que esta ideia estava a ser metida nas suas cabeças. São os países com trade surplus (Japão, China, países árabes, etc) que mantêm o dólar à tona, através da reciclagem do mesmo.

CAF – "Central Banking Warfare Model".

Circuito – Banco central, corporações, forças armadas.

(**CAF – 22:10**) Central Banking Warfare Model. "The tapeworm is extracting a subsidy all across the world". O banco central emite dinheiro, as corporações usam-no para comprar recursos a baixo preço pelo mundo fora, e as forças armadas certificam-se que os recursos são efectivamente vendidos.

RUSSO, TARPLEY – EUA, usados por Wall Street para domínio e destruição.

RUSSO – Bancos assumem controlo sobre EUA, depois resto do mundo.

(**AR – 15:15**) A raíz do problema é o sistema bancário – É por isso que a América foi perdida.

(**AR – 1:07:00**) Para os banqueiros foi necessário assumir controlo sobre a América, o país mais livre do mundo – a seguir a isso, o resto do mundo é fácil.

TARPLEY – EUA transformado numa força de destruição nos anos 60.

(**WT – OD, 1:07:00**) São os assassinatos dos anos 60, o início da guerra do Vietnam, e o domínio absoluto de Wall Street sobre todos os interesses que transformam os EUA numa força de destruição no mundo. Isso não tem de continuar assim. O interesse do povo americano é o de reganhar poder sobre o país e expulsar Wall Street.

TARPLEY – Oligarcas vão levar ao colapso da civilização – há que expulsá-los.

(**WT – OD, 37:25**)Vai-se de Clinton, a Bush, Obama; e os master-puppeteers continuam os mesmos. O que fica igual é a elite dominante, que dá a estas marionetas as ordens. E estas ordens vão levar ao colapso da civilização. Estão a usar o poder dos EUA, como estado-nação anteriormente poderoso, para exercer as suas fantasias de dominação mundial e o seu sistema de saque. E isto não pode ser feito. Há que expulsá-los do governo para voltar a ter alguma prosperidade, e algum género de paz e ordem em assuntos internacionais.

WATT, PCR – Quando América deixar de ser necessária, será destruída.

WATT – Quando EUA deixarem de ser necessários militar e economicamente, serão destruídos.

(**AW – FOTR, 20:45**) quando a América deixar de ser necessária, vai ser destruída. Quando o país tiver acabado de ceder os recursos humanos e a força militar para a estandardização do planeta no sistema único, nessa altura, puxarão o tapete de debaixo dos pés dos americanos – isto será pelas últimas fases.

PCR – América será um país de 3º mundo em 20 anos.

(**PCR – 23:15**) América será um país de 3º mundo em 20 anos

ENDIVIDAMENTO.

Endividamento em massa – Estatal, empresarial, individual.

A vida organizada passa a centrar-se em dívida.

Dívidas individuais e empresariais tornam-se galopantes. Ao mesmo tempo, as dívidas individuais e empresariais tornaram-se galopantes, e as falências nos dois capítulos atingiram um máximo histórico. Nos anos 90, os juros sobre a dívida nacional consumiam metade da colecta fiscal.

O mesmo acontece com as dívidas estatais.

ESTADO SOCIAL.

Estado social – Um placebo económico financializado.

Empréstimos bancários colateralizados com taxação e recursos. O sistema foi colocado a funcionar essencialmente através de empréstimos bancários, usando taxação e recursos nacionais como colateral.

Segurança social para consórcios.

Desaparecimento da classe média e redistribuição de migalhas para os pobres.

Despesismo e desperdício estatal – mais e mais dívida – manter a roleta a rolar. Enquanto tudo isto acontecia, o despesismo estatal ascendeu a níveis incríveis, com a estimulação de projectos fúteis e caros a toda a linha. O resultado foi, claro, mais dívida, para manter a roleta a funcionar.

Inflação permite entrada faseada e controlada de desmantelamento sócio-económico.

Desmantelar estrutura produtiva – usar inflação para manter ilusão de prosperidade. De notar que, com este sistema, é possível desmantelar toda a estrutura produtiva de um país mas, ao mesmo tempo, manter uma relativa ilusão de prosperidade. Regra geral, isso causaria desemprego, miséria social, todos os tipos de destituição.

Efeitos do desmantelamento são atrasados e gradualizados. Mas assim todos esses efeitos são atrasados, introduzidos gradualmente, com inflação e o colapso gradual da dívida pública.

Evitar aumentos de impostos até ao momento derradeiro. Também, permite fazer tudo isto sem aumentar impostos [associar este ponto à piada que costuma ser dita, sobre as pessoas não terem estado dispostas a fazer sacrifícios – com efeito, as pessoas não devem estar dispostas a fazer este tipo de sacrifícios].

Outro placebo económico – melhoramentos tecnológicos. As melhorias relativas no nível de vida que podem surgir durante processos inflacionários são geralmente devidos a melhoramentos tecnológicos: produzir mais, melhor, e mais barato.

Estado social – Alan Pifer, Carnegie, 1982.

Alan Pifer, Carnegie Corp., defende estado-previdência, "para conter agitação popular". Num relatório emitido em 1982, e largamente publicitado em revistas importantes, a conexão entre capitalismo empresarial e o estado-previdência foi bem explicitada. O autor foi Alan Pifer, então presidente da Carnegie Corporation.

"Nós, as classes altas, criámos o welfare state".

"Agora é preciso expandi-lo, para evitar tensão social exagerada".

«*A mounting possibility of severe social unrest, and the consequent development among the upper classes and the business community of sufficient fear for the survival of our capitalist economic system to bring about an abrupt change of course. Just as we built the general welfare state…and expanded it in the 1960s as a safety valve for the easing of social tension, so will we do it again in the 1980s. Any other path is too risky*» Alan J. Pifer, "Final Thoughts" (1982), Carnegie Corporation of New York

Especulação – Pump and Dump – Boom and Bust

PUMP AND DUMP.

PUMP AND DUMP – A fórmula.

Fórmula simples e executável vezes sem conta. A fórmula é simples e pode ser executada vezes sem conta em ambientes desregulados.

Bolha especulativa – Inflação de preços – Agremiação de vastas somas de capital. O banco ou hedge fund posiciona-se no meio de uma bolha especulativa, vendendo investimentos que sabe que não prestam. Depois, inflaciona artificialmente o valor desses investimentos, através de promoção (nos media, em promoção a investidores institucionais, etc). Com isso, aspira vastas somas de capital dos fundos institucionais e dos pequenos e médios investidores, e esse dinheiro pode ir para aplicações *offshore*, e ser usado para criar riqueza real para os shareholders do banco.

Bolha chega ao pico – Ataque com vendas curtas, ou rumores. Depois, quando a bolha chega ao pico de crescimento, aposta-se contra ela, atacando-a com vendas curtas (e notícias pessimistas nos média, por ex.).

Lucrar na subida e na descida. Lucrar com a descida, como antes se lucrou com a subida. Teoricamente, isto é ilegal e proibido, mas as multas pela prática são tão irrisórias que é feito, na mesma.

PUMP AND DUMP – Bailouts após implosão de bolha.

"Impedir calamidades financeiras", "too big to fail". Quando a bolha finalmente implode, ainda há a chance de pedir dinheiro ao banco central ou ao estado, para impedir calamidades financeiras e por aí fora.

Uso da bailout – Especulação, offshoring, ou empréstimos de volta ao estado. Uma parte desse dinheiro estatal pode ser usada para aplicações *offshore*, e construção de riqueza real, e outra parte pode ser emprestada de volta ao público/estado, a juros.

PUMP AND DUMP – Capitalismo de desastre.

Encenação contínua de crises e catástrofes à volta de bolhas – governos e privados. Estas práticas são tão comuns e tão rentáveis que deram origem ao panorama maior de

capitalismo de desastre, em que bancos e corporações, e os seus parceiros nos governos encenam catástrofes contínuas, crises contínuas, à volta das quais criam bolhas fantásticas, e pelas quais lucram fantasticamente.

MAX KEISER – BIS – Bancos centrais – Volatilidade – Catástrofes financeiras.

KEISER – BIS, bancos centrais – Montanhas russas artificiais.

(**MK**) Um grupo muito pequeno de pessoas na Reserva Federal, no sistema de bancos centrais, no BIS na Suiça, que deliberadamente gerem o boom and bust, contração e dilatação de crédito e de emissão de dinheiro de modo a criar montanhas-russas artificiais e volatilidade artificial que não lhes custa dinheiro nenhum e não lhes traz qualquer tipo de risco.

KEISER – Catástrofes financeiras manufacturadas – Volatilidade.

(**MK**) Estas catástrofes financeiras manufacturadas são o resultado de um sistema de banca central que tem a capacidade de adicionar e subtrair crédito e dinheiro à vontade de modo a criar este efeito de montanhas-russa. Porque, ao contrário da maior parte das pessoas, os bancos conseguem fazer lucros as easily on the way down as they can on the way up. Volatilidade é óptima para bancos e profissionais. Volatilidade não é boa para a larga maioria das pessoas.

BOOM AND BUST.

BOOM AND BUST – Processo geral na economia pós-moderna.

O modus operandi genérico destas catástrofes financeiras manufacturadas.

PASSO 1 – Desregulação financeira, dinheiro fácil, bolhas especulativas. Desregulação financeira, mercados financeiros abertos, permitir livre fluxo/acesso de capital estrangeiro sob a supervisão de regras miseravelmente flácidas e ineficientes. Deste modo, entra (e é emitido) dinheiro fácil, que cria bolhas especulativas – seja em imobiliária, títulos financeiros, comodidades, etc.

PASSO 2 – Dívida agregada – The bubble pops. Em pouco tempo, existe mais dívida agregada do que aquilo que os devedores podem pagar, com base nas suas receitas. A dado momento, the bubble pops. Isto pode acontecer por um de quatro métodos gerais.

Bolha rebenta por si mesma. No primeiro, a bolha é simplesmente deixada rebentar por si mesma, depois de crescer até ao máximo possível.

Shorting. No segundo método, é rebentada a partir de fora, através de *shorting* dos títulos envolvidos.

Desvalorização forçada da moeda por short-selling. Um terceiro método é mais sistémico, e envolve a desvalorização forçada da moeda nacional, por short-selling, fazendo colapsar o valor dos IOUs estatais.

Contração da emissão de crédito. Num quarto método, os bancos apertam a disponibilidade de crédito, provocando contração. O fluxo de alimentação e pagamento de dívidas é lentificado ou mesmo parado, o que cria um pânico e implosão da bolha.

PASSO 3 – Deixar os dominós cair. A economia implode sobre si mesma, provocando o colapso de empresas, desemprego em massa, miséria.

PASSO 4 – Aquisição hostil, saque, depressão, escravatura de dívida, estado policial.

Economia adquirida a preço de saldos. A economia é colocada à venda ao preço da chuva e agentes estrangeiros podem entrar e consolidar, sob o seu controlo, por tostões.

Desmantelamento e consolidação. Companhias colapsam e são adquiridas, para serem desmanteladas ou consolidadas. concentração de capital em poucas mãos, internacionalistas.

Bailouts estatais dos maiores bancos e companhias – endividamento externo. Durante o processo de colapso e de 'recuperação', as maiores companhias e bancos são ajudados pelo estado, que se endivida no estrangeiro para encetar a 'salvação' da economia. Isto é feito junto da banca internacional, directamente ou através de agências como o FMI.

Terapia de choque FMI. Terapia de choque, com "austeridade" e privatizações em massa para "recuperação financeira". Os custos são transferidos para os contribuintes, através de aumentos exponenciais de carga fiscal. Isto faz parte de um programa de austeridade maior, no qual programas sociais são desmantelados, os tectos salariais são reduzidos, dá-se a privatização em massa de infrastruturas e propriedade, etc.

Falências, desemprego em massa, choques civis, destruição da classe média.

Sistema de duas classes. Uma pequena elite fica fabulosamente rica e poderosa, ao passo que a larga maioria da população passa por pobreza e desespero.

Estado policial repressivo. Para facilitar este processo, é geralmente estabelecido um regime policial autoritário.

BOOM AND BUST – A devastação das economias-tigre asiáticas, anos 90.

Tailândia, Filipinas, Indonésia, Coreia do Sul, Malásia (1997-98). Isto envolveu os seguintes países: Tailândia, 1997; Filipinas, 1997; Indonésia, 1997 (a rúpia indonésia colapsou em 1997); Coreia do Sul, 1997 (a economia estagnou quando a banca

estrangeira subitamente se recusou a estender mais crédito à economia); Malásia, 1997-1998 (Soros).

Passo1 – Desregulação, dinheiro fácil, bolhas especulativas. Em 1993, Washington exigiu mudanças – desregulação, mercados financeiros abertos, permitir livre fluxo/acesso de capital estrangeiro. Durante o período 1994-1997, dinheiro fácil entrou e criou especulação – em real estate, acções e outros bens –, foram assim criadas bolhas especulativas prontas para a implosão.

Passo 2 – Ataques com short-selling, desvalorização forçada – Soros. Predadores de hedge funds como George Soros tomaram plena vantagem, atacando a economia regional mais fraca e a sua moeda – a Tailândia e o seu baht. Objectivo: desvalorização forçada – e funcionou. A Tailândia flutuou a sua moeda e pela primeira vez precisou de ajuda do FMI.

Passo 3 – Deixar os dominós cair. A seguir vieram as Filipinas, a Indonésia e a Coreia do Sul, com resultados semelhantes.

Passo 4 – Depressão, saque, consolidação.

Caos económico e saque. No espaço de meses, mais de $100 biliões foram tranferidos para mãos privadas, e no espaço de um ano, $600 biliões em valores de acções foram perdidos. A Ásia de Leste foi saqueada.

Pobreza em massa, desemprego, recessão agravada. As populações caíram em caos económico e pobreza em massa, como resultado de uma crise de liquidez suficientemente grave para afundar a região em depressão. Os ganhos reais caíram por aí abaixo. O desemprego aumentou radicalmente, com a International Labor Organization a estimar cerca de 24 milhões de empregos perdidos, juntamente com a sua classe média afluente. Pequenos e médios agricultores, PMEs, sindicatos, e milhões de pessoas normais foram deitadas no lixo pelos predadores de Wall Street.

Escravatura de dívida, terapia de choque FMI. Países asiáticos prósperos foram forçados a aceitar a escravatura de dívida que foi imposta pelo FMI.

FED – Da fundação aos dias de hoje

FED – Robert Mundell – "Público EUA deliberadamente enganado com Fed".

Robert Mundell admite que o público foi deliberadamente enganado com a Fed.

"Foi importante disfarçá-lo porque o público não o aceitava".

«*When the U.S. got a central bank in 1913, it was important to disguise it because of mainstream America's reluctance to accept a central bank. So it was called the Federal Reserve System. It was split up into twelve Districts to create the illusion that the "money power" was decentralized. Throughout America's history there has been a running battle between the proponents of centralization versus those of decentralization (the state's rights)*» – Robert A. Mundell, "The International Monetary System and the Case for a World Currency". Leon Koźmiński Academy of Entrepreneurship and Management (WSPiZ) and TIGER Distinguished Lectures Series n. 12, Warsaw, 23 October 2003.

Reserva Federal.

FED – FR Act assinado por Woodrow Wilson em 1913. Em 1913, o Federal Reserve Act é assinado por Woodrow Wilson, o homem de Mandel House.

FED – Políticos subornados – Estado abdica do poder de emitir o dinheiro [RUSSO].

"Estado abdica de emissão de dinheiro em prol de um banco privado".

"Isso destrói o poder de compra".

(**AR – 1:02:45**) A criação da Fed, em 1913, foi feita ilegalmente, com políticos subornados, durante as férias congressionais, e o estado abdicou do seu poder mais importante, o da emissão de dinheiro, em prol de um banco privado. Isso por sua vez destruiu o poder de compra e permitiu a criação de programas sociais que destruíram o país.

FED – Da Fed ao IRS e à Segurança Social [RUSSO].

Em 1913, Fed é criada.

Banco privado que emite dinheiro a juros para estado, que antes emitia fiat.

Juros pagos pelo IRS – em 1935, Segurança Social começa.

(**AR – 19:40**) Em 1913, a Fed é criada. Este banco privado emite dinheiro para o estado (que antes emitia o seu próprio dinheiro), a juros, e esses juros são pagos através do IRS. Em 1935, a Segurança Social começa.

FED – Eliminar competição – Preservar dominância de Wall Street [MONCKTON].

Em 1910, competição bancária está em alta, com inúmeros pequenos bancos. Em 1910, o número de bancos nos EUA está a crescer a uma taxa fenomenal. Tinha mais que duplicado, para 20.000, nos 10 anos precedentes. Aos olhos dos banqueiros dos grandes centros, esta era uma tendência que tinha de ser invertida.

Lord Monckton – Preservar Wall Street da competição de bancos pequenos.

(**LM – 00:45**) *Jeckyll Island, onde 5 banqueiros sénior se encontraram para discutir aquilo que se tornou a US Fed.* ***A real intenção da Fed foi de preservar a dominância dos maiores bancos de Wall Street, e de destruir a concorrência dos bancos mais pequenos, que se estavam a tornar bastante competitivos***.

FED – Eliminar auto-financiamento.

Auto-financiamento – Entre 1900 e 1910, 70% do financiamento era interno. A competição também estava a originar-se de uma nova tendência na indústria, a de financiar crescimento futuro a partir de lucros próprios (**auto-financiamento**), em vez de ser por meio de capital emprestado. Consequentemente, entre 1900 e 1910, 70% do financiamento para crescimento empresarial na América era gerado internamente, tornando a indústria crescentemente independente dos bancos.

Taxas equilibradas – atraiem devedores sérios, afastam aventureiros. Este era o resultado de taxas de juro de mercado livre, que criavam um equilíbrio realista. As taxas eram baixas o suficiente para atrair devedores (borrowers) sérios, confiantes no sucesso das suas venturas de negócios e na sua capacidade de pagar, mas eram altas o suficiente para desencorajar empréstimos para venturas frívolas ou para aquelas para as quais havia fontes alternativas de financiamento – por exemplo, auto-financiamento. Esse equilíbrio era o resultado de emissão de crédito limitada. Os bancos podiam criar empréstimos em excesso dos seus depósitos, mas esse processo era *limitado*. E o limite era definido pela quantidade de ouro que detinham.

Governo federal reduz dívida nacional e acumula ouro. Até o governo federal se estava a tornar responsável. Tinha quantidades progressivamente maiores de ouro, estava a redimir sistematicamente as Greenbacks, e estava a reduzir rapidamente a dívida nacional.

FED – Expandir endividamento, reduzir taxas de juro. Mas isto não funcionava no melhor interesse dos bancos, que pretendiam intervir no mercado para reduzir as taxas de juro, para favorecer a criação de dívida.

FED – Emitir fiat irresponsavelmente – Passar perdas aos contribuintes [GRIFFIN].

Poder para emitir fiat irresponsavelmente, em prol de bancos e políticos.

Quando se dá poder a um grupo, a Fed, para fazer isto, crise tornou-se inevitável.

Crise gerada pela Fed já aconteceu outras vezes na história.

Em Jeckyll Island, 1910, banqueiros discutem como passar perdas a contribuintes.

Decidem sistema de cartel entre bancos e estado, contribuinte como fiador – a FED.

(**GEG – 23:38**) Tudo começou quando se estabeleceu que havia um sistema de reserva federal, com o poder para emitir o dinheiro a partir do nada, sem qualquer atenção à vontade do povo, ou ao funcionamento do sistema monetário, ou seja, apenas por motivos políticos e económicos, em prol dos banqueiros e dos políticos. Assim que se deu esse poder a um grupo, a reserva federal, para fazer isto, a crise económica tornou-se inevitável – A crise económica era inevitável. Isto já aconteceu outras vezes na história. Sempre o governo, ou um grupo de bancos recebeu o poder para expandir a emissão monetária à vontade, esses sistemas acabaram sempre em colapso. Portanto, não há razão para acreditar que os EUA receberam uma isenção dos processos da História. Portanto, a crise económica começou no próprio início disto tudo. Quando os fundadores da reserva federal se reuniram em Jeckyll Island em 1910, e estavam a redactar o FR Act, uma das coisas que discutiram foi, como passar as perdas inevitáveis aos contribuintes. Sabiam que este tipo de crises eram inevitáveis e, de modo a que os bancos não fossem destruídos nelas, chegaram à conclusão que teriam de entrar em parceria com o estado, estabelecer um acordo de cartel e passá-lo para a lei, e colocar o contribuinte como fiador, para quando o sistema finalmente falhasse.

FED – NY Fed, controlada por alta finança, braço do Banco de Inglaterra [RUSSO].

(**AR – 56:40**) A NY Fed é o coração do sistema de reserva federal, controlado pelas várias famílias da banca de investimento, e é um braço do Banco de Inglaterra.

Reserva Federal ao longo do tempo

FED – A maior corporação do mundo, maior geradora de dívida do planeta [RUSSO].

"All others feed of the nipple of the Fed".

(**AR – 1:17:00**) The biggest corporation in the world is the Fed. All others feed off the nipple of the Fed.

FED – Manipulação de metais, acções, obrigações [NEWMAN].

Qualquer segmento da economia é manipulado pela Fed. (**AN – 3:05**) Then from then you can look at any segment of the economy, and see it's getting rigged by the Federal Reserve.

Metais preciosos, acções e obrigações. (**AN – 4:20**) we have this manipulation in the precious metals market, we have manipulation in stocks and bonds... (**AN – 5:25**) ...the market manipulations: the manipulation of stocks, bonds, gold, silver, all of these things.

FED – Manipulação da emissão de crédito – Planeamento central [NEWMAN].

Controlo da emissão de crédito gera o ciclo boom and bust.

Este enriquece bancos, e enterra americanos em dívida.

Dívida permanente, irredimível – Juros – Ponzi scheme.

Só funciona com emissão contínua de novos empréstimos – faltando isto, colapso.

Toda esta emissão de crédito coloca americanos na bancarrota, através de inflação.

O dinheiro financia governo, guerras, e toda esta riqueza da alta finança.

Na ausência de dinheiro honesto, não haverá mercado livre.

A Fed é uma comissão de planeamento central, e isso não funciona.

(**AN – 5:30**) Then you have the biggest manipulation of all manipulations, the manipulation of the money supply. **Their control of the money supply creates the boom and bust cycle and it allows their friends to get rich, while Americans get in debt**. It's a permanent debt, which we can never pay back. When the Fed loans out money, you're stuck in a situation where you have to pay interest on that money, but they never created that interest. You can't emphasize it enough. It's literally a trap, a Ponzi scheme, and it can not continue indefinitely. It'll work as long as they can keep finding new people to keep borrowing new money into the system, so that people can pay off the old debt with the old interest. **But when people stop borrowing the money, then you get a collapse. All this printing of money, it's bankrupting Americans through inflation.** Dollar is now worth 5 cents of the old dollar. The money goes to finance big government, the wars, and to finance this incredible wealth that the elite class has amassed by manipulating the system to its advantage. It kinda leaves you at a loss for words. (**AN – 7:20**) ...as long as we don't have honest money, we're never gonna have a proper economy and you can never say we have a free market, because they're manipulating the market for money. That's the most crucial, basic thing in an economy. It's a central planning commission. We know that central planning doesn't work.

FED – A private agency, a criminal syndicate [NEWMAN, TARPLEY].

Newman – Fed não é uma agência governamental, é um cartel bancário criminoso.

(**AN – 9:10**) Some people think the Fed is a government agency, it's really important for people to understand it's not. It's a banking cartel. (**AN – 15:10**) A criminal syndicate is a good way to put it, this Federal Reserve.

Tarpley – Fed é uma operação puramente privada, de chacais, hienas e abutres.

(**WT**) Muitas pessoas pensam que a reserva federal é parte do governo, e não é. É controlada por cliques de banqueiros não-eleitos e não responsabilizáveis, e que têm as suas reuniões em segredo. Fingem que fazem parte do governo, mas na realidade esta é uma operação puramente privada: chacais, hienas, abutres, todos eles leais aos bancos de Wall Street, que é de onde a maior parte deles vêm.

FED – Um historial de pânicos e recessões – Inflação de 1000% sobre o dólar. Desde a sua criação, a Fed presidiu sobre os crashes de 1921 e 1929; sobre a Grande Depressão de 1929-39; sobre as recessões de 1953, 1957, 1969, 1975 e 1981; sobre a Black Monday de 1987; e sobre uma inflação de 1000% que destruiu 90% do poder de compra do dólar.

O sistema de banca central privatizada está globalizado – [NEWMAN].

"Almost every country has a central bank that operates in a similar way to ours".

(**AN – 9:00**) We're literally in a really bad situation. Unfortunately the rest of the world is in this situation with us. Almost every country has a central bank that operates in a similar way to ours.

FED – Lindbergh (1917)

Lindbergh Sr. – "Under FR Act, panics are scientifically created".

«*Under the Federal Reserve Act, panics are scientifically created; the present panic is the first scientifically created one, worked out as we figure a mathematical problem*» Charles A Lindbergh, Sr. The Economic Pinch (1923 rpt. Hawthorne, California: Omni Publications, 1968), p. 95 [refere-se ao pânico que dá origem à Depressão Agrícola de 1920-21]

Lindbergh Sr. – "The worst legislative crime of the ages".

<u>"FR Act establishes most gigantic trust on earth"</u>.

<u>"Invisible government by money power legalized"</u>.

«*This (Federal Reserve) Act establishes the most gigantic trust on earth. When the president signs this bill, the invisible government by the monetary power will be legalized. The people may not know it immediately but the day of reckoning is only a few years removed, the worst legislative crime of the ages perpetrated by this banking bill*» – Charles A. Lindbergh, R-MN, citação atribuída

Lindbergh Sr. (1917) – Fed implementada por chicanaria social e política.

<u>Chicanaria política e social, para enganar povo americano, Congresso, e Presidente</u>.

<u>Para assegurar novo sistema bancário e monetário</u>.

«*…did conspire with each other to devise a means through social, political, and other ways of strategy and by general chicanery, to deceive the people of the United States, the Congress, and the President of the United States for the purpose and with the object to secure an act of Congress providing for a new monetary and banking system…*»

<u>Isto incluiu subornos e corrupção</u>.

«*…that it was a part of said plan to create many offices and positions with lucrative salaries, which offices and positions would be equivalent to a bid for the ambitions to support it, because these offices and positions would be filled by the leaders and most active persons who would join in the campaign to put the conspiracy into effect und influence Congress and the President for the purpose of securing the legislation…*»

<u>Campanha de propaganda, ONGs</u>.

«*…control of a large number of magazines, newspapers, and publishing companies, used all of these, and proceeded to procure control of as many more as could be purchased or subsidized to publish articles prepared by subsidized writers who would criticize the then existing banking and currency system so as to create public sentiment against it…" Citizens' League" and all the affiliated leagues in the 45 States…*» Rep. Charles Lindbergh Sr. (Minnesota), House of Representatives, Congressional Record, February 12, 1917.

Lindbergh Sr. (1917) – Fed, inconstitucional, gerida por banqueiros privados.

FR Act é nulo e inconstitucional.

«*That the Federal reserve act is void and unconstitutional…*»

Um consórcio internacional de banqueiros privados, alguns deles europeus.

«*…the members of the Federal Reserve Board and the members of the Federal reserve advisory council are men with enormous business interests… and control several of the largest banks in the country…*»

«*…deal in credits, stocks, bonds, securities, and various promoting enterprises from which they have made billions of dollars in profits …*»

«*…a few of them live in Europe…*»

Consórcio envolvido, do lado americano. «*J. P. Morgan & Co. – Kuhn, Loeb & Co. – Lee, Higinson & Co. – Kidder, Peabody & Co. – National City Bank – First National Bank of New York*» Rep. Charles Lindbergh Sr. (Minnesota), House of Representatives, Congressional Record, February 12, 1917.

Lindbergh Sr. (1917) – FR Act visa monopólio para explorar e escravizar público.

Federal Reserve Board responsável por crime e malfeitoria.

«*Federal Reserve Board... high crimes and misdemeanors...*»

Propósito foi facilitar a coordenação de controlo comercial e financeiro, contra bem-estar público.

Um monopólio absoluto com o poder de explorar o povo.

«*…to facilitate and celerify a coordination of all big business and all financial control… in contravention to the public welfare*»

«*…one gigantic combination with an absolute and complete monopoly and have the power of exploiting the people…*»

Para amalgamar e coordenar todo o mundo comercial num único cartel.

Explorar massas, tirar-lhes rendimentos, excepto subsistência básica.

«*...to have the Federal reserve act "administered" so as to enable the conspirators to coordinate all kinds of "big business" and to keep themselves in control of "big business," in order to amalgamate all of the "trusts" into one great trust in restraint and control of trade and commerce, and thus be able to exploit the masses and take from them their earnings, except what they would require for bare subsistence...*»

Escravizar as massas da humanidade.

Tornar as massas da humanidade dependentes, escravos industriais.

«*...to enslave the masses of humanity...*»

«*...to give the said complete practical power to carry out and put into effect their purpose of making the masses of mankind absolutely dependent upon "big business," and in order to create industrial slaves of the masses...*» Rep. Charles Lindbergh Sr. (Minnesota), House of Representatives, Congressional Record, February 12, 1917.

Lindbergh Sr. (1917) – Banqueiros incentivam dividir para reinar, entre massas.

Banqueiros usam todos os truques e subterfúgios para criar fricção entre massas.

E para as dividir em facções hostis.

«*...they have used every trick and subterfuge possible to create friction among the masses and divide them into hostile contending factions, thus keeping the masses from coordinating their affairs to promote the general welfare...*» Rep. Charles Lindbergh Sr. (Minnesota), House of Representatives, Congressional Record, February 12, 1917.

Lindbergh Sr. (1917) – Greenbacks pouparam milhões em juros.

Greenbacks ainda em circulação.

Pouparam milhões ao governo em juros.

Fed a tentar eliminar estas notas de circulação.

E a tentar confiscar o ouro de redenção das greenbacks para os seus próprios fundos.

«*That during the Civil War the Government of the United States issued money commonly called "greenbacks" the same being issued upon the credit of the people of the Nation; that of said "greenbacks" so issued there have been ever since their issue and now are outstanding and in general circulation based upon the credit of the people*

of the United States $346,681,016, for which a reserve of $150,000,000 in gold is held by the Government to guarantee their redemption if demanded; that said circulating "greenbacks" have already saved the Government from paying approximately $1,000,000,000 interest during the time they have been in circulation and are now saving the Government approximately $6,000,000 annually; that in furtherance of said conspiracy in these articles of impeachment alleged and as a part thereof, the conspirators have sought and by secret connivance now seek to have the said "greenbacks" retired and the $150.000.000 of old guarantee placed in the Federal reserve banks on which to base the loaning of "bank credits " as a substitute for the money owned by the people…» Rep. Charles Lindbergh Sr. (Minnesota), House of Representatives, Congressional Record, February 12, 1917.

Lindbergh Sr. (1917) – Fed inflaciona moeda, exporta recursos naturais a saldos.

Crédito do país aumentado em $7B.

Dinheiro direccionado directamente para especulação bancária.

Custo inflacionário no custo de vida das pessoas foi de biliões de dólares.

Pela manipulação de crédito bancário, preços inflacionados em $16B.

«*…increased the bank credits of the country since the passage of said act approximately seven thousand millions of dollars… the effect of the inflation of bank credits has been and is to also increase speculative credits enormously more than equal to the inflation of bank credits, and that such increase since the Federal reserve act took effect has been billions of dollars; that the increase in the aggregate sum of interest paid to the banks upon the said inflated bank credits and the increase caused by the said inflation in the speculative values upon commodities required to supply the necessities of life for the people has been many billions of dollars, which have been added to the cost of living for the people to pay; that said increase in the cost of living is mainly the profits that the conspirators have added to their individual fortunes to the equivalent loss of the people generally and to the Government as well*»

«*…that as a result thereof the said conspirators acted with the said five members of the Federal Reserve Board in manipulating bank credits, and through credits the markets increased the cost to American consumers in the same period approximately sixteen thousand millions of dollars in excess of the real values, which extra cost has mainly been the profits that have been added to the fortunes of the aforesaid conspirators…*»

Exportação de recursos naturais americanos para Europa a preços de saldos.

«*…the said aforesaid conspirators, in violation of the Nation's heretofore established economic policy of conservation of material and natural resources, conspired with European speculators to draw upon the material resources of this Nation for export*

with no correlation between the value of the materials exported and the value of the materials imported; that in consequence of the conspiracy to affect sold export of material resources belonging to this Nation and to the people of it approximately eight thousand millions of dollars in value of the material resources have been exported since the war in Europe began» Rep. Charles Lindbergh Sr. (Minnesota), House of Representatives, Congressional Record, February 12, 1917.

Lindbergh Sr. (1917) – Fed rouba ouro americano.

Federal Reserve Act obriga EUA a redimir notas por ouro.

E isto é incluído a Europa e outros países estrangeiros.

«*…The Federal Reserve Act obligates the United States to redeem in gold at the United States Treasury all Federal reserve notes, and as a part of the said conspiracy and in furtherance of the same, and to extend the speculation of the operators and perpetrators of the said conspiracy to include Europe and other foreign territory…*» Rep. Charles Lindbergh Sr. (Minnesota), House of Representatives, Congressional Record, February 12, 1917.

Lindbergh Sr. (1917) – Fed coloca crédito dos EUA sob Banco de Inglaterra.

Através da NY Fed, colocaram crédito dos EUA sob o Banco de Inglaterra.

Uma agência privada estrangeira, organizada para lucro privado.

«*…had the said board select and appoint, through the Federal reserve bank of New York, the so-called Bank of England as its agent, thus putting the credit of the Government of the United States back of this foreign corporation, organized for private gain, which is no longer able to make payments in gold and fails to give a statement of its true conditions…*» Rep. Charles Lindbergh Sr. (Minnesota), House of Representatives, Congressional Record, February 12, 1917.

Lindbergh Sr. (1917) – Banqueiros procuram controlar Negócios Estrangeiros.

Procuram controlar os negócios estrangeiros dos EUA através de finança. «*…they, most of them being international as well as domestic bankers, seek to dominate the relations of the United States with foreign countries and to selfishly influence the same by means of the control of finances…*» Rep. Charles Lindbergh Sr. (Minnesota), House of Representatives, Congressional Record, February 12, 1917.

FINANÇA (Extras) – Mais dados históricos

[Citações tiradas de paper do FMI; alguma utilidade tais coisas têm de ter: “The Chicago PlanRevisited” (2012). JaromirBenes& Michael Kumhof, IMF WorkingPaper WP/12/202]

Reformas de Solon em Atenas.

ROMA.

EUROPA – Dialéctica controlo privado, controlo governamental.

Advogados de controlo governamental e advogados de controlo privado.

EUA: Colonial – Continental – 1812/17 – 1837/57 – Greenbacks – Pânicos – Grande Depressão [aceitações].

Casos de colapso inflacionário sob controlo monetário governamental.

Da hiperinflação de Weimar ao DawesPlan.

Paper trata HjalmarSchacht e o DawesPlan como modelos a seguir.

Reformas de Solon em Atenas.

Reformas de Solon comparadas a Chicago Plan por FMI: “financial good society”.

“Widespread debt cancellation, restitutions to debtors”.

“Government-issued, debt-free coinage”.

“**Monetization of commodities**: made debt finance closer to equity finance”.

«*It is extremely illuminating to realize that Solon’s reforms, at this very early time, already contained many elements of what Henry Simons (1948), a principal proponent of the Chicago Plan, would later refer to as the “financial good society”. First, there was widespread debt cancellation, and the restitution of lands that had been seized by creditors. Second, agricultural commodities were monetized by setting official monetary floor prices for them. Because the source of loan repayments for agricultural debtors was their output of these commodities, this*

turned debt finance into something closer to equity finance. Third, Solon provided much more plentiful government-issued, debt-free coinage that reduced the need for private debts»

ROMA.

"Solon's reforms inspired Roman monetary system from LexAternia to Punic wars".

"Private metal money at prices that far exceeded their earlier commodity value prices".

"Facilitates wealth concentration for a plutocracy – Republic ends".

«*Solon's reforms were so successful that, 150 years later, the early Roman republic sent a delegation to Greece to study them. They became the foundation of the Roman monetary system from 454 BC (LexAternia) until the time of the Punic wars (Peruzzi (1985)). Many historians (Del Mar (1895)) have partly attributed the eventual collapse of the Roman republic to the emergence of a plutocracy that accumulated immense private wealth at the expense of the general citizenry. Their ascendancy was facilitated by the introduction of privately controlled silver money, and later gold money, at prices that far exceeded their earlier commodity value prices, during the emergency period of the Punic wars*»

EUROPA – Dialéctica controlo privado, controlo governamental.

"Scholastics influenced by the teachings of Aristotle".

"Monetary control remained centralized (govt, church), inseparable from sovereignty".

"Emergence of private banking after fall of Byzantium in 1204, finance for wars".

"Yet ultimate monetary control remained in sovereign hands for a while".

"Bank of Amsterdam, government-owned, 100% reserve backing".Sónosprimeiros tempos.

"Mixt Moneys of Ireland (1601) – Free Coinage Act of 1666 – Bank of England, 1694".

"From Free Coinage Act to 1890, British economy was a regular City rollercoaster".

«*With the collapse of Rome much of the ancient monetary knowledge and experience was lost in the West. But the teachings of Aristotle remained important through their influence on the scholastics, including St. Thomas Acquinas (1225-1274). This may be part of the reason why, until the Industrial Revolution, monetary control in the West remained generally either in government or religious hands, and was inseparable from ultimate sovereignty in society. However, this was to change eventually, and the beginnings can be traced to the first emergence*

of private banking after the fall of Byzantium in 1204, with rulers increasingly relying on loans from private bankers to finance wars. But ultimate monetary control remained in sovereign hands for several more centuries. The Bank of Amsterdam (1609-1820) in the Netherlands was still government-owned and maintained a 100% reserve backing for deposits. And the Mixt Moneys of Ireland (1601) legal case in England confirmed the right of the sovereign to issue intrinsically worthless base metal coinage as legal tender. It was the English Free Coinage Act of 1666, which placed control of the money supply into private hands, and the founding of the privately controlled Bank of England in 1694, that first saw a major sovereign relinquishing monetary control, not only to the central bank but also to the private banking interests behind it. The following centuries would provide ample opportunities to compare the results of government and private control over money issuance. The results for the United Kingdom are quite clear. Shaw (1896) examined the record of monarchs throughout English history, and found that, with one exception (Henry VIII), the king had used his monetary prerogative responsibly for the benefit of the nation, with no major financial crises. On the other hand, Del Mar (1895) finds that the Free Coinage Act inaugurated a series of commercial panics and disasters which to that time were completely unknown, and that between 1694 and 1890 twenty-five years never passed without a financial crisis in England»

Advogados de controlo governamental e advogados de controlo privado.

Advogados de controlo privado (e.g. Adam Smith, Bentham).

Advogados de controlo governamental (e.g. Jefferson, Franklin, Ricardo, Paine).

«*The principal advocates of this system of private money issuance were Adam Smith (1776) and Jeremy Bentham (1818), whose arguments were based on a fallacious notion of commodity money. But a long line of distinguished thinkers argued in favor of a return to (or, depending on the country and the time, a maintenance of) a system of government money issuance, with the intrinsic value of the monetary metal (or material) being of no consequence. The list of their names, over the centuries, includes John Locke (1692, 1718), Benjamin Franklin (1729), George Berkeley (1735), Charles de Montesquieu (1748, in Montague (1952)), Thomas Paine (1796), Thomas Jefferson (1803), David Ricardo (1824), Benjamin Butler (1869), Henry George (1884), Georg Friedrich Knapp (1924), Frederick Soddy (1926, 1933, 1943), Pope Pius XI (1931) and the Archbishop of Canterbury (1942, in Dempsey (1948))*»

EUA: Colonial – Continental – 1812/17 – 1837/57 – Greenbacks – Pânicos – Grande Depressão [aceitações].

“Colonial, uma boa moeda” [não por ser gov. mas porque governo era ***transparente***]. O modelo era bom e o governo era controlado pelo público, não havendo grande chance para esquemas.

“Continental, shorted pelos britânicos”. Yap

“Bons períodos com 1812-17 e 1837-57, e com as Greenbacks”.

“Períodos puramente privatizados, e.g. 2 primeiros bancos centrais, são catastróficos”.

Perdas massivas em 1810-20 e noutros períodos do século 19 [e.g. na recta final, com 4 pânicos].

“Depois Grande Depressão, com um boom&bust”.

Determinante aqui, o esquema com o mercado transatlântico de aceitações (Warburget al).

[Dívida tóxica similar aos actuais derivativos]. A parte de gigante da catástrofe é o boom especulativo no mercado de aceitações transatlânticas, garantido pela Fed, As aceitações são o equivalente dos actuais derivativos nos anos 30. Este tipo de esquema, em que a economia americana compra dívida insolvente europeia (lixo financeiro puro) é organizado pelos grandes bancos europeus em parceria com Wall Street. Quem dá a cara pelo cartel de Wall Street nisto é Paul Warburg, com os seus vários bancos e trusts de aceitações. O mercado de aceitações é responsável por cerca de dois terços da dívida insolvente que leva ao crash de 1929 e à Grande Depressão.

«*The United States monetary experience provides similar lessons to that of the United Kingdom. Colonial paper monies issued by individual states were of the greatest economic advantage to the country (Franklin (1729)), and English suppression of such monies was one of the major reasons for the revolution (Del Mar (1895)). The Continental Currency issued during the revolutionary war was crucial for allowing the Continental Congress to finance the war effort. There was no over-issuance by the colonies, and the only reason why inflation eventually took hold was massive British counterfeiting (Franklin (1786), Schuckers (1874)).17 The government also managed the issuance of paper monies in the periods 1812-1817 and 1837-1857 conservatively and responsibly (Zarlenga (2002)). The Greenbacks issued by Lincoln during the Civil War were again a crucial tool for financing the war effort, and as documented by Randall (1937) and Studenski and Kroos (1952) their issuance was responsibly managed, resulting in comparatively less inflation than the financing of the war effort in World War I.18 Finally, the Aldrich-Vreeland system of the 1907-1913 period, where money issuance was government controlled through the Comptroller of the Currency, was also very effectively administered (Friedman and Schwartz (1963), p. 150). The one blemish on the record of government money issuance was deflationary rather than inflationary in nature. The van Buren presidency triggered the 1837 depression by insisting that the government issuance of money had a 100% gold/silver backing. This completely unnecessary straitjacket meant that the money supply was inadequate for a growing economy. As for the U.S. experience with private money issuance, the record was*

much worse. Private banks and the privately-owned First and especially Second Bank of the United States repeatedly triggered disastrous business cycles due to initial monetary over-expansion accompanied by high debt levels, followed by monetary contraction and debt deflation, with bankers eventually collecting the collateral of defaulting debtors, thereby contributing to an increasing concentration of wealth… Massive losses were also caused by spurious private bank note issuance in the 1810-1820 period, and similar experiences continued throughout the century (Gouge (1833), Knox (1903)).19 The large expansion of private credit in the period leading up to the Great Depression was another example of a bank-induced boom-bust cycle, although its severitywas exacerbated by mistakes of the Federal Reserve (Friedman and Schwartz (1963))»

Casos de colapso inflacionário sob controlo monetário governamental.

E.g. John Law, os assignats, guerras [mas também muitos, muitos mais].

«*To be fair, there have of course been historical episodes where government-issued currencies collapsed amid high inflation. But the lessons from these episodes are so obvious, and so unrelated to the fact that monetary control was exercised by the government, that they need not concern us here. These lessons are: First, do not put a convicted murderer and gambler, or similar characters, in charge of your monetary system (the 1717-1720 John Law episode in France). Second, do not start a war, and if you do, do not lose it (wars, especially lost ones, can destroy any currency, irrespective of whether monetary control is exercised by the government or by private parties)… The assignats of the French revolution also resulted in very high inflation partly due to British counterfeiting (Dillaye (1877))*»

Da hiperinflação de Weimarao DawesPlan.

"Responsabilidades de bancos privados, banco central privatizado, reparações". Sim.

"Aliados exigem controlo privado sobre Reichsbank" [George – Milner e Morgan]. Como Lloyd George disse, quem mandou nas negociações de Versailles foram os banqueiros, "*withtheimperiousnessofabsolutemonarchs*" (e isto é, os rapazes de Milner, do lado britânico, e os de Morgan, o Inquiry, do lado EUA).

"Privados emitiam moeda ad hoc e Reichsbank simplesmente carimbava processo".Yap.

"Depois faziam shorting contra moeda". Sim.

"Ao mesmo tempo, a pressão das reparações" [e episódios geopolíticos com França].

“Schacht pára hiperinflação – controlos sobre o marco,não-conversões” (nope). Não, Schacht limita-se a trancar o processo no final, para permitir conversão para o DawesPlan.

“Especuladores foram esmagados” (nope). O tanas que foram esmagados. Só os pequenos foram esmagados, aqueles que não eram “sábios” o suficiente para sair a tempo. Os rapazes reais passaram para o DawesPlan.

“DawesPlan ajuda”.

(1) Não, cria condições deflacionárias horríveis, agravadas pelo YoungPlan.

(2) Concentração da economia alemã em cartéis (e.g. IG Farben, AEG, VS).

(3) Carrossel de US IOUs, com lucros fantásticos para bancos euro-americanos.

(4) Austeridade fiscal extrema, desemprego em massa, fome.

(5) Ascensão final dos Nazis, com o apoio dos cartéis e dos bancos.

«*German hyperinflation of 1923… The Reichsbank president at the time, Hjalmar Schacht, put the record straight on the real causes of that episode in Schacht (1967). Specifically, in May 1922 the Allies insisted on granting total private control over the Reichsbank. This private institution then allowed private banks to issue massive amounts of currency, until half the money in circulation was private bank money that the Reichsbank readily exchanged for Reichsmarks on demand. The private Reichsbank also enabled speculators to short-sell the currency, which was already under severe pressure due to the transfer problem of the reparations payments pointed out by Keynes (1929).21 It did so by granting lavish Reichsmark loans to speculators on demand, which they could exchange for foreign currency when forward sales of Reichsmarks matured. When Schacht was appointed, in late 1923, he stopped converting private monies to Reichsmark on demand, he stopped granting Reichsmark loans on demand, and furthermore he made the new Rentenmark non-convertible against foreign currencies. The result was that speculators were crushed and the hyperinflation was stopped. Further support for the currency came from the Dawes plan that significantly reduced unrealistically high reparations payments. This episode can therefore clearly not be blamed on excessive money printing by a government-run central bank, but rather on a combination of excessive reparations claims and of massive money creation by private speculators, aided and abetted by a private central bank. It should be pointed out that many more recent hyperinflations in emerging markets also took place in the presence of large transfer problems and of intense private speculation against the currency. But a detailed evaluation of the historical experiences of emerging markets is beyond the scope of the present paper*»

Paper trata HjalmarSchacht e o DawesPlan como modelos a seguir.

Normal numa entidade corporativa fascista, como o FMI. Que este documentotrateHjalmarSchachtcomo um banqueiro central modelo e o DawesPlan como um modelo aceitável de recuperação é algo que fala por si mesmo.

DawesPlan: austeridade extrema, extinção da Alemanha média, consolidação de cartel.

Lança a economia militarizada que provocará a II Guerra. O DawesPlan é criado por uma comissão internacional de banqueiros, com Charles Dawes a servir como testa de ferro para o grupo Morgan, e expressa a mentalidade típica que se encontra em banqueiros. Perante uma economia arruinada, o que se faz é salvaguardar e reforçar as holdings dos bancos pela criação de condições extremamente deflacionárias. Na Alemanha (como em qualquer outro caso similar) isto significou austeridade fiscal extrema, falências, a extinção de qualquer resto de classe média, desemprego em massa, fome e a propagação de doenças. Pelo caminho, a economia foi absorvida por mega-interesses bancários, de ambos os lados do Atlântico, e concentrada em gigantescos cartéis público/privados, fundidos com o estado, como IG Farben, AEG, VereinigteStählwerke. Estes cartéis foram essenciais para a conversão da Alemanha na economia militarizada que provoca a II Guerra Mundial.

Sistema fraudulento com "empréstimos de recuperação", em prol de bancos e cartéis.

Agravam dívida alemã e impossibilitam recuperação real. Ao mesmo tempo, os grandes bancos (de ambos os lados do Atlântico) puderam gerir um esquema de carrossel especulativo, em que faziam lucros espantosos em taxas e comissões, a reciclar IOUs americanas por meio de "empréstimos de recuperação" à Alemanha. O público e o governo americano comparticipavam estes "Dawesloans" e genericamente só voltaram a ver o dinheiro que tinham investido quando tiveram de enviar rapazes para massacres de massa na Europa, por tanques e caças construídos com este dinheiro. Os empréstimos agravaram a dívida alemã (a situação da Alemanha como economia à venda para cartéis internacionais é consagrada), não fizeram nada para ajudar o povo alemão em si (pioraram a situação fiscal), e eram puros handouts às entidades que estavam a construir a economia militarizada que se estava a formar no background (IG Farben, Deutschebank, Commerzbank,AEG, VS, Telefünken, Opel e outros).

Situação agravada com YoungPlan. Todas estas situações foram agravadas com a segunda sessão do DawesPlan, o YoungPlan, uma vez mais protagonizado pelos interesses Morgan.

Despotismo económico requer despotismo político – Machtergreifung Nazi. O desfecho óbvio em tudo isto é a ascensão do NSDAP ao poder, com o apoio directo e aberto dos cartéis e dos bancos. A economia compacta e militarizada encontrava o seu correlato político óbvio na colocação de um bando de radicais autoritários no poder. Despotismo sócio/político é essencial para o exercício de uma economia controlada; e, mais à frente, de uma guerra. O rapaz prodígio, HjalmarSchacht, foi essencial para o DawesPlan e para o YoungPlan e tornou-se o banqueiro central da Alemanha Nazi.

FMI gosta de tudo isto; é isto que pratica pelo mundo fora.

(1) Emiseração / (2) austeridade e consolidação / (3) despotismo político. De resto, não é estranho que o FMI possa encontrar inspiração em Schacht e na economia despótica que foi criada pelo DawesPlan. Este modelo de ***(1) emiseração / (2) austeridade e consolidação / (3) despotismo político*** é a abordagem genérica do FMI, como visto em inúmeros países de 3º mundo ao longo das últimas quatro décadas (anos 70 em frente).

FINANÇA (Extras) – Usura

Tipos de usura.

(1) Apropriação privada de benefícios do uso de dinheiro numa sociedade (em juros). «*The first form of usury is the private appropriation of the convenience yield of a society's money. Private money has to be borrowed into existence at a positive interest rate, while the holders of that money, due to the non-pecuniary benefits of its liquidity, are content to receive no or very low interest*»

(2) Criação de ciclos de expansão/contracção através da emissão privada de dinheiro.

"Systemic borrower default, forfeiture of collateral, market concentration".

«*The second form of usury is the ability of private creators of money to manipulate the money supply to their benefit, by creating an abundance of credit and thus money at times of economic expansion and thus high goods prices, followed by a contraction of credit and thus money at times of economic contraction and thus low goods prices. A typical example is the harvest cycle in ancient farming societies, but Zarlenga (2002), Del Mar (1895), and the works cited therein contain numerous other historical examples where this mechanism was at work. It repeatedly led to systemic borrower defaults, forfeiture of collateral, and therefore the concentration of wealth in the hands of lenders. For the macroeconomic consequences it matters little whether this represents deliberate and malicious manipulation, or whether it is an inherent feature of a system based on private money creation*» "The Chicago Plan Revisited" (2012). Jaromir Benes & Michael Kumhof, IMF Working Paper WP/12/202.

FMI e Banco Mundial – Condicionalidades e terapia de choque

FMI – Um miserável historial, pré e pós 1970.

Toque de Midas invertido. O FMI destaca-se pelo seu toque de Midas invertido, pelo qual parece destruir e arruinar tudo aquilo em que toca, e falha permanentemente nas missões a que se propõe.

Antes de 1970, gera desvalorizações e caos. Foi o caso antes de 1970; com a missão de estabilizar câmbios e moedas, o FMI presidiu a mais de 200 desvalorizações e a caos até aí sem precedentes no circuito monetário.

Após 1970, agrava défices e afunda nações sob dívida acumulada inultrapassável. E, após 1970, com a missão de ajudar a ultrapassar défices de balança, a agência notabilizou-se pelo modo talentoso como ajudou a agravá-los, e a afundar nações inteiras sob o peso esmagador de dívida acumulada, expressa em défices de balança inultrapassáveis.

FMI – Ultra-liberalização para 3º mundo, intervencionismo no 1º mundo.

Ultra-liberalização no 3º mundo. No 3º mundo promove o fim de toda a intervenção estatal – ou seja, para possibilitar o *giant sucking sound*.

Intervenção estatal pró-bancária no 1º mundo. No mundo "rico", o FMI promove intervenção estatal para ajudar os bancos.

Ponto recorrente – O **"giant sucking sound"**, em favor de bancos e especuladores. Em qualquer situação, o FMI faz sempre aquilo que dá mais dinheiro e propriedade à mão cheia de banqueiros e especuladores que o dominam.

FMI e Banco Mundial – Condicionalidades.

Empréstimos de Ajustamento Estrutural [FMI e Banco Mundial].

Condicionalidades (1) destroem economia interna, (2) possibilitam assalto externo. Os ajustamentos estruturais, ou condicionalidades do FMI e Banco Mundial, inserem-se em dois grandes temas: (1) destruir economia interna, sugar tudo o que tenha de valor; (2) possibilitar assalto económico estrangeiro.

FMI e Banco Mundial – Terapia de choque (1) – Fiadores pagam a conta.

Contribuintes de países fiadores pagam a conta.

Incapacidade de pagar implica retorno a “reservas”, “bens”, “créditos”. Mesmo os juros tornam-se pesados demais para pagar. O que significa que o FMI e o Banco Mundial têm de voltar às “reservas”, aos “bens”, aos “créditos”, eventualmente aos contribuintes. Isto também é a essência dos perdões de dívida.

FMI e Banco Mundial – Terapia de choque (2) – Ajustamentos estruturais.

Programa de austeridade e ajustamentos estruturais.

(a) “Disciplina e austeridade fiscal”. Significando aumento de impostos a toda a linha, e “reforma fiscal”, aumentando a base de colecta (i.e., aumentando o número de impostos e o número de pessoas que os pagam.

(b) Cortes radicais na despesa pública.

(c) Redução de standards a toda a linha – Quebra de programas sociais. Eliminação de benefícios sociais e fundos governamentais destinados a saúde, educação, e emprego.

(d) Quebra de legislação laboral – o Arbeitslager. Imposição de salários baixos, cortes de benefícios sociais, trabalho excessivo, em condições miseráveis de vida, com rações insuficientes e cuidados de saúde praticamente inexistentes.

(e) Arresto de colateral – terras, recursos, infraestrutura. Terras, infrastrutura, recursos, são o colateral para os empréstimos FMI/Banco Mundial.

(f) Privatizações, PPPs e aquisições selvagens de recursos. Privatização de tudo, desde escolas públicas, hospitais, e até fontes de água, como rios, correntes e a proibição de recolher água da chuva (cenário visto no 3º mundo).

(g) Privatização do aparato estatal. Privatizações em massa, PPPs, venda de bens estatais a preços de saldo para investidores privados.

(h) “Free trade”. Liberalização de importações, com particular ênfase na eliminação de restrições e protecções, como tarifas.

(i) Desregulação financeira/especulatória. Inclui a liberalização do investimento estrangeiro na economia interna.

(j) Desvalorização monetária. Desvalorização da moeda, de modo a possibilitar “taxas de câmbio competitivas”.

FMI e Banco Mundial – Terapia de choque (3) – Caos e ditadura.

Greves nacionais, motins, caos político e social.

Deriva para estado policial. Estrutura repressiva de estado.

FMI prefere negociar com “homens fortes” – “confiança”. Ao longo da sua história, a banca tem sempre preferido negociar com ditadores e homens fortes capazes de estabelecer negócios 'em confiança'.

FMI e Banco Mundial – Terapia de choque (4) – TARPLEY.

Terapia de choque de FMI e Banco Mundial mata o corpo para salvar o cancro. Promete curas, e a seguir despeja veneno pela garganta do “paciente”.

Condicionalidades não funcionam – devastam o país.

Condicionalidades são guerra económica contra estado-nação. As condicionalidades do FMI e Banco Mundial não funcionam. Ou melhor, funcionam desde que se tenha em conta que o conceito real aqui é o de guerra económica contra o estado-nação.

TARPLEY – Poverty, backwardness – IMF shock therapy is economic death.

(**WT – 10:30**) Now, there's nothing worse than this. The mentality of the IMF is called the Washington Consensus. They always increase poverty, economic backwardness, destruction of industry, unemployment, etc. IMF shock therapy is economic death.

TARPLEY – Destruição do 3º mundo, desregulação, privatização, perca de soberania.

(**WT – 18:00**) Track record do IMF: destruição de países de 3º mundo. Desregulação, destruição de sindicatos, privatização, perca de benefícios sociais – e também perca de soberania nacional e independência.

Algumas nações devastadas pela terapia de choque do FMI. Perú, Bolívia, Argentina, Equador, Egipto, Etiópia, Brasil, Quénia, Gana, Sudão, Libéria, Zâmbia, Rússia, Haiti, Jugoslávia, Ucrânia.

TARPLEY – Guerra económica é mais letal que guerra militar.

McNamara matou mais gente no Banco Mundial que no Pentágono.

(**WT2 – 37:30**) Pode-se matar mais pessoas com meios económicos que com meios militares. McNamara, matou mais pessoas no Banco Mundial que alguma vez o fez no Pentágono. A estimativa geral é 40.000 por dia, 20M por ano, que morrem devido às condicionalidades do IMF, que morrem de fome, doenças, etc. E isso é um número antigo, hoje em dia com a depressão devem andar por 50.000 por dia.

FMI e Banco Mundial

Bretton Woods I (1944) – FMI e Banco Mundial.

Bretton Woods, 1944 – Conferência organizada por David Rockefeller. Estabelecidos numa conferência organizada por David Rockefeller, entre financeiros globais e políticos em Bretton Woods, New Hampshire, 1944.

FMI – Objectivos de 1944 – Facilitar comércio, estabelecer taxas de câmbio fixas. Os dois objectivos anunciados para o FMI em 1944 são a facilitação de comércio internacional, a par com a estabilização de taxas monetárias de câmbio. Isto seria obtido através do estabelecimento de taxas de câmbio fixas entre as diferentes moedas em circulação nos mercados mundiais.

Banco Mundial [IBRD] – Hjalmar Schacht – Reconstrução e desenvolvimento. O International Bank for Reconstruction and Development é a instituição original, fundacional, do World Bank Group. «*A bank of this kind will demand financial co-operation between vanquished and victors that will lead to community of interests which in turn will give rise to mutual confidence and understanding and thus promote and ensure peace*»

Banco Mundial – Actividades e fontes de financiamento.

Quotas. Dos estados-membro.

Créditos.

Promessas – "callable capital", i.e., garantias governamentais. E *promessas* de pagar cerca de 10x mais, se o Banco tiver problemas. Estas promessas são descritas como "*callable capital*".

Endividamento nos mercados comerciais de empréstimos – taxas muito baixas. Com base nestas fontes, o Banco Mundial tem a capacidade de entrar nos mercados comerciais de empréstimos e *pedir emprestado largas quantidades de dinheiro a taxas de juro extremamente baixas*. Afinal de contas, os empréstimos são garantidos pelos governos mais poderosos no mundo.

Reempréstimos a taxas ligeiramente mais altas – lucro sobre arbitragem. Depois, o Banco pega nestes fundos emprestados, e re-empresta-os a países subdesenvolvidos a taxas de juro ligeiramente mais altas, fazendo lucro sobre a mediação/arbitragem.

Créditos e promessas → Empréstimos comerciais → Re-empréstimos

Banco Mundial – Redistribuição global de riqueza.

Agência de empréstimos e investimentos a longo prazo. O Banco Mundial funciona como uma espécie de agência para empréstimos e investimentos. Como tal, disponibiliza empréstimos a governos sob termos favoráveis, geralmente a taxas abaixo do valor de mercado, por períodos tão longos como 50 anos, e geralmente sem pagamentos devidos até após 10 anos.

Banco Mundial, um motor de redistribuição de riqueza, sob globalização. Desde o início que o Banco Mundial foi visto como um veículo para transferir capital das economias industrializadas para as nações subdesenvolvidas. Redistribuição global de riqueza.

Contribuintes de países fiadores pagam a conta. Mesmo os juros tornam-se pesados demais para pagar. O que significa que o FMI e o Banco Mundial têm de voltar às "reservas", aos "bens", aos "créditos", eventualmente aos contribuintes. Isto também é a essência dos perdões de dívida.

RON PAUL – Banco Mundial.

"State run corporate capitalism – Global wealth transfer from the poor to the rich".

Ron Paul – World Bank **(**What is most annoying about the world bank are the criticisms alleging that the Bank and its actions demonstrate the negative actions of free market capitalism. The World Bank deals with state run corporate capitalism. Promotes managed trade by which politically connected individuals and corporations enrich themselves at the expense of the poor and the middle class. It is in essence a global transfer of wealth from the poor, to the rich)

FMI – Fontes de financiamento.

Estados-membro (quase 200). FMI financiado pelos seus quase 200 estados-membro.

Quotas – EUA, o maior contribuidor. Quotas, em moeda, dos estados-membro. Essencialmente dos países mais industrializados: Grã-Bretanha, Japão, França, Alemanha, EUA – os EUA são o maior contribuidor, com cerca 20% do total.

Créditos garantidos por taxação. Emitidos pelos bancos centrais dos estados-membro, garantidos por taxação. I.e., estes garantem que os seus contribuintes cobrem a despesa, no caso de o FMI se colocar em problemas com os seus empréstimos.

Funciona sob GES.

FMI (70s) – Do dólar para SDRs – O dilema Triffin.

Robert Triffin, Yale, "Gold and the Dollar Crisis" (1959). Robert Triffin, economista belga, Yale University. Escreve "Gold and the Dollar Crisis", 1959, onde expõe o que fica conhecido como o Dilema Triffin, e que é o seguinte.

Dólar demasiado inflacionado e comprometido por défice interno US.

Dilema Triffin. [The Triffin Dilemma]

(a) Correcção de défice US provoca deflação mundial. No caso de os EUA corrigirem o défice de balança, o dólar deixa de estar disponível para compra e exportação como moeda de reserva internacional. Portanto, o resto do mundo ["economia global"] perde toda e qualquer liquidez, e isso traria uma crise deflacionária, uma depressão à escala global.

(b) Não-correcção do défice resulta em crise monetária e colapso. Porém, se os EUA não corrigirem o défice, o que acontece é que não conseguem manter o seu compromisso de converter dólares em ouro, e surge uma crise de confiança no sistema. Isso redunda em crise monetária e colapso do sistema.

"Resolução" do dilema – SDRs.

(c) Aumentar o preço do ouro – não – daria demasiado poder a URSS, África do Sul. Como resolver o problema? Uma opção seria aumentar o preço do ouro, mas isso traria demasiado poder a produtores como a África do Sul e a URSS.

(d) "Ouro-papel", SDRs equivalentes ao dólar de 1944. A alternativa foi um truque de mãos: ouro-papel. Ou seja, com obrigações valorizadas em ouro, que teriam de ser aceites e compradas a valor facial. Poderiam ser usadas como reservas e trocadas em paridade com ouro, sem mudar o seu preço. Ou seja, se o dólar indexado a ouro já era parcial fiat, esta opção levaria a peça de teatro para o próximo acto. É assim que nascem os Special Drawing Rights (SDRs), o nome que foi dado ao papel-ouro, e cada unidade foi definida como equivalente a um dólar de 1944, isto, 1/35 de uma onça de ouro. A ideia era de que, em vez dos balanços do dólar, haveria aumento nos balanços de SDRs.

(e) No longo prazo – Moeda global com ouro, SDRs e moedas. No longo prazo, um melhor equilíbrio seria alcançado com reservas compostas de ouro, SDRs, e dólares.

FMI (70s) – Agência de empréstimos e colecta de dívidas.

Fim do GES – Fiatização da economia internacional – Entrada dos SDRs.

FMI abandona estabilização de câmbios, concentra-se em défices de balança. Com o fim do GES e a entrada dos SDRs, o FMI passou a dedicar-se a actividades prestamistas, em nome de ajudar a "ultrapassar défices de balança". Um défice de

balança é a condição que existe quando um país importa um maior valor de bens do que exporta. Por outras palavras, gasta mais que o que ganha, em trocas internacionais.

Facilitador e polícia de endividamento, em nome de financeiros e especuladores. Após 1970, com a fiatização da economia internacional, o FMI passou a trabalhar com agência de empréstimos e de colecta de dívidas em nome dos financeiros e especuladores que o controlam. O negócio do sector bancário não é desenvolvimento, mas sim criação de dívida e dependência.

"Injectar dinheiro para evitar desvalorizações". A actividade essencial do FMI é a de injectar dinheiro num país que entrou na bancarrota, sob a ideia de evitar desvalorizações monetárias; na prática, o que está em causa é a geração de dívida e dependência.

FMI (70s) – Special Drawing Rights – FMI como banco central.

Acordados no Rio, 1967 – Implementados em 1970. Os SDRs foram acordados na reunião anual do FMI de 1967, no Rio de Janeiro. O acordo foi ratificado como a First Amendment to the Articles of Agreement of the IMF, no ano seguinte.

Sistema de alocação por quotas FMI – $30B alocados em 3 anos. Sob o sistema, cada país iria receber uma alocação, com base na sua quota no FMI, e seria obrigado a aceitar SDRs até 3x a alocação respectiva. Quase $30 biliões foram alocados num período de 3 anos, começando em 1970.

Pura criação fiat, papel baseado em papel – O "ouro-papel" de Triffin. Os SDRs são criados como uma pura criação fiat, papel baseado em papel.

Adopção de SDRs implica a fiatização do dólar. Isto acontece em 1971.

GES (dólar e ouro) é abandonado para permitir emissão ilimitada de SDRs. Em 1970, os SDRs ainda tinham o obstáculo do dólar, que continuava vinculado ao GES. O dólar era a principal moeda usada pelo FMI, e era redimível por ouro a $35/onça, o que significava que os SDRs continuavam a estar vinculados ao ouro; e a emissão monetária nesta unidade seria, portanto, limitada. Para que o FMI viesse a funcionar como um verdadeiro banco mundial, com poderes ilimitados de emissão, o dólar tinha antes de ser desconectado do ouro – o primeiro passo na direcção de o substituir completamente pelos SDRs, como moeda de reserva global.

Créditos servem de base aos SDRs. O FMI considera que estes créditos são "bens", que são depois convertidos em "reservas", a partir das quais são feitos empréstimos a estados. Como acontece com qualquer banco central moderno.

"Créditos" governamentais → "Bens contabilísticos" no FMI → Reservas → SDRs

Com emissão de SDRs, FMI começa a adquirir atributos de banco central. A emissão de uma unidade monetária global faz com que o FMI esteja a assumir-se como um banco central para o mundo. A primeira fase do lento e gradual processo de metamorfose do FMI acaba neste ponto. Ainda não é um verdadeiro banco central, dado que não pode criar a seu própria moeda. Tem de depender dos bancos centrais dos estados-membro, para providenciar dinheiro e "créditos". Mas, dado que estes bancos, em si mesmos, podem criar tanto dinheiro como pretendem, a partir desse momento deixa de existir um limite real.

Ápice da estrutura pré-existente de bancos centrais.

Acordo do Rio (1967) gera expectativas de moeda global. Após o acordo do Rio, houve grandes expectativas de que o SDR poderia ser o primeiro passo para, o embrião de uma genuína moeda global.

FMI (70s) – SDRs provocam inflação nos países emissores de créditos.

SDRs – Inflação gerada através de contas bancárias em países emissores. Os SDRs são transformados em empréstimos para nações, através da criação de checking accounts nos bancos centrais ou comerciais dos estados-membro, em nome do governo devedor.

Riqueza transferida para país devedor, raramente devolvida. Estas contas bancárias são criadas a partir do ar, o que resulta em inflação no país onde a moeda foi originada. É portanto causada inflação nas nações de origem, ao passo que a riqueza é transferida do público para o país devedor, que raramente paga de volta.

FMI, Banco Mundial – Subsidiação de tirania e subdesenvolvimento

FMI e Banco Mundial subsidiam desperdício, autoritarismo, subdesenvolvimento.

Transferência de riqueza – prejudica economia fiadora e não melhora destinatária. Este processo de transferência funcionou, e baixou o nível económico dos países fiadores, mas não aumentou o nível dos recipientes.

Dinheiro desaparece em pântanos infindáveis de corrupção e desperdício.

Corrupção, burocracia, clientelismo, nepotismo. Durante toda a 2ª metade do século XX, estes empréstimos foram, genericamente, cedidos a indústrias estatais que estão obstruídas e contaminadas por corrupção, burocracia, clientelismo e "tachismo". Geridas como agências de segurança social, em vez de negócios: demasiadas pessoas contratadas, demasiados gestores, salários excessivos, demasiadas férias, benefícios irrealistas. Destinadas a falhanço económico desde o início, consomem os empréstimos sem qualquer possibilidade de criação de mais-valia.

Biliões de dólares injectados resultam em desenvolvimento zero. Após uma das mais espectaculares campanhas de injecção financeira, biliões de dólares, em países subdesenvolvidos à volta do globo, nenhum desenvolvimento tomou lugar.

Muitos países ficam em pior estado, após alimentação de regimes cleptocráticos. De facto, aconteceu precisamente o contrário. A maior parte dos países ficaram em muito pior estado, depois de os seus regimes cleptocráticos serem subsidiados desta maneira.

3º Mundo – Catástrofe sócio-económica a par e passo com luxo e contas na Suiça. Enquanto os países destinatários se afundavam em catástrofe social e económica, sob repressão, biliões do Banco Mundial serviram para construir capitais luxuosas, para albergar agências governamentais e a elite governante (por exemplo, na Nigéria e na Argentina). Líderes políticos tornaram-se milionários e bilionários, com contas na Suiça, através de empréstimos do Banco Mundial.

FMI e Banco Mundial, promotores activos de tiranias.

Tirania parece ser um pré-requisito para empréstimos. Aliás, ser uma tirania parece ser um pré-requisito, para receber estes empréstimos.

FMI e Banco Mundial preferem negociar com "homens fortes" – "confiança". Ao longo da sua história, a banca tem sempre preferido negociar com ditadores e homens fortes capazes de estabelecer negócios 'em confiança'.

Banca central ocidental, cúmplice directa no apoio a regimes totalitários. Portanto, isto faz dos países ocidentais, e dos seus bancos centrais, cúmplices directos no apoio a regimes totalitários, de esquerda e de direita, pelo mundo fora.

Trabalhadores ocidentais forçados, sem o saber, a pagar por ditaduras. Porque é que os trabalhadores ocidentais haveriam de subsidiar as actividades de ditadores comunistas que passaram o tempo a destruir as condições de povo dos seus próprios povos, e a enriquecer no processo? E a destruir sindicatos e modos de vida? Porém, foi isso mesmo que fizeram. E, com isso, deram mais poder aos super-capitalistas que lucraram e ganharam poder com estas transacções.

David Dunn (BM) – Banco Mundial "não faz distinções políticas".

«*Political distinctions are not something our charter allows us to take into account*» David Dunn, head of the World Bank's Ethiopia Desk, "Harnessing World Bank to the West," Insight, February 9, 1987, p. 8.

Alguns exemplos de regimes corruptos subsidiados pelo Banco Mundial. Este padrão é incrivelmente evidente, por exemplo, em África, mas também em qualquer regime fascista e/ou comunista no mundo. Exemplos:

URSS – CHINA. Ver nas secções respectivas.

TANZÂNIA – o regime Nyerere.

Mais de $3B em empréstimos. A Tanzânia recebeu mais ajuda per capita do Banco Mundial que qualquer outra nação, mais de 3 biliões de dólares em empréstimos.

"Villagization", i.e., imposição de reservas. Julius Nyerere, o ditador, era notório pelo seu programa de "villagization", pelo qual o exército foi usado para expulsar os camponeses das suas terras, para queimar as suas cabanas, colocá-los como gado em camiões e deslocalizá-los para aldeias governamentais. O propósito, eliminar oposição, ao levar toda a gente para complexos onde podem ser vigiados e controlados.

Economia destruída, fome um lugar comum – de export para import de comida. Entretanto, a economia definha, as quintas morreram, e a fome é um lugar comum. Diga-se ainda que, antes de receber empréstimos do Banco Mundial, a Tanzânia não era rica, mas alimentava o seu próprio povo e tinha crescimento económico. A produção agrícula e industrial caiu em quase um terço. A comida era a principal exportação em 1966. Sob socialismo, a comida tinha de ser importada, paga com ajuda externa e mais empréstimos do Banco Mundial.

Nacionalizações e obras públicas ineficientes. O país nacionalizou as quintas e as indústrias, e converteu todos os negócios em agências governamentais. Construiu uma

fábrica de camiões, uma fábrica de pneus, fábricas de electrónica, autoestradas, portos, caminhos de ferro e barragens.

Dívida irreparável. O país ficou desesperadamente em dívida, sem qualquer forma de pagar de volta.

UGANDA, ZIMBABWE.

Repressão, tortura, assassinatos. As forças de segurança governamentais em ambos os países envolveram-se em detenções em massa, tortura, e assassinato de prisioneiros. O mesmo é verdade para o governo terrorista no Zimbabwe. Porém, ambos os regimes continuam a receber milhões de dólares de financiamento do Banco Mundial.

Comunitarização da população em reservas. No Zimbabwe, também foi seguido o mesmo padrão de comunização da população, em aldeias colectivas, com as melhores terras a serem reservadas para oficiais governamentais.

ETIÓPIA – regime Mengistu.

Fome de 1984-85 – Reforma agrária, comunitarização em reservas. As piores violações de direitos humanos talvez tenham sido aquelas que ocorreram sob o regime marxista de Mengistu Haile Mariam. A fome de 1984-85, que ameaçou as vidas de milhões de pessoas, foi o resultado do programa governamental de nacionalização e disrupção da agricultura. Programas gigantescos de realojamento expulsaram milhares de pessoas das suas terras no norte, para as deportar para "aldeias", i.e., campos de concentração, no sul, completas com torres de guarda. Este programa foi modelado com base nas fomes soviéticas dos 20s e dos 30s, e na fome chinesa dos 60s (confirmar década).

Banco Mundial subsidia directamente deslocalizações de população. Porém, até à altura em que Mengistu foi derrubado, o Banco Mundial continuou a enviar-lhe centenas de milhões de dólares, com muito do dinheiro a ir especificamente para o Ministério da Agricultura, que estava a cargo do programa de realojamento.

VIETNAME.

Colectivização, comunitarização, campos de concentração. No final dos anos 70, a mesma história desenrolou-se no Vietname comunista, com colectivização e realojamentos forçados, campos de concentração, e todo o género de atrocidades. Durante todo o processo, o regime foi generosamente financiado pelo Banco Mundial.

LAOS, SÍRIA, INDONÉSIA. Todos financiados pelo Banco Mundial.

NICARÁGUA – Sandinistas. Os Sandinistas assassinaram a oposição e aterrorizaram a nação até ao ponto de submissão.

NIGÉRIA, ZAIRE.

ARGENTINA, MÉXICO, FILIPINAS. Mais regimes corruptos, sustentados pelos empréstimos do Banco Mundial.

REPÚBLICA CENTRAL AFRICANA. Empréstimos do FMI e do Banco Mundial foram usados para encenar uma coroação para o imperador local.

GATT, globalização, corrida para o fundo, PPP – VIDEO

GATT, OMC, império financeiro global.

JAMES GOLDSMITH – GATT é a corrida para o fundo, perda de soberania.

Acredito em mercados livres, no melhoramento geral da economia.

Estamos a assistir ao divórcio entre interesses corporativos e interesses da sociedade no todo.

james goldsmith – GATT1 (I believe in free markets, and I believe the economy is to improve the state of the nation – what we are witnessing is the divorce of the interests of the major corporations and the interests of society as a whole)

GATT vai destruir economia em nome de lucros empresariais.

Não é legítimo que destruamos as nossas nações em nome de lucros.

james goldsmith - GATT2 (We have a system for the moment being proposed, you here, we in Europe, which will result in massive unemployment, massive hemorraging of jobs and capital but which will increase corporate profits. Going offshore to get cheap labor, 40 times cheaper, that's nothing to do with productivity. And if you think that is productivity, you are wrong. If we try to make profits and at the same time destroy our nations no one will benefit from that, even those who make the profits – because that is like making profits on the deck of the titanic, and it's clever as opposed to wise)

Tirámos pessoas do campo, colocámo-las em cidades degradadas.

Agora com o GATT, a desestabilização da sociedade avança mais um passo.

james goldsmith - engenharia social, GATT (remixed) (what have we done? We have profoundly destabilized our communities – Tirámos pessoas do campo, enfiámo-las em cidades, criámos ghettos e subclasses – criámos drogas, crime – e o GATT é o típico instrumento económico cujo objectivo é o aumento de lucros empresariais e cujo resultado será a destruição da estabilidade da sociedade, a quebra contínua da vida familiar, e o aumento contínuo de crime, pobreza, e todos os outros males que estamos agora a sofrer)

A OMC é uma enorme perda de soberania, e não pode ser algo diferente disso.

james goldsmith - WTO, perca de soberania (The WTO is a major diminution of sovereignty. It can't be otherwise. Otherwise why would it exist?)

TUCKER – O poder da OMC.

OMC ordena a Congresso que altere leis comerciais, Congresso simplesmente obedece.

tucker, wto (The WTO has ordered Congress to alter some of the trade laws, and Congress runs and obeys)

PERKINS – GATT, new global corporate empire.

Já não há fronteiras, nações, ou leis protectivas.

Agora só temos estas enormes nuvens multinacionais, uma nova forma de império.

perkins - new global empire (Antes, havia o globo com vários países soberanos. Hoje em dia pode-se olhar para o globo, e vê-lo rodeado de enormes nuvens a girar à volta do planeta. Não conhecem fronteiras nacionais, nem seguem conjuntos de leis. Basicamente controlam os políticos pelo mundo fora porque controlam o dinheiro, controlam os media porque controlam o orçamento publicitário. Pela primeira vez na história temos esta nova forma de império)

Globalização, desindustrialização, corrida para o fundo.

TARPLEY – Globalização – Desindustrialização, subprodução, fúria anti-humana.

Desde assassinato JFK, transformação oligárquica do mundo.

Tropismo – tentam degradar nível de vida da vasta maioria da população.

Dizem que industrialização e sobrepopulação são os principais problemas no mundo.

(***WT – FOTR, 15:00***) [Ao longo das últimas décadas, desde o assassinato JFK,] houve uma transformação oligárquica de virtualmente todos os países do mundo. E, assim que banqueiros e oligarcas têm poder, as coisas que fazem, pode-se chamar a isto um tropismo, naturalmente

sendo oligarcas vão tentar degradar o nível de vida da vasta maioria da população – vão afirmar que o mundo está sobrepopulado – que a industrialização, a poluição industrial e a sobrepopulação são os principais problemas que afectam o mundo.

<u>A globalização destruiu economicamente o mundo</u>.

<u>Milhares de mortes por dia por fome, malnutrição, doenças curáveis por tostões</u>.

<u>Oligarcas maltusianos contra fazer algo para elevar nível de vida em África e Ásia</u>.

<u>Isso iria causar poluição, e oprimir a mãe Terra – é isso que é oligarquia</u>.

(***WT – FOTR, 18:00***) A globalização destruiu economicamente o mundo. Existem pelos 40 a 50 mil pessoas que morrem todos os dias pelo mundo fora, por fome, malnutrição e com doenças que podem ser curadas por tostões, tal como diarreia. E se se perguntar a um destes oligarcas maltusianos se não se devia fazer algo para elevar o nível de vida em África e Sul da Ásia, ele dirá, não, porque isso iria causar poluição, e oprimir a mãe Terra. Portanto, é isso que é oligarquia. Se pensares que os banqueiros são o mesmo que tu, estás enganado.

<u>Problema essencial no mundo actual, subprodução de bens</u>.

(**WT2 – 14:50**) O problema essencial do mundo de hoje é a subprodução da maior parte dos bens de que os humanos precisam: transporte, roupas, comida, empregos, habitação, cuidados de saúde, tudo o resto. (**WT2 – 15:10**) 1B de pessoas no mundo de hoje estão a passar fome, devido à situação do mercado mundial de comida, e ao facto de que não temos quase food stocks em lado nenhum do mundo. (**WT2 – 15:25**) Também há cerca de 2 a 3B de pessoas que estão a viver a 1 euro por dia.

WATT, TARPLEY – Desindustrialização, assett stripping.

<u>Watt – É necessário industrialização para soberania, independência, auto-sustento</u>.

(**AW – FOTR, 23:15**) Nenhum país desindustrializado, sem a capacidade de produzir os seus próprios bens, pode ser soberano, independente, capaz de sustentar-se a si próprio.

<u>Tarpley – Sem indústria, ocidente vai converter-se em material etnográfico</u>.

<u>Bizarra cultura, onde pessoas valorizam derivativos e hedge funds, mas não fábricas</u>.

<u>Oligarca financeiro vê indústria como objecto de assett stripping, para liquidação</u>.

(**WT – 52:35**) Sem indústria, a civilização ocidental vai converter-se em material etnográfico, a ser estudada por antropólogos chineses, que vão interrogar-se sobre esta bizarra cultura, onde as pessoas dão valor a derivativos e a fundos de gestão de risco, mas não a fábricas.

(**WT – 3:10**) O oligarca financeiro vê a indústria como um objecto de assett stripping. Algo que pode liquidar, para fazer um monte de dinheiro no processo.

TARPLEY – Maltusianismo, crescimento zero, degradação do nível de vida.

Webster Tarpley – "Oligarchy is a frame of mind – zero growth, malthusianism"

(**WT – FOTR, 16:45**) () Oligarquia é um sistema no qual os ricos controlam o governo através de o comprarem, e o indivíduo médio não conta para rigorosamente nada. Oligarquia é um estado mental. Por outras palavras, quando se é um banqueiro, isto já é um modo de ver o mundo, e implica as políticas que nos trouxeram aqui: crescimento zero, maltusianismo, rebaixamento do nível de vida, destruição de forças de oposição.

Privatizações, PPP.

WATT – Privatizações, nacionalizações – PPPs.

The same cons pulled all over Europe.

Taxpayers pay for local systems, then right wing privatizes them for peanuts.

Then left wing nationalizes it, on and off for years.

Eventually they privatized it all, a strange new type of privatization called PPP.

Profits are private, but public pays for upkeep, and rents the use of it. So it's a great con.

alan watt – public-private partnerships1 & 2 (redux) (Years ago I travelled through Europe watching the same cons being pulled in a bunch of countries. The taxpayers payed for the local systems they lived in – the sewer system, the water system. Then the right wing would privatize it for peanuts who would run it into the ground for profits, then the left wing would nationalize it, on and off for years – eventually they privatized it all, a strange new type of privatization called PPP, where the profits are private, but the public pays for the upkeep, and rents the use of it. So it's a great con, and all countries do this, you see)

BM

GLADSTONE (1852) – The money power, supreme over the government.

Gladstone, Chancellor of the Exchequer (1852), mais tarde PM.

Tentativa falhada de reformular a Charter do Bank of England.

"The government was to leave the money power supreme and unquestioned".

«*The hinge of the whole situation was this: the government itself was not to be a substantive power in matters of Finance, but was to leave the Money Power supreme and unquestioned*» Gladstone (1852), cit. in in Carroll Quigley (1966). Tragedy and Hope: A History of the World in Our Time.

Globalização em rede – Circuito britânico de globalização [parcial].

(1) Algodão plantado por escravos na Confederação.

(2) Fábricas de têxteis, norte de Inglaterra [escravos 2.0]. O algodão plantado por escravos nos estados confederados dos EUA era exportado para fábricas de têxteis no Norte de Inglaterra, operadas por crianças e mulheres a salários extremamente baixos.

(3) Índia (dumping para destruir economia local). Esses têxteis eram depois exportados para a Índia a preços artificialmente baixos, de modo a destruir a indústria têxtil local, num processo que causava miséria e fome.

(4) Índia paga têxteis com receitas do ópio enviados para a China. A Índia pagava pelos têxteis importados com as receitas das exportações Bengalis de ópio para a China.

(5) Ópio destrói China, alimenta consórcios de Honk Kong e Shanghai. Vários deles no espaço da Confederação.

(6) Circuito do ópio globaliza-se, dado origem a rede internacional de narcóticos.

(7) Mais tarde, ouro e diamantes da África do Sul pagam ópio, Triângulo Dourado.

(8) Chegamos aos dias de hoje, com City e paraísos fiscais a mediarem negócios.

Governância global financeira – VIDEO.

KISSINGER – "…a new world order can be created".

"A great opportunity, not just a crisis, a new world order can be created".

Kissinger disse que a crise financeira era uma "great opportunity, not just a crisis", e que "a new world order can be created": ***kissinger - a new world order can be created, it's a great opportunity, not just a crisis***

VAN ROMPUY – "2009 is the first year of global governance".

G20, FMI a assumir posição de liderança global. Em 2009, Van Rompuy declara que esse é o primeiro ano de governância global, com a FMI a assumir uma posição de liderança e com o estabelecimento do COP15.

COP15 a explorar governância global activa.

SARKOZY – "Une nouvelle ordre".

Sarkozy apela a uma "nova ordem económica" na ONU em 2007. Nicolas Sarkozy foi o primeiro a apelar a uma "nova ordem económica", enquanto se dirigia à Assembleia Geral da ONU em Setembro de 2007 (isto é, antes da crise).

Mais tarde, fala de nova ordem total (economia, finança, moeda, sócio-política). Mais tarde, falou da necessidade de criar uma nova ordem mundial – económica, financeira, monetária, social, política: ***sarkozy - nouvel ordre mondial (english)***

ATTALI – Mercados financeiros globais – Governância global.

Jacques Attali era o principal consultor de Sarkozy.

"Global financial markets" implicam "global rule of law". Attali diz-nos que o «*core of the international financial crisis is that we have global financial markets and no global rule of law*»

"Global governance is a euphemism for global government". «*Global governance is just a euphemism for global government*» Jacques Attali [cit. em Gideon Rachman, "And Now For a World Government", Financial Times, Dec. 8, 2008].

STEPHEN HARPER – "Global governance".

G20, Harper comete o lapso "*global government....ah, governance*".

stephen harper -- g20 -- global government (lapso 'global government....ah, governance')

G8, regulação económica global, governância global. Num G8, Harper disse que "*é necessário haver um sistema internacional de regulação económica*" e que "*numa economia globalizada, é preciso tomar responsabilidades globais; é necessário haver governância global*":

stephen harper g8 -- 1 -- international regulations ('é necessário haver um sistema internacional de regulação económica'

stephen harper g8 -- 2 -- national sovereignty ('numa economia globalizada, é preciso tomar responsabilidades globais; é necessário haver governância global')

Global Policy Council – Reforma financeira global.

FMI e FEE dotados de poder autoritário. O Global Policy Council, por sua vez, falou das reformas actualmente a ser preparadas – empoderamento do FMI, regionalização do mundo, e estabelecimento de um governo mundial.

Regionalização do mundo – estabelecimento de um governo mundial.

ESCOBAR – "Bretton Woods II, governo mundial". ***GPCescobar - one world govt, imf, bretton woods 2*** (a crise vai requerer uma espécie de organismo mundial – ou seja, bretton woods tem de ser actualizado, através de um IMF com mais capital e mais poder)

VERHOFSTADT – FEE para a Europa, FMI reforçado, regionalismo monetário. ***GPCverhofstadt - financial authority in europe, strenghtened imf*** (acessório) (necessário ter uma autoridade financeira europeia, e o mesmo a nível global, com o IMF)

VERHOFSTADT – Ordem mundial multipolar, com base em regiões – moeda asiática. ***GPCverhofstadt - multipolar world order*** (criar uma rede de organizações regionais – talvez amanhã na Ásia surja uma moeda asiática – intensa cooperação na América latina – uma multipolar world order, baseada em regiões continentais a operar em rede – é esse o futuro para este mundo)

FISCHER – Estabelecer "very powerful global institutions". ***GPCfischer - 'very powerful global institutions'*** (eu vejo o mundo através do prisma das instituições – porque as instituições têm muitas vantagens por comparação com actores não estatais – portanto, integrar tudo nas plataformas institucionais e tornar as instituições mais abertas – criar novas instituições globais que serão muito poderosas)

TRICHET (BCE) – Estandardização financeira sob governância global.

Mesmas regras aplicadas a todos, ao nível global.

Isto tem de ser determinante neste novo formato de governância global.

Na Europa, 75% da economia real passa por intermediação bancária, nos EUA é apenas 25%.

Isto tem de ser mudado.

ECB's Trichet on World Financial Standardization – CFR (4:30) (It is extremely important that we have really at the global level the same rules being applied by all. This is very important, in my understanding. It is extremely important that we, in this new ownership of global governance, have particularly on both sides of the Atlantic, the implementation of the same rules, in the same fashion)

"Could you tell us what you see to be the biggest differences between the European and American views of financial reform?" (…) "We are in universes that are structurally different. 75% of the final real economy in Europe goes through the banking intermediation, and I would say, only 25% in the US".

WATT – G20 discute Bretton Woods II.

FMI no centro, para taxação global.

FOTR – alan watt - imf, g20, bretton woodsII, for world taxation (Imediatamente, todos os países entram em acção em simultâneo. O FMI é mencionado no G20, que tem de ser trazido até ao seu pleno, e que "precisamos de um Bretton Woods II", para taxação mundial)

TARPLEY – Ditadura global FMI – Race to the bottom – British on inside track.

FMI, centro de uma ditadura financeira mundial.

Fed, BCE, Banco do Japão, muito maus – nova camada com FMI a líder.

Se isso acontecer, temos condicionalidades, Washington Consensus.

Privatização, desregulação, destruição do sector público.

"They wanna have the race to the bottom, across the board".

"With of course the British having the inside track on what gets done".

(**WT – 5:50**) A ideia é fazer do IMF o centro de uma ditadura financeira mundial. E nessa mesma órbita existe o Banco Mundial e uma série de outras instituições. A ideia é fazer do IMF o banco central de todos os bancos centrais. Temos a Reserva Federal, o BCE, o Banco do Japão, todos extremamente maus – mas agora uma nova camada, com o IMF como líder de todos estes, e emprestador de último recurso aos bancos centrais nacionais. Se isso acontecesse, é-se forçado a assinar uma carta de condicionalidades, na qual se aceita cumprir com todos os requisitos impostos pelo IMF. Agora, isto segue uma doutrina muito específica, o Washington Consensus: perca de benefícios sociais, privatização, desregulação, quebra de sindicatos, destruição do sector público. "They wanna have the race to the bottom, across the board". (**8:35**) "With of course the British having the inside track on what gets done".

TARPLEY – "Last man standing", o plano monetário britânico.

Rebentar todo o sistema mundial, e a libra é o last man standing.

Isso faz dos britânicos os mais imprevisíveis e perigosos, na situação actual.

(***WT – 14:35***) A estratégia britânica: a last man standing. Rebentar todo o sistema mundial, destruir todas as moedas, e acredite-se ou não, a decrépita múmia da libra é o last man standing. E isso faz dos britânicos os rapazes mais imprevisíveis e perigosos, na situação mundial.

TARPLEY, CELENTE – IMF Special Drawing Rights.

TARPLEY – SDRs, the currency of the world financial dictatorship – pure paper.

Keynes, bancor, os SDRs, para esmagar economias, típico imperialismo britânico.

(***WT – 9:20***) SDRs, the currency of the world financial dictatorship. A purely paper creation. That's your supernational currency. (WT – 12:05) The SDRs are what is happening. (13:00) O pior de todos os mundos são os SDRs. Lord Keynes – bancor – e isso são os SDRs, para evitar exportações. Típico pensamento imperialista britânico.

CELENTE – Vai haver uma moeda mundial de reserva, imposta através do FMI.

(***GC – FOTR, 20:45***): Vai haver uma moeda mundial de reserva, vão puxá-la através do FMI, esses vão ser os banksters que vão estar encarregados dela, isso vai acontecer, e vai acontecer mais cedo que tarde.

RUSSO – World government, run by bankers – EU, NAU.

Bancos privados trabalham todos em conjunto.

Objectivo, governo mundial, gerido pelos bancos.

Estão a fazê-lo por regiões – UE, parte disso, a seguir NAU.

(**AR – 23:18**) "*The private banks all work together*" (**AR – 23:15**) "The goals of the banking industry" (**23:55**) "*is to create a one world government, run by the bankers*" (**AR – 24:05**) [one world government] "*...and they're doing it in sections. The EU is one part of it.*" America, NAU

Greatest Depression, buraco de derivativos, desintegração e colapso – VIDEO.

KEISER – Dívidas agora a 100x mais que PIB.

KEISER – Nível de dívidas agora quase infinito, 50 a 100x mais que PIB.

(***MK – FOTR, 50:22***) O nível de dívidas é agora quase infinito, por relação ao PIB global – entre 50 a 100 vezes mais.

TARPLEY – Buraco negro de $4Q de derivativos.

Não existe liquidez suficiente no mundo para satisfazer isto.

Portanto, temos QE1, QE2, QE3, $1T do Tesouro, $3.3T da Fed, uma linha de $24T.

Nada disto é suficiente, mas aproxima o sistema de hiperinflação.

(**WT3a – 18:20**) The buying and selling of these derivatives, which has now reached 4Q dollars per year. So, 4000T dollars of buying and selling derivatives. This mass of derivatives represents a black hole. There's not enough liquidity in the world, there never could be, enough money to satisfy the demands of 4Q of trading derivatives. So, all of this stuff, QE1, QE2, QE3, we've had a trillion dollars from the Treasury, 3.3T from the Fed, a credit line of 24T, none of this is enough, but what this does do, is it pushes the system towards hyperinflation. That's where we seem to be headed right now.

CELENTE – A Maior Depressão.

Wall Street matou Main Street – A maior depressão, com desemprego, pobreza, crime.

(***GC***) Wall Street matou Main Street.

(***GC – 25:53***) Estamos a entrar na maior depressão. Não haverá crescimento das taxas de emprego, haverá crime, pobreza, raptos. E quanto mais as coisas ficarem fora de controlo, tanto mais o martelo governamental cairá sobre as pessoas – – **police state connection.**

(***GC***) 70.000 empregos evaporados numa semana

TARPLEY – Depressão, desintegração, colapso, corrida para o fundo.

Oligarcas financeiros não são os médicos que vão resolver a crise.

Pelo contrário, vão afundar mundo em buraco negro de depressão, colapso, desintegração.

(***WT – FOTR, 36:15***) Se permitires que os oligarcas financeiros que criaram a crise se virem e digam que são os médicos que a vão resolver, vão afundar-te mais e mais fundo no abismo sem fundo de depressão económica mundial, colapso financeiro e desintegração.

Comércio mundial cai 33% desde 2008.

Estamos no meio de naufrágio e decomposição, desintegração, colapso da economia mundial.

(***WT – 42:50***) A melhor maneira de sair de uma depressão é estimular o comércio mundial. Agora o comércio mundial caiu 33% desde 2008, e vai voltar a cair. (***57:00***) Portanto, estamos no meio de um naufrágio e decomposição, desintegração, colapso da economia mundial, uma desintegração do dólar americano.

Estamos perto do ponto de colapso civilizacional, sem receita fiscal para serviços básicos.

(***WT – 46:55***) That's close to the point where society and civilization unravel – not enough tax revenues for police, fire service, etc – in other words, a descent into barbarism.

"The race to the bottom, across the board".

(***WT – 8:05***) "They wanna have the race to the bottom, across the board…"

AJ – Aquisição hostil do mundo por corporações multinacionais.

AJ – Real inimigo são interesses corporativos internacionais, que usam Fed como franchise nos EUA.

Estão a montar uma aquisição hostil do mundo, para estabelecer fascismo.

(***AR – 1:03:30***) AJ: através do trabalho de pessoas como Aaron Russo e Ron Paul, as pessoas começam a descobrir quem é o verdadeiro inimigo: interesses corporativos internacionais que compraram o país e todas as outras nações no mundo, e usam a Fed como a sua franchise nos EUA. (***AR – 1:10:00***) AJ: Private corporate takeover of the world, to set up corporatism, or fascism.

WATT – "Now was the time to pop the bubbles" – Taxação a aumentar, austeridade.

"Now was the time for the crash, to pop the bubbles" – Taxação a aumentar.

alan watt - now was the time for the crash (Taxação a subir a cada momento com o suposto crash dos bancos, que só aconteceu agora porque 'now is the time', como dizem nos seus próprios escritos. Podiam ter continuado mais uns poucos anos, e depois ter crashado as bolhas todas)

Poder da bolsa usado ao máximo, para taxar quase tudo ao público.

(***AW – NEWH, 29:45***) Hoje em dia, o poder da bolsa é usado ao máximo, para taxar ao público quase tudo o que ganham.

DICE – Sistema de duas classes, escravatura.

Para indivíduo médio, será essencialmente escravatura.

Estão a criar um sistema de duas classes, com uma pequena elite versus todos os outros.

mark dice – austerity, two class system (when it's close to completion, for the average individual, you and me, it's gonna be essentially slavery, we're never gonna be able to get ahead, or to amass enough wealth to retire or to do what we want in life. We're gonna constantly be working for the man. They're creating a two

class system. It's gonna be a small elite, and everyone else. And I've got news for you, you're everyone else)

RUSSO – "And you became a slave, a serf, that's their goal".

(***AR – 25:30***) "*...and you become a slave, a serf to these people, that's their goal*"

HILFERDING – Monopólios, capital financeiro – Alienar proletariado.

HILFERDING – Consolidação – Reorganizações, reconstruções, dominação.

Reorganizações e reconstruções, oportunidade dupla para os bancos.

São transacções lucrativas e chances de assegurar controlo sobre as companhias.

Capital financeiro procura dominação, não liberdade.

«*…all these reorganizations and reconstructions have a twofold significance for the banks: first, as profitable transactions; and secondly, as opportunities for securing control of the companies in difficulties… Finance capital does not want liberty, it wants domination*». Hilferding, Finance Capital, p. 172, Cit. in Vladimir Illyich Lenin (1916), "Imperialism, The Highest Stage of Capitalism".

HILFERDING – Alienar proletariado – "Não pode defender mercado livre contra monopólios".

Capitalismo de monopólio é progressista.

O proletariado não pode defender "free trade" e "hostility towards the state".

Proletariado tem de defender Socialismo, e não liberdade económica.

A ideia de restaurar competição livre tornou-se agora reaccionária.

«*It is not the business of the proletariat… to contrast the more progressive capitalist policy with that of the now bygone era of free trade and of hostility towards the state. The reply of the proletariat to the economic policy of finance capital, to imperialism, cannot be free trade, but Socialism. The aim of proletarian policy cannot now be the ideal of restoring free competition--which has now become a reactionary ideal--but the complete elimination of competition by the abolition of capitalism*» [Hilferding, Finance Capital, cit. in Vladimir Illyich Lenin (1916), "Imperialism, The Highest Stage of Capitalism".

HOWE – Dados biográficos.

<u>Monopolista</u>. Enquanto responsável político urbano, avança vários esquemas para monopólios e trusts municipalmente suportados.

<u>Pró-bolchevismo – ALASP</u>. Teve um papel na revolução bolchevique e no pós-revolução; membro da American League to Aid and Support Russia. Associação com o comunista Lincoln Stephens.

<u>New Deal</u>. Emerge também durante o New Deal como oficial na Administração de Ajustamento Agrícola.

HOWE (1906) – "The Confessions of a Monopolist".

<u>Obter um Monopólio e fazer a Sociedade trabalhar para si</u>.

<u>Comercialismo da imprensa, da educação, até da doce caridade</u>.

<u>Trabalho honesto nunca é corrupto – monopólio é sempre</u>.

<u>Paraliza indústria, comércio, a própria vida</u>.

<u>Restringe a terra e os recursos – nega oportunidades – aniquila empreendimento</u>.

[**Edit**] «*These are the rules of big business. Get a monopoly; let Society work for you: and remember that the best of all business is politics, for a legislative grant, franchise, subsidy or tax exemption does not require any labor, either mental or physical, lot its exploitation*» (p. 58) Frederick C. Howe (1906), "*The Confessions of a Monopolist*". Chicago: The Public Broadcasting Corporation.

[**Edit**] «*This is the story of something for nothing--of making the other fellow pay. All monopoly is bottomed on legislation and monopoly laws are born in corruption. The commercialism of the press, of education, even of sweet charity, is part of the price we pay for the special privileges created by law. Monopoly and corruption are cause and effect. Privilege gives birth to corruption, just as the poisonous sewer breeds disease. Equal chance, a fair field and no favors, the "square deal," are never corrupt. For these things mean labor for labor, value for value, something for something…*

Monopoly palsies industry, trade, life itself. It encloses the land and the nation's resources. Monopoly denies opportunity. It fences in millions of acres of soil, of coal and iron mines, and of city lots. It closes the door to competition and to labor. This is why enterprise is strangled, and labor walks the streets looking for a job» (p.1-2)

Frederick C. Howe (1906), "*The Confessions of a Monopolist*". Chicago: The Public Broadcasting Corporation.

[**Originais**] «***These are the rules of big business****. They have superseded the teachings of our parents and are reducible to a simple maxim:* ***Get a monopoly; let Society work for you: and remember that the best of all business is politics, for a legislative grant, franchise, subsidy or tax exemption*** *is worth more than a Kimberly or Comstock lode, since it* ***does not require any labor, either mental or physical, lot its exploitation****.*» (p. 58)

«*This is the story of something for nothing--of making the other fellow pay. This making the other fellow pay, of getting something for nothing, explains the lust for franchises, mining rights, tariff privileges, railway control, tax evasions… All these things mean monopoly, and all monopoly is bottomed on legislation*» (p.1)

«*And monopoly laws are born in corruption. The commercialism of the press, of education, even of sweet charity, is part of the price we pay for the special privileges created by law. The desire of something for nothing, of making the other fellow pay, of monopoly in some form or other, is the cause of corruption. Monopoly and corruption are cause and effect. Together, they work in Congress, in our Commonwealths, in our municipalities. It is always so. It always has been so. Privilege gives birth to corruption, just as the poisonous sewer breeds disease. Equal chance, a fair field and no favors, the "square deal," are never corrupt. They do not appear in legislative halls nor in Council Chambers. For these things mean labor for labor, value for value, something for something. This is why the little business man, the retail and wholesale dealer, the jobber, and the manufacturer are not the business men whose business corrupts politics… No law can create labor value. But laws can unjustly distribute labor value; they can create privilege, and privilege despoils labor of its product. Laws pass on to monopoly the pennies, dimes and dollars of labor… But monopoly does not end here. Even the sacrifice of our political institutions, even the shifting of taxes to the defenseless many, even the control of all life and industry by privilege, do not measure the whole cost of monopoly… These are but the palpable losses, the openly manifest ones. Monopoly palsies industry, trade, life itself. It encloses the land and the nation's resources. It limits opportunity to work. It erects its barriers about our resources; not to use them, but to exact a monopoly price from those who do. Monopoly denies to man opportunity. It fences in millions of acres of soil, of coal and iron mines, and of city lots. It closes the door to competition and to labor. This is why America is not only the richest, but in some respects the most poverty marked of nations. This is why enterprise is strangled, and labor walks the streets looking for a job*» (p.2)

<u>I Guerra – Smedley Butler (1936)</u>.

Smedley Butler (1936) – "War is a racket… to hell with war".

<u>Conduzida para o benefício dos poucos, às custas dos muitos</u>.

«*War is a racket. It always has been… Only a small "inside" group knows what it is about. It is conducted for the benefit of the very few, at the expense of the very many… So… I say, TO HELL WITH WAR!*» – Major General Smedley D. Butler, USMC (1936). "War is a Racket".

Smedley Butler (1936) – Estragos humanos e financeiros da guerra.

<u>Mentes, corpos, lares e corações destroçados</u>.

<u>Instabilidade económica, depressão, impostos</u>.

«*The general public shoulders the bill… Newly placed gravestones. Mangled bodies. Shattered minds. Broken hearts and homes. Economic instability. Depression and all its attendant miseries. Back-breaking taxation for generations and generations*» – Major General Smedley D. Butler, USMC (1936). "War is a Racket".

Smedley Butler (1936) – Condicionamento psicológico e PTSD.

<u>De formatação psicológica a PTSD</u>.

Rapazes normais são remoldados, para encarar assassinato como coisa vulgar.

[Hoje em dia jogos de vídeo resolvem a questão bastante bem].

"…mentally destroyed. These boys don't even look like human beings. Physically, they are in good shape; mentally, they are gone".

«*Boys with a normal viewpoint were taken out of the fields and offices and factories and classrooms and put into the ranks. There they were remolded; they were made over; they were made to "about face"; to regard murder as the order of the day. They were put shoulder to shoulder and, through mass psychology, they were entirely changed. We used them for a couple of years and trained them to think nothing at all of killing or of being killed… Many, too many, of these fine young boys are eventually destroyed, mentally… In the government hospital in Marion, Indiana, 1,800 of these boys are in pens! Five hundred of them in a barracks with steel bars and wires all around outside the buildings and on the porches. These already have been mentally destroyed. These*

boys don't even look like human beings. Oh, the looks on their faces! Physically, they are in good shape; mentally, they are gone» – Major General Smedley D. Butler, USMC (1936). "War is a Racket".

Smedley Butler (1936) – Os slogans para a I Guerra.

Slogans de propaganda para recrutamento.

"They were made to feel ashamed if they didn't join the army".

"The war to end all wars".

"The war to make the world safe for democracy".

"A glorious adventure".

"Eighteen years after, the world has less of democracy than it had then".

«*In the World War, we used propaganda to make the boys accept conscription. They were made to feel ashamed if they didn't join the army. So vicious was this war propaganda that even God was brought into it… Beautiful ideals were painted for our boys who were sent out to die. This was the "war to end all wars." This was the "war to make the world safe for democracy"… They were just told it was to be a "glorious adventure"… Well, eighteen years after, the world has less of democracy than it had then*» – Major General Smedley D. Butler, USMC (1936). "War is a Racket".

Alguns slogans possíveis para o futuro.

"Lutar por democracia e paz mundial".

"Combater pela Europa".

Talvez até, "tornar o mundo seguro para a mãe-natureza" – literalmente.

"Lutar por Gaia".

Lutar pelo "direito a mentes sãs e comunidades saudáveis".

Smedley Butler (1936) – Lutar contra inimigo "made in the US".

Ninguém lhes disse que…

…as suas mortes iriam criar imensos lucros.

"…that they might be shot down by bullets made by their own brothers here".

"…that their ships might be torpedoed by submarines built with US patents".

«*No one mentioned to them, as they marched away, that their going and their dying would mean huge war profits. No one told these American soldiers that they might be shot down by bullets made by their own brothers here. No one told them that the ships on which they were going to cross might be torpedoed by submarines built with United States patents*» – Major General Smedley D. Butler, USMC (1936). "War is a Racket".

Smedley Butler (1936) – EUA tornam-se "internacionais", com guerra.

Internacionalismo, alianças perniciosas, aumento do défice.

"Then we became "internationally minded"".

"We forgot George Washington's warning about "entangling alliances"".

"Our national debt jumped to over $25,000,000,000".

«*Until 1898 we didn't own a bit of territory outside the mainland of North America. At that time our national debt was a little more than $1,000,000,000. Then we became "internationally minded." We forgot, or shunted aside, the advice of the Father of our country. We forgot George Washington's warning about "entangling alliances." We went to war. We acquired outside territory. At the end of the World War period, as a direct result of our fiddling in international affairs, our national debt had jumped to over $25,000,000,000. Our total favorable trade balance during the twenty-five-year period was about $24,000,000,000. Therefore, on a purely bookkeeping basis, we ran a little behind year for year, and that foreign trade might well have been ours without the wars*» – Major General Smedley D. Butler, USMC (1936). "War is a Racket".

Smedley Butler (1936) – Recruta obrigatória para banqueiros.

"The only way to smash this racket".

Recrutamento obrigatório para banqueiros, oficiais de governo, gestores, directores.

«*The only way to smash this racket… One month before the Government can conscript the young men of the nation – it must conscript capital and industry and labor. Let the officers and the directors and the high-powered executives of our armament factories and our munitions makers and our shipbuilders and our airplane builders and the manufacturers of all the other things that provide profit in war time as well as the bankers and the speculators, be conscripted… Let the workers in these plants get the same wages – all the workers, all presidents, all executives, all directors, all managers, all bankers – yes, and all generals and all admirals and all officers and all politicians and all government office holders – everyone in the nation be restricted to a total monthly income not to exceed that paid to the soldier in the trenches! Let all these kings*

and tycoons and masters of business and all those workers in industry and all our senators and governors and majors pay half of their monthly $30 wage to their families and pay war risk insurance and buy Liberty Bonds. Why shouldn't they? They aren't running any risk of being killed or of having their bodies mangled or their minds shattered» – Major General Smedley D. Butler, USMC (1936). “War is a Racket”.

IMF and theChicago Plan

"The Chicago Plan Revisited". IMF Working Paper (WP/12/202), Jaromir Benes and Michael Kumhof, International Monetary Fund, 2012.

Separação entre funções monetária e de emissão de crédito.

A "financial good society".

Dinheirogovernamental debt-free, representativo de equity.

Investment trusts (DBIT, EIT).

Redução de taxas de juro.

A transição no sector bancário (balance sheets).

Redução de dívida governamental.

Balance sheet governamental.

Vantagens, with a twist of lemon.

Chicago Plan, Chicago School.

Paper trata consolidação Prussiana como modelo a seguir.

Paper trata HjalmarSchacht e o DawesPlan como modelos a seguir.

Paper trata Saint-Simon como modelo a seguir.

Supinismo pró-governamental OU o governo como ambrósia divina per se.

Paper trata controlo governamental da moeda como panaceia universal.

Chicago School (2), OU o lobo em pele de cordeiro.

Separação entre funções monetária e de emissão de crédito.

HOJE: Ausência de cobertura por reservas abre terreno para total ex-nihilo privado. Isto é, inventar dinheiro a partir do nada sem qualquer cobertura no mundo real.

Isto, claro, abre as portas dos mercado a montanhas-russas de expansão e contracção.

«*In a financial system with little or no reserve backing for deposits, and with government-issued cash having a very small role relative to bank deposits, the creation of a nation's broad monetary aggregates depends almost entirely on banks' willingness to supply deposits. Because additional bank deposits can only be created through additional bank loans, sudden changes in the willingness of banks to extend credit must therefore not only lead to credit booms or busts, but also to an instant excess or shortage of money, and therefore of nominal aggregate demand*»

Por contraste, sob Chicago Plan quantidades de dinheiro e crédito são independentes.

Crescimento da qtd dinheiro controlado por uma regra específica.

«*By contrast, under the Chicago Plan the quantity of money and the quantity of credit would become completely independent of each other. This would enable policy to control these two aggregates independently and therefore more effectively. Money growth could be controlled directly via a money growth rule*»

1º, todos os depósitos têm de assentar em 100% reservas de dinheiro governamental.

2º, novo crédito bancário já não pode ser criado ex-nihilo (a partir do nada).

Agora tem de advir de ganhos ou empréstimos, na forma de dinheiro governamental.

«*The key feature of this plan was that it called for the separation of the monetary and credit functions of the banking system, first by requiring 100% backing of deposits by government-issued money, and second by ensuring that the financing of new bank credit can only take place through earnings that have been retained in the form of government-issued money, or through the borrowing of existing government-issued money from non-banks, but not through the creation of new deposits, ex nihilo, by banks*»

Crescimento de crédito deixa de ser ex-nihilo privado.

Dinheiro do Tesouro, debt-free, substitui dívida privada (debtmoney, debtcredit).

Bancos tornam-se intermediários dependentes de financiamento exterior. E este é claro o seu papel legítimo.

Bank runs fora de hipótese – bancos já não têm de se preocupar com liabilities. E isto é nonsense, porque de há muito tempo que não se preocupam com estas coisas.

Estas liabilities são plenamente cobertas por reservas de dinheiro governamental.

Crédito bancário passa a depender de financiamento por liabilities não-monetárias.

Essas liabilities não podem ser near-monies, privatedebtinstruments.

(Isto significa fim de empréstimos entre agentes privados).

Têm de ser combinações de equity e empréstimos do Tesouro.

«*The control of credit growth would become much more straightforward because banks would no longer be able, as they are today, to generate their own funding, deposits, in the act of lending, an extraordinary privilege that is not enjoyed by any other type of business. Rather, banks would become what many erroneously believe them to be today, pure intermediaries that depend on obtaining outside funding before being able to lend. Having to obtain outside funding rather than being able to create it themselves would much reduce the ability of banks to cause business cycles due to potentially capricious changes in their attitude towards credit risk… What would cease to exist… is the proliferation of credit created, at the almost exclusive initiative of private institutions, for the sole purpose of creating an adequate money supply that can easily be created debt-free…having fully reserve-backed bank deposits would completely eliminate bank runs, thereby increasing financial stability, and allowing banks to concentrate on their core lending function without worrying about instabilities originating on the liabilities side of their balance sheet. The elimination of bank runs will be accomplished if two conditions hold. First, the banking system's monetary liabilities must be fully backed by reserves of government-issued money, which is of course true under the Chicago Plan. Second, the banking system's credit assets must be funded by non-monetary liabilities that are not subject to runs. This means that policy needs to ensure that such liabilities cannot become near-monies. The literature of the 1930s and 1940s discussed three institutional arrangements under which this can be accomplished. The easiest is to require that banks fund all of their credit assets with a combination of equity and loans from the government treasury, and completely without private debt instruments. This is the core element of the version of the Chicago Plan considered in this paper, because it has a number of advantages that go beyond decisively preventing the emergence of near-monies. By itself this would mean that there is no lending at all between private agents*»

Bens que podem ser vendidos para conversão em novo crédito bancário.

E.g. terra, depósitos, IOUs governamentais.

«*Second, the model introduces financially unconstrained agents who do not borrow from banks. Their savings consist of multiple assets including a fixed asset referred to as land, government bonds and deposits. This means that a sale of mortgageable fixed assets from these agents to credit-constrained agents (or of government bonds to banks) results in new bank credit, and thus in the creation of new deposits that are created for the purpose of paying for those assets*»

A "financial goodsociety".

Chicago Plan envolve sempre 100% reservas de dinheiro T e emissão por regras.

"Financial goodsociety" (Simons): Propriedade privada sempre nas formas de dinheiro gov, IOUsgov, acções empresariais ou bens reais.

«*Many different versions of the Chicago Plan circulated in the 1930s and beyond. All of them were very similar in their prescriptions for money, but they differed significantly in their prescriptions for credit. For money, all of them envisaged 100% reserve backing for deposits, either immediately or over time, and all of them advocated monetary rules rather than discretion. For credit, the original plan advocated the replacement of traditional banks with investment trusts that issue equity, and that in addition sell their own private non-monetary interest-bearing securities to fund lending. But Simons was always acutely aware that such securities might over time develop into near monies, thereby defeating the purpose of the Chicago Plan by turning the investment trusts into new creators of money. There are two alternatives that avoid this outcome. Simons himself, in Simons (1946), advocated a "financial good society" where all private property eventually takes the form of either government currency, government bonds, corporate stock, or real assets*»

Dinheiro governamental debt-free, representativo de equity.

Dinheiro governamental representa equity e não dívida – é irredimível.«*The large new stock of government-issued money is irredeemable, and represents equity rather than debt… it is critical to realize that the stock of reserves, or money, newly issued by the government is not a debt of the government. The reason is that fiat money is not redeemable, in that holders of money cannot claim repayment in something other than money.1 Money is therefore properly treated as government equity rather than government debt, which is exactly how treasury coin is currently treated under U.S. accounting conventions (Federal Accounting Standards Advisory Board (2012))…*»

Investment trusts (DBIT, EIT).

"Fair debtbuy-back": gov salda dívidas de todos com iguais transferências per capita.

Mas o mundo é complexo e heterogéneo: nem todos têm os mesmos níveis de dívida.

Alguns ficariam com dívida, outros com "bens financeiros residuais". JP Morgan, ou os consórcios de PPP nos esquemas "verdes" sobre territórios inteiros, para carbonsinks – seriam residuais?

Estes bens seriam intermediados por investment trusts. «*…a fair debt buy-back, in the sense that the government makes equal per capita transfers to each debtor within a given group, leads to the exact cancellation of every single agent's debts. But if the same transfers were to be received by agents with highly heterogeneous debt levels, e.g. due to idiosyncratic income processes, some agents would end up with a residual debt while others would end up with a residual financial asset. In order to prevent the latter from adding to the money supply, by becoming near-monies, intermediating these assets by way of Simons' investment trusts would be the natural solution…*»

Resolução de heterogeneidade de dívida, por duas opções extra (trusts de investimento). Os empréstimos do Tesouro são complementados por dois tipos de trust de investimento, qualquer um deles servindo como intermediário para a tradução de dívida e bens financeiros privados noutros tipos de bem.

Debt-based Investment Trusts (DBIT).

Trusts baseadasem equity investment (EIT).

DBIT emprestam dinheiro T apenas após haver poupanças suficientes. Isto é, o dinheiro que é emprestado a borrowers é coberto por 100% de reservas, o que só pode acontecer após haver uma cobertura a 100% por depósitos de savers; esses depósitos são feitos em troca de debtinstruments emitidos pela trust.

EIT (baseadas em equityinvestment): emprestam fundos ou investem-nos como equity. Investment trusts baseadas em equityinvestment de net savers.

Para financiar empréstimos, têm de vender securities privadas não-capitalizáveis.

Os seus investimentos são em fins puramente produtivos, equity empresarial.

Ou seja, servem para substituir crédito bancário por puro equityinvestment.

O drama que pode surgir é estas EIT tornarem-se novas emissoras de near-monies.

Com investment trusts dependentes da compra de liabilities privadas caras…

Custos aumentam, com repercussão sobre taxas sobre empréstimos, upupup.

E actividades dependentes de empréstimos vão downdowndown. Aqui estamos em terrenos incrivelmente perigosos, mas é o óbvio sob a ideia absolutista.

Policy-determined rate para investimento com combinação de equity e crédito T. Apósbuyback governamental de non-investmentloans.

«*…when private agents exhibit highly heterogeneous initial debt levels. In that case the treasury loans solution can be accompanied by either one or both of the other two institutional arrangements. One is debt-based investment trusts that are true intermediaries, in that the trust can only lend government-issued money to net borrowers after net savers have first deposited these funds in exchange for debt instruments issued by the trust. But there is a risk that these debt instruments could themselves become near-monies unless there are strict and effective regulations. This risk would be eliminated under the remaining alternative, investment trusts that are funded exclusively by net savers' equity investments, with the funds either lent to net borrowers, or invested as equity if this is feasible (it may not be feasible for household debtors)… The investment trusts that take over the credit function would therefore be both funded by equity and invest in corporate equity, as corporate debt disappears completely. The other alternative is for banks to issue their debt instruments to the government rather than to the private sector. This option is considered in the*

government versions of the plan formulated by Means (1933) and Currie (1934), and also in the academic proposal by Angell (1935). Beyond preventing the emergence of new near-monies, this alternative has three major additional advantages. First, it makes it possible to effect an immediate and full transition to the Chicago Plan even if the deposits that need to be backed by reserves are very large relative to outstanding amounts of government debt that can be used to back them. This was the main concern of Angell (1935). The reason is that when government funding is available, banks can immediately borrow any amount of required reserves from the government… when investment trusts need to switch their funding from cheap deposits to more expensive privately held debt liabilities, their cost of funding, and therefore the interest rate on loans, increases relative to the rate on risk-free government debt. This will tend to reduce any economic activity that continues to depend on bank lending… When the switch is to treasury-held debt liabilities, the government is free to set a lower funding interest rate that keeps interest rates on bank loans to private agents aligned with government borrowing costs… Specifically, after the government buy-back of non-investment loans, the remaining credit function of banks is carried out by private institutions that fund conventional investment loans with a combination of equity and treasury credit provided at a policy-determined rate»

Redução de taxas de juro

<u>Taxas de juro tornam-se baixas podendo andar pelo 0% ou por valores negativos</u>.

<u>Isto porque economia passa a funcionar em puro modo fiat governamental</u>. Fiat aureaus e jáestá.

«*Monetary reform leads to large reductions of real interest rates, as lower net debt levels lead investors to demand lower spreads on government and private debts. It permits much lower distortionary tax rates, due to the beneficial effects of much higher seigniorage income (despite lower inflation) on the government budget… the aggregate quantity of broad money in private agents' hands can be directly increased by the policymaker, without depending on banks' willingness to lend… the interest rate on treasury credit is not an opportunity cost of money for asset investors, but rather a borrowing rate for a credit facility that is only accessible to banks for the specific purpose of funding physical investment projects, it can become negative without any practical problems. In other words, a zero lower bound does not apply to this rate, which makes it feasible to keep steady state inflation at zero without worrying about the fact that nominal policy rates are in that case more likely to reach zero or negative values…*»

A transição no sector bancário (balance sheets).

<u>ANTES: Sistema financeiro consolidado: 200% GDP (equity 16% – depósitos 184%)</u>.

IOUsgov, 20% – Empréstimos investimento, 80% – Outros, 100%.

[Outros: mortgage loans, consumer loans, working capital loans].

«*In Figures 1 and 2 we therefore present the changes in bank and government balance sheets that occur in the single transition period of our simulated model. The figures ignore subsequent changes as the economy approaches a new steady state, but those are small compared to the initial changes. In both figures quantities reported are in percent of GDP. Compared to Figure 3, which shows the precise results, the numbers in Figure 1 are rounded, in part to avoid having to discuss unnecessary details… As shown in the left column of Figure 1, the balance sheet of the consolidated financial system prior to the implementation of the Chicago Plan is equal to 200% of GDP, with equity and deposits equal to 16% and 184% of GDP. Banks' assets consist of government bonds equal to 20% of GDP, investment loans equal to 80% of GDP, and other loans (mortgage loans, consumer loans, working capital loans) equal to 100% of GDP*»

TRANSIÇÃO 1ª fase: fullbacking de depósitos e saldação de dívidas.

Tesouro empresta, a bancos, dinheiro/reservas para fullbacking de depósitos.

Aumento de dinheiro e crédito do Tesouro em 184% GDP.

Principal de todos os empréstimos bancários é cancelado contra crédito T. Ou seja, temos um programa de buyback sobre toda a dívida, excepto no que respeita a empréstimos para fins produtivos na economia física.

[Excepto investimento produtivo, 100% GDP]. Isto inclui empréstimos a governo (expressos em IOUs governamentais) e todos os empréstimos ao sector privado excepto investimento (100%).Para divida gov cancelamento é directo. Para divida privada, governo transfere crédito T para uso exclusivo na saldação de empréstimos bancários.Bancos pagam parte de equity para manter net worth em linha com capital requirements. Governo cobre diferença de 7% GDP pela injecção de crédito T adicional.

TRANSIÇÃO2ª fase: todo o dinheiro é agora coberto por reservas.

Crédito consiste apenas de equityloans para investimento físico.

«*The implementation of the plan is assumed to take place in one transition period, which can be broken into two separate stages. First, as shown in the middle column of Figure 1, banks have to borrow from the treasury to procure the reserves necessary to fully back their deposits. As a result both treasury credit and reserves increase by 184% of GDP. Second, as shown in the right column of Figure 1, the principal of all bank loans to the government (20% of GDP), and of all bank loans to the private sector except investment loans (100% of GDP), is cancelled against treasury credit. For government debt the cancellation is direct, while for private debt the government transfers treasury credit balances to restricted private accounts that can only be used*

for the purpose of repaying outstanding bank loans. Furthermore, banks pay out part of their equity to keep their net worth in line with now much reduced official capital adequacy requirements, with the government making up the difference of 7% of GDP by injecting additional treasury credit. The solid line in the balance sheet in the right column of Figure 1 represents the now strict separation between the monetary and credit functions of the banking system. Money remains nearly unchanged, but it is now fully backed by reserves. Credit consists only of investment loans, which are financed by a reduced level of equity equal to 9% of GDP, and by what is left of treasury credit, 71% of GDP, after the buy-backs of government and private debts and the injection of additional credit following the equity payout… The fourth advantage of the Chicago Plan is the potential for a dramatic reduction of private debts. As mentioned above, full reserve backing by itself would generate a highly negative net government debt position. Instead of leaving this in place and becoming a large net lender to the private sector, the government has the option of spending part of the windfall by buying back large amounts of private debt from banks against the cancellation of treasury credit. Because this would have the advantage of establishing low-debt sustainable balance sheets in both the private sector and the government, it is plausible to assume that a real-world implementation of the Chicago Plan would involve at least some, and potentially a very large, buy-back of private debt. In the simulation of the Chicago Plan presented in this paper we will assume that the buy-back covers all private bank debt except loans that finance investment in physical capital»

Redução de dívida governamental.

HOJE: exposição privada a proporções gigantescas.

Sob 100% reservas, governo assume a posição fulcral no sistema bancário.

Deixa separate gross positionsoutstanding e a dívida total colapsa automaticamente.

Menor dívida governamental abre espaço orçamental para reduzir distorções fiscais.

«*The third advantage of the Chicago Plan is a dramatic reduction of (net) government debt. The overall outstanding liabilities of today's U.S. financial system, including the shadow banking system, are far larger than currently outstanding U.S. Treasury liabilities. Because under the Chicago Plan banks have to borrow reserves from the treasury to fully back these large liabilities, the government acquires a very large asset vis-à-vis banks, and government debt net of this asset becomes highly negative. Governments could leave the separate gross positions outstanding, or they could buy back government bonds from banks against the cancellation of treasury credit. Fisher had the second option in mind, based on the situation of the 1930s, when banks held the major portion of outstanding government debt. But today most U.S. government debt is held outside U.S. banks, so that the first option is the more relevant one. The effect on net debt is of course the same, it drops dramatically. In this context it is critical to*

realize that the stock of reserves, or money, newly issued by the government is not a debt of the government. The reason is that fiat money is not redeemable, in that holders of money cannot claim repayment in something other than money.1 Money is therefore properly treated as government equity rather than government debt, which is exactly how treasury coin is currently treated under U.S. accounting conventions (Federal Accounting Standards Advisory Board (2012))… switching to full government funding of credit can maximize the fiscal benefits of the Chicago Plan. This gives the government budgetary space to reduce tax distortions, which stimulates the economy»

Balance sheet governamental.

Dívida gov cai de 80% para 60% de GDP.

Crédito do Tesouro salta para 70% GDP ao início e, mais tarde, para 90%.

Receitas de seignoriage podem ser investidas em obras públicas.«*The balance sheet changes in Figure 4 cause major drops in equilibrium real interest rates. Gross government debt drops from 80% to 60% of GDP, and with treasury credit jumping to around 70% of GDP on impact, and to 90% of GDP eventually, unadjusted net government debt immediately, and then increasingly, turns negative. It should be added that other ways of spending the additional seigniorage revenue could be considered, including spending on public infrastructure… government debt net of treasury credit goes from being highly positive to highly negative if unadjusted for the real interest burden, and to a positive but much smaller fraction of GDP if adjusted for that burden*»

Balance sheet governamental (explicação 2).

Antes, dívida a 80% GDP.

Há emissão de crédito do Tesouro a 184% GDP (novo bem financeiro do governo).

Emissão de igual quantidade de reservas (dinheiro – nova equity governamental).

Cancelação de dívidas privadas reduz crédito T e equitygov em 100% GDP.

Cancelação de dívida gov detida por bancos reduz dívida gov e crédito T em 20% GDP.

Governo fica com negative net debtburden.

Ganha equityposition enorme, mas gasta grande share em buyback de dívida privada.

Buybacks reduzem dívida privada preservando os depósitos.

«*Figure 2 illustrates the balance sheet of the government, which prior to the Chicago Plan consists of government debt equal to 80% of GDP, with unspecified other assets used as the balancing item. The issuance of treasury credit equal to 184% of*

GDPrepresents a large new financial asset of the government, while the issuance of an equal amount of reserves, in other words of money, represents new government equity. The cancellation of private debts reduces both treasury credit and government equity by 100% of GDP. The government is assumed to tax away the equity payout of banks to households before injecting those funds back into banks as treasury credit. This increases both treasury credit and government equity by 7% of GDP. Finally, the cancellation of bank-held government debt reduces both government debt and treasury credit by 20% of GDP. To summarize, our analysis finds that the government is left with a much lower, in fact negative, net debt burden. It gains a large net equity position due to money issuance, despite the fact that it spends a large share of the one-off seigniorage gains from money issuance on the buy-back of private debts. These buy-backs in turn mean that the private sector is left with a much lower debt burden, while its deposits remain unchanged.

Vantagens, with a twist of lemon.

Dinheiro como equity em vez de dívida na economia.

Redução dramática de dívida privada e governamental.

Fim da dívida nacional permanente– Controlo de ciclos – Fim debank runs.

Possibilidade de correcções para redução de carga fiscal.

Redução dos spreads das taxas de juro.

Fim de custos com monitorização de riscos de crédito (deixa de existir).

Controlo de inflação – "Monetarismo é agora bom porque governo manda no dinheiro". E se governo assumir comportamento animal farm, como de costume ao longo da história humana?

Twist oflemon: autores (FMI) querem isto emframework absolutista (regional/global). Se vem do FMI, só pode ser um desígnio para as escalas regional ou global, o que assenta bem, e.g., com os modelos de Robert Mundell [ver notas sobre ***Mundell***]. Não inviabilizando experiências nacionais prévias, aqui ou ali.

«*Fisher (1936) claimedfour major advantages for thisplan. First, preventing banks from creating their own funds during credit booms, and then destroying these funds during subsequent contractions, would allow for a much better control of credit cycles, which were perceived to be the major source of business cycle fluctuations. Second, 100% reserve backing would completely eliminate bank runs. Third, allowing the government to issue money directly at zero interest, rather than borrowing that same money from banks at interest, would lead to a reduction in the interest burden on government finances and to a dramatic reduction of (net) government debt, given that irredeemable government-issued money represents equity in the commonwealth rather than debt.*

Fourth, given that money creation would no longer require the simultaneous creation of mostly private debts on bank balance sheets, the economy could see a dramatic reduction not only of government debt but also of private debt levels… One additional advantage is large steady state output gains due to the removal or reduction of multiple distortions, including interest rate risk spreads, distortionary taxes, and costly monitoring of macroeconomically unnecessary credit risks. Another advantage is the ability to drive steady state inflation to zero in an environment where liquidity traps do not exist, and where monetarism becomes feasible and desirable because the government does in fact control broad monetary aggregates…»

Chicago Plan, Chicago School.

Simons, Fisher, Friedman, etc. – é daquique surge a Chicago School.

«*The Chicago Plan provides an outline for the transition from a system of privately-issued debt-based money to a system of government-issued debt-free money. The history of the Chicago Plan is explained in Phillips (1994). It was first formulated in the United Kingdom by the 1921 Nobel Prize winner in chemistry, Frederick Soddy, in Soddy (1926). Professor Frank Knight of the University of Chicago picked up the idea almost immediately, in Knight (1927). The first, March 1933 version of the plan is a memorandum to President Roosevelt (Knight (1933)). Many of Knight's distinguished University of Chicago colleagues supported the plan and signed the memorandum, including especially Henry Simons, who was the author of the second, more detailed memorandum to Roosevelt in November 1933 (Simons et al. (1933)). The Chicago economists, and later Irving Fisher of Yale, were in constant contact with the Roosevelt administration, which seriously considered their proposals, as reflected for example in the government memoranda of Gardiner Means (1933) and Lauchlin Currie (1934), and the bill of Senator Bronson Cutting (see Cutting (1934))… The decade following the onset of the Great Depression…During this time a large number of leading U.S. macroeconomists supported a fundamental proposal for monetary reform that later became known as the Chicago Plan, after its strongest proponent, professor Henry Simons of the University of Chicago. It was also supported, and brilliantly summarized, by Irving Fisher of Yale University, in Fisher (1936)… Several of the signers of the Chicago Plan were later to become known as the founders of the Chicago School of Economics. Though they were strong proponents of laissez-faire in industry, they did not question the right of the federal government to have an exclusive monopoly on money issuance (Phillips (1994)).23 The Chicago Plan was a strategy for establishing that monopoly. There was concern because it called for a major change in the structure of banking, but 1933 was a year of major financial crisis, and "...most of us suspect that measures at least as drastic as those described in our statement can hardly be avoided, except temporarily, in any event." (Knight (1933)). Furthermore, in Fisher (1935) we find supportive statements from bankers arguing that the conversion to 100% reserve backing would be a simple matter. Friedman (1960) expresses the same view… The*

Chicago Plan was never adopted as law, due to strong resistance from the banking industry. But it played a major role in the passage of the 1935 Banking Act, which also faced resistance but was considered more acceptable to banks. As documented in Phillips (1994), the 1935 Act was at the time not considered the final word on banking reform, and efforts by proponents of the Chicago Plan, especially by Irving Fisher, continued for many years afterwards. The long list of academic treatments in the 1930s, almost universally sympathetic, includes Whittlesey (1935), Douglas (1935), Angell (1935), Fisher (1936) and Graham (1936). Advocacy for the Chicago Plan continued after the war, with Allais (1947), Friedman (1960), who was a lifelong supporter, and Tobin (1985). The "narrow banking" literature is in the same tradition, but with a narrower focus on the safety of the deposit part of banks' business. SeePhillips (1994) for references»

Paper trata consolidação Prussiana como modelo a seguir.

Autoritarismo absolutista da Alemanha Prussiana do pré-I Guerra, modelo a seguir.

[A Alemanha militarista, totalitária e virulenta do Quarteto]. Os supostos "sucessos industriais" desta Alemanha advinham do facto de ser um sistema autoritário que absorvia toda a inovação que podia e depois impunha produção sob condições totalitárias de cartel. O sistema financeiro estava consolidado e vivia à custa da pessoa média (que recebia umas migalhas de welfare com dinheiro de dívida bancária). Tudo isto era óptimo para os bancos, que eram uma grande família feliz entre si e com a indústria e as restantes partes do Quarteto, a oligarquia que controlava esta virulenta e agressiva Pan-Germania (os aristocratas donos de terras, ou Jünkers, os altos burocratas governamentais e os generais).

Depois, queixa-se do facto de os Aliados terem ganho as duas guerras mundiais. Esse é o problema do mundofinanceiro, pelosvistos.

«*In terms of the composition of bank assets, our remaining banking system therefore ends up closely resembling the banking structures in pre-World-War-I/II France (advocated by the Saint-Simonians) and especially Germany. It should be remembered that prior to World War I Germany's industrial successes were widely viewed as reflecting the superior efficiency of its financial system, which was based on the notion that successful industrial development needed long-term stable financing and government support. This view was articulated in Naumann (1915), with subsequent support from both UK and U.S. economists (Foxwell (1917a,b), Veblen (1921)). Simons (1946) is essentially in the same tradition. The main reason why the more short-term-oriented Anglo-Saxon tradition of finance has come to dominate throughout the world is the victory of the United States, Britain and their allies in the two world wars*»

Paper trata HjalmarSchacht e o DawesPlan como modelos a seguir.

Normal numa entidade corporativa fascista, como o FMI. Que este documentotrateHjalmarSchachtcomo um banqueiro central modelo e o DawesPlan como um modelo aceitável de recuperação é algo que fala por si mesmo.

DawesPlan: austeridade extrema, extinção da Alemanha média, consolidação de cartel.

Lança a economia militarizada que provocará a II Guerra. O DawesPlan é criado por uma comissão internacional de banqueiros, com Charles Dawes a servir como testa de ferro para o grupo Morgan, e expressa a mentalidade típica que se encontra em banqueiros. Perante uma economia arruinada, o que se faz é salvaguardar e reforçar as holdings dos bancos pela criação de condições extremamente deflacionárias. Na Alemanha (como em qualquer outro caso similar) isto significou austeridade fiscal extrema, falências, a extinção de qualquer resto de classe média, desemprego em massa, fome e a propagação de doenças. Pelo caminho, a economia foi absorvida por mega-interesses bancários, de ambos os lados do Atlântico, e concentrada em gigantescos cartéis público/privados, fundidos com o estado, como IG Farben, AEG, VereinigteStählwerke. Estes cartéis foram essenciais para a conversão da Alemanha na economia militarizada que provoca a II Guerra Mundial.

Sistema fraudulento com "empréstimos de recuperação", em prol de bancos e cartéis.

Agravam dívida alemã e impossibilitam recuperação real. Ao mesmo tempo, os grandes bancos (de ambos os lados do Atlântico) puderam gerir um esquema de carrossel especulativo, em que faziam lucros espantosos em taxas e comissões, a reciclar IOUs americanas por meio de "empréstimos de recuperação" à Alemanha. O público e o governo americano comparticipavam estes "Dawesloans" e genericamente só voltaram a ver o dinheiro que tinham investido quando tiveram de enviar rapazes para massacres de massa na Europa, por tanques e caças construídos com este dinheiro. Os empréstimos agravaram a dívida alemã (a situação da Alemanha como economia à venda para cartéis internacionais é consagrada), não fizeram nada para ajudar o povo alemão em si (pioraram a situação fiscal), e eram puros handouts às entidades que estavam a construir a economia militarizada que se estava a formar no background (IG Farben, Deutschebank, Commerzbank,AEG, VS, Telefünken, Opel e outros).

Situação agravada com YoungPlan. Todas estas situações foram agravadas com a segunda sessão do DawesPlan, o YoungPlan, uma vez mais protagonizado pelos interesses Morgan.

Despotismo económico requer despotismo político – Machtergreifung Nazi. O desfecho óbvio em tudo isto é a ascensão do NSDAP ao poder, com o apoio directo e aberto dos cartéis e dos bancos. A economia compacta e militarizada encontrava o seu correlato político óbvio na colocação de um bando de radicais autoritários no poder. Despotismo sócio/político é essencial para o exercício de uma economia controlada; e, mais à frente, de uma guerra. O rapaz prodígio, HjalmarSchacht, foi essencial para o DawesPlan e para o YoungPlan e tornou-se o banqueiro central da Alemanha Nazi.

FMI gosta de tudo isto; é isto que pratica pelo mundo fora.

(1) Emiseração / (2) austeridade e consolidação / (3) despotismo político. De resto, não é estranho que o FMI possa encontrar inspiração em Schacht e na economia despótica que foi criada pelo DawesPlan. Este modelo de ***(1) emiseração / (2) austeridade e consolidação / (3) despotismo político*** é a abordagem genérica do FMI, como visto em inúmeros países de 3º mundo ao longo das últimas quatro décadas (anos 70 em frente). No último passo, o tipo de despotismo é indiferente, contando que seja subserviente aos mestres globais, vendam o território por meia dúzia de tostões e colectivizem as suas populações. Portanto, aqui são usados fascistas, ali comunistas, noutros lados meros caciques militares e assim sucessivamente.

Paper trata Saint-Simoncomo modelo a seguir.

[Ver notas sobre **Saint-Simon e Comte**, aristocratas com ideias muito malevolentes].

"Seguimos o modelo Saint-Simoniano". «*In terms of the composition of bank assets, our remaining banking system therefore ends up closely resembling the banking structures in pre-World-War-I/II France (advocated by the Saint-Simonians) and especially Germany*»

I.e. a ideia de **Sistema Geral de Bancos** com controlo totalitário sobre sociedade. O novo sistema feudal e uma reedição do império medieval de Carlos Magno, como Saint-Simon disse.

Portanto, é claro que temos alguns dos pontos-chave em tudo isso:

(1) Bancos consolidados num único sistema com o governo e o resto da economia.

(2) Absolutismo é abertamente favorecido (e inevitável, sob integração total).

(3) Bancos, intermediários hierárquicos, locatários de capital na economia integrada.

(4) "Sociallyusefulcredit" [i.e. o que quer que seja favorecido pelo Sistema Geral].

(5) Tudo o resto se seguiria, presumivelmente [ver programa Saint-Simoniano].

«*Under the Chicago Plan private financial institutions would continue to play a key role in providing a state-of-the-art payments system, facilitating the efficient allocation of capital to its most productive uses, and facilitating intertemporal smoothing by households and firms. Credit, especially socially useful credit that supports real physical investment activity, would continue to exist*.

Supinismo pró-governamental OU o governo como ambrósia divina per se.

Uma breve amostra de texto.«*To be fair, there have of course been historical episodes where government-issued currencies collapsed amid high inflation. But the lessons from these episodes are so obvious, and so unrelated to the fact that monetary control was exercised by the government, that they need not concern us here. These lessons are: First, do not put a convicted murderer and gambler, or similar characters, in charge of your monetary system (the 1717-1720 John Law episode in France). Second, do not start a war, and if you do, do not lose it (wars, especially lost ones, can destroy any currency, irrespective of whether monetary control is exercised by the government or by private parties)… The assignats of the French revolution also resulted in very high inflation partly due to British counterfeiting (Dillaye (1877))*»

Paper trata controlo governamental da moeda como panaceia universal.

O que é normal com uma entidade corporativa fascista, como o FMI. Este paper parece tratar o controlo governamental da emissão de moeda como uma instância semi-divina, uma forma de ambrósia dos deuses que traz estabilidade e salvação económica, por oposição ao perverso controlo por privados egoístas. Existem dois problemas essenciais com esta linha de pensamento, interdependentes entre si.

Primeiro problema com isto: o governo é geralmente comprado por privados.

Oligarcas anseiam por governos totalitários pelos quais se possam tornar imbatíveis. O primeiro é o de que os privados egoístas que destroem economias e sociedades com ciclos de expansão e contracção tomam o cuidado de ***comprar*** os governos dessas economias. A larga maioria das catástrofes monetárias privatizadas ao longo da história humana foram protagonizadas por banqueiros privados a agir com o poder do estado, a usar o ***governo***. É isso que existe hoje; o governo pós-moderno é, à semelhança de tantos outros tipos anteriores de governo, um governo privatizado, de, por e para oligarcas (incluindo banqueiros). Não há nada que estes banqueiros queiram mais do que ter governos despóticos pós-modernos a fazer o mesmo truque que na Alemanha Nazi: consolidar o seu próprio poder num único sistema totalitário governamental para exercer um absoluto e incontestável poder de cartel.

Segundo problema: porque é que o governo haveria de ser bom? Governo é **poder**. O segundo problema é a naïveté, quando não pura desonestidade, que está envolvida na ideia de que o governo é, per se, uma força de estabilidade, idoneidade e competência no mundo; dar-lhe poder exclusivo sobre emissão monetária (sobre tudo) é a ambrósia económica. Nada poderia estar mais longe da verdade. O governo humano não é um empreendimento humanitário populado por anjos. O governo humano é poder puro; o poder para destruir, como George Washington disse.

Poder puro atrai sociopatas e doentes mentais, não pessoas honestas.

Se, contra a regra, for constitucional e controlado por pessoas honestas, funciona bem.

Caso contrário, é uma força destrutiva sobre a sociedade humana. Por sistema, aqueles que são atraídos por esse poder são os piores elementos de entre a humanidade; são os criminosos, os sociopatas, os esquisitóides. Todas as sociedades e todas as gerações os têm. São aqueles que *queremdominar*, que *precisam de mandar*. São aqueles que são guiados por puro ego e por puro oportunismo; mandar nos outros é algo de bastante expediente para não ter de se fazer nenhum trabalho honesto na vida. Um dos maiores problemas enfrentando a humanidade é o facto de as pessoas normais, honestas, não se interessarem por dominar as vidas dos outros. Portanto, não procuram chegar a posições de poder; contentam-se com viver e deixar viver. O problema é que o viver e deixar viver exige que o governo seja controlado por pessoas honestas. Exige também que o governo (e não o público) seja *absolutamente transparente* e regulado pelas mais estritas regras de acção moral. Por outras palavras, o governo tem de ser uma pessoa de bem. É isso que Thomas Jefferson, Benjamin Franklin e outras pessoas citadas neste documento defendiam; o governo tem de ser limitado, controlado pela cidadania, forçado a ser uma pessoa de bem. Se isso acontecer, a emissão monetária (como tudo o resto) tenderá a funcionar bem. Caso contrário, é evidente que tudo funcionará pessimamente. Como hoje.

A regra histórica é despotismo, exploração, autoritarismo – incompetência.

Tal entidade tem de ser limpa e feita funcionar, não reforçada. Quando, em governo, passa a existir uma concentração per capita demasiado grande de sociopatas, doentes mentais, extremistas, gente esquisita, o resultado inevitável é despotismo. Um tal governo será absolutamente opaco e exigirá transparência absoluta por parte da cidadania (i.e. estado policial). Será um governo criminoso e autoritário que se devota à supressão e à exploração das suas vítimas, a população. Será incompetente e corrupto. Esse governo devotar-se-á a *baixar o nível* de tudo aquilo à sua volta, ao seu próprio nível. Esta é a história habitual da humanidade. Por isso é que a história humana é, em média, um festival de horrores. Os sociopatas governamentais de hoje não são mais inteligentes, mais capazes, mais humanos que antes. Quanto muito, são mais medíocres e baixos que os seus predecessores; têm mais e melhores sistemas de racionalização (ideologias de estado) e mais e melhor tecnologia para libertar impulsos criminosos sobre a população. Querer consolidar ainda mais o poder de entidades dominadas por sociopatas, verdadeiros asilos mentais, não é apenas irresponsável – é inenarrável. Essas entidades têm de ser limpas, reformadas, preenchidas com pessoas honestas.

Emissão monetária governamental só funciona bem sob moldes específicos.

[Paper tem ideias legítimas mas só boas se aplicadas a desenvolvimento de economia descentralizada de classe média]. A emissão monetária governamental funciona bem quando é feita sob moldes constitucionais e estritamente controlados pela cidadania.Por ex., todo o processo de emissão deve ser organizado pelo Parlamento e nenhum cargo pode ser absoluto e imperscrutável. Em essência, o modelo tem de ser bom e o governo tem de ser controlado pelo público, de forma a não haver grande chance para esquemas. Muitas das ideias comentadas neste paper são válidas e importantes; mas sob moldes

diferentes, descentralizadores e centrados no desenvolvimento de uma economia de classe média. Ver notas sobre ***Emissão monetária***.

Chicago School (2), OU o lobo em pele de cordeiro.

"Laissez-faire in industry" [desregulação para concentração de cartel]. I.e. acabar com regulações anti-trust, protecções tarifárias e outras; de forma a possibilitar a criação de cartéis e monopólio – concentração de mercado.

"Federal monopolyonmoneyissuance" [aqui, cereja no topo do bolo]. O governo torna-se uma entidade monopolista e parasítica, controlada pela "indústria laissez-faire" (cartéis autoritários). Essa entidade exerce monopólios em nome do cartel que a comanda, o que inclui o domínio monetário.

"Chicago Plan, strategy for establishing that monopoly, backed by several bankers".

[Claro, tal como na Alemanha e na Rússia. Com o Vneshtorg, privado e internacional, a controlar o banco central em Moscovo.]

Chicago School como Jesuítas Austríacos –Corporativismo internacionalista.

[Parte da reacção aristocrática contra economia de classe média, constitucionalismo].

[Estes chegam lá pela direita, tal como os nacional-socialistas/fascistas].

[Socialismo e comunismo são a versão de esquerda]. Tudo isto faz parte da reacção aristocrática geral contra capitalismo de classe média, mercado livre, modernismo constitucional. É sempre seguido o modelo básico dos Restauracionistas e dos Saint-Simonianos: corporativismo totalitário. A Chicago School e os Austríacos são a face mais "respeitável" de tudo isto e chegam lá a partir da direita (são os internacionalistas de direita; depois também existem os nacionalistas/fascistas). Os socialistas e os comunistas fazem-no a partir da esquerda.

Imperialismo e capital financeiro – BENCHMARKS.

Imperialismo e capital financeiro – "Invasões e comissões" (LORIA).

Dívidas de capital financeiro justificam invasões ou Comissões de resgate.

«*When a country which has contracted a debt is unable, on account of the slenderness of its income, to offer sufficient guarantee for the punctual payment of interest, what happens? Sometimes an out-and-out conquest of the debtor country follows. But more frequently the insufficient guarantee of an international loan gives rise to the appointment of a financial commission by the creditor countries in order to protect their rights and guard the fate of their invested capital. The appointment of such a commission literally amounts in the end, however, to a veritable conquest. We have examples of this in Egypt, which has to all practical purposes become a British province, and in Tunis, which has in like manner become a dependency of France, who supplied the greater part of the loan…*», Loria, "The Economic Foundations of Politics", cit. in J.A. Hobson (1902). "Imperialism: A Study".

Imperialismo e capital financeiro – "Uma iniciativa bancária" (Hobson).

Hobson coloca tudo em perspectiva.

O estado imperial "acerta contas" entre credores e devedores.

"Credores" são investidores privados, devedores" são estados estrangeiros.

O estado imperial é um intermediário, que faz o resgate de capitais.

Imperialismo prejudica contribuintes e mercadores.

«*…though useful to explain certain economic facts, the terms "creditor" and "debtor," as applied to countries, obscure the most significant feature of this Imperialism. For though, as appears from the analysis given above, much, if not most, of the debts are "public," the credit is nearly always private… Aggressive Imperialism, which costs the tax-payer so dear, which is of so little value to the manufacturer and trader, which is fraught with such grave incalculable peril to the citizen, is a source of great gain to the investor who… insists that his Government should help him to profitable and secure investments abroad*», J.A. Hobson (1902). "Imperialism: A Study".

Imperialismo e capital financeiro – América do Sul, uma colónia britânica.

"Especialmente a Argentina".

«*South America, and especially Argentina… is so dependent financially on London that it ought to be described as almost a British commercial colony*», Schulze-Gaevernitz (Leipzig, 1906), cit. in Vladimir Illyich Lenin (1916), "*Imperialism, The Highest Stage of Capitalism*".

Imperialismo – A partição do mundo.

Imperialismo – EUA, Japão, Alemanha e França entram no jogo imperial.

EUA abandonam isolacionismo. EUA começam a abandonar princípio do isolacionismo com aventuras nas Caraíbas e na Améria Latina, e a anexação de Filipinas, Cuba, Haiti, etc.

Em 1876, as quatro potências praticamente não tinham colónias. Em 1876, três potências (EUA, Japão, Alemanha) não tinham colónias, e a França mal tinha alguma.

Em 1914, figura muda. Em 1914, estas quatro potências tinham uma área colonial combinada de 14,100,000 km2, e uma população colonial de aproximadamente 100,000,000.

Imperialismo – Aquisições imperiais entre 1884 e 1900 (Hobson, 1902).

Grã-Bretanha. A Grã-Bretanha adquire 3.7M sqm de território, com uma população de 57M.

França. A França adquire 3.5M sqm, população 37M. Desde 1880, a França adquire o Senegal, Sahara, Tunísia, Tonking, Laos.

Alemanha. Explorações em África.

Bélgica. Congo belga, o Congo Free State (1883).

Holanda.

Portugal. Angola (1884-96), Moçambique (1891).

Itália. Eritreia, Somaliland.

Rússia. Entra em expansão asiática.

Imperialismo – Expansão em África, Ásia, Polinésia (1876-1900).

África – de 11% para 90%. Em 1876 as colónias europeias em África eram apenas 10.8% do território do continente. A partir daí começa a luta pelos restantes 9/10. Em 1900, 90.4% de África já tinham sido conquistados (+79.6%).

Polinésia – de 57% para 99%. Em 1876, 56.8%; em 1900, 98.9% (+42.1%).

Ásia – de 51.5% para 57%. Em 1876, 51.5%. Em 1900, 56.6% (+5.1%).

Imperialismo – Dados para as seis Grandes Potências (1876-1914).

Área em milhões de sq km, população em milhões.

Grã-Bretanha. Área colonial passa de 22.5 para 33.5 (+48.88%). A população colonial passa de 251.9 para 393.5. A metrópole tem uma área de 0.3 e uma população de 46.5. No Total, 33.8M sqkm, 440.0M.

França. Área colonial de 0.9 para 10.6. População colonial de 6 para 55.5. A metrópole tem uma área de 0.5, e população 39.6. Total: 11.1M sq km, 95.1M.

Rússia. Área colonial de 17 para 17.4. População colonial de 15.9 para 33.2. Metrópole com área de 5.4, 136.2M habitantes. Total: 22.8M sq km, 169.4M.

Alemanha. Adquire uma área colonial de 2.9, população colonial 12.3. Dados metropolitanos: área 0.5, população 64.9. Total: 3.4M sq km, 77.2M.

EUA. Adquire uma área colonial de 0.3, população colonial 9.7. Dados metropolitanos: área de 9.4, população 97.0. Total: 9.7M sq km, 106.7M.

Japão. Adquire uma área colonial de 0.3, população colonial 19.2. Dados metropolitanos: área de 0.4, população de 53.0M. Total: 0.7M sq km, 72.2M

Seis Grandes Potências (1876-1914).

Área colonial total (+60%). De 40.4 para 65.0 (+60%).

População colonial total (+90%). De 273.8 para 523.4 (+90%).

Dados metropolitanos. Área de 16.5M sq km, 437.2M habitantes.

Total. 81.5M sq km, 960.6M

Imperialismo – China, the next target.

Todo o território livre do globo foi ocupado pelas Grandes Potências.

Agora só falta a China [Driault, 1907].

«*During the past few years, all the free territory of the globe, with the exception of China, has been occupied by the powers of Europe and North America*» J. I. Driault, *Problèmes politiques et sociaux,* (Paris, 1907), cit. in Vladimir Illyich Lenin (1916), "*Imperialism, The Highest Stage of Capitalism*".

Imperialismo – Cartéis transnacionais – Firmas multinacionais.

Rockefeller, Rothschild, Shell partilham mercado mundial de petróleo (1905).

Mercado mundial dominado por dois grupos.

Standard Oil & Co., e Rothschild and Nobel – "the two are closely connected".

Um adversário externo – Anglo-Dutch Shell.

«*The world oil market… is even today still divided between two great financial groups-- Rockefeller's American Standard Oil Co., and Rothschild and Nobel, the controlling interests of the Russian oil fields in Baku. The two groups are closely connected*» Jeidels, 1905, cit. in Vladimir Illyich Lenin (1916), "*Imperialism, The Highest Stage of Capitalism*".

General Electric e AEG dividem o mundo entre si (1907) – Depois, fundem-se.

AEG assume controlo do mercado alemão (1912).

De 28 grupos a um só – AEG. Até 1900, na Alemanha, tinham existido 7 ou 8 grupos a operar na indústria eléctrica. Cada qual consistia de várias companhias – no total, eram 28 companhias – e cada qual era financiado por 2 a 11 bancos. Entre 1908 e 1912, todos estes grupos foram fundidos num só, representado pela AEG.

O poder da AEG em 1912. Em 1912, era calculado que a AEG detinha shares em 175 a 200 outras companhias, dominando-as e, portanto, controlando um capital total de cerca de 1,500,000,000 marcos.

Operava joint-stock companhias em mais de 10 países.

GE e AEG acordam dividir o mundo entre si – cessam competição (1907). GE fica com EUA e Canadá. AEG com Alemanha, Rússia, Áustria, Holanda, Dinamarca, Suiça, Turquia e os Balcãs.

Duas trusts começam a fundir-se entre si – cartel/monopólio global.

HEINIG – "Não existem companhias eléctricas independentes destas duas". «*…there are no other electric companies in the world completely independent of them*» Kurt Heinig, "Der Weg des Elektrotrusts" (The Path of the Electric Trust--*Tr.)* in *Neue Zeit,* January 30, 1912, cit. in Vladimir Illyich Lenin (1916), "*Imperialism, The Highest Stage of Capitalism*".

AIC.

American International Corporation.

Super-multinacional para firmas de Wall Street. Surge como uma espécie de super-multinacional, ou super-cartel, para o principal cartel financeiro de Wall Street.

Empreendimentos domésticos e estrangeiros. Desenvolver empreendimentos e promover os interesses das firmas bancárias e industriais a si associadas – americanas ou estrangeiras.

Representações por todo o planeta. Representações em Londres, Paris, Pequim, Buenos Aires e Petrogrado. Menos de dois anos após o seu estabelecimento, a AIC está a operar numa escala substancial na Austrália, na América Central (México, Cuba e outros) na América do Sul (Argentina, Uruguai, Colômbia, Brasil, Chile), no Extremo Oriente (China, Índia, Ceilão), na Europa (Itália, Suiça, França, Espanha).

Firmas associadas. Lehman Brothers; Empire Trust Company; DuPont; Bankers Trust Company; Chase National Bank; National City Bank; NY Fed; International Banking Corporation; Manufacturers Trust Company; General Motors; Allied Machinery; International Acceptance Bank; Barnsdall Corporation; Equitable Office Corporation; Georgian Manganese Company; Remington Arms Co.; Kuhn, Loeb; Stone & Webster; NY Fed

O papel central de Morgan, Rockefeller e NCB. A AIC é fundada em 1915 por uma coligação Morgan, Rockefeller e Stillman (National City Bank). O National City Bank estava extremamente bem representado, com não menos do que 10 directores no quadro da AIC. Stillman do NCB era, nessa altura, um intermediário entre os interesses Morgan e Rockefeller.

AIC – "Banana Revolutions" – Indústria de guerra.

Subsidiárias da AIC. A AIC tinha várias subsidiárias, interesses financeiros em várias outras companhias, e operava ainda outras firmas, tanto nos EUA como no estrangeiro.

United Fruit Company – "Banana Revolutions". A AIC também investiu na United Fruit Company, que esteve envolvida numa série de "Banana Revolutions" na América Central.

Allied Machinery Company of America.

Grace Russian Company.

I GUERRA, Indústria de guerra – AISC, Amsinck, Symington. American International Shipbuilding Corporation – G. Amsinck & Co., Inc. – Symington Forge Corporation. A American International Shipbuilding Corporation era inteiramente dominada pela AIC e assinou contratos substanciais para a produção de navios de guerra com a U.S.

government Emergency Fleet Corporation. Aliás, era a maior contratada pela US EFC. Outra companhia operada pela AIC era a G. Amsinck & Co., Inc. (NY); o controlo da companhia foi adquirido em Novembro de 1917. A Amsinck era a fonte de financiamento para espionagem alemã nos EUA. A Symington Forge Corporation, formada e inteiramente dominada pela AIC, era um contratador governamental de extremo peso para a produção de bombas.

Imperialismo – Redes subversivas – Freebooters – A “revolução imperial”.

REDES – Redes para intelligence, subversão, sectarização.

Comprar ou cooptar estruturas locais de poder e influência. Este é o ponto onde os britânicos revelam o seu talento, ao longo do tempo.

→ Classes oligárquicas manipuláveis. Senhores de terras e outros oligarcas, como grupos sacerdotais oportunistas.

→ Grupos desafectados: sectários, fanáticos, agitadores, oportunistas. Usar grupos desafectados, de extremistas religiosos e políticos, ou pessoas “with chips on their shoulders”.

Agitação, desestabilização, caos, terror, manter outros grupos em xeque, etc. Em nome da potência imperial patrocinadora.

→ Máfias locais, maçonarias. Ao longo da história, é comum que os aglomerados populacionais tenham as suas próprias estruturas de poder informais. Nalguns casos, a sua própria pequena máfia local, que mantém a ordem e organiza a vida social, e gere os negócios ilícitos, o submundo.

O exemplo das Tríades e de Mazzini. Foi o caso, por exemplo, com as Tríades chinesas, uma parceria que começa no século XIX, com as Guerra do Ópio. Temos também um bom exemplo em Mazzini, o Carbonarii. Em Itália, o principal agente de ligação para os britânicos era Giuseppe Mazzini, o chefe da Carbonária. Mazzini foi depois reorganizar a Máfia napolitana (?), no formato que tem ainda hoje, com uma estrutura de graus, obediências e rituais de passagem.

REDES – Estimular oligarquismo servil.

Criar oligarquias no seio da população. Por exemplo, usar pessoas de diferentes backgrounds étnicos ou religiosos, como no caso do Quénia britânico: brancos, indianos e árabes eram usados para controlar a maioria negra.

Dar-lhes diferentes níveis de poder e autoridade. Usar grupos com diferentes backgrounds, e dar-lhes diferentes níveis de poder e autoridade.

Estimular sentimentos de superioridade e schadenfreude. Estimular, estes sentimentos nestas cliques, face ao resto da população.

REDES – Círculos concêntricos [Esporos] – Terrorismo.

[Modelo euro-britânico para estabelecimento de redes de influência].

Círculo interior toma decisões. A Irmandade Muçulmana segue o modelo típico nestas organizações provocatórias. Tem um círculo interior, que toma as decisões e está por dentro da agenda a levar a cabo.

Círculos externos – A dinâmica dos esporos. E depois tem várias camadas exteriores, que trabalham em pontos específicos e os implementam no terreno. No círculo mais exterior, estão aqueles que são vistos como idiotas úteis, que são usados como carne para canhão, corpos, para serem rebentados e tudo o resto.

Várias alas – funcionamento matricial dialéctico. Encontramos todos os tipos de alas e organizações, para todo o tipo de posicionamentos políticos, religiosos, sociais, bem como para todo o tipo de actividades.

TOYNBEE – Redes de influência – Manipulação sócio-cultural – Separatismo.

Toynbee, chefe do SIS. O historiador Arnold Joseph Toynbee foi o chefe do SIS (Secret Intelligence Service).

"Ordem imperial duradoura implica..."

Redes de intelligence e subversão. Toynbee argumentava que, para se construir uma ordem imperial duradoura, na "*long sweep of history*", há que estabelecer eficazes redes de intelligence e de subversão.

Manipulação sócio-cultural e sectarismo. Manipulação da identidade cultural e religiosa, com o encorajamento de "identity politics": nacionalismo extremo, separatismo étnico.

Imperialismo – Freebooters.

Continuadores dos velhos filibusteiros – Henry Morgan. Eram os descendentes dos velhos filibusteiros da era de ouro da pirataria, em que piratas a soldo de governos atacavam as rotas mercantis de países e de companhias rivais. Entre os nomes mais reputados nessa tradição, encontramos Henry Morgan, um bucaneiro que atacava os Espanhóis e tomou a cidade do Panamá. Era para ser executado em Inglaterra, mas em vez disso, foi tornado cavaleiro, e feito governador da Jamaica.

Pirataria, revolução, invasão. Aventureiros, piratas e mercenários comissionados para começar revoluções noutros países, ou até mesmo invadi-los. Estas pessoas eram conhecidas como filibusteiros, freebooters.

Cecil Rhodes – Freebooters anglo-holandeses – Freebooters americanos.

William Walker, socialismo para México e Nicarágua. O mais célebre foi William Walker, que em meados do século XIX encetou golpes de estado no México e na Nicarágua.

A dinâmica da "revolução imperial".

(1) Usar grupos desafectados. Geralmente, extremistas religiosos ou políticos.

(2) Desestabilizar, destruir → Estabelecer caos → Permitir reconstrução/ocupação. Usar grupos desafectados e de agitadores para desestabilizar e/ou destruir a infrastrutura social, cultural e económica de um país → estabelecer caos → no final, chegar e assumir controlo comercial e político.

(3) Regime subserviente. Montar regimes subservientes, colónias, protectorados.

Revolução romanceada vs revolução financiada. Qualquer "revolução" é sempre registada e narrada como sendo um acontecimento espontâneo, levado a cabo pelos pobres e oprimidos contra um estado autocrático. Nunca é explorado o lado financeiro da questão – qualquer revolução precisa de finanças, é frequentemente dirigida em função desse factor e, regra geral, vamos encontrar os financeiros ocidentais por detrás das grandes revoluções dos últimos 200 anos.

A revolução do Panamá, 1903.

Revolucionários – Panama Railroad & Steamship Co – França – US Navy. Operação feita conjuntamente por financeiros de Wall Street, por financeiros franceses e pelo governo americano, através da Panama Railroad & Steamship Company (detida por capital francês), com a colaboração dos líderes da revolução. Ou seja, quem implementou a revolução no terreno foram os oficiais da PRSC e uma série de líderes do movimento revolucionário. Apoio de navios de guerra americanos.

Canal do Panamá. O propósito era o de obter controlo sobre o país por forma a permitir a construção do Canal.

A revolução do México, 1915 – I Guerra.

Alemanha e Wall Street. Em plena I Guerra Mundial.

Primeira constituição trotskyista do mundo. O governo de Carranza assumiu a 1ª constituição de estilo soviético no mundo – trotskystas.

Incursões de Villa nos EUA, Plano de San Diego. Durante esta fase, também temos as incursões de Pancho Villa ao sul dos EUA. É nessa altura que é aprovado o Plano de

San Diego, que implica o assassinato de populações americanas inteiras no sul dos EUA, para ganhar direitos territoriais e acesso a recursos.

Apoio do governo alemão – I Guerra. Os comunistas eram apoiados pelo governo alemão, que em plena 1ª guerra, viam ali a oportunidade de criar um governo pró-alemão.

JP Morgan e outros enviam armas, munições, financiamento para propaganda. Apoios: governo alemão; Guaranty Trust Company e American Gun Company (com autorizações para a expedição de armas do War Trade Board e do State Department), Western Cartridge Company, Mechanics and Metals National Bank.

Banana Revolutions (AIC, UFC). Mencionadas noutro ponto.

Imperialismo – “Sustentabilidade”, MO para domínio sócio-económico.

Imperialismo – Dependência e subdesenvolvimento.

O trauma da Revolução Americana tinha sido suficiente.

Impedir formação de estados fortes e independentes. A grande prioridade da política externa britânica, e aristocrática europeia em geral, foi o de impedir a formação de estados independentes fortes e auto-determinados, que pudessem, portanto, oferecer resistência e oposição.

Estimular dependência. Impedir desenvolvimento independente, por forma a manter as regiões coloniais atrasadas e dependentes.

Guerra económica. Assegurar dívida permanente.

Desestabilização e conflito. Usar campanhas de desestabilização, revoluções, invasões, incentivo a guerras civis.

Autoritarismo político. A rejeição de liberdade e democracia.

Atraso e subdesenvolvimento. Rejeição de desenvolvimento económico, ciência, tecnologia.

Promover sectarismo político, mini-estados. Portanto, em vez de lidar com príncipes e reis que governassem sobre grandes áreas, os britânicos encorajaram o poder de centenas de pequenos grupos étnicos e tribais, cada qual a governar sobre um pequeno mini-estado. Desta forma, poderia ser facilmente evitado o surgimento de oposição política relevante.

Imperialismo – Esmagar e dividir para governar.

Desculturalização – Destruição sócio-cultural. Erradicação da tribo, do clã, da família alargada, destruição dos velhos padrões culturais e tradições.

Deserto cultural – Bestialização individual e degradação em relações humanas. Criar um deserto cultural, dominado por formas culturais centradas em instintos baixos e básicos. Gerar conformismo, derrotismo, cinismo, egoísmo, competição, baixeza e crueldade nas relações humanas. Dinâmica de domínio e dominação (dominar ou ser dominado).

Quebrar solidariedade social entre população.

Cultismo religioso.

Educação funcionalizada. Baixos níveis educacionais, limitados ao desempenho de uma função.

Obscurantismo científico-tecnológico.

Imperialismo – Controlo comercial.

Território – recursos – concessões. Aquisição ou consolidação de territórios, aquisição de fontes de matérias-primas, recursos, concessões financeiras e comerciais.

Ambiente colonial é o habitat natural de monopólios e cartéis. Um ambiente onde a prepotência é norma e tudo vale.

Imperialismo – Reservas – Trabalho escravo – Vigilância e sistema policial.

Concentração da população em reservas. Concentração populacional em cidades que funcionam como reservas, comunas, plantações, feudos, campos de concentração.

Trabalho escravo. Trabalho escravo por salários irrisórios, onde a pessoa comum é mantida ao mero nível de subsistência.

Redes de influência social.

Redes de espiões e informantes – cobardia, oportunismo e expediente. Ter uma rede de espiões e informantes pela sociedade fora, para detectar dissidentes. Incentivar uma cultura cobarde e oportunista, onde as pessoas funcionam como os olhos e ouvidos das autoridades, em nome de alguns privilégios.

Militarização. Policiamento pesado, com mercenários e polícia militarizada.

LAFOLLETTE e BAKER – Os oito homens que controlam os EUA.

LaFollette – "EUA controlado por um grupo de 50 homens". O Senador LaFollette era um dos mais vocais oponentes de Wall Street e afirmou publicamente que um grupo de cinquenta homens controlavam os EUA.

George F. Baker – "Não, EUA é controlado por apenas 8 homens". Quando George F. Baker, parceiro de JP Morgan, foi questionado sobre isto por repórteres, respondeu que era totalmente absurdo. Disse que sabia de experiência pessoal que o país era gerido por apenas oito homens.

LIBOR e ISDAfix

LIBOR: Bancos manipulam preços, prejudicam clientes, para lucros especulativos.

Manipulação de taxas de juro globais por cartel de 16 bancos. Barclays, Bank of America, Citigroup, Credit Suisse, JP Morgan Chase, Lloyds, HSBC, Rabobank, RBS, UBS, Deutsche Bank, Goldman Sachs, etc.

Afectou preços de instrumentos financeiros com um valor total de $500T.

«*You may have heard of the Libor scandal, in which at least three – and perhaps as many as 16 – of the name-brand too-big-to-fail banks have been manipulating global interest rates, in the process messing around with the prices of upward of $500 trillion (that's trillion, with a "t") worth of financial instruments*»

“Libor panel” cria médias diárias de preços a partir de reporting manipulado.

I.e., bancos que fazem reporting acertam condições entre si antes de o fazerem.

Maximização de lucros especulativos pelos bancos (intermediários). É claro que tudo isto serve para que estes bancos, intermediários nas transacções, maximizem lucros especulativos à custa dos clientes.

Voluntary reporting scheme + too big-to-fail status + revolving-doors = corruption.

«*Across the financial system, there are places where prices or official indices are set based upon unverified data sent in by private banks and financial companies… Every morning, 18 of the world's biggest banks submit data to an office in London about how much they believe they would have to pay to borrow from other banks. The 18 banks together are called the "Libor panel"… the numbers are averaged out. What emerges, every morning at 11:30 London time, are the daily Libor figures… This mountain of bank-submitted data is used every day to create benchmark rates that affect the prices of everything from credit cards to mortgages to currencies to commercial loans (both short- and long-term) to swaps… Libor, which measures the prices banks charge one another to borrow money, is a perfect example, not only of this basic flaw in the price-setting system but of the weakness in the regulatory framework supposedly policing it. Couple a voluntary reporting scheme with too-big-to-fail status and a revolving-door legal system, and what you get is unstoppable corruption*»

Troca entre trader e um cliente do RBS: “arranja-me isto e eu dou-te uma boa noite”.

«*This is from an exchange between a trader and a Libor submitter at the Royal Bank of Scotland:*

SWISS FRANC TRADER: can u put 6m swiss libor in low pls?...

PRIMARY SUBMITTER: Whats it worth

SWSISS FRANC TRADER: ive got some sushi rolls from yesterday?...

PRIMARY SUBMITTER: ok low 6m, just for u

SWISS FRANC TRADER: wooooooohoooooo. . . thatd be awesome»

[“Everything Is Rigged: The Biggest Price-Fixing Scandal Ever”, Matt Taibi, Rolling Stone, May 9, 2013]

LIBOR: Bancos pagam peanuts – O papel de Holder e Breuer em tudo isto.

Bancos são penalizados com multas simbólicas. «*…the banks mostly skated. Barclays got off with a relatively minor fine in the $450 million range, UBS was stuck with $1.5 billion in penalties, and RBS was forced to give up $615 million*»

Holder (AG) e Breuer (AAG): Governo não processará – é subserviente aos bancos. «*Attorney General Eric Holder and former Justice Department Criminal Division chief Lanny Breuer, confessed that it's dangerous to prosecute offending banks because they are simply too big. Making arrests, they say, might lead to "collateral consequences" in the economy*»

Breuer: “Não tencionamos destruir um too big to fail” [só economia em geral]. «*"Our goal here is not to destroy a major financial institution"*»

Breuer depois obtém emprego na firma legal que trabalha para o Citigroup. «*The presence of Covington & Burling in the [Libor] suit – representing, of all companies, Citigroup, the former employer of current Treasury Secretary Jack Lew – was particularly galling. Right as the Libor case was being dismissed, the firm had hired none other than Lanny Breuer, the same Lanny Breuer who, just a few months before, was the assistant attorney general who had balked at criminally prosecuting UBS over Libor because, he said, "Our goal here is not to destroy a major financial institution"…*»

Greenberger (ex-CFTC): “Send them to jail – Attorney-general creates Wild West”. «*"There's no therapy like sending those who are used to wearing Gucci shoes to jail," he says. "But when the attorney general says, 'I don't want to indict people,' it's the Wild West. There's no law."*» [“Everything Is Rigged: The Biggest Price-Fixing Scandal Ever”, Matt Taibi, Rolling Stone, May 9, 2013]

LIBOR: Psicose é o novo normal, até em tribunal federal.

A defesa psicótica apresentada pela Covington & Burling em tribunal federal.

“O reporting Libor não é competitivo, portanto não fizemos nada de mal”.

Juíza estava certamente a drogas psicotrópicas, portanto aceitou.

«*…Covington & Burling in the [Libor] suit – representing, of all companies, Citigroup… this all-star squad of white-shoe lawyers came before [federal judge] Buchwald and made the mother of all audacious arguments… could not possibly be guilty of anti- competitive collusion because nobody ever said that the creation of Libor was competitive. "It is essential to our argument that this is not a competitive process," he said. "The banks do not compete with one another in the submission of Libor"… Judge Buchwald swallowed this lunatic argument whole and dismissed most of the case. Libor, she said, was a "cooperative endeavor" that was "never intended to be competitive"*» [“Everything Is Rigged: The Biggest Price-Fixing Scandal Ever”, Matt Taibi, Rolling Stone, May 9, 2013]

ISDAfix, uma aparente repetição do Libor, agora em IRSs.

IRS: instrumento para fazer trocas entre floating rates e fixed rates.

Investidores institucionais (companhias, fundos de pensões, cidades, governos, etc).

Um mercado de $379T.

ISDAfix é o painel, que decide os preços para IRS (o Libor deste mercado).

A mesma trupe de bancos (RBS, Goldman, JP Morgan, Deutsche Bank, Barclays, etc).

«*If you can imagine taking out a variable-rate mortgage and then paying a bank to make your loan payments fixed, you've got the basic idea of an interest-rate swap. In practice [someone] borrows money at a variable rate of interest, then later goes to a bank to "swap" that loan to a more predictable fixed rate. In its simplest form, the customer in a swap deal is usually paying a premium for the safety and security of fixed interest rates, while the firm selling the swap is usually betting that it knows more about future movements in interest rates than its customers… Interest-rate swaps are a tool used by big cities, major corporations and sovereign governments to manage their debt, and the scale of their use is almost unimaginably massive. It's about a $379 trillion market, meaning that any manipulation would affect a pile of assets about 100 times the size of the United States federal budget… Prices for interest-rate swaps are often based on ISDAfix, which, like Libor, is yet another of these privately calculated benchmarks. ISDAfix's U.S. dollar rates are published every day, at 11:30 a.m. and 3:30 p.m., after a gang of the same usual-suspect megabanks (Bank of America, RBS, Deutsche, JPMorgan Chase, Barclays, etc.) submits information about bids and offers for swaps*»

ICAP, de Londres, a ser investigada por arranjar concertação de cartel.

A “Treasure Island” de 20 jovens predadores, organiza o esquema.

David Frenk: "It's almost hilarious they called it ISDA*fix*".

ISDAfix também se aplica a $550B em obrigações (impacto em propriedade, pensões).

«*That [Libor cartel] was bad enough, but now Libor may have a twin brother… the London-based firm ICAP, the world's largest broker of interest-rate swaps, is being investigated by American authorities for behavior that sounds eerily reminiscent of the Libor mess. Regulators are looking into whether or not a small group of brokers at ICAP may have worked with up to 15 of the world's largest banks to manipulate ISDAfix, a benchmark number used around the world to calculate the prices of interest-rate swaps… At ICAP, the interest-rate swap desk, and the 19901 screen, were reportedly controlled by a small group of 20 or so brokers, some of whom were making millions of dollars. These brokers made so much money for themselves the unit was nicknamed "Treasure Island"… The idea that prices in a $379 trillion market could be dependent on a desk of about 20 guys in New Jersey should tell you a lot about the absurdity of our financial infrastructure. The whole thing, in fact, has a darkly comic element to it. "It's almost hilarious in the irony," says David Frenk, director of research for Better Markets, a financial-reform advocacy group, "that they called it ISDAfix"… just like in Libor, the potential losers in an interest-rate-swap manipulation scandal would be the same sad-sack collection of cities, towns, companies and other nonbank entities that have no way of knowing if they're paying the real price for swaps or a price being manipulated by bank insiders for profit. Moreover, ISDAfix is not only used to calculate prices for interest-rate swaps, it's also used to set values for about $550 billion worth of bonds tied to commercial real estate, and also affects the payouts on some state-pension annuities. So although it's not quite as widespread as Libor, ISDAfix is sufficiently power-jammed into the world financial infrastructure that any manipulation of the rate would be catastrophic – and a huge class of victims that could include everyone from state pensioners to big cities to wealthy investors in structured notes would have no idea they were being robbed*»

Os mesmos bancos do Libor – **colusão** em vez de competição é prática assente.

«*It should surprise no one that among the players implicated in this scheme to fix the prices of interest-rate swaps are the same megabanks – including Barclays, UBS, Bank of America, JPMorgan Chase and the Royal Bank of Scotland – that serve on the Libor panel that sets global interest rates… These banks, which already possess enormous power just by virtue of their financial holdings… are beginning to realize the awesome possibilities… that would come with colluding instead of competing*» ["Everything Is Rigged: The Biggest Price-Fixing Scandal Ever", Matt Taibi, Rolling Stone, May 9, 2013]

LIBOR, ISDAfix: Reacções a manipulações de índices – Investigações regulatórias.

Greenberger (ex-CFTC): “the height of criminality”, “send them to jail”. «*“It's a double conspiracy," says an amazed Michael Greenberger, a former director of the trading and markets division at the Commodity Futures Trading Commission and now a professor at the University of Maryland. "It's the height of criminality"… Greenberger says the lack of serious consequences for the Libor scandal has only made other kinds of manipulation more inevitable. "There's no therapy like sending those who are used to wearing Gucci shoes to jail," he says*»

Darrell Duffie (Stanford): ISDAfix similar a Libor, manipulação de valores. «*"[ISDAfix] is obviously reminiscent of the Libor manipulation issue," Darrell Duffie, a finance professor at Stanford University, told reporters. "People may have been naive that simply reporting these rates was enough to avoid manipulation."*»

Hausfeld (advogado no caso Libor): “Ubiquitous culture to collude and cheat”. «*Michael Hausfeld of Hausfeld LLP, one of the lead lawyers for the plaintiffs in this Libor suit… "It's now evident that there is a ubiquitous culture among the banks to collude and cheat their customers as many times as they can in as many forms as they can conceive…And that's not just surmising. This is just based upon what they've been caught at."*»

Chilton (CFTC): “Manipulation, many other benchmarks are legit areas of inquiry”.

Investigação CFTC e IOSC.

EFFSU: “Reporting opaco leva obviamente a manipulação”.

«*…two regulators – the CFTC here in the U.S. and the Madrid-based International Organization of Securities Commissions – were spurred by the Libor revelations to investigate the possibility of collusive manipulation of gold and silver prices. "Given the clubby manipulation efforts we saw in Libor benchmarks, I assume other benchmarks – many other benchmarks – are legit areas of inquiry," CFTC Commissioner Bart Chilton said… All of these benchmarks based on voluntary reporting are now being looked at by regulators around the world, and God knows what they'll find. The European Federation of Financial Services Users wrote in an official EU survey last summer that all of these systems are ripe targets for manipulation. "In general," it wrote, "those markets which are based on non-attested, voluntary submission of data from agents whose benefits depend on such benchmarks are especially vulnerable of market abuse and distortion."*» [“Everything Is Rigged: The Biggest Price-Fixing Scandal Ever”, Matt Taibi, Rolling Stone, May 9, 2013]

Matt Taibi, sobre as implicações de Libor e ISDAfix.

“The world, a rigged game, banks fixing prices of just about everything”.

“Lunacy of markets where IRs and IRSs are manipulated at once, by same banks”.

“Currency exchange, rates, commodity prices, all depend these private cabals”.

“Cigar-chomping insiders, Space Age stealing with keystrokes, just coming into view”.

«*The world is a rigged game. We found this out in recent months, when a series of related corruption stories spilled out of the financial sector, suggesting the world's largest banks may be fixing the prices of, well, just about everything… the lunacy of financial markets where both interest rates and interest-rate swaps are being manipulated at the same time, often by the same banks… an era… in which the prices of currencies, commodities like gold and silver, even interest rates and the value of money itself, can be and may already have been dictated from above… After scandals involving Libor and, perhaps, ISDAfix, the question that should have everyone freaked out is this: What other markets out there carry the same potential for manipulation? The answer to that question is far from reassuring, because the potential is almost everywhere… That includes the markets for gold (where prices are set by five banks in a Libor-ish teleconferencing process that, ironically, was created in part by N M Rothschild & Sons) and silver (whose price is set by just three banks), as well as benchmark rates in numerous other commodities – jet fuel, diesel, electric power, coal, you name it… prices all over the world are dependent upon little private cabals of cigar-chomping insiders we're forced to trust… It's… stealing in which banks can hit a few keystrokes and magically make whatever's in your pocket worth less. This is… Space Age stealing – and it's only just coming into view*» [“Everything Is Rigged: The Biggest Price-Fixing Scandal Ever”, Matt Taibi, Rolling Stone, May 9, 2013]

Impactos essenciais sobre percepções públicas.

Normalização de fraude. Uma das consequências das ausências de punição a estas fraudes financeiras é, antes de mais, a normalização da ideia de que os bancos podem fazer o que querem e estão acima de qualquer lei. Os bancos *são a lei* e mandam e desmandam em governos e instituições.

Normalização de colusão, cartel, integração sistémica bancária. Mas também existe aqui o avançar da noção de que os *too big to fail* agem em cartel. Estas instituições *sempre* agiram em cartel – *são cartéis*, através de partilhas de capitais, directorados, projectos e, claro, dos seus sistemas de mesa redonda. A diferença é a de que isso está agora a ser destacado; o público está a ser sensibilizado para o conceito. O mito de capitalismo financeiro internamente laissez-faire e independente (a fantasia sobre cowboys solitários em Wall Street) pode ser finalmente descartado. Isto acompanha a integração *oficial* do sistema bancário naquilo que é, cada vez mais, um sistema geral de bancos, à escala global, com operações colateralizadas pela sistematização de vários aparatos de governância transnacional e global. Ou seja, o “Sistema Geral” de que Saint-Simon falava.

BM

LORD ACTON – "The people versus the banks".

"This very old issue will have to be fought sooner or later".

«*The issue which has swept down the centuries and which will have to be fought sooner or later is the people versus the banks*» – Lord Acton

MAYOR HYLAN – “Invisible government of banking houses”.

Governo invisível que abarca cidades, estados, a nação, como um polvo.

Agarra executivo, legislatura, escolas, tribunais, jornais, agências de protecção pública.

No topo do polvo, firmas bancárias poderosas e a Standard Oil de Rockefeller.

Gerem os EUA e praticamente controlam ambos os partidos.

«*…the real menace of our republic is this invisible government which like a giant octopus sprawls its slimy length over city, State and nation. Like the octopus of real life, it operates under cover of self created screen. It seizes in its long and powerful tentacles our executive officers, our legislative bodies, our schools, our courts, our newspapers and every agency created for the public protection.*

At the head of this octopus are the Rockefeller Standard Oil interests and a small group of powerful banking houses generally referred to as international bankers. The little coterie of powerful international bankers virtually run the United States government for their own selfish purposes. They practically control both political parties»

John Hylan, NY City Mayor, March 27, 1922 NEW YORK TIMES

MCFADDEN (1932) – Estado global – Trotsky – O export-import da Fed.

McFadden (1932) – O superestado global.

Fed está a montar um sistema global.

EUA serão reduzidos a país escravo, exportador de matérias-primas e bens industriais.

Rússia, destinada a fornecer mão-de-obra.

EUA, fornecem poder financeiro ao superestado internacional.

Superestado controlado por internacionalistas que agem em concertação para escravizar o mundo a seu bel-prazer.

«*Mr. Chairman, when the Federal Reserve act was passed, the people of the United States did not perceive that a world system was being set up here… They did not perceive that the United States were to be lowered to the position of a coolie country which has nothing but raw materials and heavy goods for export; that Russia [and China --ed] was destined to supply the man power and that this country was to supply financial power to an international superstate – a superstate controlled by international bankers and international industrialists acting together to enslave the world for their own pleasure*» Congressman Louis T. McFadden, June 10, 1932, Congressional Record.

McFadden (1932) – Assistência bancária a bolcheviques.

Estes banqueiros financiaram a viagem NY-Russia de Trotsky.

Fomentaram e instigaram a Revolução.

Colocaram um grande fundo de dólares ao dispor de Trotsky num banco sueco.

«*Those bankers (...) financed [Leon] Trotsky's passage from New York to Russia so that he might assist in the destruction of the Russian Empire. They fomented and instigated the Russian revolution and they placed a large fund of American dollars at Trotsky's disposal in one of their branch banks in Sweden so that through him Russian homes might be thoroughly broken up and Russian children flung far and wide from their natural protectors*» Congressman Louis T. McFadden, June 10, 1932, Congressional Record.

McFadden (1932) – Exportação de capital – Importação de bens baratos.

Exportação de capital.

A Fed é uma das instituições mais corruptas na história do mundo.

Custou a este país dinheiro suficiente para pagar a dívida nacional, várias vezes.

A riqueza e o capital dos EUA foram alienados por certos bancos e corporações.

Foram enviados para o estrangeiro, para benefício dos seus clientes estrangeiros.

Fed disponibiliza as poupanças de americanos a traficantes chineses.

Importação de bens baratos.

Temos um influxo de bens baratos a entrar neste país.

"Made in Japan", ou "made in Germany", com dólares emitidos pela Fed.

Isso significa, "feito sob crédito público americano pago a firmas alemãs em ouro americano confiscado aos depósitos bancários do povo americano".

«*Mr. Chairman, we have in this country one of the most corrupt institutions the world has ever known. I refer to the Federal Reserve Board and the Federal Reserve Banks. The Federal Reserve Board, a Government board, has cheated the Government of the United States and the people of the United States out of enough money to pay the national debt. The depredations and iniquities of the Federal Reserve Board has cost this country enough money to pay the national debt several times over.*

The wealth of the United States and the working capital of the United States has been taken away from them and has either been locked in the vaults of certain banks and the great corporations or exported to foreign countries for the benefit of the foreign customers of those banks and corporations»

«*Mr. Chairman, when the Federal Reserve act was passed, the people of the United States did not perceive that a world system was being set up here which would make the savings of an American school-teacher available to a narcotic-drug vendor in Macao*»

«*Do you know why the tariff was raised? It was raised to shut out the flood of Federal Reserve goods pouring in here from every quarter of the globe -- cheap goods, produced by cheaply paid foreign labor on unlimited supplies of money and credit sent out of this country by the dishonest and unscrupulous Federal Reserve Board and the Federal Reserve banks. Go out in Washington to buy an electric light bulb and you will probably be offered one that was made in Japan on American money. Go out to buy a pair of fabric gloves and inconspicuously written on the inside of the gloves that will be offered to you will be found the words "made in Germany" and that means "made on the public credit of the United States Government paid to German firms in American gold taken from the confiscated bank deposits of the American people*» Congressman Louis T. McFadden, June 10, 1932, Congressional Record.

BM

MCKENNA (1924) – The banks do create money, and control the government.

Ex-Chancellor of the Exchequer (1915-1916). Reginald McKenna.

Chairman no Midland Bank. Em Janeiro de 1924, McKenna era presidente no quadro (board) do Midland Bank, e teve a seguinte comunicação para os accionistas.

"The banks can and do create money".

"Who controls credit, directs the Government and the destiny of the people".

«*I am afraid the ordinary citizen will not like to be told that the banks can, and do, create money.... And they who control the credit of the nation direct the policy of Governments and hold in the hollow of their hands the destiny of the people*» Reginald McKenna, January 1924. Cit. in Carroll Quigley (1966). Tragedy and Hope: A History of the World in Our Time.

MERTON e SCHOLES – Nobel – Derivativos – LCTM.

Merton & Scholes – Nobel da Economia (1997).

Merton & Scholes. Robert C. Merton, Harvard University; Myron Scholes, Stanford University.

Nobel – "Fórmula pioneira, génios fundacionais em derivativos". Prémio Nobel atribuído «*for a new method to determine the value of derivatives… a pioneering formula for the valuation of stock options. Their methodology has… generated new types of financial instruments and facilitated more efficient risk management in society*»

«*Black, Merton and Scholes thus laid the foundation for the rapid growth of markets for derivatives in the last ten years*» – The Sveriges Riksbank Prize in Economic Sciences in Memory of Alfred Nobel 1997, "The Prize in Economics 1997 - Press Release"

Merton & Scholes – LCTM – Bailout de 1998, precedente para 2007.

Merton & Scholes, partners da LCTM – Usa fórmula de gestão de riscos. Quadro de directores inclui Myron Scholes e Robert C. Merton, e a firma usa a fórmula genial de ambos para fazer a sua "gestão de riscos".

LCTM, Meriwether, Wall Street. Long-Term Capital Management L.P. (LTCM), hedge fund baseado em Greenwich, Connecticut. Fundado em 1994 e repleto de gente do Salomon Brothers, incluíndo o fundador John Meriwether. Meriwether demitiu-se do Salomon em 1991 após um escândalo de fraude. Negócios conduzidos com a generalidade dos bancos de Wall Street, com destaque para Bear Sterns e Merrill Lynch.

Colapso e Bailout (1998).

Colapso de 1998. Perde $4.6 biliões em menos de quatro meses. As várias apostas começam a falhar na sucessão da crise financeira do Sudeste Asiático de 1997/98, e da crise financeira Russa de Setembro de 1998.

Bailout – "Evitar colapso sistémico". Reacção em cadeia em numerosos mercados, causando percas catastróficas por todo o sistema financeiro.

Bailout – NY Fed e restantes firmas de Wall Street. Federal Reserve Bank of New York – Bankers Trust, Barclays, Chase Manhattan, Credit Suisse First Boston, Deutsche Bank, Goldman Sachs, Merrill Lynch, J.P.Morgan, Morgan Stanley, Salomon Smith Barney, UBS, Société Générale, Lehman Brothers, Paribas

Bailout – Precedente para futuras intervenções do Fed. Foi observado na altura por vários comentadores que o envolvimento do NY Fed iria encorajar instituições financeiras a assumir cada vez mais riscos, sabendo que o banco central iria funcionar como sistema de segurança social.

Moeda global [Bretton Woods, Volcker, Mundell e outros]

[ver também Carbon/Energy Standard]

Moeda global [hist.] – De César a Scaruffi a Vitória.

A ideia de uma moeda mundial é bastante antiga – sempre ligada a ouro. Gold standard, unidade estável por 2000 anos, de César a Vitória e ao GES.

Império Romano – Ouro, do áureo ao bezante. Júlio César introduziu um sistema bimetálico dando proeminência ao ouro, e o arranjo continuou durante os reinados dos seus sucessores. Depois passou para Constantinopla. Aureus, solidus, nomisma, bezant, foram sucessivamente as unidades contabilísticas para estes grandes impérios, e mesmo fora deles. Cinco aurei ou bezants eram iguais a uma libra, a unidade contabilística do Império Romano. Esta ideia do ouro como moeda internacional persevera quase 2000 anos.

Scaruffi e a Cidade do Homem – Moeda global "as if the world was one monarchy". Gasparo Scaruffi (1519–1584), mercador e banqueiro italiano, publica em 1582 um estudo sobre dinheiro, contendo uma proposta concreta para o estabelecimento de emissão universal, a adopção de uma moeda uniforme pela Europa, com a mesma forma, peso e nome, em cada país, «*as if the world were one city and one monarchy*». A esse mundo "ideal", Scaruffi chamou Alitinonfo, um nome derivado do Grego, significando "luz verdadeira".

Franceses no século XIX – Moeda global ligada a francos de ouro. Depois, este assunto foi debatido na conferência de Paris em 1867, presidida pelo Princípe Jerome Napoleon. Lá, falou-se de um plano para uma moeda global, ligada a francos de ouro.

Bretton Woods I – "Unitas, Bancor" – Clearing Union.

Planos americano e britânico propõem moeda global (Unitas, Bancor). Tanto os planos americanos como os britânicos para Bretton Woods incluíram provisões para uma moeda global. O plano americano chamou-lhe unitas. O plano britânico chamou-lhe bancor.

FDR comissiona Morgenthau e White para planear ordem económica do pós-guerra. Em 1941, FDR comissiona o secretário do Tesouro, Henry Morgenthau Jr., para fazer planos para a ordem económica do pós-guerra. Harry Dexter White, era o Director of Research no Tesouro foi responsabilizado por preparar o plano americano.

"Unitas". Na directiva, FDR é explícito sobre a necessidade de fazer planos para uma moeda mundial. Este plano inclui a moeda mundial, aqui chamada de unitas.

Em Inglaterra, Keynes prepara a Clearing Union e o “Banc-or” [ouro bancário]. Em Inglaterra, Keynes prepara o plano britânico, que tem uma “Clearing Union”, e o bancor. “Or” é a palavra francesa para ouro.

Bretton Woods I – Keynes – FMI como banco central mundial, emissor do Bancor.

Em Inglaterra, Keynes prepara a Clearing Union e o “Banc-or” [ouro bancário]. Em Inglaterra, Keynes prepara o plano britânico, que tem uma “Clearing Union”, e o bancor. “Or” é a palavra francesa para ouro.

Banco central mundial para gerir economia global. O projecto de Maynard Keynes era a afirmação do FMI como um *banco central mundial*, com a autoridade de regular e inter-coordenar as várias economias.

Bancor – SDRs. Eventualmente, iria emitir uma moeda fiat, o *bancor,* que seria a unidade de reserva para o mundo inteiro – os actuais SDRs.

FMI estabelecido com estruturas respectivas montadas. Já que essa foi a ideia desde o princípio.

Bretton Woods I – FDR – “Moeda global FMI só no futuro”.

FDR – Moeda global emitida pelo FMI vai demorar o seu tempo. FDR, na sua mensagem ao Congresso, “The Bretton Woods Money and Banking Proposals”, torna explícito que a transição para uma moeda mundial iria demorar o seu tempo.

“IMF will not create a single world money; no one is ready to do that”.

«*It is time for the United States to take the lead in establishing the principles of economic cooperation as the foundation for expanded world trade. We propose to do this, not by setting up a super-government, but by international negotiation and agreement, directed to the improvement of the monetary institutions of the world and of the laws that govern trade… A good start has been made. The United Nations monetary conference at Bretton Woods has taken a long step forward on a matter of great practical importance to us all. The conference submitted a plan to create an* ***International Monetary Fund*** *which will put an end to monetary chaos. The Fund is a financial institution to preserve stability and order in the exchange rates between different moneys.* ***It does not create single money for the world; neither we nor anyone else is ready to do that*** *(my italics). There will still be different money in each country, but with the Fund in operation the value of each currency in international trade will remain comparatively stable. Changes in the value of foreign currencies will be made only after careful consideration by the Fund of the factors involved…*» – Cit. in Robert A. Mundell, “The International Monetary System and the Case for a World Currency”.

Leon Koźmiński Academy of Entrepreneurship and Management (WSPiZ) and TIGER Distinguished Lectures Series n. 12, Warsaw, 23 October 2003.

Cooper (CFR, 1984) – Moeda comum para EUA, Europa, Japão [DEY].

[***não citar***]

Moeda comum para EUA, Europa, Japão.

Banco central comum (FMI), políticas monetárias comuns, controlos fiscais.

«*...I suggest a radical alternative scheme for the next century: the creation of a common currency for all of the industrial democracies, with a common monetary policy and joint Bank of Issue to determine that monetary policy. Individual countries would be free to determine their fiscal policy actions, but those would be constrained by the need to borrow in the international capital market.... Exchange rates can be most credibly fixed if they are eliminated altogether, that is, if international transactions take place with a single currency. But a single currency is possible only if there is in effect a single monetary policy, and a single authority issuing the currency and directing the monetary policy. How can independent states accomplish that? They need to turn over the determination of monetary policy to a supranational body, but one which is responsible collectively to the governments of the independent states.... This one-currency regime is much too radical to envisage in the near future. But it is not too radical to envisage 25 years from now, and indeed some such scheme, or its functional equivalent, will be necessary to avoid retrogression into greater reliance on barriers to international trade and financial transactions*» – Richard Cooper, "A Monetary System for the Future", Foreign Affairs, Fall 1984, pp. 166-184.

Volcker – "A global economy needs a global currency". Paul Volcker disse, «*a global economy needs a global currency*». Cit. in Robert Mundell (2005). "The case for a world currency". Journal of Policy Modeling, 27, 465–475

Mundell ajuda a criar o Euro – "Áreas monetárias regionais, FERs".

Anos 60, lança bases para planeamento monetário **regional**.

Deste trabalho surge planeamento para euro (CE) e outras moedas comuns. O plano de Mundell para uma moeda Europeia começou por ser apresentado a Dezembro de 1969, e circulou até à Comissão Europeia em Bruxelas.

"Moeda única implica banco central único".

"Dividir o mundo em áreas monetárias – sob FERs".

“Stabilization argument for FERs valid only if based on regional currency areas”.

“World can be divided in regions – each with a separate currency fluctuating relative to all others”.

«*A single currency implies a single central bank (with note-issuing powers) and therefore a potentially elastic supply of interregional means of payments… how the world should be divided into currency areas… the stabilization argument for flexible exchange rates is valid only if it is based on regional currency areas. If the world can be divided into regions within each of which there is factor mobility and between which there is factor immobility, then each of these regions should have a separate currency which fluctuates relative to all other currencies. This carries the argument for flexible exchange rates to its logical conclusion*» – Robert A. Mundell (1968). “A Theory of Optimum Currency Areas”. *In* International Economics, New York: Macmillan, pp. 177-186.

Mundell e o DEY.

Mundell e outros, Siena (2004) – “DEY”. Em 2004, o laureado Nobel Robert Mundell, e um pequeno grupo de economistas e oficiais de Estado consideraram planos para a base de uma nova moeda global em Siena, Itália. Mundell chama-lhe “DEY” (dollar-euro-yen).

Dólar, euro e yene são paritizados. As moedas nacionais e regionais vão ser essencialmente manipuladas até entrarem em paridade entre si, altura em que vai ser introduzida uma única moeda global unificada.

Surge na sequência de crise económica global. Essa moeda é suposto surgir na sequência de uma prolongada crise económica (a que começou actualmente).

Mundell – INTOR – O DEY tripolar, base para o INTOR.

Harmonizar economias e moedas entre Europa, EUA e Japão.

Estabelecer o DEY, um cesto das três moedas.

[***Para algumas pessoas, o dinheiro é realmente um deus***].

DEY é designado por FMI como base para INTOR, a moeda global.

«*…stabilize the general Euro-American price level… Once it is set up, the arrangement would not be much more difficult that it is now for the FRB or the ECB to manage price stability. There are six steps that would be needed to bring this agreement into effect: (1) decide on a common price index; (2) set a target inflation rate; (3) set an upper and lower limit on the exchange rate; (4) establish a joint monetary policy committee*

(MPC) to decide on monetary policy; (5) make an arrangement for sharing seigniorage; and (6) gradually close the exchange margins… Once the exchange rate margins between the major currencies have been narrowed, a weighted average of those currencies, the DEY, could be used as the platform on which to build the global currency, which I will call the INTOR. Let us suppose that the dollar, the euro and the yen have stabilized the exchange rates within narrow margins and that the IMF Board of Governors designates the DEY as the anchor for the INTOR»*

(1) Estabilizar taxas de câmbio.

(2) Cesto de moedas DEY (espaço DEY, uma união monetária).

(3) Seguir para moeda global [INTOR], declarada pelo FMI.

«*My approach is… to start out with arrangements for stabilizing exchange rates, and move from there to a global currency. It would start off from the situation as it is at present and gradually move it toward the desired solution. We could start off with the three big currencies in the world, the dollar, euro, and yen, and with specified weights, make a basket of them into a unit that could be called the DEY… I would propose that the three DEY central banks undertake to minimize currency fluctuations… The DEY could then become the platform on which to build a global currency, which I shall call the INTOR… For example, if the proposal were to be considered today, activity would start off with a plan to prevent excessive depreciation of the dollar or excessive appreciation of the euro or the yen… The basic plan for the world currency could be implemented in three stages: Stage I: Transition to stable exchange rates… would be inaugurated with steps preparatory to… monetary union… Stage II: …monetary union based on the DEY. Stage III: Creation of the INTOR*»**

*Robert A. Mundell, "The International Monetary System and the Case for a World Currency". Leon Koźmiński Academy of Entrepreneurship and Management (WSPiZ) and TIGER Distinguished Lectures Series n. 12, Warsaw, 23 October 2003.

**Robert Mundell (2005). "The case for a world currency". Journal of Policy Modeling, 27, 465–475.

Mundell – INTOR – SDRs (DEY, ouro, etc) – Austeridade fiscal global (FMI).

A experiência gradualista do Euro serve de base para a criação do INTOR.

(1) Um espaço monetário comum DEY, com um banco central comum.

(2) Criar o INTOR (FMI) – Um "basket of currencies" DEY, ouro, e outros valores.

(3) O INTOR são os **SDRs**.

(4) Governância global FMI.

(4a) Esmagar estado-nação, sob austeridade fiscal – “Prevent free-rider fiscal policies”.

«*The INTOR itself would be backed by foreign exchange reserves, largely DEY currencies and gold… To sum up, the basic plan for a world currency is to start with a cooperative agreement to minimize exchange rate adjustments among two or more of the major currencies that have a tradition of price stability, and use those currencies as a platform on which the IMF Board of Governors, following a reconvening of the well-prepared Bretton Woods-style international monetary conference. The provisional name I would give to the currency is the INTOR. With the euro established as a success, the time is ripe to put international monetary reform back on track*»*

«*The board of governors of the IMF, composed of the finance ministers or central bank governors of each member country, represents a broad-based international monetary authority in which all countries have votes. The adoption of an international currency with a name like INTOR, sanctioned by the board of governors of the IMF, freely convertible into dollars, euros, yen and DEY, would mark a great advance in the creation of an international financial architecture… The board of governors of the International Monetary Fund could make whatever changes are necessary in the IMF articles of agreement. Instead of emphasizing the necessity of flexible exchange rates to its clients, the IMF executive board would be asked to stress the advantages of achieving stable exchange rates to a an INTOR that is stable in terms of the main world currencies… The core basket of the three DEY currencies would not be fixed for all time and it could be altered at the discretion of the board of governors. As the economies in the basket expand or contract in relative terms, weights in the basket would be duly adjusted… Consideration could also be given to the changes in the currencies in the basket. At the present time, Britain's pound and China's yen represent, respectively, the fourth and fifth largest currency areas and consideration could be given to those two areas, allowing for the possibility that Britain might join the euro, and that China's currency might become convertible… Establishment of the DEY central bank to determine monetary policy as the ECB did in 1999–2002… The duty of the DEY central bank would be to pursue monetary stability in the DEY area, which represents nearly two-thirds of the world economy. Successful monetary unions need some arrangement to prevent free-rider fiscal policies. The problems should not be insurmountable in an arrangement with three central banks*»**

*Robert A. Mundell, “The International Monetary System and the Case for a World Currency”. Leon Koźmiński Academy of Entrepreneurship and Management (WSPiZ) and TIGER Distinguished Lectures Series n. 12, Warsaw, 23 October 2003.

**Robert Mundell (2005). “The case for a world currency”. Journal of Policy Modeling, 27, 465–475

Mundell – INTOR, baseado no modelo europeu – Progressão EUA, ECU, Euro.

European Unit of Account (**EUA**).

(a) Unidade contabilística CEE (1975-79) – Cesto de moedas. Unidade contabilística usada nas Comunidades Europeias, 1975-1979. Cesto de moedas europeias.

(b) USO – Intra-europeu. Inicialmente usada para operações do Banco Europeu de Investimento, posteriormente alargada a outras actividades económicas europeias.

European Currency Unit (**ECU**).

Substitui EUA (1979) – Cesto de moedas – ERM. Ligado ao European Exchange Rate Mechanism, que procurava minimizar flutuações entre moedas nacionais e o ECU.

(b) USO – Internacional. Agora já é usado em transacções financeiras internacionais. Bens denominados em ECUs davam a investidores diversificação "segurada" – ou seja, sem os riscos inerentes a moedas europeias meramente nacionais.

Maastricht (1991) – União monetária e política. O Tratado de Maastricht foi rapidamente concluído em Dezembro de 1991, formando a UE e delineando o plano para união monetária e política.

EURO (1999). ECU substituído pelo Euro a 1 de Janeiro de 1999.

Mundell – INTOR – "Moeda global, unidade na diversidade".

Todos os países terão as suas moedas, mas todas estarão em paridade com o INTOR.

"A common global currency but not a single currency".

Ou seja, continua-se a usar euros, dólares, ienes, ou renmibis, e até moedas locais.

Mas todas elas valerão exactamente o mesmo.

«*The INTOR would be a common global currency but not a single currency. Countries and areas would keep their own currencies which would circulate along with INTORS. To get the full benefits of the monetary union, countries might want to have a currency reform that would make the national franc, or lira, or peso equivalent to one INTOR… whether a single world currency was institutionally stable would depend on the political structure of the world. If our single world currency applied to a world that was divided into independent nation-states, governments in each country would have an incentive to capture seigniorage by creating its own currency, displacing the "single" currency. The story of the Tower of Babel would repeat itself in the monetary world! …In the equilibrium I am proposing you would have 75 per cent (or so) of the money supply provided by the national currency and the rest by international money*»*

«*Toward the INTOR… It is time to turn to the world currency… the G-3 monetary union, I am thinking about is not a single-currency monetary union. I am not proposing*

that the U.S. give up the dollar, that Europe give up the euro or that Japan give up the yen. It is rather a multi-currency monetary union, a fixed exchange rate area with a common monetary policy… The DEY unit should become the platform on which to base a multilateral world currency in which every country would have a share»**

*Robert A. Mundell, “The International Monetary System and the Case for a World Currency”. Leon Koźmiński Academy of Entrepreneurship and Management (WSPiZ) and TIGER Distinguished Lectures Series n. 12, Warsaw, 23 October 2003.

**Robert Mundell (2005). “The case for a world currency”. Journal of Policy Modeling, 27, 465–475

Mundell – INTOR – Bretton Woods II exige uma crise global.

Não é que isto possa ser feito – **tem** de ser feito – é um imperativo categórico.

Agora, estas reformas são difíceis e, no passado, exigiram crises.

Dá o exemplo de várias crises monetárias graves e até a II Guerra Mundial.

“An international currency may seem remote. Yet events can quickly overcome inertia”.

“Next big crisis, occasion for Bretton Woods II, new international monetary system”.

«*The achievement of an international currency may seem remote today. Yet it is surprising how quickly events can overcome inertia. It would have been hard to imagine the Bretton Woods articles of agreement before World War II, but the shock of that war brought it about. It would have been hard to imagine the creation of the special drawing rights, the embryo of a world currency, in the early 1960s, but it was agreed to at the IMF meetings in Rio de Janeiro in 1967. It would have been hard to predict the formation of the European monetary system but it came about, under the pressure of a weak dollar, in the later 1970s. The next big crisis might be the occasion for a reconvening of a Bretton Woods type conference to establish the conditions for a new international monetary system*»**

**Robert Mundell (2005). “The case for a world currency”. Journal of Policy Modeling, 27, 465–475

Geithner e os SDRs (2009).

Geithner – “Nova moeda de reserva global” – Queda do dólar. Geithner no CFR a fazer o comentário de que estaria aberto a contemplar a hipótese de uma nova moeda de reserva global, baseada nos SDRs do FMI. Nesse dia, o dólar depreciou 1%, instantaneamente. [“Geithner no CFR”]

Tarpley, Celente.

Tarpley introduz a questão: momento de candura, quebra do dólar.

Celente: os comentários de Geithner justificam-se porque a opção vai mesmo ser adoptada.

Moeda global – Dinheiro digital.

Dinheiro digital, por forma a controlar todas as transacções.

Populações rotinizadas a usar plástico,"créditos". Esse dinheiro será digital, de modo a controlar todas as transacções; é pretendido que uma população habituada a usar plástico adopte isso com alguma facilidade.

Mónaco, o paraíso neo-feudal – Benchmark para o século 21.

Mónaco, um centro Fedayeen.

Mónaco, feudo Grimaldi, conquistado ao jeito Fedayeen. O Mónaco é uma pertença feudal dos Grimaldis, a família real, de há mais de 700 anos para cá. Foi conquistada em 1297, quando o fundador da dinastia, François Grimaldi, chegou ao Mónaco disfarçado de monge e, ao melhor jeito Ishmaili, infiltrou a fortaleza, conquistando-a com um golpe sem sangue.

De Gaulle cerca o paraíso neo-feudal Mónaco.

Rainier – Mónaco, paraíso fiscal – ONU. O Príncipe Rainier III reinventa o Mónaco como paraíso fiscal, um sítio para onde a alta finança podia ir e colocar as suas riquezas sob um regime fiscal essencialmente feudal. Em tempo, o Mónaco ganha assento na ONU.

De Gaulle envia tropas e tanques. Em 1962, o Presidente Charles de Gaulle rodeou o Mónaco com tropas e tanques, e ameaçou cortar o abastecimento de água, caso os cidadãos Franceses a viver lá não pagassem os seus impostos – tiveram de o fazer, e esse foi o fim provisório deste teste neo-feudalista.

DE OURO A RESERVAS FRACCIONAIS

Dinheiro baseado em bens.

Alguns itens mais comuns que outros, para efeito de trocas. Na evolução natural de todas as sociedades, sempre existiram alguns itens que se tornaram mais comuns do que outros para efeitos de trocas. Isto era porque tinham características que os faziam mais úteis ou atractivos para quase toda a gente.

Eventualmente, ganham "valor intrínseco", tornando-se dinheiro. Eventualmente, começavam a ser trocados, não por si mesmos, mas sim porque eram um símbolo de valor, que podia ser trocado mais tarde por outra coisa. Nesse ponto, tornavam-se dinheiro real, um *meio de troca*, ao qual as pessoas atribuíam valor intrínseco.

Exemplo angular, os metais preciosos. Os metais preciosos são o primeiro dinheiro baseado em bens a aparecer na história e desde então têm tido um excelente historial de fiabilidade e estabilidade.

Dinheiro de recibo.

Primeiros bancos – Cofres-fortes que guardam ouro e prata e emitem recibos. Os primeiros bancos apareceram no século XVI, como cofres-fortes para depósito de moedas de ouro e prata.Tinham a função de avaliar, salvaguardar e trocar as moedas dos seus depositantes. As moedas eram guardadas no cofre e era passado um recibo comprovativo que permitia ao depositante fazer o levantamento a qualquer altura. Ao início, estes recibos eram pessoais e intransmissíveis, significando que só o dono podia apresentar o recibo.

Depósitos de dinheiro – cobrança de taxas. Os bancos funcionavam como meros depósitos de dinheiro, que faziam os seus lucros através de serviços administrativos e da cobrança de taxas pela guarda dos depósitos.

Recibos começam a ser usados como cheques. Passado algum tempo, tornou-se costume usar os recibos como cheques: o dono podia comprar algo a um terceiro com o recibo que, por sua vez, fazia o levantamento. Passado ainda mais tempo, tornou-se costume deixar de emitir apenas um recibo para todo o depósito; emitindo em vez disso uma série de pequenos recibos que eram transmissíveis, ao portador. Estes recibos ou certificados eram, portanto, promessas de pagamento em bens depositados, e são a origem do conceito de papel-moeda, ou seja, papel que é redimível em moedas.

Todo este papel-moeda corresponde a ouro em depósito. Tornou-se cada vez mais comum usar recibos em vez de moedas e, em breve, a emissão de papel-moeda com

base no ouro em depósito torna-se na actividade essencial da indústria bancária. O sistema era tão fiável que acabavam por circular livremente como dinheiro para transacções (pagamentos, empréstimos e por aí fora), com resultados honestos. Só havia papel-moeda no valor equivalente à quantidade de ouro que existia em depósito; mais que isso seria desonesto.

VENEZA E AMSTERDÃO – Exemplos temporários de banca honesta.

Banco de Veneza – Proibição de práticas desonestas; fiscalização; gold standard estrito. Em 1361, já tinha havido tantos abusos na prática bancária que o Senado Veneziano passou *uma lei a proibir que os banqueiros se envolvessem em qualquer outra prática comercial*, assim removendo a tentação de usarem os fundos dos seus depositantes para financiar os seus próprios empreendimentos. Também eram forçados a publicar a sua contabilidade, para inspecção, e a disponibilizar o seu cofre para inspecção. Em 1524, é criado um quadro de inspectores bancários e, dois anos depois, todos os banqueiros foram forçados a ajustar contas entre si por meio de moedas, ao invés de cheques. Apesar destas precauções, o maior banco da altura, a *casa de Pisano e Tiepolo*, tinha estado a emprestar activamente contra as suas reservas e, em 1584, foi forçado a fechar portas pela sua incapacidade de reembolsar os depositantes. O governo pegou no banco e organizou-o num banco estatal, o *Banco della Piazza del Rialto*. Não foi permitido ao novo banco que se envolvesse em empréstimos, e não poderia lucrar da emissão de crédito. Era requerido que o banco se sustesse a si mesmo apenas a partir de taxas pelo armazenamento de dinheiro, pelo câmbio de moedas, transferências entre clientes, e serviços de notário. Isto é, serviços financeiros honestos. Tinha sido encontrada a fórmula para banca honesta. *O banco prosperou e depressa se tornou no centro do comércio veneziano. Os seus recibos de papel eram aceites bem para além das fronteiras do país.* Infelizmente, com a passagem do tempo e a perca da memória dos abusos bancários prévios, *o Senado Veneziano acabou por sucumbir à tentação do crédito*. Limitado em fundos, e sem coragem para pedir um aumento de impostos aos eleitores, os senadores decidiriam que iriam *autorizar um novo banco sem restrições contra empréstimos, que criasse todo o dinheiro que viesse a ser necessário, e depois emprestá-lo.* Portanto, em 1619, foi formado o *Banco del Giro* (talvez em referência ao carrossel que iria colocar em acção) que, tal como o seu precessessor falido, começou de imediato a criar dinheiro a partir do nada com o propósito de o emprestar ao governo. Dezoito anos mais tarde, o Banco della Piazza del Rialto foi absorvido nesta estrutura corrupta e esse foi o fim inglório de um banco honesto e com qualidade.

Banco de Amsterdão – Termina boas práticas com o financiamento da DEIC. Fundado em 1609. Apenas aceitava depósitos, e recusava-se a fazer empréstimos. Os seus rendimentos provinham exclusivamente da cobrança de taxas de serviço. Os burgomasters e o conselho da cidade eram obrigados a fazer um juramento anual de que a reserva de moedas do banco estava intacta. Este bom exemplo foi, porém, de curta duração. Em meados do século (de 1657 para a frente) o banco começou a fazer

enormes empréstimos, que favoreceram empreendimentos como a Companhia das Índias (Dutch East Indies Company), e a provocar inflação. Em 1790, o banco acaba por falir, no estouro geral de Amsterdão como coração financeiro do Império Holandês.

Empréstimos de ouro em depósito – Origem do dinheiro fraccional.

Certificados dominam – Só uma pequena proporção de depositantes levanta ouro. Os banqueiros tinham aprendido de experiência que só uma pequena proporção de depositantes alguma vez levantam o seu ouro. De facto era muito raro que os levantamentos excedessem 10 ou 15% do conteúdo total armazenado. Na prática, as pessoas limitam-se a transaccionar certificados entre si, e a maior parte do ouro permanece nos cofres e nunca é reclamado.

Banqueiros começam, abusivamente, a emprestar ouro "excedentário". Alguns banqueiros começam a perceber que também podiam emprestar moedas, com o dinheiro dos seus depositantes. Disseram que era uma pena ter todas aquelas moedas paradas nos seus cofres. Porque não emprestá-las e ganhar um lucro que podia ser repartido entre eles e os seus depositantes? Parecia perfeitamente seguro emprestar 80 ou 85% das moedas, e preservar em depósito apenas a quantidade de ouro necessário para fazer pagamentos previsíveis. O conceito de banca como a conhecemos hoje nasceu.

Depositantes acreditavam que bancos emprestavam os seus próprios lucros. No início, as pessoas nem sequer sabiam que as suas moedas estavam a ser emprestadas. Acreditavam, ingenuamente, que os banqueiros estavam a emprestar o seu próprio dinheiro.

Dinheiro fraccional – Bancos introduzem 85% mais recibos que moedas. A maior parte das pessoas que pediam emprestado queriam papel-moeda, em vez de moedas. Portanto, quando recebiam os seus empréstimos, geralmente colocavam as suas moedas de volta no cofre para guarda segura. Por estes depósitos, recebiam recibos. E é aqui que as coisas se começam a complicar. Os depositantes originais tinham recebido recibos para todas as moedas guardadas no banco; mas agora o banco emitia empréstimos, com os recibos correspondentes, no valor de 85% de todos os seus depósitos. Isto traduzia-se em 85% mais recibos que moedas. Portanto, o banco criava 85% mais dinheiro e colocava-o em circulação, através dos seus clientes.

Certificados passam a ser 54% baseados em ouro. Neste ponto, os certificados já não eram 100% baseados em ouro; apenas 54%. Porém, eram aceites pelo público, que não conseguia distinguir entre uns e outros, como tendo valor igual ao dos antigos recibos. O ouro de base para todos eles representava apenas uma fracção do seu valor facial.

Recibos acabam de se tornar dinheiro fraccional – fraude contabilística. Portanto, os recibos tornaram-se aquilo que pode ser chamado dinheiro fraccional, e o método pelo qual foram criados é denominado de banca por reservas fraccionais. Tudo isto é fraude contabilística, sob a forma da emissão de recibos duplicados, i.e., notas em excesso.

“Notas bancárias”. A este volume excessivo de papel chamamos notas bancárias.

Os banqueiros tornam-se mágicos, com dinheiro contrafeito. Quando os banqueiros começaram a emitir recibos para empréstimos, tornaram-se mágicos. Criaram dinheiro contrafeito, a partir do nada. Criaram dinheiro a partir de dívida. Criaram dinheiro a partir de promessas de pagamento. O dinheiro deixava de estar limitado pelas leis naturais da oferta e da procura, e por considerações de justiça e verdade, e passava a estar dependente dos caprichos e vontades dos banqueiros. Era algo elástico, que podia ser conjurado a partir do ar.

Promessas impossíveis – banqueiros colocam toda a gente a mentir. Criaram promessas impossíveis de cumprir. Colocaram toda a população a quebrar promessas, mesmo que não o soubessem.

Dinheiro fraccional – Concorrência desleal, aquisição ilícita de poder.

Dinheiro fraccional é emprestado, investido, e colecta juros. O dinheiro fraccional gerado pode depois ser emprestado ou investido. Depois, recebe pagamento e juros sobre esse dinheiro, que nunca sequer existiu no mundo real.

Banco adquire dinheiro e bens que não merece. Está-se a emprestar, a juros, o aluguer de uma grande amostra de nada, a indivíduos que têm de o pagar de volta em boa fé, com algo real: salários por trabalho real, bens, propriedade. Se o devedor conseguisse fazer o pagamento sobre o empréstimo, o banco ganhava dinheiro que nunca tinha merecido. Se não conseguisse fazer esse pagamento, o banco também ganhava, dado que podia exigir a confiscação da propriedade do devedor ou de um fiador, como compensação.

Banco adquire recursos e negócios e ganha influência. Sob este tipo de fraude contabilística, os bancos podiam obter enormes lucros e propriedade, e ganhar predominância económica e política nas suas respectivas cidades e regiões.

Banco investe nos seus próprios projectos. Desses certificados, este papel sem valor, alguns são investidos nas aplicações do banco (por exemplo, a criar outras companhias e outros bancos), outros são emprestados a juros.

Bancos tornam-se, gradualmente, o centro da economia. E por aí fora. Ou seja, toda a sociedade era defraudada, mas os bancos tornavam-se o centro da economia, e ganhavam imenso poder e riqueza.

Dinheiro fraccional – Caracterização geral.

Banco gera novo dinheiro apenas pela emissão de empréstimos. Sob um sistema bancário de reserva fraccional, um banco pode criar novo dinheiro apenas pela emissão

de um empréstimo. Um banco comercial, portanto, pode criar uma quantidade significativa de dinheiro apenas por fazer empréstimos.

Dinheiro gerado limitado por rácio de reserva, ou "fracção". A quantidade de dinheiro novo que cria é limitado pelo rácio de reserva, ou "fracção" que tem de respeitar, para cobrir as suas necessidades de fluxo de dinheiro. Se um país tiver um rácio de reservas de 10% então, por cada euro que o banco recebe em depósito, pode criar mais 9 euros.

Dinheiro fraccional – "Credit multiplier capacity" – A pirâmide invertida.

Entrada da piramidação de depósitos – usando certificados e notas. Em breve foi descoberto que a mesma coisa podia ser aplicada a depósitos de notas e outro papel de dívida, por todos os bancos comerciais.

Generalidade das transacções, feitas por transferência. Tal como antes tinha acontecido com a moeda baseada em metais preciosos, a maior parte das transacções e transferências de conta usando papel-moeda não eram feitas com dinheiro na mão, mas sim com transferências de uma conta para a outra. Portanto, não havia movimento real de valores, com os pagamentos a serem feitos através de meros registos e entradas contabilísticos.

Banco só mantém dinheiro real para pagar depósitos prováveis de ser levantados. Portanto, o banco só precisava de manter o dinheiro real (ouro, certificados, notas) na proporção suficiente para pagar os depósitos que fosse provável serem levantados.

O resto, investido e emprestado, ou reserva para criar mais dinheiro. O resto podia ser usado para empréstimos e investimentos, mas também para **servir de reservas** para a criação de mais dinheiro. Ou seja, os bancos de depósitos podiam usar os depósitos feitos, as contas bancárias dos depositantes, para criar mais dinheiro.

"Fractional reserve lending" – "credit multiplier capacity". Isto é aquilo a que se chama "fractional reserve lending" ou, de modo mais arguto, "credit multiplier capacity". Ou seja, usa-se dinheiro para emprestar múltiplos de si mesmo.

Emissão de crédito como pirâmide invertida a três níveis.

Ouro e certificados → Notas → Depósitos. No vértice, temos o fornecimento de ouro, ou de outras comodidades, e dos seus certificados equivalentes. Este nível serve de reserva para uma consideravelmente maior emissão de notas, nos níveis intermédios. E, no topo, com uma superfície aberta e expansível, uma ainda maior emissão de depósitos, na forma de entradas contabilísticas. Cada nível usa os níveis abaixo como reservas de emissão, e o nível de solvência aumenta à medida que se desce na pirâmide.

Nível de confiança aumenta com aproximação ao vértice. Portanto, um detentor de *holdings* podia aumentar a sua confiança nas mesmas movendo-as progressivamente mais próximo do vértice. Porém, se um número considerável de pessoas fizesse isto em

simultâneo, o volume de reservas tornava-se insuficiente e a pirâmide colapsava sobre si mesma.

Um insolvente esquema em pirâmide.

Bancos insolventes. Quando os banqueiros começaram a praticar este esquema, há séculos, criaram bancos insolventes, sem capacidade de pagar o que era devido. Ou seja, no dia em que a população se lembrasse de reclamar os seus depósitos, o banco entraria em falência. Esse continua a ser o estatuto dos bancos hoje em dia.

Necessidade de alimentação contínua com novos depositantes e investidores. O sistema bancário é um gigantesco esquema em pirâmide, que precisam de ser alimentados continuamente com a entrada de cada vez mais depositantes e investidores. Se isso falhar, a pirâmide colapsa sobre si mesma.

CICLOS ECONÓMICOS

Mercado livre, sem inflação, gera estabilidade.

Prosperidade, estabilidade de preços, tranquilidade económica e política. As fases de inflação estão, por norma, associadas a desastre económico e político. Nas raras instâncias em que o homem se absteve de manipular a emissão monetária permitiu o funcionamento do mercado livre, o resultado foi prosperidade, estabilidade de preços e tranquilidade económica e política.

Criação deliberada de montanhas-russas artificiais.

Ciclos de expansão/contração, uma nova forma de fraude. E isto é uma nova praxis, uma nova fraude pela qual os banqueiros podem vencer sobre o resto da sociedade: os ciclos de expansão/contração. Na posse do poder de criar inflações e contrações à vontade (fiat voluntas tua), através da emissão excessiva ou da retenção excessiva de ouro e papel moeda, passou a valer tudo.

Montanha russa histórica, de 1694 até hoje. Com a criação do Banco de Inglaterra, a economia britânica torna-se uma montanha-russa. De 1694 até ao início do século XX, houve uma montanha-russa de booms & busts, causada por este sistema de reservas fraccionais.

Períodos de expansão.

Emissão irrestrita de crédito a baixas taxas de juro – dinheiro fácil. Nesta fase, o banco coloca excesso de papel-moeda em circulação, facilitando o acesso a crédito fácil e o endividamento em larga escala. Isto era feito por meio de emissão em massa de crédito a baixas taxas de juro, o que resultava em torrentes aparentemente intermináveis de dinheiro fácil.

Inflação, aumento de preços e salários. Proporção de dinheiro aumenta, relativamente aos bens. Preços aumentam, com a expansão da emissão de crédito.

Sociedade entra em endividamento em massa. A ideia nestas fases é colocar o resto da sociedade em dívida cumulativa, no qual o recurso ao endividamento é usado numa primeira instância para adquirir bens reais e capacidade produtiva e, numa segunda instância para saldar endividamentos prévios. Ou seja, endividamento em larga escala, com dívida sobre dívida.

Economia torna-se dependente do sistema bancário. A principal nota neste ponto é a colocação do sistema económico em dependência do sistema bancário.

Festival de net worth negativo, aparente prosperidade – Ilusão, com confetti e balões. Um grande festival de *net worth* negativo, com a aparência de prosperidade e expansão económica. Toda a prosperidade é uma ilusão, baseada em papel e bolhas.

Períodos de contração.

"The bubble bursts" – Contração da emissão de crédito. Mais à frente, o sistema bancário reduz drasticamente a emissão de crédito. O que também pode contribuir para isto, é que cada vez mais agentes de mercado saldem as suas dívidas e se recusem a renová-las, ou pura e simplesmente não consigam pagar os juros sobre as mesmas.

Deflação, redução de preços e salários. Há menos dinheiro em circulação do que a oferta de bens. É o outro lado da moeda, a reversão da inflação, com a diminuição da emissão de crédito, e a valorização do dinheiro.

Contração da economia – Falências, austeridade, desemprego, etc. O resultado é a contração da economia, onde são criadas condições deflacionárias. No ambiente económico resultante, múltiplos negócios entram em falência, preços caiem, pobreza e miséria ascendem, classes médias são erodidas, desemprego aumenta, e por aí fora.

Expressão em pânico, crise económica, recessão, depressão. Manifestando diferentes graus de gravidade.

Ciclos – Efeitos sobre a pirâmide a três níveis.

Cada nível é reserva para nível imediatamente superior. Quando temos um sistema fraccional ou fiat alicerçado em três níveis – bens/certificados, notas e depósitos/entradas digitais – o que acontece é que cada nível serve de reserva para o nível imediatamente superior, na pirâmide invertida. Logo, a posse de holdings é tanto mais segura quanto mais próximos do vértice estiverem os bens em causa.

Expansão – Crescimento dos níveis superiores. Durante as fases de expansão de crédito, o que acontece é que os dois níveis superiores são expandidos drasticamente.

Colapso – Pirâmide invertida colapsa sobre vértice. Porém, quando a emissão de crédito é contraída, a pirâmide começa a colapsar sobre si mesma: os dois níveis de cima começam a desvalorizar e a colapsar, e um investidor que saiba o que faça, faz o percurso descendente, procurando posicionar-se em bens progressivamente mais raros e *reais*.

Intermináveis sucessões de ciclos.

"And here we go again". A seguir, o sistema bancário podia começar o ciclo outra vez – criando dinheiro fácil e inflação – e, mais à frente, despoletando outra contração recessiva.

Alternação entre períodos de expansão e contração, dinâmica "boom & bust". Esta alternação entre períodos de expansão e contração da emissão de dinheiro é a causa subjacente de booms, busts, recessões, depressões.

Redes bancárias crescem em todas as fases do ciclo.

[Histórico] Ciclos económicos permitem ascensão de banqueiros mercantis. A criação artificial de montanhas russas financeiras com o processo gradual inerente de eliminação da concorrência e aquisição da economia, deu um poder inédito aos banqueiros e às suas redes de negócios, que assumiam posições destacadas sobre cidades e regiões inteiras, nalguns casos até sobre países inteiros. Neste processo de selecção artificial, por darwinismo social, uma secção restrita desta classe atingiu destaque, os primus inter pares: estes eram os banqueiros mercantis, de investimento.

Ciclos económicos beneficiam bancos e grupos associados. Os únicos beneficiários são os banqueiros e os seus grupos económicos e sociais, que se vêm em posição de fazer uso de capitais ilimitados para perpetuar o seu poder; quem realmente perde são os pobres e as classes médias.

EXPANSÃO – Crescimento de redes bancárias, aumento de *net worth* agregado. Enquanto emprestam ilimitadamente, e colocam a economia na sua dependência, os próprios bancos aumentam o seu *net worth* agregado e expandem-se e, ao mesmo tempo, fazem crescer toda a uma rede económica à sua volta, por meio de empresas e

companhias laterais, holdings, bancos subsidiários, financiamento de projectos específicos, etc.

CONTRAÇÃO – Consolidação e eliminação de concorrência. Múltiplos negócios entram em falência, muita da concorrência é eliminada e, quem tem acesso a dinheiro e a crédito pode comprar os sectores deprimidos da economia – ou a economia no seu todo – a preços comparativamente irrisórios. Agora, isto é geralmente o banco ou as firmas e empresas criadas à sua volta, avisadas o suficiente para não cometerem os mesmos erros elementares cometidos pelo resto da economia. Portanto, os empreendimentos que são realmente valiosos para os financeiros são adquiridos a condições de saldo e consolidados (por exemplo, em cartéis ou monopólios). Todo o processo funciona como um género de purga, por meio do qual pequenos e médios investidores (e, por vezes, alguns grandes investidores) são eliminados em benefício das grandes firmas financeiras.

Processo gradual de eliminação da concorrência e aquisição da economia. Ou seja, cada ciclo permitia uma progressivamente maior taxa de aquisição de companhias e de negócios, e a eliminação contínua de concorrência e a centralização de controlo sobre a economia.

Os banqueiros protegem-se dos efeitos das suas próprias montanhas-russas.

Bancos insolventes versus subsidiárias com "real estate". Durante as catástrofes espectaculares que a banca fraccional proporcionou ao longo dos últimos 3 séculos de vida europeia, um padrão comum foi a *praxis*, dos banqueiros, de estabelecer holding companies, outros bancos, empresas, e por aí fora; subsidiários, que acumulavam os bens reais, durante as fases de expansão de crédito. Estas holdings representavam propriedade real – "*real estate*" – por contraposição com as intermináveis pilhas de dívida insolvente que os seus bancos comerciais acumulavam.

Deixar o banco comercial afundar-se, durante contração. Portanto, durante as fases de contração de crédito, era permissível, até desejável, deixar o banco comercial ser afundado sob o peso dessa insolvência, e usar as holdings reais para consolidar a posição de mercado do banqueiro, e dos seus vários grupos. Ou seja, falindo o banco, a propriedade real dos banqueiros continua intocada.

Ciclos económicos – Influência na balança externa.

Inflação → Fuga de capital → Deflação → Austeridade e entrada de capital. Inflação leva a fuga de capital: 1) as exportações diminuem, porque são caras; 2) as importações aumentam. Essa fuga de capital para o estrangeiro pode ser contrariada por imposição de deflação: diminuição da emissão nacional de crédito. Quando isso acontece, o valor do dinheiro aumenta, resultando na quebra de preços e na diminuição de salários. As

novas condições levam a investimento externo, para compra de produtos e estabelecimento de produção com baixos salários.

Em ad aeternum, regiões globais a competir em ciclos sucessivos. Se as coisas funcionassem assim ad aeternum, haveria uma sucessão contínua de booms & busts à escala global, com regiões a prosperar enquanto outras empobrecem, e assim sucessivamente.

Ciclos de expansão e contração nos mercados especulativos. O processo dá-se por várias fases.

Crédito abundante a baixos justos para produtos financeiros. Os financeiros começam a estimular o investimento em bens e títulos financeiros de qualidade variável, extendendo crédito abundante a baixas taxas de juro.

Investimento desviado de produção para mera especulação. O investimento começa a ser desviado de processos produtivos propriamente ditos para bolhas de capitais, derivadas de especulação. A ideia é criar bolhas de dívida, onde os valores de títulos são inflacionados sem que isso corresponda a mais valias reais – ou seja, não houve melhoria de produção ou distribuição sob um qualquer X – por mera actividade especulativa.

"The bubble bursts" – short-selling, boatos, contração de crédito, aumento de juros. As bolhas aumentam até um ponto irrealista, altura em que os financeiros, em coordenação, a fazem rebentar. Isto pode ser feito de várias maneiras: fazem-se espalhar más notícias sobre os investimentos, deste modo destruíndo a confiança sobre os títulos respectivos; aposta-se contra os títulos, por meio de short-selling; ou, de modo mais sistémico, reduz-se disponibilidade de crédito e aumentam-se taxas de juros.

Exemplos de bolhas provocadas com fiat – Assignat, Mississipi Company.

John Law e a Mississippi Company (1717). Em 1717, o escocês John Law estabeleceu a Mississippi Company e emitiu acções ao público. As acções seriam pagas com a suposta riqueza que seria tirada dos territórios franceses do Louisiana na América do Norte. Eventualmente, o colateral passou a ser o valor de todo o comércio colonial francês. Em 1719, o valor das acções da Companhia do Mississippi tinha sido multiplicado em 40x o seu valor original – muitas mais vezes do que a riqueza que seria necessária para as pagar. Em 1720, as acções colapsaram e colocaram a nação da França na bancarrota.

Assignat, exemplo de papel-moeda destrutivo. Assignat, o papel-moeda da Revolução Francesa, sem qualquer valor, serve para destruir a riqueza da França, na prática.

INFLAÇÃO

INFLAÇÃO – Bens e dinheiro têm relação inversamente proporcional.

Dinheiros e bens são opostos exactos. Dinheiro e bens não são a mesma coisa, mas sim, pelo contrário, opostos exactos. A maior parte da confusão em pensamento económico surge da falha em reconhecer este facto.

Bens são riqueza – dinheiro são promessas, dívida. Bens são riqueza que se tem, enquanto que dinheiro é uma promessa sobre riqueza que não se tem. Portanto, bens são um coisas tangíveis, que se podem adquirir para uso; dinheiro é uma dívida. Se bens são riqueza; dinheiro não é riqueza, ou melhor é riqueza negativa, ou mesmo anti-riqueza.

Movem-se em direcções opostas. Comportam-se sempre de formas opostas, tal como, geralmente, movem-se em direcções opostas: se o valor de uma subir, o valor da outra desce, na mesma proporção. O valor de bens, expresso em dinheiro, é chamado de "preços", ao passo que o valor do dinheiro, expresso em bens, é chamado "valor".

INFLAÇÃO – Quantidade não significa qualidade.

Cenário da duplicação de crédito.

Duplicação de crédito → duplicação de preços. Se a quantidade de dinheiro na economia duplicasse de repente, não existindo aumento correspondente na oferta de bens e serviços, o que aconteceria seria que, muito rapidamente, os preços também duplicariam – oferta e procura. A razão para tantas pessoas caírem no argumento de que a economia necessita de mais dinheiro é a que se concentram apenas num ponto específico, numa necessidade específica, e não no quadro geral. Num sistema de mercado livre real, no qual o acesso ao dinheiro esteja equitativamente distribuído, não interessa quanto dinheiro *há*; o que há, mantém a constância do poder de compra, e é transversalmente acessível, na sociedade.

Aumento da emissão de crédito não produz crescimento económico. Ou seja, o aumento da quantidade do meio de troca não produza riqueza ou crescimento económico.

INFLAÇÃO – Definição.

Inflação – quando é preciso mais dinheiro, para comprar menos bens. Acontece quando a emissão de crédito aumenta mais depressa que a produção de bens e serviços. Neste

caso, os preços sobem, dado que uma maior quantidade de dinheiro está a competir por uma quantidade igual de bens.

Os preços não aumentam – é o dinheiro que desvaloriza. Ou seja, o que está a acontecer é uma redução no poder de compra de cada unidade monetária, com o valor relativo da moeda a ser reduzido – desvalorização. Por outras palavras, nada muda, a não ser que os preços aumentam a toda a linha; mas isso são apenas os preços conforme expressos em termos da unidade monetária. Na verdade, o preço real, em termos da sua relação com outros preços, permanece o mesmo. Isto, claro, é o mecanismo clássico da inflação. Os preços não aumentam; o valor do dinheiro decai.

INFLAÇÃO – As causas da inflação.

Inflação por coin clipping. Com coin clipping, o que aconteceu foi que mercadores sem escrúpulos começaram a cortar pequenas porções das bordas de cada moeda que lhes chegava às mãos, e depois pegavam nessas porções e transformavam-nas em novas moedas. Em breve os tesouros reais começaram a fazer o mesmo às moedas que recbiam em impostos. Desta maneira, a provisão de dinheiro foi aumentada, mas a de ouro, não. O resultado foi, inflação. Antes seria preciso dez moedas para comprar uma ovelha; depois, passaram a ser precisas doze moedas, e por aí fora. A quantidade total de ouro necessária para comprar a ovelha não tinha mudado, mas a questão é que toda a gente sabia que cada moeda trazia menos ouro que antes.

Inflação por dinheiro fraccional e fiat. Com um rácio de 10%, a quantidade total de dinheiro fiat que é criada pelo banco central e pelos bancos comerciais em conjunto é aproximadamente 10x a quantidade de dívida governamental que lhe está subjacente. Se este dinheiro entrar na economia a mais que a quantidade real de bens e serviços, provoca a desvalorização gradual de todo o dinheiro em circulação. Portanto, os preços aumentam.

Inflação na sequência de "bailouts" – custo final passado ao público. Na sucessão de uma bailout, o dinheiro começa a mover-se pelos bancos através de um sistema complexo de agências governamentais, ajuda externa, e subsídios directos. Todos estes mecanismos direccionam os pagamentos para os devedores falidos, que os pagam de volta aos bancos. A maior parte do dinheiro é gerado pelo banco central. Quando este dinheiro criado do nada regressa aos bancos, volta rapidamente a entrar na economia, onde se funde com, e dilui o valor, do dinheiro já em circulação. Portanto, o custo final da bailout, é passado ao público, na forma do imposto escondido chamado inflação.

INFLAÇÃO – As consequências do imposto invisível.

Perda de poder de compra. O processo inflacionário funciona como um imposto escondido, ou não-declarado, onde a maior parte da economia perde poder de compra.

Destruição do valor de poupanças, pensões, etc. O que acontece em cenários inflacionistas é que as poupanças dos membros produtivos da sociedade perdem valor, em termos do poder de compra. Destrói valor de poupanças, de pensões, fundos de reforma e qualquer outro fundo de médio ou longo termo.

Confiscação de valores salariais. Ao desvalorizar o dinheiro, a inflação está também a desvalorizar as horas de trabalho. Ou seja, cada hora trabalhada vale progressivamente menos. A resposta é estabelecer cada vez maiores níveis salariais, mas isso de pouco vale, quando o valor do dinheiro em si está a ser perdido a uma taxa mais acentuada.

Imposição de mais contracção de dívida a PMEs, classes médias e baixas. Indivíduos e famílias que já não conseguem fazer frente aos aumentos nos custos de vida têm de entrar em dívida. Negócios que não querem aumentar preços vêem-se forçados a reduzir custos de operação (com despedimentos e tudo o resto), e a pedir mais crédito, a endividarem-se mais, para fazerem frente aos problemas.

Impostos e inflação consomem produtividade individual e geral. A par e passo com os pontos anteriores.

Aumentos de preços. Para escapar à destruição das suas poupanças e rendimentos, os negócios começam a aumentar os preços, à medida que o valor do dinheiro decresce.

Controlos de preços e salários – Destruição do sistema de preços. ["pricing system"] Eventualmente, o governo fixa preços, para forçar toda a gente a aceitar os preços oferecidos, e exercita controlo de salários. Isto destrói o sistema de preços: o mecanismo de planeamento da economia livre.

Governo impõe sanções governamentais para forçar dinheiro inflacionado. Ao longo da História, quando as pessoas se recusam a aceitar dinheiro inflacionado a valor facial, são submetidas a multas, prisão, nalguns casos morte.

Atribuição enviesada de culpas, pela população. Quando são submetidas a processos inflacionários, as pessoas sabem que algo está mal, e que alguém está a enganá-los. *Mas, regra geral, pensam que é o empresário ganancioso que aumenta os preços, ou o empregado egoísta que exige salários mais elevados, ou o agricultor que exige demasiado pelas suas colheitas*. Regra geral, não fazem ideia que a culpa reside no próprio sistema monetário, e vão exigir que o agressor [estado, banco central] intervenha, para resolver os problemas que ele próprio criou.

Imposição de maiores níveis de dívida nacional. A ser pagos pelos contribuintes e pelas futuras gerações.

Atinge mais gravemente os mais pobres e carenciados. Este imposto é o mais injusto de todos, porque prejudica mais gravemente aqueles que têm menos capacidade de o pagar: pessoas a baixos salários e pessoas com rendimentos fixos.

Estimula desagregação social, desunião, criminalidade, economias subterrâneas. A história dos processos inflacionários desenvolveu-se a par e passo com a fuga à lei, perturbações sociais, desunião e criminalidade, muitas vezes expressa em enormes economias subterrâneas. Isto acontece porque estes processos prejudicam gravemente os mais pobres e favorecem os mais poderosos.

Destrói confiança no papel-moeda – estimula fuga para bens tangíveis. Trocar bens e serviços apenas por coisas às quais reconhecem valor, como metais preciosos, ou outros bens e serviços, por troca directa.

Destrói confiança pública no estado-nação – facilita mudanças. Os episódios de inflação caótica servem vários propósitos, entre os quais o de destruir a confiança pública no estado nacional. Ou seja, amacia as pessoas para aceitar mudanças drásticas nos seus estilos de vida e nas suas instituições políticas.

Inflação é uma forma de guerra económica contra a população. Quando destrói deliberadamente o dinheiro, o governo está a destruir vida e propriedade, o que torna a inflação num acto de guerra económica dirigido contra a população.

INFLAÇÃO – Transferência de poder e riqueza para o topo.

Transferência de riqueza dos mais pobres para os mais ricos – e não o oposto. É sempre reclamado que inflação governamental visa criar riqueza para os desafortunados. É claro que isto é falso, uma vez que a única coisa que acontece no médio e longo termos é a transferência de riqueza dos mais pobres para os mais ricos.

Os primeiros a receber dinheiro inflacionário têm o maior ganho.

Beneficiam de valores pré-inflacionários. Ou seja, beneficiam acima de todos os outros, uma vez que podem usufruir de dinheiro novo a valores pré-inflacionários. Estes são sempre os bancos privados e as grandes corporações, para além de agências governamentais.

Desvalorização em proporcionalidade directa com enriquecimento dos beneficiários. A perda em valor *corresponde aproximadamente aos bens comprados pelo estado ou por outros beneficiários directos do processo, como bancos e grandes empresas*. Por exemplo, com uma desvalorização de 5%, após 20 anos o governo terá confiscado 2/3 do valor da moeda; com desvalorização a 3%, 25 anos bastam para que a moeda perca metade do seu poder de compra.

Concentração de riqueza e poder de decisão. O poder de compra é transferido para os principais beneficiários do processo: o estado, os bancos e os devedores privilegiados, como os grupos empresariais dos bancos. Decisões monetárias e económicas são crescentemente retiradas de indivíduos e transferidas para políticos, burocratas e banqueiros centrais. A coerção torna-se um lugar comum. Decisões voluntárias

começam a ser consideradas detrimentais para o “todo” e a liberdade é gradualmente destruída.

Base produtiva da economia contrai até ao nível de cartel e monopólio. A base produtiva da economia diminui progressivamente mais, até apenas restar o estado e os vários cartéis e monopólios que o usam.

KEYNES E LENIN – Usar inflação para erradicar classe média.

“Através de inflação contínua, obtém-se confiscação da riqueza dos cidadãos”.

“É a melhor forma de destruir a sociedade”.

“O processo evoca todas as forças económicas destrutivas, de um modo discreto”.

“Os governos ocidentais praticam aquilo que um Bolchevista poderia ter desenhado”.

“Depois, os governos podem culpar os empreendedores, a classe construtiva”.

«*Lenin is said to have declared that the best way to destroy the Capitalist System was to debauch the currency. By a continuing process of inflation, governments can confiscate, secretly and unobserved, an important part of the wealth of their citizens. By this method they not only confiscate, but they confiscate arbitrarily; and, while the process impoverishes many, it actually enriches some.*

There is no subtler, no surer means of overturning the existing basis of society than to debauch the currency. The process engages all the hidden forces of economic law on the side of destruction, and does it in a manner which not one man in a million is able to diagnose.

…all the belligerent governments practised, from necessity or incompetence, what a Bolshevist might have done from design.

But further, the Governments of Europe, being many of them at this moment reckless in their methods as well as weak, seek to direct on to a class known as “profiteers" the popular indignation against the more obvious consequences of their vicious methods. These “profiteers" are, broadly speaking, the entrepreneur class of capitalists, that is to say, the active and constructive element in the whole capitalist society…»

John Maynard Keynes, “The Economic Consequences of the Peace” (1920). New York: Harcourt, Brace and Howe.

BEARDSLEY RUML (1946) – Usar taxação para erradicar classe média.

Chairman da NY Fed, ex-IRS. Em Janeiro de 1946, Beardsley Ruml era o Chairman da NY Fed. Antes disso, tinha sido responsável pelo sistema de retenção automática de rendimentos, para efeitos de IRS, durante a II Guerra.

"Taxação está obsoleta – estado só precisa de usar banco central". Num artigo que escreve [**Beardsley Ruml, "Taxes for Revenue Are Obsolete",** ***American Affairs,*** **January, 1946, p. 35**], Ruml afirma que, como receita, o conceito de taxação está obsoleto, uma vez que todo o dinheiro necessário para a operação do estado pode vir de endividamente junto da banca, particularmente junto do banco central.

"Taxação, porém, continua a ser conveniente". Porém, é necessário e conveniente manter esquemas de taxação a funcionar, por dois motivos.

"Limitar poder de compra da população, de modo a evitar inflação exagerada". Portanto, taxação como mera forma de controlar a circulação excessiva de moeda;

"Confiscar, atacar e extinguir classe média". Para praticar engenharia social, nomeadamente, confiscar a riqueza da classe média, como forma de a atacar e extinguir gradualmente.

"Colocar população ao nível de subsistência". Especificamente, fala de criar igualdade económica e de evitar concentrações de riqueza que estejam acima do necessário para as necessidades de consumo do dia a dia – i.e., *nível de subsistência*.

Paradigma de Ruml é adoptado. O paradigma de Ruml foi inteiramente adoptado por todas as economias ocidentais nas décadas pós II Guerra, mais intensamente a partir dos anos 80.

BANCA CENTRAL

Bancos centrais controlam ambiente económico de um país ou bloco.

Centro do sistema bancário. Em todos os países, o banco central funciona como o centro para o sistema bancário.

Autoridade monetária, regulatória. Controla o ambiente económico de um país, funcionando como autoridade monetária, exercendo funções regulatórias sobre os sectores bancário e monetário, sobre taxas de câmbio, de juros, de desconto.

Os propósitos de um banco central. Os objectivos que subjazem à criação disto são:

Concentração de poder nas mãos de um cartel financeiro. Um banco central é, na prática, uma centralização e consolidação do aparato de poder financeiro numa única estrutura, coordenada, de cartel. Assegurar a *concentração dos recursos e instrumentos financeiros* de uma nação nesta única instituição de cartel.

Impedir competição. Impedir a entrada de *competição* não autorizada.

Legalizar e universalizar sistema fraccional. Assegurar a *universalidade e a legalidade* do sistema fraccional. Deixava de ser uma prática ilegal e perseguida, para passar a ser algo de institucional e respeitável, protegido pelas forças de segurança.

Elasticizar ou restringir emissão de crédito. Elasticizar ou restringir a *emissão de crédito*, consoante necessário. E, do mesmo modo, assegurar que o cartel bancário podia criar crédito a partir do nada, este ser *imposto à sociedade*, e render juros.

'The last resort' – subsidiação inflacionária de bancos comerciais. Funcionar como "*lender of last resort*", de modo a proteger os bancos comerciais dos riscos de currency drain e bank run, e uniformizar estes riscos, através de fracções de reserva standard e todo este género de coisas. O 'lending of last resort' é feito através da subsidiação inflacionária destes bancos comerciais, e é um dos meios pelos quais o sistema se auto-perpetua.

Planeamento monetário central tende a ser destrutivo e confiscatório.

Potencial ilimitado para ganho pessoal e oligárquico. Faz parte da natureza humana colocar as prioridades pessoais à frente das alheias. O poder para criar e extinguir a emissão monetária de uma nação, através de uma economia centralmente dirigida, cria um potencial ilimitado para ganho pessoal.

Em vez de proteger o público, usar poder para explorar o público. Ao longo da história, a atribuição desse poder a cliques governantes tem sido justificada com base na necessidade de *proteger o público*. Porém, os resultados têm sido precisamente os opostos. Esse poder tem sido consistentemente usado *contra* o público (para efeitos de confiscação de riqueza), e em favorecimento dos grupos governantes.

Bancos centrais são desestabilizadores naturais da economia.

Desestabilização é dramática e constante – montanhas-russas. Um dos mitos sobre os bancos centrais é o de que são necessários para estabilizar a economia. Porém, alcançam precisamente o oposto. O registo histórico mostra que a desestabilização é constante e dramática, e a principal obra destas entidades são montanhas russas económicas.

Equipas de manipulação e demolição económica. Estas entidades são equipas de manipulação e demolição económica, que *existem* para desestabilizar a economia; enquanto fingem procurar precisamente o oposto.

Usar pânicos e crises para vender ideia de mais controlo e regulação central.

MONETIZAÇÃO DE IOUs

Banca central – O sistema geral de monetização de IOUs.

Banco central monetiza dívida, pela colateralização de IOUs.

Qualquer IOU serve. Os bancos centrais podem criar dinheiro usando todo e qualquer certificado de dívida que esteja à mão, como colateral: IOUs estatais (obrigações governamentais, nacionais e estrangeiras) ou privados (obrigações empresariais, empréstimos directos a indivíduos e sociedades).

O banco central tem capacidade ilimitada de emissão. Um banco central nunca fica sem reservas, uma vez que pode criar qualquer montante de reservas a partir do ar, partindo dos IOUs que tem em stock – é uma estrutura de funcionamento circular e auto-alimentado.

Banco central aluga uso do crédito à economia a troco de juros. Ou seja, empresta a troco de juros ao estado e a bancos comerciais privados.

Banca central – IOUs governamentais financiam operações estatais.

(1) Banco central monetiza IOUs do Tesouro. Com IOUs estatais, o que acontece é que o estado emite uma obrigação, ou nota do Tesouro, que é meramente uma promessa de pagar um X a juros específicos, numa data específica. O banco central recebe esse IOU e emite/conjura dinheiro, na forma de um cheque com o mesmo valor.

(2) Banco central emite cheque, empresta-o ao governo. Esse cheque é depois depositado numa conta governamental e usado para pagar despesas governamentais, que são o meio pelo qual a primeira vaga de dinheiro fiat entra na economia – geralmente são depositados em contas bancárias, em bancos comerciais, onde se tornam reservas.

(3) IOUs pagam operações estatais. O dinheiro criado pelas obrigações e pedido emprestado pelo estado é gasto pelo mesmo, e paga a maior parte das suas despesas. Ou

seja, as operações estatais não são pagas por impostos, mas sim pela venda de obrigações públicas e pelo consequente aumento de dívida, ano após ano.

Estado pede emprestado por serviço que poderia desempenhar. Ou seja, o estado pede emprestado por um serviço que podia ser ele próprio a desempenhar. É assim tão simples.

Uso de IOUs governamentais assegura dívida perpétua. Usar IOUs governamentais como suporte para emissão monetária assegura que um país é colocado em dívida perpétua.

Contribuintes como fiadores.

Contribuintes, fiadores da monetização de dívida estatal. A partir do momento em que um estado coloca o pagamento das suas dívidas como colateral para a emissão de crédito, isso significa que os contribuintes são os fiadores para essa operação, e desempenham esse papel através do pagamento de impostos.

Impostos financiam pagamentos a subscritores de IOUs. Os impostos que são cobrados aos contribuintes pagam o dinheiro que o estado retorna aos subscritores das suas obrigações de dívida.

Crianças automaticamente fiadoras de porção da "dívida nacional". E é por isso mesmo que, em muitos países, todas as crianças são automaticamente registadas com um número de contribuinte ou de segurança social. Essa é a marca de que a criança é registada como participante no sistema financeiro, e fiadora da dívida nacional, desde a nascença.

Banca central – Três vias adicionais de monetização de IOUs.

(1) Alteração do rácio de reserva. Alteração do *rácio de reserva* que os bancos-membro têm de respeitar.

(2) Janela de descontos. Fazer empréstimos aos bancos-membro através da *janela de descontos*.

(3) Compra e venda de IOUs no mercado aberto. *Compra e venda de obrigações* do Tesouro e outros certificados de dívida no mercado aberto.

Banca central – Alteração dos rácios de reserva.

Rácios de reserva são temporários e variáveis. A qualquer altura em que haja "necessidade" de mais dinheiro, o rácio pode ser aumentado de 20-1, 50-1. Não existe qualquer limite para a quantidade de dinheiro que pode ser manufacturado sob o sistema actual.

Movimentação para reservas a 0%. Sob um sistema fraccional com rácio a 0%, não existiria limite ao número de vezes que um depósito pode ser multiplicado por si mesmo e "reemprestado". Hoje em dia, na prática, já não há limite real, uma vez que, se os bancos esgotarem as suas reservas, podem pedir livremente emprestado ao banco central; hoje em dia, isso está a ser feito a taxas de juro irrisórias para a operação dos mercados financeiros, na ordem dos 0 a 1%.

Banca central – Janela de Descontos.

Banca privada expande emissão de crédito com lucros, acções, ou janela de descontos. Bancos comerciais podem expandir a sua emissão de crédito aumentando a dimensão das reservas, e isso pode ser feito de três formas.

(1) Usar alguns dos lucros do banco.

(2) Vender acções adicionais a investidores.

(3) Ir à janela de descontos (i.e. pedir emprestado ao banco central).

Janela de descontos. Esta terceira opção é a mais popular e chama-se ir à "janela de descontos", que é apenas linguagem de banqueiro para o que deveria ser chamado "janela de empréstimos".

(1) IOUs como colateral. Quando os bancos vão à janela de descontos do banco central para obter um empréstimo, é esperado que ofereçam colateral. Isto pode ser quase qualquer contrato de dívida detido pelo banco, incluíndo obrigações governamentais mas, regra geral, consiste de empréstimos comerciais.

(2) Banco pode converter antigos empréstimos em **novas reservas**. Depois, o banco central garante crédito ao banco numa soma igual a esses contratos. Em essência, isto permite ao banco converter os seus antigos empréstimos em novas "reservas". Cada $1 dessas novas reservas pode depois ser usado como base para emprestar mais $9 em dinheiro! Ou seja, quando o banco pede um dólar emprestado do banco central, isso torna-se uma reserva de um dólar. Dado que os bancos têm de manter reservas de apenas 10%, o banco pode depois emprestar até 9 dólares por cada dólar que pediu emprestado.

[*This 10% figure (ten-to-one ratio) is based on averages. The Federal Reserve requires a minimum reserve of 10% on deposits over $46.8 million but only 3% on deposits up to that amount. Deposits in Eurodollars and nonpersonal time deposits require no reserves at all. Reserves consist of vault cash and deposits at the Federal Reserve. See Regulation D;* ***Reserve Requirements of Depository Institutions, Federal Reserve document 12 CFR 204****; as amended effective December 22, 1992, p. 23*]

(3) E, novos empréstimos podem ser novo colateral – carrossel de 28x. Mas o processo não acaba aqui. Uma vez que os novos empréstimos sejam feitos, podem por sua vez ser

também usados como colateral, garantia, no banco central, para ainda mais reservas. O carrossel continua, com cada novo nível de dívida a tornar-se em reservas para um nível de empréstimos ainda mais elevado, até chegar ao máximo de 28 voltas.

A este processo chama-se "**descontar papel comercial**". Esse processo costuma chamar-se "descontar papel comercial". Foi um dos meios por meio dos quais a Fed conseguiu inundar os EUA de dinheiro, antes do Pânico de 1929.

Banca central – Compra e venda de obrigações no mercado aberto.

Opção favorita para inflacionar. Mas a opção preferida para inflacionar é a compra e venda de obrigações e outros títulos de dívida no mercado aberto.

Banco central compra IOUs e injecta dinheiro directamente na economia. Mas com o mercado aberto, tudo o que o banco central tem de fazer é escrever um cheque fiat para pagar por securities. Quando esse cheque é trocado, o novo dinheiro que cria move-se directamente para a economia, sem mais intermediários.

Banca central – Monetização de IOUs estrangeiros – Interdependência.

Monetização de dívida estrangeira, i.e., interdependência. Hoje em dia, os bancos centrais têm a capacidade de monetizar virtualmente qualquer instrumento de dívida e, no actual clima de internacionalismo, comprar obrigações de outros estados é uma actividade florescente.

Emissão monetária de cada país/região, dependente de outros países. A emissão monetária de cada país ou região é cada vez mais baseada em dívida de países estrangeiros. Ou seja, não basta imprimir dinheiro sem valor com base em lixo doméstico, também é preciso ir buscar lixo estrangeiro, e a isso chama-se interdependência.

Monetização de dívida estrangeira também cria inflação interna. O recordista destas operações é a Fed. Os dólares criados vão para os governos estrangeiros, e depois para bancos americanos, onde se tornam reservas para criar 9x mais em empréstimos adicionais, o que resulta em mais inflação e perca de poder de compra.

Monetização de IOUs estrangeiros exige que nenhum país reduza dívida nacional. Este mecanismo de interdependência tem um efeito essencial: se a emissão de euros depende da dívida americana para além das dívidas dos estados europeus, então nem os estados europeus nem o estado americano podem reduzir as suas dívidas, mesmo se tiverem a capacidade de o fazer.

→ Efeito deflacionário seria o resultado. Caso contrário, provocariam um efeito deflacionário no sistema emissor.

A “credit multiplier capacity” dos bancos privados.

Depósitos são crédito em reserva para gerar múltiplos de si mesmo. De cada vez que alguém faz um depósito, de notas, certificados, ou dinheiro digital, esse dinheiro é considerado uma reserva para a criação de mais crédito, para criar múltiplos a partir de si mesmo, mantendo apenas nos cofres o dinheiro suficiente para pagar os depósitos que seja provável serem levantados.

(1) Reservas “em excesso” – rácio. Os bancos comerciais operam com um rácio variável, que pode ser quase nulo, mas vamos supor que é 10%. Isto significa que, se um banco comercial recebe um depósito de $1 milhão, 9/10 desse milhão são considerados reservas em excesso.

(2) Reservas “em excesso” são colateral para gerar novos empréstimos. É considerado que reservas “em excesso” estão disponíveis para empréstimo.

(3) Dinheiro é conjurado a partir do ar – de $1M para $10M. Os novos empréstimos não são feitos com o mesmo dinheiro, mas sim com dinheiro novo, criado a partir do ar para esse propósito. A quantidade de dinheiro na nação simplesmente aumenta em 90% dos depósitos bancários. O $1 milhão da *primeira* vaga de dinheiro fiat dá origem a $900,000 na *segunda* vaga, e isso dá origem a $810,000 na *terceira* vaga ($900,000 menos 10% de reserva). Ou seja, dado que os bancos têm de manter reservas de apenas 10%, podem depois emprestar até 9 euros por cada euro que pediram emprestado. Ou seja, no exemplo dado, o $1 milhão original em IOUs governamentais deu origem a $10 milhões.

(3a) Empréstimos → depósitos → empréstimos → depósitos → etc. Depósitos tornam-se empréstimos tornam-se depósitos – etc. Qualquer empréstimo feito é também, ele próprio considerado um depósito. Portanto, ele próprio constitui reserva para mais empréstimos.

(4) Carrossel demora 28x a chegar ao limite de emissão. Demora cerca de 28x através deste carrossel de depósitos a tornarem-se empréstimos a tornarem-se depósitos e assim sucessivamente até ao efeito máximo, que é aproximadamente nove vezes a quantidade da dívida governamental original que tornou todo o processo possível. Por exemplo, com um rácio fraccional 1:10, por cada €10.000 depositados, o banco pode emprestar €90.000 que não tem realmente – após 28 ciclos fraccionais.

(5) Rácios de reserva representam proporção de promessas não-cumpríveis. Depois das 28 voltas do ciclo, num sistema com rácio de 10%, as promessas de pagamento (notas) excedem os depósitos em poupança por um factor de 10 para 1. Se o rácio for de 3%, então esse factor escala para 300 para 1. Ou seja, as promessas de pagamento do banco excedem a sua capacidade de as cumprir por um factor de mais de 300 para 1. Outra maneira de colocar a questão é que as suas reservas estão subfinanciadas em 33.333%

(10-para-1 dividido por 0.03 = 333.333-para 1. Isso dividido por 0.01 = 33,333%. Se o rácio for de 2%, então estamos a falar de 500 para 1. E por aí fora.

(5a) Quantidades apocalípticas de dívida virtual. Deste modo, instituições financeiras criam quantidades gigantescas de dívida virtual que não podem substanciar com qualquer bem real.

Mercado de crédito pós-moderno.

Dominado por bancos, hedge funds, seguradoras, agências, financeiras, etc. O actual mercado de crédito é um universo complexo e opaco, onde os bancos criam apenas uma pequena proporção do nível total de dívida em circulação. O resto é criado por outras instituições financeiras, que funcionam como braços mais especializados dos bancos: entidades como seguradoras, agências financeiras, hedge funds, correctoras, fundos de pensões, etc. Ou seja, toda uma multiplicidade de entidades que lidam com bens financeiros.

Reciclagem de fundos e empréstimos especulativos. Estas entidades reciclam fundos pré-existentes; obtêm empréstimos a baixas taxas de juro e emprestam a taxas mais elevadas; outras vezes, acumulam o dinheiro de investidores e emprestam-no a troco de juros. Ou seja, usam o mesmo método que os bancos: pedem emprestado barato, emprestam caro, e lucram da diferença.

Monetização de IOUs – Dinheiro como dívida virtual.

Hoje em dia, quase todo o dinheiro é fiat virtual, em entradas computorizadas. A proporção de dinheiro em circulação que consiste em tangíveis reais, como ouro, petróleo, ou até mesmo notas, é mínima. A larga maioria do dinheiro é perfeitamente virtual, consistindo em meras entradas contabilísticas. O ouro perdeu a maior parte da sua importância, e a moeda tangível (papel-moeda e moedas) representa uma fracção mínima do crédito em circulação; o resto está em entradas contabilísticas ou computorizadas, para empréstimos.

Dólar, euro, iene, etc, são fiat sem qualquer valor real – puro papel. Estas moedas não têm qualquer valor intrínseco. Não existe limite para a quantidade que pode ser produzida. A fracção de algo com valor real é 0%. São papel baseado em papel, puramente baseadas em dívida – obrigações do Tesouro, e outras promessas de pagamento de qualquer coisa.

Existência de sistema económico depende da perpetuidade de **dívida**.

Notas bancárias são IOUs, hipotecas sobre riqueza nacional. Estas notas são promessas de pagamento – créditos, ou IOUs do banco. Ao mesmo tempo, são hipotecas sobre a propriedade da nação e da sua população, sobre os seus rendimentos.

Quando uma pessoa tem uma nota de 5 euros na mão, tem uma declaração de dívida passada em nome de todos os contribuintes europeus.

Todo o dinheiro que circula é emitido com base num contrato de dívida. Todo e cada tostão que circula numa economia é emitido com base num contrato de dívida, significando que é devido por alguém. Alguns não devem nada. Outros devem muito mais vezes do que o que possuem. Todos adicionados, o balanço nacional é zero.

Se toda a gente pagasse todas as dívidas, o dinheiro desapareceria. O que pensamos que é dinheiro é uma enorme ilusão. A realidade é dívida. Se toda a gente pagasse todas as dívidas no mundo, não restaria qualquer dinheiro em existência. Todas as moedas e todas as notas seriam devolvidas aos bancos – e não ficaria um único dólar na conta de ninguém. Por outras palavras, todo o dinheiro desapareceria.

Reduzir significativamente o nível de dívida prejudicaria economia. Dado que a emissão monetária está ligada à dívida nacional, pagar essa dívida causaria o desaparecimento de dinheiro. Reduzi-la mesmo seriamente iria prejudicar a economia. Portanto, enquanto este sistema monetário existir, tem de existir dívida nacional.

HEMPHILL (Fed) – "Someone has to borrow every dollar we have in circulation".

"If all the bank loans were paid, there would not be a dollar in circulation".

"We are absolutely without a permanent money system".

«*If all the bank loans were paid, no one could have a bank deposit, and there would not be a dollar of coin or currency in circulation. This is a staggering thought. We are completely dependent on the commercial banks. Someone has to borrow every dollar we have in circulation, cash, or credit. If the banks create ample synthetic money we are prosperous; if not, we starve. We are absolutely without a permanent money system. When one gets a complete grasp of the picture, the tragic absurdity of our hopeless situation is almost incredible-but there it is*» Robert Hemphill [ex-Credit Manager of the Federal Reserve Bank in Atlanta], In Irving Fisher, 100% Money (New York: Adelphi, 1936), p. xxii.

JUROS SOBRE FIAT

Juros sobre dinheiro fiat.

(1) É imoral pedir renda sobre o aluguer de *nada*. Quando os bancos colocam crédito na conta de uma pessoa, estão apenas a fingir emprestar dinheiro. Na prática, não têm

nada para emprestar. Portanto, qual é o direito do banco, de recolher renda sobre nada. Quando se pede algo emprestado – seja um banco ou uma terceira pessoa – está-se disposto a pagar juros sobre o empréstimo em reconhecimento do facto de o dinheiro que se está a usar ser um bem que se está a alugar. Ou seja, se o dinheiro que se está a pedir emprestado foi ganho, transpirado, pelo trabalho e talento de outra pessoa, poupado, e depois arriscado no empréstimo, tem-se o direito a receber juros sobre ele. Porém, aqui não há nada. Qual é o valor temporal de nada?

(2) Multiplicação de juros – Emissão **central** de dinheiro. Quando um banco central aceita IOUs governamentais, paga zero por eles, uma vez que conjura o cheque equivalente a partir do ar, mas pode recolher juros a dobrar.

Juros pagos pelo vendedor original de IOUs. Juros pagos pelo estado (ou outros vendedores de IOUs), sobre o dinheiro emitido a partir do IOU.

Juros pagos por outros agentes sobre os mesmos IOUs. Os IOUs governamentais também são considerados reservas para a emissão de dinheiro adicional para a banca comercial, estes empréstimos também recolhem juros. Logo, o banco central recolhe juros a dobrar sobre as mesmas obrigações iniciais.

(3) Multiplicação de juros – Emissão **privada** de dinheiro.

Juros sobre compra de IOUs e sobre empréstimos feitos a partir deles. Com um cenário de reservas a 12%, um banco privado com $1 milhão de moedas de ouro em depósito, pode usar aproximadamente $880.000 ($1 milhão menos 12%) para comprar IOUs governamentais, trocar os IOUs por notas bancárias, emprestar as notas, e recolher juros tanto sobre as obrigações como sobre os empréstimos. Ou seja, pode recolher juros sobre os $880,000 emprestados ao governo na forma de moedas, mais juros sobre os $880,000 emprestados aos clientes na forma de notas bancárias. Isso duplicava os rendimentos do banco sem a inconveniência de ter de trabalhar por isso. A mesma coisa acontece hoje em dia, a rácios de reserva menores, usando depósitos como base para investimento.

(4) Janela de descontos permite lucros notáveis em juros.

Juros pagos a banco central são irrisórios, face a lucros fraccionais. Se o banco comercial receber $1 milhão do banco central a uma taxa de desconto de 6%, o custo anual total é portanto, de $60.000 (0.06 x $1 milhão). O banco trata o empréstimo como um depósito de dinheiro, significando que o mesmo se torna a base para manufacturar $9 milhões adicionais para emprestar aos seus clientes. Se assumirmos que empresta dinheiro a uma taxa de 11%, o retorno bruto será de $990,000 (.11 x $9 milhões). Se

subtraírmos disto os custos do banco de $60,000 mais uma share apropriada da sua 'overhead', temos um retorno total de cerca de $900,000. Por outras palavras, o banco pede $1 milhão emprestado e quase consegue duplicá-lo num só ano. E a fonte deste lucro são os juros referentes à manufactura de outros $9 milhões que são adicionados ao fornecimento de crédito no território.

FINANÇA MODERNA – Um sistema totalitário

Finança moderna – Um sistema totalitário.

Bancos são intermediários e reguladores de todas as transacções.

Uma porção de todas as transações legais é destinada aos bancos. Todos os dólares americanos no mundo inteiro estão a ganhar juros diários e compostos para os bancos que os criaram. Uma porção de cada empreendimento de negócios, cada investimento, cada lucro, cada transacção envolvendo dinheiro – o que até inclui as perdas e o pagamento de impostos – uma porção de tudo isto, está marcado para pagamento a um banco.

Tecnicamente, toda a gente trabalha para os bancos. Portanto, não é necessário que se trabalhe directamente para o banco. Não interessa onde se ganhou o dinheiro, a origem do mesmo foi um banco e o seu destino final é um banco. O total deste esforço humano funciona, ultimamente, para o benefício daqueles que criam dinheiro fiat, os banqueiros. É uma forma de servitude moderna, na qual a grande massa da sociedade trabalha em servidão para uma classe dominante de nobreza financeira.

Bancos adquirem este poder com a varinha mágica do dinheiro fiat. E o que é que os bancos fizeram para ganhar este rio perpétuo de rendimentos? Emprestaram o seu próprio capital, obtido pelo investimento de accionistas? Emprestaram as poupanças suadas dos seus depositantes? Não, nenhum destes foram a sua maior fonte de rendimento. Simplesmente agitaram a varinha mágica chamada dinheiro fiat.

Dinheiro: sangue e a arma de um sistema de dívida, baseado em medo e obediência. O dinheiro é, ao mesmo tempo, o sangue do sistema, e a arma que é usada para escravizar nações inteiras através de dívida. O medo, é o factor que mantém toda a gente no seu lugar, numa posição de obediência.

FALÊNCIA – EMPRÉSTIMOS – BAILOUTS – ESTADO

Banca privada opera com margens extremamente magras.

Bancos comerciais têm margem de operação extremamente magra.

Reservas de apenas 1-2% de depósitos e 8-9% em securities. Existem muitas razões para os bancos comerciais precisarem de empréstimos do "last resort". Uma vez que só detêm "reservas" de apenas 1 ou 2% dos seus depósitos em cofre, e 8 ou 9% em securities, a sua margem de operações é extremamente magra.

Reservas decrescem com empréstimos não saldados. Por vezes fazem maus empréstimos e, quando estes antigos "bens" são removidos dos seus livros, as suas "reservas" também decrescem e podem tornar-se negativas.

Levantamentos "excessivos" podem gerar equilíbrios negativos. Portanto, é comum passarem por equilíbrios negativos temporários, causados por uma exigência pouco habitual de depositantes pelo seu dinheiro, ou por um grande afluxo de cheques em simultâneo.

Falência bancária.

Proporcionada pela fina camada de crédito com a qual os bancos operam. Dado que o sistema de reservas fraccionais (posteriormente complementado por banca central) permite que os bancos comerciais operem com uma camada incrivelmente fina de dinheiro para cobrir as suas promessas de pagamento na hora, as possibilidades de falência bancária são variadas e florescentes.

Falência por "run on the bank" e por "currency drain" [swarming]. Sob reservas fraccionais, os bancos são por natureza insolventes. Antes de terem recurso a bancos centrais, era comum que houvessem "*runs on the bank*", de cada vez que havia pânicos ou outros imprevistos, e as pessoas procuravam levantar os seus depósitos de um modo repentino. A "*currency drain*" é um processo semelhante, que acontece entre bancos. Os bancos fazem pagamentos entre si e, quando um banco era alvo de mais exigências de pagamento do que as reservas que tinha disponíveis, o resultado era o esgotamento dessas reservas e o afundamento do banco. De modo interessante, isto podia facilmente dar origem a fenómenos de *swarming*, contra competidores indesejados.

Falência através da acumulação de empréstimos insolventes.

Um empréstimo é tanto um bem [de reserva] como um risco. Quando um empréstimo é registado na contabilidade do banco, aparece como um bem, dado que é algo que está a

ganhar juros e que, presumivelmente, será eventualmente pago de volta. Ao mesmo tempo que o empréstimo é entrado na contabilidade do banco, uma entrada igual é feita no registo de riscos incorridos. Isto acontece porque o empréstimo também pode não ser pago mas, no entretanto, o dinheiro que lhe corresponde, e que anda em circulação, vai mais cedo ou mais tarde ser pedido ao próprio banco. Ou seja, o banco continua a ter a obrigação de redimir o crédito que emitiu. Portanto, o banco comercial que faz a emissão tem um potencial de risco igual ao valor do bem de empréstimo.

Empréstimos perdidos deduzidos da equity ou dos lucros correntes. Dado que a maioria do dinheiro é primariamente uma entrada contabilística, que foi originalmente criada a partir do nada, e não custou nada ao banco (excepto o trabalho de contabilidade), existe pouco valor tangível que é realmente perdido, se o empréstimo não for pago. Porém, quando acontece, os bancos são forçados a remover o empréstimo como bem, sem uma redução equivalente no registo de riscos. Por outras palavras, o bem de empréstimo é removido, mas o risco continua. A diferença tem de ser paga, e tem de vir da equity dos proprietários (accionistas) ou, então, tem de ser deduzida dos lucros correntes do banco. Em qualquer dos casos, os accionistas do banco perdem rendimento.

Arresto, recurso a fiadores, como compensação. Quando um devedor não pode pagar de volta, o banco tem de registar o empréstimo respectivo como perda, apesar de poder recorrer a fiadores ou ao arresto de bens que possam ser confiscados como compensação.

Excedência do valor total da equity – Insolvência. Se o banco for forçado a cobrir uma larga quantidade de maus empréstimos, a quantidade pode exceder o valor total da equity dos proprietários. Quando isso acontece, o banco está insolvente.

Conservadorismo nos empréstimos a <u>indivíduos</u> e a <u>PMEs</u>. Esta questão é suficiente para motivar a maior parte dos banqueiros a serem muito conservadores nas suas política de empréstimos quando lidam com indivíduo e com pequenos negócios.

Empréstimos – "Bigger is Better".

<u>"The bigger the better" – Maiores lucros, com menor esforço</u>. Quando maior o empréstimo, tanto melhor para o banco, dado que produz tantos maiores lucros, com pouco esforço. Um único empréstimo a um governo ou a uma empresa que produza centenas de milhões em juros anuais é tão fácil de processar – se não mais – do que um pequeno empréstimo de a uma PME.

<u>Menor risco – Empréstimos garantidos por governos</u>. Consequentemente, é cada vez mais difícil a um indivíduo ou a uma PME pedir emprestado a taxas razoáveis, porque os bancos podem fazer muito mais dinheiro em empréstimos a gigantes empresariais e a governos estrangeiros e, ao contrário do que acontece com os pequenos empréstimos, o

governo garante esses maiores empréstimos, para “proteger o público”, o que os faz mais seguros para os bancos.

Os bancos não querem empréstimos saldados e preferem devedores crónicos. Regra essencial: os bancos não querem os seus empréstimos pagos de volta, dado que fazem lucro sobre os juros, e não sobre o pagamento do principal.

O melhor amigo do banco é o devedor crónico que paga sempre os juros. O melhor de todos os mundos, para um banco, é quando um devedor se endivide progressivamente mais, pague apenas os juros, e nunca faça pagamentos sobre o principal. Ou seja, grandes e insolventes empréstimos. A esse processo chama-se perpetuar a dívida, *rolling over the debt*. O melhor amigo de um banco é um devedor crónico que cumpra os pagamentos de juros.

Os bancos preferem emprestar a estados – bom colateral. Precisamente pelo ponto anterior, porque não esperam que as dívidas sejam saldadas (existem muito poucas instâncias em que isto acontece, na história dos governos – de quaisquer governos) e porque existe sempre colateral, na forma de mão-de-obra, recursos naturais, infraestruturas.

Perpetuação de dívida, “rolling over the debt”. Perpetuar a dívida, ou “*rolling over the debt*”, pode ser feito de várias formas.

Extensão do empréstimo. Quando um devedor começa a ter dificuldades em pagar, pode-se fazer uma *extensão do empréstimo*. Isto é encenado para parecer uma concessão por parte do banco mas, na prática, é apenas um passo significativo na direcção de perpetuar os juros.

Empréstimos adicionais. Outra técnica é a criação de *empréstimos adicionais*, o que agrava o pagamento dos juros, e é um jogada de génio, porque também permite aumentar o registo de bens na contabilidade do banco. Na prática, podem-se criar tantos empréstimos adicionais quanto for exequível. Estas jogadas podem ser repetidas várias vezes, ano após ano, até o devedor estar finalmente afundado num poço interminável de dívida sem quaisquer perspectivas de salvação.

Adiamento de dívida – redução de pagamentos periódicos. Eventualmente, as prestações de pagamento dos juros vão ser tão grandes que vão representar quase tanto como a totalidade dos lucros empresariais ou da colecta fiscal do país. Desta vez, a falência [default, incumprimento] parece ser inevitável, e a solução pode vir na forma de um *adiamento de dívida*, em que os pagamentos periódicos são reduzido, mas o período total é extendido ainda mais tempo.

Programa de austeridade, sob novas “ajudas” e arbitração externa (FMI, etc). Eventualmente, chega a fase em que o devedor nem sequer consegue pagar os juros, e o que acontece é um programa de austeridade. São dadas novas ajudas, sob a forma de ainda mais um empréstimo adicional, “visa” iniciar novos programas de investimento, que serão tão rentáveis que, em breve, ele conseguirá pagar de volta a toda a gente.

Como parte da proposta, o devedor concorda em aceitar a arbitração e a fiscalização de uma terceira parte, na adopção de um programa de austeridade, “para assegurar que nenhum do novo dinheiro é esbanjado”. Esta terceira parte, este “árbitro imparcial”, vai ser o FMI, um consórcio bancário internacional, ou agências semelhantes.

Bailouts – Empréstimos internacionais com o contribuinte como fiador – Anos 70.

Os melhores dos fiadores são, claro, os contribuintes.

Banca central e agências estatais garantem grandes empréstimos. Os sistemas de banca central e os sistemas governamentais de apoio financeiro garantem que grandes empréstimos feitos a empresas e a outros governos são garantidos pelo contribuinte, no caso de o pagamento falhar.

O argumento “too big to fail”. Isto é feito sob o argumento de que, se esses bancos e empresas falharem, a nação vai sofrer de vasto desemprego e de disrupção económica. Portanto, se o empréstimo falhar, o governo vai “proteger o público” e, através de vários mecanismos, vai assegurar que os bancos continuem a receber os seus juros. Consequentemente, os bancos têm poucas motivações para serem cautelosos, ou honestos, neste capítulo.

Perdas inevitáveis são sempre transferidas para contribuintes. Assim que um parlamento aquiesce a isto, o governo torna-se um co-signatário no empréstimo, e as perdas inevitáveis são finalmente transferidas, do banco para os contribuintes.

Banca internacional garantida pelos contribuintes – Anos 70.

O maior sistema de Segurança Social de sempre. O melhor dos seguros. O pior pesadelo de um banco de investimento é quando empresta a uma entidade que não paga de volta.

Tesouro público como colateral. Ou seja, o Tesouro público, a colecta fiscal, como colateral.

Prática começa em força a partir de anos 70. Portanto, e especialmente a partir dos anos 70, começa a prática de garantir os investimentos e empréstimos dos bancos mercantis com o dinheiro dos contribuintes.

O estado é o melhor de todos os clientes bancários.

Cartel pode explorar os contribuintes, por meio do estado. O estado e o cartel bancário entraram numa parceria na qual o cartel tem privilégios de exploração dos contribuintes: colecta fiscal, concessões, acesso a recursos, etc.

Empréstimos ao estado – Lucrar com empréstimo, e com retorno do principal. Uma técnica bancária, resultante da instauração de cartéis: lucrar com as taxas sobre o empréstimo, e lucrar com o retorno do principal em compras a uma empresa do grupo.

Estado tem acesso a fundos ilimitados.

Pode pedir emprestado de modos extravagantes.

Pode financiar todo o tipo de empreendimentos. Incluíndo projectos impopulares, como guerras. De resto, programas sociais, investimento militar, obras públicas, etc.

Empréstimos pagos através de inflação, evitando taxação. O estado tem acesso a fundos ilimitados, evitando aumentos exagerados de impostos, e sem ter de dizer aos seus cidadãos que todas as despesas estão a recair nas suas carteiras, através do imposto escondido que é a inflação.

Fluxo de empréstimos e de juros é ininterrupto. Os estados são, regra geral, máquinas irresponsáveis de desperdício económico, que podem pagar os juros, mas raramente o principal. Tanto melhor para os bancos porque isso assegura que o fluxo de empréstimos e de juros não pára, é ininterrupto.

O colateral está assegurado.

Taxação. Com o melhor dos fiadores, que é o público contribuinte.

Recursos, infrastruturas, concessões. Quando finalmente entra em incumprimento, ou até mesmo em falência, pode oferecer recursos e infrastruturas como colateral.

DÉFICES NACIONAIS

Resolução de défices nacionais [anos 70]. Um défice nacional só pode ser combatido através dos seguintes cenários possíveis.

Aumento dos rendimentos. Esta a melhor das soluções e, na prática, a única solução real; todas as outras são temporárias. Agora, este cenário só pode dar-se com florescimento de produção, numa economia livre e descentralizada, onde os pequenos e médios negócios prosperam. O problema com esta solução é o de que poucos políticos respeitam o poder dinâmico do mercado livre. O seu mundo é construído sobre programas políticos nos quais as leis do mercado são manipuladas, de modo a atingir objectivos politicamente populares. Podem desejar a opção de aumentar o rendimento

da nação por aumentar a produtividade, mas as suas agendas políticas impedem que isso seja concretizado.

Recurso a capital de reserva, poupado. Isto implica que haja capital poupado, mas quase não há países no mundo de hoje que tenham poupanças – apenas dívidas. E, mais que isso, consomem as poupanças da indústria e dos cidadãos, e chamam a isso taxação para estímulo económico.

Venda de bens – liquidação a saldos. Ou seja, infraestrutura, companhias públicas, segurança social, etc. E isto é liquidação a saldos – não resolve nada. Por outro lado, traz privatização sob cartéis e, regra geral, controlo estrangeiro.

Desvalorização monetária. Opção apenas disponível quando outros países e grupos económicos vão aceitar negociar nessa moeda. Esse tem sido o caso do dólar, que pode emitir massas gigantescas de dinheiro, mas esse dinheiro é aceite e acumulado por agentes estrangeiros.

Empréstimos, aumentos de dívida – **anos 70**. Este é o método mais popular desde o início da campanha radical de desindustrialização e subdesenvolvimento dos anos 70. No caso dos países anteriormente industrializados, a acumulação de papel-moeda e de dívida veio mascarar essa quebra radical na produtividade, permitindo manter temporariamente a aparência de alguma afluência e qualidade, no nível de vida das populações.

DOUTRINAÇÃO

Doutrinação para sistema fraccional.

Fiat vendido como "único caminho". Os estudantes de finança e economia aprendem que não existe qualquer outra maneira de o sistema funcionar.

Atenções focadas em paliativos incipientes. Assim que essa premissa é aceite, então toda a atenção pode ser focada, não na fraude inerente, mas sim nas maneiras e meios de viver com ela, e torná-la o menos dolorosa que possível, o que é sempre erróneo – não se pode encontrar meios termos com os banqueiros.

POMPA E PRETENSÃO

A banca é caracterizada por pompa, pretensão e aparência – Keynes. Uma marca indelével do negócio bancário, que começa pelo simples facto de fingirem fazer empréstimos mas, na prática, limitarem-se a fabricar dinheiro.

KEYNES – A respeitabilidade de um banqueiro.

"Faz parte do negócio manter aparência de respeitabilidade sobre-humana".

«*A "sound" banker, alas! is not one who foresees danger, and avoids it, but one who, when he is ruined, is ruined in a conventional and orthodox way along with his fellows, so that no one can readily blame him.* ***It is necessarily part of the business of a banker to maintain appearances, and to confess a conventional respectability, which is more than human****. Life-long practices of this kind make them the most romantic and the least realistic of men*» As quoted by Lever and Huhne, *Debt and Danger: The World Financial* Crisis (New York: The Atlantic Monthly, 1986), p. 42.

Desculpabilização contínua de catástrofes – "Too big to admit the fail".

Quatro tipos de pessoas desculpabilizadas por campanhas de caos e destruição. Neste mundo, existem quatro tipos de pessoas que costumam ser desculpadas quando organizam campanhas de caos e destruição.

Crianças pequenas, bancos, estados e agências internacionais. E estes são as crianças pequenas, os bancos, os estados, e estas agências internacionais, que se desenvolveram da fusão entre os bancos e os estados.

Quanto maior a hecatombe, melhor. Em qualquer domínio da vida, estes historiais de fracasso e de indução de catástrofes seriam punidos pelas circunstâncias, mas não na banca, na política e nos domínios regulatórios. Nestes campos, quanto maior a falha, melhor.

Tanto maior a pressão para *expandir* o programa que falhou no início. Cada nova hecatombe é acompanhada de orçamentos reforçados, subsidiação pelos contribuintes, e expansões de poder.

Banca – Transferência de culpas para "sistema capitalista", "economia", etc.

Os banqueiros comportam-se como adolescentes imaturos, culpando a sociedade. Sob a uniformidade de um sistema de banca centralizada, nenhum banco individual, ou grupos de bancos, poderiam ser culpabilizados por faltas, devido às suas práticas fraudulentas.

Ou seja, os banqueiros podiam comportar-se como adolescentes imaturos, transferindo as culpas pelos seus próprios crimes para “a sociedade”.

Outros bodes expiatórios. A “economia”, ou para “política governamental”, ou “taxas de juro”, ou ainda o “sistema capitalista”, o “mercado desregrado”, “o governo”, “o público”, “o sistema”, etc.

Banca – Transferência de culpas permite bailouts.

Banqueiros podem exigir bailouts e outras formas de subsidiação. Sem essa capacidade de culpar todos os outros grupos na sociedade pelos seus próprios crimes, os banqueiros nunca poderiam exigir bailouts e outras formas de subsidiação para os seus empreendimentos.

ACEITAÇÕES – CALL LOANS

Desconto de Aceitações [Banker’s Acceptances].

Securitização de empréstimos comerciais. Descontar aceitações é linguagem de banqueiro para segurar empréstimos comerciais emitidos para a compra de bens.

Contrato entre banco aceitante e banco do vendedor. Contrato prometendo pagamento por bens comerciais marcados para entrega numa data posterior. Geralmente envolvem comércio internacional, onde atrasos de 3 a 6 meses são comuns. São um meio pelo qual um vendedor num país pode vender bens a um comprador desconhecido noutro país com confiança de que vai ser pago à entrega. Isso é conseguido através de garantias feitas pelos bancos de comprador e vendedor. Primeiro, o banco do comprador emite uma letra de crédito, onde se torna co-signatário no negócio, garantindo o pagamento dos bens, mesmo que o comprador possa falhar no mesmo. Quando o banco do vendedor recebe isto, um dos seus responsáveis oficializa o contrato e paga ao vendedor o montante da venda.

O preço da garantia são as taxas pagas aos bancos – de emissão e de aceitação. Naturalmente, esta garantia tem um preço. Por este serviço, ambos os bancos cobram uma taxa, que é expressa como uma percentagem do contrato. O preço é declarado como sendo uma percentagem da nota total e ou é adicionado ao montante pago pelo comprador, ou é deduzido do montante recebido pelo vendedor. Na prática, existe uma taxa paga em ambos os extremos da transacção, uma ao banco do vendedor, que recebe

a aceitação e paga o dinheiro, e uma ao banco de emissão, que assume o risco de garantir o pagamento. Diz-se que a venda é “descontada” pela quantia paga aos bancos. Portanto, o comprador paga um pouco mais que a quantia do contrato de venda, e o vendedor recebe um pouco menos que o estipulado no contrato.

Aceitações como veículos de especulação nos mercados de securities. Aceitações, tal como contratos de empréstimos comerciais, são instrumentos negociáveis que podem ser trocados no mercado respectivo. Os bancos aceitantes têm a escolha de ficar com elas até à maturidade, ou então de vendê-las. Se ficarem com elas, vão lucrar quando o contrato subjacente for pago, e equivalerá ao montante do seu “desconto”, i.e., a sua taxa. As aceitações são “redescontadas” quando são vendidas pelo descontador original. A vantagem de fazer isso é que não precisam de esperar 3 a 6 meses pelo seu lucro. Podem adquirir capital imediato, que pode ser investido para ganhar juros. O preço de venda de uma aceitação é sempre inferior ao valor dos contratos que lhe subjazem; caso contrário, ninguém as compraria. A diferença representa o lucro potencial para o comprador. É expressa em percentagem e é chamada de “taxa” de desconto – ou, neste caso, de redesconto. Mas a taxa dada pelo vendedor tem de ser inferior àquilo que ele espera vir a ganhar com o dinheiro que recebe, caso contrário vai-lhe ser mais vantajoso não vender.

Compras à margem [on margin, call loans].

Mero sistema de mediação, especulação e interdependência financeira. Era comum que os investidores comprassem as suas acções à margem (*on margin*). Isto significa que o comprador avança uma pequena quantia como depósito (a margem) e pede o resto emprestado do seu corrector – que recebe o dinheiro do seu banco, que por sua vez o recebe do banco central. Nos anos 20, a margem para pequenos investidores chegava a ser tão pequena como 10%. Apesar de a acção média render uns modestos 3% anuais de dividendo, os especuladores estavam dispostos a pagar mais de 12% de juros sobre os seus empréstimos, significando que as acções teriam de valorizar cerca de 9% por ano para sequer haver paridade. Estas contas à margem são frequentemente denominadas de “call loans”, dado que o corrector tem o direito de “call them in” com muito pouca antecedência, por vezes apenas 24 horas. Se o corrector reclamar o empréstimo, o investidor tem de apresentar o dinheiro imediatamente. Se não conseguir fazer isso, o corrector obtém o dinheiro pela venda da acção. Em teoria, a venda da acção vai ser suficiente para cobrir o empréstimo. Mas, na prática, as únicas alturas em que os correctores reclamam os empréstimos é quando mercado está a colapsar. Sob essas condições, a acção só pode ser vendida com perda: uma perda total da margem do investidor; e uma perca variável da parte do corrector, dependendo da severidade da queda de preços. Para obter ainda mais vantagem, os investidores por vezes usam as acções que já possuem como colateral, para fazer um margin loan sobre novas acções. Deste modo, se não conseguirem cobrir uma margin call sobre as suas novas acções, também perdem as antigas.

SHORTING – LONGING – HEDGE FUNDS

“Short-selling” – “Naked shorting” – “Bear Raid” – “Going long”.

(1) “Short-selling”. Também, “shorting”, ou “going short”.

Aposta da diminuição do preço de um bem – acção, moeda, comodidade, IOU. 'Shorting' ou 'going short' também se refere a entrar em qualquer derivativo (ou outros contratos similares), sob os quais o investidor lucra com a queda do valor de um bem.

Pedir emprestado → vender → re-comprar → devolver. Consiste em pedir esse bem emprestado; vendê-lo; comprá-lo de volta; devolvê-lo ao proprietário original. Esta operação implica que o especulador está a apostar que o preço terá diminuído no entretanto, o que lhe permite embolsar a diferença. Ou seja, o short-seller espera lucrar de um declínio no preço do bem entre a venda e a nova compra.

Mera aposta de mau gosto com vidas alheias. Isto não é um investimento. É apenas uma aposta, um jogo com os bens de outrém.

(2) Naked short selling.

Não há empréstimo inicial. Tipo de short-selling em que não há um empréstimo inicial. Isto pode acontecer quando não há bens suficientes em circulação, ou quando o vendedor decide não pedir o bem emprestado (ou porque não há emprestadores disponíveis, ou devido aos custos do empréstimo). Quando as shares não são emprestadas durante o clearing time period e o short-seller não passa as shares ao comprador, considera-se que a troca "failed to deliver". Desde que haja cobertura eventual, o naked shorting pode ser invisível num mercado líquido.

Permite a venda de uma quantidade ilimitada de shares. Esta técnica pode ser usada por especuladores para fazer ataques em massa a companhias – usando naked shorts para baixar agressivamente os preços das shares.

(3) “Bear raid” – tentar forçar para baixo o preço de algo. Tipo de estratégia de mercado, pela qual um trader (ou grupo de) tenta forçar para baixo o preço de uma acção, para cobrir uma posição mais baixa.

Rumores mediáticos.

Operações intensivas de short-selling e naked shorting. Operações intensivas de short-selling são a essência das operações de bear raid, em que uma companhia ou um bem é

marcado para abate. Quando estas operações são feitas com força suficiente, podem destruir companhias, se for esse o intuito.

(4) "Going long" e "program buying" – Investimento construtivo. Os investidores que empregam short selling usam isso para lhes permitir lucrar com activos que acreditam estar 'sobrevalorizados'; ao passo que com going long a ideia é tentar lucrar com activos que acreditam estar 'subvalorizados', por comprá-los. Ao mesmo tempo que um elevado "program buying" pode favorecer uma companhia ou um estado no mercado, operações de short-selling podem literalmente destruir essas entidades. Ou seja, o investidor lucra de quaisquer aumentos no preço do bem.

Hedge funds e manipulação de mercados.

Fundos de cobertura de riscos – fundos de gestão de riscos.

Segurar apostas de investimentos contra flutuações monetárias ou de taxas de juro. Usados para cobrir apostas de investimento contra flutuações monetárias ou de taxas de juro. Reúnem os bens de investidores ricos, com o objectivo de fazer retornos 'absolutos' – i.e., fazer lucro independentemente de os mercados estarem em queda ou em alta.

Instrumentos de manipulação e controlo dos mercados.

Dominantes nos mercados. No seu pico, controlam cerca de metade do volume diário de negócios no mercado de equidades, dados os seus números, tamanhos, quantidades de capital e frequência (enorme) das suas operações de venda e compra.

FIAT ESTATAL

Fiat estatal – Vantagens e problemas [RUSSO].

Vantagens – Ausência de juros e de dívida. Quando o estado emite fiat, existe a vantagem de não se pagar juros aos bancos, e não se gerar dívida.

Vantagens – Um serviço público desejável.

Circular dinheiro proporcionalmente à actividade económica real. Os governos têm o poder de emprestar e de investir dinheiro, e de o manter em circulação de modo

proporcional à actividade económica real, usando o pagamento de principal, juros, e a cobrança de taxas, para este fim.

Preferível a camisa-de-forças monetarista. Um sistema fiat honesto é um sistema de crédito como serviço público, por oposição a uma camisa-de-forças monetarista, que opera para o benefício das elites monetárias.

Problema 1 – Alocação selectiva de fundos. O problema do favorecimento selectivo de grupos específicos, continua a estar presente. Esse grupo pode até ser o próprio estado, que se assume como a única potência no país.

Problema 2 – Inflação. O problema da inflação também permanece, dado que, como todo o fiat, o governamental também abre imediatamente a porta a especuladores, o que pode incluir o próprio estado.

Problema 3 – Necessidade de fiscalização permanente. Ou seja, a cidadania tem de assegurar a total e completa transparência e a honestidade do sistema.

AARON RUSSO – Banco central gera inflação e dívida, governo só gera inflação.

(**AR – 52:00**) Porque é que o estado não pode emitir o dinheiro? Com o estado a fazê-lo, poderia haver inflação. Com um banco central a fazê-lo, há inflação e dívida. Depois, discussão sobre inflação do dólar ao longo da história. Durante século XIX, não havia inflação, com o dinheiro a ser suportado por ouro. Após 1913, a inflação tornou-se parabólica.

Fiat estatal – Descrição de um bom papel-moeda.

Critério permanente de valor. Uma boa moeda deve ter um critério permanente de valor, por oposição a um peso de ouro permanente; de tal modo que a unidade monetária compre sempre a mesma quantidade de bens, como medida pelo índice de preços.

Emissão acompanha sempre o fluxo de bens na economia. Outro critério será, um dinheiro cuja emissão acompanhe sempre o fluxo de produção e distribuição de bens numa economia.

WILLIAM SHAW – "A State issued paper money".

«*…a State issued paper money of full face value, guaranteed by a fully covered redemption fund composed of securities, issued automatically, retired automatically, self-regulating, never redundant, never deficient, neutral in its effect on prices but rising equal to any strain upon it' guaranteed against debasement by the State which issues it, and incapable of debasement by the community which purchases and uses* it»

Description of an ideal paper money by Dr. William A. Shaw in his well-known work entitled "The Theory and Principles of Central Banking." – In Owen, Robert L. *National*

Economy and the Banking System. Washington, D.C.: U.S. Government Printing Office, 1939.

O epicentro global de 147 companhias em 2007

147 companhias – O estudo e as suas limitações.

Estudo conduzido por equipa suiça (dados de 2007). Estudo conduzido por três teoristas de sistemas no Swiss Federal Institute of Technology, Zurique.

Análise de poder e relações entre 43.060 companhias transnacionais. A equipa de Zurique que conduziu a investigação recorreu à Orbis 2007, uma base de dados listando 37 milhões de companhias e investidores, à escala global. Seleccionaram todas as 43,060 companhias listadas como transnacionais (TNCs), bem como as participações de capitais entre si (linking them). O estudo toma em consideração participações (ownership) directas e indirectas. Depois, construíram um modelo referenciando quais as companhias que controlam outras, através de redes de capital. Ao mesmo tempo, foram consideradas as receitas de operação destas companhias.

Mapa da estrutura global de poder económico. A partir daqui, foi mapeada a estrutura global de poder económico.

Limitações – estudo centra-se em gestores e intermediários – não em proprietários. O estudo deixa de fora fundos de investimento ("pension plans, corporate 401(k) plans and individual funds"), que gerem triliões em bens para indivíduos e firmas. Como alguém disse, uma lista melhor incluiria os proprietários reais dos bens, e não apenas os gestores e intermediários desses bens (é isso que um banco como Goldman Sachs é).

Artigos. [The network of global corporate control; Revealed – the capitalist network that runs the world; The 147 Companies That Control Everything]

147 companhias – Os núcleos de 1318 e 737.

Núcleo de **1318**.

Núcleo dominante de 1318 companhias. O estudo revela a existência de um núcleo de 1318 companhias com participações cruzadas.

Em média cada qual está ligada a outras 20 companhias. Cada qual das 1318 tinha laços com duas ou mais outras companhias; em média, estavam ligadas a 20.

Controlo directo sobre 20% de receitas globais; indirecto sobre 60%. Estas 1318 companhias representam 20% das receitas globais de operação. Ao mesmo tempo, as 1318 parecem ser as detentores, através de participação de capitais (shares), da maioria das grandes companhias industriais e de serviços no mundo – a economia real – o que representa ainda mais 60% de receitas globais.

Núcleo de **737**.

Sub-núcleo de 737 controla 80% dos rendimentos.

147 companhias – O super-núcleo interno de 147.

Super-núcleo de 147 companhias (-1%). Uma análise mais profunda revela um super-núcleo de 147 companhias ainda mais ligadas entre si.

Incesto total em participações sociais. Todas as participações de cada uma destas companhias eram detidas por outros membros deste núcleo.

Controlo sobre 40% da riqueza. Este núcleo, colectivamente, controla 40% da riqueza total na rede. Ou seja, menos de 1% de companhias tinham a capacidade de controlar 40% da rede inteira.

Instituições financeiras com poder desproporcionado sobre economia global.

Bancos mais influentes – Barclays, Goldman Sachs, JP Morgan, Deutsche Bank, etc. Os bancos mais influentes: Barclays, Goldman Sachs, JPMorgan Chase & Co, Vanguard Group, UBS, Deutsche Bank, Bank of New York Melon Corp, Morgan Stanley, Bank of America Corp, Société Générale

O top 50 das 147 companhias superconectadas. 1. Barclays plc; 2. Capital Group Companies Inc; 3. FMR Corporation; 4. AXA; 5. State Street Corporation; 6. JP Morgan Chase & Co; 7. Legal & General Group plc; 8. Vanguard Group Inc; 9. UBS AG; 10. Merrill Lynch & Co Inc; 11. Wellington Management Co LLP; 12. Deutsche Bank AG; 13. Franklin Resources Inc; 14. Credit Suisse Group; 15. Walton Enterprises LLC; 16. Bank of New York Mellon Corp; 17. Natixis; 18. Goldman Sachs Group Inc; 19. T Rowe Price Group Inc; 20. Legg Mason Inc; 21. Morgan Stanley; 22. Mitsubishi UFJ Financial Group Inc; 23. Northern Trust Corporation; 24. Société Générale; 25. Bank of America Corporation; 26. Lloyds TSB Group plc; 27. Invesco plc; 28. Allianz SE 29. TIAA; 30. Old Mutual Public Limited Company; 31. Aviva plc; 32. Schroders plc; 33. Dodge & Cox; 34. Lehman Brothers Holdings Inc*; 35. Sun Life Financial Inc; 36. Standard Life plc; 37. CNCE; 38. Nomura Holdings Inc; 39. The Depository Trust Company; 40. Massachusetts Mutual Life Insurance; 41. ING Groep NV; 42. Brandes Investment Partners LP; 43. Unicredito Italiano SPA; 44. Deposit Insurance Corporation of Japan; 45. Vereniging Aegon; 46. BNP Paribas; 47. Affiliated Managers Group Inc; 48. Resona Holdings Inc; 49. Capital Group International Inc; 50. China Petrochemical Group Company

OBAMA – Culto de personalidade – Wall Street puppet.

OBAMA – Popularidade quasi-religiosa – Brzezinski, personality cults.

Veneração quasi-religiosa promovida pelos media. Nunca antes na história moderna, um homem foi tão venerado (veneração é o termo, quasi-adoração religiosa) pelos media internacionais (e rotulado de "salvador do planeta", infalível, etc) – este tipo de culto de personalidade só foi visto com os grandes demagogos, Lenin, Stalin, ou Hitler – mas a popularidade caiu depressa, com quebra de promessas, mentiras, etc.

Popularidade decai com mentiras, quebra de promessas, etc. After less than a week in office, Barack Obama's approval rating plunges 15 points

WATT – Bzrezinski, "we'll put presidents in with personality cults, like Obama".

alan watt2 - brzezinski, personality cults (In Bzrezinski's book 'Between Two Ages' he said, eventually we'll put presidents in who shall have personality cults. We shall create massive personality cults for these people, through the same techniques as Hollywood has used. Obama is that man today)

OBAMA – Wall Street puppet – Mentiras contínuas [Vários].

Goldman Sachs, o principal financiador da campanha Obama. O principal financiador da campanha de Obama foi a GS, com perto de 1 milhão de dólares ($981 mil dólares) de contribuições.

Lista de Wall Street na Administração Obama. Timothy Geithner – Hillary Clinton – Henry Kissinger – Paul Adolf Volcker – Richard M. Haass – Alan Greenspan – Richard C. Holbrooke – Zbigniew Brzezinski

CELENTE – "How can people believe politicians, one lie after another".

(***GC – OD, 42:30***) "How can people believe a bunch of politicians?" (***GC – OD, 54:30***) "Esta gente inventa uma mentira após outra!" [tanto pode estar a falar de obama, como de wall st, como do anglo-american establishment]

MEANS – Obama, mentiras e mais mentiras, mudança zero.

(***RM – 1:11:20***) Obama. Mentiras e mais mentiras. Prometeu mudança, e não houve qualquer mudança.

TARPLEY – Obama, o maior mentiroso na história recente.

(***WT – OD, 54:00***) “Genericamente falando, este já é o maior mentiroso na história recente”

TARPLEY – Left and right mean nothing, who are you working for.

(***WT – OD, 04:41***) Left & right mean nothing; are you working for wall st, or are you trying to defend the people against the financiers?

WATT – Obama, por actos, não palavras, mostrou que trabalha contra povo americano.

(***AW – FOTR 1:08:35***) Portanto Obama tornou muito claro pelas suas acções (nevermind his words) para quem é que trabalha. E não é para o povo americano.

OBAMA – Wall Street puppet – “To frustrate and deceive” [Tarpley, Boyle].

Tarpley – Pessoas elegeram Obama para punir Republicanos.

Porém, Obama está lá para frustrar e enganar.

(***WT – OD, 43:00***) As pessoas que votaram em Obama estavam a tentar fazer algo de válido, punir os republicanos. Mas Obama está lá para frustrar todas as esperanças, para vigarizar, para enganar.

Boyle – Com Bush, havia apenas o punho de ferro, Obama é muito mais perigoso.

(***FB – FOTR, 3:43***) Com Bush sabia-se exactamente o que se estava a obter. Havia apenas o punho de ferro. Com Obama não, as coisas são muito mais espertas e subtis. Portanto, Obama é muito mais perigoso.

OBAMA – Wall Street puppet – “1000% devoted to Wall St” [Tarpley, Keiser].

KEISER – Obama, muito obediente a Wall Street, apenas uma continuação de Bush.

(***MK – FOTR 4:05***) Obama é muito obediente aos interesses de Wall Street. Muda leis a favor dos bancos, ajudou-os a continuar aquilo que estavam a fazer sob Bush. É apenas uma continuação de Bush no tema de mercados e finança, que é o assunto mais importante neste momento

TARPLEY – Governo de Wall Street, por Wall Street, para Wall Street.

A mais extrema administração de Wall Street que alguma vez houve.

Tudo o que é parasítico das prévias administrações surge na administração Obama.

Volcker, Summers, criadores dos derivativos, destruidores da Glass-Steagal.

Obama faz tudo com protecção de esquerda, a maior e mais cruel farsa de todas.

Obama é 1000% devotado a Wall Street. Quando Wall Street diz salta, Obama salta.

São 30 a 40 dólares para os bancos, por cada dólar que chega a algo real.

Dão-lhe dinheiro, fraude eleitoral, etc, e este é a marioneta máxima, desde Carter.

(***WT – OD, 12:05***) Quando se olha para as pessoas que Obama colocou nas suas listas de nomeações, é tudo Wall Street. É governo of wall street, by wall street, for wall street. É puro Wall Street. As únicas pessoas que têm uma voz nos conselhos de Obama são Wall Street. É a mais extrema administração de Wall Street que já houve.

(***WT – OD, 32:05***) Tudo o que é especulativo, parasítico, canceroso, inchado, das prévias administrações surge unido na administração obama, com volcker, com summers, que é parte dos crimes económicos sob clinton, quando criou os derivativos e acabou com a protecção legal da Glass-Steagal. ↔ (33:14) Obama faz tudo com protecção de esquerda. Faz as pessoas acreditar que é diferente de Bush, benevolente, que é amigo dos pobres. Na verdade, isto é a maior e mais cruel farsa de todas. Obama é 1000% devotado a Wall Street. Quando Wall Street diz salta, Obama salta. E uma vez mais, são 30 a 40 dólares para os banqueiros, por cada dólar que chega a um desempregado, ou um projecto de construção.

(***WT – OD, 15:10***) A presidência americana é automaticamente um puppet post. A ideia de que Obama se viraria contra os seus donos, os financeiros, não faz qualquer tipo de sentido. (***WT – OD, 16:08***) Dão-lhe dinheiro, fraude eleitoral, media whores, goons. Esta é a marca de uma marioneta. Ele é a marioneta máxima que houve desde Carter.

OBAMA – Wall Street puppet – Wrecking job [Tarpley].

Wrecking crew para destruir Detroit auto industry, acto cínico e criminoso.

(***WT – 45:30***) Uma das coisas mais cínicas e criminosas que a administração Obama fez, foi acabar com a Detroit auto industry. Bloom & Ratner the Rat foram a wrecking crew para este trabalho.

California leads the nation in shanty towns, Obamavilles.

(***WT – 47:35***) California leads the nation in Obamavilles – shanty towns.

OBAMA – Wall Street puppet – Bailouts.

“Emmanuel and Pelosi thank Obama for TARP promotion”. emmanuel & pelosi thank obama for tarp promotion (***OD-1:16:05***)

Obama – “I know it’s unpopular to be helping banks” (com McCain e Lieberman). obama - I know how unpopular it is to be helping banks right now (***OD-11.30***) (com McCain e Lieberman, no senado)

Obama – “To democrats and republicans who have opposed this plan”. obama - promoting the bailout bill (***OD-1:12:28***) “*To democrats and republicans who have opposed this plan, I say, step up to the plate, let's do what's right in time to prevent a catastrophe*”

OBAMA – Estado policial doméstico, agressão externa.

OBAMA – Estado policial, vigilância doméstica, rapto, tortura, guerra.

Sob Obama, repressão interna, militarização civil, raptos, prisão secreta, tortura. As tendências essenciais sob Obama são o fortalecimento da repressão interna e a militarização das instituições civis. Manteve a prática de raptos, prisão secreta, e tortura em países contratados.

Artigos. obama now defends bush wiretaps – obama administration defends bush wiretapping – Tortura iniciada pelos memos de Bush, Cheney, John Woo.

CELENTE – Fake Iraq promises – Tortura noutros países.

celente - obama fake promises on iraq war (“I get in, troops come home!, day one”)

celente - obama, guantanamo, tortura noutros países (They think he signed immediately to close Guantanamo, but they don't know he gets the prisoners to go off to foreign countries to get tortured there)

celente - obama, torture (Obama voted for reinstatement of Patriot Act – he's willing to send people that have been charged with nothing to get tortured, “to get the truth out”)

TARPLEY – Obama is a liar, Iraq War.

tarpley - obama is a liar, iraq war (Obama is notoriously a liar. He promised he would get out of Iraq, at 16 months at some point. We had Samantha Powers telling The Scotsman that he wouldn't be bound by those promises, and sure enough, he isn't bound by those promises)

TARPLEY, CELENTE – Obama não acaba com FISA, reinstala Patriot Act.

tarpley & celente - obama, fisa, patriot act (obama renegou a sua própria promessa de acabar com a FISA – he reinstated the Patriot Act)

OBAMA – Fascism gets a facelift.

PROF GRIFF – “Imperialism and fascism get a facelift – False sense of gratification”.

prof griff - the obama deception, face lift (acessório) (imperialism and fascism needs a facelift, and that has to be black – they want to into Africa, to get all the minerals – they have to galvanize the masses of dark skinned people)

prof. griff - false sense of gratification (acessório) (We get a false sense of gratification because a black man goes into the White House)

OURO – Problemas essenciais do ouro – Gold Exchange Standard

Os problemas essenciais do ouro (1) – Escassez e concentração.

Escassez – Influência deflacionária. Ao longo de toda a história moderna, a influência do Gold Standard tem sido deflacionária, dado que a quantidade de ouro em circulação não acompanha o aumento na disponibilidade de bens e serviços. Logo, quando a disponibilidade de bens e serviços aumenta, a tendência é a de os preços não acompanharem rapidamente essa tendência.

Escassez e concentração (1) – depende do controlo de indústrias mineira e de refinação. O ouro é demasiado escasso, o que se torna um problema grave quando tem a clara desvantagem de poder ser concentrado em muito poucas mãos, como acontece na era do Império Britânico. Desde os primórdios da história humana que os metais preciosos são instrumentos de eleição para uso monetário, o que está obviamente relacionado com a sua dificuldade de extracção e processamento. Em qualquer era, quem controla a indústria mineira e as centrais de refinação controla a moeda, se esta for baseada nestes metais.

Escassez e concentração (2) – O Gold Standard era privilegiado pela alta finança. Que essencialmente monopolizavam a sua distribuição, e o viam como um instrumento útil no estabelecimento de uma economia deflacionária, marcada por escassez artificial.

Está sujeito a flutuações violentas, periodicamente.

Os problemas essenciais do ouro (2) – Ouro britânico causa "The Crime of 73".

Gold Exchange de Londres domina consolidação do sistema fraccional. O ouro (Gold Standard) serviu de base para alicerçar o sistema internacional de reservas fraccionais (a 1:10), sob a dominância da Casa de Rothschild em Londres, que dominava a Gold Exchange de Londres.

The Crime of '73, Cross of Gold – Deflacção – Juros pagos à Grã-Bretanha. Em 1873, a emissão de moeda de prata nos EUA foi limitada e substituída por ouro britânico ("The Crime of 73"), o que forçou a América a pagar $200 milhões anuais de ouro em juros sobre as suas bonds e inspirou o discurso "Cross of Gold" de William Jennings Bryan, que reflecte as condições deflaccionárias da altura, onde as greenbacks sofrem uma perca substancial de valor.

Os problemas essenciais do ouro (3) – Grande Depressão.

Ouro americano transferido para fora dos EUA durante Grande Depressão. Enormes quantidades de ouro são transferidas para fora dos EUA durante a Grande Depressão, quando os credores externos (e isto era qualquer pessoa na posse de dólares) começam a exigir pagamentos destas dívidas/notas.

Ouro – escasso e facilmente confiscável, sob internacionalismo financeiro. O ouro é escasso e facilmente confiscável, num sistema financeiro internacionalizado. Não existe muito ouro e, quando circula livremente entre nações, isso apenas defrauda os contribuintes do país detentor da moeda de reserva. Portanto, não é propriamente um sistema desejável.

As transferências de ouro pioram a Grande Depressão.

Dólares sustentados por ouro têm de ser tirados de circulação. A quantidade de dinheiro que era sustentada pelas reservas de ouro enviadas para fora também tinha de ser anulada, tirada de circulação.

Contracção → recessão → depressão. O resultado – contracção, recessão e depois depressão.

FDR abandona o gold standard. Este foi o problema que forçou FDR a abandonar o gold standard para prevenir um colapso ainda maior.

Gold Exchange Standard – Redistribuição global de ouro.

Bretton Woods estabelece dólar como moeda de reserva para o mundo. O dólar, a moeda forte da altura, tinha sido estabelecido como a moeda de reserva mundial, colocando os EUA no centro do mundo, para o melhor e para o pior. A partir daí, o dólar americano iria ser o instrumento de operação financeira mundial.

Dólares por ouro, a $35/onça – Mecanismo de redistribuição de ouro. Todos os países no mundo podem trocar os seus dólares de papel por ouro a um preço fixo, a $35/onça, ou seja, era um gold gold standard parcial porque alicerçado num dólar de ouro fraccional, de 1/35 onças.

EUA têm 70% do ouro mundial (1948) – GES redistribui-o (1950-1972). Em 1948, os EUA têm cerca de 700 milhões de onças de ouro em reserva, i.e., cerca de 70% do stock de ouro declarado do planeta. Isso levou a uma enorme e destrutiva campanha sobre o ouro americano, que foi rápida e gradualmente transferido para fora do país. Em 1950, as reservas de ouro dos EUA contabilizavam 42% do total mundial mas, em 1972, tinham descido para 8%.

Esterilização de fluxos de ouro com obrigações governamentais. Ao mesmo tempo, após 1946, os fluxos de ouro começam a ser esterilizados. Portanto, quando $1 bilião de ouro era vendido, a NY Fed comprava $1 bilião de Government Securities.

Isto aumenta drasticamente dívida US, leva ao dilema Triffin.

Sob GES, moedas indexadas ao ouro. Num sistema sob gold standard, uma moeda é literalmente suportada por ouro. Sob o GES, pelo contrário, os rácios de câmbio das várias moedas – a maior parte das quais não eram suportadas por ouro – eram determinados pela quantidade de ouro que conseguiam comprar no mercado aberto.

Friedman – Moedas como diferentes nomes para diferentes pesos de ouro. O gold standard internacional deu ao mundo um elevado nível de unidade monetária, onde as moedas eram, como Milton Friedman comentou, apenas nomes diversos para diferentes pesos de ouro.

Dólar e franco suiço indexados a ouro – todas as outras indexadas a dólar. Portanto, o dólar (a par com o franco suiço) fixou-se a ouro, e estas foram as duas únicas moedas a fazê-lo. Todas as outras foram indexadas ao dólar.

Dólar torna-se moeda de reserva para o mundo. Todos os maiores países fixaram as suas moedas ao dólar. O dólar tornou-se a moeda de reserva universal e, como tal, a moeda de escolha para intervenções nos mercados de capitais.

Estabilidade relativa em valores cambiais. Os seus valores eram, portanto, estabelecidos por oferta e procura, o que assegurava alguma estabilidade nos valores cambiais das moedas.

GES, critério minimamente objectivo para valoração monetária. O ouro não era um sistema perfeito mas, ao menos, permitia um grau de objectividade na valoração das moedas e no estabelecimento de relações cambiais.

Privatização em massa e PPPs

Privatização em massa e PPPs – Baralhar e voltar a dar.

Transfere fluxos que iriam para o Tesouro para investidores privados. E daí a *privatização*, que transfere para investidores privados os fluxos de receita que anteriormente iam para tesouros nacionais.

Aumentar lucros pela mera redistribuição de sistemas pré-existentes. Ou seja, é possível aumentar lucros e controlo de mercados sem produzir realmente, tomando apenas conta de sistemas pré-existentes, que continuam a ser pagos pelo público. Redistribuir estruturas pré-construídas.

Aumentar lucros pela exploração redobrada do público. Que pagou a construção do sistema e agora paga pelo serviço prestado.

PPP – Neo-feudalismo, e o regresso às velhas concessões mercantis.

Parcerias público/privadas. Um dos mais insidiosos privilégios regulatórios dos tempos modernos.

Consórcio privado recebe concessão do sector público. Sistema pelo qual grandes consórcios privados adquirem direitos exclusivos de exploração comercial sobre recursos do sector público, como sejam infrastruturas, estradas, serviços públicos, etc.

Condições fiscais e concorrenciais privilegiadas. Isenções fiscais, subsídios, protecção de concorrência (com condições regulatórias de exclusão).

Público paga serviços e manutenção, compensa prejuízos. É assegurado que o sector público compensa prejuízos, preserva infrastruturas, e subsidia todo o esforço, para além do facto de o público contribuinte também pagar pelos serviços.

Consórcio privado limita-se a lucrar a acumular poder neo-feudal.

Reedição das velhas companhias encartadas mercantis.

Servos feudais pagam a barões para serem explorados. Ou seja, os contribuintes são reduzidos à condição de servos feudais, forçados a pagar aos seus senhores feudais pelo privilégio de serem explorados por eles.

PPP – Subsidiação de ineficiência privada – Desempenho medíocre.

PPP limita-se a subsidizar consórcio contratador. A tendência tem sido a de fazer outsourcing de funções governamentais para as tornar mais produtivas. De facto, esta opção meramente subsidiza companhias e organizações privadas, independentemente do seu desempenho.

Desempenho é frequentemente medíocre e cosmético. Muitas vezes este desempenho é mais baixo que o anterior, e os resultados positivos surgem apenas de cortes com despesas e pessoas. O esquema não faz qualquer tipo de sentido, expecto para gestores e proprietários que gerem estes esquemas em troca de camadas de compensações financeiras.

PPP – Forma de transferir poder do estado para um cartel privado.

O estado privatizado corporativo – Fascismo. Ao mesmo tempo, a PPP é o meio por meio do qual estas entidades podem assegurar a aquisição de um estado. Quando um estado privatiza a generalidade dos seus serviços, o que acontece é que passa a ser um empreendimento privado, nas mãos de um cartel ou de um monopólio.

PPP – Exemplo prático de neo-feudalismo – a Serco no UK.

[Serco - Have you heard about the company that runs Britain]

Sistemas militares, MoD. Vigilância aérea e sistemas de controlo aéreo para o MoD. Gestão do Atomic Weapons Establishment (i.e., das ogivas nucleares britânicas). Treino de força aérea (no uso de aparelhos específicos).

Operação de prisões.

Gestão de linhas ferroviárias.

Infrastrutura e intelligence para a UK Border Agency.

Inspecções escolares.

PUJO COMMITTEE (1912) – Concentração por controlo de fluxos de crédito.

Entendimento de cartel entre vários líderes financeiros, através de...

Participação accionista – directorados partilhados – contas conjuntas.

Dominação de bancos, trusts, ferrovias, corporações industriais e de serviço público.

Isto resultou na rápida concentração de controlo de crédito nas mãos destes homens.

O nosso sistema de venda de securities implica um intermediário – os bancos.

Estes bancos têm acesso ao dinheiro alheio em bancos, trusts e seguradoras.

Da mesma forma, controlam fundos industriais e ferroviários.

Logo, controlam fluxos de investimento, e têm práticas nepotistas.

Controlam, através de fluxos de crédito, a generalidade da riqueza dos EUA.

Esta concentração excessiva é perigosa para o futuro da nação.

«*Your committee is satisfied from the proofs submitted ... that there is an established and well defined identity and community of interest between a few leaders of finance, created and held together through stock ownership, interlocking directorates, partnership and joint account transactions, and other forms of domination over banks, trust companies, railroads, and public service and industrial corporations, which has resulted in great and rapidly growing concentration of the control of money and credit in the hands of these few men ....*

Under our system of issuing and distributing corporate securities the investing public does not buy directly from the corporation. The securities travel from the issuing house through middlemen to the investor. It is only the great banks or bankers with access to the mainsprings of the concentrated resources made up of other people's money in the banks, trust companies, and life insurance companies, and with control of the machinery for creating markets and distributing securities, who have had the power to underwrite or guarantee the sale of large-scale security issues. The men who through their control over the funds of our railroad and industrial companies are able to direct where such funds shall be kept, and thus to create these great reservoirs of the people's money are the ones who are in position to tap those reservoirs for the ventures in which they are interested and to prevent their being tapped for purposes which they do not approve…

When we consider, also, in this connection that into these reservoirs of money and credit there flow a large part of the reserves of the banks of the country, that they are

also the agents and correspondents of the out-of-town banks in the loaning of their surplus funds in the only public money market of the country, and that a small group of men and their partners and associates have now further strengthened their hold upon the resources of these institutions by acquiring large stock holdings therein, by representation on their boards and through valuable patronage, we begin to realize something of the extent to which this practical and effective domination and control over many of our greatest financial, railroad and industrial corporations has developed, largely within the past five years, and that it is fraught with peril to the welfare of the country»

Final Report from the Pujo Committee, February 28, 1913, pp. 129-130 [Report of the Committee Appointed Pursuant to House Resolutions 429 and 504 to Investigate the Concentration of Control of Money and Credit]

Pós-modernismo, um mundo em fragmentação [várias notas].

A fábrica fecha, o casino abre.

Contracção e Convergência. O mundo actual é o mundo pós-moderno e pós-industrial – pós-desenvolvimento. O mundo C&C, “contracção e convergência”, para usar um lema repetido *ad infinitum* em *millieus* devotados a “desenvolvimento sustentável” (ONU et al). C&C significa que os membros mais “ricos” da aldeia global abdicam das suas veleidades materiais, i.e., contraem, e convergem com os membros mais pobres numa feliz, muito pobre, muito pouco dignificada aldeia global.

A fábrica é fechada e substituída por um casino, bairros sociais, sexshops, smarthops. “Sociedade pós-moderna” é, por outras palavras, um eufemismo académico para neo-feudalismo. Em termos figurativos, o mundo pós-moderno é aquele sítio onde a fábrica é fechada, impiedosamente demolida e as comissões de liquidação são usadas para alimentar apostas derivativas na bolsa. E, no solo onde antes existia uma fábrica existe agora um pequeno casino, rodeado de terra queimada, bairros sociais, sexshops, traficantes de narcóticos (em pequenas smartshops, onde passam narcóticos a menores de idade).

Produção é kitsch, substituída por bens virtuais.

Papel especulativo, entretenimento, ideologias sintéticas, capital humano sintético. É o mundo onde a produção de bens reais – produtos industriais, bens alimentares, infraestrutura –, passam a ser actividades rudes e desinteressantes, algo de kitsch, e são substituídas pela mais glamourosa reciclagem de bens virtuais – papel especulativo, entretenimento, ideologias sintéticas, capital humano sintético.

Construir uma fábrica é imoral, a não ser que seja na China. É o mundo onde construir uma fábrica é algo essencialmente “imoral”, já que Gaia, a mãe Terra, pode aparentemente ser magoada. Mas é claro que Gaia já não se importa, se essa fábrica for

construída num país muito distante, onde não existem quaisquer regulações ecológicas, e no qual a mão-de-obra é composta de escravos que vieram a este mundo para viver vidas proverbialmente difíceis, brutas e curtas.

Terrorismo económico e civil, doméstico e no estrangeiro.

Terrorismo económico e securitização (terrorismo civil). O mundo pós-moderno é um mundo onde tudo o que se move pode ser financializado e securitizado, em prol de algumas casas de investimento. Quando essas casas destroem a economia na roleta deliberadamente desregulada do casino, isso nunca é tratado como aquilo que objectivamente é – terrorismo financeiro. Entretanto, enquanto a economia é sujeita a esse reino de terror, temos uma guerra contra o terror, envolvendo invasões e golpes de estado em terras distantes (como forma de saquear os recursos dessas terras distantes e usá-los para colateralizar bolhas de derivativos), e a securitização geral das sociedades ocidentais – sob a ideia de "combater extremismo e terrorismo".

Usar radicais e jihadis para destruir Médio Oriente, instaurar Fascismo. Extremistas e terroristas são maus, muito maus. Porém, há situações onde são bons. Na Líbia são bons, portanto é legítimo que recebam assistência externa para destruir o país. Da mesma forma, é legítimo que adquiram o Tesouro e as armas do antigo regime, e usem estes meios para exportar a sua própria bondade terrorista. Mas, se o fizerem no Mali, já voltam a ser maus. Na Síria, os terroristas também são bons. São treinados e coordenados por forças especiais de países NATO, e recebem jihadis, fundos e armas dos "bons" estados do Golfo. Os "bons" estados do Golfo, por enquanto, são bons. Chegará o dia em que serão maus. Nestes jogos de roleta russa, não existe nenhuma câmara vazia, e todos são forçados a jogar. É só uma questão de *timing*. Os terroristas sírios são bons, excepto quando atravessam as planícies de Deir El-Zaur e entram no Iraque; aí, tornam-se insurgentes. É a situação inversa do panorama no eixo AfPak. Os terroristas afegãos são maus quando estão no Afeganistão, mas parecem ter os seus méritos quando vão atacar alvos no Paquistão. E às vezes a situação varia, às vezes é preciso enviar drones Predator para atacar alvos afegãos dentro do Paquistão. Os resultados de tudo isto são uma boa velha limpeza étnica de *pashtun* (o real alvo de tudo isto) e pressões contínuas para a fragmentação gradual dos dois países em mini-estados étnicos sob conflito permanente. Mas a BP e a Exxon estarão lá, a gerir dois ou três desses mini-estados. Mini-estados são bons, porque são privatizados para o saque de recursos, e podem ser controlados sob o modelo clássico do fascismo corporativo: a aliança entre finança internacional, radicais e militares.

Estado-nação, democracia e classe média também são kitsch.

Têm de ser substituídos por utopianismo supranacional e autoritarismo tecnocrático. O mundo pós-moderno é também o mundo onde foi quase totalmente abandonado o ideal

Renascentista do estado-nação. Esta é a ideia de um espaço soberano, parlamentar-democrático e economicamente protegido, no qual as prioridades são desenvolvimento económico e a melhoria contínua do nível de vida da população. Este ideal foi acalentado por muitos dos nossos antepassados, pessoas que tiveram de sofrer no mundo real de uma Europa que era feudal e internacionalista. Hoje em dia, esses sofrimentos foram esquecidos no intervalo do horário nobre. O ideal Renascentista do estado-nação tornou-se tão kitsch como a ideia de produção, e tão passé como a ideia de classe média independente. É gradualmente abandonado e substituído por quimeras pós-modernas: utopianismo supranacional e autoritarismo tecnocrático. Mas mais do que quimeras pós-modernas, estes conceitos são fantasmas do passado, que impedem o que poderia ser o presente e comprometem o futuro.

Da crise económica a Fascismo corporativo.

Expansão global do buraco negro de derivativos. Este mundo pós-moderno é, portanto, um mundo plenamente internacional, no qual um conjunto de oligarcas financeiros podem impor a expansão global de um buraco negro de papel tóxico derivativo. Depois, podem declarar que a expansão desse buraco negro é mais importante que a sobrevivência de indivíduos e de nações.

Reedição parcial dos anos 20 e 30 – a demagogia anti-humana aqui envolvida. Mas isto não é inteiramente novo. Em vários sentidos, é uma reedição bastante aproximada do pesadelo monetarista que caracterizou as décadas de 20 e 30. Até os slogans são os mesmo que nessa altura: "sacrifício", "responsabilidade", "austeridade". "Somos todos culpados": ou seja, a ideia falsa e demagógica de que a família média é tão ou mais culpada pela crise do que os "jovens génios" de Zurique e Hong Kong, e deve pagar as irreparáveis despesas da crise – na prática, a expansão ininterrupta de todo este apocalíptico buraco negro de derivativos tóxicos que foi conjurado pelos bancos durante as últimas décadas.

Culpar a vítima, com "crise de dívida soberana". Hoje, como nos anos 20/30, esta inversão de termos (culpar a vítima, um fenómeno típico em sociopatia) é alcançada pela transformação retórica da crise bancária na "crise da dívida soberana". Nos anos 20/30 como nas décadas recentes, os estados foram incompetentes o suficiente para investir nestes activos tóxicos, e os níveis actuais de investimento foram agravados por meio das "ajudas" e "estímulos" de 2007-2012. Portanto, tal como nos anos 30, os bancos podem deixar de acertar contas entre si, e em vez disso exigir a resolução das dívidas nacionais através de programas de austeridade, privatização, desmantelamento. Os estados nacionais são suficientemente incompetentes para aceitar esses termos – a vítima é culpada, e guiada para o seu próprio sacrifício ritual.

"Todos no mesmo barco", "comunidade", precede "credere, obbedire, combattere".

…e "über alles in der Welt". Hoje, tal como nos anos 20/30, ouvimos o tenebroso e comunitário, "estamos todos no mesmo barco; temos todos de remar para o mesmo lado". Há três gerações atrás, todo este tipo de demagogia veio a atingir o seu desfecho óbvio em «credere, obbedire, combattere». A Europa tinha então sido tornada numa selva neo-darwinista. Em tais ambientes, é inevitável que, mais cedo ou mais tarde, alguns se declarem "über alles in der Welt", e ajam de acordo com alguma nova e sintética Reichsidee. No passado, isto levou a Rassenhygiene, Blitzkrieg, terrorismo de estado e, eventualmente, genocídio.

Fascismo europeu, o "stumme schrei" da alta finança.

A fórmula do Fascismo: banqueiros, militares, radicais e gangsters de rua. O Fascismo europeu foi o brechtiano "stumme schrei" de vitória da alta finança. Fascismo, ou corporatismo, é a fórmula pela qual um conjunto de grandes consórcios atinge pleno controlo sobre a sociedade, e depois entrega o poder sócio-político a fanáticos, jovens irracionalistas, gangsters, polícia militarizada, que têm a função de aterrorizar e conter os activos humanos, a população. É, nada mais, nada menos, que uma adaptação modernizada dos velhos sistemas de gestão colonial.

A solução para a depressão é a América do New Deal, não a França de Laval.

FDR vence três guerras.

Glass Steagall Act, o modelo para travar papel especulativo. Nesta altura, houve um providencial Franklin Roosevelt, que venceu três grandes guerras. A primeira foi contra a alta finança, quando Roosevelt passou a legislação-modelo para proibir torrentes predatórias de papel especulativo (Glass Steagall Act).

A ideia de produção, para resolver uma depressão. A segunda, foi contra pessimismo civilizacional e subdesenvolvimento, quando mostrou como desenvolver um país em depressão.

Guerra em dois oceanos – motor para Aliados, URSS [Lend Lease]. E a terceira foi, claro, a guerra contra o Fascismo. Em 1932, a América era um destroço à mercê dos especuladores e monetaristas de Wall Street. Poucos anos depois, era uma potência revitalizada. É raramente relembrado, ou sequer ensinado, que foi a América do New Deal que teve a capacidade de melhorar o nível de vida da sua população enquanto sustinha uma guerra em dois oceanos e equipava todos os seus aliados. Neste último ponto, destaque-se a maior ponte de abastecimento alguma vez organizada na História humana, o Lend-Lease à decrépita e exausta União Soviética, com biliões de toneladas em equipamento militar, infraestrutural (e.g. fábricas inteiras, por peças; ferrovias), alimentos, combustível, têxteis, ouro – num valor total de biliões de dólares (nunca pagos de volta). [ver notas sobre ***URSS, Lend Lease***]

América do New Deal é o modelo a seguir, não a Inglaterra do Cliveden Set. A América do New Deal está morta e enterrada desde a década de 70. Mas é o modelo com o qual temos de aprender, se queremos que exista um futuro para a civilização humana. Hoje, enquanto civilização, estamos imersos na ineptidão de Chamberlain, na duplicidade do Cliveden Set, e na ausência de carácter de Pierre Laval. Precisamos, portanto, das ideias e do vigor de Franklin Roosevelt.

Notas adicionais – Passado, futuro, presente – Dante – "The Future".

Passado, futuro, presente. O decurso dos eventos humanos está repleto de paralelos e lições, e merece ser estudado e compreendido, se queremos saber de onde viemos, e para onde *vamos*. Há que aprender com o passado e trabalhar por um futuro íntegro, independentemente das contingências do presente. Com a assistência do Criador e em nome das gerações futuras, daqueles que ainda são pequenos e daqueles que ainda em sequer nasceram; e que não merecem viver num mundo mau conjurado por adultos infantis, irresponsáveis e voluntariamente ignorantes – o mundo que, objectivamente, estamos a criar.

Dante, In exitu Israel de Aegypto. O grande poeta Dante Alighieri olharia para o nosso mundo pós-moderno e, ao reconhecer os reflexos humanos e sociais da sua própria Itália feudal, lamentaria o destino desta "gente dolorosa que perdeu o bem do intelecto". Avisaria, solenemente, "deixai para trás toda a esperança, vós que entrais". Afirmaria, com toda a razão que, círculo após círculo, estamos a decair num Inferno de nossa própria conjuração; e que já estamos nesses mais fatídicos dos círculos, Violência, Fraude e Traição. Dir-nos-ia que o fundo do abismo é isso mesmo, o fundo do abismo. Que não há nada de encantador, ou de promissor, em tal utopia. Mas Dante também nos diria que "aqui, é preciso abandonar toda a cobardia", e explicar-nos-ia que é possível sair do Inferno, apontando-nos o caminho para aquele ponto do Purgatorio onde se canta "In exitu Israel de Aegypto". E, calmamente, reiteraria aquelas antigas verdades – que o percurso exige sacrifício e regeneração individual. É assim que Israel sai do Egipto. Para almejar um mundo melhor, o indivíduo tem antes de cultivar esse mundo melhor em si mesmo. Tem de limpar-se daquilo que o bestializa; tem de se regenerar. E tem de pugnar sempre, em todas as instâncias, por aquilo que é bom, justo e válido; independentemente das contingências. É um esforço pessoal, e exige sempre sacrifício. É impossível produzir algo de bom na ausência de esforço e de sacrifício.

"The Future" – I've seen the future baby, it is murder – Repent. Neste ponto, faz sentido mencionar "The Future", a famosa canção de Leonard Cohen. A certo ponto, o narrador acusa um público apático pela sua própria passividade perante o horror do mundo: "destroy another fetus now – we don't like children anyhow – I've seen the future baby, it is murder". Vale bem a pena ouvir essa canção com atenção; o futuro está, muito literalmente, nessa canção. Mas a solução também está lá: "repent", como nos diz "the little Jew who wrote the Bible", que também nos lembra que, não obstante todas as nossas racionalizações e pretextos, "love's the only engine of survival". Por amor, o

autor não está obviamente a referir-se a promiscuidade hippie, ou a sensacionalismo colectivo new age, mas sim a amor verdadeiro – afinal de contas, o narrador é “the little Jew who wrote the Bibble”.

QUIGLEY – O poder e a organização da alta finança – Wall Street.

QUIGLEY – O poder dos banqueiros de investimento.

Directores dos bancos centrais, técnicos e agentes dos banqueiros mercantis.

Banqueiros mercantis (ou de investimento) dominam finança internacional.

Dominância baseada em controlo de crédito e de sistemas financeiros e industriais.

"Men who pulled off successful financial coups, kept their word, remained cool in crisis, shared winning opportunities with their associates".

[**Edit**] «*It must not be felt that these heads of the world's chief central banks were themselves substantive powers in world finance. They were not. Rather, they were the technicians and agents of the dominant investment bankers of their own countries, who had raised them up and were perfectly capable of throwing them down. The substantive financial powers of the world were in the hands of these investment bankers (also called 'international' or 'merchant' bankers)… This dominance… was based on their control over the flows of credit and investment funds in their own countries and throughout the world. They could dominate the financial and industrial systems of their own countries… they could dominate governments by their own control over current government loans and the play of the international exchanges. Almost all of this power was exercised by the personal influence and prestige of men who had demonstrated their ability in the past to bring off successful financial coups, to keep their word, to remain cool in a crisis, and to share their winning opportunities with their associates*» (p. 245)

[**Original**] **«***The substantive financial powers of the world were in the hands of these investment bankers (also called "international" or "merchant" bankers) who remained largely behind the scenes in their own unincorporated private banks. These formed a system of international cooperation and national dominance which was more private, more powerful, and more secret than that of their agents in the central banks. This dominance of investment bankers was based on their control over the flows of credit and investment funds in their own countries and throughout the world. They could dominate the financial and industrial systems of their own countries by their influence over the flow of current funds through bank loans, the discount rate, and the re-discounting of commercial debts; they could dominate governments by their control over current government loans and the play of the international exchanges. (…) Almost all of this power was exercised by the personal influence and prestige of men who had demonstrated their ability in the past to bring off successful financial coups, to keep their word, to remain cool in a crisis, and to share their winning opportunities with*

their associates» Carroll Quigley (1966), Tragedy and Hope: A History of the World in Our Time.

QUIGLEY – Bancos centrais, mercantis, comerciais, e instituições laterais.

Banco central rodeado por firmas de investimento privadas, que o dominam.

Savings banks, seguradoras, trust companies – úteis para mobilizar fundos do público.

[**Edit**] «*In most countries the central bank was surrounded closely by the almost invisible private investment banking firms… which they, in fact, often dominated… In a secondary position, outside the central core, are the commercial banks… Outside this secondary ring is a third, more peripheral, assemblage of institutions that have little financial power but do have the very significant function of mobilizing funds from the public. This includes a wide variety of savings banks, insurance firms, and trust companies*» (p. 55) Carroll Quigley (1966), Tragedy and Hope: A History of the World in Our Time.

Quigley – Wall Street veio a controlar o governo federal.

Wall Street [American Establishment] veio a controlar o governo federal.

«*[Because] ... of the great influence of this "Wall Street" alignment, an influence great enough to merit the name of the "American Establishment," this group could ... control the Federal government…*» Carroll Quigley (1966). Tragedy and Hope: A History of the World in our Time.

Quigley – Wall Street apoia IRS, heranças – Fundações e o seu poder.

Wall Street [American Establishment] veio a controlar o governo federal.

Entre as medidas aprovadas, leis de taxação [IRS] e herança.

Estas leis levam as fortunas de Wall Street para fundações isentas de impostos.

Estas fundações tornam-se um nexo vital na rede Wall Street, Ivy League, governo.

«*[Because] ... of the great influence of this "Wall Street" alignment, an influence great enough to merit the name of the "American Establishment," this group could... control the Federal government and, in consequence, had to adjust to a good many government actions... [which they had secretly supported]. The chief of these were in taxation law, beginning with the graduated income tax in 1913, but culminating, above all else, in the inheritance tax. These tax laws drove the great private fortunes dominated by Wall Street into tax-exempt foundations, which became a major link in the Establishment*

network between Wall Street, the Ivy League, and the Federal government» Carroll Quigley (1966). Tragedy and Hope: A History of the World in our Time.

Race to the Bottom

Desindustrialização, inflação levam a queda gradual do nível de vida ocidental.

Quebra contínua e assegurada do nível de vida nos países ocidentais.

RELATÓRIO 1992 – Nível de vida médio US – Famílias têm de trabalhar mais.

A família média americana mantém nível de vida graças a mais horas de trabalho.

Essencialmente, porque existem mais mulheres a trabalhar.

Poder de compra familiar estável – mas com duas pessoas a trabalhar, não uma.

«*The average US household has maintained its living standard largely because families are working more hours. Millions of women entered the work force in the past 25 years. In 1970, about 21 million women worked full time. Now that figure is over 36 million. That has helped to keep family buying power fairly stable. But for many families, it now represents the labor of two earners rather than one*» "Has Our Living Standard Stalled?" Consumer Reports, June, 1992, p. 392.

Nível de vida diminui progressivamente. O nível de vida médio cai progressivamente, a quantidade de tempo livre diminui.

Poupanças – Poder de compra – Endividamento e falência. O nível de poupanças diminui, o poder de compra per capita decai, com a percentagem de pessoas que compram casa a diminuir. As taxas de endividamento e falência aumentam, quer aos níveis familiar como empresarial.

Erosão da classe média, aumento da pobreza. O número de famílias contabilizáveis entre a classe média cai e o número de pessoas que vivem abaixo do nível oficial de pobreza aumenta.

Desemprego, precariedade e dependência social aumentam. O resultado, claro, é desemprego e precariedade, e o aumento do peso sobre os sistemas de Segurança Social, o que ainda aumenta mais o peso sobre o sistema, e encaminha-o a direcção do colapso.

Despesas sociais sobrecarregadas → mais dívida nacional.

Race to the bottom – Subprodução.

Níveis globais de subprodução expressam o peso da alta finança. A diferença entre os níveis actuais de produção e o que seria possível produzir no futuro representa o custo de manter as instituições financeiras actuais.

Race to the bottom – “O plateau intermédio”.

<u>**Interdependência** significa um “plateau intermédio”, um denominador comum</u>. Ou seja, transferência de riqueza e capacidade produtiva, das nações previamente industrializadas para nações subdesenvolvidas. A ideia é atingir um mesmo denominador comum “apropriado”, com as primeiras a decaírem drasticamente e as segundas a melhorarem apenas um pouco.

<u>Globalização – **Redistribuição** global de produção, por oposição a **geração**</u>. Por oposição a geração global de produção. O mote não foi desenvolver o estado-nação subdesenvolvido, mas sim em desindustrializar os países desenvolvidos e em redistribuir capacidades produtivas pelo mundo fora, sem crescimento produtivo efectivo.

<u>Países desenvolvidos tornam-se subdesenvolvidos – “Pós-industriais”</u>. Os países desenvolvidos perdem o seu garante de desenvolvimento, que é a sua capacidade industrial e produtiva.

“Competir com a China”. A única forma de competir com a China, é tornar-se igual à China. E isso significa um estado policial e campos de trabalho forçado.

<u>Países subdesenvolvidos continuam a ser subdesenvolvidos, e dependentes</u>.

Race to the bottom – Corrida para o fundo, globalmente.

<u>Global</u>. Começa a race to the bottom, de Charles Galton Darwin, envolvendo todos os países do regime económico global.

<u>Estagnação económica, subprodução</u>. Os níveis de produção tornam-se progressivamente mais baixos e miseráveis, com sequelas sócio-económicas catastróficas.

<u>Austeridade, desemprego em massa, quebra contínua de níveis de vida</u>. Marcada por austeridade e quebra contínua dos níveis de vida.

<u>Migrações em massa – Ex. de África e América Latina</u>. Isto já está a acontecer com populações de 3º mundo, com a destruição económica reinante a conduzir a migração em massa para o hemisfério norte. Estas pessoas, vindas de meios onde a miséria e o desespero social reinam, esperam usufruir de sistemas de segurança social em colapso, na Europa e EUA. O que vem complicar ainda mais a situação.

<u>Comparável ao programa maoísta de competição inter-comunas</u>. O processo é comparável à competição inter-comunas que os maoístas incentivaram, antes da Revolução Cultural.

Devasta economia e sociedade, oferece poder inaudito a autoridades. Devastou economicamente o país, mas permitiu que o estado assumisse um poder inaudito sobre toda a sociedade e sobre toda a economia.

Na nova situação global, autoridades são agências globais e mega-consórcios. Nesta nova situação, global, o estado é representado por agências globais que trabalham de mãos dadas com os grandes bancos e com as suas companhias multinacionais.

ROTHSCHILD (1863) – “The few who can understand the system…”

Lord Rothschild, “The few who can understand the system…”

O sistema é dinheiro de cheques e créditos.

Os poucos que o conseguem compreender dependerão dele e não se oporão.

A grande massa do povo é mentalmente incapaz de compreendê-lo.

Vai carregar os seus fardos sem queixa, e talvez sem suspeita de que o sistema é seu inimigo.

«*The few who can understand the system (check money and credits) will either be so interested in its profits, or so dependent on its favors, that there will be no opposition from that class, while on the other hand, the great body of the people mentally incapable of comprehending the tremendous advantage that capital derives from the system, will bear its burdens without complaint, and perhaps without even suspecting that the system is inimical to their interests*»

Lord Rothschild, June 25, 1863.

Excerpted from a letter written by the Rothschild Bros. of London, England, to an associate New York banking firm. *In* Owen, Robert L. National Economy and the Banking System. Washington, D.C.: U.S. Government Printing Office, 1939.

Russell Means – VIDEO.

RUSSEL MEANS – POW 44 – Sistema financeiro – Financial mythology.

POW Camp 44 – Sem qualquer protecção constitucional – EUA no mesmo barco.

(***RM – 1:50***) Apresenta-se. Pinewood Reservation, POW Camp 44. Na reserva não temos qualquer tipo de protecção constitucional; não há privacidade, liberdade de expressão, etc. Vocês americanos estão no mesmo barco.

Controlo do sistema monetário.

História do índio e história do americano fizeram círculo completo, interligaram-se.

(***RM – 8:05***) O povo nunca deveria tolerar que o dinheiro fosse emitido por outros, como diz na Constituição. Portanto, a história do índio e a história do americano fizeram o círculo completo, e tornaram-se interligadas nas mãos ditatoriais dos que controlam o sistema monetário da América.

Reserva, pessoas, emissões de carbono – transaccionados em bolsa.

(***RM – 1:30:00***) A reserva, toda a gente nela, as suas emissões de carbono, etc – todos estes aspectos são empacotados, reempacotados, e vendidos na bolsa.

Eles criam mitologia financeira e vocês toleram, são os culpados.

(***RM – 13:50***) "*...And they start creating financial mythology, and you allow it. That's the crime. You have no one to blame but yourself. If you can't move to protect yourselves, then guess what happens? Look around you*"

SCHULZE-GAEVERNITZ – Marx e Saint-Simon concretizados pelos bancos.

Schulze-Gaevernitz, admirador do imperialismo alemão, diz, e Lenin concorda.

"Concentração é óptima, o sonho de Saint-Simon e Marx".

"Capital monetário é concentrado nos bancos, e os bancos concentrados em cartéis".

"O capital de investimento da nação na forma de securities".

"Aí, a previsão do génio Saint-Simon será realizada".

"Organização na produção, comités centrais, harmonia entre produção e consumo".

"Os bancos podem cumprir esta função".

"We are on the way towards it: Marxism, only a bit different".

«*Once the supreme management of the German banks has been entrusted to the hands of a dozen persons, their activity is even today more significant for the public good than that of the majority of the Ministers of State… If we conceive of the development of those tendencies which we have noted carried to their logical conclusion we will have: the money capital of the nation united in the banks; the banks themselves combined into cartels; the investment capital of the nation cast in the shape of securities. Then the forecast of that genius Saint-Simon will be fulfilled; "The present anarchy of production, which corresponds to the fact that economic relations are developing without uniform regulation, must make way for organization in production. Production will no longer be directed by isolated manufacturers, independent of each other and ignorant of man's economic needs; that will be done by a certain public institution. A central committee of management, being able to survey the large field of social economy from a more elevated point of view, will regulate it for the benefit of the whole of society, will put the means of production into suitable hands, and above all will take care that there be constant harmony between production and consumption. Institutions already exist which have assumed as part of their functions a certain organization of economic labour: the banks." We are still a long way from the fulfilment of Saint-Simon's forecast, but we are on the way towards it: Marxism, different from what Marx imagined, but different only in form*» [*Grundriss der Sozialôkonomik, p. 146.*] Cit. in Vladimir Illyich Lenin (1916), "*Imperialism, The Highest Stage of Capitalism*".

Seignoriage, hiperinflação, colapso – VÍDEO.

Seignoriage, dumping e hiperinflação – As consequências de um colapso [VÍDEO].

PCR – EUA a refinanciar dívida com fiat.

(**PCR**) Reciclagem do dólar. Já não há dólares suficientes, na forma de trade surplus, para refinanciar a dívida americana. Aí, terá (tem) de haver recurso a auto-financiamento, na forma de criação de fiat. Também existe a opção de, num stock market crash, muito do capital investido, em fuga do mercado, ser aplicado em T-bonds.

MEANS – Fed a emitir dinheiro para comprar os seus próprios títulos, suicídio.

(**RM – 9:50**) E agora a Fed está a emitir dinheiro quando ninguém compra os instrumentos financeiros dos EUA. Portanto, a Fed está a comprar esses títulos com o seu próprio dinheiro – é absolutamente suicídio.

KEISER – Nível de dívidas agora quase infinito, 50 a 100x mais que PIB.

Isso levará a emissão de mais dinheiro, inflação, e talvez hiperinflação.

(***MK – FOTR, 50:22***) O nível de dívidas é agora quase infinito, por relação ao PIB global – entre 50 a 100 vezes mais. (***MK – FOTR, 49:00***) Isso vai levar à necessidade de criar mais dinheiro e, at some point the dam will break and you're gonna have very high inflation, some predict, hyperinflation.

CELENTE – Não se pode criar imenso dinheiro do nada, sem destruir economia.

(***GC – FOTR, 49:07***) Não se pode criar imenso dinheiro partir do ar, alicerçado em nada, que não produz nada, sem destruir a economia mundial.

TARPLEY – Dumping massivo do dólar, por potências estrangeiras, dá hiperinflação.

Quando o dólar começar a ir, não há nada para o parar – talvez pânico e hiperinflação.

(***WT – FOTR, 20:45***) Dumping massivo do dólar, resultando em hiperinflação. Japoneses, chineses, europeus, sauditas, todos vão fazer dumping do dólar ao mesmo tempo, provocando hiperinflação.

(***WT – FOTR, 20:45***) Quando o dólar começar a ir, não há nada para o parar. Probabilidade de um pânico do dólar, combinado com hiperinflação.

TARPLEY – $4Q per year of derivatives, a black hole.

Not enough liquidity in the world… $27T, none of this is enough.

What this does do, is to push the system towards hyperinflation.

(***WT3a – 18:20***) The buying and selling of these derivatives, which has now reached 4Q dollars per year. So, 4000T dollars of buying and selling derivatives. This mass of derivatives represents a black hole. There's not enough liquidity in the world, there never could be, enough money to satisfy the demands of 4Q of trading derivatives. So, all of this stuff, QE1, QE2, QE3, we've had a trillion dollars from the Treasury, 3.3T from the Fed, a credit line of 24T, none of this is enough, but what this does do, is it pushes the system towards hyperinflation. That's where we seem to be headed right now.

<u>TARPLEY – If the US defaults, central banks and credit markets will collapse</u>.

<u>Mass chaos and the threat of hundreds of millions of deaths</u>.

(**WT3a – 19:20**) Let's see what would happen if the US defaults. It works through a system of private central banks, and zombie banks – bankrupt institutions, hedge fund hyenas, and so on. If you have a default by the US Treasury, it will mean for example that Treasury bills (bonds, notes) will all go down in price, and the interest rates will go up. That will mean that every central bank in the world will find it's reserves, held in T-bills, devalued. Some of them will default. We have to think of the possibility of panic runs (by the private shareholders): on the Bank of England, the Fed, the BIS, the IMF. The other thing it will do is simply to collapse credit markets all around the world. You're going to wake up to mass chaos and the threat of hundreds of millions of deaths.

SIMON LINNETT – Austeridade – Genocídio – GEF – Carbon standard.

Simon Linnett.

Rothschild Bank. Simon Linnett, Vice Chairman Executivo do Rothschild Bank.

Privatizações, PPPs. Lidera projectos de privatização e PPP do Banco durante 25 anos.

Lobbying para cap and trade. Nos 10 anos que conduzem ao paper, foi um lobbyista para o sistema de cap and trade, junto do governo britânico e da Comissão Europeia.

Simon Linnett – As ameaças de Linnett, à "little people".

"Long, loud and legal" – Cap-and-trade, programa duradouro, autoritário e legalístico. «*Governments must establish this legislative system on a "Triple L" programme – "Long, Loud and Legal": Long: it is going to be around for a long time; Loud: it will be the dominant mechanism for sponsoring changes in behaviour and we are going to make this perfectly clear to the world's people; and Legal: we will enforce it through law*»

Linnett ameaça electricidade incrivelmente cara.

"Individuals will gain a new appreciation of their burden on the broader world". «*As emissions trading expands so will its message. It could be envisaged that, across the world, each individual will come to know, when the bill comes in, exactly what the cost of turning on the gas or a light was to the environment. Perhaps individuals will gain a new appreciation of their burden on the broader world*» Simon Linnett (2008). SMF Foresight: Trading Emissions, Full Global Potential. The Social Market Foundation.

Simon Linnett – Carbono, moeda de reserva do mundo.

Carbono, a moeda de reserva do mundo. Linnett propõe que o carbono se torne a moeda de reserva do mundo, ou seja, temos «*...the prospect that these allowances become the reserve currency of the world, taking over that role held for most of the 20th century by gold*» Simon Linnett (2008). SMF Foresight: Trading Emissions, Full Global Potential. The Social Market Foundation.

Simon Linnett – Cap and trade global – "World Environment Agency" [GEF].

Sistema global de troca e alocação de emissões.

Tectos de emissões sobre CO2 e outros gases. Estabelecer limites de emissões, não apenas sobre CO2 mas também sobre toda uma série de outros gases.

Alocação de permissões por nações-membro, indústrias. Alocar permissões pelas nações membro e em sectores industriais, pelos países participantes.

UE conduz processo – European Carbon Bank abre caminho para GEF. UE conduz o processo para a globalização do esquema. Primeiro criar um European Carbon Bank, e depois avançar para um congénere global.

GEF – Banco e agência ambiental – global. A GEF é um banco global, mas também uma agência ambiental.

Nações e regiões cedem soberania – Constituição global – "Nova ordem". O estado-nação tem de renunciar à sua soberania. Tal como os estados-membro da UE subordinaram a sua soberania à UE, a UE vai subordinar a sua própria soberania a um corpo global, o mesmo acontecendo com os restantes blocos regionais. «*...we might be at the beginning of a new world constitution and a new world order*»

"A new world order for a sustainable planet". «*So emissions trading could establish a new world order for a sustainable planet*»

Londres, a capital do mundo. Londres, claro, é escolhida para ser a capital do mundo, é lá que ficará esta World Environment Agency.

Simon Linnett (2008). SMF Foresight: Trading Emissions, Full Global Potential. The Social Market Foundation.

Simon Linnett – Genocídio maltusiano.

Sistema global de troca e alocação de emissões.

Tectos de emissões sobre CO2 e outros gases. Estabelecer limites de emissões, não apenas sobre CO2 mas também sobre toda uma série de outros gases.

Alocação de permissões por nações-membro, indústrias. Alocar permissões pelas nações membro e em sectores industriais, pelos países participantes.

Alocações nacionais indexadas a população – genocídio contabilístico maltusiano.

Cortar emissões significa cortar população – relação directa. Para definir alocações nacionais, Linnett quer que o critério seja população, ou seja, cada país pode emitir de uma forma proporcional à sua população. A ideia é a de encorajar cada país a cortar emissões o máximo possível, o que também significa cortar níveis populacionais ao máximo possível.

Neste ponto, Linnett oferece China como um exemplo brilhante.

“System could act as a serious restraint on population growth”. «*...this system whose size of allocations are based on population could act as a serious restraint on population growth...*»

Simon Linnett (2008). SMF Foresight: Trading Emissions, Full Global Potential. The Social Market Foundation.

SOROS – Pró-regulação – Guerra de classes.

George Soros é agora pró-regulação. A estrela dos mercados desregulados, este anjo exterminador de caos financeiro e colapso económico, afirma-se agora pela regulação do mercado.

Mas regulação apenas significa mais dinheiro para os bancos.

George Soros – Caos e conflito nos EUA e na Europa – Guerra de classes.

John Arlidge, "George Soros on the Coming U.S. Class War", Newsweek, January 23, 2012.

Caos e conflito na Europa e nos EUA. Soros antevê que a Europa cai em caos e conflito, e a América é consumida por motins nas ruas, que levam a uma reacção repressiva brutal, com limitação dramática das liberdades civis. Diz que, «*It will be an excuse for cracking down and using strong-arm tactics to maintain law and order, which, carried to an extreme, could bring about a repressive political system, a society where individual liberty is much more constrained, which would be a break with the tradition of the United States*».

Momento histórico similar à quebra da URSS. Descreve o momento actual como um evento histórico comparável à quebra da União Soviética em 1991, «*The collapse of the Soviet system was a pretty extraordinary event, and we are currently experiencing something similar in the developed world, without fully realizing what's happening*»

UE – Quebrar o gelo para União Fiscal, da UBS à Deutschland ao FT

UBS (Setembro 2011) – Eurozone tem de mudar [e o habitual junk-pimping].

Chantagem soft – Proliferação de junk – Fundos de estabilidade – Reforma Eurozone. Com isto (ainda em 2011), a UBS faz uma forma de chantagem soft: ou a Eurozone muda, ou as coisas complicam-se. É claro que as soluções oferecidas estão ao nível de maior proliferação de junk bonds, com garantia colateral pelo BCE e a instituição do El Dorado dos fundos de estabilidade, o mecanismo pelo qual bancos privados e bancos centrais podem essencialmente comprar e sequestrar economias inteiras (o caso de Grécia, Portugal). Mas a política monetária em si é intimada, existindo em *background* a sugestão subtil da necessidade de uma reforma sobre o euro em si.

"Euro não pode continuar na sua presente forma".

"Falha do euro traria governo militar, guerra civil ao longo da Europa". «*The euro cannot exist in its current state, and with its demise authoritarianism and possibly civil war could consume parts of Europe, global financial giant UBS writes in a report… "It is also worth observing that almost no modern fiat currency monetary unions have broken up without some form of authoritarian or military government, or civil war"*»

"Ou estrutura monetária muda, ou estados-membro da zona euro mudam".

"Se um país forte saísse: corporate default, recapitalization, collapse of trade".

"Mas, bailout dos PIIGS: um pouco mais de 1000 euros por pessoa numa só vez". «*"Under the current structure and with the current membership, the euro does not work. Either the current structure will have to change, or the current membership will have to change… Were a stronger country such as Germany to leave the euro, the consequences would include corporate default, recapitalization of the banking system and collapse of international trade," UBS says… the cost of bailing out Greece, Ireland and Portugal entirely in the wake of the default of those countries would be a little over 1,000 euros per person, in a single hit, the bank adds*»

"Colapso não é iminente, mas questões monetárias não podem ser lidadas casualmente".

"Soluções" parciais: fundos de estabilidade, compras de *junk bonds* pelo BCE. «*While UBS says there is no evidence of such a doomsday scenario on the horizon, it does point out it out that "monetary union breakup is not something that can be treated as a casual issues of exchange rate policy," MarketWatch adds separately. Steps to aid the eurozone countries include the creation of stability funds as well as European Central Bank purchases in bond markets of troubled countries*» ["UBS: Euro Can't Survive, Demise to Spark Chaos", Forrest Jones, Moneynews, September 7, 2011]

[Setembro, 2011] Entretanto, Merkel fala de "blood, sweat and tears".

"Europa precisa de mudanças estruturais" [reforma].

"Euro bonds e reestruturação de dívida não são suficientes".

«*Yet for Germany, structural improvements to the continent's underlying economies are needed to prevent future crises. "I'm convinced that this crisis, if a great crisis of the Western world is to be avoided, cannot be fought with a 'carry on' attitude. We need a fundamental rethink," says German Chancellor Angela Merkel, according to Reuters. "We must make it very clear to people that the current problem, namely of excessive debt built up over decades, cannot be solved in one blow, with things like euro bonds or debt restructurings that will suddenly make everything OK. No, this will be a long, hard path, but one that is right for the future of Europe."*» ["UBS: Euro Can't Survive, Demise to Spark Chaos", Forrest Jones, Moneynews, September 7, 2011]

[Outubro, 2011] The plot thickens – Alemanha propõe União Fiscal.

FT: "Crise na Eurozone expôs necessidade de união fiscal, mais integração política". «*…the eurozone crisis exposed the lack of economic integration needed to complement the European monetary union. But if the 17 partners in the common currency are going to interfere in each others' national fiscal strategies – hitherto regarded as the cornerstone of national sovereignty – then closer political integration is essential, say proponents*»

Alemanha (banking, corporate, politics) – "mais Europa" [Sieg Heil].

"Debate-se fundo monetário europeu, regras orçamentais estritas, união fiscal".

"Maastricht não basta, é preciso união fiscal".

"German business is pro-European" [ja natürlich!].

Confederação Industrial (BDI) – "Fundo fiscal, votos proporcionais a contribuições".

«*Across the German political spectrum, and among the nation's business and banking community, pressure is growing for "more Europe" as the answer to the plight of the eurozone… the overall direction is backed by a clear majority of the ruling Christian Democratic Union, headed by Chancellor Angela Merkel, and her liberal Free Democrat partners. The German Federation of Industry (BDI), the powerful manufacturers' association, is in favour, and so are the opposition Social Democrats (SPD) and Greens… the call for… more European unity even won support from Josef Ackermann, chief executive of Deutsche Bank… Some of the ideas being discussed in Germany include the establishment of a European monetary fund, budget rules that are enforceable in the European court of justice and a transfer of elements of budget*

sovereignty from national capitals to Brussels… Another idea that certainly would be on the table in any treaty-change negotiations – the introduction of jointly guaranteed eurobonds to help finance eurozone nation borrowing… German business is pro-European. The BDI called for a new treaty in September, with a radical document including the idea of a European fiscal fund, amalgamating the EFSF and ESM, with tough conditions for borrowers, and voting rights reflecting financial contributions. It would be "politically independent"… To German eyes, the next step forward in the EU – or at least in the eurozone – must fill in the gaps left by the Maastricht treaty that created a monetary union without a fiscal union» ["Pressure grows for 'more Europe'". Quentin Peel, Financial Times, October 16, 2011]

[Outubro, 2011] FT (representa a City): União fiscal, vorwärts!

Alemanha é o motor económico da UE, grande fiador dos bailouts Eurozone.

Está "way front in such thinking" [so progressive!, vorwärts euro-jügend!].

Depois, as gincanas dialécticas típicas da UE [cada vez mais fársicas].

Holanda, Finlândia não querem que (pobres) instituições europeias percam poder.

Trichet serve de facilitador em tudo isto, um part-time após sair do BCE.

No consensus circle, Irlanda é o resistente, UK é um possível moderador.

Mas Alemanha é o principal stakeholder, tem direitos comunitários acrescidos.

[Futuro: Fritar resistentes para conversão – União fiscal feita através de Bruxelas].

«*The trouble is that Germany – the largest net contributor to the EU budget, the biggest single guarantor of eurozone rescue plans, and the motor of the European economy – seems to be way out in front of its partners in such thinking. The Netherlands and Finland are worried that Germany, with France, wants more "intergovernmental" deals, weakening the European Commission and parliament. Paris says it backs Berlin, but in practice is much more hesitant. Ireland – where referendums are required for any treaty change – is openly hostile… The UK, the most eurosceptic EU nation of all, would oppose most of Germany's ideas on the subject, but seems to be ready to approve anything that only affects the eurozone, rather than the full 27-nation EU… In an interview on French radio, [Jean-Claude Trichet] said it was necessary to change the treaty "to prevent one member state from straying and creating problems for all the others." Asked if that meant getting rid of national vetoes, he added: "To do this, one even needs to be able to impose decisions…" Germany's partners may not like it, but if Germany is going to remain the main financial guarantor of the euro, treaty change may be unavoidable*» ["Pressure grows for 'more Europe'". Quentin Peel, Financial Times, October 16, 2011]

UK – Créditos universais – Rendimento garantido [a nova Economia de Subsistência].

Programa de “créditos universais”, prepara terreno para economia comunitária/neo-feudal. A preparar o terreno para o futuro sistema de “créditos” sociais/comunitários. Estes “créditos” serão a nova unidade monetária ao nível do público, dependentes das unidades monetárias maiores (do regional, e.g. euro, ao global, o basket FMI). Servirão para expressar uma nova economia, baseada em “trabalho na comunidade” (pago em “créditos sociais”) e na taxação de “créditos”, pelo consumo de bens e recursos (energia, água, alimentação, etc.) Depois, esses créditos taxados servem para colateralizar derivativos verdes, por *cap and tax and trade* (e.g. *cap and tax* de energia para colateralizar *trade* em *carbon markets*, ou o mesmo para os futuros *water markets*). [***ver secção sobre “Economia verde, derivativos carbónicos”***]

Todos os benefícios sociais fundidos num só pacote de “créditos”. Pensão, subsídio de residência, subsídio de desemprego, e restantes benefícios sociais [jobseeker's allowance, housing benefit, child tax credit, working tax credit, income support and income-related employment support allowance]. São todos fundidos num único sistema de benefícios sociais, um único pacote de pagamentos, com “créditos”.

“Rendimento garantido”, a ideia fabiana para gerir plebes na nova economia de subsistência. Esta é a ideia pela qual o *welfare state* é substituído por um sistema universal de rendimento mínimo (mínimo significa *mínimo*) no novo contexto comunitário, onde a larga generalidade da população irá viver ao mero nível de subsistência. Essa nova economia é a concretização da economia comunitária mencionada pelos vários autores socialistas fabianos das primeiras 4/5 décadas, entre 1889 e a II Guerra (acalmaram após a derrota da sua coqueluche, a Alemanha nacional-socialista). Por exemplo, Annie Besant nos Fabian Essays de 1889 descreve-nos o modelo (que é sempre o mesmo, o que é normal com sociopatas de ideias fixas): uma economia de plantação, controlada por grandes monopólios internacionais, onde a larga generalidade da população vive ao mais baixo nível de subsistência, sob um estado policial. Aqueles que não cumprirem os seus “deveres comunitários” (tudo aquilo que for definido arbitrariamente pelos brahmans socialistas) perderão simplesmente o direito ao rendimento mínimo e serão friamente deixados ***morrer***, numa sociedade que será regimentada para não os ajudar – tão simples quanto isso [o plano para transformar o mundo na Índia Britânica, o grande precedente para a Rússia Soviética]

Sistema IT, digital, vai funcionar por reconhecimento de voz.

Índia – Accenture, IBM. Como é evidente, no mundo dialéctico, até os programas de benefícios sociais para o público britânico são tratados em *outsourcing* privatizado, numa terra estrangeira. O sistema é tratado por firmas como a IBM e a Accenture e deslocalizado para Bangalore e Mumbai, na Índia, para uso de trabalho servil local (com a excepção óbvia da casta de brahmans que continua a gerir o país).

Artigo, The Guardian. “Government IT contractors hire staff in India to work on benefits system”

UNCGG, CoR – Cap and trade – Carbon tax – C&C – Energy standard.

UNCGG (1995) – Cap and trade, carbon tax – Taxar consumo, não produção.

"Maior eficiência em emissões de carbono". O relatório exige «*greater efficiency in the use of resources, as is the case for carbon emissions*».

Cap-and-trade e carbon taxes.

"Governments should use market instruments: taxes and tradable permits".

"Polluter pays principle… We support the EU's carbon tax proposal".

"A system that taxes resource use rather than employment and savings".

«*In response to environmental concerns, governments should make maximum use of market instruments, including environmental taxes and tradable permits, and should adopt the 'polluter pays principle' of charging. We support the European Union's carbon tax proposal as a first step towards a system that taxes resource use rather than employment and savings, and urge its wide adoption*»

Clube de Roma (1991) – Taxar energia – Estagnar e bloquear desenvolvimento.

Taxar consumo de energia, aos níveis local e nacional.

Controlar consumo no Norte, e assegurar energia limpa no Sul.

«*We hear many proposals for energy taxation which are prompted by present difficulties. These demand consideration… Interesting proposals have also been made for energy to be used as the basis for general taxation, both national and local. Many possibilities are opening up in this new field, and the Club of Rome has proposed a study on the various suggestions for energy taxation for the purpose of controlling the energy consumption in the North and ensuring that in the South development should be on the basis of clean energy*» Club of Rome (1991). The First Global Revolution. Orient Longman.

Clube de Roma (1991) – Racionamento global de energia.

Coordenado por um complexo de agências ONU – UN, UNEP, WMO, UNESCO.

"National Energy Efficiency Councils to supervise operations".

«*It is urgent that a worldwide campaign for energy conservation and efficiency in its use be launched. To be successful, this will require that world leaders strongly express their conviction that this is necessary and show the political will to implement it. It would be appropriate that the scheme be launched by the United Nations in association with the United Nations Environment Programme (UNEP), the World Meterological Organization and Unesco. A corollary would be the setting up in each country of an Energy Efficiency Council to supervise the operation on the national scale*» Alexander King and Bertrand Schneider (1991). The First Global Revolution: A Report by the Council of the Club of Rome. Orient Longman.

Clube de Roma (1991) – Energy standard – Energia como nova base monetária.

<u>"Energy is the driving force in an economy"</u>.

<u>"We must devise a new economic theory based on the flow of energy"</u>.

«*Energy, on the other hand, is the driving force in an economy, money is simply its surrogate. There is surely a strong argument at this stage of human development for devising a new economic theory based on the flow of energy*» Alexander King and Bertrand Schneider (1991). The First Global Revolution: A Report by the Council of the Club of Rome. Orient Longman.

DOGELSTEIN – Cartéis e monopólios absorvem toda a economia (1870s).

Cartéis absorvem toda a economia.

“Europa, livre competição acabou nos 1860s/70s – deu lugar aos cartéis”.

“Cartéis tornaram-se fundações da economia, absorvem indústria após indústria”.

“Público habituado a largas esferas da economia não terem livre competição”

[Como electricidade, e isso leva-nos à observação do Die Bank]

«*…on a European scale… the development of free competition reached its apex in the 'sixties and 'seventies… [depois acabou, e deu lugar aos cartéis] …instead of being a transitory phenomenon, the cartels became one of the foundations of economic life. They are winning one held of industry after another, primarily, the raw materials industry. At the beginning of the 'nineties the cartel system had already acquired… a cartel technique which could hardly be improved… now the general public takes it for granted that large spheres of economic life have been, as a general rule, removed from the realm of free competition*» – Th. Vogelstein, 1914, cit. in Vladimir Illyich Lenin (1916), “Imperialism, The Highest Stage of Capitalism”.

WALTHER RATHENAU – “New Political Economy” – Os 300 homens.

Banqueiro – AEG – Anti-mercado livre. Director-geral da AEG até à sua morte, em 1922. “Nacional-socialista”.

“The New Political Economy” – Consolidação, fim de mercado livre, “caridade”. Falava abertamente contra a competição e o mercado livre e exigia a protecção do estado para os seus próprios objectivos de negócio, mas não, claro, para os dos outros. Escreve “The New Political Economy”, onde advoga estes princípios. O estado deveria permitir, e proteger, a criação de monopólios e cartéis, por parte de “homens responsáveis e reputados”, e impedir os outros todos. Para contentar a população, uma parte muito pequena do saque fiscal iria para empreendimentos semi-caritativos.

“The New Political Economy” (2) – Estado totalitário privatizado, nacional-socialismo. Quando se desenleia a prosa túrgida de Rathenau, isto significa que o poder do Estado devia ser colocado à disposição de firmas privadas para o seu próprio uso de negócios, i.e., o que popularmente é conhecido como nacional-socialismo. Rathenau falou publicamente contra competição, livre empreendimento, e heranças. Mas não em relação à sua própria riqueza, mas relativamente à riqueza de todos os outros, que não têm influência política no aparelho de Estado. Um excerto: «*The new economy will, as we have seen, be no state or governmental economy but a private economy committed to a civic power of resolution which certainly will require state cooperation for organic consolidation to overcome inner friction and increase production and endurance*»

“Three hundred men” (1909). Em 1909, Walter Rathenau estava na capacidade de poder dizer que: «*Three hundred men, all of whom know one another, direct the economic destiny of Europe and choose their successors from among themselves*»

Água

Água – Mercado global de derivativos – Escassez artificial.

Depois de ar quente, vapor de água – mercado global de derivativos em água. Um mercado global de água. A ideia aqui é criar um mercado internacional de água, derivativos de água, e cotá-la como uma comodidade.

Willem Buiter, economista de topo do Citigroup.

"Mercado globalmente integrado para água fresca, em 25 a 30 anos".

"Depois seguem-se os mercados de derivativos, até OTC".

"Haverá diferentes classes e tipos de água fresca".

"A água como uma classe de bens vai tornar-se a mais importante classe de bens".

"Eventualmente, vai ofuscar petróleo, cobre, produtos agrícolas, metais preciosos".

Presumivelmente, os pobres vão poder beber água estagnada, de pântanos e poças.

«*I expect to see a globally integrated market for fresh water within 25 to 30 years. Once the spot markets for water are integrated, futures markets and other derivative water-based financial instruments — puts, calls, swaps — both exchange-traded and OTC will follow. There will be different grades and types of fresh water, just the way we have light sweet and heavy sour crude oil today. Water as an asset class will, in my view, become eventually the single most important physical-commodity based asset class, dwarfing oil, copper, agricultural commodities and precious metals*»

[FT Alphaville » Willem Buiter thinks water will be bigger than oil – Citi's Top Economist Says The Water Market Will Soon Eclipse Oil]

InterAction Council – Governância global dos sistemas de água.

Artigo. "20 former world leaders discuss looming water crisis"

Colocar a água no topo da agenda política global.

Ligar políticas de água a programas relativos a alterações climáticas. «*Placing water at the forefront of the global political agenda and linking climate change research and adaptation programs to water issues*»

Ligar gestão de água a política energética (i.e., carbono), do local ao global. «*Linking of agricultural and water policy with energy policy locally, nationally, and globally*»

Aumentar o preço da água para reflectir o seu valor económico. «*Urging national governments to price water services to appropriately reflect its economic value, while making provisions for those in poverty*»

Reduzir "perca pública de água" por controlo de consuma per capita. «*Urging national governments to reduce the loss of water in public networks through adequate monitoring and infrastructure development, as well as the per capita consumption in municipal use*»

Inovação pública e privada (i.e. PPPs), capitalizar em oportunidades económicas. «*Urging national governments to stimulate private and public sector innovation to address the global water crisis and capitalize on the economic opportunities that arise from finding solutions to these complex challenges*»

Governância: governos, multinacionais, ONGs. «*Urging national governments and multi-national companies to improve water availability assessment, energy and water systems analysis, and decision tools… Welcoming the role of NGOs in the further development of water governance solutions*»

InterAction Council.

Papel de destaque de Áustria e Commonwealth. É na Áustria que acontece a primeira reunião, e várias das figuras de destaque são austríacas. Ao mesmo tempo, temos várias figuras de destaque da Commonwealth, de GB a Canadá, África do Sul, Índia, Austrália, e o membro oficioso, EUA.

É um dos conselhos globais de "wise men", define linhas estratégicas globais.

Chrétien, Clinton, Brundtland, Schmidt, Schroder, Prodi, Fox, Fukuda, Shinawatra. Thomas S. **Axworthy** [Canada, InterAction Secretary-General, May 2011 – present]; Margaret **Jay** [UK, Leader of the House of Lords, 1998-2001]; Jean **Chrétien** [Prime Minister of Canada, 1993-2003]; Franz **Vranitzky** [Chancellor of the Republic of Austria]; Bertie **Ahern** [Prime Minister of Ireland, 1997 – 2008]; Andreas van **Agt** [Prime Minister of The Netherlands, 1977 – 1982]; Oscar Arias **Badawi** [President of Costa Rica, 1986 - 1990, 2006 – 2010]; Abdullah bin Haji **Ahmad** [Prime Minister of Malaysia, 2003 – 2009]; James **Bolger** [Prime Minister of New Zealand, 1990 – 1997]; Gro Harlem **Brundtland** [Prime Minister of Norway, 1981, 86 - 89, 90 – 96]; Ingvar **Carlsson** [Prime Minister of Sweden, 1986 1991, 1994 – 1996]; William Jefferson **Clinton** [President of the U.S.A., 1993 – 2001]; Jean-Luc **Dehaene** [Prime Minister of Belgium, 1992 – 1999]; Fernando de la **Rua** [President of Argentina, 1999 – 2001]; Vigdis **Finnbogadottir** [President of Iceland, 1980 – 1996]; Vicente **Fox** [President of Mexico, 2000 – 2006]; Malcolm **Fraser** [Prime Minister of Australia, 1973 – 1983];

Yasuo **Fukuda** [Prime Minister of Japan, 2007 – 2008]; Goh Chok **Tong** [Prime Minister of Singapore, 1990 – 2004]; Bacharuddin Jusuf **Habibie** [President of Indonesia, 1998 – 1999]; Tarja **Halonen** [President of Finland, 2000 – 2012]; Alain **Juppe** [Prime Minister of France, 1995 – 1997]; Seyed Mohammad **Khātamī** [President of Iran, 1997 – 2005]; Lee **Hong-koo** [Prime Minister of Korea, 1994 – 1995]; Abdel Salam **Majali** [Prime Minister of Jordan, 1993 - 1995, 1997 – 1998]; Nelson **Mandela** [President of South Africa, 1996 – 2000]; James **Mitchell** [Prime Minister of St. Vincent and the Grenadines, 1984 – 2000]; Benjamin **Mkapa** [President of Tanzania, 1995 – 2005]; Olusegun **Obasanjo** [President of Nigeria, 1976 - 1979, 1999 – 2007]; Andres **Pastrana** [President of Colombia, 1998 – 2002]; Percival James **Patterson** [Prime Minister of Jamaica, 1992 – 2006]; Romano **Prodi** [Prime Minister of Italy, 1996 - 1998, 2006 – 2008]; Abdulaziz **Al-Quraishi** [Former Governor of the Saudi Arabian Monetary Authority]; Jerry John **Rawlings** [Head of State of Ghana, 1986-2000]; Jose **Sarney** [President of Brazil, 1985 – 1990]; Helmut **Schmidt** [Chancellor of Germany, 1974 – 1982]; Gerhard **Schroder** [Chancellor of Germany, 1998 – 2005]; Constantinos **Simitis** [Prime Minister of Greece, 1996 – 2004]; Thaksin **Shinawatra** [Prime Minister of Thailand, 2001 – 2006]; Amadou Tormani **Toure** [Prime Minister of Greece, 1996 – 2004]; Tung Chee **Hwa** [Chief Executive, Hong Kong Administration, 1997 – 2005]; George **Vassiliou** [President of Cyprus, 1988 – 1993]; Vaire **Vīėe-Freiberga** [President of Latvia, 1999 – 2007]; Franz **Vranitzky** [Chancellor of Austria, 1986 – 1997]; Ernesto **Zedillo** [President of Mexico, 1994 – 1999]

“Brytish Empire” – Free Trade – Companhias ultramarinas – Globalismo.

“Brytish Empire” – Dee, Bacon, e a ideia de “free trade”.

John Dee, 007. Durante o século XVI, a corte britânica era dominada por personagens como John Dee. John Dee era um espião ao serviço de Sua Majestade a Rainha Isabel I, e assinava as suas cartas com 007 – essa é a inspiração para o actual James Bond.

John Dee – Império britânico global – Free trade – Monopólio oligárquico. John Dee teve a ideia de criar um império britânico, o primeiro império realmente global. Esse império seria alicerçado no conceito de free trade – comércio livre – que é uma expressão enganadora. Segundo Dee, as classes baixas e a classe média seriam usadas para criar o império, construir, combater guerras, etc – mas o comércio livre seria para as grandes companhias aristocráticas, que estariam livres para explorar os recursos do mundo, e trocá-los entre si, sob a protecção da Coroa.

WATT – Bacon and Dee talking about a Brytish Empire for the whole world.

jun14 - riia world takeover - BEIC, Bacon - London is centrum (the riia had an american branch, the cfr – they planned the takeover of the entire world – not a new idea – when they had the BEIC using the british navy to enforce its laws, they had francis bacon and john dee even, talking about a brytish empire – and they believed they would have their system of governance running the whole world)

WATT – Corte rosicruciana – Saque, pirataria – Bacon e o Império – MFN status.

(**AWnewh – 34:30**) Corte rosicruciana. A ideia deles era ganhar ouro e dinheiro através de saque, e viver dos galeões espanhóis durante um tempo. Francis Bacon escreveu sobre como enganar e guiar o público. John Dee cunhou o termo "Império Britânico" e prescreveu a ideia de free trade. Most favoured nation trading status.

WATT – “These guys were the pirates”. [***Existem audios sobre “these guys were the pirates”***]

Império Britânico – Um império público-privado.

Sedeado na City.

Oligarquia anglo-europeia – financeiros e aristocratas. Império Britânico, que existe e opera para o benefício da alta finança multinacional dessa época.

Império público-privado – Tropas públicas, lucros privados. Onde os canhões da marinha real desbravam terreno para novas empreendimentos comerciais privados.

Usa Ilhas Britânicas como fonte de produção, mão-de-obra e poder militar.

"Britannia rules the waves" – "The sun never sets on the empire". O sol nunca se põe no Império Britânico. De Londres a Hong Kong, passando por África e Índia, o Império está presente em todos os cantos do planeta.

Império Britânico – Companhias ultramarinas.

Ultramarinas, i.e., globais.

Companhias público-privadas, neo-feudais. Expressão última do carácter público-privado do Império. Eram companhias que usavam os recursos públicos das Ilhas Britânicas para ir depois estabelecer feudos privatizados por todas as partes do mundo.

A Royal Navy garante feudos imperiais privatizados.

BEIC, RNC, etc. Temos estas companhias encartadas, como a Royal Niger Company e a British East India Company, que assume controlo sobre Índia, América do Norte, Sul Asiático, e tem a Royal Navy para fazer cumprir os seus ditados.

WATT – "When they had the BEIC using the British Navy to enforce its laws".

jun14 - riia world takeover - BEIC, Bacon - London is centrum (the riia had an american branch, the cfr – they planned the takeover of the entire world – not a new idea – when they had the BEIC using the british navy to enforce its laws, they had francis bacon and john dee even, talking about a brytish empire – and they believed they would have their system of governance running the whole world)

WATT – "BEIC and DEIC, the anglo-dutch venture – forcing trade with cannons".

jun14 - BEIC, forcing trade at the point of the cannon (even with the british east india empire, you'll find it was truly a corporation, owned by the royal families of england and holland, and then they split it into 2 separate companies – really they forced trade into the rest of the world – they went into companies and forced them at the point of the cannon, if they didn't cooperate and trade with them, they'd blow them up)

WATT – Migrações forçadas – Long-term geopolitics – Companhias ultramarinas.

(**AWnewh – 8:00**) Império Britânico: criação de leis para crime, de modo a enviar os condenados para popular a Austrália. A rebelião na Escócia, que serviu para punir todo o país, e enviar milhões de escoceses para popular as Américas. Isto é geopolítica em acção. Povos inteiros são tirados das suas terras e forçados a migrar para serem produtivos para os mestres. As grandes companhias da era recebiam cartas. Estas eram companhias multinacionais privadas, com poder de vida ou de morte sobre os seus territórios.

WATT – "The diplomats were spies – to takeover natural resources".

(**AWnewh – 11:30**) Os diplomatas eram espiões. Entravam em territórios, montavam embaixadas, planeavam invasões, e tentavam adquirir controlo sobre os recursos naturais. [Antes disto, Bacon e Maquiavel – close up to ensaio de Bacon sobre espionagem]

Império Britânico – Lord Curzon e a "quest for global domination".

Reflecte a ideia de geopolítica de longo termo.

Reflecte ainda a estratégia de tensão da era.

Lord Curzon, Vice-Rei da Índia, 1898. «*I confess that [countries] are pieces on a chessboard, upon which is being played out a great game for the domination of the world*» Lord Curzon, Viceroy of India in 1898